

NORBERTO LUIZ GUARINELLO

RUÍNAS DE UMA PAISAGEM  
ARQUEOLOGIA DAS CASAS DE FAZENDA DA ITÁLIA ANTIGA  
(VIII a.C. - II d.C.)

VOLUME I - TEXTO

Tese de Doutorado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social do Depto. de  
Antropologia da FFLCH da USP, sob  
a orientação da Profa. Dra.  
Haiganuch Sarian.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
1993

# ÍNDICE

## I - Modelos e Perspectivas

Primitivistas e Modernistas.....	06
Arquitetura e Sociedade.....	17
A Arquitetura Rural da Itália Antiga.....	18

## II - As Fontes

Edifícios Rurais como Conceito.....	26
A Tradição Textual.....	29
A Produção do <u>Corpus</u> .....	35
As Evidências e seus Limites.....	56
a) Problemas de Preservação.....	57
b) Objetos e Estratos.....	66
c) Levantamentos de Superfície.....	76

## III - Os Primeiros Edifícios

As Habitações Arcaicas e o Meio Rural.....	84
Os Primeiros Edifícios Rurais.....	93
Os Séculos Obscuros - Conclusão.....	105

## IV - Um Novo Contexto

Transformações.....	108
Os Edifícios.....	121

Atestações Meridionais.....	131
Cidade e Campo no Século II a.C.....	138
<b>V - Apogeu</b>	
O Século Final da República.....	159
Entre os Gracos e Sulla.....	168
Posto e S. Rocco.....	176
Entre a República e o Principado.....	185
<b>VI - Settefinestre</b>	
Cosa e o Sítio de Settefinestre.....	209
Relendo Settefinestre.....	226
Cidade e Campo - Outras Reflexões.....	246
<b>VII - Pompéia</b>	
Arquitetura Rural e Região.....	255
As Grandes Villae.....	264
Os Pequenos Edifícios.....	299
O Módulo Retangular.....	305
O Edifício de Pisanella.....	320
O Segundo Módulo.....	331
A Arquitetura Rural em Pompéia - Conclusão.....	339

<b>VIII - Declínio</b>	
A Crise Anforária.....	344
O Assentamento Rural na Itália Tirrênica.....	348
Os Edifícios e suas Vicissitudes.....	356
Settefinestre e o Principado.....	370
<b>IX - Epiflogo</b> .....	385
<b>X - Bibliografia</b> .....	390

## PREFÁCIO

"C'est que l'histoire, dans le progres du temps, fait l'historien bien plus qu'elle n'est faite par lui. Mon livre m'a créé. C'est moi qui fus son oeuvre. Ce fils a fait son pere. S'il est sorti de moi d'abord, de mon orage (trouble encore) de jeunesse, il m'a rendu bien plus en force, et en lumiere, même en chaleur féconde, en puissance réelle de ressusciter le passé. Si nous nous ressemblons, c'est bien. Les traits qu'il a de moi sont en grande partie ceux que je lui devais, que j'ai tenus de lui" (Michelet, Préface à l'Histoire de France, 1869).

Revisitei a grande "História da França" de Michelet poucos dias após acabar a redação deste trabalho, quando ainda me recuperava das dores do parto. E, enquanto me interrogava sobre as feições, o caráter e o valor da obra que gerara, deparei-me com o pequeno trecho posto em epígrafe. Michelet, com sua pena hábil e sua romântica empatia, me fez recordar os exatos onze anos em que me debrucei sobre meu tema, numa relação estimulante, sem dúvida, mas nem sempre harmoniosa, nem sempre fácil. Crescemos juntos, nesta longa década devoradora de ilusões, e ambos somos hoje muito diferentes do que eramos na origem, quando concebi a idéia deste trabalho. E agora, quando a vejo transcrita em palavras e sentenças, estruturada em parágrafos e capítulos, quando a vejo "pronta" e acabada, sinto um certo desassossego. Porque nos separamos e não mais cresceremos juntos. Porque verei minha idéia, minha tese, fixa, imutável, incapaz de evoluir por si mesma, de transmutar-se - a não ser pela crítica alheia. Bom, é o destino de todo livro, de todo texto. Um sentimento de desculpável paternalismo me induz, no entanto, a tentar ganhar sua benevolência, leitor, que se inicia na árdua tarefa de lê-lo. Permita-me, assim, algumas palavras.

É possível que alguém estranhe como, numa pesquisa tão longa, não me tenha preocupado, minimamente, em produzir material inédito, em escavar meu próprio sítio. Por que me restringi aos documentos publicados, aos objetos já

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

transformados em textos? Ora, mas o documento arqueológico é, acima de tudo, texto. Que é o sítio senão o absoluto particular, a presença fugidia que se apaga sob as vistas do arqueólogo, à medida que o escava. Que é esse sítio arqueológico, senão um pré-documento, uma realidade muda até que alguém o destrua para descrevê-lo? Essa descrição, regida por certas perspectivas, dominada por certos interesses e preocupações, delimitada por certos meios técnicos, essa descrição é nosso documento de base. Não fui tão ambicioso, neste trabalho, a ponto de querer produzir minha própria transcrição de um sítio, de produzir meu próprio documento - outros o fazem e farão melhor que eu. Mas pequei, talvez, por excessivo orgulho ao pretender desconstruir a própria textualidade arqueológica, não para refazê-la por completo, mas para trabalhar seus limites e nesses limites. Tentei entender o documento arqueológico como um texto produzido, investigar as condições de sua própria produção para, por assim dizer, proceder a uma limpeza de terreno, colocar algumas premissas ao pensamento, ou antes, certas dúvidas, certas indagações. De tudo o que se escreveu sobre a arquitetura rural romana, o que é possível dizer, em vista dos documentos arqueológicos? Como transformar a descrição de um sítio numa narrativa histórica? Como relacionar tais documentos com o universo cronológico, social e cultural da tradição textual?

Porque este, leitor, é um livro de História, não de Arqueologia. Só que de uma história construída a partir de descrições de estruturas materiais e de objetos antigos, e não pela interpretação dos textos escritos que aquela época nos legou. Mas não prego um conflito de disciplinas. Tenho consciência de que a distinção entre ambas é, no fundo, uma falsa oposição. História e Arqueologia, como disciplinas acadêmicas, diferem por sua heurística e por sua hermenêutica, mas se voltam igualmente para a História humana, para descrevê-la, explicá-la e compreendê-la - ainda que sob pontos

## Prefácio

de vista distintos. E seus documentos são fruto de uma mesma realidade passada, ainda que seu sabor, sua textura, o modo de mesmo de ingeri-los, sejam diversos.

Corro o risco de repisar obviedades, mas as afirmações acima têm sua razão de ser. Numa época em que a Arqueologia e a História se fazem cada vez mais "antropológicas", privilegiando as grandes sincronias, os estudos de caso, as micro-histórias, este trabalho acredita em, e se utiliza de, uma radical diacronia. O tempo é, com efeito, mestre e guia do relato que se lerá. Um tempo complexo, que nasce do jogo entre a duração cronológica e os tempos da documentação. Essa dominação da diacronia é voluntária e desejada, assim como seus dois efeitos colaterais, que dão a este trabalho um formato específico. Direi porque. Em primeiro lugar, não encaro meu objeto de estudo, os edifícios rurais da Itália romana, como algo dado, definível a priori, e sim como uma realidade que se constituiu no tempo, que permaneceu fluida, mutável, indefinível como o próprio devir. Método anti-cartesiano de conceituação, sem dúvida, mas espero que o perdoem, se se mostrar produtivo. O segundo efeito colateral é mais grave, pois diz respeito à estrutura de minha narrativa, que não faz muito caso dos artifícios de composição, dos recursos narrativos habituais do historiador. Este texto não se articula nem como uma sequência de sucessivas descobertas que se acumulam em direção ao clímax e à conclusão final, nem como a lenta demonstração de premissas estabelecidas previamente. Os tempos da narração, como se verá, correspondem àqueles que foram impostos por seu próprio objeto, pelos edifícios rurais da Itália romana: sua raridade ou eventual abundância, sua homogeneidade formal ou sua variância, sua diferente qualidade informativa cadenciam o texto, enriquecem ou rarefazem as interpretações, o jogo das questões e das respostas possíveis. O auge da documentação corresponde, fatalmente, ao clímax do relato, assim como seu fim, obscuro e rarefeito, dá um tom de anti-clímax ao término deste trabalho. Não se espere uma grande conclusão final, porque estas se encontram, no corpo do texto, elas respiram da mesma existência de seu objeto. Porque este, na

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

visão do autor, não se compreende em seu fim, mas em sua origem e, acima de tudo, em sua existência.

Mas já falei em demasia. Não se assuste o leitor, este não é um livro teórico, não se encontrará nele qualquer grande teoria a demonstrar, qualquer sistema explícito a defender. Trata-se de um trabalho prático, empírico, ocupado em ver e descrever, por vezes longamente, por vezes, como exige a documentação arqueológica, de modo técnico e enfadonho.

Não me resta senão agradecer às inúmeras pessoas que, de uma forma ou de outra, tornaram tal pesquisa possível. Monique Clavel Lèveque, Jean-Pierre Vallat, Stephen Dyson, Emilio Gabba e Luigi Capogrossi Colognesi foram bastante gentis e generosos ao enviar-me separatas de obras suas, às quais não teria tido acesso de outro modo. Mais do que isso, ao responderem às cartas de um jovem estudante recém-formado (nos idos de 1981), estimularam-me e deram-me coragem para prosseguir minhas pesquisas. Sou particularmente grato ao saudoso professor Alfonso de Franciscis, pela acolhida carinhosa com que me recebeu em Nápoles e por ter me iniciado nos mistérios da arqueologia rural romana. Haiganuch Sarian, que orientou esta pesquisa e à qual devo minha formação como arqueólogo, foi para mim um exemplo constante de competência intelectual e de dedicação acadêmica. Pedro Paulo Funari e Fábio Favarsani leram partes deste trabalho, que muito deve às suas críticas e sugestões. Nelson Schapochnik e Jorge Grespan, dois interlocutores muito queridos, me inspiraram de diferentes maneiras. Agradeço a meus colegas do Departamento de



## Prefácio

História da USP, pelo estímulo constante, à FAPESP, que agraciou com uma bolsa o projeto original, e ao CNPq, que financiou uma de minhas viagens à Itália, em 1989. Esta tese não teria sido possível, por fim, sem as cobranças, o apoio e a vontade de viver que recebi, nem sempre podendo retribuir condignamente, de Deborah Silva de Queiroz e de meus filhos, Pablo, Teodoro e Leonardo, aos quais dedico estes resultados parciais de uma pesquisa que, estou certo, não tem fim.

São Paulo, 20 de janeiro de 1993.

## MODELOS E PERSPECTIVAS

### Primitivistas e Modernistas

O modo como a tradição cultural europeia, da qual somos herdeiros, apropriou-se e fez as contas com seu passado clássico é marcado por ambiguidades, divergências, contradições. Incontáveis movimentos artísticos e intelectuais retiraram sua inspiração e legitimidade da "herança" greco-romana ou, pelo contrário, definiram sua originalidade precisamente ao se contraporem às formas e aos valores "clássicos". Mesmo no campo específico dos historiadores, onde os juízos estéticos ou de valor são, talvez, menos importantes, as avaliações sobre o sentido e a posição do Mediterrâneo clássico em nossa própria história são conflitantes ou mutuamente excludentes. Tais conflitos de visão, embora presentes igualmente na historiografia política e social, são particularmente intensos entre os que estudam a natureza dos processos econômicos do mundo antigo.

Após décadas de intensa discussão, os historiadores da economia antiga debatem-se, ainda, em torno de questões fundamentais como a importância e difusão das relações mercantis no mundo greco-romano, a predominância de formas autárquicas de produção, o significado do desenvolvimento das técnicas produtivas, a determinação ou não dos vínculos econômicos pelas relações políticas, etc. É verdade que os últimos anos observaram um amadurecimento da discussão e um maior refinamento das posições em conflito. De certa forma, isto tornou inviáveis as posturas

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

excessivamente radicais, que se fixavam no pressuposto de uma absoluta alteridade, ou de uma total semelhança dos antigos com nosso próprio tempo. Não é mais possível, hoje, discorrer sobre capitalismo, burguesia, operariado, indústria no mundo antigo com a desentrevista de um E. Meyer ou de um M. Rostovtzeff. O mesmo vale para os herdeiros do "primitivismo", que não se aventuram a negar que os quatro séculos que viram a construção e consolidação do Império de Roma representaram, ao menos para certas regiões, um momento único na história econômica do Mediterrâneo antigo, pelo crescimento das trocas mercantis, pelo desenvolvimento da produção agrícola e artesanal, pelo emprego de novas técnicas e de novas formas de organização do trabalho. Por tais características, que lhe conferem um aspecto ao mesmo tempo arcaico e moderno, estes 400 anos são um dos pontos estratégicos do debate atual, e é sobre eles que centraremos agora nossa atenção.

Os termos da discussão sobre o desenvolvimento da economia na Itália republicana e imperial podem ser melhor apreendidos através do exemplo de dois esquemas interpretativos contemporâneos, ambos de grande influência e bastante difundidos. É justo começar pelos "primitivistas": o antigo modelo da "cidade-consumidora" de Sombart (1), Weber e Finley, foi recentemente reproposto por P. Garnsey e R. Saller, no âmbito de um amplo estudo sobre a sociedade do Império romano (1987:43 e ss.). Em suas formulações originais, vale lembrar, os "primitivistas" negavam a existência ou, ao menos, a importância, da produção mercantil no mundo greco-romano. A atividade artesanal era considerada meramente complementar e irrelevante em termos econômicos e a produção agrícola, esmagadoramente predominante, era localizada em unidades autônomas, auto-suficientes e autárquicas, no sentido aristotélico do termo. Garnsey e Saller, contudo, reconhecem a dimensão adquirida pelas trocas mercantis no Império romano e admitem, sem dificuldade, a

---

1) Assim Sombart definia sua "cidade-consumidora": "By a consumer city I mean one which pays for its maintenance not with its own products, because it does not need to. It derives its maintenance rather on the basis of a legal claims such as taxes or rents, without having to deliver return values", em Finley, 1984:10. Para um uso indiscriminado do conceito veja-se Latouche, 1970: 17 e segs.

importância fundamental dos mercados urbanos na estruturação da produção e na circulação de bens durante o Principado. Roma, sobretudo, é para ambos o grande mercado do período, consumindo vorazmente a produção agrícola da Itália e de diversas províncias. Tal mercado surge e se sustenta, contudo, através de mecanismos políticos - dados pela concentração do poder imperial na Urbs - e não por processos propriamente econômicos. O predomínio do "político" sobre o econômico" é um traço comum aos chamados "primitivistas" e encontra aqui uma formulação coerente. Garnsey e Saller não se impressionam com a existência de grandes centros mercantis, assim como ignoram sua eventual retração e crise, precisamente onde e quando os "modernistas" (ou "neo-modernistas") apontariam uma inflexão da produção mercantil da Península.

Essa aproximação em direção às posições "modernistas", na verdade, tenta dar conta do estado atual das pesquisas sobre a produção econômica no Império, absorvendo novos elementos de informação, postos a nossa disposição pela pesquisa arqueológica. Mas isso não representa uma rendição. Pelo contrário, Garnsey e Saller colocam toda sua ênfase, precisamente, nos limites que a sociedade romana impunha ao desenvolvimento da produção mercantil: a despeito de qualquer crescimento na produção e na circulação de bens, a economia do Principado teria permanecido típica de uma sociedade subdesenvolvida ("underdeveloped"), caracterizada pelo domínio quase absoluto do setor agrícola, por um investimento produtivo reduzido (com o desvio da riqueza para o consumo conspícuo) e pela ausência de uma verdadeira "classe empresarial". Este último ponto merece ser visto com algum detalhe, pois é um dos "cavalos de batalha" desta tradição interpretativa.

O argumento básico sobre a ausência de uma classe empresarial centra-se em dois elementos: o destino final do lucro mercantil e a dependência ideológica e social dos negociantes frente aos proprietários de terras. A predominância de um sistema de valores oriundo da aristocracia fundiária e a manifesta hostilidade desta ao

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

comércio (2), teriam induzido os negociantes, segundo este raciocínio, a reinvestirem os lucros do comércio em terras, por serem estas a fonte primeira de prestígio social e de poder político, com o conseqüente abandono de suas atividades mercantis. A esta autofagia da classe mercantil se somariam, como fatores limitantes, as deficiências de certos elementos de infra-estrutura, como o pequeno desenvolvimento de uma legislação comercial apropriada (3) e a ausência de inovações tecnológicas de porte na agricultura, estagnada a despeito de uma maior intensidade e especialização da produção (4). Para Garnsey e Saller, deste modo,

---

2) Não é nossa intenção criticar em detalhe os argumentos empregados em favor desse modelo. O uso que fazem das fontes romanas, contudo, parece sintomático. Citemos apenas um exemplo: no prefácio do *De Agricultura* de Cato, de meados do II a.C., que Garnsey & Saller tomam como expressão maior dessa "manifestada hostilidade", não se encontra qualquer crítica ou oposição ao comércio como tal, que é visto como mais lucrativo que a própria atividade agrícola. O que Cato acentuava, em seu texto, é que os rendimentos da agricultura eram mais estáveis e seguros, além de serem, politicamente, mais proveitosos. Mesmo o capítulo XLII do primeiro livro do *De Officiis* de Cícero, peça obrigatória em raciocínios do gênero, distinguia muito claramente entre o pequeno comércio varejista, que considerava degradante, e o grande comércio (o comércio marítimo), ao qual Cícero não fazia nenhuma objeção. Sobre a participação dos próprios senadores no comércio, veja-se D'Arms, 1980:77-90.

3) Este último ponto parece ser uma variante do clássico argumento de Mickwitz em torno das deficiências dos cálculos contábeis entre os romanos (Mickwitz, 1937).

4) Hopkins (1984:20) segue uma linha análoga, ao afirmar que "quello di Roma e uno dei pochi esempi ben documentati di una società pre-industriale che subì un rapido cambiamento sociale in un periodo di stagnazione tecnica".

## Modelos e Perspectivas

"o poder essencial e a verdade do modelo da cidade-consumidora podem ser admitidos...a cidade era a base dos grandes proprietários de terras, que eram também seus habitantes mais ricos, e o centro e foco de suas despesas, que eram mantidas, em grande parte, por seus investimentos no campo" (1987:49)

No âmbito de um tal modelo, a idéia de crise - como o ponto final de um desenvolvimento que, afinal, teria sido bastante limitado, tem escassa relevância (1987:59 e seqs.). Se mudarmos de ambiente cultural, no entanto, e nos deslocarmos do mundo anglo-saxão para a Itália, nos defrontaremos com um sólido e influente grupo de pesquisadores para os quais a noção de crise, como corolário de um conceito mais amplo de "modo de produção escravista", é uma peça chave em seu modelo interpretativo (5). A ênfase, aqui, é toda outra: o desenvolvimento da economia itálica entre o final da República e o Principado é visto através das transformações nas forças e estruturas produtivas, sobretudo no campo (6), e a avaliação dos resultados desse processo é francamente positiva. Segundo este modelo, a agricultura romana no período teria sido marcada pela sucessão de três formas principais de produção: a da tradicional pequena propriedade camponesa, em crise desde a guerra anibálica e já marginalizada no curso do século II a.C.; a da média propriedade escravista, centrada em *villae rusticae*, que se expandiria notavelmente após a segunda guerra púnica, às expensas dos pequenos proprietários, florescendo até o século I d.C.; por fim, com a crise do escravismo, o desenvolvimento progressivo do latifúndio, visível desde o final da República e destinado a prevalecer sob o Principado. Destas, a forma intermediária, como resultado da inversão em terras públicas, ou nas antigas áreas camponesas, das riquezas acumuladas pela classe dirigente romana durante a expansão imperial, seria

5) Seu esforço conjunto resultou numa série de publicações coletivas, algumas bastante influentes, como *Società Romana e Produzione Schiavistica I-III* (Bari, Laterza, 1981) e, sobretudo, *Settefinestre - una villa schiavistica dell'Etruria romana* (Modena, Panini, 1985). Ressalve-se que apresentamos aqui apenas linhas gerais, desconsiderando certas diferenças de postura entre os marxistas italianos e, mesmo, a própria evolução de seu pensamento.

6) Mas dando uma grande importância, igualmente, ao desenvolvimento do artesanato urbano, cf. Pucci, 1981:99-121 e Carandini, 1980:17-18; 1981:255-259.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

aquela mais dinâmica, tornando-se responsável por um grande desenvolvimento das forças produtivas e das trocas mercantis. A "villa escravista", reconhecível nas "descrições" dos escritores agrários, teria sido, assim, o verdadeiro motor da economia romana entre os séculos II a.C. e II d.C., introduzindo novas formas de cooperação e especialização do trabalho escravo e voltando-se para uma produção mercantil destinada, sobretudo, aos mercados do Ocidente romano (7). Essa combinação de escravidão com uma produção intensiva e com fins lucrativos comporia o que Carandini denominou de "um caso de desenvolvimento pré-capitalista", do qual seriam exemplos, igualmente, a "Idade Média tardia" e as monarquias absolutistas (1980:14 e ss.).

Longe de se constituir num simples retorno às antigas concepções modernizantes, o modelo proposto por esta corrente atesta o grau de refinamento do debate contemporâneo: Garnsey e Saller parecem admitir, para a economia romana, uma fase de desenvolvimento moderado, sobretudo das trocas mercantis, mas preferem centrar-se no caráter limitado desse processo; já para Carandini, os fatores progressistas da economia romana são o centro mesmo das atenções, mesmo que esse "progresso" manifeste-se sob uma forma limitada. Centremo-nos, por um instante, nos limites desse desenvolvimento para os marxistas italianos.

Em primeiro lugar, o desenvolvimento impulsionado pelas "manufaturas escravistas" (Carandini,1979:31) teria se limitado geograficamente à Itália central tirrênica (8), formando o que Carandini definiu como uma "exceção dominante" (1980:XXV). Na formulação de G. Pucci, essa combinação conceitual de dominância e excepcionalidade visa conferir "a um sistema quantitativamente (geograficamente) minoritário uma hegemonia qualitativa, capaz de subordinar (comercialmente) regiões distantes e mesmo todo o Império, ao menos nos três ou quatro séculos em torno da era vulgar" (Pucci,1985,I,1,17). Há, portanto, uma limitação espacial ao desenvolvimento

7) A periodização, como veremos, é bastante fluida, sobretudo para o período final desse processo - sua "crise".

8) Numa área definida, aproximadamente, pelos rios Arno ao norte, Tibre a leste e pela península sorrentina ao sul, cf. Pucci, 1985, I, 1:17, que admite certas nuances.

## Modelos e Perspectivas

das forças produtivas e o "modo de produção escravista", embora se sobreponha e influencie formas mais arcaicas de produção, tem uma capacidade relativamente restrita de expansão e de penetração.

Já o balisamento cronológico é dominado pela idéia de crise: corroída por contradições internas e externas, a energia com que o "modo de produção escravista" gerou seu "desenvolvimento" se teria esgotado num breve lapso de tempo. As causas seriam as mesmas de Rostovtzeff (concorrência provincial) e de Staerman (dificuldades de gestão, inelasticidade das unidades produtivas), mas as provas são, agora, buscadas nos levantamentos de superfície (que colocariam a crise no período antonino, cf. Carandini, 1985, I, 1:53) e, sobretudo, nas séries estratificadas do depósito de ânforas das Terme del Nuotatore, em Óstia (o principal porto de Roma), que mostrariam um aumento geral das importações provinciais já em época júlio-claudia, com o correspondente declínio das produções itálicas (9).

O traço mais original e fecundo da escola italiana talvez seja a identificação de limites estruturais à produção de mercadorias no mundo romano, limites que seriam internos, intrínsecos às próprias unidades produtivas, ao modo como eram geridas as propriedades rurais. Seguindo um modelo desenvolvido por Witold Kula para a Polónia medieval, Carandini viu, na "uilla escravista" uma estrutura "bissetorial": no interior das uillae existiriam duas esferas distintas de produção, uma voltada para o mercado, com fins lucrativos e organizada racionalmente; a outra encarregada da subsistência da própria fazenda e de seus escravos, reproduzindo as antigas aspirações da exploração camponesa (1983:177 e segs.) (10). Mercado e

9) Observe-se que, para Rostovtzeff, o índice da crise era, sobretudo, a proliferação da produção de cerâmicas de luxo - a terra sigillata - nas províncias ocidentais e que suas origens eram urbanas (Rostovtzeff, 1933:236). Sem entrar no mérito da noção de crise como tal, vale lembrar que as fontes escritas prestam-se a diferentes interpretações, sobretudo o célebre Edito de Domiciano em 92 d.C. (Suetônio, Domit., VII,2), vejam-se, a respeito, Rostovtzeff, 1933:237-238, Purcel, 1985:1 e segs., Patterson, 1987:115 e segs. e, sobretudo, Tchernia, 1984:483-484 e 1986:221-230. Trataremos destas questões, com maior detalhe, em nosso último capítulo.

10) Carandini aplica sua noção de bissetorialidade a uma passagem célebre de Columella (III,3), na qual o agrônomo romano defendia a rentabilidade de um vinhedo e que se constituiu numa das pedras de toque das discussões sobre a racionalidade econômica dos romanos. Sua interpretação da



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

autarquia, desta forma, se combinariam de modo original, como as duas metades inseparáveis do próprio processo de produção escravista. O que as villae possuíam de dinâmico em seu setor mercantilizado, teriam também de arcaico na busca de uma auto-suficiência que as isolava, enquanto consumidoras, do próprio mercado ao qual destinavam parte de sua produção (11).

Mesmo se levarmos em conta as influências e concessões mútuas, os dois modelos que empregamos nesta exemplificação parecem se contrapor frontalmente, como a estagnação se opõe ao crescimento. Dependem, na verdade, de visões completamente distintas da História humana e o debate entre os pesquisadores, a despeito de seu tom técnico e profissional, não deixa de expressar o confronto de ideologias políticas diversas. Não é preciso insistir sobre este aspecto. Mais inesperado, talvez, é o fato de podermos identificar, entre os dois modelos, certas semelhanças não visíveis na superfície de suas discordâncias. Se encararmos os dois modelos a uma certa distância, buscando suas perspectivas mais globais, veremos que certas semelhanças, pouco a pouco, tenderão a se sobrepor ao que pareciam ser diferenças fundamentais. Um desses pontos de contato é a visão uniforme e restrita que dão da sociedade romana, em particular da sociedade rural, sempre descrita por meio de algumas categorias básicas - senadores, aristocracias municipais, camponeses. Com efeito, Garnsey e Saller concebem a estrutura agrária romana através de uma divisão mais ou menos rígida: por um lado os ricos (wealthy), com uma estrutura de propriedade complexa e fragmentária, que se distribuíam em três grandes categorias: nobreza local (local gentry), cujas terras se concentravam numa única região; senadores médios (middle ranking) e cavaleiros de origem municipal, que detinham propriedades em mais de um centro; por fim, os membros mais ricos da elite romana, com vastas propriedades na Itália e nas províncias. No outro extremo, e opondo-se aos ricos como

---

passagem é bastante original e interessante (para visões diferentes do mesmo trecho vejam-se Mlickwitz, 1937:585-587, Martin, 1971:370-373, Duncan-Jones, 1982:48-59, Finley, 1980: 160)

11) Uma crítica pertinente deste modelo encontra-se em Foxhall, 1990:99-100.

## Modelos e Perspectivas

um todo, os pobres (*peasants*), sobre os quais os textos antigos revelam pouco interesse e que sobreviviam praticando uma agricultura de subsistência, em pequenos lotes de terra (abaixo de 10.000 sestércios), fosse como proprietários, em permanente declínio, ou como arrendatários (12). Essa simplificação da estrutura social do campo manifesta-se de modo ainda mais acentuado no grupo italiano, para o qual as "*uillae* escravistas" aparecem, com frequência, como o apanágio quase exclusivo das "elites dirigentes" de Roma (Pucci,1985,I,1:17), em particular de um reduzido círculo de famílias senatoriais (Carandini,1980:XXV). A esta elite faziam contraponto os pobres camponeses, reduzidos a uma agricultura de subsistência e em constante diminuição, frente à introdução maciça de estrangeiros escravizados. A mão-de-obra escrava predominaria, já a partir do século II a.C., em diferentes áreas do mundo rural da Itália tirrênica. É importante insistir sobre a homogeneização que tais modelos impõem à interpretação do material arqueológico disponível, sobretudo das casas de fazenda, como veremos (13).

Há, no entanto, uma semelhança menos evidente, uma confluência de perspectiva entre os dois modelos, que se deixa entrever no uso comum de categorias que soam estranhamente contemporâneas: "caso de desenvolvimento", "subdesenvolvido", "país em desenvolvimento" (14). Tais expressões, a despeito de seu significado, aparentemente, contrastante, expressam no fundo uma mesma perspectiva, um mesmo modo de olhar para o passado a partir do presente. Garnsey, Saller e Carandini partem, explicitamente, de uma certa imagem do mundo industrial contemporâneo em sua singularidade histórica, que atua, em seus textos, como o parâmetro oculto que anima a descrição e avaliação da economia romana (15). É

12) Garnsey utiliza-se, para sua classificação, dos valores mínimos expressos nas tábuas alimentares de Veleia e dos Lígures Baebiani (66-75).

13) Diversos autores têm insistido, recentemente, sobre a necessidade de se admitir uma maior complexidade na estrutura social do campo romano, vejam-se, em particular, as observações de Gabba, 1982:380-385, Vallat, 1987:329 e Foxhall, 1990:113.

14) "A developing country" é como Duncan-Jones define o Império romano (Duncan-Jones, 1978:1).

15) Garnsey/Saller, 1987:63; Carandini, 1980:12.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

verdade, por outro lado que o modo de utilização desse parâmetro não é o mesmo. Garnsey e Saller trabalham com quantidades temporais discretas, com mundos distintos do nosso; voltam-se para o "outro". Para ambos, a descontinuidade entre Roma e o mundo contemporâneo não é uma mera questão de cronologia. Ela é uma relação lógica: a economia industrial capitalista age como uma espécie de medida-padrão de conceitos como desenvolvimento tecnológico, mercantilização e racionalidade, à qual são contrapostas as realizações econômicas do mundo romano. Estas últimas aparecem, assim, em negativo, definidas pelo que não são, por aquilo que não conseguiram atingir como meta ideal. O movimento interpretativo proposto por Garnsey e Saller assemelha-se ao do antropólogo que, saindo do mundo urbano atual, investiga realidades "primitivas" contemporâneas, cujo "atraso" é função de uma descontinuidade espacial, mental ou social, mas não do mero trascorrer de um tempo contínuo.

Já para o grupo italiano a sucessão cronológica tem uma importância fundamental. O presente é o ponto atual de um processo que abarca o conjunto da História humana e a ordena numa grande linha. Mas o tempo, tão fundamental, é visto sob um ângulo particular, que pode ser sintetizado pela famosa expressão de Marx: "a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco" (16). Segundo a formulação de Massimo Brutti:

"...o presente (é) o nível a partir do qual se move a consciência, como totalidade na qual se distribuem, seguindo uma ordem diferente da de sua gênese, as categorias que reencontramos esboçadas ou justapostas em momentos precedentes do processo histórico... O itinerário conceitual assim descrito tem como ponto de partida as formas fenomênicas mais acabadas, ou antes sua aparência, e tem como resultado a construção do esquema heurístico (crítico) que implica em pesquisa histórica sobre o passado e sobre a especificidade do presente" (Brutti, 1978:16/17) (17).

Desta forma, enquanto Garnsey e Saller investigam o passado

16) "L'Anatomia della Scimmia" é, precisamente, o título de um livro de Carandini (1979).

17) Veja-se, também, no mesmo volume, Schiavone, 1978:78-79.

## Modelos e Perspectivas

procurando demonstrar sua irreduzibilidade absoluta ao presente, os marxistas italianos buscam antecipações, elementos do futuro - como mercado ou crescimento econômico - que se encontrariam, embrionariamente, no passado, e que se manifestariam segundo determinações próprias, porquanto não plenamente desenvolvidas. O conceito de "modo de produção escravista" que empregam não é senão a seleção e combinação dos elementos mais "modernos" da economia romana, cujo sentido histórico advém de sua posição particular enquanto momento na construção do presente (em termos lógicos e cronológicos).

"Momento" é um termo frouxo: "etapa" expressaria possivelmente melhor essa noção de temporalidade, não fossem as conotações estalinistas da palavra. "Momentos", em todo caso, não devem aqui ser entendidos como unidades temporais vagas e homogêneas de um tempo uniforme. Para este modelo, cada momento se propõe na História como uma entidade *sui-generis*, diferente de seus antecessores e sucessores, definida por um "modo de produção" que é dominante, mesmo que seja exceção. Daí a centralidade da noção de crise, que permite passar, aos saltos, de um "momento" determinado, de um "modo de produção", àquele que o sucede e supera. O conceito de "crise", para os marxistas italianos, passa assim a ocupar o lugar que fôra da "Revolução", décadas atrás - um conceito que se podia aplicar a 1680, 1789, 1917, mas não, certamente, ao declínio do mundo greco-romano. De qualquer forma, tampouco esse conceito de crise parece dar conta da antiguidade tardia, que é, na verdade, uma ponte sem nome que liga, na história européia, o presente ao remoto passado (18).

---

18) Vejam-se as observações de Finley, 1984:5-6. Carandini, como vimos, supõe uma sucessão linear de três formas de apropriação do solo e de organização do trabalho na Itália romana: pequena propriedade camponesa, *villa* escravista e latifúndio. Se lhe perguntassem a que modo de produção corresponderia o primeiro, diria sem dúvida, ao "modo de produção antigo" ou "arcaico", próprio das cidades-estados da Grécia arcaica e clássica e das romano-italicas do período médio-republicano (Carandini, 1980:LI; as *villa rusticae*, como sabemos, ao "modo de produção escravista"; mas a que modo de produção corresponde o latifúndio? Que modelo seria aplicável a ele?

Arquitetura Rural e Sociedade

Um dos elementos-chaves dos modelos correntes para se interpretar a economia romana parece consistir, precisamente, nessa perspectiva teleológica de se encarar o passado. Procedimento que opera, a nosso ver, como que um achatamento, uma redução na historicidade plena dos fenômenos investigados. Definido um modelo de funcionamento da sociedade romana - através de suas semelhanças e diferenças com o presente - este passa a atuar como uma entidade homogênea, sem ou quase sem história interna, válido como um todo para o período em que foram vigentes as condições utilizadas em sua definição. Garnsey e Saller, sobretudo, empregam uma delimitação temporal muito ampla, atuando no interior de um tempo longo, imóvel e amorfo, sem grandes transformações em seu decorrer. Mesmo para o grupo italiano, no entanto, o tempo é apreendido nos limites de uma determinada lei de transformação, uniforme e cadenciada, que identifica uma certa sucessão de fases de crescimento, entre os séculos II a.C. e II d.C., e depois uma crise abrupta .

Tais modelos, de filiação marxista ou weberiana, são úteis, sem dúvida, para se enquadrar e explicar processos históricos sobre os quais se dispõe de pouca informação. Mesmo sua perspectiva "presentista", que parte da suposta ordenação do real no presente para analisar sociedades passadas, tem seus pontos de interesse e é, em certa medida, inevitável. Modelos, contudo, pela ordenação lógica e estruturada que conferem à realidade, correm o risco de se converter em "camisas de força" do pensamento, atalhos que obviam a complexidade e as contradições inerentes às próprias fontes de informação. Seu caráter sistemático e abrangente admite com dificuldade a introdução de novos dados - pela ampliação do campo documental ou pela reinterpretação de fontes já conhecidas - a não ser na medida em que confirmem

## Modelos e Perspectivas

seus pressupostos (19). Abrir as portas à balbúrdia da realidade dos documentos, explorar suas incongruências, fugir das analogias fáceis buscando sobretudo a diferença pode ser, às vezes, um meio para se revitalizar os próprios modelos, para descobrir ordenações diversas, relações insuspeitadas. Nem se pode afirmar que a historiografia tenha permanecido insensível a isto: manifesta-se, nos últimos anos, uma tendência crescente para se privilegiarem perspectivas mais históricas, dando conta de processos a longo prazo, valorizando ritmos que podem ser lentos, contínuos e diferenciados regionalmente; buscando a gênese e os desenvolvimentos e não apenas avaliando os resultados (como fazem, via de regra, os modelos) A documentação arqueológica se adapta muito bem a essa busca de uma maior profundidade cronológica. Do ponto de vista da Arqueologia, em particular, é possível inserir o grande desenvolvimento produtivo do final da República e do Principado num longo processo de densificação da ocupação humana que remonta à época do Bronze e se intensifica a partir do século VIII a.C., como parte da progressiva integração da Península no circuito do intercâmbio de idéias e bens do Mediterrâneo, processo que parece ocorrer sem rupturas drásticas, embora com ciclos longos de crescimento e retração (Potter, 1985:72 e segs.).

### A Arquitetura Rural da Itália Antiga

Ao lado de uma documentação escrita relativamente numerosa, mesmo que de difícil interpretação, os dados arqueológicos, cuja quantidade cresce constantemente, têm fornecido algumas peças importantes para acompanharmos esse

---

19) Os arqueólogos marxistas italianos, por exemplo, projetam suas escavações (Settefinestre, Giardino Vecchio) como "testes" do modelo que empregam e que acaba sempre, reiteradamente, confirmado e fortalecido.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

processo em seus momentos de expansão e inflexão. Os suportes de informação são de caráter variado e multiforme englobando, potencialmente, todo e qualquer vestígio da vida material romana, na medida em que se possa relacioná-lo com o mundo da produção, do consumo e da troca. Em vista da importância crucial da agricultura no conjunto da produção econômica no período romano, as fontes de informação de origem extra-urbana revestem-se de um grande interesse. Como mostram os levantamentos de superfície efetuados na Etrúria meridional, algumas regiões da Península conheceram um notável adensamento do habitat rural a partir, sobretudo, do terceiro século a.C. (20). Os sítios rurais, que conhecemos por escavações e prospecções representam, em grande parte, antigos núcleos de fazendas, sedes de unidades produtivas que foram, nos séculos finais da República, o grande motor da expansão agrícola na Itália. As ruínas desses edifícios rurais constituem uma categoria documental complexa, cujo estudo exige uma análise acurada de suas estruturas arquitetônicas, bem como de uma vasta gama de produtos artesanais, elaborados no local ou importados dos centros urbanos. A história de tais edifícios é portanto, e simultaneamente, um excelente índice dos processos econômicos em curso na Península e sua materialização mais concreta: um ponto focal para se entender esta questão central da História Antiga, a da relação entre campo e cidade, e para se assentar o debate sobre o desenvolvimento das atividades econômicas no mundo romano.

Esses edifícios rurais, que sediavam e organizavam a exploração dos territórios agrícolas, possuem, enquanto categoria documental, algumas características específicas, com as quais podemos delimitar sua importância como fonte de informação. A primeira delas é sua quase ubiquidade: presentes em quase toda a Península, mesmo nas áreas mais internas (com exceção das regiões mais elevadas da cadeia apenínica), os edifícios rurais compõem uma categoria documental

---

20) Potter, 1985:72, que fala numa verdadeira "explosão demográfica na Etrúria meridional: o número de sítios atestados ao redor de Velos, por exemplo, cresceu de 16 a 137 entre os séculos VIII e VI a.C., atingindo 242 no final da República (Potter, 1985, tabelas 2,3 e 5).

## Modelos e Perspectivas

numericamente significativa e que, pela atividade arqueológica, cresce constantemente. Sua presença maciça no subsolo italiano denuncia uma densidade ocupacional extremamente elevada no período romano, insuperada, em muitas regiões, até meados de nosso século. Além disso, o interesse por tais sítios iniciou-se cedo na cultura ocidental: desde o Renascimento, ao menos, os restos de edifícios rurais têm sido objeto de descrições e escavações e o levantamento dos vestígios visíveis ou aflorantes possui já uma longa história. Existe, portanto, um notável *corpus* documental já constituído que pode e deve servir como ponto de partida para o estudo da organização do espaço rural e de suas formas arquitetônicas. Mas não é só isso. Há um aspecto que acentua a especificidade dos edifícios rurais como documento material. Como se sabe, a tradição textual legou-nos raros elementos da cultura técnica romana e de sua literatura. Possuímos apenas uns poucos manuais de arquitetura e de engenharia militar, além da grande enciclopédia de Plínio, que em meados do século I de nossa era resumiu, na sua *Historia Natural*, saberes técnicos de diversas origens. O interesse dos copistas medievais, no entanto, garantiu a preservação de alguns manuais romanos - distribuídos entre meados do século II a.C. e o Principado - que descrevem, em detalhe, os princípios fundamentais da agricultura romana em seu momento mais dinâmico (21). Através deles podemos vislumbrar como, para a aristocracia romana, deveria ser o funcionamento ideal de suas fazendas, ter uma noção de sua extensão e do tipo de mão de obra empregado, dos produtos elaborados e de sua destinação. Podemos, além disso, saber como representavam seus edifícios rurais para si mesmos, que funções estes deviam preencher, a que necessidades atendiam - não apenas econômicas, mas sociais no sentido mais amplo. Tais autores, o que para nós é de grande importância, revelaram um aguçado interesse pelas sedes de suas propriedades, ou *villae rusticae*, da

21) São eles: o *De Agri Cultura*, de Cato, de meados do século II a.C.; o *De Re Rustica*, de Varrão, composto em forma dialógica no final da República; o *De Re Rustica*, de Columella, de meados do século seguinte, além dos livros XIV a XX da Enciclopédia de História Natural de Plínio, ligeiramente posteriores ao tratado de Columella. Uma obra mais tardia é o *De Re Rustica* de Paládio. Sobre os agrônomos romanos veja-se, com proveito, Martín, 1971.



## Rufnas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

qual dão imagens detalhadas, mesmo que difíceis de interpretar. Nestes manuais, os edifícios rurais aparecem como algo mais que meros núcleos habitacionais: são unidades produtivas em si, congregando o instrumental rústico, as reservas de água, os depósitos e celeiros e, sobretudo, centralizando o beneficiamento da produção agrícola, com prensas e moinhos sofisticados. Essa preocupação com os edifícios reflete-se na busca de uma arquitetura ideal, na qual espaço e função encontrariam sua combinação mais útil, bela e produtiva (22).

A essa literatura de caráter técnico somam-se diferentes registros escritos sobre os edifícios rurais, que demonstram uma intensa preocupação das elites romanas com as coisas do campo, fonte de suas rendas e local privilegiado para o exercício do *otium*. São cartas, poemas, escritos de caráter histórico ou moralizante. É preciso ressaltar a excepcionalidade desta documentação para o arqueólogo. As casas de fazenda romanas talvez sejam a única categoria arqueológica, o único elemento material do sistema produtivo romano, para o qual dispomos de um discurso escrito coerente e articulado, que evolui dentro de modos e tempos que podem ser determinados. A possibilidade de se confrontar estes textos com os restos arqueológicos é infinitamente maior do que para outros documentos materiais - na atribuição de funções a espaços e na interpretação do sentido cultural das formas e espaços arquitetônicos. Isto representa uma grande vantagem, mas traz também seus riscos.

O potencial informativo dos edifícios rurais, na verdade, é limitado por alguns fatores. Em primeiro lugar, o corpus documental, embora extenso, é representado em sua maioria por publicações de má qualidade, resultado frequente de escavações apressadas ou mal conduzidas, que dificilmente respondem às questões mais prementes que tentamos colocar-lhes. Grande parte das descrições e dos levantamentos planimétricos de que dispomos é, na prática, inutilizável. Além disso, o corpus representa uma seleção operada ao longo de séculos (como veremos adiante), e que

22) A associação entre beleza e rentabilidade é uma preocupação constante dos escritores agrários romanos, em particular de Varrão e Columella; veja-se a respeito Carandini, 1985, 1, 1:117.

privilegiou determinados tipos de edifícios, em geral os mais evidentes e luxuosos, em detrimento daqueles mais simples que estão, certamente, sub-representados. O defeito principal do corpus, contudo, não advém tanto de sua constituição, como do modo habitual de sua utilização. Persiste uma tendência em empregar os documentos arqueológicos como simples complemento às fontes escritas, como exemplificação ou ilustração destas (23). Em muitos trabalhos, os escritores agrários aparecem como a chave, quase exclusiva, da interpretação dos edifícios escavados, em particular na atribuição de sentido e função a determinados aposentos ou lugares. Como se os textos escritos representassem uma descrição objetiva da realidade, imediatamente utilizável e absolutamente paralela aos restos arqueológicos! Como se todos os edifícios rurais romanos seguissem um mesmo receituário, obedecessem às mesmas regras, às mesmas prescrições de Catão, Varrão ou Columella!

Tal paralelismo é insustentável: documentos escritos e arqueológicos diferem radicalmente em suas condições de produção e seu emprego depende de procedimentos críticos totalmente diversos. No âmbito da tradição escrita, por exemplo, reconhece-se hoje que os textos dos escritores agrários não são relatos neutros, nem descrições "exatas", mas a expressão de determinados pontos de vista, de certas posturas, que dependem do lugar ocupado por seus autores na sociedade romana, de seus objetivos, do modo de sua inserção numa tradição "agronômica", do interesse de seu público e, até mesmo, de certas idiossincrasias. A origem social de tais textos e, portanto, a representatividade de seu discurso, remete a segmentos sociais muito específicos, sobretudo aos senadores e cavaleiros residentes em Roma - e não, como se pressupõe muitas vezes, à totalidade do complexo mundo rural da Península. Os textos conservados, além disso, cobrem um arco cronológico de mais de três séculos, período que observou mudanças de grande porte na agricultura e na própria reflexão romana a respeito. Mas não é só isso: o ângulo descritivo dos escritores agrários varia

---

23) Exemplo cabal desse tratamento ilustrativo da documentação arqueológica é a análise dos edifícios rurais por White, 1970:415-445

enormemente, por vezes no interior de um mesmo texto. Certas referências são bastante específicas, remetendo a realidades regionais, locais ou mesmo, como em Catão, a unidades produtivas singulares e concretas; outras são excessivamente abstratas, representando generalizações sobre a agricultura itálica, ou mesmo mediterrânica, cujas condições de validade, para cada região, não podemos controlar. Em Columella, sobretudo, o discurso sobre a agricultura romana assume um caráter de "idealidade" e a descrição do real se confunde, frequentemente, com seu projeto de uma fazenda perfeita, em que as condições de produção e os níveis de rentabilidade sejam ideais.

Como vemos, décadas de estudos detalhados deram à crítica da tradição textual certos parâmetros que, embora nem sempre observados, permitem circunscrever, com alguma precisão, os limites e o valor de suas informações. No campo da documentação arqueológica, contudo, a situação é bem menos alentadora. A função que lhe é atribuída nos estudos contemporâneos, de simples ilustração aos textos escritos, impediu, de certa forma, o desenvolvimento de uma crítica própria, autônoma, que pudesse explorar suas possibilidades informativas e fixar seus limites inerentes. Ao contrário da crença geral, os restos arqueológicos não são um dado bruto e direto sobre as realidades passadas, nem sua materialidade enquanto objetos lhes confere uma segura "objetividade" informativa. De certo modo, sua interpretação é mais complexa, e determinada por mais recortes, do que aqueles próprios à informação escrita. Os vestígios arqueológicos representam, para cada período, uma parcela mínima do mundo material em que foram produzidos e utilizados, cuja extensão é delimitada por condições de deposição e de preservação que diferem de material a material e de sítio a sítio. Para um corpus documental como o nosso, que se constituiu através de séculos, temos ainda que considerar as diferentes condições de sua recuperação, os diversos métodos empregados, os interesses variados que informaram os levantamentos e escavações, o modo como pontos de vista concorrentes ou sucessivos influenciaram na

## Modelos e Perspectivas

interpretação dos edifícios e na produção de nossos documentos de base: relevos planimétricos, descrições de sítios e objetos, reprodução das relações estratigráficas e espaciais etc. Equacionar tais fatores, fixar certos parâmetros de crítica é, sem dúvida, o ponto de partida para se extrair dos dados arqueológicos informações mais seguras e independentes, diversas daquelas que obtemos dos textos escritos.

Do que foi dito, podemos vislumbrar a existência de um espaço analítico pouco explorado, cuja contribuição para o estudo da agricultura e da economia romanas poderia ser proveitosa. Para explorarmos este campo, contudo, deveremos seguir certos passos, percorrer alguns caminhos que são quase obrigatórios. Não basta, como é corrente, pinçar sítios selecionados que ilustrem argumentos específicos ou confirmem eventuais hipóteses: é preciso, em primeiro lugar, efetuar um levantamento sistemático da documentação existente, constituindo um corpus abrangente e, ao mesmo tempo, coerente em termos espaciais e cronológicos. Para analisar este corpus é fundamental ter consciência das condições de produção de cada documento, desenvolvendo uma crítica apropriada ao material arqueológico. Os edifícios rurais são, também eles, artefatos, a despeito de sua complexidade ou duração, e devem ser inseridos em seu contexto temporal e geográfico. Só assim poderemos compreender a origem das formas arquitetônicas do campo, sua difusão e evolução, suas determinações cronológicas, suas alterações de sentido e função. Enquadramento cronológico, tipologia, análise espacial, estudo das técnicas e materiais são instrumentos à disposição do arqueólogo que devem ser empregados como o fundamento de uma visão própria, que assuma o risco de partir do dado material para a totalidade social - uma visão para a qual o texto escrito seja indício, pista, auxílio, mas não a base única do processo de reconstrução da história passada.

Não é necessário, nem conveniente, acentuar em demasia os tons do contraste entre documento material e textual: ambos são produto de uma mesma época e, portanto, aspectos de um mesmo universo social, ainda que deste nos revelem facetas

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

diferentes e que dependam de estratégias de pesquisa também diferenciadas. Seu uso combinado, embora difícil, é uma premissa básica para a escrita de uma história mais abrangente, mais "total". Mas isto nos obrigará a empregar um outro tempo, uma perspectiva temporal adequada ao nosso objeto. A interpretação de períodos da História humana como sistemas mais ou menos fechados, auto-explicáveis, é útil para um tratamento comparativo entre momentos e espaços geográficos diferentes, mas prejudica a compreensão da História enquanto processo, enquanto permanente devir. Renunciar momentaneamente aos modelos estanques, acompanhar passo a passo o lento evoluir dos processos históricos, abandonar a essência pela gênese pode constituir-se, por vezes, numa alternativa para vivificar a reconstrução de um sistema social, para explicar determinados fenômenos, para entender a evolução de certos elementos da realidade passada. Os documentos arqueológicos têm, precisamente, essa capacidade precípua de abarcar e compreender as longas cadências, os processos lentos de mudança nas formas e funções que as sociedades atribuem ao mundo material. Mesmo no caso de uma documentação fragmentária, descontínua e com vícios de constituição, como aquela relativa aos edifícios rurais romanos, essa perspectiva é prometedora e merece ser experimentada. Os capítulos que seguem pretendem contribuir para isso.

## II

### AS FONTES

#### Edifícios Rurais - um Conceito?

Os edifícios rurais da Itália romana constituem um objeto de estudo algo vago e impreciso. Além da complexidade intrínseca a uma categoria documental variada e dispersa, formada ao longo de séculos, a própria expressão edifício rural guarda em si certa dose de ambiguidade. Podemos, no entanto, tentar circunscrevê-la através de certos recortes, para fixar seu sentido lógico, temporal e geográfico dentro de limites mais precisos. Devemos nos lembrar, antes de mais nada, de que nosso tema toca, numa de suas extremidades, a própria época de formação das cidades e da diferenciação entre "urbano" e "rural". Antes de ser um conceito, desta forma, "edifício rural" é uma categoria cujo processo de constituição é, propriamente, nosso objeto de estudo. Como categoria, "edifício rural" pressupõe um mundo urbanizado, ou em processo de urbanização, e o desenvolvimento de uma tradição arquitetônica que seja própria ao campo. Uma tal tradição, quando existe, constitui-se precisamente através de um longo processo de diferenciação funcional entre o campo e a cidade, com a progressiva restrição das atividades agrícolas e pastoris às áreas externas ao mundo urbano. As diferenças na disponibilidade, uso e função do espaço construído são, assim, um pressuposto para a geração de formas arquitetônicas específicas no campo. Os edifícios rurais, deste modo, encontram uma primeira delimitação essencial precisamente nesta contraposição - e pela comparação - com os edifícios do perímetro

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

urbano. Mas tal definição ainda é insuficiente, porque o espaço extra-urbano da Península itálica presenciou, a partir de meados do primeiro milênio antes de nossa era, o surgimento de construções rurais com funções muito específicas, com histórias particulares, e que não nos interessarão aqui. Cemitérios, sepulturas ao longo das estradas, santuários rurais, vilarejos, estalagens, termas ou edifícios públicos de variados tipos foram também testemunhos de uma crescente e intensa ocupação do espaço rural, mas não nos interessarão neste trabalho.

Para estudarmos os processos econômicos em curso na agricultura peninsular, no período de sua progressiva unificação sob a égide de Roma, devemos voltar nossa atenção para uma classe particular de edifícios rurais: as casas de fazenda isoladas, núcleos de habitação e produção agrícola, que dominaram o cenário rural de algumas regiões da Itália por vários séculos. Tais edifícios desenvolveram uma arquitetura própria, embora multiforme, que acompanhou, refletiu e expressou as transformações do mundo rural itálico desde o final do período arcaico. O surgimento dessas casas de fazenda - que correspondem aproximadamente, como veremos, às villae rusticae das fontes escritas - liga-se, por sua vez a grandes alterações nos padrões de assentamento de certas zonas rurais da Itália tirrênica, que podemos observar na progressiva dispersão do habitat rural, em núcleos isolados, que se seguiu ao aparecimento de formas privadas e individuais de apropriação da terra e ao declínio dos antigos centros rurais agregados (os vici). Em algumas regiões, como na Etrúria meridional, podemos acompanhar esse processo com algum detalhe e, a partir do século II a.C., as próprias fontes escritas nos informam sobre a existência e funcionamento desses edifícios.

As fontes de informação disponíveis indicam que tal processo atingiu seu auge nos dois séculos em torno da era cristã, não apenas na densidade da ocupação, mas na própria extensão geográfica das áreas afetadas. Ocorreu, então, uma grande diversificação dos próprios edifícios rurais, que passaram a assumir funções sociais cada

vez mais complexas, não apenas habitacionais ou produtivas, mas de representação político/social e de ostentação de riquezas. Tradições regionais se entrecruzaram, influências urbanas foram recebidas de modos diferentes e com intensidades diversas, alguns edifícios se especializaram em determinadas funções, outros preservaram tradições antigas. Acompanharemos essas transformações nos capítulos seguintes, mas esse processo de diferenciação, que é histórico e parte integrante de nosso objeto de estudo, obriga-nos a operar outro recorte, determinado pela própria documentação arqueológica e válido, em particular, para os quatro séculos em torno da era vulgar. Dentre as várias classes de edifícios rurais que surgiram a partir do final do século II a.C., centraremos nossa atenção principal, embora não exclusiva, naqueles ligados à produção agrícola. As *uillae* marítimas, os palácios imperiais no campo, os grandes casarões senhoriais no subúrbio dos centros urbanos nos interessarão apenas marginalmente, por constituírem fenômenos com determinações particulares, tanto em termos históricos, como documentais.

A focalização do interesse nos aspectos produtivos da arquitetura rural circunscreve melhor a área abrangida por nosso objeto, mas fornece apenas uma definição operacional, que não será jamais precisa. Uma certa ambiguidade permanecerá sempre, como algo inerente a um objeto em permanente transformação: muitas vezes, as partes produtivas de um edifício podem ser supostas, mas não foram escavadas, ou foram mal publicadas; com frequência, um edifício nos interessará por determinado aspecto formal ou cronológico, mesmo que a ausência de aparelhos produtivos seja certa. Um último recorte do objeto é, de certa forma, involuntário, pois foi determinado pela própria realidade antiga. Embora pretendamos cobrir um arco cronológico e espacial amplo, nossas informações se concentram sobre determinadas



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

áreas da Itália tirrênica - Etrúria, Lácio e Campânia - e em determinado período, compreendido entre os séculos II a.C. e II d.C. Sobre eles recairá o foco central de nossa análise.

### A Tradição Textual

As fontes escritas, cujos testemunhos se iniciam em meados do século II a.C., empregam uma variedade de termos para se referirem às habitações no campo: palavras que indicam núcleos de habitação agregados, como vicus, castellum, oppidum. outras que implicam edifícios isolados, como uilla, casa, tugurium, praedium, tectum. Dentro deste segundo grupo ocorria uma interessante especialização de sentido: tectum era um termo genérico, referível a qualquer habitação coberta, seja no campo (por exemplo, Tito Lívio, XXVI,35 ou Cícero, *Rosc. Comoed.*, XII, 33 ) ou na cidade (Cic., *De Rep.*, I,26,41), sem remeter a um tipo específico de edifício, à sua função ou qualidade construtiva; praedium definia a propriedade de um lote de terreno, sobre o qual existiam construções, sem distinguir com clareza, como tectum, entre a área urbana e o mundo rural (cf. Ulpiano, *Dig.*, I,16,198); casa, embora empregado também para construções na cidade, referia-se mais propriamente ao mundo rural, indicando, segundo podemos inferir das citações nas fontes, a habitações pobres e simples (1), construídas em materiais perecíveis como madeira ou palha (2); tugurium, por sua parte, embora apareça associado a casa (cf. Varrão, *R.R.*, III,1,3, citado acima), parece

1) Varrão, *R.R.*, III,1,3 : quod tempus si referas ad illud principium, quo agri coli sunt coepti atque in casis et tuguribus habitabant nec muros et porte quid esset sciebant

2) Como as casae repentinae de Varrão, *R.R.*, II,10,6 ou ex uirgulis em Tibulo, II,1,24.

indicar o ponto mais baixo na hierarquia dos edifícios rurais, uma mera cabana de pastores (3).

O termo, contudo, que as fontes latinas empregam, por excelência, para se referirem aos edifícios rurais isolados, às casas de fazenda, era villa. Palavra de origem incerta, talvez associada à raiz indo-européia \*weik (a mesma de oikos e uicus) (4), villa parece ser um termo relativamente recente em latim, posterior ao século V a.C., se acreditarmos numa informação de Plínio, o velho (5). A introdução tardia do termo espelha, de certa forma, a lenta evolução da realidade social à qual viria a servir como significante e referente, ou seja, a formação de um padrão de habitação rural disperso nos campos. Nessa acepção, a especialização do termo é bastante intensa, e o sentido da palavra pode ser circunscrito, com alguma precisão, através do jogo de certas contraposições. Subjacente à definição de villa estava uma nítida oposição entre mundo rural e urbano: villa era, antes de tudo, a habitação isolada extra-pomoerium, independentemente de sua função, como demonstra a existência de uma villa publica, no Campo de Marte, onde os embaixadores estrangeiros e os generais vitoriosos esperavam a hora de ingressar em Roma. Neste sentido, villa opunha-se e correspondia a domus, que se referia também a uma habitação isolada, mas exclusivamente na cidade: no final da República, os mesmos senhores que habitavam em domus na cidade de Roma possuíam, nos campos, villae. Dentro do mundo rural, por outro lado, é possível identificar o sentido específico de villa através de outro conjunto de oposições.

Em primeiro lugar, como vimos, villa se opunha aos termos que indicavam habitats agregados, compostos por muitas residências, como uicus ou oppidum. A diferença semântica, contudo, não se restringia ao simples isolamento físico dos edifícios representados por villa. Este termo carregava-se, com efeito, de um

3) Cícero emprega o termo como contraponto para ressaltar a opulência das casas de fazenda da aristocracia, Pro Sestio, XLIII, 93.

4) cf. D'Hauterive, 1948: s.u. e Ernout, 1951: 1295.

5) 'Hist.Nat., XIX, 50: in XII tabulis legum nostrarum nusquam nominatur villa, semper in significatione ea hortus, in horto uero heredium.

forte conteúdo social. O que distinguia, fundamentalmente, villa de vicus, castellum ou oppidum não era meramente sua dispersão nos campos (6), mas a relação diferente que mantinha com a terra e com a comunidade que ocupava o território circundante. As villae, em certo sentido, eram muito mais isoladas de sua vizinhança, acompanhando o desenvolvimento de formas privadas e individualistas de apropriação da terra e o declínio dos laços comunitários que eram o pressuposto da sociedade agrária arcaica (Capogrossi Colognesi, 1981:450). Esse processo de separação e individualização das unidades produtivas, no que toca à villa, é visível na maneira diferente com que os escritores agrários encaravam o relacionamento com a região circunvizinha (a vicinitas) de seus edifícios. De Cato, que escreveu em meados do século II a.C. a Columella, quase duzentos anos depois, observa-se um progressivo declínio nos vínculos sociais entre vizinhos (na prestação, por exemplo, de serviços comunitários, como o mutirão), cujas relações assumiram um caráter cada vez mais mercantilizado (muito claro em Varrão, de meados do I a.C.) e, até mesmo, hostil (em Columella). Villa, desta forma, não se referia apenas a um modelo arquitetônico qualquer, mas a uma organização social específica do espaço rural, que se ligava, por sua vez - e isto é claro nos escritores agrários, a uma produção agrícola "racionalizada", no sentido de orientar-se para o mercado.

Entre os termos que indicavam habitações isoladas, por fim, villa opunha-se a casa ou tugurium por suas dimensões, por sua qualidade arquitetônica e, como podemos inferir das fontes disponíveis, pela durabilidade dos materiais empregados. Mas não é só isso. Como mostra a predominância quase absoluta do termo, em especial nos escritores agrários, para designar as sedes de fazendas exploradas por escravos e voltadas para o mercado, villa era também um apanágio dos grupos sociais superiores, fonte de sua riqueza e parte integrante de seu modo de vida

---

6) As villae, na verdade, podiam formar conjuntos contíguos, como parecem sugerir Salústio, *Catil.*, 12 e Plínio, o jovem, *Epist.*, II, 17.

(7). Como tal, uilla não se tornou uma palavra estática e morta, mas acompanhou, pela multiplicação e diversificação de seu sentido, as mudanças na realidade social a que deveu sua origem.

De Catão a Columella, o uso da palavra uilla preservou, na verdade, algumas características invariáveis: referia-se sempre ao núcleo habitativo de uma propriedade rural cuja produção se destinava à venda e para a qual o trabalho escravo era, se não exclusivo, ao menos muito importante. Outro traço das uillae, presente nos escritores agrários, era o absentefismo de seus senhores, que habitavam regularmente na cidades, visitando seus edifícios rurais apenas em determinados períodos. Sobre esse substrato comum, no entanto, delineiam-se diferenciações que refletem a complexificação da ocupação rural nos últimos séculos da República e durante o Principado - alterações no significado que ampliaram a ambiguidade do significante, multiplicando seus sentidos possíveis. Varrão, no livro terceiro de seu De Re Rustica, se interrogava sobre as incertezas do uso correto do termo: é possível uma uilla sem fundus? Todo edifício extra-urbano é uma uilla? A produção agrícola é necessária à definição de um edifício como uilla? (R.R.,III,2,3 e ss.). Por trás dessas questões podemos sentir a presença de certas transformações no campo que se manifestaram, sobretudo, nas últimas décadas da República, como o aparecimento de propriedades rurais de extensão muito reduzida, destinadas à criação intensiva de animais de pequeno porte (galinhas, patos, pombos, pavões, abelhas etc.), usufruindo da grande expansão dos mercados urbanos (pastio uillatica) e rendendo lucros, por vezes, extraordinários. Por outro lado, o período que se seguiu à Guerra Social (90-89 a.C.) presenciou o surgimento e difusão de edifícios rurais extremamente suntuosos, verdadeiras mansões aristocráticas cujo fim não era (ou, antes, não era apenas) a produção agrícola, mas a ostentação da riqueza e do poder de seus proprietários.

---

7) O que D'Arms denominou de "Villa Society", à qual se ligavam os principais membros da aristocracia itálica no final da república, cf D'Arms, 1981:72.

Fenômeno complexo, que expressava o crescente enriquecimento da aristocracia romana e a brutal competição política e social na Urbs (8).

É interessante, notar como a construção de edifícios cada vez mais luxuosos no campo, com a introdução progressiva de elementos urbanos e gregos na arquitetura rural, mesmo gerando uma forte tradição crítica, na literatura latina, foi lentamente absorvida pelos escritores agrários: embora todos manifestem uma preocupação obsessiva pelo modus, pela moderação e equilíbrio no construir, a balança entre luxo e produção se alterou pouco a pouco. Para Catão, a uilla era ainda um edifício simples e sem ornamentação, cujo único fim é a produção de rendimentos estáveis, de fructus. Varrão, um século depois, criticava igualmente os excessos de alguns aristocratas, mas incluía entre os fins da uilla a uoluptas e a delectatio de seu senhor. Sua uilla, cuja finalidade precípua era também produtiva, admitia como algo natural os urbana ornamenta recentemente introduzidos no campo, como o uso de mármore, as estátuas de bronze, os pavimentos e estuques decorativos, etc. Para Columella, que escreveu em meados do século I d.C., o modus era também fundamental, mas dependia apenas das disponibilidades do proprietário, não de critérios morais. Nenhum escritor agrário acentuou com maior ênfase, ou descreveu com maior detalhe, as prioridades produtivas da uilla. Sua uilla ideal, contudo, possuía elementos que seriam impensáveis para Catão, como uma pars urbana com triclinios de verão e inverno, termas, quartos de dormir orientados segundo as estações do ano, etc. Columella atribua um sentido funcional às comodidades no campo, atraindo a presença do proprietário e estimulando uma gestão mais direta e participativa de seus bens. Este último ponto, longe de ser prosaico, dá conta da difusão dos elementos de luxo no campo para círculos sociais cada vez mais amplos, reflexo de um aumento no nível geral de riqueza na sociedade romana entre o final da República e o Principado, que subverteu os padrões tradicionais para se medir o luxo e a ostentação. Não foi por

8) Sobre o sentido político e ideológico das casas nobres cf. Cic., De off.1,39; Vitruvius, VI,5,1-2.

acaso que a uilla de Cipião, que no século II a.C. era motivo de inveja e admiração, se tornou, quase trezentos anos depois, um exemplo da moderação e da severidade dos antigos (Sêneca, Epist.,LXXXVI).

Tais exemplos bastam para se compreender porque é infrutífero procurar, nas fontes escritas, uma definição plena e acabada da uilla romana. Devemos contar, não apenas com a própria evolução cronológica dos edifícios rurais, mas com informações provenientes de autores diferentes, com pontos de vista diversos e com origens sociais diferenciadas. Não é de se espantar, portanto, que as tentativas modernas de definição sejam também algo vagas e flutuantes. Não são definições estritamente arquitetônicas ou materiais, mas modelos de funcionamento que dependem, estritamente, do ângulo de observação escolhido e da seleção operada nas fontes. A uilla romana aparece, na bibliografia contemporânea, sob duas perspectivas diferentes, embora estas não se excluam mutuamente: como unidade produtiva ou como habitação de luxo. Neste último caso, toda a ênfase recai sobre a função particular, e fundamental, da uilla de luxo no modo de vida e na ideologia da aristocracia romana, como lugar de retiro intelectual, de "isolamento criativo" (Mansuelli, 1958:14), do otium cujo exercício conhecemos através da correspondência de Cícero e de Plínio, o jovem e cujas origens remontam ao círculo intelectual dos Cipiões.

Mas para parte ponderável da bibliografia moderna, uilla não representa tão somente um edifício rural isolado, uma casa de fazenda, e sim uma forma de organização da economia agrícola, centrada na produção de mercadorias em grande demanda e de alto valor, como vinho e azeite, e fundada - este é o ponto essencial, na utilização de mão-de-obra escrava. A "uilla escravista" torna-se, assim, uma curiosa categoria, construída por um processo de fusão entre certas informações dos escritores agrários e certos modelos da sociedade romana, e que seria um ponto fulcral na estrutura econômica da "Itália escravista". Sejamos claros: não é o caso de negar a

importância da escravidão na sociedade e economia romanas. As fontes literárias e epigráficas não deixam dúvidas quanto à presença maciça de escravos em determinadas regiões agrícolas e pastoris da Itália e sobre seu emprego em funções produtivas. Mas, se a existência de uma escravidão rural significativa é inegável, ao menos num certo momento da história peninsular, a noção de "uilla escravista" guarda sérios perigos quando utilizada na interpretação arqueológica dos edifícios rurais. Como ter certeza, a partir dos restos de um edifício rural, que este era habitado e conduzido por uma mão-de-obra escrava, e não por outra forma qualquer de relação de exploração? Como veremos nos capítulos subsequentes, são raros no registro arqueológico os elementos que podem justificar, em cada caso, essa associação. A identificação de determinados aposentos como dormitórios de escravos repousa, com frequência, sobre bases frágeis, não sendo mais que uma hipótese razoável. É preciso cuidado, portanto, ao aplicar à documentação material um modelo social extraído das fontes escritas, evitando traçar um paralelismo absoluto entre estas duas ordens documentais. A presença de escravos em determinado edifício, numa dada região, deve ser um problema que colocamos aos vestígios e não um dado a priori para sua interpretação.

### A Produção do Corpus

Os edifícios rurais romanos que desejamos investigar não são, enquanto objeto de estudo, mais que uma mera abstração. Por detrás de uma expressão aparentemente concreta - edifício rural - esconde-se uma realidade inefável, porque desaparecida, inexistente a não ser como ruína. Nosso acesso a ela não é direto, mas mediado por esses instrumentos específicos que são nossas fontes de informação. As casas de fazenda que povoaram a Península no período romano são um alvo quase

inatingível, ideal, que as escavações e a tradição textual mal deixam entrever em seu funcionamento, desenvolvimento e sentido social. As publicações arqueológicas, seus textos e ilustrações, que constituem nosso único objeto palpável, são apenas fragmentos, pedaços de um quebra-cabeças ao qual faltam as peças principais. Mas não são fragmentos aleatórios, pois possuem uma história - a história de sua preservação ou descoberta - cujo conhecimento é necessário para entendermos o alcance e os limites das informações de que dispomos. No campo da Arqueologia, em particular, o processo de formação da documentação respondeu a interesses variados, que se alteraram no curso dos séculos e que influíram, decisivamente, na seleção e na qualidade informativa de seus elementos singulares. A história da descoberta e escavação dos edifícios rurais tem a forma de um processo descontínuo, que não representou o desenvolvimento linear ou cumulativo de uma mesma visão, de um mesmo conjunto de questões. Não podemos, portanto, analisar o corpus como um todo homogêneo, coerente e uniforme, como se seus elementos fossem imediatamente comparáveis e equivalentes. A história da constituição do corpus é uma parte inseparável da história possível desses edifícios, da trama escrita que deles podemos tecer.

### A Produção dos Documentos - Pequeno Histórico

A antiguidade tardia foi, para a Península italiana, assim como para a Europa ocidental, um período de discontinuidades: migrações maciças de povos, desintegração do poder político, decréscimo populacional, devastações, abandono de edifícios públicos e privados. Na cidade como no campo, os vestígios da civilização romana foram se tornando, pouco a pouco, um elemento "natural" da paisagem, num mundo que se acostumava com a presença de ruínas. Durante séculos, os restos



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

aflorantes dos edifícios romanos foram uma fonte importante de materiais de construção, sobretudo na antiga capital do Império, onde os fornos de cal consumiram boa parte da "Roma marmorea". No campo, as casas de fazenda abandonadas jaziam como testemunhos de um sistema de assentamento desaparecido, onde se refugiavam, por vezes, populações empobrecidas, que nelas procuravam abrigo para os vivos ou repouso para os mortos.

A redescoberta desses vestígios, sua constituição enquanto objeto de conhecimento, foi um processo gradual e lento, sobretudo no campo, acompanhando a revalorização e divulgação da cultura clássica no início dos tempos modernos. A arqueologia rural romana é, de certo modo, filha da periegética e da Antiquaria, dos topógrafos, viajantes e colecionadores que, durante o Renascimento, percorreram as cidades e os campos da Itália, recolhendo inscrições, coletando obras de arte, descrevendo monumentos. A despeito da falta de método e de rigor científico, pesquisadores como Biondo, Ligorio, Cluverius ou Kirscher tiveram o mérito de voltar sua atenção para as ruínas romanas, quebrando a naturalidade de sua presença, tornando-as monumentos, na acepção plena do termo. Neste sentido, estabeleceram uma tradição de pesquisa que, passando por Nibby, Tomassetti, Lanciani ou Ashby, ainda se mantém viva em nossos dias. A preocupação com os restos materiais do mundo romano ligava-se, então, a questões de caráter erudito, à necessidade de dar vida, de fornecer um contexto físico aos textos clássicos cuja publicação e estudo se difundiam. O célebre debate sobre a identificação da villa de Horácio pode ajudar a entender os problemas que agitavam então o mundo acadêmico (sigo, aqui, passo a passo, o texto de Lugli, 1926). Como se sabe, Horácio recebeu de seu protetor, Mecenas, uma pequena propriedade na região sabina, que descreveu em vários de seus poemas e cartas. A questão da localização da fazenda de Horácio tomou forma concreta, pela primeira vez, na Italia Illustrata, de Flavio Biondo (publicada em 1542), que a colocava no vale do rio Farfa; Cluverius, no volume I da Italia Antiqua, localizou

a villa no território de Montelibretti, baseando-se numa suposta semelhança entre o topônimo e o Mons Lucretilis de Horácio. Holconius, que em 1635 publicou uma edição comentada de Cluverius, identificou uma série de topônimos com denominações que apareciam no poeta romano: Digentia com Licenza, Vicovaro com Varia, Mandela e Bardela, etc. Kircher (Vetus Latium, de 1671) procurou a villa de Horácio nas cercanias de Tivoli; outros, como Fabretti ou Amati, concordaram com a identificação de Holconius. Como se vê, o método adotado combinava as virtudes da erudição com uma pesquisa toponímica mais ou menos acurada ou puramente fantasiosa, mas não se cogitava, ainda, da escavação concreta de um sítio específico (9).

Foi o século XVIII que presenciou as primeiras escavações mais ou menos sistemáticas de edifícios rurais, produzindo relevos planimétricos e descrições que ainda preservam interesse. Foi a grande época das Academias locais, que buscavam nos vestígios arqueológicos elementos para valorizar seu passado, para compor uma identidade regional própria, dando um sentido histórico a uma determinada unidade linguística ou cultural. Cidades, vilarejos, inteiras regiões se orgulhavam de ter abrigado povos ilustres, como os etruscos, ou antepassados célebres, como o Horácio de Vicovaro. Vale a pena seguir a história da identificação de sua villa (sempre segundo Lugli): em 1757, o tabelião de Vicovaro, senhor Petrocchi, encontrou uma inscrição na qual se mencionava a massa Mandelana (CIL XIV 3482), confirmando a identificação de Bardela com a Mandela horaciana proposta por Holconius mais de um século antes. Em 1761, um abade de Tivoli, Domenico de Sanctis, publicou uma "Dissertazione sopra la Villa di Orazio Flacco", na qual relatava como havia indicado ao Barão de Santodile,

9) Apesar de seu caráter pré-científico, não é incomum que certas informações, certos detalhes preservados em manuscritos dos séculos XVI ou XVII sejam ainda úteis na interpretação de determinado sítio. Esses arqueólogos pioneiros conheceram uma Itália ainda quase inalterada, registrando restos e inscrições que os séculos posteriores destruiriam. Basta lembrar o exemplo dos "Muros de Santo Estevão", em Anguillara, às margens do lago de Bracciano, possivelmente uma villa romana do século II d.C., visitada e descrita por Ligorio em meados do século XVI e escavada recentemente por uma equipe inglesa, que se valeu dos desenhos e informações, ainda que imprecisos, do escritor quincentista (Lyttellon, 1980:55 e 71); ou o das torres que ornavam os muros da villa de Settefinestre, também na Toscana, cuja forma original pôde ser reconstruída com o auxílio de um desenho do século XV (Carandini, 1985, I, 2:122-123).

ministro do Grão Duque da Toscana, o local exato da villa, cuja escavação teria revelado "se não um edifício rico e magnífico, ao menos uma habitação apropriada e cômoda". Seis anos depois, um outro abade, Bertrand Campmartin de Chaupy, de origem francesa, acusava De Sanctis de ter se aproveitado de uma conferência que proferira em Tivoli. A resposta de De Sanctis, na reedição de 1768, testemunha não apenas o calor e a rapidez com que se sucediam tais debates, mas sobretudo a forma como o sentimento "nacional" se via envolvido na identificação dos restos arqueológicos. A passagem merece ser citada por extenso:

"Ora, se apesar de tudo isso, ouvistes arrogar-se de boca cheia ter achado e descoberto a villa de Horácio em Licenza um ultramontano recém chegado a Roma, que por acaso, com um personagem de alguma importância, apareceu em 1761 em Vicovaro, e só então soube da villa de Horácio apenas o que lhe foi ensinado e indicado pelo supra-mencionado senhor Petrocchi, poderíeis evitar de rir na sua cara?"

No "Século das Luzes", a descoberta e a coleção de antiguidades, em particular de obras de arte, era, além disso, uma fonte de prestígio cultural e político, animando as disputas entre casas reais e incentivando a formação de Museus. Foi dentro desse contexto, e para fazer frente ao "esplendor do Vaticano, alimentado pelas riquezas arqueológicas da Urbe" (Bracco, 1979:136), que os Bourbons de Nápoles promoveram a escavação das cidades sepultadas pelo Vesúvio na erupção de 79 d.C. - sem dúvida a maior descoberta arqueológica da época. Os trabalhos se iniciaram em 1738, por ordem de Carlos III, primeiramente em Herculano, depois em Pompéia e Stabiae. As escavações foram consideradas monopólio real e colocadas sob a direção de um engenheiro militar espanhol, Rocco de Alcubierre, com o auxílio de dois outros engenheiros, Karl Weber, suíço (desde 1750), e Francisco de la Vega, que o sucedeu em 1764. A atenção dos escavadores não se restringiu às antigas cidades de Pompéia e Herculano, mas se dirigiu igualmente para seu território, sobretudo após a descoberta da famosa Villa dei Papiri, em 1750, com suas inumeráveis esculturas e sua célebre

biblioteca carbonizada. Sob a supervisão de Weber e La Vega, cerca de 16 edifícios rurais foram explorados entre 1759 e 1789, em sua maioria na região da antiga cidade de Stabiae, a atual Castellamare di Stabia, alguns bastante simples, outros, como a Villa di Ariana ou a Villa di San Marcos, extremamente suntuosos. Não é preciso insistir sobre a precariedade dos métodos empregados, que escandalizaram os próprios contemporâneos, como De Brosses ou Winckelmann (Zevi,s.d.:24; Bracco,1979:121). O objetivo das escavações resumia-se à busca de objetos de arte (pinturas, mosaicos, esculturas) para ornar a Villa real de Portici e o Museu Borbônico: os edifícios soterrados eram explorados por meio de túneis (os cunicoli), que sulcavam o subsolo sem qualquer ordem ou planejamento, impedindo uma visão geral do sítio e, até mesmo, a elaboração de plantas (durante anos, Alcubierre dificultou o acesso de desenhistas às escavações). As villae mais ricas foram despojadas de sua decoração e de seus objetos mais belos e o que não merecia ser retirado ou destacado era simplesmente destruído (Vos,1982:315).

A substituição de Weber por La Vega deu um pouco mais de ordem às escavações, embora sem mudar, substancialmente, os métodos empregados. La Vega nos deixou algumas plantas, mais ou menos precisas, e um diário de escavação, no qual anotava, aposento por aposento, os trabalhos efetuados e onde descrevia, sumariamente, os objetos que encontrava. Tais documentos foram publicados e analisados apenas na segunda metade do XIX, por Fiorelli e Ruggiero (1881) e, como veremos, ainda guardam certo interesse. Uma amostra do diário de La Vega (relativo à villa de Petrellune, veja-se nossa fig. 167) pode fornecer uma idéia mais nítida da qualidade de suas informações:

"Começou-se a escavação a 6 de abril de 1779 no sítio assinalado na planta.

no. 1. De 6 a 10 de abril, escavou-se parte do corredor com este número, com pavimento em mosaico comum branco com lista preta em torno e reboco branco, mas totalmente arruinado; a escavação do mesmo terminou no mês de maio consecutivo.

no. 2. De 12 a 17 de abril procurou-se o aposento com este número, com pavimento em mosaico branco e faixa preta em torno; os muros são de tijolos mas totalmente sem reboco.

no. 3. Ao mesmo tempo, escavou-se o sítio com este número, que parece ser parte de um pátio com pavimento em mosaico branco sem reboco.

no. 4. De 14 a 19 de abril, aposento com pavimento em mosaico grosseiro com alguns detalhes em preto sobre fundo branco, muros com reboco branco, mas arruinados. O pavimento foi destacado por Canart entre 10 e 18 de maio". (Ruggiero, 1881:327).

A despeito da pobreza documental de tais plantas e descrições, apesar da dificuldade quase intransponível que sentimos ao tentar interpretar esses documentos, não se pode descartar a contribuição das escavações borbônicas para o estudo da arquitetura romana em geral, e das *uillae* em particular. A documentação vesuviana, a primeira a ser escavada de modo sistemático, forneceu, por seu caráter excepcional, uma primeira imagem concreta da disposição e do equipamento das casas e fazendas romanas e propiciou o desenvolvimento dos primeiros estudos científicos a este respeito. Sirva como exemplo a análise detalhada das prensas romanas de vinho e azeite, elaborada pela Academia de Herculano, fundada por Carlos III em 1755, com base nos dados de escavação e que Schneider aproveitaria em sua famosa edição comentada dos agrônomos latinos, de 1794 (Goujard, 1975:L1). Os vestígios materiais, por sua notável conservação, permitiam dar vida e interpretar as informações descarnadas das fontes escritas. T.Moule, num livro de 1833 sobre as *uillae* romanas, expressou bem essa vantagem:

"nada poderia gratificar mais profundamente sua curiosidade (a de um arquiteto) ou aprimorar seu gosto, do que ter a oportunidade de ver os edifícios privados dos antigos e colecionar, por suas próprias

observações, idéias sobre a disposição, forma, decoração e usos dos vários aposentos, como nenhuma descrição pode fazer". (Moule,1833:10)

Mais de um século se passaria antes que o subsolo da região vesuviana revelasse outro conjunto significativo de edifícios rurais, agora não mais em Stabiae, mas no território de Pompéia. As circunstâncias haviam mudado, os Bourbons tinham sido depostos, seu monopólio arqueológico fôra revogado e as escavações eram supervisionadas por uma superintendência própria, órgão da nascente República italiana. Entre 1895 e 1920, aproximadamente, o território ao redor de Pompéia foi intensamente investigado, e escavou-se um grande número de *uillae rusticae*, que ainda formam uma parte substancial de nosso *corpus*. Os autores dessas escavações eram, desta feita, cidadãos privados, proprietários de terrenos ao redor de Pompéia. Essa intensificação das pesquisas ligava-se à expansão edificativa na região, com a consequente procura de materiais de construção (os *lapilli* de origem vulcânica) sob a camada de humus. Mas o impulso decisivo proveio da descoberta da famosa *uilla* de Pisanella que provocou uma verdadeira febre de escavações no final do século passado (fig. 139).

A história da escavação deste edifício, maravilhosamente bem conservado, é, ao mesmo tempo, curiosa e exemplar. A *uilla*, a cerca de 3 km de Pompéia, foi parcialmente escavada, entre 1893/4, pelo proprietário do terreno, Vincenzo di Prisco e publicada inicialmente nas *Notizie degli Scavi* de 1895 (Sogliano, 1895). Conta-se que uma noite, após uma jornada de trabalho no edifício, um operário deparou-se com um estranho achado dentro de um poço, localizado sob a escada da cozinha. Aí jazia um esqueleto de homem que, no momento da erupção, portava um pequeno saco contendo 1.000 moedas de ouro, cunhadas nos reinados de Augusto e Tibério. Dispostos sobre o chão do poço, de forma ordenada, encontravam-se cerca de 40' preciosos vasos de prata, alguns deles finamente esculpidos, de valor inestimável. O

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

proprietário, rapidamente, recolheu o pequeno tesouro e fechou as escavações. As peças acabaram adquiridas pelo Barão de Rothschild, que as doou ao Museu do Louvre, onde se encontram até hoje. O relato da descoberta se espalhou rapidamente, atizando a cobiça dos habitantes da região e levando à descoberta, num curto espaço de tempo, de mais de vinte *villae* romanas, escavadas com propósitos excassamente científicos. Como escreveria Maiuri (1931:19):

"A extração de lapillo do subsolo fazia os agricultores se chocarem com os muros dos edifícios enterrados; atraídos, sobretudo, pela miragem da descoberta de preciosas obras de arte... pediam e obtinham a concessão para poder trazer à luz o edifício que os escavadores de lapillo já haviam sondado e explorado: a escavação era, assim, executada sob a supervisão do pessoal técnico e científico do Museu de Nápoles e de Pompéia, dentro dos limites de tempo estabelecidos pela concessão e segundo os objetivos visados pelo concessionário. Tal sistema, agora felizmente abolido, se, ao encorajar a iniciativa privada, levou à descoberta de numerosas villas rústicas e senhoriais em todo o território de Pompéia, não rendeu, por outro lado, os frutos que se poderia esperar, pois os edifícios, despojados de sua decoração parietal e de seus mosaicos, retirado todo o mobiliário, efetuadas apenas as plantas, eram novamente sepultados, antes que, com estudos ulteriores e com o exame comparativo dos vários tipos e formas de estruturas, tivesse sido possível traçar a gênese e o desenvolvimento de uma das construções mais singulares da civilização itálica e romana...a casa rural".

Muitas escavações foram interrompidas pela pobreza dos achados, outras pelo emprego de métodos inadequados ou insuficientes (as escavações no vale do Sarno exigiam o uso de bombas); contudo, nada prejudicou tanto a qualidade de nossa documentação como a perda das anotações e das fotografias de Spinazzola, superintendente em Pompéia de 1910 a 1924. O material que possuímos hoje provém, em grande parte, da publicação por Della Corte, entre 1921 e 1923, dos restos de informação que conseguiu recolher: com frequência, tão somente a planta baixa dos edifícios e uma descrição muito sumária dos objetos e inscrições. Pouco sabemos sobre os materiais de construção, as fases edificativas, a disposição do mobiliário. Talvez soe

irônico lembrar que a melhor publicação de uma villa pompeiana de que dispomos é, ainda, aquela elaborada por Pasqui em 1897, ao visitar o famoso edifício de Pisanella (Pasqui,1897). A despeito das deficiências agudas dessa documentação, o corpus de villae pompeianas foi a base de alguns estudos clássicos sobre os edifícios rurais romanos, que durante muitas décadas dominaram nosso conhecimento a respeito (Rostovtzeff,1933, o primeiro deles e o mais influente; Day,1932; Carrington,1931; Crova,1942) e que ainda preservam um grande interesse.

Após este período de intensa investigação, a série documental das villae vesuvianas conheceu poucas aquisições significativas e os objetivos e métodos empregados nas escavações mudaram com muita lentidão. A descoberta da Villa dei Misteri (figs. 144-145) encontra-se precisamente no limiar entre a exploração privada e a investigação científica das villae: os restos, encontrados em 1909 quase às portas de Pompéia, foram primeiramente escavados pelo proprietário do terreno, Aurélio Item, em duas curtas campanhas, (de 29 de abril a 16 de maio de 1909 e de outubro a janeiro de 1910), trazendo à luz uma pequena parte do edifício e suas famosas pinturas "iniciáticas" (De Petra, 1910). Finda a concessão, o Estado desapropriou a área, para evitar a venda das pinturas para o exterior (como acabara de acontecer com a villa de Sinistor, cujas pinturas se espalharam pelo mundo). A escavação só foi retomada em 1929, sob a direção de A. Maiuri. Pela primeira vez, e através de uma análise cuidadosa das estruturas murárias, Maiuri conseguiu reunir dados para se reconstruir a história edificativa de uma villa romana, resultando numa publicação volumosa que, embora não atenda plenamente às questões atuais, ainda preserva uma grande utilidade (Maiuri,1931). Recentemente, retomaram-se as pesquisas sistemáticas e rigorosas de determinados sítios, como a da villa de Oplontis (fig. 150) (De Franciscis,1973; 1974; 1975), ou a Villa Regina (fig. 166) (De Caro, 1981; 1981; 1983), mas falta, ainda, sua publicação exaustiva. Os velhos métodos, por outro lado, costumam a morrer: basta lembrar a escavação da villa de S. Antonio Abate, explorada pelo proprietário (na



década de 1970!!) e prosaicamente publicada (D'Amore, 1976) ou, ainda, a uilla de S. Sebastiano al Vesuvio (fig. 177), cuja descoberta e escavação, relatadas por Cerulli Irelli, assemelham-se muito com as descrições de Della Corte nos anos vinte:

"No dia 29 de abril de 1964, diz Cerulli Irelli, a Superintendência das Antiguidades da Campânia foi advertida de que, na localidade de S. Sebastiano al Vesuvio, num terreno de propriedade da Ordem dos Clérigos da Mãe de Deus, durante os trabalhos de escavação para a construção de um Seminário da dita Ordem, tinham vindo à luz os restos de um edifício antigo. Os trabalhos haviam sido entregues à Firma "Irmãos d'Auria", que informou sobre o achado e foi, em seguida, com a concordância e o apoio dos padres da Ordem, de um auxílio ativo e importantíssimo para a escavação, conduzida sob a direção da Superintendência, custeada pela Ordem e com o pessoal da empresa." (1965:161).

De modo geral, as estratégias de escavação praticadas pela arqueologia italiana permaneceram estacionárias até muito recentemente, ignorando os desenvolvimentos do método estratigráfico e das formas de registro e análise dos achados que tiveram lugar na arqueologia europeia e americana durante o século XX. Além disso, se sairmos da região vesuviana, que tem características muito peculiares, a escavação de edifícios rurais, até poucos anos atrás, despertava pouco interesse diante da importância dos restos urbanos (Quilici, 1979:309). Durante muito tempo, ainda em nosso século, a principal contribuição arqueológica para o conhecimento do campo romano proveio, não de escavações, mas dos levantamentos topográficos. Herdeiros da periegetica renascentista, pesquisadores como Niessen, Lanciani e, sobretudo, T. Ashby e G. Lugli realizaram o mapeamento arqueológico de diversas regiões da Itália central, em particular ao redor de Roma e na Toscana, identificando a antiga malha viária, localizando sepulcros e aquedutos, descrevendo os sítios arqueológicos de maior interesse, porque mais visíveis ou de maior significado histórico (veja-se Ashby, 1970). Tais estudos, com sua ênfase eminentemente histórica, deram, pela primeira vez, uma certa estrutura aos restos do sistema de assentamento romano nessas áreas, sobretudo

no que se refere ao desenvolvimento do sistema de comunicações e à localização dos antigos núcleos de ocupação do território, preservando, através de registros escritos ou gráficos, vestígios arqueológicos que a expansão edificativa do segundo pós-guerra viria a destruir. Ressentem-se, contudo, de certas deficiências frente às questões da pesquisa contemporânea, em parte, ao menos, derivadas de seu caráter assistemático, da ausência de uma preocupação metodológica que definisse explicitamente os limites da cobertura que realizavam. Esta nunca se pretendeu total, restringindo-se aos sítios que podiam ser observados ao longo das estradas antigas e que ainda preservavam restos de muros aflorantes, que eram registrados, em particular, através de plantas e fotografias, dando-se pouca atenção aos artefatos móveis dispersos no terreno. Além disso, e mais grave ainda, foram realizados numa época em que a cronologia das técnicas construtivas (para cuja reconstrução, aliás, foram de um auxílio inestimável) e das formas cerâmicas romanas era ainda pouco conhecida, o que impedia uma datação precisa dos sítios e a identificação de suas sucessivas fases de ocupação e edificação.

O último pós-guerra presenciou o desenvolvimento de dois projetos distintos de levantamento dos restos romanos de superfície, que deram um caráter mais sistemático e coerente à pesquisa. Os volumes da *Forma Italiae*, promovidos pelo Instituto di Topografia Antica da Universidade de Roma, iniciaram-se com os trabalhos de G. Lugli, ainda na década de 1920. Seu objetivo central tem sido o mapeamento exaustivo dos vestígios de uma determinada área e a elaboração de um catálogo de sítios arqueológicos com vistas à sua preservação, tutela e eventual escavação. Área e não território, pois o espaço do levantamento é, aqui, definido de forma arbitrária, através dos mapas efetuados pelo Instituto Geográfico Militar da Itália, sem uma preocupação estrita com a delimitação de territórios por suas características geomorfológicas ou por sua história específica. Essa ênfase no registro, se não impede a utilização dos tomos da *Forma Italiae* (que já se contam pelas dezenas) na reconstrução da história da ocupação romana nessas áreas (veja-se Andreussi, 1981:349-370), torna

difícil a compreensão dos antigos sistemas de assentamento em sua relação com o meio natural e com o mundo urbano, em particular quando confrontados com os métodos de análise espacial desenvolvidos pela arqueologia contemporânea.

No final dos anos 50, a Escola Britânica de Roma iniciou um projeto de levantamento dos sítios arqueológicos da Etrúria meridional, introduzindo novos métodos de pesquisa de campo e de análise dos sistemas de assentamento. O levantamento de superfície tinha, para a Escola inglesa, fins bem definidos: visava a compreensão da história da ocupação humana de determinado território desde suas origens até o período medieval, unificando problemáticas de pesquisa que costumavam trilhar caminhos separados, nos quadros de uma "arqueologia da paisagem", que se recusava a encarar os sítios como entidades autônomas, procurando inseri-los em seu contexto ambiental e em suas relações com outros sítios (Potter, 1985:22). As estratégias de pesquisa aliavam o levantamento das condições geomorfológicas do território selecionado, com o estudo das vias de comunicação entre os sítios maiores, a cobertura exaustiva dos sítios arqueológicos identificáveis, a coleta de amostras de material, a escavação seletiva de determinados sítios - desde centros urbanos, como Veios, até humildes casas de fazenda - para se chegar a uma tipologia e hierarquia de sítios e à reconstrução dos sucessivos padrões de assentamento. A pesquisa, feita em equipe e não mais solitariamente, estendeu-se por vários anos, cobrindo uma área de cerca de 1000 km<sup>2</sup> e levando à descoberta, catalogação e publicação de aproximadamente dois mil sítios arqueológicos, a maioria dos quais, até então, inéditos (publicados em sucessivas edições dos Papers da British School of Rome). Os resultados deste levantamento são, ainda hoje, uma base fundamental para o estudo da evolução do assentamento pré-romano e romano na região, sobretudo após os recentes refinamentos na cronologia da cerâmica romana.

Nos últimos anos, a prática dos levantamentos de superfície foi estendida a várias regiões da Itália, como o vale do rio Albegna e o vale D'Oro (no território da

antiga Cosa) (Attolini et alii,1983; Celuzza & Regoli,1982); a Umbria (Di Manzano & Leggio,1980; Moreland,1986; Muzzioli,1980; 1985; Tomei et ali,1983); a região das Marcas, na costa adriática (Mercando,1980; Mercado et alii,1981); o vale do Biferno, no atual Molise (Barker et alii,1978); a região ao redor do Monte Massico, na Campânia setentrional (Vallat,1983; 1987), etc, dando provas, em alguns casos (como nos dois últimos), de um contínuo aprimoramento técnico e metodológico. A despeito da escassez de publicações definitivas, esses levantamentos permitiram reavaliar a evolução da ocupação rural pré-romana e romana em diversos pontos da Península, recuperar variações regionais que as fontes escritas ignoram e rever antigas generalizações sobre o desenvolvimento da agricultura na Itália. Mas não seria absurdo afirmar que sua principal contribuição talvez resida, precisamente, numa consciência ampliada dos limites da documentação, da necessidade de se saber, com exatidão, o que os documentos que produzimos podem nos revelar sobre as realidades antigas e o que, pela condições ambientais e pela própria estratégia de sua produção, inevitavelmente nos ocultam (veja-se Potter, 1980:19-41; Liverani, 1984: 36-48; Barker, 1986:7-30). Como no caso das escavações de sítios, mas por motivos diversos, os levantamentos de superfície também não nos fornecem dados brutos, objetivos, mas representam um determinado recorte, uma certa visão do território investigado que é orientada pelos métodos empregados (levantamento exaustivo, amostragem, emprego de "transepts" etc) - daí os intensos debates sobre a interpretação de seus resultados e sobre a validade das generalizações construídas a partir destes (Rathbone,1981; Celuzza & Regoli, 1982; Liverani, 1984; Vallat,1987).

Uma menção particular merecem os estudos sobre o cadastro rural romano. A expansão de Roma na Península foi, como se sabe, responsável por uma progressiva reorganização dos territórios conquistados e anexados, distribuídos entre os cidadãos romanos e seus aliados sob várias formas: fundação de colônias com status diversos, atribuições individuais de lotes, usufruto coletivo de pastos e bosques,

arrendamento a particulares etc. Desde o século IV a.C., pelo menos, a distribuição de terras se concretizava numa divisão geométrica e modular das áreas agrícolas - a centurição - cujas linhas ortogonais formavam extensos quadriculados de estradas, caminhos, fossos de drenagem, elevações artificiais, muros de pedra, etc. A força estruturante desse reticulado, projetado e realizado pelos agrimensores romanos, pode ser medida por sua permanência no traçado das vias vicinais de diversas zonas rurais da Itália até nossos dias (como em Terracina, veja-se a fig. 197), fenômeno que têm atraído a atenção dos estudiosos desde, ao menos, o século passado. As fotografias aéreas possuem, na identificação desses vestígios, um grande potencial, como demonstraram os estudos pioneiros de Bradford (1957) a partir das tomadas realizadas pela aviação inglesa sobre o território italiano durante a 2ª Guerra Mundial. A última década assistiu ao desenvolvimento de alguns projetos fundamentais nessa área, com o emprego de técnicas avançadas, como a das tomadas oblíquas a baixa altitude, efetuadas em diferentes épocas do ano. Basta lembrar o amplo levantamento promovido pela Escola Francesa de Roma, a partir de 1981, numa vasta região compreendida entre Roma e Salerno, que resultou na identificação dos restos de cerca de oitenta sistemas centuriados, de diferentes períodos, a maioria dos quais, até então, desconhecidos (Chouquer & Favory, 1987:81-232; veja-se também Compatangelo, 1986 e, para outras regiões, Jones, 1980; Compatangelo, 1989). A identificação das áreas centuriadas, o estudo de seus módulos e de sua inserção no território, são um instrumento valioso, não apenas porque permitem acompanhar os modos e as cadências do processo de expansão romana na Península mas, sobretudo, por fornecerem um quadro estruturado da ocupação romana em diferentes territórios coloniais que serve como referência básica para se entender seus ritmos de transformação.

Os levantamentos de superfície ou aéreos, contudo, a despeito de sua grande importância para a pesquisa atual, fornecem apenas um esqueleto descarnado

dos antigos sistemas de assentamento, que se debate, como veremos, com sérios problemas na interpretação funcional dos sítios identificados, sobretudo quando, da visão bastante generalizante que fornecem, procuramos descer ao nível do detalhe. Apenas a escavação de edifícios rurais específicos pode dar algum corpo ao quadro desenhado pelos levantamentos, revelando as formas concretas e particulares que adotavam os agentes da ocupação. A análise do funcionamento interno desses edifícios, do modo como estruturavam seu espaço e suas atividades, depende diretamente, como ficará claro nos capítulos que seguem, do material escavado e publicado. Como se pode imaginar pelo exemplo de Pompéia, a história das escavações de edifícios rurais, neste século, não é particularmente brilhante. E mesmo tendo seguido, em parte, as vicissitudes da arqueologia italiana no período, fê-lo com um notável atraso em relação aos monumentos urbanos. L. Quilici, num artigo recente, (1979:309) relata como Ashby solicitou, repetidas vezes, às autoridades arqueológicas italianas, que efetuassem a escavação de certas *villae* ao redor de Roma. O pedido foi oficialmente recusado em 1908 sob a alegação de que os trabalhos no Palatino e no Forum eram cientificamente mais importantes. "Esta política de desinteresse pelo território", conclui Quilici, "tão claramente enunciada naquela oportunidade, perpetuou-se nos tempos que se seguiram, e é, ainda hoje, plenamente atual, tendo levado à perda de quase todo o nosso patrimônio suburbano" (Quilici, 1979:309, que se refere a Roma). A partir da década de 1920, contudo, observa-se uma nítida intensificação nas escavações de sítios rurais, como consequência de alguns fatores que ainda hoje determinam a intervenção oficial: expansão edificativa na periferia das grandes cidades, mecanização da agricultura, com o consequente aprofundamento das aragens, obras de drenagem nas regiões pantanosas, etc.. Isto conferiu à arqueologia rural um caráter emergencial e aleatório, que se reflete nas escavações mal conduzidas e nas publicações sumárias dos edifícios. Tais características, muito presentes no vintênio fascista, perpetuaram-se no pós-guerra e costumam a desaparecer. Na verdade, mais do que uma deficiência de meios

ou de tempo, refletem a debilidade das questões historiográficas colocadas aos edifícios (Torelli in Manacorda, 1985:610). Não é o caso de recordar as deficiências dos métodos de escavação empregados pela arqueologia italiana até recentemente, compondo uma "cultura dello sterro" (Manacorda, 1985:609), na qual predominam o uso da trincheira, a preocupação quase exclusiva com o andamento dos muros ("con il solo scopo di seguire i muri maestri", dizia Pallottino em 1937:21), a ignorância das relações estratigráficas, o uso de mão-de-obra não qualificada, como pacientes de manicômios durante o fascismo, ou desempregados na década de 50, etc. (sobre estas questões veja-se Manacorda, 1985:605-610; d'Enrico & Pantó, 1985:593-604). A escavação de uma uilla em Guidonia, descoberta em 1942 por ocasião da construção do aeroporto, fornece um exemplo entre tantos outros. Relata o escavador: "obteve-se da Direção dos trabalhos do Aeroporto que, antes de se proceder ao nivelamento e conseqüente destruição do edifício antigo, a própria empresa se encarregasse de trazer à luz as ruínas, sob a supervisão da Superintendência" (Caprino, 1944/5:39). Não é difícil imaginar o efeito de tais práticas sobre a documentação disponível: boa parte de nosso corpus é composta por plantas quase "nuas", destituídas de espessura temporal, desligadas de qualquer contexto espacial ou regional, emudecidas pela desatenção aos objetos encontrados e sua distribuição, praticamente inúteis para uma análise que pretenda ir além do exemplo, da ilustração ou dos paralelismos.

A partir da década de 1960, contudo, começaram a surgir alguns (poucos) projetos "científicos" de escavação de sítios rurais, promovidos por Universidades italianas ou por escolas estrangeiras, fora, portanto, do âmbito das Superintendências (com raras exceções). Embora possuam características diferentes, tais projetos se distinguem das escavações anteriores pela utilização sistemática e eficaz do método estratigráfico, pela ênfase na reconstrução da história do sítio e, sobretudo, por sua inserção em problemáticas específicas, que orientam a escolha dos sítios e dão sentido às questões que se procura responder com a escavação. A. Carandini, co-diretor dos

notáveis trabalhos de escavação em Settefinestre (figs. 88-126), expressou talvez melhor do que ninguém tal ponto:

"Uma escavação que não se deva a necessidades imediatas de preservação deve partir de um problema histórico. Não se pode, contudo, pensar em uma relação imediata entre o problema histórico e a anatomia da porção de território escolhida...É verdade que partimos sempre de um problema, que inicia o processo científico, mas depois, quando em campo, são os restos materiais, que emergem do território, que ditam a lei da pesquisa, até reformular ou mesmo modificar, por ação retroativa, o próprio problema de partida(...)Na pesquisa sobre o território de Cosa (onde se localiza Settefinestre), trata-se de colocar à prova, mais uma vez, a validade das linhas fundamentais da história da Itália central tirrênica e tiberina, que podem ser sintetizados na sequência de três tipos principais de produção...etc." (Carandini & Settis, 1979:30/31; sobre esta sequência vide Cap. 1).

Awlin Cotton, responsável pelas importantes escavações anglo-americanas em Francolise, apresenta motivos semelhantes na escolha dos dois sítios escavados (San Rocco e Posto):

"No início dos anos 1960, a cena italiana com relação às villae rusticae diferia muito da atual. Naquela época, o falecido Dr. John Ward Perkins, então diretor da British School at Rome, e o professor P. von Blackenhagen, do Institute of Fine Arts da Universidade de Nova Iorque...procuravam um projeto de pesquisa na região mediterrânea. Embora tivessem visitado sítios importantes e de grande interesse em vários países, foi decidido que o conhecimento sobre o desenvolvimento inicial das villas romanas parecia ser menor no coração do Império do que nas províncias" (Cotton, 1983:56).

Um outro aspecto de tais projetos é sua preocupação com a publicação exaustiva dos resultados, sem se deixar intimidar pela complexidade do sítio ou pela quantidade, por vezes extraordinária, de material escavado. Alguns desses projetos se contiuem, hoje, em verdadeiros modelos de escavação e publicação de sítios arqueológicos, rurais ou não, como as já mencionadas escavações da villa de Settefinestre, na Etrúria, conduzidas por uma equipe anglo-italiana (Carandini et



alii,1985), ou as escavações da Escola Britânica em Francolise, na Campânia setentrional (Cotton,1979; Cotton & Métraux,1985). A estes poderíamos acrescentar os trabalhos de Dyson em Buccino (Dyson & Holloway,1971; Dyson,1972; 1973; 1975; 1975; 1983; 1985; 1983), as escavações canadenses na Itália meridional, as pesquisas em dois sítios na via Gabúnia, por uma equipe norte-americana (Widrig,1983), e alguns outros casos. Embora, eventualmente, não possam responder a todas as questões que gostaríamos de colocar-lhes - por limitações em suas problemáticas de origem, certamente, mas também pelas circunstâncias de preservação dos respectivos sítios - tais estudos são, forçosamente, a base para qualquer reconstrução arqueológica da evolução e funcionamento dos edifícios rurais romanos. É deles que podemos esperar um quadro, um espaço referencial que dê sentido às informações, necessariamente menos sistemáticas e ricas, que podemos extrair do restante de nosso corpus (com a possível exceção do material pompeiano).

Este brevíssimo histórico das pesquisas arqueológicas sobre os edifícios rurais romanos não faz justiça, obviamente, aos esforços de sucessivas gerações de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema com os meios e preocupações próprios a sua época. Nosso objetivo, aqui, foi apenas o de ressaltar a heterogeneidade de nosso corpus, fruto de diferentes seleções de material, de métodos diversos de registro e publicação. Um relevo planimétrico do século XVIII, ou do vintênio fascista, possui, com certeza, um certo potencial informativo, mas é preciso cuidado e reserva ao confrontá-lo, ou contrapô-lo, às plantas produzidas pela pesquisa atual. A escassez de boas publicações cobra seu preço à utilização de nosso corpus - embora este seja variado e, relativamente, numeroso, é difícil escapar de um discurso forjado no emprego de exemplos singulares, distanciados no tempo e no espaço, e tentar a elaboração de séries contínuas e coerentes, cuja validade geral apareça com maior clareza. Os levantamentos de superfície suprem, em parte, esta deficiência, mas sua

interpretação depende, diretamente, do modo como foram concebidos e realizados e isto impõe, como veremos, certos problemas ao pesquisador.

Por outro lado, aos recortes efetuados pela história da preservação dos edifícios e de sua apropriação atual, devemos acrescentar os nossos próprios. Também nós operamos uma seleção, ao reunir nosso conjunto documental: nem tudo o que foi dito ou escrito sobre os edifícios rurais romanos, nem todas as plantas elaboradas, nem todas as notícias sobre a descoberta eventual de vestígios de villae se encontram em nosso corpus, que não se pretende exaustivo, mas "extensivo". O campo dessa extensão é determinado por alguns critérios: procuramos cobrir todas as informações disponíveis sobre os séculos mais recuados, sobretudo a partir do IV a.C., para os quais as informações são muito escassas e os problemas de interpretação particularmente grandes. Em termos cronológicos, nossa documentação concentra-se nos dois séculos ao redor da era vulgar, o que permite uma utilização mais segura das fontes escritas, também numerosas nesse período, e torna viável uma análise mais detalhada do processo de transformação e diferenciação dos edifícios rurais, além de corresponder, com toda a probabilidade, a uma densificação real do habitat rural nessa época. O mesmo vale para os critérios espaciais: se excetuarmos os dados dos levantamentos de superfície, o estado da documentação não permite, ainda, uma análise seletiva dos edifícios rurais a nível local. Os sistemas locais, se existiram, escapam-nos quase completamente - a não ser como esqueleto (como ponto nos mapas dos levantamentos). Mesmo a nível regional, se excetuarmos a documentação vesuviana, os dados de que dispomos para generalizações são escassos e nossa base para reconstruir formas regionais é frágil e insegura. Nossas quantidades espaciais são, assim, relativamente vastas e imprecisas: a Etrúria marítima e meridional, o Latium vetus et adiectum, a Campânia setentrional e meridional - áreas onde a produção rural foi, ao que tudo indica, extremamente dinâmica entre o final da República e o Principado. Os levantamentos e escavações efetuados nessas regiões são como raros

pontos de luz que emergem de um quadro ainda obscuro, para o qual é muito difícil estabelecer relações locais, regionais ou inter-regionais. Já as informações provenientes de outras regiões da Península, como a Gália cisalpina ou a costa adriática, revelam um desenvolvimento tardio da produção mercantil, que será abordado aqui de modo assistemático e tendo sempre como referência a Itália central tirrênica.

A estes limites que operamos na seleção do corpus, devemos acrescentar outros dois: em primeiro lugar, como dissemos acima, não nos preocupamos em recolher todas as possíveis informações relativas a existência ou descoberta de restos de edifícios rurais romanos, relegando a segundo plano elementos esparsos, cuja única utilidade fosse definir uma mera presença, um exemplo, um paralelo. Demos absoluta prioridade para os relevos planimétricos que se prestassem, mesmo que minimamente, a algum tipo de análise espacial, ou que pudessem ser empregados, como fragmentos, na reconstrução de uma determinada forma que aparecesse alhures. Daí, repito, ser nosso conjunto de documentos largamente extensivo, sem pretender à exaustividade. Há um outro recorte, contudo, talvez mais importante, na medida em que optamos por explorar apenas o material já publicado, ou seja, aqueles "documentos" já plenamente definidos como tais por sua fixação num registro textual e imagístico de caráter público. Trata-se de uma opção consciente: ela nos dará maior agilidade e amplitude, ao falarmos das casas de fazenda romanas e, sobretudo, permitirá que nos debrucemos sobre o produto de séculos de pesquisa arqueológica, para discutirmos alguns princípios de crítica da documentação arqueológica, tão diversa daquela textual e tão pouco pensada até hoje.

## As Evidências e seus Limites

A maneira como historiadores e arqueólogos utilizam os edifícios rurais para elaborar suas reconstruções da sociedade romana é, de modo geral, bastante acrítico. Tomemos alguns exemplos: é comum perceber-se, nos estudos sobre o desenvolvimento da produção agrária na Itália romana, uma sentida preocupação com o fato de que a cronologia proposta para o surgimento de uma agricultura mercantil - a partir das fontes escritas - não coincida plenamente com aquela que nos apresentam os documentos arqueológicos. Enquanto, para muitos autores, a produção de bens agrícolas para o mercado ter-se-ia originado já no curso do século III a.C. ou, no máximo, após a Guerra Anibálica (217-202 a.C.), os edifícios rurais identificáveis ou escavados são, até a Guerra Social (90-89 a.C.), bastante raros e singularmente simples. Haveria, pois, uma "incongruência", uma "inadequação" entre fontes textuais e materiais, que precisaria ser explicada. Em sentido oposto, é frequente que a mera presença dos restos de um edifício seja empregada para demonstrar a existência e funcionamento de uma "fazenda escravista", ou que se atribua, a uma construção pequena e desprovida de equipamentos sofisticados, como o conhecido edifício de Sambuco, o papel de "exemplo típico" de uma "uilla catoniana". O que representam, contudo, essas "inadequações", ou essas inferências a partir do exemplar? O que significa, em termos puramente arqueológicos, um edifício rural? Que informações podemos ou não extrair de seus vestígios? Como qualquer objeto de estudo, as casas de fazenda romanas impõem certos limites ao seu conhecimento, que devemos avaliar cuidadosamente antes de tentar a interpretação de seus vestígios pensando apenas em presenças ou ausências. Um desses limites, como vimos, é dado pelo modo de constituição da documentação, pelos interesses e problemáticas variados que determinaram a produção dos "documentos" disponíveis. Mas há outras limitações, de

caráter mais geral, que perpassam o conjunto do corpus e dizem respeito às condições de preservação dos edifícios e à interpretação dos achados, àquilo que é "documentável", no sentido de poder transformar-se em texto ou imagem.

### a) Problemas de Preservação

Começemos por um pequeno desvio, que passa pelas fontes textuais. Os escritores agrários romanos, como Catão, Varrão e, em particular, Columella, manifestam uma grande preocupação com a localização ideal dos edifícios-sedes de suas fazendas, as *uillae*. Segundo suas recomendações, os edifícios deveriam, por razões de salubridade e segurança, situar-se ao sopé das cadeias montanhosas, de preferência sobre as pequenas elevações que compõem o sistema sub-colinar da costa tirrênia da Península (Catão,I,3; Varrão,I,12, 1; Columella,I,4,10). Em diversos levantamentos de superfície, por outro lado, efetuados em regiões diferentes, como no vale d'Oro, na Etrúria (Carandini,1985,I,1:52), nas terras ao redor do Monte Massico, na Campânia setentrional (Vallat,1983:254 e segs.), na região da antiga Tibur, no Lácio setentrional (Giuliani,1966:14) ou, ainda, na costa meridional do Lácio, entre Terracina e o rio Garigliano (De Spagnolis,1982:354) e mesmo no próprio subúrbio de Roma (Musco & Zaccagni,1985:90), manifesta-se uma nítida predominância de vestígios no dorso das pequenas colinas situadas ao pé dos maciços montanhosos, tendência que se repete nos dados de escavação, mesmo quando submetidos a uma simples análise preliminar (vide os exemplos citados abaixo). A confluência destes dados parece indicar um certo

padrão, válido, ao menos, para o tipo de fazendas descrito pelos escritores agrários, cujos produtos principais, o vinho e o azeite, se adequavam bem a essa posição colinar.

Ora, essa localização preferencial das casas de fazenda romanas determinou, em certa medida, o processo de enterramento e preservação das ruínas, afetando diretamente a qualidade e riqueza potenciais das informações que a escavação do sítio pode produzir. Em primeiro lugar, as superfícies colinares são particularmente sensíveis aos fenômenos de erosão, sobretudo quando submetidas a aragens constantes. Potter, por exemplo, estima que boa parte dos sítios pré-romanos da Campagna Romana foram obliterados já em época antiga, em virtude da intensa utilização agrícola da região pelos romanos (1985:24). São frequentes, por outro lado, nos relatos de escavação, as menções a materiais arqueológicos arrastados em direção aos vales<sup>(10)</sup> e não é incomum que partes inteiras de antigos edifícios desapareçam em função dos processos erosivos, mesmo quando erguidas sobre plataformas artificiais, como o setor SW da *uilla* de Vagni, ou a ala residencial da *uilla* de Vittimose, ambas em Buccino, na Campânia meridional (figs. 18-20) (Dyson & Holloway, 1971; Dyson, 1972:159) ou o setor E da *uilla* dos Volusii Saturnini (figs. 32-33), em Lucus Feroniae (na Etrúria meridional, Moretti, 1968; Moretti, 1977) para citar dois exemplos em áreas bem distanciadas. O grau de destruição varia, obviamente, caso a caso, dependendo de fatores como a profundidade das fundações (muitas vezes apoiadas sobre a rocha virgem), a estrutura dos muros em elevação (pisé, conglomerados de cimento etc) ou a composição dos pavimentos (terra batida, mosaicos, cimentados etc).

Nas regiões da costa tirrênica, além disso, onde predomina um solo de origem vulcânica, relativamente recente, a espessura natural do humus, sobre a rocha virgem, é naturalmente pequena, sobretudo acima dos vales (em Castel Giubileo, por exemplo, ao norte de Roma, não ultrapassa os 40 cm, segundo as sondagens de Quilici, 1976:263). A isto se soma um processo extremamente lento de formação das camadas

<sup>10)</sup> Nas sondagens efetuadas por Quilici em Castel Giubileo, ao norte de Roma, constatou-se que todo o material de uma *uilla* imperial escorregara para a base da colina (1976:263).

superiores do solo, em geral de origem eólica, sobre os restos das construções antigas, ou seja, acima dos estratos de destruição. Em muitos sítios, a exposição prolongada das ruínas aos agentes atmosféricos e à ação humana foi responsável pela destruição quase completa das estruturas em elevação e mesmo dos pavimentos dos antigos edifícios, dos quais pouco resta além das fundações. Mesmo um sítio relativamente bem conservado, como San Rocco, na Campânia setentrional, e construído sobre uma plataforma artificial, teve comprometidas as estruturas localizadas no sentido do declive, com o desaparecimento das superfícies antigas e das paredes acima da linha de fundação (fig. 80) (Cotton & Métraux, 1985:41). Em muitos outros sítios, presentes em nosso corpus, o desaparecimento das superfícies antigas é quase total (11). A perda dos níveis de ocupação e das relações espaciais entre as estruturas murárias acarreta, como se pode imaginar, sérios problemas no estabelecimento de sequências cronológicas e na interpretação funcional dos edifícios.

A insistência com que os escritores agrários romanos, e os dados dos levantamentos, indicam a existência de um padrão de assentamento colinar nas áreas rurais da Península, não exclui, necessariamente, a possibilidade real de encontrarmos edifícios em situações geográficas diferentes, sobretudo nas planícies e fundos de vale. Os últimos séculos da República foram um período de intensa expansão agrícola e, como sugerem fontes de natureza variada, de uma crescente demanda e competição por terras capazes de produzir para o mercado (12). Essa pressão sobre o estoque de terras das áreas centrais da Península manifesta-se pela presença, nos levantamentos de superfície, de restos de ocupação em contextos ecológicos menos favorecidos, como as

11) Como nos sítios de Castel Giubileo (fig. 37), via Tiberina (fig. 28), Casali di Mentana, Giardini di Corcolle (fig. 10), Torre Nuova (fig. 9), Torre di Rebibbia (fig. 34), e Monte delle Grotte (fig. 29), no Lácio; Blera (fig. 16) e Giardino Vecchio (fig. 13), na Etrúria; Quagliano di Napoli, na Campânia (fig. 12).

12) O século II a.C. foi, em muitas regiões, caracterizado pela abertura de clareiras (Duncan, 1958:92; Frederiksen, 1971:346) e Catão nos descreve o procedimento mágico-ritual para *lucus conlucare*, ou seja, para anexar uma parte da floresta ao território agrícola, cf. *De agri cultura*, 139. Esta expansão para áreas marginais, por sua vez, parece corresponder, em determinadas regiões, a um aumento da competição por terras entre os proprietários, como mostram as fontes de cunho histórico que tratam da época dos Gracos, Apiano, Plutarco e Salústio.

áreas de montanha (mas aqui se trata, sobretudo, de habitats aglomerados) ou os fundos de vale (Vallat, 1983: 225; Vallat, 1983: 248). Conhecemos, na verdade, alguns poucos edifícios escavados em fundos de vale, como as vizinhas uillae de Fosso di Montegiardino (do final do século II a.C.) e Fosso dell'Osa, na Campagna romana, além de vários exemplares pompeianos (p.ex. Della Corte, 1923: 271-274 entre outros). A escassez de dados, contudo, pode ser aqui enganosa. Os sítios de planícies, nas quais em geral se cultivam grãos, estão particularmente sujeitos aos efeitos da aragem; em algumas regiões, além disso, os trabalhos de recuperação de terrenos (bonifica) empreendidos neste século contribuíram para dificultar sua identificação (Vallat, 1983: 249). Mas há um outro fator que deve ser levado em consideração e que se relaciona com a teoria do younger fill de Vita-Finzi, segundo a qual os vales do Mediterrâneo teriam conhecido um intenso processo de sedimentação aluvional nos primeiros séculos da era cristã (Vita-Finzi, 1969: 72-76). Segundo Potter (1985: 37-39), que aceita em parte a validade do younger fill para a Itália, os sítios de fundo de vale teriam sido ocupados nos primeiros dois séculos do Império e, em seguida, sepultados por espessos estratos de aluvião, durante a antiguidade tardia e o período medieval, quando o assentamento nessas áreas teria se tornado impossível. Devemos considerar, portanto, que os sítios de fundo de vale se encontram, provavelmente, sub-representados no registro arqueológico. É possível que os edifícios aí localizados apresentassem características próprias, em termos produtivos ou arquitetônicos mas, se for este o caso, estas nos escapam quase totalmente.

Além dos fatores geo-morfológicos, há outros elementos que afetam diretamente a preservação dos vestígios. A partir dos últimos séculos da República, a construção de um edifício rural de certo porte envolvia, quase sempre, uma intervenção profunda no terreno escolhido para seu erguimento: nivelamento do solo até a rocha virgem, aterros, construção de terraços artificiais, abertura de trincheiras de fundação, preparação dos estratos pavimentais etc. Devemos admitir a possibilidade de que tal



atividade tenha, em muitos casos, apagado os vestígios de construções anteriores no mesmo sítio (13). Há, na verdade, certos indícios que nos permitem avaliar a extensão do fenômeno. Em alguns sítios, como Settefinestre, na Etrúria (Celuzza,1985,II:31), ou Vittimose, na Campânia meridional (Dyson,1983:13), foram encontrados traços, mais ou menos consistentes, de uma frequentação anterior à construção do edifício escavado, mas sem a identificação de estruturas relacionadas. Na escavação do sítio de Settefinestre, por exemplo, foram descobertos vestígios significativos de um assentamento etrusco de meados do século VI a.C. (fragmentos de cerâmica de impasto, bucchero e de telhas), provavelmente deslocados do topo erodido da colina e, em parte, transportados com o material de aterro utilizado na edificação da villa romana (Carandini 1985,I,1:57; Celuzza,1985,II:31), mas as construções correspondentes desapareceram. Em outros sítios, como na villa de Castel Giubileo, ao norte de Roma, pôde-se identificar restos de construções anteriores (no caso, blocos de pedra esquadros, de grandes dimensões), mas deslocados de seu contexto original e reutilizados no edifício remanescente (fig. 37) (Quilici,1976:274). Mesmo quando possuímos restos contextualizados, que preservaram sua estrutura original, a superposição de construções posteriores dificulta, ou impossibilita, a reconstrução das plantas dos sucessivos edifícios, sobre as quais predomina e se impõe aquela da última edificação erguida no local. As construções iniciais de sítios importantes como via Gabínia 11 (figs. 59-67), no Lácio ou San Rocco (figs. 75-87) e Posto (figs. 70-74), na Campânia setentrional, subsistem apenas como pequenos fragmentos, incorporados às construções posteriores ou escondidos sob pavimentos que os escavadores não quiseram remover (sobretudo em S. Rocco, devido à presença de mosaicos no período II). Em Monte delle Grotte (fig. 29), na via Flamínia, um grande edifício republicano se sobrepôs ao que parecem ser os restos de um templo etrusco(?), destino que coube, igualmente, ao santuário de Punta della Vipera, em S. Marinella, na Etrúria

13) Vejam-se, a propósito, as considerações de Scagliarini, 1978:7.

meridional, espoliado para a criação de uma villa romana (Torelli, 1985:110-111). No exemplo citado de Vittimose (figs. 18-19), podemos reconhecer várias estruturas datáveis do edifício original, em opus quadratum, como a área quadrangular calçada (um impluvium?), o grande pátio retangular (25), a base de um sacellum (?) (12) ou a cisterna a SW (33), além de grandes jarros enterrados (dolia) em vários pontos do sítio (indicados por círculos na planta), mas a relação entre esses elementos foi cancelada pelas construções posteriores. Já no sítio de Montegiardino, no Lácio, dois edifícios se sucederam em menos de um século, com total solução de continuidade entre suas estruturas (fig. 17). Em graus diversos, esse processo se reproduz em grande parte dos sítios de nosso corpus, em virtude de uma longa ocupação, marcada por sucessivas reconstruções ou readaptações dos edifícios, por vezes durante cinco séculos ou mais, tornando extremamente difícil, ou impossível, a leitura e interpretação dos fragmentos de edifícios mais antigos.

O processo de obliteração de estruturas traz consequências, sobretudo, para o conhecimento das construções mais antigas, certamente sub-representadas no registro arqueológico e cuja forma, modo de funcionamento e evolução apenas podemos entrever. Até aqui, no entanto, nos mantivemos no âmbito das estruturas em materiais perenes. Quando deslocamos nosso interesse para os edifícios em materiais de construção perecíveis - como madeira, palha, adobe - o que era penumbra se converte em espesso negrume. Construções nesses materiais, cuja existência é apenas presumível, podem ter desaparecido sem deixar atrás de si qualquer vestígio. Os edifícios cujas plantas possuímos são, na verdade, e exclusivamente, aqueles cujas fundações consistiam em blocos de pedra superpostos "a secco", ou em combinações de pedra e cimento, ou em fileiras de tijolos cozidos, também unidos com cimento. O emprego de tais meios, contudo, é relativamente recente na história da arquitetura rural da Península. O uso da pedra, atestado em área urbana já no final do século VII a.C. (na Etrúria), aparece no campo, segundo a documentação disponível, entre o final

do século IV e a primeira metade do século III a.C., no Lácio (Torre Nova, fig. 9, Giardini di Corcolle, fig. 10 e via Gabínia 11, fig. 60), na Campânia (Gragnano, fig. 143) e, num contexto específico, na Itália meridional, na região metapontina (Fabrizio, fig. 7 e Tolve, fig. 8). A introdução do cimento, por sua vez, deve datar da segunda metade do século III a.C., mas os primeiros exemplos conhecidos são do início do século seguinte, em edifícios públicos urbanos (templo de Mater Magna e Porticus Aemilia, ambos em Roma). Um terminus ante quem para sua introdução no campo é fornecido pelo texto de Catão, de meados do II a.C., onde se menciona a construção de paredes calce et caementis (14,1 e 4; 15,1; 16) numa uilla, e que podemos relacionar, como o restante do livro, com a área lacial e campana (cf. Kolendo, 1980:11-12). Não é necessário nos determos sobre o uso de tijolos de cerâmica, que se tornará comum somente em meados do século I d.C. Mesmo após sua introdução, tais técnicas construtivas devem ter se difundido lentamente, afetando certos tipos de edifícios, certos grupos sociais, certas regiões, antes de conhecer um emprego mais geral.

No conjunto da documentação proveniente de escavações, os edifícios em materiais duradouros são, assim, absolutamente predominantes, sendo impossível escapar do quadro que nos fornecem sobre a evolução da arquitetura rural. É muito difícil, com efeito, evitar a sensação de que essa predominância na documentação reflita um estado de coisas efetivo na realidade antiga. Todos os raciocínios construídos sobre a ausência de vestígios de estruturas - como sinal da ausência de uillae - partem precisamente dessa associação, que parece natural, entre os edifícios em pedra ou tijolos cozidos e as casas de fazenda romanas. Mas será mesmo assim? Quando se teria estabelecido tal predominância, e com que ritmos, afetando que tipos de edifícios? Por quanto tempo teriam convivido com construções em materiais perecíveis? O silêncio da documentação impõe aqui muita cautela, mas possuímos algumas pistas que podem nos revelar, ao menos, o perfil em negativo daquilo que ignoramos. Conhecemos, com efeito, algumas plantas de edifícios em madeira e adobe, na região etrusco-lacial,

datáveis do período orientalizante e arcaico. Como veremos no capítulo seguinte, são estruturas pequenas, entre 18 e 50 m<sup>2</sup>, delimitadas por estacas e fossos, que passam lentamente da forma de uma cabana ovalada à de um edifício retangular (fig. 3). Tais estruturas, cuja atestação em ambiente urbano se encerra com o período arcaico, podem ter sobrevivido no campo por um longo período, mesmo após a introdução e difusão de uma arquitetura de pedra. A persistência, na Itália dos dias de hoje, de edifícios rurais construídos em madeira ou palha parece indicar, se não uma improvável continuidade com o mundo romano, ao menos a possibilidade da coexistência de edifícios construídos com técnicas radicalmente diferentes numa mesma região (14).

Um indício ulterior dessa coexistência encontramos em certos edifícios do período republicano tardio, sobretudo na área etrusca. Estes apresentam, sobre fundações em grandes blocos de pedra, paredes construídas em materiais perecíveis, reproduzindo antigas técnicas de construção. Podemos mencionar, para o século II a.C., o edifício de Giardino Vecchio (figs. 13-14), no território de Cosa, cujas fundações em grandes blocos dispostos a secco sustentavam paredes de adobe; ou, ainda, na Etrúria meridional, as vizinhas uillae de Sambuco (fig. 15) e Selvasecca (fig. 16), cujos muros em argila apoiavam-se em fundações de blocos esquadriados de tufa. Já no sítio de Valledlunga, na região falisca, um edifício do final da República possuía paredes e divisórias em madeira, sobre uma base em pedra semelhante, na planta, àquela de Sambuco (Potter, 1985:137). Mesmo em um grande edifício rural do início do Império, como Settefinestre (fig. 89), em Cosa, paredes em argila erguiam-se sobre uma base em pedra e cimento (obra incerta), presente em todos os muros internos, não perimetrais, da construção. Para a área campano-lacial, por outro lado, nossas informações são, sobretudo, literárias. Catão, escrevendo em meados do século segundo, menciona, ao lado de paredes ex calce et caementis, outras construídas ex latere (ou seja, com tijolos crus, cf. XIV,1 e 4). Tais modos de se construir os muros internos e perimetrais de um

14) Veja-se Celuzza, 1984:158-159; Potter, 1985:135, tav. IIIb; Close-Brooks & Gibson, 1966:349-352.

edifício possuíam uma longa tradição na Península, como veremos, e os testemunhos mencionados mostram que o uso de materiais perecíveis - e de técnicas próprias aos edifícios em madeira, cana ou adobe - perdurou mesmo após a introdução e difusão do cimento e da pedra. É verdade, por outro lado, que edifícios construídos totalmente em madeira, ou em combinações de madeira e adobe, são raríssimos entre o material escavado. Poderíamos lembrar a parte rústica do primeiro edifício em Russi, erguido à época de Augusto, mas este, próximo a Ravena, localizava-se numa área marginal, com tradições arquitetônicas próprias (Scagliarini Corlaita, 1978:18-19). É possível, por outro lado, que certas estruturas em negativo, identificadas através de fotografias aéreas e indicando a presença de fossas retilíneas e retangulares, formando perímetros definidos, como em Casale Criscione, na Campânia setentrional, indiquem a presença de edifícios (no caso de pequeno porte) construídos em materiais perecíveis (fig. 178; cf. Compatangelo, 1986:605, figs. 9 e 10) (15).

Há, no entanto, um outro tipo de indício, talvez mais significativo. Os levantamentos de superfície efetuados em diferentes regiões da Itália central, no período republicano mas, também, durante o Império, revelaram uma presença constante, e numericamente relevante, de pequenos sítios sem estruturas identificáveis a não ser fragmentos de telhas. Tais sítios compõem, via de regra, a categoria inferior das tipologias estabelecidas pelos pesquisadores. Embora nenhum tenha sido regularmente escavado, é bastante provável que estejamos diante de edifícios em materiais perecíveis, cujo único elemento "en dur" era a cobertura cerâmica que protegia as paredes da ação corrosiva dos agentes atmosféricos. Potter supõe, mesmo, que tais edifícios tenham representado, em todas as épocas, o modo construtivo numericamente dominante (1985:137-138) e J.P. Vallat expressa, com clareza, a conclusão a que nos conduzem os dados dos levantamentos de superfície: "Parece, diz

---

15) Fora de nossa área, um exemplo semelhante, já escavado, talvez seja o de Posta Crusta, na Apúlia, onde se encontraram sulcos retilíneos, escavados na rocha, certamente anteriores ao erguimento do primeiro edifício em pedra no sítio (De Boe, 1975:521).

ele, que o habitat rural comportou, durante todo o período romano, um grande número de edifícios construídos com materiais leves, fato que se verifica, igualmente, em algumas cidades, como mostram as recentes escavações em Lyon" (1983:259). Quando, nos capítulos subsequentes, analisarmos a arquitetura rural romana, deveremos ter sempre presente que nossos documentos - e, portanto, nossas conclusões - dizem respeito, exclusivamente, aos edifícios contruídos "en dur", e que uma arquitetura com outros materiais, qualquer que tenha sido sua importância, permanece largamente desconhecida.

## b) Objetos e Estratos

Nosso acesso aos edifícios rurais romanos, contudo, é limitado por outros fatores, além das vicissitudes de preservação de suas estruturas fixas. Já tivemos oportunidade de mencionar como, durante séculos, os escavadores deram pouca atenção à coleta e ao registro dos objetos móveis que encontravam. Mesmo nos trabalhos mais recentes, no entanto, como as escavações de Posto, S.Rocco, Settefinestre ou Vittimose, que demonstram uma atenta preocupação pelos artefatos móveis e por sua distribuição espacial e estratigráfica, a reconstituição do mobiliário antigo e a compreensão funcional dos edifícios colocam-no diante de difíceis problemas. Começemos pelo que é um "lugar-comum" da pesquisa arqueológica: de toda a gama de objetos e materiais empregados no interior de um edifício rural romano (16), apenas uma pequena parcela deixou algum traço de si no registro. Os artefatos em cerâmica, como se sabe, tendem, por sua grande durabilidade, a prevalecer sobre aqueles produzidos com matérias-primas orgânicas, como madeira e osso, ou metálicas

---

16) Sobre a variedade do instrumental agrícola romano veja-se White, 1967; 1975.

(que, além dos processos de oxidação, são largamente reutilizáveis). Podemos perceber os efeitos dessa predominância através dos artefatos, ou fragmentos de artefatos, encontrados na villa de S.Rocco, particularmente bem escavada e publicada (Cotton & Métraux, 1985). A simples contagem numérica dos achados, embora seja um índice impreciso, é bastante reveladora: 43 moedas, 118 fragmentos de lamparinas, 37 de vidro (além de fragmentos não computados de vidro de janela), 36 de bronze, 12 de ferro (além de mais de 50 pregos), 14 em osso e mais de 2.311 fragmentos de cerâmica (17), representando cerca de 88% dos artefatos descobertos. Os dados de Settefinestre (Carandini et alii, 1985, II:33-263) e de Posto (Cotton, 1979:70-194) parecem corroborar esse padrão e é difícil determinar, hoje, em que medida este se afasta da composição efetiva do mobiliário nos vários períodos de ocupação dos edifícios. As villae de Pompéia, pela excepcional preservação de seus artefatos móveis, poderiam completar e corrigir o quadro que nos oferecem as escavações de sítios em outras regiões, mas o estado de publicação do material vesuviano não permite, em geral, uma análise mais aprofundada de seu equipamento. J.P.Morel, no entanto, num estudo recente (1984:258-260), utilizou-se do material da villa pompeiana de Pisanella, exemplarmente

---

17) O número total não pode ser estabelecido pelo relato de escavação que, por vezes, limita-se a expressões vagas como "many examples" ou "fairly plentiful" cf. págs. 239 e 250.

## As Fontes

publicada por Pasqui (em 1897!!), para estudar a composição do vasilhame de cozinha e de mesa segundo as matérias-primas empregadas, obtendo os seguintes resultados:

material	quantidade	porcentagem
prata	47	12%
bronze	154	29%
vidro	120	18%
cerâmica	200	36%
lâmparas	32	5%
total	553	100%

Embora a comparação seja imperfeita (pois aqui se trata de peças inteiras, e não de fragmentos, e apenas de vasilhame de mesa), os dados recolhidos por Morel permitem controlar melhor, e relativizar, a disparidade percentual que transparece nos relatos de escavação em favor do material cerâmico. Enquanto em S.Rocco os fragmentos de bronze representam menos de 2% do total de achados, em Pisanella os vasos neste material correspondem a 1/3 ou 1/4 do equipamento comum de cozinha e, se os artefatos em cerâmica ainda representam cerca da metade do vasilhame comum, aqueles em vidro são claramente predominantes com relação à cerâmica fina (idem, ibidem).

No tocante à preservação dos achados, há um traço, no entanto, que é característico dos edifícios rurais romanos e que afeta diretamente nossa compreensão, não apenas da disposição funcional dos aposentos, mas da própria cronologia das



sucessivas ocupações: em quase todos os sítios cuja escavação procurou recuperar as relações estratigráficas entre os achados, manifesta-se uma notável escassez de estratos de ocupação (Carandini & Settis, 1979:89). Mesmo em sítios extensos e complexos, como Settefinestre ou S.Rocco, são raros os níveis de ocupação formados por acúmulo de materiais descartados e por aportes de terra - a situação mais frequente é a superposição, quase imediata, dos níveis de destruição dos edifícios (restos de parede e de telhamento) sobre as antigas superfícies. Em S.Rocco, "grande parte do material relativo à ocupação do sítio, de todos os períodos, foi recuperado nos níveis de destruição, ou provém do subsolo arado e da camada de humus" (Cotton & Métraux, 1985:261); do material restante, a maioria provém dos aterramentos realizados para a construção dos terraços, ou do enchimento de poços e cisternas ou, ainda, foi encontrada associada a determinadas estruturas (nos interstícios dos muros ou nos níveis de preparação pavimental). Em Settefinestre, igualmente, os estratos de frequentação são raros: em todo o corpo central, e durante os dois séculos e meio em que o edifício foi ativamente ocupado, foram encontrados cerca de meia dúzia de unidades estratigráficas relacionadas à ocupação (18). Indícios de ocupação só se tornam frequentes, no corpo central do edifício, a partir do período III, quando este começa a ser abandonado (1985, 1,2:82-85). Não é difícil entender as razões de tal raridade. Já mencionamos o efeito das sucessivas reconstruções dos edifícios rurais sobre a preservação das estruturas e estratos mais antigos. Mas há outras causas: uma das características dos edifícios rurais romanos que chegaram até nós é a predominância, mesmo nas construções de menor porte, de pavimentos duros, desde solos de terra batida, muito comuns em ambientes rústicos, até superfícies absolutamente impermeáveis, construídas sobre vários estratos de preparação (opus signinum, opus spiccatum, cocciopesto, diferentes tipos de mosaicos e ladrilhados), que

18) Nos ambientes 50, 8 e 72, finos estratos, sem material associado, relativos ao período I; ao lado do muro perimetral 7, um amplo estrato de descarga de materiais, formado ao longo da existência da uilla; no ambiente 69, estrato de materiais acumulados após o abandono da latrina, cf. Carandini et alii, 1985, 1,2:59,60,69 e 79.

definiam um solo de ocupação claramente delimitado e constantemente limpo. Os escritores agrários romanos são enfáticos ao ressaltar a importância de manter os edifícios rurais limpos (19) e podemos reconhecer os efeitos dessa prática de limpeza na presença de depósitos de lixo no exterior de alguns edifícios rurais escavados, como Settefinestre (com três depósitos diversos: ao longo do muro perimetral norte, ao sul do pátio e diante do celeiro, cf. Carandini,1985,II:79 *inter alia*) ou Posto, onde os detritos da primeira ocupação foram localizados num poço ("black-pit"), escavado do lado externo do muro de terraçamento meridional (Cotton,1979:14). É fácil imaginar as dificuldades que a escassez de depósitos relativos à ocupação acarreta na determinação funcional dos diferentes espaços de um edifício. Técnicas usuais em arqueologia, como a análise da distribuição espacial de categorias específicas de artefatos (como cerâmica de cozinha, fusos e pesos de tear, etc), para relacionar áreas a atividades específicas, são de pouco auxílio, mesmo quando empregadas de modo sistemático, como em Vittimose (Dyson,1983:figs. 12 a 16, cf. nossa fig. 20a e b). A definição da função dos diferentes aposentos de um edifício rural depende, portanto, como norma geral, das estruturas fixas e de certas "features" (como bases de prensas, tanques de decantação, fornos, balcões de cozinha etc), na ausência das quais, como é frequente, a atribuição de funções a determinados espaços é pouco mais que mera adivinhação.

Os fatores de preservação representam, como vimos, um filtro muito seletivo: da variegada gama de edifícios que podemos imaginar povoando os campos da Itália romana, com suas formas arquitetônicas, mobiliários, instrumentos, habitantes, apenas uns poucos e esparsos fragmentos sobreviveram até nós, talvez demasiadamente poucos. A estes limites, tão estritos, da preservação das realidades antigas, se agregam, contudo, outros não menos importantes, e que dizem respeito aos modos de recuperação e registro do material que sobreviveu até nós. Não se trata apenas da seleção, consciente ou inconsciente, que o interesse dos escavadores operou na coleta e

19) Catão,2,3-4, "uillam purgati", munditias fieri"; 39, "uillam bene purgato"; 143, "munda (sc. uillica) siet: uillam conuersam mundeque habeat"; cf. Columella,XII,3,8.

documentação das estruturas e objetos que encontravam. É verdade que, até recentemente, documentou-se pouco e mal, privilegiando-se os objetos "artísticos", as formas "ricas", os exemplares únicos. As escavações modernas - e apenas elas - revelam, pela prolixidade de suas descrições, aquilo que perdemos com as escavações mais antigas ( e com as contemporâneas conduzidas com métodos "antigos"). Existe, no entanto, uma outra forma de seleção, que atua - não ao nível do registro - mas na escolha do que escavar, qual sítio, que parte do sítio. Uma característica é comum a muitas escavações de edifícios rurais romanos: a tendência a privilegiar os sítios maiores e mais ricos e, dentro destes, as partes mais nobres, como a habitação do senhor, pois aí se encontram os achados mais vistosos, mais importantes e mais numerosos, capazes de justificar, com maior eficácia, os fundos empregados na escavação. Isto explica, em parte, a raridade com que sítios pequenos aparecem em nossa documentação, assim como a ausência quase absoluta de edifícios construídos com materiais perecíveis. É óbvio que tal tendência é mais forte nas escavações "antigas", mas se reflete mesmo em projetos mais modernos. Citemos apenas um exemplo: no projeto de Settefinestre, voltado à escavação e interpretação de uma uilla romana de grande porte, julgou-se necessário, para complementar o conhecimento da organização interna do território do vale d'Oro, escavar um sítio de pequenas dimensões, que fornecesse testemunhos sobre a presença e as transformações da "pequena propriedade camponesa" (Celuzza & Regoli, 1982:383 e segs.). Tal iniciativa, louvável em si, não se materializou, contudo, numa documentação (proporcionalmente) tão rica como a produzida para o grande edifício de Settefinestre. O sítio escolhido, Giardino Vecchio, foi escavado em duas campanhas e publicado, como artigo de periódico, sem alguns elementos fundamentais, como perfis estratigráficos, relevos planimétricos estabelecidos por fases (o único relevo publicado é compósito) e, sobretudo, sem a descrição sistemática e detalhada do material recuperado (um dos pontos fortes da publicação de Settefinestre). Informa-se, apenas, que o material era

"muito abundante", com vasos inteiros em cerâmica comum ou de verniz negro e numerosos objetos metálicos (Idem,1983:464). Além disso, o levantamento de superfície efetuado na região identificou, aos pés mesmo da colina de Settefinestre, alguns sítios pequenos, sem estruturas visíveis, que antecederam à construção da uilla e sobreviveram no período imperial (Carandini et alii,1985,I,1:51 e 53). A presença de tais sítios não jamais é levada em consideração na análise da estrutura do fundus e, por questões de "comodidade", presume-se que se tratavam de dependências do edifício sobre a colina, ou de habitações de colonos (Celuzza & Regoli,1982:43). Como observou J.P.Vallat, no entanto, sua presença na base da colina não é irrelevante para a compreensão do edifício de Settefinestre, quer fossem estruturas complementares, moradias de trabalhadores dependentes ou núcleos habitacionais de camponeses livres (1987:196). Ela importa, sobretudo, quando se procura avaliar a extensão do fundus. o tipo de mão de obra empregado ou a destinação agrícola da uilla. Estes sítios, contudo, não foram escavados ou mesmo sondados, nem sabemos qual sua extensão ou que tipo de material de superfície foi coletado. Toda a atenção voltou-se para o edifício acima da colina, pelo pressuposto de que "...o assentamento do território de Cosa em época tardo republicana e imperial (se encontraria) suficientemente esclarecido após a escavação da uilla de Settefinestre" (Celuzza & Regoli, 1982:383).

A escavação parcial de certos sítios, motivada, muitas vezes por um interesse centrado nas áreas mais luxuosas, prejudica gravemente sua interpretação enquanto unidade e impede uma visão geral de sua planimetria. Como afirma o próprio Carandini, "...os arqueólogos...têm preferido escavar as partes padronais em detrimento das rústicas (pelo habitual preconceito histórico-artístico)" (Carandini,1985,I,1:126), disso resultando que "a grande maioria das escavações de edifícios rurais é inutilizável para uma tipologia global da uilla. não apenas porque se trata, geralmente, de desenterramentos, mas por serem (razão ainda mais elementar) estruturas apenas parcialmente escavadas, cujas várias partes ignoramos..." (1985,I,1:116-117). Certas

injunções do trabalho arqueológico, no entanto, tornam ainda mais difícil a leitura e análise das plantas (fundamentais para um estudo tipológico). Restrinjamo-nos às escavações "científicas": a maioria dos projetos atuais emprega, dada a extensão considerável dos sítios, um esquema de áreas de escavação mais ou menos amplo, que procura cobrir os pontos-chaves do terreno ou, por outro lado, evitar obstáculos como construções atuais ou mesmo árvores. Um esquema de trincheiras bem planejado, como o empregado para o corpo central da uilla de Settefinestre (fig. 94), que se vale da simetria do edifício para recompor as partes não escavadas, ou em S.Rocco, que é bastante extensivo, possibilitando uma visão global do andamento dos muros em todo seu percurso, diminui o peso das hipóteses e das idéias pré-concebidas na elaboração das sucessivas plantas dos edifícios escavados. À medida em que as áreas de escavação se tornam mais restritas, ou mais distanciadas entre si, os resultados são, progressivamente, menos seguros. Em Settefinestre, por exemplo, os chamados "novos alojamentos servis" foram escavados, pela necessidade de se preservar um olival, através de um sistema de trincheiras relativamente restrito, destinado a definir o andamento dos muros perimetrais e dando pouca ênfase aos espaços internos (compare-se a área efetivamente escavada com a planta proposta, figs. 122 e 123). Se a reconstrução da ala leste como uma série de aposentos modulares parece lógica, a repetição desse esquema na ala sul é bastante hipotética (onde está o muro que separa A102, A197 e A206?); tampouco a reconstrução do longo edifício central parece segura, sobretudo no tocante à sua circulação interna.

Toda planta é, de certo modo, uma interpretação do sítio, particularmente quando, como no caso dos edifícios rurais, séculos de construções e reconstruções no mesmo local tornam difícil visualizar as relações cronológicas entre os muros e entre estes e os pavimentos. É verdade, por outro lado, que muitos relevos planimétricos pecam, exatamente, pela omissão do escavador em interpretar as sequências cronológicas. É o caso das plantas diacrônicas, que "com muita frequência,

são incompreensíveis para o próprio arqueólogo" (Carandini,1981:127). No sítio ápuo de Posta Crusta, por exemplo, bem escavado sob vários aspectos, identificaram-se estruturas murárias correspondentes, segundo o escavador, a nove períodos distintos (De Boe,1975). Na publicação, contudo, apenas o edifício relativo ao segundo período aparece claramente delimitado por seus muros e pavimentos numa planta "legível" (fig. 56). Já as sucessivas reconstruções são apresentadas numa único relevo sintético que torna impossível definir a forma do edifício em qualquer momento dado (fig. 57; que muros e pavimentos deixaram de ser utilizados quando outros foram construídos?). O estabelecimento de plantas sincrônicas é, com efeito, uma das tarefas mais delicadas de qualquer escavação de um sítio complexo, pois implica na fixação de contemporaneidades entre estratos e estruturas (que, diga-se de passagem, também são estratos) sem qualquer relação de continuidade espacial. Os aposentos tendem a formar baciais estratigráficas autônomas, com sequências próprias que só podem ser relacionadas cronologicamente pelo material associado aos estratos; e este, como vimos, é frequentemente escasso. A estratégia de dividir a história do sítio em períodos (ou fases) sucessivos de construção e ocupação guarda certos perigos inevitáveis, sobretudo quando se é obrigado a relacionar, cronologicamente, atividades construtivas em pontos diferentes do sítio. Em Settefinestre, o chamado período II, fase A (fig. 116), datado pelos escavadores na época de Trajano, é empregado para congregar inúmeras alterações na planta original do edifício central e a construção de novos edifícios adjacentes. O que permite a junção de tais atividades num único momento é a pressuposição de que se trata de "um projeto de reestruturação unitário" (1985,I,2:60), cuja percepção pelos escavadores é a base do estabelecimento de um período sincrônico. Tal projeto seria caracterizado pela "alteração na produção da fazenda: cessa a de azeite e vinho que tinha lugar nos espaços rústicos do corpo central e se iniciam atividades produtivas diferentes, que de agora em diante se desenvolvem em outros edifícios (novos alojamentos servis e curral de porcos)" (id.ibid.). Uma análise

atenta dos elementos cronológicos disponíveis, contudo, demonstra como é a própria interpretação prévia da história do sítio que determina a periodização. Tomemos algumas atividades fundamentais: no corpo central, a extinção do moinho para azeitonas no ambiente 54, (idem,pág.67), a abolição dos torculares para vinho (idem, págs.72-73), a construção de um larário(?) no atríolo 54 (pág. 67) ou a transformação do suposto haras em latrina só podem ser relacionados temporalmente por seus terminus post quem, mas nada prova que tais intervenções tenham sido simultâneas. A remoção da mó para descorticar azeitonas, fundamental na definição do período (pois indica uma mudança de caráter produtivo), não pôde ser atribuída "com certeza a uma das fases deste segundo período de vida da villa" (que dura, contudo, cerca de um século). A própria descoberta da mó, depositada num canto do atríolo, parece sugerir que sua desativação tenha sido mais tardia do que propõem os escavadores. Tais incertezas, que se manifestam mesmo no interior de um único edifício, são compreensivelmente maiores quando se procura relacionar cronologicamente blocos descontínuos dentro de um mesmo sítio, como é o caso dos "novos alojamentos servis" de Settefinestre (figs. 123-124), tanto mais que as técnicas murárias dos períodos I e II são quase idênticas e que, segundo a publicação, não há qualquer elemento datante concreto que insira a construção destes supostos alojamentos no segundo período construtivo (ou em qualquer outro, cf. 1985,vol.II:171-181). Não se trata, aqui, de criticar a interpretação proposta (uma ação interpretativa é, afinal, indispensável para se estabelecer uma planta que faça sentido), mas de ressaltar o caráter subjetivo e relativo dos relevos planimétricos com os quais somos obrigados a lidar. E quando se trata de reconstruções axonométricas, que propõem hipotéticos segundos andares e

esquemas de distribuição das águas no telhamento, a dose de subjetividade é, obviamente, muito maior.

### c) Levantamentos de Superfície

Frente aos dados provenientes de sítios escavados, as informações que obtemos dos levantamentos de superfície possuem características - e limites - específicos. Em primeiro lugar, é preciso diferenciar, com clareza, entre uma mera listagem de sítios, detectados numa região qualquer, e uma prospecção sistemática, realizada no quadro de um território previamente definido e consciente dos fatores que determinam a identificação dos sítios. Apenas esta última pode fornecer subsídios úteis para a compreensão do funcionamento e evolução de um "sistema de assentamento". G. Barker (1986:7-30) definiu com precisão as variáveis envolvidas: delimitação de um território coerente, determinação da intensidade de cobertura necessária, emprego de técnicas de amostragem, avaliação da visibilidade diferencial dos vários tipos de sítio (por processos geomorfológicos, tipo de vegetação, solo, atividade agrícola, período do ano, tipo de material arqueológico aflorante, etc), tendo como pano de fundo uma dada problemática que oriente os trabalhos de prospecção. Tais elementos são fundamentais para se ter uma noção mais precisa da representatividade do material coletado frente às realidades antigas, ainda que "não devamos esperar elaborar 'mapas históricos reais' do mundo antigo: (pois) é ilusório procurar correlações simples entre os dados de um levantamento e as tendências históricas" (Barker,1986:21). É necessário ressaltar a importância da metodologia empregada na determinação dos resultados obtidos: prospecções efetuadas numa mesma área, mas com métodos diferentes - como as duas realizadas na região de Cosa, por Dyson (figs. 179-180) (1975; 1978) e pelo grupo de



Settefinestre (figs. 181-183) (Attolini & alii,1983; Celuzza & Regoli,1982) - forneceram imagens bastante diversas do assentamento antigo.

Grande parte dos levantamentos recentes, ou em curso, na Itália (como os efetuados no vale d'Oro, no vale do Albegna, no território da antiga Toscana, na Sabínia, ao redor do Monte Massico ou no Molise) parece guiar-se por princípios metodológicos sólidos, o que lhes confere uma relativa confiabilidade. Raramente, contudo, explicitam-se nas publicações - ou detalham-se nos mapas elaborados - os limites que o terreno, ou os métodos e circunstâncias da prospecção impuseram à reconstrução da ocupação antiga. A documentação apresenta, na verdade, certas deficiências quase generalizadas: dados insuficientes (a prospecção inglesa em Veios, por exemplo, não registra as dimensões dos sítios), publicações incompletas, mapas em escalas inadequadas, etc. Não é necessário, como faz Liverani (1984:47-48), negar qualquer confiabilidade aos levantamentos, mas é preciso ter em mente que seus resultados não são tão objetivos e seguros como, frequentemente, seus responsáveis parecem acreditar.

A leitura histórica do mapeamento produzido por uma prospecção de superfície depende, fundamentalmente, de dois procedimentos: o estabelecimento de uma cronologia relativa dos sítios, que fixe certos "estados contemporâneos", sobre os quais incidirá a análise, e a elaboração de uma tipologia das formas de ocupação, que dê estrutura de assentamento aos diferentes vestígios da presença humana no território investigado. Para as prospecções realizadas na Itália, a datação de um sítio pré-romano ou romano depende, essencialmente, da presença de certas cerâmicas finas cuja cronologia é relativamente bem conhecida: bucchero, cerâmica itálica, cerâmica de verniz negro, "sigillate" imperiais etc. A utilização da cerâmica como fóssil-condutor, no entanto, pode ser responsável por alguns "silêncios" na documentação. Um caso exemplar é a datação de sítios republicanos pela presença de cerâmica de verniz negro que, a partir do IV século a.C., tornou-se o vasilhame de mesa mais comum. Embora

possuamos vários grupos datados desta cerâmica - e um terminus ante quem preciso em 30 a.C. - é necessário ter cautela ao atribuir uma datação precisa aos tipos singulares, sobretudo em virtude do possível conservadorismo de certas produções locais (20). Os efeitos disso são bem visíveis nos resultados das prospecções inglesas na Etrúria meridional, analisados por Potter: todos os sítios com verniz negro são incluídos num único período, o quinto, que abrange os séculos III a I a.C. (fig. 192), aparecendo, no mapeamento, como contemporâneos - as transformações no habitat rural que têm lugar nestes séculos cruciais desaparecerem em virtude dessa contemporaneidade forçada (21). O mesmo poderia ser dito de outras categorias cerâmicas, sobretudo das produções africanas do Império. Mas há outros problemas. A ausência de uma dada categoria cerâmica não prova, por si só, que o sítio não fosse ocupado em determinado período: como lembra Rathbone (1981:27) devemos considerar que nem todos os habitantes do campo tinham acesso às produções mais finas - as únicas datáveis com alguma precisão. A rigor, a ausência de uma certa classe cerâmica num dado sítio indica, apenas, que este não a consumiu, não sendo uma prova absoluta da ausência de ocupação (vejam-se as considerações de Potter sobre o consumo das produções tardias, 1985:30). Os efeitos desse consumo diferenciado das várias categorias cerâmicas podem ser sentidos, em parte, pela grande porcentagem de sítios sem datação precisa que aparecem nas listagens dos levantamentos (22). A relação entre cerâmica de superfície e ocupação do sítio é, contudo, ainda mais complexa: a presença de categorias cerâmicas sucessivas num mesmo sítio (suponhamos uma sequência padrão - verniz negro, arretina, sigillata italiana, sigillata africana) não revela, por si só, se estamos diante de uma ocupação contínua ou descontínua, se um edifício grande existia, por exemplo, desde o século II a.C ou se sucedeu a um menor (e vice-versa, veja-se um exemplo em Celuzza &

20) Potter, 1985:109-110, mas veja-se, contra, Liverani, 1983: a datação pode ser mais precisa, apenas, quando nos deparamos com produções importadas de centros bem conhecidos.

21) Um agrupamento semelhante aparece em Dyson, 1978:259-260 e em Barker & Rasmussen, 1988:39.

22) veja-se Carandini, 1985, I, 1:53; Celuzza & Regoli, 1982:46; Attolini, 1983:455; Mari, 1983:34 e outros.

Regoli,1983:57). As consequências destes fatores no estabelecimento de mapas "contemporâneos" e, portanto, na análise da evolução de um assentamento, são fáceis de imaginar. Tais mapas são, sempre, construções mais ou menos artificiais, úteis como instrumentos heurísticos contanto que se tenha uma noção precisa de seus limites como fonte de informação (vejam-se as críticas de J.P.Vallat aos "mapas contemporâneos" elaborados pelo levantamento do vale d'Oro, 1987:195-196).

Outro ponto fundamental para a compreensão de um sistema de assentamento, a partir dos elementos levantados por uma prospecção, é a elaboração de uma tipologia dos sítios identificados, que permita visualizar as diferentes formas que a ocupação humana de um território assumiu num determinado período, entender o modo como se relacionavam entre si e com os centros urbanos e como evoluíram no correr do tempo. A prospecção superficial de um sítio, para as regiões e períodos que nos interessam, produz, na verdade, poucos elementos para sua inserção em determinado "tipo". Os atributos mais relevantes são, sem dúvida, a localização do sítio (23), suas dimensões (a área de dispersão, em metros quadrados, dos achados de superfície) e o tipo de material encontrado (restos de estruturas, artigos de luxo etc). Vale lembrar que nem sempre estas variáveis são empregadas conjuntamente, o que diminui a confiabilidade e a relevância das tipologias (24); já o projeto vale d'Oro e Albegna privilegia a extensão em detrimento, até mesmo, dos materiais, cf. Attolini,1983). O principal problema reside, no entanto, no sentido sociológico que é conferido aos diferentes tipos de sítio em diferentes tipologias. As principais categorias empregadas (grande uilla escravista com proprietário ausente, "uilla confortável!" com gestão familiar, pequena uilla, pequena fazenda camponesa, habitação de colonos,etc) baseiam-se na extensão do sítio e na presença, ou ausência, de elementos de luxo, para

23) Potter, por exemplo, distingue entre sítios abertos, sobre crinais ou altiplanos, e sítios fechados (1985:26); já Vallat (1983:248), por outro lado, ressalta a influência da altitude, diferenciando os sítios de montanha, de encosta e de planície.

24) Os levantamentos ingleses na Etrúria meridional, como vimos, não registravam as dimensões dos sítios, cf. Liverani,1984:47.

inserir as diferentes formas de ocupação dentro de um modelo, pré-estabelecido, de organização do espaço rural romano. A relação entre modelos e tipologias é clara: modelos diferentes tendem a reconstruir de modo diverso a tipologia de sítios de uma mesma região. O debate sobre a interpretação dos dados do levantamento de Veios é exemplar: para os ingleses, responsáveis pelo projeto, a grande porcentagem de sítios de pequenas dimensões (com menos de 2000m<sup>2</sup>) indica que a pequena propriedade camponesa sobreviveu às tempestades do final da República e que a grande propriedade escravista não logrou fixar-se na região (tão próxima de Roma!, cf. Potter, 1985:137-139); Celuzza & Regoli (1982:57 e segs.), refazendo a tipologia dos mesmos sítios, chegam à conclusão oposta, colocando os sítios pequenos como dependências dos maiores e reafirmando a vitória do "sistema clássico da villa escravista" (para uma crítica ponderada de ambas as alternativas vejam-se Liverani, 1984 e Vallat, 1987).

É preciso ter claro que os levantamentos não nos fornecem um quadro da estrutura agrária antiga: as relações de subordinação e dominância, a repartição das terras e das propriedades, as trocas comerciais e o universo das prestações entre sítios rurais nos escapam totalmente. Grande parte das análises de assentamento parte do pressuposto de que os sítios identificados no campo, ao menos os maiores, constituíam unidades produtivas autônomas e independentes: é esta noção implícita que permite, por exemplo, a Carandini e Celuzza & Regoli dividirem o território do vale d'Oro uniformemente entre suas "villas escravistas" (fig. 182), enquanto os sítios menores são tidos como dependentes dos maiores (25) e que fundamenta o estudo do *fundus* de Settefinestre desenvolvido por Carandini, que parte do pressuposto de uma radical autonomia de sua "villa escravista clássica" (Carandini, 1980:1-7). Este é um problema comum aos levantamentos e as escavações: que sentido atribuir ao sítio, à unidade que se escava ou mapeia? Como vimos, a interpretação dos sítios menores é bastante

25) Tais tentativas de reconstrução tem sido duramente criticada, vejam-se Rathbone, 1981:21; Gabba, 1982:378; Vallat, 1987:195-198.

discutida, sendo considerados ora como unidades autônomas - pequenas propriedades camponesas - ora como dependentes dos sítios maiores (como anexos ou como habitação de colonos). Para os sítios maiores, pressupõem-se que fossem o centro de unidades produtivas autônomas, relacionando-se com os centros urbanos e com os mercados externos, mas não entre si. Na verdade, as fontes escritas fornecem alguns argumentos para este modelo, atestando, para certos tipos de exploração agrícola (aqueles descritos pelos escritores agrários e pelas fontes jurídicas), uma organização da propriedade baseada em unidades de extensão média (para os padrões romanos), que operavam isoladamente mesmo quando contíguas e pertencentes a um mesmo proprietário (Capogrossi-Colognesi,1981:354), implicando, assim, um padrão de propriedade fragmentado em diversas regiões ou no interior de um mesmo território.

Podemos, contudo, nos perguntar em que medida tal modelo - que, no fundo, pode, em parte, derivar do modus describendi dos autores agrários - é generalizável para o conjunto dos sítios maiores. Alguns indícios, ainda que escassos, deixam entrever a possibilidade de um relacionamento mais complexo entre os próprios sítios rurais. Raros exemplos, nas fontes escritas, atestam que edifícios de um mesmo território (que num levantamento apareceriam como pontos isolados) podiam exercer funções complementares dentro de uma unidade produtiva maior: o locus classicus é a carta de Plínio a Calvisio Rufo (Ep.,III,19), na qual relata seu desejo de adquirir uma propriedade (com praedia e agri) vizinha à sua, mantendo as duas uillae simultaneamente (unam uillam colere et ornare, alteram tantum tueri). Como observou Skydsgaard, há mais de vinte anos, o texto demonstra como é perigoso calcular a área de uma propriedade com base na existência de uma só habitação (Skydsgaard,1969:39). Catão e Varrão mencionam como suas uillae, ainda que autônomas, mantinham relações de troca com seus vizinhos, complementando sua própria produção: em Catão parecem predominar prestações de serviços, como em V,3; em Varrão trocas propriamente mercantis, como em I,16, 2-3. Os dados arqueológicos nos fornecem, por

sua parte, curiosos indícios: um destes é a presença, em cidades como Pompéia, de máquinas de beneficiamento de produtos do campo (como prensas de vinho e azeite), obviamente para proprietários que não dispusessem desse instrumental em seus edifícios rurais (Della Corte, 1954:146-147). A Casa del Menandro, em Pompéia, ligava-se de forma muito clara a uma exploração agrícola no território de Pompéia, à qual fornecia alojamento para a mão de obra e depósito para os instrumentos rústicos (ao menos em parte) e para o armazenamento da produção (Maiuri, 1933) (26). Por vezes, relações de complementariedade entre edifícios rurais podem ser supostas a partir da posição e da forma dos edifícios. Alguns autores acreditam encontrar relações de tal tipo entre os edifícios com muro torreado no ager cosanus (incluindo Settefinestre, a hipótese parece lógica e foi proposta, entre outros, por Celuzza & Regoli, 1983:46) ou entre as vizinhas *uillae* de Posto e S.Rocco (Potter, 1985:140). J.P.Vallat, em seu modelo interpretativo do assentamento romano na região do Monte Massico, na Campânia setentrional, supõe, igualmente, a existência de relações complementares entre certos sítios, sobretudo entre as explorações menores, que não podiam suportar o alto custo das prensas e moinhos (1987:373; veja-se, também, Rathbone, 1981:15). São apenas hipóteses, sem dúvida, mas é preciso ter em mente a possibilidade de tais relações quando se analisa um edifício escavado ou os sítios de um levantamento: tiraram-se muitas conclusões sobre o desmantelamento das prensas de Settefinestre, mas não poderiam ter sido transferidas para outro dos três sítios com arquitetura semelhante na região, que os próprios escavadores imaginam pertencentes a um só

26) Algumas inscrições do centro urbano de Pompéia, além disso, indicam sugerem a execução de certas tarefas ligadas à produção agrícola, cf. CIL, IV, supp III, 8829: *Seueru(s) uim(ina?) seca(uit)* e 8830: *tridici (tritic?) mili(i) (modiorum?)*, ambos da casa de Trebius Valens; ou, ainda, id. *ibid.*, 8869: *V K(alendas) Aug(ustas) manipu(os) LX (conficiendos accepi), exec(utus sum) XII* (as reconstruções, conjecturais, são do editor Mateo Della Corte).

proprietário? Não é possível, certamente, responder a esta questão, mas ela é útil para nos ajudar a relativizar determinadas explicações aparentemente óbvias.

Como procuramos demonstrar neste capítulo, nossa documentação, apesar de numerosa, possui uma série de recortes e limitações que afetam a reconstrução que hoje podemos fazer da história dos edifícios rurais romanos. A impressão que temos é de que grande parte das "evidências" empregadas pela bibliografia moderna para abordar os edifícios rurais romanos apoia-se em casos singulares ou é vulnerável a uma crítica mais atenta. Não queremos, contudo, dar a esta impressão um tom exclusivamente negativista. Todo processo de produção de memória, como o que aqui se empreende, trabalha com fragmentos, mais ou menos numerosos, sobre os quais se apoia como bases fixas para elaborar um relato que pareça contínuo e coerente. Mas é necessário, sempre, saber da firmeza dessas bases, perguntar-se, a cada passo, onde as "evidências" são mais sólidas e encorpadas e onde, pelo processo interpretativo, somos obrigados a costurar, a remendar, a acrescentar coisas que imaginamos prováveis ou possíveis, mas que as fontes, por si, não corroboram plenamente. Nossa tarefa, nos capítulos que se seguem, será a de tentar reconstruir uma história dos edifícios rurais romanos, trabalhando nos limites da documentação, explicitando, sempre que preciso, onde inserimos nossos "pedaços", nossas próprias suposições.

### III

## OS PRIMEIROS EDIFÍCIOS

### As habitações arcaicas e o meio rural

Para construir uma história da arquitetura rural na Itália antiga dispomos, como vimos, de uma documentação esparsa e lacunosa, com diversos vícios de constituição. E se é verdade que toda história - como todo processo de construção de uma memória - se constitui a partir de fragmentos, em nosso caso tais fragmentos são, talvez, demasiadamente escassos e uma larga porção da realidade antiga está condenada a um eterno esquecimento. Dispomos dos dados das prospecções de superfície, que nos fornecem um quadro geral do desenvolvimento da ocupação rural em certas áreas da Península, mas sua perspectiva cronológica só tem sentido na longa duração, cadenciada, além disso, pelo consumo de certas categoriais cerâmicas responsáveis por quase todo o esquema de datação. Os levantamentos nos informam sobre presenças ou ausências, mas não nos fornecem a forma dos edifícios nem, como mostramos no capítulo anterior, nos permitem identificar, com clareza, suas funções. O estudo das formas arquitetônicas e de sua evolução depende, essencialmente, dos relevos planimétricos produzidos por escavações, mas aqui predominam, de modo absoluto, os edifícios em materiais duradouros - a arquitetura em madeira, adobe ou palha permanece fadada a um impenetrável olvido. Tantos são os fatores envolvidos na escolha de um sítio, e tão pequeno o número de sítios escavados em diferentes regiões,



que corremos sempre o risco de considerar típico o que era singular, ou de tomar por exceção o que podia ser a regra.

É verdade que, para certos períodos, a qualidade e a quantidade de nossas informações é relativamente maior: é o caso dos dois séculos ao redor da era cristã (I a.C.-I d.C.), para os quais dispomos de grande número de plantas de edifícios rurais, alguns muito bem escavados, em diversas regiões da Itália romana. É também o período áureo de nossa documentação escrita, que nos fornece inúmeras referências sobre o mundo rural romano e sobre a própria arquitetura das *villae*. Para este período, em particular, é possível analisar os edifícios rurais com certo detalhe, identificar modelos, estabelecer relações. Quanto mais recuamos no tempo, contudo, mais obscuros e escassos se tornam os fragmentos, mais incertas e arriscadas as interpretações. Possuímos pouquíssimas plantas de edifícios do século II a.C., quase nenhuma do III a.C.. Quando tentamos identificar as origens das formas que conhecemos no final da República, nos deparamos com um silêncio quase absoluto da documentação: as hipóteses levantadas pela bibliografia moderna - e pelos próprios autores antigos - são, neste particular, especialmente inseguras.

Dispomos, na verdade, de alguns pequenos indícios localizados, sem que possamos compor uma visão geral do desenvolvimento da arquitetura rural ou identificar, por exemplo, diferenças regionais. Duas transformações radicais, sobretudo, nos são conhecidas apenas através de vestígios isolados: a implantação da ortogonalidade na estrutura das residências e a introdução do uso da pedra (1). Na área etrusco-lacial, conhecemos algumas plantas das cabanas que compunham as aldeias da Idade do ferro desde o início do primeiro milênio e cuja forma permaneceu praticamente inalterada por vários séculos (Gierow,1966:12-34; Bergonzi & Bietti

---

1) Na verdade, edifícios ortogonais, com estruturas em pedra, aparecem na Península e na Sicília já na idade do bronze, em sítios associados à presença de cerâmica micênica: é o caso das grandes casas semisubterrâneas da aldeia apenínica de Luni, na Toscana, com fragmentos de cerâmica do Heládico tardio. É possível que tais edifícios devam sua concepção a influências externas, orientais. Em todo caso, parecem constituir uma tradição construtiva isolada, sem relação de continuidade com os edifícios posteriores, próprios à idade do ferro (cf. Boethius,1978:12 e segs.)

## Os Primeiros Edifícios

Sestieri,1980:49). Eram estruturas pequenas, com planta circular ou ovalada, erguidas sobre uma série de estacas e fossos escavados no terreno. É possível reconstruir sua elevação com o auxílio das urnas funerárias coevas, que reproduziam a forma das habitações dos vivos (fig. 1): tinham paredes verticais, construídas com barro prensado sobre um treliçado de canas, por vezes com uma janela ou mesmo um alpendre, como na cabana do Germalo, em Roma (Coarelli, 1985:126-127), cujo teto em duas águas apoiava-se numa grande trave central (fig. 2).

As escavações britânicas na cidade etrusca de Veios permitem acompanhar o destino de tais habitações. Próximo à porta noroeste da cidade, os escavadores encontraram uma sucessão de edifícios remontando ao século IX a.C.: o mais antigo era uma habitação circular típica, reconhecível pelos buracos das estacas escavados na rocha tufácea; durante o século VI a.C., contudo, sobre essa estrutura sobrepôs-se um edifício retangular, construído com uma técnica muito semelhante (estacas e fossos), porém muito mais amplo (mais de 40m<sup>2</sup>), dividido em três compartimentos e precedido por um pórtico (fig. 3). Entre os séculos VI e V a.C., o edifício foi reconstruído com fundações em pedra, mantendo o formato retangular e, provavelmente, a estrutura da elevação (Potter,1985:74-77 e 91). Um desenvolvimento semelhante pode ser observado em Roma onde, a partir do final do século VII a.C., as cabanas do *forum* foram substituídas por um edifício retangular com fundações em pedra - o protótipo da *regia* (fig. 4). A planta de tal edifício, que por seu caráter sagrado se reproduziu nos séculos seguintes sem alterações, e que parece ter-se fixado no final do século VI a.C., era muito semelhante à do edifício de Veios, com sua disposição interna tripartida e a presença, na parte frontal da construção, de um pórtico colunado (Ampolo,1980:166; Coarelli,1985:79-80). Edifícios análogos, igualmente em pedra, existiam também mais ao norte, como revelaram as escavações da Escola Sueca de Roma em Acquarossa (fig. 5), na Etrúria meridional interna. Observe-se como o mesmo esquema tripartido aparece empregado tanto em pequenas habitações privadas

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

como num grande edifício, talvez de caráter público, habitualmente identificado com um palácio real (a regia, cf. Cristofani,1979:63-68; Boethius,1978:226, nota 38 e 227, nota 53).

Os recentes trabalhos na encosta setentrional do Palatino, demonstram que o uso de construções retilíneas e de fundações em pedra estendera-se, já no século VI a.C., às habitações privadas (Carandini, 1986:436 e fig.133), embora devamos admitir que se continuasse a viver, ao menos em parte, em cabanas circulares (Ampolo,1980:166). Já as escavações de Marzabotto (fig. 6), uma cidade colonial etrusca da Itália setentrional, nos mostram como, a partir do século V a.C., as estruturas retilíneas e com fundações em pedra passaram a predominar nas edificações urbanas, mesmo em construções de caráter privado (Staccioli,1967:113-126). Essa transformação radical nos modelos e materiais construtivos parece, assim, estar diretamente ligada ao desenvolvimento das cidades, a partir do século VII a.C., e ao surgimento de novas hierarquias sociais e de novas necessidades arquitetônicas, expressando uma mudança na relação, que se tornava mais complexa, entre o homem e o espaço social e de habitação.

A documentação que possuímos se restringe, como vimos, ao recém-formado espaço urbano. Para este momento genético, em que se formava a distinção campo-cidade, não possuímos elementos para identificar um desenvolvimento correspondente na arquitetura do mundo rural. Nossos primeiros testemunhos sobre edifícios no campo, na verdade, só aparecem vários séculos depois e, mesmo assim, de modo saltuário e inexpressivo. Uma questão crucial, para os nossos propósitos, é definir quando surgiu uma arquitetura propriamente rural e como se diferenciou da urbana. O raciocínio é, aqui, particularmente complicado, não só por que lidamos com uma documentação escassa mas, sobretudo, porque temos de levar em conta a possível existência de cadências regionais, refletindo desenvolvimentos desiguais, não uniformes. Um pressuposto para identificarmos uma arquitetura rural específica é a

## Os Primeiros Edifícios

presença de um padrão de assentamento disperso, ou seja, que a população rural habitasse nos campos em edifícios próprios, isolados uns dos outros ( e não em aldeias). O fenômeno da urbanização, contudo, não correspondeu a uma dispersão imediata da população rural nos campos e a oposição campo-cidade constituiu-se, segundo parece, aos poucos, sem nunca chegar a se completar (2). Até a época de Augusto, ao menos, com tempos diferentes para diferentes regiões, boa parte da população rural vivia em núcleos habitacionais agregados (vici), pequenos aldeamentos que controlavam a exploração de determinados territórios (pagi). A organização pagânica, que antecede ao fenômeno da urbanização, sobreviveu a ele de modos diversos, participando da reestruturação do espaço rural que acompanhou a definição dos territórios e das fronteiras das cidades (Gabba,1979:23).

Alguns exemplos podem servir para ilustrar essa evolução. Na região de Castrum Novum, na Etrúria meridional, os séculos VII-VI a.C. viram o surgimento de cerca de doze vici que, no entanto, foram desaparecendo, pouco a pouco, em virtude da concorrência funcional das cidades: no século V, quatro deles deixaram de existir; cem anos depois eram apenas seis, com dimensões quase urbanas; no século III, finalmente, quando se fundou a colônia romana, desapareceram por completo

---

2) As cidades romanas, mesmo durante o Principado, exerciam ainda funções puramente agrícolas, não só como dormitório dos trabalhadores rurais (instrumentos agrícolas são comuns nas residências pompeianas, cf. Frederiksen,1971:353 e o exemplo, bem conhecido, da Casa del Menandro, Maiuri,1933; nas inscrições eleitorais aparecem, como proponentes de candidatos, vindemitores e agricolae, provavelmente trabalhadores avulsos habitando na cidade, cf. Della Corte,1954:70-71), mas como centros de beneficiamento (já mencionamos a presença de prensas na cidade, cf. Vos, 1982:167; Della Corte,1959:146-7), e até mesmo, de produção, como indica o vinhedo escavado por Jashemsky no que se supunha ser o forum boário de Pompéia (Jashemsky,1968:69-73; 1973:27-41). Aos vestígios arqueológicos devemos acrescentar, como vimos, algumas evidências epigráficas que mostram a execução, nas habitações urbanas de Pompéia, de tarefas complementares à exploração rural, como a confecção de cestas de vime ou de feixes de palha, ou ainda o armazenamento de grãos (cf. CIL IV, supp. III, 8829,8830,8869). Para vários núcleos coloniais, além disso, como Sutri, do século IV a.C. (Duncan,1958:92-93), ou Cosa, do início do século seguinte (Celuzza & Regoli,1985,1,1:51) é possível supor que a maioria da população original habitasse ainda no interior do perímetro urbano (pela ausência de vestígios no campo contemporâneos à sua fundação) e o mesmo pode ser aventado para as áreas centuriadas da Campânia setentrional (Vallat,1987:202). A presença de equipamentos agrícolas nas cidades é comum, igualmente, em ambiente grego, ressaltando a estreita ligação entre vida urbana e economia agrícola no mundo clássico, cf. Jones et alii,1973:418,nota 141.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

(Torelli,1971:43434). Em outras regiões, como na Campânia setentrional ou no Lácio, os *uici* formavam estruturas defensivas no alto das montanhas, presentes desde o século IV a.C. e que sobreviveram até o final da República, embora marginalizadas (Vallat,1983:249-250; Andreussi,1981:354). As fontes escritas são mais parcimoniosas a esse respeito, mas Skydegaard, baseando-se no fato de Tito Lívio mencionar a presença de *uillae* no subúrbio de Roma em 217 a.C., propunha, há mais de vinte anos, que um habitat rural disperso existisse em certas áreas da Itália central desde o final do século III a.C. (Skydsgaard,1969:28-29), supondo que se tratasse de um "fenomeno piuttosto recente". É possível, contudo, que ao menos para certas áreas, este "fenômeno" seja anterior

A existência de um habitat rural disperso pressupõe, entre outras coisas, uma forma de apropriação privada da terra e uma certa segurança de fronteiras, que permitam a exploração individualizada do território agrícola - além, obviamente, de uma certa expansão demográfica que torne necessário o aproveitamento de terrenos cada vez mais distantes dos núcleos urbanos. Tais condições parecem ter-se concretizado precocemente em determinadas áreas da Itália central, a julgar pelo dados dos levantamentos de superfície. Na Etrúria meridional interna, ao norte de Roma, podemos observar uma notável diferença de desenvolvimento entre a região falisco-capenate, onde o habitat agregado permaneceu, via de regra, dominante até a conquista romana (Potter,1985:115) e o território veientano onde, entre os séculos VII e VI a.C., o número de sítios rurais isolados, datáveis pela presença da característica cerâmica etrusca de bucchero, apresentou um aumento de quase 900% em relação ao período anterior (figs. 190 e 191) (Potter,1985:86,tab.2). Tais sítios, como ressalta Potter, consistiam em fragmentos de telhas e de cacos cerâmicos esparsos sobre o topo de pequenas colinas, sem sugerir qualquer preocupação defensiva. Nenhum foi escavado até o presente, mas a presença de mós, fusos e pesos de tear é indício de sua ligação com atividades agrícola-pastoris (Potter,1985:90). É possível, como supõe

## Os Primeiros Edifícios

Potter, que a arquitetura desses edifícios não se diferenciasse da que conhecemos nas casas retilíneas urbanas em madeira, e que fossem habitações unifamiliares, enviando seus excedentes para a comunidade central em Veios (id.ibid.).

A identificação das formas de assentamento no período imediatamente posterior à formação das cidades é, contudo, dificultada pela escassez de pesquisas e pelos problemas de datação. Em algumas áreas do Lácio setentrional, como a zona oriental do suburbio de Roma (3) ou a região de Tibur, para as quais dispomos de mais dados, podemos observar a convivência, desde o século V a.C., entre núcleos agregados (pequenos vilarejos) e alguns sítios isolados, mais modestos, compostos por pequenas áreas de fragmentos cerâmicos e telhas, sem estruturas aparentes. Alguns desses sítios são, quase certamente, sepulturas, mas outros poderiam ser, a julgar pela presença de telhas, pequenos edifícios retilíneos, quase certamente com uma área central circundada por cabanas em materiais perecíveis (Giuliani,1966:14) cuja função agrícola os colocaria, segundo alguns autores, como "os protótipos das *uillae*" (Mari,1983:32; Musco & Zaccagni,1985:90-91). Outro tipo de habitação unifamiliar, construído em materiais perecíveis sobre plataformas artificiais em obra poligonal, ocupava posições elevadas com uma clara preocupação defensiva e parece ter se restringido a áreas progressivamente marginalizadas pela conquista romana e pela ocupação colonial das planícies. Tais sítios, em geral modestos, aparecem em zonas bastante distanciadas entre si, como em Cora e Anagnia, no Lácio setentrional (figs. 200 e 201) (Andreussi,1981:349; Giuliani,1966:14) ou na Campânia setentrional, ao redor do

---

3) As pesquisas recentes nesta zona parecem, curiosamente, convalidar a informação de Lívio (II,62), que menciona *incendii uillarum et ulcorum* em 470 a.C., e que Skydsgaard interpretava como simples anacronismo.

Monte Massico (fig. 206) (Vallat,1987:202). Embora sejam, em sua maioria, mais recentes (posteriores ao século III a.C.), alguns poderiam remontar ao século IV a.C. (4).

Os dados expostos acima, embora dispersos e fragmentários, sugerem a existência de uma tendência que se afirmará no século III a.C., e comprovam o desenvolvimento precoce, sobretudo em determinadas regiões, de padrões de assentamento disperso que parecem se generalizar em diferentes regiões da Itália central, como o Lácio setentrional (Mari,1983:33; Giuliani,1966; Musco & Zaccagni,1985:91), a Etrúria meridional (Gazetti,1985:525; Torelli, 1971:434), o norte da Campânia (Cotton & Métraux,1985:XXIII-XXIV) e até mesmo áreas relativamente marginais, como a Sabínia tiberina (Moreland,1987:412; Muzzioli,1985:51), correspondendo a um declínio mais ou menos acentuado das aldeias e dos centros de menor porte, em benefício dos centros políticos maiores, sobretudo de Roma (5). Dispersão nos campos e concentração de certas funções nas cidades parecem, assim, dois processos complementares que se acentuam fortemente nos últimos séculos da República.

Há de se notar uma tendência, recente na bibliografia, em ressaltar a importância do século III a.C. neste processo, em oposição àqueles que, como Toynbee (1983:184-225 et passim) ou o grupo de Carandini (por exemplo Pucci,1985,1,1:15-17), colocam o início das transformações na economia e agricultura romanas apenas a partir

4) É preciso distinguir (o que nem sempre é fácil), nessas ocupações de altitude, entre núcleos agregados (os *uici* que mencionamos anteriormente) e habitações unifamiliares, cf. Vallat,1987:331-334).

5) Sobre a decadência de antigos centros no Lácio e na Etrúria meridional, veja-se Liverani,1984:44 - ao contrário deste Autor, contudo, acreditamos ser possível diferenciar entre os núcleos de habitação agregados (não apenas *uici*, mas pequenas cidades), que parecem efetivamente em crise no século II a.C., e aqueles ligados ao assentamento disperso que, ao contrário, parecem florescentes. O declínio de determinadas regiões vizinhas a Roma, que se acentua no curso do século II a.C., pode dever-se, ao menos em parte, à atração centripeta exercida pela Urbs sobre uma vasta extensão territorial. Esse processo de expansão urbana de Roma desembocaria, no início do Império, na formação do que L. Quilici denominou de cidade-região: uma imensa malha urbana que se estendia sem limites fixos de Roma até os Colli Albani, apresentando uma densidade máxima num raio que atingia o quarto ou mesmo o sétimo marco miliar (1979:314-315).

## Os Primeiros Edifícios

da 2ª Guerra Púnica. Sob diversos aspectos, o período compreendido entre o final do século IV a.C. e as guerras contra Cartago, marcou um momento crucial na história política e econômica da Península, criando as pré-condições para o subsequente desenvolvimento de uma economia mercantil integrada aos tráficos comerciais do Mediterrâneo. Neste período, declinaram as formas arcaicas de trabalho dependente, abrindo o caminho para uma utilização mais intensa da mão de obra escrava (Finley,1983:83-90; Gabba,1982:381). Ao mesmo tempo, a Península se viu, pela primeira vez, unificada politicamente. Sob a sombra de Roma, particularmente após Sentinum, garantiu-se sob uma paz interna duradoura, com o fim dos conflitos étnicos entre os povos da montanha e os agricultores da planície e das disputas entre as próprias cidades. O papel de Roma, neste período, foi crucial: em primeiro lugar pela intensa política colonial que realizou, promovendo, em diversos pontos da Península, uma profunda reorganização dos territórios agrícolas, através das centurições e da abertura de estradas que reproduziam e consolidavam o modelo da propriedade individual e do assentamento disperso (6). Entre 340 a.C. e 218 a.C., mais de 40 cidades coloniais foram fundadas, primeiro no Lácio e na Campânia setentrional e, após 290, em todas as regiões da Península (Salmon,1985:19). J.P.Morel identifica, já no início do século III, os primeiros sinais de expansionismo econômico de Roma, com uma produção artesanal de alta qualidade (a cerâmica das "petites estampilles") e a participação no eixo de trocas entre Marselha e Cartago - elementos que antecedem e que parecem dar um certo sentido às duas guerras púnicas e à expansão subsequente de Roma para fora da Península (1989:477 e segs). Não cabe, aqui, esgotar todas as evidências possíveis que sugerem que este século III a.C. presenciou a criação de novas potencialidades econômicas na Península e uma progressiva reordenação de seus espaços agrícolas. As particularidades regionais, no que se refere à estrutura agrária, às

6) Um dos mais antigos dentre tais assentamentos centuriados é o de Terracina, na costa do Lácio (fig. 197). Segundo Vallat, o espaço centuriado e a abertura de estradas foram duas pré-condições essenciais para o aparecimento das "villae" (Vallat,1983:224: "la villa...est fille de la route et du cadastre").



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

relações de produção e à inserção em circuitos mais amplos de troca permaneceram, sem dúvida, extremamente fortes, como ainda seriam nos séculos seguintes. Mas a presença de ânforas vinárias desde o final do século III (as greco-italicas), que começam a aparecer em diversos pontos do Mediterrâneo ocidental portando selos gregos e latinos demonstra que, ao menos em certas áreas, fora já feita uma opção decisiva pela produção mercantil voltada aos grandes mercados (Hesnard et alii,1989:30-31: "un vignoble commercial existait déjà en Campanie au IIIe. siecle").(7)

### Os primeiros edifícios rurais

Se o conjunto das informações de que dispomos para o século terceiro parece significativo, é preciso reconhecer, no entanto, que os dados concretos sobre os edifícios rurais são escassos e se prestam a várias objeções. Em primeiro lugar, como já observamos, os resultados dos levantamentos - nossa principal fonte para a expansão do assentamento disperso - tendem a englobar, num único período, todos os sítios com cerâmica de verniz negro (III-I a.C), o que torna a atribuição de determinada ocupação ao século III a.C, muitas vezes, bastante hipotética (8). Por outro lado, já mencionamos certas fundações coloniais, como Cosa, na Etrúria marítima, instaladas no início do século III, cujos territórios centuriados não revelaram, praticamente, nenhum sítio rural contemporâneo à sua fundação (Dyson,1978:259; Celuzza & Regoli,1985,1,1:51 - os

7) Há indícios arqueológicos, igualmente, da instalação de vinhedos no subúrbio de Roma já no século III a.C (Santangei Valenziani & Volpe,1980:206-215, mas a datação proposta não é confiável). Que a uva fosse já conhecida dos habitantes de Roma em épocas remotas, demonstram as escavações do Forum, cf. Ampolo,1980:31 (período IVA = 730/720 a.C-640/630 a.C.). Plínio menciona como Cíneas, o embalador de Pirro, se surpreendera com a altura das vinhas do Lácio (de Arícia) e com a má qualidade de seu vinho (HN,XIV,12).

8) Os trabalhos de J.P.Morel, contudo, possibilitaram um grande refinamento da cronologia desta "categoria" cerâmica. Para certas produções, ao menos, como a das "petites estampilles", que aparece em diversos sítios rurais, uma datação no início do século III a.C. é certa (cf. Morel,1980:92).

sítios rurais mais antigos em Cosa são do século II a.C.). Mesmo no perímetro interno da cidade de Cosa os restos do século III são raríssimos (id.ibid.). Não devemos esquecer que a intensa ocupação dos séculos posteriores pode ter cancelado, ao menos em parte, os vestígios desse período (como bem lembra Rathbone, 1981:16-19). Mas o fator principal liga-se, a nosso ver, ao tipo de material construtivo empregado. Que quase nada possamos dizer de concreto sobre a arquitetura ou as funções dos edifícios rurais do século III a.C. deve derivar, em grande parte, do uso de materiais perecíveis: aparentemente, as razões que possibilitaram ou estimularam o uso de fundações em pedra nos centros urbanos manifestaram-se, no campo, com um "atraso" de pelo menos duzentos anos (9).

Tal constatação se aplica, propriamente, à Itália central tirrênica, pela qual estamos particularmente interessados. Na zona de colonização grega no sul, que preservou características e tradições bastante próprias até a conquista romana (a rigor até a segunda guerra púnica, que marcou um profundo declínio da região), edifícios com fundações em pedra aparecem já no final do século IV a.C. Conhecemos a planta de algumas destas construções, como a "fattoria Fabrizio" (fig. 7) ou o edifício de Tolve (fig. 8), ambos na região de Metaponto (Tocco, 1974; Carter, 1986), onde, já no século V a.C., era intensa a ocupação do espaço rural por pequenas fazendas (Carter, 1986:480), ambas dedicadas à produção de vinhedos, oliveais e de trigo, segundo os dados paleobotânicos. Fabrizio e Tolve foram construídas sobre fundações de pequenos blocos de pedra "a secco" (uma técnica comum no mundo grego) e apresentavam uma planta bastante semelhante, com um pátio central quadrangular em torno do qual se dispunham os demais ambientes. O edifício de Tolve era particularmente notável, não apenas por suas dimensões (c.700m<sup>2</sup>) mas sobretudo pela avançada racionalidade no

9) Um das razões para a introdução relativamente tardia da arquitetura em pedra no campo pode ter sido a abundância de madeiras de construção, sobretudo nas áreas coloniais ou de exploração recente. Aos rituais para a abertura de clareiras descritos por Catão (a que já nos referimos) poderíamos acrescentar a presença, como limites das propriedades nos campos centuriados, das chamadas *arbores ante missas* - resquícios de antigas florestas abatidas durante a centurição (cf. Frontino, *de agrorum qualitate*, Blume, 1848:13).

uso do espaço interno, compartimentado em cerca de 25 ambientes com funções especializadas e agrupadas em blocos: as áreas de habitação estavam localizadas na ala norte e oeste, como os aposentos 21-22, acessíveis apenas por um corredor, que eram destinadas a um banho - o primeiro conhecido na Itália - ou os ambientes 11-13, que deviam compor o setor residencial, como indica a presença de reboco em suas paredes; à direita da entrada, concentravam-se as atividades produtivas, sobretudo no longo ambiente 9, que cortava o edifício de norte a sul e onde foram encontrados restos de fogueira, grandes jarros para armazenagem de grãos, além de um tanque retangular no ângulo sudoeste; já o grande pátio quadrangular a céu aberto exercia, simultaneamente, três funções: possibilitava a rápida circulação entre os aposentos e blocos (ao mesmo tempo em que os separava), atuava como poço de luz no interior do edifício e recolhia e canalizava as águas pluviais através de um tanque central revestido de ladrilhos. Entre os objetos recuperados havia restos de enxadas, foices e pesos de tear. O material cerâmico sugere que sua fundação se deu no final do século IV a.C. e o abandono um século depois, à época da segunda Guerra Púnica (há traços de incêndio no edifício), um período de vida semelhante ao da fattoria Fabrizioo.

Não possuímos dados equivalentes para a Itália central. Alguns restos de edifícios, no entanto, permitem supor que, a partir do final do século IV a.C., o uso de fundações em pedra já fora introduzido no campo. Nas vizinhanças de Roma aparecem então, pela primeira vez em âmbito rural, edifícios erguidos com blocos de cappellaccio, um material rochoso friável, de origem vulcânica, cuja utilização cessou, ao menos nas cidades, em meados do século III a.C. (Coarelli,1985:370; Morelli & Musco,1985:117). Na localidade de Torre Nova, a sudeste de Roma, sobre uma dorsal colinar dominando dois pequenos vales, descobriram-se, enterrados sob um edifício imperial, os restos muito fragmentários de um pequeno aposento, delimitado por dois muros em blocos de cappellaccio esquadriados (a chamada obra quadrada) e com um pavimento em terra batida (fig. 9). Não sabemos, no entanto, qual a forma do edifício e

## Os Primeiros Edifícios

que tipo de atividades ali eram executadas (Musco e Zaccagni,1985:99 datam a ocupação original entre o V e IV a.C.). Ainda no suburbio de Roma, numa região plana entre Gabii e Corcolle (numa localidade denominada Giardini di Corcole), descobriram-se recentemente os restos de um edifício médio-republicano sob uma villa posterior (fig. 10) (Morelli & Musco,1985:114-118). Trata-se das fundações de um longo muro perimetral em obra quadrada de cappellaccio, com raros blocos de tufo amarelo, delimitando três ou quatro aposentos a oeste, dos quais um (o único mensurável) com mais de 25m<sup>2</sup> de superfície (fig. 10, A). Apesar de fragmentária, a planta do edifício recorda as estruturas retangulares que viramos em contextos urbanos alguns séculos antes, com sua repartição em pequenos aposentos voltados para o lado maior, mas em uma escala ampliada (mais de 100m<sup>2</sup>). A presença de certas produções cerâmicas relativamente luxuosas (10) confirma a datação fornecida pelo uso de cappellaccio e sugere, além disso, um certo grau de conforto e prosperidade, condizente com o emprego, então raro, de materiais construtivos que pressupunham um processo de trabalho mais complexo e custoso (extração, transporte e preparo dos blocos esquadriados) e a presença de uma mão de obra especializada, talvez de origem urbana (onde se desenvolvera a técnica da obra quadrada (11).

Convém ressaltar que mencionamos tais exemplos, não porque sejam únicos, mas por dispormos de plantas minimamente inteligíveis. Restos semelhantes aparecem em outros sítios ao redor de Roma, como na localidade de Dragoncello, na margem esquerda do Tibre, próxima à colônia romana de Óstia (fundada no final do século IV a.C.), onde foram encontrados vestígios de dois edifícios, bastante destruídos, em obra quadrada de tufo, ambos sobre pequenas elevações (fig. 11, sítios E e G) (Pellegrino,1983: 81-83). Em E, a algumas dezenas de metros do Tibre, recolheram-se

10) Foram encontrados fragmentos de Heraklesschale, uma produção romana, datada da 2a. metade do III a.C. e com uma área de difusão restrita aos arredores de Roma e à Etrúria meridional (mas que aparece esporadicamente em outras regiões, como Volterra e, até mesmo, Alicante) (Morel, 1980:95).

11) Associada, primeiramente, às construções de caráter público e religioso e, sobretudo, às muralhas que se difundiram em torno das cidades da Itália central no século IV a.C.

fragmentos de cerâmica em verniz negro típica do século III a.C. ("petites estampilles" e "Heraklesschalen"), além de pesos de tear e cerâmica comum (12); em G, puderam-se identificar alguns pequenos aposentos retangulares, mas não dispomos de uma planta. Segundo Pellegrino (1983:83), estes pequenos edifícios devem relacionar-se com a fundação de Óstia e foram abandonados no final do século II a.C.

Nas vizinhanças de Roma, contudo, os restos mais notáveis provêm da localidade de Tor Bella Monica, no subúrbio oriental da cidade, ao longo da via Gabínia, a cerca de 14 km do centro de Roma (figs. 59-60). Sobre uma dorsal colinar circunscrita por dois leitos fluviais descobriram-se os restos de um grande edifício, com uma longuíssima história de ocupação (cerca de 500 anos) e que, a despeito de sucessivas reconstruções, nunca perdeu totalmente o contato com a planta original (Widrig,1980:119-140; Widrig,1983:141-182; Cotton, 1983:56-59). Nas publicações, ainda preliminares, as estruturas escavadas aparecem organizadas em dois períodos cronologicamente distintos, um republicano e o outro imperial, cada qual subdividido em uma série de fases. Estamos interessados, por enquanto, apenas no primeiro período (phase 1) e em suas sucessivas fases (a,b,c) (figs. 60-63).

A primeira construção atestada sobre o sítio é um pequeno edifício retangular, preservado ao nível das fundações, e que conhecemos de modo fragmentário em virtude das superposições posteriores (fig. 60). Os muros, formados por blocos esquadriados de tufa cinza, dispostos regularmente a secco e extraídos da própria colina (1983:142), compunham quatro compartimentos diferenciados, conectados por um longo ambiente orientado no sentido leste-oeste (1), cuja disposição se manterá durante toda a ocupação do sítio. Não possuímos dados sobre a utilização de cada aposento, nem sobre a disposição planimétrica geral do edifício. A distribuição dos ambientes, tal qual aparecem no fragmento de planta que possuímos, não deixa de ser curiosa: o retângulo central alongado parece compor o núcleo da habitação, ao qual

12) É preciso lembrar, no entanto, que fragmentos cerâmicos, quando não associados diretamente a estruturas, podem indicar, apenas, uma frequência do sítio prévia a qualquer construção.

## Os Primeiros Edifícios

se agregavam, de modo desordenado e inorgânico, os demais aposentos, um dos quais, ao sul, de dimensões bastante reduzidas, talvez formando um pequeno galpão externo (2). O ambiente na extremidade ocidental (3), igualmente excêntrico, é único em seu formato irregular e na presença de um calçamento com lajes de tufa cinza, que parece apropriado para uma área descoberta: é possível, como se supôs, que se tratasse de uma entrada, mas sua localização no lado menor do retângulo e o fato de possuir muros em todo o perímetro sugerem outras possíveis atribuições funcionais, talvez como área de trabalho, ou depósito; a vizinhança de um poço na fase seguinte e a singularidade de seu calçamento poderiam indicar, por outro lado, o uso de substâncias líquidas no local. O estado atual dos vestígios não permite, contudo, uma definição mais precisa das relações entre espaços e funções.

Não é possível definir, arqueologicamente, quanto tempo transcorreu até que este edifício passasse por uma primeira reforma em profundidade, ainda no século III. Os escavadores sugerem um espaço de cerca de 50 anos, o que pode parecer razoável para a vida contínua de um edifício rural, mas não deixa de ser mera suposição (13). Permanece o fato de que, algum tempo após a construção original, o edifício foi notavelmente ampliado, adquirindo uma estrutura que se manteria basicamente inalterada até a época de Augusto (fig. 61). Embora se preservassem a orientação geral e algumas fundações da construção anterior, o edifício passou por uma reformulação completa, parecendo seguir um projeto diferente daquele original. A técnica construtiva continuou sendo a obra quadrada, mas em blocos de tufa vermelha (provenientes de uma pedreira, 500 m a leste) assentados de modo mais irregular. A construção adquiriu o formato de um U, cuja base compunha um núcleo retangular com três aposentos ao fundo (2-4), de dimensões diferentes, precedidos por um amplo ambiente longitudinal (1), do qual partiam dois braços laterais. Entre estes se estendia

---

13) Duncan-Jones (1982:43), de modo igualmente arbitrário, imagina uma vida média ("working-life") de cerca de 30 anos para um edifício rural romano, mas admite que se trata de "a purely notional figure".

### **Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda**

um pátio ao ar livre, aberto a sul (5). O braço oriental era, provavelmente, guarnecido por um pórtico interno, sustentado por estacas cujas bases em pedra foram descobertas no pátio. Alojava, além disso, uma torre em sua extremidade meridional (é o que sugere a robustez das fundações neste ponto), protegendo a entrada do edifício (6). À ampliação no número de aposentos correspondeu uma certa especialização na distribuição dos espaços funcionais: o bloco retangular ao norte, pavimentado com um consistente assoalho de argamassa ("mortar") e decorado com pinturas do I estilo (das quais se descobriram fragmentos deslocados), parece ter formado um núcleo habitacional de uma certa elegância, que os escavadores supuseram articulado em dois

## Os Primeiros Edifícios

andares, precedido por uma área talvez coberta (em 1) que atuava como elemento de ligação entre os aposentos do fundo e os separava daqueles situados nos braços laterais (14).

Estes últimos, por sua vez, parecem ter abrigado, especialmente, atividades produtivas: seus pavimentos eram em terra batida, sem traços de decoração parietal. O braço ocidental, em particular, era caracterizado pela presença de uma interessante estrutura fixa (7): sobre um pavimento em argamassa, havia uma plataforma composta por lajes de tufa vermelha, com uma borda ressaltada, da qual partia um canal duplo, também em tufa, que se dirigia a sul, talvez desembocando num tanque (1980:121), e a oeste, numa cisterna a céu aberto (não visível em planta). Não há paralelos precisos para uma estrutura do gênero, mas certas características, como a base com borda ressaltada e os canais de defluxo, fazem pensar em uma base de prensa para a produção de vinho ou de azeite. Do lado ocidental do edifício, em sua parte externa, sobressaíam dois aposentos, um dos quais, calçado com lajes, sobrevivera da construção original; o segundo, de dimensões equivalentes, abrigava um poço de boca circular e era atravessado pelo canal da "prensa". Os escavadores interpretaram tais ambientes como entradas laterais distintas, para o setor residencial e para aquele produtivo, mas não foram encontradas soleiras ou quadros de portas. Desta mesma fase data a construção de um longo muro externo, conectado com a extremidade meridional do edifício e que definia um amplo espaço vazio a oeste da construção, talvez abrigando, no terraço assim formado, um jardim ou pomar (8).

Na fase imediatamente posterior (1c), talvez não muito distanciada no tempo, o edifício passou por algumas ampliações de menor escala (figs. 62 e 63), sempre em blocos de tufa vermelha, que regularizaram sua fachada ocidental através da criação de quatro novos pequenos aposentos, todos com pavimentos em terra batida

---

14) São meras suposições, contudo, as inferências dos escavadores, segundo os quais "the single, long east-west room at the base of the U is...certainly the common room for the family. It is here the women may have performed their special chores during the day" (1980:121).



(a, b, c e d). Não é possível determinar as linhas de circulação entre esses ambientes e o núcleo central, mas parecem ter servido, essencialmente, como depósito de ferramentas (15); ou talvez mesmo, como imaginam os escavadores, como alojamento para mão de obra. Trata-se, em todo caso, de um conjunto de aposentos definidos por seu caráter externo ao edifício, como se exercessem funções recentemente agregadas, porém não integradas de modo completo em sua estrutura espacial. Apesar de comportar reformas de pequena escala, esta fase ocupa uma posição central na reconstrução da história do edifício republicano: dela depende, de modo exclusivo, a datação das fases anteriores, envolvendo um problema de cronologia que, por ser bastante complexo, merece ser tratado à parte.

Como já tivemos oportunidade de observar, não foram encontrados depósitos estratificados associados às duas primeiras fases construtivas no sítio (16). Estes aparecem, com relativa abundância, na fase 1c, mas a interpretação do significado cronológico do material associado está longe de ser simples. Widrig (1980:122), baseando-se na presença de uma moeda uncial, datada de 217-215 a.C. (17), na estrutura de uma parede, atribui as alterações da fase 1c ao final do século terceiro. É preciso, contudo, agir com uma certa prudência: em primeiro lugar, o material associado a determinados estratos ou estruturas não fornece uma datação precisa destes e sim um mero *terminus post quem*. Mas não é só isso. Como lembra o próprio Crawford, em outro trabalho, bronzes republicanos dos períodos mais antigos permaneceram em circulação até o final do século I d.C., sobretudo em áreas rurais

15) Num dos aposentos foram encontrados fragmentos de uma relha de arado em metal, de uma foice podatória e de uma alavanca, sob um estrato do período II (1980:122).

16) O material empregado, uma tufa extraída no local, não auxilia na datação, como tampouco a técnica construtiva (obra quadrada a *secco*), que possui um arco cronológico bastante amplo.

17) A moeda foi identificada e datada por M.Crawford, segundo o qual estaria fora de circulação já no final do século III a.C (1983:170, nota 46).

## Os Primeiros Edifícios

(Crawford in Cotton & Métraux,1985:129-131), sendo, portanto, um instrumento particularmente inseguro para a datação do edifício (18).

Na publicação de 1983 os escavadores, acertadamente, dão prioridade aos fragmentos cerâmicos associados a estratos dessa fase. Entre estes, com efeito, aparecem algumas produções em verniz negro típicas do século III a.C., em particular bacias do tipo Lamboglia 27, e pateras Lamboglia 36 (Widrig,1983:fig.169,2,3 e 4), que Morel atribui ao ateliê romano das "petites estampilles" (Morel,1980:112), do primeiro quartel do século. Um fragmento de bacia ítalo-megárica, contudo, associado a esta fase, é certamente posterior a 175 a.C. (Widrig,1983:170, fig.36,7, segundo a cronologia de Marabini), o que deveria rebaixar a datação das reformas empreendidas na fase 1c de c.200 a.C., como propõe Widrig (1980:122;1983:144), para o segundo quartel do século II a.C. (como terminus post quem!) (19). A cronologia das intervenções anteriores no sítio (fases 1a e 1b) só pode ser feita de modo relativo. Mas como estimar o espaço de tempo transcorrido entre elas? Widrig supõe, como vimos, um intervalo médio de 50 anos entre cada período construtivo (1c = c.200 a.C.; 1b = c.250 a.C.; 1a = c.300 a.C.), mas o procedimento é arbitrário e inseguro (20). A presença de produções cerâmicas do século III a.C. sugere, no entanto (e é a sugestão que aceitamos aqui), uma frequentação bastante antiga do sítio e parece provável que possamos associá-la às primeiras construções. A título de hipótese, apenas, poderíamos

---

18) Bronzes médio-republicanos aparecem em diversos sítios rurais do alto-império como, por exemplo, em Pompéia (cf. Della Corte,1921:278; 1923:429) e, até mesmo, em regiões de colonização recente, como as Marcas, cf. Mercado,1980:116, em Cesano de Senigallia). É possível que tais moedas fossem carregadas de algum conteúdo simbólico: em um edifício na zona rural de Pompéia, a "villa Aselli", um as republicano do tipo Jano e proa localizava-se numa posição particular, em um nicho circular na parede de um dos ambientes de representação (Della Corte,1923:429)

19) É preciso, contudo, ressaltar que a publicação incompleta do material impede um julgamento mais abalizado sobre as circunstâncias de achado ou mesmo sobre outras formas cerâmicas presentes. Entre outras coisas, a bacia ítalo-megárica poderia representar um material intrusivo, proveniente dos níveis de ocupação da fase 1c.

20) Não há por que atribuir a mesma distância entre as fases: se 1b representa uma construção ex-novo, 1c é apenas uma ampliação menor.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

colocar o edifício de 1a em meados do século III a.C. (ou mesmo em seu primeiro quartel) e a reconstrução subsequente (1b) no final do século.

A ausência de uma datação mais precisa não diminui, contudo, a importância do sítio, nem se pode por em dúvida a grande antiguidade de suas sucessivas construções, que apresentam algumas características notáveis para a época, em particular no que se refere ao edifício em U da fase 1b. Um primeiro ponto diz respeito à técnica de construção: baseando-se na solidez das fundações, e em alguns restos de elevação, Widrig não descarta a possibilidade de o edifício ter sido construído inteiramente em pedra, hipótese que a existência de reboco decorativo nas paredes e a presença de uma eventual torre parecem reforçar (já a existência de um segundo andar, se é possível, não pode ser confirmada). O edifício, além disso, mostra uma disposição articulada dos ambientes, definindo espaços especializados, com uma visível separação entre partes habitacionais e produtivas, interligadas por amplos espaços de circulação. Estes eram também fontes de luz interna, incorporando, no caso do pátio, atividades executadas a céu aberto no interior da própria construção. As dimensões do edifício, com uma área de cerca de 600 m<sup>2</sup>, e a presença de certos equipamentos de conforto (como pinturas e cerâmicas finas) parecem indicar um núcleo rural relativamente próspero em pleno século III a.C. Tais características não nos permitem, evidentemente, definir com maior precisão a situação social do proprietário do edifício, nem avaliar seu nível de riqueza ou mesmo determinar seu local de residência habitual. Certas características, no entanto, como o uso precoce da pedra como material construtivo, ou a rápida adoção de equipamentos de luxo de origem urbana, são indícios de um nível de vida relativamente elevado, ao menos para esta época. Os dados de escavação, além disso, dão mostras de uma crescente prosperidade no sítio, observável tanto na forma arquitetônica, com a ampliação progressiva da área construída e a consequente complexificação da planta do edifício, como na importação, a partir do final do século III a.C., de uma gama variada de bens artesanais, alguns

## Os Primeiros Edifícios

provenientes de áreas longínquas. A última fase (1c), em particular, é marcada pela fixação de um modelo arquitetônico cuja organização espacial permanecerá inalterada nos próximos duzentos anos. Também nada podemos afirmar de positivo a respeito do tipo de mão de obra empregado na valorização da propriedade ou mesmo na manutenção do edifício: seria ela livre, escrava, ou uma combinação de ambas? Habitaria, ao menos em parte, no interior do próprio edifício, ou em moradias próprias, ou ainda em cabanas circunvizinhas, construídas em materiais perecíveis?

O edifício de via Gabínia comprova a existência, já no século III a.C., de edifícios rurais bastante complexos e sofisticados nas vizinhanças de Roma. A ausência de pesquisas sistemáticas nos impede de determinar a intensidade de sua difusão, mas é sugestivo que, embora as técnicas empregadas sejam de origem urbana, a disposição planimétrica do edifício nada pareça dever às casas citadinas que estudaremos mais adiante - trata-se do primeiro exemplo conhecido de uma arquitetura propriamente rural, pressupondo o desenvolvimento anterior de uma tradição que, por hora, nos escapa. Edifícios em pedra, aproximadamente contemporâneos, são bastante raros em outras regiões da Itália central, se excetuarmos os terraçamentos em obra poligonal, típicos das regiões montanhosas da cadeia alba, aos quais já nos referimos. Os poucos exemplares de edifícios com fundações em pedra, além disso, são muito fragmentários e têm uma datação incerta. Citemos apenas um exemplo: na Campânia, na localidade de Qualiano di Napoli, próxima a Nápoles, descobriu-se um edifício cuja planta data da época de Augusto (fig. 12) (D'Ambrosio, 1972), mas que apresenta em seu interior alguns blocos de tufo de grandes dimensões, sem relação aparente com a construção posterior (fig. 12, A). A presença de cerâmica "Campana A", não estratificada, sugere muito timidamente a possibilidade de que sejam restos de um edifício do século segundo, ou mesmo do terceiro, cujos blocos teriam sido

reempregados na elaboração dos cubília de reticulado do edifício imperial (21), mas não possuímos elementos para definir a planta do edifício ou para precisar sua datação.

### Os Séculos Escuros - Conclusão

Os dados à nossa disposição, como vimos, não permitem uma visão geral da evolução da arquitetura rural da Península até o final do século III a.C. Sabemos, através das prospecções de superfície, que um padrão de assentamento disperso era comum em certas áreas da Itália antes mesmo das conquistas romanas do final do século IV e do início do III, sobretudo na Etrúria meridional e na planície que separa a margem esquerda do Tibre dos Montes Albanos, mas quase nada podemos dizer sobre a forma dessas possíveis casas de fazenda; em outras regiões, como nas áreas colonizadas e submetidas à centurição ou nas planícies cerealíferas da Campânia, a maioria da população rural deve ter continuado, como vimos, a residir nos centros urbanos ou em aldeias, como ainda faria nos séculos seguintes (22). Edifícios em pedra, os únicos sobre os quais possuímos alguma informação, são atestados com maior evidência em duas áreas bastante distanciadas: na Itália meridional e no subúrbio de Roma, mas não é possível, por enquanto, estabelecer qualquer relação entre ambas. Os edifícios que conhecemos da Magna Grécia são bastante complexos e articulados em

21) A obra reticulada, típica do final da República e do início do Império, caracteriza-se pelo uso de cunhos de pedra quadrangulares (os cubília), regularmente dispostos, como paramento de paredes cujo núcleo é em cimento.

22) O exemplo emblemático, no caso, é a cidade de Capua, que os romanos pouparam, a despeito de sua traição na guerra contra Aníbal, para que "esset urbs quae res eas quibus ager Campanus coleretur suppeditare posset, ut esset locus comportandis condendisque fructibus, ut aratores cultu agrorum defessi urbis domiciliis uterentur, idcirco illa aedificia non deleta" (Cic., de lege agraria, II, 88; cf. II, 89: Capua é o receptaculum aratorum). Tito Lívio (XXVI, 16) apresenta razões semelhantes, mas ressalta com maior vigor o significado da cidade enquanto moradia para os habitantes do campo: "praesens utilitas uicit: nam propter agrum, quem omni fertilitate terrae satis constabat primum in Italia esse, urbs seruata est, ut esset aliqua aratorum sedes".

## Os Primeiros Edifícios

sua disposição espacial e parecem atender aos requisitos de uma produção agrícola (e artesanal) voltada, provavelmente, para o mercado urbano ou mesmo marítimo, e de uma habitação confortável para a residência de seu proprietário: elementos que indicam uma concentração de rendas no campo e sugerem, portanto, uma certa diversificação nas habitações rurais (note-se que o edifício de Tolve é bem maior que a "Fattoria Fabrizio") (23). Certas características da planta destes edifícios encontrarão eco, como veremos, em outras construções da Península nos séculos seguintes, mas a técnica empregada, com muros erguidos por pequenos blocos colocados a secco, é tipicamente local.

Com relação à Itália central, a penúria de dados confiáveis torna quaisquer conclusões arriscadas. Ao contrário da Itália meridional, é possível que a ocupação intensa nos séculos seguintes tenha destruído uma grande porção das construções mais antigas. Não deixa de ser curioso, no entanto, que os primeiros edifícios em pedra pareçam concentrar-se nas vizinhanças de Roma, empregando técnicas construtivas de origem eminentemente urbana. Há uma tendência geral em se colocar os inícios de uma agricultura mercantilizada na Campânia, sobretudo após a guerra anibálica, enquanto Roma teria permanecido, por mais tempo, uma sociedade camponesa, ainda sem conhecer grandes clivagens sociais no meio rural ou urbano. Tal perspectiva, contudo, prende-se por demais à letra da tradição escrita, sem levar em consideração os indícios que, sobretudo a partir do final do século IV a.C., sugerem para Roma um desenvolvimento econômico e social do qual era fonte de irradiação para a Itália central (Morel, 1989:477-491) (24). Vista sob esse ângulo, a presença de

23) Carter, 1986:460 observa que a chora metapontina, entre os séculos IV e III a.C. é dividida entre cerca de 612 estabelecimentos, com uma área média de 23 ha, o que exigiria o emprego de mão de obra extra familiar. Os dados paleobotânicos indicam certas transformações a partir da segunda metade do século IV a.C., com a substituição gradual de uma policultura de vinhedos, olivais e trigo pela monocultura cerealícola, com seus altos riscos de doença e exaustão do solo. Os olivais parecem ter entrado em rápido declínio a partir de fins do IV século.

24) Sobre a precocidade do desenvolvimento social de Roma em relação, por exemplo, à Etrúria, veja-se, entre outros, Ampolo, 1970:71-67. Sobre as possíveis consequências sociais e econômicas desse desenvolvimento, Gabba (1982:381) e Finley (1983:89-90). Segundo Vallat (1987:202) a imagem de uma Campânia felix é um produto do final da República e do início do Império e não corresponde,

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

edifícios em pedra no território da cidade, antes mesmo do final do século III a.C., parece indicar, a despeito do estado fragmentário e fortuito da documentação, uma situação social já bastante complexa no campo, com uma produção agrícola orientada, provavelmente, para a produção de um excedente mercantilizável e com o desenvolvimento de tradições arquitetônicas próprias, ao menos para os edifícios dos estratos superiores da população rural, cuja estrutura planimétrica parece uma versão, mais complexa e sofisticada, das velhas habitações retangulares em madeira (25).

É difícil ir além desse ponto. Não podemos estimar a difusão desse processo ou sua intensidade no século III a.C., nem possuímos elementos para determinar, com maior precisão, o significado social do uso da pedra em construções rurais - uma agricultura mercantil é também possível em edifícios de madeira, assim como construções em pedra podem abrigar, ao menos teoricamente, formas de produção orientadas para o consumo interno (26). Tampouco podemos identificar as formas que assumia a mão de obra empregada, por exemplo, num edifício como o de via Gabínia, embora possamos supor que se recorresse a trabalhadores externos. Esses dados, muito escassos, se não possibilitam a elaboração de um quadro da arquitetura rural anterior à 2a. Guerra Púnica, podem, no entanto, indicar certas tendências, que caberá ao século seguinte confirmar ou negar.

---

necessariamente, às condições imediatamente posteriores à conquista. Entre 350 e 250 a.C., em particular, a resistência indígena, e a própria natureza do solo, teriam dificultado a ocupação, sobretudo na Campânia setentrional.

25) É preciso admitir, no entanto, que a identificação de tais características depende, exclusivamente, da interpretação do edifício de via Gabínia, cuja datação não pode ser determinada com precisão.

26) Sobre tudo se tomarmos a noção de "consumo interno" em um sentido bastante lato, abrangendo a família do proprietário e seus dependentes, mesmo que residindo habitualmente em outro lugar, como nas cidades.

## UM NOVO CONTEXTO

**Transformações**

Há um certo consenso, nos estudos contemporâneos, em se considerar o século II a.C. como um momento crucial no desenvolvimento das estruturas produtivas da Península e na própria história política e social do Estado romano. Apresentar um quadro geral das transformações desse período seria, talvez, pouco útil e os próprios historiadores divergem quanto à sua natureza, suas causas, suas modulações geográficas e sua periodização. Não há, na verdade, um quadro definitivo, nem é nossa intenção produzi-lo. Alguns elementos, no entanto, são constantes para um número significativo de pesquisadores: a importância crucial das conquistas mediterrânicas para o florescimento econômico da Itália (pelo afluxo de riquezas, de escravos e de novos padrões culturais); o enfraquecimento da população camponesa em várias regiões da Península; o crescimento dos centros urbanos e de seus mercados, sobretudo de Roma e das cidades litorâneas; a difusão do uso de escravos, como serviçais mas, sobretudo, nas atividades produtivas, como artesãos ou agricultores; uma intensificação notável na circulação de bens e idéias pela bacia do Mediterrâneo; o início da crise do Estado romano (a partir do tribunicado de Tibério Graco, em 133 a.C.), prenúncio dos violentos choques do século seguinte...a lista é extensa e poderia incluir o crescimento do comércio e da produção urbana e rural, a importância crescente dos publicanos, as



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

alterações no recrutamento militar, as influências helenísticas na arte, na arquitetura, no estilo de vida da aristocracia etc.

Olhemos mais de perto o que se passava com a produção agrícola e o mundo rural. Não é tarefa fácil compor uma imagem precisa das transformações ocorridas na agricultura peninsular no curso desse século: nossas principais fontes escritas (os relatos de Apiano e Plutarco sobre as reformas gracas e o de agri cultura de Catão) referem-se às realidades agrícolas a partir de ângulos bastante divergentes, ora excessivamente generalizantes, como em Apiano e Plutarco ora, no caso de Catão, demasiado particulares. É entre esses dois pólos - encarados por vezes, falsamente, como complementares - que se debate a bibliografia contemporânea. É possível, no entanto, identificar com uma certa segurança alguns dos processos em curso, sem termos que explorar temas controversos como a extensão e uso do ager publicus ou a existência de "latifúndios" escravistas. As fontes que possuímos sobre o século segundo, mesmo que de natureza diversa, acrescidas do que sabemos sobre o desenvolvimento ulterior do mundo rural romano, sugerem que este período presenciou uma profunda alteração na geografia econômica da Itália e em seus sistemas produtivos. Seguindo uma tendência identificável já no século anterior, e com tempos diferentes para regiões diferentes, a costa tirrênic central da Península assistiu a uma expansão sem precedentes de certas culturas arbóreas (em especial de vinhedos e oliveais) e um recuo proporcional da produção de grãos (1). Parreiras e oliveiras ocuparam, progressivamente, as áreas mais propícias a seu cultivo, cobrindo as encostas do sistema colinar que margeia as planícies fluviais e litorâneas da metade ocidental da Itália. Podemos avaliar o sucesso e a velocidade dessa expansão pela presença crescente de

---

1) Isto não significa que a produção de trigo tenha descrecido. Pelo contrário, estudos recentes indicam que a produção cerealícola da Itália deve ter crescido no curso do século II a.C., participando do processo de mercantilização da agricultura que observamos em outras produções rurais (Spurr, 1986:143-144). Mas sua participação proporcional no produto agrícola global, em relação a culturas como a vinha e os oliveais, certamente diminuiu.

ânforas vinárias de origem italiana em diferentes sítios do Mediterrâneo ocidental (2). O elemento essencial, no caso, é a localização dos fornos, mas as atestações seguras são raras. Fornos produtores de ânforas greco-italicas e, posteriormente, de Dressel 1, ativos já no século segundo, foram localizados na costa setentrional da Campânia, ao longo do ager Falernus (Arthur,1982:31), na planície de Fondi e em Minturnae, no Lácio e, mais ao norte, na Etrúria central marítima, à altura da desembocadura do rio Albegna (Panella,1980:254; Hesnard et alii,1989:21-30). A despeito de certos problemas de interpretação e datação, são uma importante evidência sobre a difusão de uma agricultura especializada e mercantil.

Apesar de suas reconhecidas dificuldades em datar os sítios que encontram, os dados dos levantamentos de superfície indicam que, em certas regiões da Itália central, ocorreu uma notável densificação do habitat rural disperso durante o século segundo. No território de Cosa, por exemplo, aparecem então os primeiros vestígios datáveis de edifícios rurais (cerca de 50 sítios detectados), com uma área de dispersão dos restos de superfície entre 200 e 700 m<sup>2</sup> (fig. 181). Trata-se, portanto, de pequenas construções, não maiores do que aquela de via Gabínia, no Lácio. Tais sítios se distribuíam uniformemente pela malha centuriada do território e seriam atribuíveis, segundo os pesquisadores, a pequenas explorações camponesas (3). Apenas na segunda

---

2) O principal indicador da expansão dos vinhedos (e do comércio de vinhos) neste período são as ânforas "greco-italicas", produzidas desde o século III a.C., primeiramente, como se supõe, na Sicília e na Itália meridional (em ambiente grego, portanto). A partir do século II a.C., ou mesmo da segunda metade do século anterior, tais ânforas passam a ser produzidas, e a transportar o vinho, das regiões romanizadas da Península (trata-se das greco-italicas tardias "primo prodotto tipicamente italico e romano", Manacorda,1989:443, nota 2; sobre essas questões vejam-se, em geral, as contribuições no volume Hesnard et alii,1989). Carandini propõe datar o período entre 225 e 175 a.C. como o da instalação de modelos produtivos púnico-siciliosos na costa tirrênica da Península, sobretudo ao redor de Nápoles, com as primeiras exportações para a Espanha e Gália, sistema que se estendeu, nos decênios seguintes, à Campânia e ao Lácio e, daí, a grande parte da Península. Após cerca de 135 a.C., com a introdução de um novo tipo anforário, a Dressel 1, se assitiria, segundo Carandini, a um notável boom da produção vinícola, permanecendo até a época de César (Carandini,1989:510).

3) Segundo Carandini (1985:145), seria esta a época clássica da pequena propriedade camponesa.

metade do século surgiu, no centro do vale d'Oro, um grande estabelecimento, com mais de 7000 m<sup>2</sup> que, no entanto, seria abandonado cerca de 100 anos depois.

Um padrão análogo se reproduz em outras regiões da Itália central para as quais dispomos de informações mais detalhadas. Vejamos alguns exemplos: na Etrúria setentrional, desde fins do século IV a.C., mas sobretudo no II a.C. (Torelli,1981:423) observa-se um progressivo adensamento da ocupação rural dispersa ao redor da cidade de Chiusi, correspondendo a sítios modestos, localizados sobre pequenas alturas (Luchi,1981:418-419), aos quais se associavam pequenas necrópoles, com um mobiliário funerário bastante simples. No território de Heba, na Etrúria interna, o século II a.C. viu o surgimento de diversos pequenos sítios, sobretudo nos primeiros terraços que margeiam o rio Albegna (fig. 184a) (Attolini,1983:456); rio acima, ao redor da prefeitura de Satúrnica, 16 sítios, em geral de dimensões muito reduzidas, apresentaram cerâmica de verniz negro (fig. 185) (de um total de 30 sítios considerados romanos, Dyson,1979). No curso médio do rio Mignone, entre as antigas cidades de Tarquínia e Caere, o número de sítios atestados saltou de 17 a 30 na segunda metade do século (fig. 188a) (Gazzetti et alii,1985:525, que não dá indicações sobre sua tipologia). Ao redor da cidade de Toscânia, a construção da via Clodia, no final do século III a.C., parece ter correspondido a um incremento na prosperidade da região (Barker & Rasmussen,1988:39, sem indicações mais precisas).

Mesmo áreas mais internas, como a região sabina, ao longo do vale do Tibre, conheceram uma difusão do habitat rural disperso: pequenos sítios sem estruturas aparentes, a não ser restos de telhas, ocuparam o território centuriado de Cures Sabini (Muzzioli,1985:51-52) até a segunda metade do século. Surgiu, então, uma série de novas estruturas murárias, esparsas no território (fig. 189a), atribuíveis a substruções de grandes edifícios em obra incerta (7 casos) ou poligonal (em 2 ou 4 exemplos) (Muzzioli,1980:40). Construções semelhantes apareceram, nesse período, no subúrbio oriental de Roma, com sítios colocados sobre as encostas meridionais das

dorsais colinares, ou às margens da planície, identificáveis por substrações e cisternas (fig. 195) (Musco & Zaccagni, 1985:91-95) (4). Terraçamentos em obra poligonal eram comuns, por outro lado, nas áreas elevadas ao longo do rio Sacco, no território de Anagnina, e nas regiões montanhosas próximas a Tibur e a Cora, todos no Lácio (figs. 198-203). Eram sítios modestos, cuja ocupação se iniciou no século IV e se encerrou, geralmente, com o final do século II; nestas mesmas regiões surgiram, nesse século, alguns sítios novos, que por vezes reproduziam, como em Cora e Anagnina, os padrões de localização de seus antecessores, mas que na região de Tibur, onde eram mais numerosos, desceram em direção ao vale, ocupando as duas margens do Aniene (Andreussi, 1981:349-370).

Mais ao sul, no território ao redor do Monte Massico, os trabalhos de J.P. Vallat (1983; 1987a; 1987b) permitiram a identificação de cerca de 60 sítios (fig. 205), datáveis entre IV a.C. e IV-V d.C., alguns dos quais interessam-nos aqui. Os sítios de altitude, entre 150 e 500 m acima do nível do mar, eram formados por terraçamentos em obra poligonal ou incerta correspondendo, em alguns casos, a aldeamentos de origem pré-romana. A presença de materiais de época romana, como ânforas Dressel 1 ou cerâmica campana A e B, permite confirmar sua existência no curso do século II a.C. Eram, em geral, de dimensões modestas, quase todos com uma cisterna no ponto mais elevado, como em villa dei Greci, que ocupava uma área de 400 m<sup>2</sup> sobre um terraço artificial, sustentado por muros de contenção em diversas técnicas: em obra poligonal, quadrada e no que Vallat definiu como "incerto grosseiro". O sítio data, muito provavelmente, da primeira metade do século II. Já Madonna Grande é, a esta altitude (c. 200 m), o único sítio de maior porte datável em pleno século II, com amplas cisternas e imensos criptóporticos em obra incerta bastante grosseira, dominando a planície a menos de 1 km de distância. Os sítios melhor conservados localizam-se entre 80 e 150 m de altitude, em dois níveis distintos: ao

4) Não se trata, contudo, de um levantamento sistemático, e os autores extraem suas opiniões, ao que parece, da existência de apenas quatro sítios!

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

longo da curva de nível de 100m, sobre pequenos esporões entre dois vales e um pouco mais abaixo, aos pés do Massico, na desembocadura dos riachos que descem da montanha. Foi esta zona que conheceu, a partir de 150 a.C. (5), uma grande expansão do habitat disperso (que se acentuou no século seguinte), com sítios relativamente extensos, como em Ciesco Cupo (sítio 5 Sessa), com cerca de 1000m<sup>2</sup>, ocupado até o III/IV d.C. Na áreas centuriadas da planície, ao contrário, os vestígios do século II a.C. referem-se, sobretudo, a habitats agrupados, provavelmente uici. e os poucos sítios dispersos identificáveis eram de dimensões muito modestas. Vallat identifica, nos sítios de média altitude, sinais do surgimento e difusão de *villae* do "tipo catoniano" (com uma área de cultivo que calculou em cerca de 50 ha), destinadas à produção mercantil e explorando as terras às margens do cadastro da planície (6).

O levantamento de superfície efetuado pela Escola Britânica na Etrúria meridional, ao norte de Roma, merece um comentário a parte (fig. 192). Como já tivemos oportunidade de mencionar, a periodização, baseada na presença de cerâmica de verniz negro, não permite diferenciar, cronologicamente, os três últimos séculos da República. A despeito desta limitação, podemos extrair alguns dados significativos: em comparação com o período anterior (século IV a.C.), os sítios com cerâmica de verniz negro representam, nas diversas áreas prospectadas, um salto quantitativo notável (fig. 191). Em Veios, por exemplo, o número de sítios identificados cresceu de 127 a 242 (um aumento de 90,6%); na região falisca, passou de 104 a 142 (mais de 37,6%) e na área capenate, de 22 a 90 (309%), formando sistemas de assentamento relativamente estáveis, sobretudo ao redor de Veios, onde 89% dos sítios (incluindo os de pequenas dimensões!) sobreviveu ao final da República (Potter, 1985:145, tab. V). Em todas essas

5) A datação é feita pelo material construtivo, que Vallat define como "incertum grossier" para distingui-lo do "incertum soigné" e do reticulado (raro na região) do final da República.

6) A região ao redor do Massico tornou-se, nos dois últimos séculos da República, uma grande produtora de vinhos, entre os quais o célebre *falernum* (mas também o *faustinianus* e o *calenus*). A presença de fornos anfóricos no litoral, que já mencionamos, atesta uma produção ativa desde, ao menos, inícios do século segundo. O falerno, em particular, se tornaria famoso a partir de cerca de 120 a.C., como um dos grandes vinhos da Itália.

áreas, era grande a proporção de sítios de dimensões modestas (sobretudo nas áreas de relevo mais acidentado, ao norte) e a densidade de ocupação parece excluir a existência de grandes unidades produtivas (7).

Não cabe, aqui, discutir em detalhe a polémica entre ingleses e italianos sobre a interpretação de tais dados (8). Os resultados das prospecções inglesas, no entanto, foram recentemente postos em causa por um estudo mais acurado dos tipos cerâmicos envolvidos no esquema de datação (sobretudo em relação ao *ager falisco*), que teria revelado uma grande predominância de formas dos séculos IV e III a.C., com um percentual relativamente escasso de tipos posteriores. Isto poderia indicar, não um adensamento da população rural, mas um verdadeiro abandono dos campos e centros urbanos em diferentes regiões da Etrúria meridional (Potter, 1985:109-110; Liverani, 1984:44). Existe a possibilidade de que as formas cerâmicas locais fossem marcadas por um certo conservadorismo com relação aos centros produtores mais importantes, dos quais depende nossa cronologia. A questão apenas ressalta a inadequação da cerâmica de verniz negro como indicador cronológico (Potter, 1985:110). É interessante notar, no entanto, que diversos centros urbanos (9) e núcleos rurais agregados parecem passar por uma certa crise no período, sobretudo no curso superior do Tibre, em Cures Sabini (10) e Crustumerium, e em diversas áreas do Lácio (Gabi, Lavinio, Ardea) e da Etrúria meridional costeira (em Caere, por exemplo, cf. Torelli, 1985:62), mas esse fenômeno pode ser atribuído, ao menos em parte, à

7) No *ager falisco*, por exemplo, 35% dos sítios rurais possuem uma superfície bem abaixo dos 1000 m<sup>2</sup>. 43% situam-se entre 1000 e 1400 m<sup>2</sup> (com um máximo de 2000 m<sup>2</sup>) e apenas 22% têm mais de 3500 m<sup>2</sup>. Em Sutri, mais ao norte, a proporção de sítios grandes cai para 13%, enquanto em Veios a porcentagem é bem maior, com cerca de 33% dos sítios (1 a cada 2 km<sup>2</sup>) (Potter, 1985:135-136, mas as porcentagens consideram os sítios de todos os períodos. Se tomarmos apenas aqueles datados entre III e I a.C., a porcentagem de sítios grandes, em Veios, cai para 10%, cf. Vallat, 1987:182).

8) Enquanto os ingleses vêm, nos dados da prospecção, uma prova da permanência da pequena propriedade até o final da República, o grupo de Carandini atribui os sítios pequenos a dependências dos maiores, como habitações de colonos (veja-se a respeito, Celuzza & Regoli, 1982:56 e segs. e o comentário de Vallat, 1987:182).

9) Insistimos mais uma vez: é preciso separar com clareza - e este é o ponto em questão aqui - a situação de determinados centros urbanos, eventualmente em crise, da de seus territórios agrícolas (como bem mostram os exemplos de Cosa e Cures Sabini).

10) Que teve sua área reduzida em 2/3 (Di Manzano & Leggio, s.d.:3).

imensa concentração de funções urbanas, e de população, em Roma, para onde as fontes escritas atestam constantes fluxos migratórios desde o início do século (sobretudo a partir do Lácio, veja-se Tito Lívio, 39,3;41,8) (11). A eventualidade de uma crise em certas regiões não nega, no entanto, aquilo que o conjunto das evidências aponta para o século II a.C.: uma notável difusão do habitat rural disperso em diferentes áreas da Itália central tirrênica. A tipologia variável dos sítios encontrados, por outro lado, deixa entrever, ainda que vagamente, a existência de tipos diferentes de edifícios rurais, que poderíamos atribuir a sistemas diversos de produção agrícola - da pequena exploração camponesa, em suas múltiplas formas, às fazendas produtoras de vinho e azeite para o mercado, cuja difusão se fez sentir no curso do século e cujo desenvolvimento podemos acompanhar, sem muita clareza, no entanto, através de uma gama variada de fontes.

É sobre estas últimas fazendas, que compunham uma forma específica de produção agrícola, que Catão nos fornece alguma luz, ainda que ambígua. O de agricultura, com seu texto descosido e paratático, menciona com efeito diferentes unidades produtivas no campo, entre as quais um vinhedo com cerca de 25 ha (XI,1), um olival com cerca de 30 ha (III,5), outro com 60 ha (X,1) e um fundus suburbanus, que produzia frutas e madeira de lenha para o mercado urbano (VII). A exploração de uma propriedade agrícola, para Catão, centralizava-se nas casas de fazenda - as villae - onde moravam um capataz (villicus), sua companheira e alguns escravos, e onde se preparavam as refeições diárias, se guardavam os instrumentos de trabalho e se beneficiavam e armazenavam os produtos da terra. Catão, que escreveu para proprietários que não residiam no campo, mas o visitavam regularmente, previa contingentes relativamente reduzidos de escravos (dezesseis no vinhedo de 25 ha, onze no olival de 60 ha, incluindo o capataz e sua companheira), cujo trabalho costumeiro

---

11) A migração para Roma fazia parte de um movimento mais amplo da população itálica no período: das montanhas para as planícies, do interior para o litoral, dos núcleos menores para as cidades ou dos centros urbanos para habitações isoladas no campo.

não excluía aportes variados de mão de obra externa, ou seja, que não habitava sob o mesmo teto, nem pertencia ao fundus: apanhadores de uva e azeitona, operadores de moinhos e prensas, arrendatários (de pastos e de inteiros fundi), vizinhos e parceiros, tendo como pano de fundo uma estrutura de propriedade bastante complexa. A despeito de todas as ilações já extraídas da famosa sentença do livro, "patrem familias uendacem, non emacem esse oportet" (II,7), o objetivo final da produção agrária era, em Catão, claramente a venda no mercado dos produtos em que se especializava, para a obtenção de rendas, em produtos é verdade (12), mas sobretudo em moeda (13).

O problema crucial é determinar para que regiões ou grupos sociais seria válido este "modelo" catoniano (penso aqui, sobretudo, no que respeita à arquitetura rural). Catão, como já mencionamos, tinha em mente um âmbito geográfico relativamente restrito: realizava suas compras numa área compreendida entre Roma a Pompéia (CXXXV), com uma menção esporádica à Lucânia, mas as propriedades que menciona localizavam-se no Lácio meridional (Casino) e na Campânia setentrional (Venafrò) (14). Na verdade, não podemos determinar sua representatividade sequer para essa ampla região. Catão, apesar de ter nascido em uma pequena cidade, era senador de Roma, membro ativo da aristocracia política de um Império em expansão. Ainda que residindo em Roma, ou nas proximidades, envolvia-se na gestão de

---

12) Como madeira do fundo suburbano (VII, mas veja-se, também, o capítulo LV), queijo, leite, carneiros, trigo, dos diferentes arrendatários mencionados (CXXXVI, CL; mas em CXLIX, o arrendatário de uma pastagem paga em dinheiro).

13) É o que deixa claro em diversas passagens: ao comparar o quaestus proveniente dos campos com aquele produzido pelo comércio e pela usura (Prefácio) Catão pensa, obviamente, numa renda monetarizada; ao fazer suas contas com o capital, o primeiro item é, previsivelmente, a ratio argentaria (II,5); ao transcrever contratos de venda da produção (da uva e da azeitona no pé, do vinho in dolliis), por fim, previu o pagamento em moeda (cf. CXLI-CXLVIII). Catão precisava de numerário para adquirir os produtos artesanais de que necessitava a fazenda (desde prensas e moinhos até ferramentas, utensílios de cozinha e roupas, cf. XXII,3, LIX e CXXXV) mas, acima de tudo, para manter seu train de vie na cidade e para financiar outros investimentos que, a crermos em Plutarco (Catão, 21), se estendiam da usura marítima ao treinamento de escravos. Participar mais intensamente dos circuitos "monetários" da economia romana era, sem dúvida, uma das vantagens da fazenda catoniana sobre os pequenos camponeses.

14) É preciso ressaltar, contudo, que nestes dois únicos casos, Catão refere-se à produção, por parceria, de grãos, e não de vinhedos ou olivais (CXXXVI). Sobre o caráter regionalizado, campanolocal, do texto catoniano veja-se Gabba, 1979:31-33.



propriedades rurais em territórios de diversas outras cidades. Para estas, representava uma inversão de capitais provenientes de Roma, em terras obtidas por via do mercado (Catão não faz quaisquer referências a heranças ou à ocupação de terras públicas) e com fins lucrativos (15). Seria a propriedade catoniana a forma típica de investimento da classe senatorial no século II a.C.? Talvez em parte, mas seu próprio texto menciona indivíduos, envolvidos no mesmo tipo de atividade, que não eram romanos nem senadores, como o Minius Percennius de Nola, que conhecia a técnica de plantar ciprestes (CLI,1) ou os Manlii de CLII.

Não podemos pensar em uma relação muito estreita entre seu modelo de exploração agrária e as formas de aplicação próprias à aristocracia política e militar da cidade de Roma. No interior da própria classe senatorial observamos nítidas diferenças no conteúdo e na forma de seu investimento rural: sabemos que a partir da primeira metade do II a.C. membros da aristocracia romana começaram a construir suntuosos edifícios ao longo da orla meridional do Lácio (16). Eram um prenúncio às uillae maritimae, que se difundiriam após 120 a.C. (figs. 196 e 204) (17). Seus construtores buscavam af refúgio das agitações políticas de Roma (a uilla de Cipião em Literno é o locus classicus) e desenvolveram um estilo de vida muito peculiar, intimamente ligado às influências helenísticas que chegavam à Itália, sobretudo na segunda metade do século (18). A estas propriedades e seus correspondentes edifícios o modelo catoniano,

15) É de se notar que todas se localizam ao sul de Roma - a Etrúria está singularmente ausente de seu tratado.

16) Suntuosos, obviamente, para a época em que foram construídos. Como observou D'Arms (1970:10 e segs), as fontes escritas parecem indicar que, já na primeira metade do século, a arquitetura doméstica tendeu a se tornar mais elaborada e ostentatória, com a menção (em fragmentos de discursos de Catão e de Cipião Emiliano) a uillae expolitae ou mesmo expolitissimae. Na segunda metade do II a.C., tal processo se acentuou com a progressiva introdução de elementos da arquitetura pública grega (como colunas e peristilos) nos edifícios privados da aristocracia romana e dos grupos dominantes das demais cidades da Itália central.

17) As pesquisas de X. Lafon mostram que, no litoral entre Terracina e Nápoles, 5 uillae se instalaram até os Gracos, e mais 12 até Sullá (Vallat, 1987:200). O mesmo processo, talvez um pouco mais tarde, se manifestou na costa meridional da Etrúria onde, já em 124 a.C., M.Emílio Porcina possuía uma uilla, atacada pelo censor L.Cássio por causa de sua altura, cf. Torelli, 1985:95-96.

18) D'Arms, 1970:12-16 e segs. Sobre o estilo de vida da aristocracia romana, em sua relação com as uillae e com as correntes de pensamento helenísticas veja-se também, entre outros, Mansueti, 1958.

## Um Novo Contexto

quase certamente, não se aplica. As fontes sobre a crise gracana, por outro lado, que se desenrolou nas últimas décadas do século, atestam a existência de outras formas de inversão urbana no campo - centradas na exploração de terrenos públicos (ager publicus) e dedicadas à pecuária e a uma agricultura escravista. Uma forma de apropriação do solo cuja expansão é apontada como uma das causas da decadência dos pequenos camponeses (veja-se, por exemplo, Apiano, B.C., I,8). Ora, não parece haver muita relação entre as formas de exploração rural descritas por Catão e aquelas que estariam nas origens da "crise" agrária que conduziu às tentativas de reforma do final do século. Catão não parece mover-se no âmbito do ager publicus, ao menos como forma principal de investimento: não se ocupa da grande pecuária (19) e suas unidades produtivas estão abaixo da linha divisória de 500 iugera (125 ha) que controlava o acesso às terras públicas. Mas não é só isso. Embora se atribua comumente a explorações agrícolas do tipo "catoniano" a responsabilidade pelo recuo demográfico e pela crise da pequena propriedade camponesa, não transparece no texto de Catão qualquer contradição fundamental entre seu sistema produtivo e os pequenos produtores, independentes ou arrendatários. Pelo contrário, como bem ressaltou Rathbone, a exploração catoniana dependia, de modo muito direto, da existência dos pequenos camponeses, cuja força de trabalho era imprescindível em certos momentos do ciclo agrícola (1981:15 e segs.). Vicinis bonus esto, dizia Catão (IV) que mantinha com sua vizinhança uma relação cooperativa: na realização de tarefas coletivas, na

---

19) A não ser do ponto de vista de um agricultor, arrendando pastagens, irrigadas ou não, para a invernagem de rebanhos alheios, sobretudo, ao que parece, de gado ovino (cf. 149 e 150).

oferta de postos de trabalho, no arrendamento de terras e na cessão de equipamentos a diferentes tipos de camponeses (20).

Mais danoso para as propriedades camponesas talvez tenha sido o desenvolvimento da grande pecuária, que necessitava de grandes extensões de terra para as pastagens de inverno e empregava um número reduzido de trabalhadores (21). Sua integração com a economia agrícola das regiões onde penetrava era, podemos supor, muito menos eficaz - e mais competitiva - do que no caso das fazendas catonianas. O fator principal por detrás das transformações na estrutura agrária do período parece-nos residir, precisamente, no aumento da competição pela terra, que deve ter resultado da possibilidade de produzir para mercados em expansão e, sobretudo, da monetarização da economia agrícola, afetando as terras, os produtos e as relações de trabalho no campo. Autores como Apiano, Plutarco e Salústio descreveram a face mais violenta desse processo, como a expulsão dos pequenos camponeses por seus vizinhos mais ricos, mas essas tensões se manifestavam também em formas mais sutis. Uma delas nos é sugerida pela historieta de C. Furius Chresimus (Plínio (HN,18,8,41), um ex-escravo que possuía um pequeno lote de terra, mas cuja produção era muito mais abundante que a de seus vizinhos poderosos. Foi por isso acusado de

---

20) Rathbone (1981:20), numa análise acurada e original dos dados do levantamento de superfície no território de Cosa, sugere mesmo que a competição pela terra tenha sido mais intensa entre os próprios proprietários mais ricos e que a expansão de suas propriedades tenha-se dado às expensas de alguns de seus membros e não daquelas propriedades camponesas cuja existência era, afinal, fundamental ao funcionamento das propriedades maiores. Tudo isso, na verdade, é muito hipotético, mas nos auxilia a vislumbrar a complexidade da situação, de que os modelos correntes não dão conta.

21) Há, com efeito, algumas indicações sobre uma possível competição pela terra entre agricultores e pecuaristas (Pasquinucci,1979:107), entre as quais a célebre inscrição de Forum Popilii (CIL, I<sup>o</sup>, 638, do último terço do século, cf. Nicolet,1980:216-217), à qual poderíamos acrescentar a legislação de César (Suetônio, lul.41.1), que determinava a presença de homens livres entre os pastores (cf. ainda Varrão, 2,Praef. 4: ibi (refere-se ao Lácio) contra progenies eorum propter auaritiam contra leges ex segetibus fecit prata). É comum referir-se à pecuária como dominando, majoritariamente, as terras do sul da Península, devastadas pela guerra anibálica, mas as atividades pecuaristas afetavam, igualmente, as regiões centrais da costa tirrênia, como mostram os antigos caminhos de transumância (tratturi) atestados no Lácio (cf. Potter,1985:51, fig.6) e a presença de grandes rebanhos às portas de Roma (Varrão 2,3,10, menciona uma grande propriedade, com 250 ha, in suburbano, dedicada à criação de cabras; sobre a transumância no Lácio, no I d.C., veja-se Plínio, o jovem, Ep.,II,17,1-3).

feitigaria. Plínio, seguindo Pisão, descreve-nos sua chegada ao fórum de Roma para se defender: instrumentum rusticum omne in forum attulit et adduxit familiam suam validam atque. ut ait Piso, bene curatam aq uestitam. ferramenta egregie facta, graves ligones, uomeres ponderosos, boues saturos...(22). A estorieta de Chresimus, uma mera anedota, sem duvida, tem ao menos o merito de nos lembrar que os resultados dessa competição pela terra e seus produtos não foram, necessariamente, unilineares. Muitos pequenos e medios camponeses podem ter, com o fruto de seu trabalho, conseguido aproveitar as oportunidades do momento.

A verdade é que a situação nos campos, no decorrer do século II a.C., parece tornar-se mais complexa, com uma pluralidade de formas de exploração e de acesso à terra: grandes camponeses, ligados à produção mercantil (como proprietários ou mesmo arrendatários), mas também pequenos e médios agricultores (23), que cultivavam as áreas centuriadas ou se refugiavam nas regiões de altitude; proprietários que residiam em Roma ou nos municípios e que investiam seu patrimônio de múltiplas maneiras em diferentes regiões da Itália. Diferenças regionais profundas, numa Itália ainda não unificada no estatuto jurídico das terras (24) e das pessoas (25). "É essa complexidade", afirma Vallat referindo-se à Campânia, "das estruturas agrárias, esta multiplicidade, em uma mesma época, de explorações e propriedades de tamanhos e tipos diferentes, que parece perceptível no estudo das fontes literárias..." (1987:373). É

22) Um curioso paralelo nos é sugerido pela história de Françoneto que, na França do século XVII, - dizia uma estória popular registrada por Jasmin no século passado -, fora também acusada de feitigaria, e pelos mesmos motivos que Chresimus/ Le Roy Ladurie atribui o fato, em parte, à sentimento de acirrada competição entre camponeses de uma mesma região (1983:36-37).

23) Sobre a complexidade intrínseca a uma "classe camponesa" vejamos as observações iluminadoras de Ste.Croix (1981:208 e segs.).

24) Até a unificação política da Itália, após a Guerra Social, as terras se regiam por estatutos jurídicos complexos, nos quais se confundiam terras públicas de Roma e dos municípios e terrenos proprio iure de cidadãos dos vários municípios da Itália central, que conservavam, ao menos parcialmente, um regime jurídico próprio. Sobre a uniformização do estatuto das terras no final da República veja-se Vallat, 1981:82.

25) A Etrúria, por exemplo, manteve por longo tempo características próprias, com uma classe de camponeses dependentes que, em Roma, já desaparecera desde o século IV a.C. (Gabba, 1982:384). É preciso controlar a ótica romano-centrista de nossas fontes escritas, evitando projetar automaticamente, para o restante do mundo rural itálico, as conquistas políticas e sociais do campesinato romano nos três primeiros séculos da República.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

sob esse ponto de vista, acreditamos, que se deva considerar o "modelo catoniano", por mais que indique uma "tendência" dominante, e é sob o pano de fundo de uma situação agrária possivelmente complexa que devemos encarar os edifícios rurais.

### Os edifícios do século II a.C.

As profundas e cruciais transformações do século II a.C. merecem, por si só, um estudo à parte, impossível de ser feito neste lugar. Valha, portanto, para nossos fins, o quadro sumário e imperfeito que traçamos acima. É certamente curioso que a contribuição dos edifícios rurais escavados seja, para o século segundo, ainda pouco considerável. Atuam aqui, sem dúvida, os fatores de preservação que mencionamos no capítulo anterior, mas devemos contar, igualmente, com uma penetração relativamente lenta do uso da pedra e do cimento nas edificações rurais (26). É interessante acompanhar a evolução das técnicas construtivas no período: descoberto, provavelmente, em meados do século III a.C., o uso do cimento se difundiu progressivamente no século seguinte, revolucionando os processos de construção de fundações e muros (27). Os primeiros exemplos do uso sistemático desta técnica são do início do século segundo: a porticus Aemilia e templo de Magna Mater (Coarelli, 1985:369) ambos de Roma que, juntamente com a Campânia, foi um de seus centros de difusão (Morel, 1989:504). O de agri cultura de Catão representa, como vimos, um terminus ante quem de meados do II a.C. para sua aplicação em edifícios

26) Como já tivemos oportunidade de observar, é preciso diferenciar, com clareza, entre a difusão de certas técnicas construtivas - que aumentam a durabilidade dos edifícios rurais - e a difusão de uma agricultura escravista e mercantil: são, para utilizar um jargão arqueológico corrente nos anos 60 e 70, variáveis independentes, cujo índice de correlação não pode ser estabelecido a priori.

27) Sua aplicação mais frequente é na chamada obra incerta (à qual já aludimos em diferentes ocasiões), que emprega blocos irregulares como paramento para um núcleo em cimento.

rurais, tanto nas fundações (XIV,1 e 4) quanto nas paredes em elevação (que, contudo, também podiam ser em adobe, *ex latere* cf. XIV,4) e a técnica encontrou larga aplicação, sobretudo na segunda metade do II a.C., na construção de cisternas e substruções em certas zonas rurais do Lácio e da Campânia (28). Sua introdução nas edificações rurais, que pode ter se dado com algum atraso em relação ao meio urbano, não significa que os modos construtivos anteriores tenham deixado de ser empregados: a obra incerta aparece frequentemente associada à obra poligonal ou quadrada (29), cujo uso perdura, no mundo rural, muito depois de seu abandono nas cidades (30). A variação regional deve ter sido importante, sem dúvida. Mas mesmo no interior de uma dada região, modos construtivos diferentes devem ter convivido, com a eventual predominância, ainda por um certo tempo, de edifícios em materiais perecíveis (31).

Os poucos edifícios do século II a.C., cujas plantas conhecemos com algum detalhe, situam-se em alguns pontos isolados da costa tirrênica da Itália - da colônia latina de Cosa, ao norte, a Volcei, na Campânia meridional, ao sul - oferecendo um painel fragmentário e imperfeito da arquitetura rural do período. A despeito das dificuldades de datação e de interpretação, contudo, seu estudo aporta alguns elementos de interesse. No território de Cosa, como vimos, a ocupação da área rural por edifícios isolados parece iniciar-se com este século, com a difusão de pequenos

28) Plataformas artificiais sobre as quais se erguiam edifícios de habitação, frequentemente em materiais perecíveis. Tais plataformas, como veremos, são introduzidas posteriormente nas habitações rurais de luxo, localizadas na planície (e não mais nas montanhas).

29) A associação é frequente nos sítios do Massico datados de final do século, (como em Madona Grande, Vallat, 1987:336) onde transparece, em certos casos, uma especialização entre as técnicas, com a obra poligonal reservada aos muros de contenção e a obra incerta às partes habitativas. Certas casas de Pompéia, do II a.C., representam uma interessante associação entre a obra quadrada e a incerta, com grandes blocos esquadriados de calcáreo enquadrando paredes em obra incerta (um exemplo na área rural é a villa dei Misteri, que estudaremos mais abaixo, cf. Maiuri, 1933:38-39).

30) A obra quadrada, por exemplo, será ainda utilizada na construção dos pilares nas arcadas da uilla de Settefinestre (Carandini, 1985,1,1:61), que data da segunda metade do século I a.C. Essa tendência conservadora do meio rural é válida para todas as sucessivas técnicas construtivas empregadas na Itália romana (obra incerta, quase-reticulado, reticulado), o que torna a datação de um edifício pela estrutura de suas paredes ou fundações muito insegura.

31) A velocidade de adoção das novas técnicas pode ter dependido, para cada região, da proximidade com os centros de difusão (como Roma), das disponibilidades dos materiais de construção, mas igualmente da estrutura agrária da região.

edifícios pelo vale do rio Oro, ordenados segundo a malha centuriada. Dentre os sítios detectados pelas prospecções de superfície, apenas um, na localidade de Giardino Vecchio, a cerca de 5 km de Cosa, foi regularmente escavado. Trata-se de um edifício de cerca de 600 m<sup>2</sup> (figs. 13 e 14) (32), situado em terreno plano entre as curvas de nível de 25 e 50 metros, e cuja ocupação se estendeu, de acordo com o material encontrado, do início do século II a.C. a meados do século seguinte (33). Bastante danificado pelas aragens, que destruíram quase completamente os pavimentos antigos, o edifício se conserva ao nível da primeira fileira das fundações, constituídas de grandes blocos *a secco* (sem uso de cimento) de diferentes tipos de pedra, sobre as quais deviam erguer-se muros em adobe, a julgar pelo amplo estrato de terra argilosa encontrada sob o *humus*. A inexistência de depósitos estratificados torna difícil distinguir, dentre as estruturas internas, os elementos originais dos acréscimos posteriores: é provável, por exemplo, que os ambientes A7, A8 e A9 provenham da subdivisão de um aposento originalmente maior (Celuzza & Regoli, 1982:385), assim como parecem posteriores os muros internos construídos com pedras de pequeno aparato. Algumas estruturas de fundamental importância, como o tanque para pisagem de uva em A19 e o *dolium* de recepção em A20, não puderam, infelizmente, ser datadas com precisão.

A precariedade do estado de conservação dos muros e a ausência de uma publicação mais completa do sítio dificultam bastante a leitura do revelo planimétrico que possuímos, mas não impedem algumas observações de caráter geral: o edifício, de formato quase quadrangular, parece ter-se aberto para a face oriental (mais precisamente E-NE) através de uma ampla entrada A14, em comunicação direta com um pátio interno A3, talvez a céu aberto. O desaparecimento das soleiras não permite

32) A definição de um edifício como modesto ou grande depende, obviamente, de critérios relacionais. Para os padrões do século segundo, o edifício de Giardino Vecchio apresenta, na verdade, dimensões relativamente grandes (lembrando-nos de que, no levantamento de Cosa, a maioria dos sítios desta época situa-se entre 200 e 700 m<sup>2</sup>, medidos pelos restos aflorantes).

33) A datação do início da ocupação baseia-se, fundamentalmente, na presença de uma moeda de fins do século III a.C. (Celuzza & Regoli, 1983:464), mas a cerâmica, de verniz negro, parece um pouco posterior (problema análogo ao encontrado no sítio de via Gabinia). O *terminus ante quem* para o abandono (30 a.C.) deve-se à ausência de cerâmica "sigillata" entre os achados.

## Um Novo Contexto

visualizar o modo como os aposentos se comunicavam ou agrupavam, mas podemos entrever uma disposição em blocos sucessivos, a partir da entrada: A2 e A21, com pavimentos em cocciopesto (um piso impermeável, feito de fragmentos laterfícios socados) e traços de reboco branco (em A2), constituíam, provavelmente, o núcleo de habitação. No dizer dos escavadores, isto indicaria um nível de vida bastante alto para o século II a.C. (note-se que A2 tem mais de 20 m<sup>2</sup> de área interna). Seguiam-se, respeitando o mesmo módulo de A2 e A21, dois outros aposentos, estes com funções produtivas: A1, talvez uma oficina de trabalho, dada a presença de numerosos pesos de tear, e A10, cujo forno em tijolos, apoiado ao muro divisório com A1, faz pensar numa cozinha. Os pequenos ambientes A7 a A11, interpretados como depósitos, formavam um bloco sui-generis, ligeiramente oblíquo com relação aos muros perimetrais e que, como dissemos, parecem ter se originado de um único e longo aposento posteriormente repartido. Mais a oeste, numa parte do edifício fortemente erodida, o longo e espesso muro (c. 0,80 m) que separa A6 de A16 poderia indicar a presença de um segundo andar sobre esta ala, cuja destinação funcional, de qualquer modo, não podemos determinar. A título de hipótese, poderíamos considerar que os aposentos descritos constituíam, de certo modo, um bloco específico, congregando as atividades habitativas e, dentre as produtivas, aquelas destinadas ao consumo interno do edifício. Os aposentos voltados para a face norte, por outro lado, parecem ter sido destinados ao beneficiamento e armazenagem de produtos vendáveis, como sugere a presença de uma plataforma (A19) interpretada como tanque para pisagem da uva, que se comunicava diretamente com um recipiente cerâmico enterrado no solo (A20), para onde fluiria o



mosto. Os ambientes conectados a leste e oeste, A12 e A18, poderiam armazenar o produto da prensagem ou mesmo a uva em cachos (1983:463) (34).

É difícil concordar com os escavadores que vêem, no edifício de Giardino Vecchio, um exemplar típico da "pequena propriedade camponesa" que teria sucumbido à expansão da "villa escravista" (1983:464): o uso de pedra nas fundações, a presença de elementos de conforto nos ambientes de habitação e de produtos artesanais importados de fora, como os vasos em verniz negro ou os utensílios de ferro, a elaboração própria de um produto destinado ao mercado, a diversificação espacial, por fim, e a multiplicação dos aposentos (uma vintena!) são elementos que indicam um padrão de vida, se não muito sofisticado, certamente acima dos de uma exploração de subsistência. A despeito das afirmações de Celuzza & Regoli, não é possível generalizar os dados deste sítio para o conjunto do território de Cosa no século II a.C. e, muito menos, afirmar a tipicidade do edifício de Giardino Vecchio (35).

Na Etrúria meridional interna, entre as antigas cidades etruscas de Luni e Blera, foram escavados os restos de dois edifícios rurais do século II a.C., a pouca distância um do outro (36). A villa Sambuco (fig. 15), investigada pelo Instituto Sueco de Roma entre 1958 e 1960 e sumariamente publicada, localizava-se numa planície ondulada denominada Campo Salegrano, a cerca de 200 m acima do nível do mar. O edifício, datável do final do século, preservava-se ao nível das fundações, constituídas por três fileiras superpostas de blocos de tufa esquadriados, sobre os quais deviam

34) No caso de tais estruturas serem, efetivamente, contemporâneas à construção original do edifício, estaríamos diante de um dos mais antigos exemplos de equipamento para a elaboração de vinho (bastante rudimentar, é verdade) encontrados na Península. É possível que a distância relativamente grande que separa o sítio do centro urbano de Cosa explique, em parte, a presença de tais equipamentos numa data tão recuada.

35) O edifício poderia, ao contrário, indicar uma diversificação das unidades produtivas e dos edifícios no campo, correspondendo a um processo de diferenciação social no interior da própria "classe" camponesa. Não faz muito sentido ressaltar que o edifício de Giardino Vecchio foi abandonado antes de 30 a.C., associando tal fato ao desaparecimento da pequena propriedade camponesa, tendo em vista que, nesta mesma data, desapareceu uma grande villa no centro do vale, com mais de 7000 m<sup>2</sup> de área - e ninguém aventa que isto demonstre o "desaparecimento da grande propriedade escravista".

36) Outros edifícios rurais, cerca de vinte, são conhecidos na região, mas nenhum deles foi sistematicamente escavado (cf. Berggren & Andrén, 1969:52, fig.1).

erguer-se paredes em materiais perecíveis (37). A pequena construção, com seus cerca de 380 m<sup>2</sup>, tinha um formato retangular, com a entrada (8) voltada para um dos lados maiores. A definição funcional de cada aposento é incerta e faz falta a publicação sistemática dos resultados. Seguimos as interpretações dos escavadores, sem maiores possibilidades de controle. A disposição planimétrica do edifício, bastante simples e racional, articulava-se ao longo de um estreito corredor (5), que se supôs coberto e para o qual se abririam os demais ambientes (38). Ao fundo situavam-se quatro aposentos de dimensões semelhantes (1-4), interpretados conjuntamente como depósitos pela presença de fragmentos de *dolia*, parcialmente enterrados no solo (39). Eram, no entanto, claramente diferenciados em suas aberturas e em sua relação com o corredor: 1-3 parecem ter formado um bloco unitário, talvez de caráter habitacional. O ambiente 2, com efeito, abria-se inteiramente para o corredor, como veremos em aposentos de representação em outros edifícios (por exemplo, fig. 141,2); já 4, mais longo, penetrava na linha do corredor central, e talvez se diferenciasse dos demais em suas funções. Do outro lado do corredor, abria-se uma série de ambientes que ladeavam a entrada, aos quais foram atribuídos, pelos escavadores, funções diversas: estábulo (6), portaria e escada (7) (40), dormitório (9) (41) e uma torre (10), sugerida pela presença de

37) A datação do edifício Sambuco tornou-se tradicionalmente aceita pela bibliografia e nós a adotamos aqui. Os escavadores, contudo, não indicam quais elementos a justificam, o que impede uma discussão mais profunda do problema. É possível, sem dúvida, que o edifício seja alguns decênios posterior: como veremos, fundações em blocos esquadriados aparecem, mesmo no Lácio, no início do século I a.C., à época de Sula.

38) Vejam-se, contudo, as objeções de Rossiter (1978:5) à reconstrução proposta pela equipe sueca.

39) Os *dolia* enterrados, que sugerem a produção de vinho (cf. Plínio, HN, XIV, 133), não aparecem nas plantas disponíveis, nem é possível saber se os fragmentos foram encontrados nos quatro aposentos ou se se concentravam em algum deles. Esta hipótese parece mais provável e arriscamos colocá-los no aposento 4.

40) O edifício permaneceu em uso até o século I d.C. e podemos supor, embora isto não apareça na planta, que tenha sofrido certas alterações no curso de sua existência. 6 e 7, por exemplo, poderiam, na origem, ter formado um único ambiente: é o que sugere a sumária planta publicada, na qual a parede divisória entre ambos é a única se apoia nos muros perimetrais sem encaixar-se com estes.

41) Os escavadores interpretam o espaço de 9 como "slaves' quarters", provavelmente com partições internas em madeira. As dimensões relativamente grandes do aposento, com seus cerca de 30 m<sup>2</sup>, não bastam, por si sós, para justificar tal atribuição. Como veremos nos capítulos seguintes, a identificação dos aposentos para a mão de obra é problemática. Sobretudo quando, como no presente caso, estamos diante de um ambiente único, sem divisões internas e sem que conheçamos os materiais encontrados no local. Este aposento é, com efeito, o único ambiente unitário (não

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

fundações maciças. A equipe sueca supõe a existência de um segundo piso (sobre os ambientes 1-4, 5 e 7-9), o que é possível, mas acarretaria problemas de iluminação e, como é óbvio, não pode ser comprovado.

Este edifício, por diferentes razões, acabou se transformando, na bibliografia moderna, em uma espécie de paradigma da "uilla catoniana", o que merece alguns comentários. A construção apresentava, com efeito, uma disposição muito bem ordenada dos espaços internos, repartidos em 11 ambientes com funções provavelmente diversas, embora sem grandes diferenças em seu tamanho ou forma: eram todos retângulos alongados, com o mesmo comprimento, apoiados nos muros perimetrais e abertos para o mesmo corredor central, com suas dimensões específicas definidas pelos muros internos laterais. A presença de *dolia* sugere a produção de um excedente agrícola, mas não temos meios de datá-los na história do edifício. Este, por outro lado, localizava-se numa região relativamente marginal em relação aos mercados externos ou urbanos, não apresentava os custosos equipamentos de beneficiamento que Catão menciona nem tinha, a julgar pelo relato dos escavadores, quaisquer dos elementos de conforto habitacional que encontramos em outros edifícios da época, como no sítio de via Gabínia, no Lácio, ou mesmo em Giardino Vecchio (42).

Um pouco ao norte de Sambuco, no topo da colina de Selvasecca, descobriu-se, entre 1965 e 1967, um grande edifício rural (fig. 16), cuja construção pode talvez ser colocada no curso do século II a.C. (43) e que possuía uma longa história de

---

modular) hipoteticamente atribuído à habitação da mão de obra, em toda a bibliografia sobre as *uillae rusticae*.

42) É curioso, assim, que Sambuco apareça como exemplo de *uilla catoniana* enquanto Giardino Vecchio, que é bem maior (600 m<sup>2</sup> contra apenas 380) e mais complexo, veja-se associado à "pequena propriedade camponesa".

43) O material encontrado durante a escavação, aparentemente abundante, nunca foi publicado, o que torna difícil avaliar a datação proposta pelo escavador. O sítio apresenta claros indícios de uma ocupação anterior, no período arcaico, mas não se encontraram estruturas dessa época. O único elemento datante apresentado são fragmentos de capitéis dóricos, que ornavam, provavelmente, as colunas do pátio central, e cuja produção Andrén coloca no século II a.C. (Berggren & Andrén, 1969:69).

ocupação (44). A construção, formando um quadrado quase perfeito (36m x 35,50), cobria uma área de cerca de 1270 m<sup>2</sup> (o dobro de Giardino Vecchio e quase 3,5 vezes a área de Sambuco), articulada numa série de ambientes cujos muros se preservaram ao nível das fundações. Estas eram formadas por fileiras sobrepostas de grandes blocos esquadriados de tufa marrom (não encontrável no local), dispostos a secco e apoiados no banco de argila (45). Berggren não fornece dados para reconstruirmos os muros em elevação, que podemos imaginar erguidos com materiais perecíveis, como em Sambuco e Giardino Vecchio. O edifício se abria para a face ocidental (W-NW), através de um longo vestíbulo (1) revestido com um assoalho de pedra calcárea de formato irregular, que prolongava uma estrada campestre e se estendia para o interior da construção. Esta se articulava em torno de uma grande área central (2) (cerca de 116 m<sup>2</sup>), de forma quadrada, coberta por um pórtico cujas oito colunas de tufo, encimadas por capitéis dóricos, delimitavam um tanque a céu aberto, também quadrado, pavimentado com lajes regulares de tufo. Uma canaleta, partindo da zona descoberta, conduzia as águas pluviais, recolhidas do telhamento, em direção a um poço no ângulo noroeste do pórtico (3).

O desaparecimento quase total dos níveis pavimentais e dos sinais de aberturas nas paredes (como soleiras e batentes) cria sérias dificuldades à compreensão da estrutura dos espaços internos. Estes, em todo caso, parecem ter se articulado em determinados blocos, dispostos em duas fileiras sucessivas (exceto à altura da entrada) ao redor do pátio central, com os muros predominantes orientados perpendicularmente à entrada (sentido (NW-SE). Podemos, grosso modo, distinguir dois blocos de

44) O escavador menciona a descoberta de um fragmento de cerâmica arretina, num edifício contíguo, com selo *in piante pedis* CMR. No interior do edifício foram encontradas diversas moedas, entre as quais bronzes de Augusto, Cláudio e Antonino Pio e pequenos bronzes de Constantino e Juliano (da segunda metade do século IV d.C.). A evidência numismática, no entanto, tomada isoladamente, é pouco confiável como demonstra o exemplo de Settifinestre, onde foram encontradas moedas de Diocleciano, Constantino e Juliano, certamente posteriores ao abandono do edifício (Carandini et alii, 1985, II:263), além de diversos exemplares datáveis entre os séculos XVIII e XX

45) O subsolo da colina é composto de rocha calcárea, mas existe uma pedreira de tufa a cerca de 1,5 km do sítio.

apostos, que se diferenciavam por sua forma e função. Os aposentos à esquerda e defronte à entrada principal (alas NE e SW) formavam vastos ambientes, estendidos longitudinalmente e paralelos aos muros perimetrais. Em alguns ambientes desta ala (4, 5, 6), encontraram-se estruturas associadas à fabricação de produtos laterícios em larga escala: tanques de decantação em 4 e 6, um assoalho pavimentado com ladrilhos de terracotta) e um molde de tufo, em perfeito estado de conservação, para a produção de peças de telha. O longo ambiente 7, o maior do edifício (com cerca de 175 m<sup>2</sup>), repartia-se em duas naves, como fazem supor as bases de pilastras conservadas no ângulo NE, e parece ter servido como um grande depósito, para a estocagem da produção do edifício - uma função que também poderia ter sido estendida, como supõem os escavadores, aos extensos ambientes retangulares da face SE (8-9). Já no outro ângulo do edifício, à direita da entrada, parecem ter se concentrado os aposentos de habitação, dispostos em duas fileiras de pequenos ambientes (10-13), onde foram encontrados numerosos fragmentos de cerâmica de cozinha e de estatuetas em mármore, restos de mosaico e de decoração parietal (pinturas e estuques decorativos, que não são, contudo, do século II a.C.), traços de fogareiros dispersos, etc (46). Esta ala sofreu diversos remanejamentos posteriores, com a construção de algumas paredes divisórias em obra cementícia (entre 10 e 11 e em 13), que podemos imaginar contemporâneas ao projeto decorativo que atuou sobre este setor do edifício (mosaicos, decoração parietal) (47) e, talvez, à construção de duas cisternas, também em obra cementícia, colocadas na parte externa da construção (48).

46) Berggren não fornece maiores indicações sobre a localização dos achados ou mesmo sobre o tipo de material encontrado, limitando-se a informações genéricas (cf. 1969:56-57).

47) Alguns elementos decorativos, no entanto, podem datar do século segundo: na escavação do edifício, foram encontrados numerosos fragmentos de decoração arquitetônica em terracota, como cumeeiras, antefixas e lastras de revestimento decoradas; boa parte desses vestígios antecede, de um ou dois séculos, à construção do edifício de Selvasecca, mas algumas lastras de revestimento podem datar do século II a.C., datação que Andrén propõe, como vimos, para os capitéis dóricos das colunas do pátio (cf. 1969:59-69)

48) A maior destas cisternas, descoberta a NW do edifício, cerca de 50 m acima, deve datar do final da República: num dos estratos de enchimento, descobriu-se o fragmento de cerâmica arretina mencionado acima (cf. Berggren & Andrén, 1969:58-59).

Não possuímos elementos para determinar a eventual existência de um segundo andar: este poderia ter-se estendido, por exemplo, sobre a ala meridional, onde se apoiaria na sequência de longos muros perpendiculares sem prejudicar muito a iluminação do pórtico.

É de se lamentar que a data de construção deste edifício não seja absolutamente segura e sua inclusão entre as construções do século segundo deve ser vista com cautela. Trata-se, como vimos, de uma estrutura notável - por suas dimensões, pela organização e diversificação de seus espaços internos e pela presença, em ambiente rural, de uma produção artesanal em larga escala, provavelmente destinada a mercados próximos, que devia ocupar grande parte das atividades executadas no interior da construção. Não podemos definir, com o material disponível, se o edifício exercia também atividades agrícolas. Os "vari arnesi di ferro", mencionados na publicação (1969:57) poderiam ser instrumentos agrícolas e um uso semelhante poderiam ter alguns "pezzi di grossi recipienti fittili" (*dolia?*). O edifício, sem dúvida, dispunha de espaço físico para congregar diferentes atividades em ambientes específicos. Não custa lembrar, por outro lado, que uma associação entre olaria e produção agrícola era explicitamente prevista no tratado agrônômico dos Saserna, como conhecemos por uma passagem de Varrão (I,2,22) (49).

Já conhecemos o edifício de via Gabínia, no Lácio, construído em pleno século III a.C. No século segundo, como vimos, o edifício passou por algumas alterações de pequena monta (figs. 62-63), sobretudo na ala ocidental: além da construção de quatro pequenos aposentos - aparentemente voltados para o exterior -, ampliando os espaços disponíveis para depósito ou para habitação (da mão de obra?), ergueu-se um longo muro externo que acompanhava a fachada por uma dezena de metros antes de dobrar-se para NW (talvez delimitando um pomar). É possível que os restos de decoração parietal em primeiro estilo datem desta fase, na qual o edifício

49) O paralelo é tanto mais importante quanto o texto dos Saserna data, provavelmente, de fins do século II a.C. ou do início do século seguinte.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

importava, igualmente, uma gama variada de cerâmicas finas. A aparência, no entanto, é de absoluta continuidade com relação à fase anterior. Ainda no Lácio, no subúrbio de Roma, conhecemos os restos de um pequeno edifício (fig. 17, A), na localidade de Fosso di Montegiardino, que representa um raro caso de ocupação atestada num fundo de vale. As estruturas do edifício do século II a.C., quase totalmente obliteradas pela construção de uma uilla à época de Augusto, consistem em fundações de blocos esquadriados de tufo, orientadas em sentido NE-SW, compondo um retângulo alongado dentro do qual são ainda visíveis algumas soleiras e partições internas. A parte conservada do edifício mede, aproximadamente, 20 m de comprimento por 6,5 m de profundidade, mas a presença da soleira no muro NW faz supor que a construção se prolongasse para este lado. Entre os materiais encontrados estão restos de decoração parietal de primeiro estilo e um pavimento em signino, incrustado com ladrilhos brancos dispostos em rede, indicando a presença de um setor habitacional de certo conforto. As indicações que possuímos, no entanto, são extremamente escassas (o edifício nunca foi publicado de modo sistemático), o que nos impede de ir além destas poucas observações (50).

### Atestações Meridionais

Voltemos nossa atenção, por um momento, para a região campana. No território de Pompéia, onde a maioria dos edifícios rurais parece ter sido construída no último século da República, possuímos alguns indícios da existência de construções no campo já no século II a.C. É o que sugere, por exemplo, a presença de telhas com

---

50) O edifício é descrito, de modo extremamente sucinto, em Musco & Zaccagni, 1985:101, sem qualquer referência aos materiais encontrados ou aos elementos que fundam a datação - que se baseia, obviamente, na decoração parietal e no pavimento em signino.

inscrições oscas (anteriores a 89 a.C.), que aparecem em edifícios como a famosa villa de Pisanella, em Boscoreale (figs. 139-140), cuja complexa história edificativa estudaremos mais tarde (51). Um indício mais significativo talvez seja a identificação de pinturas de primeiro estilo nas paredes de edifícios rurais da região (52). Apenas dois edifícios do ager pompeianus mostram sinais, mais ou menos seguros, da presença de decoração parietal neste estilo (53), devendo datar, portanto, do século II a.C. ou, no mais tardar, dos dois primeiros decênios do século seguinte.

Os sítios de Centopiedi al Tirone (fig. 141) e de Setari (fig.142) foram escavados apenas parcialmente, no início deste século, e deles possuímos, tão somente, plantas sumárias e uma descrição brevíssima dos objetos encontrados (54). A forma de ambos os edifícios, tal como aparece nos relevos planimétricos é, obviamente, aquela presente à época da erupção vesuviana, e não temos meios de saber que alterações haviam sido promovidas em sua planta original até o soterramento. É possível observar, no entanto, certas semelhanças genéricas entre os dois edifícios, que posteriormente nos serão úteis. Embora não possamos definir a extensão original de suas áreas contruídas, as partes escavadas parecem corresponder, em ambos os edifícios, às mesmas funções: uma cozinha (A e B, respectivamente), posta ao lado de alguns aposentos de habitação, cujas pinturas datam a construção original. Mesmo sua história

51) Al foram encontradas seis telhas inteiras, e um fragmento, portando uma inscrição em letras oscas retroversas (Pasqui,1897:528). Telhas com a mesma inscrição foram também encontradas na vizinha "villa Aselli" (Della Corte,1921:431). É um indício bem frágil, na verdade, pois se trata de um material fácil e frequentemente reciclado, como demonstra a presença concomitante de telhas portando selos de diferentes épocas num mesmo edifício. Não podemos determinar, com certeza, que a utilização primária dessas telhas tenha ocorrido no âmbito rural.

52) O chamado primeiro estilo, que reproduzia na decoração parietal interna as fachadas típicas da arquitetura pública e religiosa de estilo dórico, se difundiu no século II a.C., dominando os interiores e as fachadas dos edifícios mais ricos, até ser substituído pela decoração barroca e ilusionística do "segundo estilo", à época da colonização romana em 80 a.C. - o que nos fornece um útil terminus ante quem (cf. Vos, 1982:340-341).

53) Das quatro villae relacionadas por Day (1932:201, nos. 19,20,22 e 23), como apresentando decoração parietal em primeiro estilo, apenas duas (22 e 23) o possuíam efetivamente. Carrington (1933), que menciona a villa 22, mite, por sua parte, o edifício de contrada Setari (R- 23 - a numeração segue, via de regra, aquela de Rostovtzeff (1933:71, nota 26).

54) Os escavadores (Sogliano,1899; Paribeni,1903) não demonstraram qualquer atenção para com as estruturas murárias, de modo que a decoração parietal é nosso único elemento de datação.



parece correr por caminhos paralelos, pois ambas foram acrescidas de lagares, num momento posterior (ambiente O em Setari e B em Centopiedi). Embora não possamos distinguir com clareza sua forma original em meio a eventuais reformas, ambos dispunham-se como retângulos alongados, de dimensões reduzidas (200 m<sup>2</sup> em Setari; 300 m<sup>2</sup> em Centopiedi), com uma área central livre e voltados para sul ou sudeste, diante de um pequeno pórtico (as vicissitudes deste esquema nos séculos seguintes serão vistas no capítulo sete) (55). A pintura mostra que os aposentos de habitação, compostos por cubícula (L e M, em Setari; 2 e adjacentes em Centopiedi) e triclínia (N e 3, respectivamente) (56), já existiam então, mas não sabemos se seu isolamento da área da cozinha remontava à construção inicial (57). Ambas as cozinhas possuíam, além disso, um formato semelhante, caracterizado pela presença de um fogareiro central e de alguns aposentos menores em torno. A despeito do tamanho reduzido e da simplicidade geral de suas plantas, os edifícios mostram, assim, uma clara especialização dos espaços internos e um mesmo desejo de apartar o local de residência do setor produtivo - separação que era acentuada pela presença de certos equipamentos de conforto: decoração parietal, especialização dos aposentos de habitação, distinção entre áreas para comer, para dormir e para receber. Na uilla de Centopiedi, além disso, encontramos uma pequena terma do tipo mais antigo (em 1, cf.

55) Referindo-se ao edifício de Centopiedi, White (1970:442-443) não vê sinais de transformação na planta original ("no signs of later conversion"), no que é desmentido pelo próprio escavador (Paribeni, 1903:65 - "sembra sia intervenuto qualche mutamento nella disposizione originaria, forse allo scopo di renderla più rustica"). Na uilla de Setari, é mais difícil perceber o caráter posterior de sua planta, mas este é sugerido pela própria planta (observe-se o modo como é desenhada a mureta oriental do ambiente O).

56) A interpretação de Carrington (1933:117), que vê no aposento 3 do edifício de Centopiedi um triclínio, é bastante razoável, tendo em vista suas proporções (que se adequam à norma vitruviana) e a decoração pintada que ornava as paredes do ambiente, provavelmente no segundo ou terceiro estilos.

57) É visível, em ambos, uma divisão funcional do retângulo em duas alas: os aposentos de serviço centravam-se ao redor da cozinha (marcada B em Setari e A em Centopiedi), na ala oriental, nitidamente separados dos ambientes de habitação, no setor ocidental. Em Centopiedi, a separação era marcada por uma diferença de nível (note-se a pequena escada que une as duas alas); em Setari, a distinção era mais radical, não havendo, na planta publicada, qualquer comunicação entre os dois setores.

## Um Novo Contexto

Fabricotti,1976:33), aquecida por um fogareiro portátil, sob a escada que deveria conduzir a um segundo piso desaparecido (ou não descrito).

Dentre os outros edifícios rurais da região vesuviana cuja construção pode também remontar ao século II a.C. o mais importante, sem dúvida, é a chamada "villa de L. Crassus Tertius", escavada recentemente na localidade de Torre Annunziata, a noroeste de Pompéia (fig. 127, n. 56), e ainda inédita (58). A parte escavada (cerca de 3/4) deixa entrever um extenso edifício de dois andares, organizado em torno de um grande peristílio, formado por colunas dóricas de tufo de Nocera, em duas ordens sobrepostas (59). Mesmo sem possuir uma planta detalhada da construção, é possível reconhecer, na "villa de Tertius", um complexo de certa importância arquitetônica e produtiva, como indicam o próprio - e notável - peristílio em duas ordens, a presença de um segundo andar onde, aparentemente, situavam-se os aposentos senhoriais ou, ainda, a descoberta de mais de trinta esqueletos humanos em seu interior. Dois achados, em particular, merecem ser mencionados, ainda que se referiram à última fase de vida da construção: os 58 pesos de tear, descobertos num aposento a SE do peristílio, que atestam uma ativa produção têxtil no sítio e, sobretudo, um grande depósito de material vegetal carbonizado, localizado num ambiente contíguo, cujo estudo permitiu identificar, com certa precisão, as atividades agrícolas desenvolvidas na propriedade explorada a partir do edifício (60). Não sabemos exatamente quanto desse "largo complexo" (nas palavras de Jashemsky) era já parte da

58) A escavação não foi objeto de publicações sistemáticas. Notícias parciais aparecem em Jashemsky,1979:320-322 (com uma pequena planta da área escavada), Vos,1982:254-255 e D'Ambrosio,1987:172-176. A denominação do sítio deriva da descoberta de um selo de bronze (L.Crs.Ter.), provavelmente pertencente ao último proprietário.

59) A presença de colunas dóricas em tufo de Nocera (dispostas em ordem dupla, como no pórtico de Forum de Pompéia, aproximadamente coevo) é o principal indicio de que a construção do edifício deve situar-se nas últimas décadas do século II a.C. Não se deve esquecer, no entanto, que o mesmo permaneceu ocupado até a erupção de 79 d.C., devendo ter sofrido reformulações, como demonstra a presença de opus reticulatum na estrutura murária de certos ambientes e de pinturas parietais no II e IV estilos pompeianos.

60) Ver Jashemsky,1979:321-322. A análise do material vegetal, provavelmente oriundo da poda de um vinhedo, revelou a existência de cerca de noventa espécies distintas: árvores como a ameixeira, a oliveira e o carvalho, legumes e plantas forrageiras. Vale lembrar que o material data, obviamente, do último período de vida do edifício.

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

construção original, mas esta, em todo caso, não parece ter abrigado funções exclusivamente rústicas: a presença de um segundo andar e o imponente peristílo são indícios da existência de um setor habitacional importante no interior da construção. Deste modo, e apesar da escassez de dados, talvez possamos ver, nesta villa, um predecessor dos suntuosos edifícios litorâneos, das grandes residências senhoriais que se estenderão pela costa campana nas décadas seguintes, em particular sobre esta mesma localidade (61).

A sudoeste de Pompéia, na região da antiga Stabiae, que foi destruída por Sulla em 89 a.C., conhecem-se, atualmente, cerca de quarenta edifícios rurais, alguns deles (uma dezena) escavados pelos Bourbons (fig. 128). Apenas dois sítios, no entanto, nas localidades de Gragnano e Casola, podem ser seguramente atribuídos ao século II a.C., com traços de destruição e abandono no século seguinte (Miniero, 1987:178-190). Os restos do edifício de Casola são muito fragmentários, mas no sítio de Gragnano (fig. 143) preservou-se um muro perimetral (a oeste) com sua estrutura originária em pequenos blocos retangulares de tufo dispostos em cruz, refeito ainda no século segundo, quando foram erguidos muros em obra incerta (datáveis pela presença de Campana A), definindo alguns ambientes quase inidentificáveis (A, B, C, D e E). A parcialidade da escavação e o estado dos vestígios impedem-nos, no entanto, de ir muito além da mera atestação de sua presença.

Mais ao sul, no território da antiga cidade de Volcei (atual Buccino), na fronteira entre a Campânia e a região lucana, uma equipe da Universidade norte-americana de Wesleyan escavou os restos de um edifício rural (na localidade de Vittimose a 5,5 km de Buccino), sobre um terraço natural, 230 metros acima do rio Bianco (figs. 18-21) (Dyson, 1983; 1985). O sítio apresentava três grandes períodos construtivos, o mais antigo dos quais datando, provavelmente, do início ou de meados

61) Segundo se considera atualmente, Torre Annunziata deve ser identificada com o sítio da antiga Oplontis, que aparece desciminada na Tábua Peutingeriana. Sobre Oplontis e as villae da região veja-se De Franciscis, 1975. Sobre a costa campana como local de veraneio, D'Arms, 1970.

## Um Novo Contexto

do século II a.C. (62). Apesar das superposições posteriores terem apagado, quase inteiramente, os restos do primeiro edifício, a construção original é ainda identificável nas fundações em grandes blocos de calcáreo, dispostos de modo "poligonal", sem uso de cimento (63). Tais blocos aparecem na grande área quadrangular (25) a SW, aparentemente não pavimentada e que Dyson identifica como um jardim, e na longa cisterna (9,1 x 25,5m) de formato retangular, cuja capacidade mínima é estimada em cerca de 340.000 litros (Dyson, 1983:14). Duas outras estruturas poderiam estar associadas a este período, segundo imagina Dyson (1983:15): o "implúvio", calçado com lajes de pedra calcárea e ladeado por oito colunas (das quais restam as bases) ornadas com capitéis dóricos (64), e uma pequena estrutura quadrada (12), formada por lajes finas e trabalhadas de pedra calcárea, que permaneceu em uso durante a ocupação do edifício e que foi, hipoteticamente, identificada com a base de um *sacellum*. Talvez se possam atribuir a este período os grandes jarros de armazenagem (*dolia*) encontrados,

---

62) A escassez de depósitos estratificados associados às estruturas, dificulta a datação da construção original. O sítio mostra sinais de frequentação desde o século III a.C. ("lucanian banded ware", fragmento de um vaso em figuras vermelhas de produção itálica e uma moeda de prata de Nápoles, datada entre 325 e 280 a.C.), mas Dyson (1983:13) - caso raro! - distingue com clareza entre frequentação e ocupação permanente do sítio. Há, no entanto, sinais seguros de uma intensa utilização do sítio no século II a.C., com abundante material numismático (bronzes do tipo Janus/proa, um denário de L.Trebatius de 133-126 a.C.) e cerâmico (sobretudo da produção denominada Campana A), que se torna mais escasso no século seguinte. A técnica construtiva empregada, por outro lado, é coerente com a datação sugerida pelo material móvel.

63) Dyson (1983:13), associa essa obra poligonal com a das muralhas de San Mauro, do século IV a.C. e com as fundações da vizinha *villa* de Pareti, pouco anterior a Vitimose. Segundo o mesmo autor, o modo de construção das fundações seria semelhante ao empregado no edifício de Sambuco, na Etrúria.

64) Dyson compara esta estrutura com a área central do pátio do edifício de Blera ("the form is exactly the same"), mas as dimensões são, aqui, muito menores e a própria função da estrutura, que não é central à construção, parece diversa.

com as bocas ao nível dos pavimentos antigos, em três diferentes pontos do sítio (identificáveis por um círculo na planta), mas não há elementos datantes (65).

É, sem dúvida, muito difícil interpretar a destinação econômica do edifício no estado fragmentário em que chegou até nós: o sítio localiza-se em uma área relativamente isolada, distante do litoral e dos grandes mercados da Itália e os *dolia* enterrados, que poderiam sugerir uma produção agrícola destinada ao mercado, não podem ser localizados com precisão dentro da história do edifício. A característica mais notável do sítio é, com certeza, a grande cisterna retangular, cuja capacidade de armazenamento - numa região com boa disponibilidade de água - sugere uma utilização para fins produtivos no interior do próprio edifício (66). Dentre o material escavado e publicado, desta forma, o sítio de Vittimose aparece numa zona limite, que marca a difusão da arquitetura de pedra nos campos da Itália central a partir do século II a.C.. Em termos de técnica edificativa, o edifício de Buccino, em sua primeira fase, parece mais próximo dos modos construtivos desenvolvidos ao norte do que àqueles próprios da Itália meridional, em particular na obra poligonal de suas fundações e na axialidade que ordena a relação entre o grande pátio 25 e o pequeno pátio calçado (mas também

---

65) A distribuição dos *dolia* não é uniforme, nem parece corresponder a nenhum dos aposentos das fases posteriores. Poderia tratar-se de um vasto pátio ("doiiium yard"), posteriormente destruído, mas é possível, igualmente, que o caráter disperso dos jarros seja intencional, e que sua deposição date da fase final de ocupação. Sobre as implicações de uma e outra alternativas para a interpretação econômica do sítio, veja-se Dyson, 1983:16.

66) A presença da cisterna poderia relacionar-se com o beneficiamento de lã: a presença de numerosos pesos de tear, não estratificados, encontrados sobretudo nas trincheiras em que se escavou o pátio 25, atesta, sem dúvida, a produção de tecidos no local (fig. 20b). É de se lamentar que não disponhamos de dados osteológicos para este sítio.

na recepção de certos elementos arquitetônicos, como as colunas dóricas, o hipotético pátio de dolia ou o igualmente suposto sacellum) (67).

### Cidade e Campo no século II a.C.

Os dados expostos nas páginas anteriores resumem, aproximadamente, nosso conhecimento sobre o desenvolvimento da arquitetura rural na Península até o final do século segundo. Se nos detivemos, por vezes com demasiado vagar, na descrição de cada edifício, isto se deveu à necessidade de valorizar, ao máximo, os poucos dados de que dispomos para este período. Estes não são, como vimos, nem tão escassos quanto se supõe comumente, nem tão numerosos ou seguros quanto, sem dúvida, desejaríamos. A quantidade e qualidade de nossos documentos básicos é, com efeito, muito limitada e inúmeras dúvidas pairam sobre a interpretação dos poucos edifícios que conhecemos. Nem temos meios de avaliar a representatividade de nosso material frente às realidades antigas, seja pela raridade das escavações em sítios dessa época, seja pela ausência quase absoluta, no registro arqueológico, de construções em materiais perecíveis. Não sabemos se os edifícios escavados foram sedes de grandes, pequenas ou médias explorações, nem conhecemos a posição social de seus proprietários. Tampouco podemos determinar o sistema de produção agrária em que se inseriam: uillae catonianas, produção escravista, arrendamento, parceria? (68) É

---

67) Não é absurdo pensarmos na presença de investimentos externos (talvez romanos?) por detrás da construção do edifício de Buccino - lembremo-nos que a região lucana marcava, para Catão, o limite meridional do espaço geográfico abrangido por seu livro e que, já na primeira metade do século II a.C., L. Emílio Paulo possuía uma propriedade em Véleia, uma colônia latina ao sul de Paestum (Plutarco, Emílio Paulo, 39, cf. McKay, 1975:101).

68) É importante ressaltar, mais uma vez, que não há correspondência necessária entre a forma e as dimensões de um edifício rural e o tipo ou extensão da propriedade de que fazia parte. Os estudos contemporâneos sobre a arquitetura rural de outras épocas e lugares enfatizam, precisamente, essa dissociação (veja-se La Regina, 1980:28; Di Pietro, 1980:344) e não se pode afirmar, como Rossiter

impossível afirmar, nos termos da documentação arqueológica, quando e onde estes e outros modelos se aplicam. Que representava, afinal, o uso da pedra na construção de edifícios rurais? Que regiões, que grupos sociais a adotaram em primeiro lugar? Qual a velocidade e o sentido de sua difusão, de sua penetração progressiva em novas áreas? Qual sua relação, arquitetônica e social, com os edifícios em que a pedra estava ainda ausente? Podemos imaginar que seu uso fosse, ao menos em determinadas épocas, apanágio de certos grupos sociais, ou mesmo de certos tipos de edifícios rurais, mas quais?

O próprio conjunto que possuímos, na verdade, não se presta facilmente à análise e a grande dispersão geográfica e cronológica dos sítios dificulta, se não invalida, a comparação entre os edifícios. Estes não parecem apresentar, à primeira vista, muitos traços em comum. Podemos observar que, com frequência, localizavam-se no topo de pequenas colinas, apresentando dimensões reduzidas e restringindo o uso da pedra às fundações, sendo raro o emprego de cimento. Tampouco possuíam equipamentos de grande porte, como prensas e moinhos fixos (69). Comparadas com os edifícios posteriores, estas construções mais antigas são relativamente despojadas, apresentando uma distinção apenas incipiente entre áreas habitacionais e produtivas e escassos equipamentos de conforto. Mas não transparece, no material disponível, a predominância de uma forma, de um padrão geral de organização dos espaços internos. Os edifícios, mesmo quando vizinhos, como os de Blera e Selvasecca, expõem-nos uma grande variedade de soluções arquitetônicas, aparentemente impossíveis de reduzir a um modelo original. Essa multiplicidade de formas, essa ausência de um padrão geral é, em si mesma, um problema interessante. Qual a origem de edifícios tão distintos como os de Giardino Vecchio, Blera ou Via Gabúria? De onde buscaram inspiração para conceber seu modo de organizar o espaço, para definir a distribuição dos

---

(1878:5), que o tamanho e a qualidade das construções refletem, "sem dúvida", os rendimentos da propriedade ou sua extensão.

69) Com a óbvia exceção da *villa* de Blera e seu equipamento para a produção de telhas, que incluía forno, bacias de decantação, moldes e amplos depósitos de armazenagem.

## Um Novo Contexto

apostentos, a relação entre áreas de circulação e espaços de atividade, entre fechado e aberto, entre exposto ao ar livre e coberto? Seria possível que derivassem todos de um ancestral comum, do qual representariam variações regionais, cronológicas ou mesmo sociais? Poderia ser, no outro extremo, que sua diversidade espelhasse diferenças de origem, que cada um tivesse derivado sua concepção básica de ancestrais distintos, de fontes diferentes, sem qualquer relação mútua? Podemos conceber, como provável, uma combinação qualquer destes fatores, um ponto intermediário entre eles. Mas qual?

A falta de informações cobra aqui seu preço: podemos acompanhar a lenta difusão de uma arquitetura de pedra na Itália central, até o final do século II a.C., mas faltam-nos muitos elos da corrente, faltam muitos pontos na trama para que possamos conhecer sua evolução em detalhe. As dificuldades de interpretação são quase intransponíveis, mas talvez consigamos lançar um pouco de luz sobre nosso objeto se o encararmos por um ângulo mais geral. Pensemos na questão da forma e no problema do significado de sua diversidade. Os fragmentos de edifícios que possuímos são muito poucos, pequenos e esparsos para que possamos identificar tradições específicas, linhas de derivação, origens, regionalismos etc. Podemos no entanto, seguir certas pistas e uma parte da resposta deve, forçosamente, ser buscada no próprio processo de criação de uma arquitetura rural como uma realidade específica. Trata-se de uma questão crucial: como e quando os edifícios do campo começaram a diferir das construções urbanas? Derivaram ambos de uma origem comum ou representavam concepções radicalmente diferentes do espaço habitacional e produtivo? Quais os pontos de confluência, as influências recíprocas, qual a relação, em suma, entre seus modelos e suas linhas evolutivas? O problema é complexo: nossas informações sobre as construções urbanas, sobretudo antes do século III, são também muito escassas e



devemos estar preparados para, como no campo, nos defrontarmos na cidade com múltiplos modelos, associados a realidades sociais, culturais ou regionais distintas.

A bibliografia contemporânea têm, ao menos desde o final do século passado, oferecido diferentes respostas a estas questões e, no que diz respeito às habitações urbanas, todas têm se centrado em uma forma muito específica: a da casa axial, com átrio e tablino (70), cujo esquema paradigmático pode ser ilustrado pela famosa "Casa de Salústio" (fig. 129), um edifício do século III a.C., escavado em Pompéia, que apresentava a característica distribuição dos aposentos num único eixo longitudinal, estendido em profundidade através da clássica sequência: vestibulum (1), atrium (10), tablinum (19) e hortus porticado ao fundo (24) (71). Esta forma de residência é, por sua vez, frequentemente assumida como o modelo básico da "casa itálica", seja como um desenvolvimento absolutamente autóctone (Mau,1900:228; Felletti May,1955:216), ou como uma transcrição "itálica" de formas estrangeiras, como o megaron greco-micênico (Patroni,1902:478) ou as habitações orientais com pátio interno (Boethius,1978:89 e nota) (72). Sua origem última, todavia, interessa-nos menos

70) O átrio era uma espécie de espaço livre (causa aedium) no interior da residência, que podia assumir diversas formas: além daquela tradicional, e mais conhecida, com tanque no centro (impluvium) para a recepção das águas pluviais que desciam por uma abertura no teto, Vitrúvio menciona a existência de outras formas, igualmente abertas, que denomina corinthium, tetrastylon, displuviatum, e uma única forma coberta, o átrio testudinatum (VI,3,1-3), próprio das residências menores. No texto que segue, empregamos átrio para designar, especificamente, aqueles que apresentavam uma abertura no teto. Trata-se de uma característica essencial, pois a complexidade do telhamento, sobretudo no caso do átrio impluviado, cuja abertura central dispensava o uso de colunas, apoiando-se em grossas traves transversais, encarecia sobremaneira sua construção, conferindo-lhe um caráter distintivo

71) A casa com átrio é, dos modelos de habitações romanas conhecidos, o mais exaustivamente mencionado pelas fontes escritas. Veja-se, por exemplo, o Thesaurus Linguae Latinae, s.v. atrium e as referências aí reunidas. A documentação arqueológica é também abundante, sobretudo em Pompéia, onde se conhecem mais de cem exemplares de residências, algumas do século III a.C., organizadas segundo o esquema átrio-tablino (veja-se Vos,1985,1,1:84). Mais ao norte, é verdade, as atestações são bem mais raras: apenas duas residências de Roma e duas de Óstia podem, por exemplo, ser associadas a este esquema (idem, ibi.). Certos autores, como Stefani, referem-se à casa com átrio, precisamente, como "casa pompeiana" (1944-5:56).

72) Para os próprios autores antigos a origem do átrio parece ter sido um mistério e suas investigações, baseadas em pressupostos falsamente etimológicos, são de pouco auxílio. Duas teorias parecem ter predominado: uma atribui ao átrio uma origem etrusca, aparentemente apoiando-se na semelhança com o nome da cidade etrusca de Atria (Sérvio, ad Aen.,1,726; Paul. Festo,13); outra via no átrio a antiga cozinha, chamada de atrium pela cor negra (ater) da fuligem deixada pelo fogo (Sérvio, ibid.; Ovídio, Metamorfoses,12,215: ignibus atria fumant).

que sua eventual relação com a arquitetura rural. Certos estudiosos, com efeito, têm defendido a idéia de que a casa com átrio e as habitações rurais derivaram de um ancestral comum e que representavam desenvolvimentos ulteriores de um mesmo ponto de partida. Há um certo consenso em colocar tal ponto, não nas antigas cabanas ovaladas da Idade do Ferro, mas nas primeiras habitações ortogonais, naqueles pequenos edifícios retangulares, com dois ou três aposentos, que vimos surgir em Veios, Roma ou Acquarossa ainda no período orientalizante (VII-VI a.C.) e dos quais derivaria, talvez, toda a arquitetura doméstica posterior.

Essa concórdia parcial, no entanto, termina quando se trata de detalhar o processo de desenvolvimento a partir deste modelo. Para Mau, por exemplo, o átrio era o centro de vivência da casa romana, representando uma transformação da antiga cozinha rústica, cuja disposição original seria ainda visível nas habitações rurais. A abertura no telhamento, ao centro do átrio, e o tanque no solo, para a recepção das águas pluviais, seriam assim recordações do antigo fogão central da casa itálica, em torno do qual se exerciam as principais atividades domésticas (Mau, 1900:235 e 355) (73). Já Patroni, cuja visão encontra, hoje em dia, uma aceitação mais ampla, concebia as casas rurais e urbanas como desenvolvimentos paralelos, a partir das primeiras pequenas habitações retangulares: ambas teriam resolvido de modo semelhante o problema da expansão da área construída, através de uma gradual absorção do espaço frontal, à céu aberto, no interior da residência (Fig. 21). Para W. Graham, que retomou recentemente a proposição de Patroni, o átrio nada mais seria do que este antigo pátio, inserido no interior da casa e transposto para um contexto urbano, mantendo em alguns casos, como no átrio toscânico com implúvio, as primitivas características de espaço

73) Segundo Mau, "die Küche des Landhauses ist das Atrium des italischen Hauses, der gemeinsame Wohnraum der Hausgenossen" (1900:355). A reconstrução de Mau, no entanto, apresenta alguns problemas que explicam sua pouca aceitação nos dias de hoje (se excetuarmos Rossiter, 1978:12). O principal deles, sem dúvida, é que os *atria* com implúvio eram apenas uma das formas possíveis do átrio que, na origem, era provavelmente coberto (*testudinatum*, cf. Boethius, 1978:89-90; McKay supõe, com uma certa probabilidade, que o átrio com implúvio seja um desenvolvimento do período helenístico, 1975:17).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

descoberto. O antigo ambiente central do retângulo de fundo, correspondendo à primitiva cozinha, teria por sua vez se transformado no tablino, este sim o principal espaço de vivência para os proprietários (Graham,1966:467 e segs.; Mckay,1975:108). Sem as limitações de espaço da cidade, as residências rurais teriam permanecido numa forma intermediária, como um grande U, aberto para a face meridional, com seus ambientes principais ao fundo e um pátio a céu aberto, flanqueado por diferentes aposentos. Para alguns autores, a forma em U seria o modelo básico da habitação rural, do qual o edifício de via Gabínia (fases 1b/c, figs. 61-63) forneceria uma surpreendente ilustração arqueológica (Widrig,1980:122; Vallat,1987:194).

Tal reconstrução, e a despeito de sua clareza e economia, não parece dar conta da ampla diversidade das habitações rurais e urbanas. Ainda que seja possível encontrar certas semelhanças entre o esquema hipotético de Patroni/Graham e o edifício de via Gabínia, o mesmo não se pode afirmar dos outros edifícios conhecidos (74). Parece difícil, por exemplo, identificar as eventuais linhas de derivação que conduziriam, de uma forma original em U, a planimetrias tão diversas como as de Giardino Vecchio, Blera ou Sambuco. O mesmo pode ser dito no que respeita à arquitetura urbana. Se a casa com átrio e tablino, disposta axialmente, parece ter sido relativamente comum em certos ambientes urbanos, como Pompéia, ao menos desde o século III a.C., ela não representou, de modo algum, a única forma das habitações urbanas. Em primeiro lugar, a maioria dos exemplares mais antigos de casas com átrio parece, curiosamente, concentrar-se ao sul de Roma: as habitações escavadas em Marzabotto, na Etrúria setentrional (fig. 6) e em Cosa (fig. 22), uma fundação latina do século III a.C., seguem planos distintos, sem a rígida axialidade das habitações pompeianas e sem o implúvio central. Mesmo em Pompéia, no entanto, existiam já no século II a.C. habitações organizadas sem átrio ou implúvio, nas quais o ambiente

74) O próprio Widrig, no entanto, apresenta objeções a uma comparação muito estreita, sobretudo por considerar o longo ambiente leste-ocidente de via Gabínia como um aposento interno, coberto, e não como um pátio a céu aberto (1980:123)

central obedecia a princípios opostos aos do átrio tradicional, desenvolvendo-se em largura, e não em profundidade (fig. 23) (Mau,1900:335; Hoffmann,1984:113).

O fato de a casa axial, com átrio impluviado e tablino, ser a única forma facilmente reconhecível, tendo se reproduzido, de modo mais ou menos fixo, em diferentes épocas e regiões, não deve iludir-nos. Ela não correspondia a uma "casa itálica" abstrata, genérica e universal, mas a um modelo habitativo muito específico, gerado no seio de determinados grupos sociais e adequado a seu *modus vivendi*. Trata-se de um ponto fundamental: as cidades da costa central da Itália tirrênica eram, desde há muito, sociedades fortemente diferenciadas pela posição e riqueza de seus habitantes e não podemos imaginar uma arquitetura uniforme sobre um pano de fundo tão desigual (75). As fontes escritas, com efeito, são unânimes em associar as casas com átrio à riqueza e ao prestígio político de seus proprietários: estas representavam, assim, uma forma de residência própria às camadas superiores das cidades da Itália central (76). Uma das chaves dessa ligação entre a casa com átrio e certas aristocracias municipais da Itália central encontra-se no modo como esses grupos dominantes atuavam na vida pública. Cícero, numa passagem bastante conhecida, mostra como as dimensões, a suntuosidade e a dignidade de uma residência contribuíam, ou antes, podiam ser fundamentais para a carreira política de um homem público: *Cn. Octavius*, por exemplo, um *homo novus*, devera a obtenção do consulado à casa que construiu no Palatino (*De Officiis*,I,39). Mas não era apenas na aparência externa, ou na grandiosidade, que as casas da aristocracia peninsular expressavam posição social e poder. Como observou Wallace-Hadrill, num artigo recente, essas residências eram uma parte integrante do papel exercido pelos grupos dominantes no interior de suas coletividades, propiciando o espaço necessário para uma vida pública particularmente

75) Esta íntima associação entre forma arquitetônica e posição social pode ser observada ou presumida até mesmo para os séculos VII e VI a.C., tanto no que se refere à arquitetura funerária, que é melhor conhecida, quanto àquele doméstica (Boethius,1978:75; Gierow,1966:30).

76) Veja-se, por exemplo, Tito Lívio,V,41,7 : "*plebis aedificijs obseratis, patentibus atria principum*"; Marcial,V,20,5 : "*neq nos atria neq domos potentium...nossemus*; Juvenal,II,7,91: "*nobilium magna atria*".

intensa (1988:44 e segs.). O texto essencial é Vitrúvio (VI,5,1-3): ao contrário das residências dos homens comuns (*communi fortuna*), as *domus* da nobreza articulavam-se em espaços privados (*propria loca*), restritos à família e ao pessoal doméstico, como os cubículos, os triclinios ou os banhos, e outros públicos (*communia loca*), abertos à população em geral, nos quais "*etiam inuocati suo iure de populo possunt uenire*". como os vestibulos, os átrios e os peristílios (77). Wallace-Hadrill ressalta a importância dessa oposição entre público e privado na estrutura da casa da elite e associa-a, tanto às práticas de hospitalidade no seio da aristocracia peninsular, como ao clientelismo que a unia aos demais segmentos da população (1988:55). Áreas de recepção eram, assim, espaços essenciais no interior de suas residências e sua amplitude correspondia, ao menos idealmente, à importância pública do proprietário (78).

O modelo de residência com átrio e tablino, desta forma, possuía um caráter social muito específico e circunscrito para que possamos considerá-lo como "a casa itálica" por excelência, abstrata e genérica, e parece difícil aplicarmos a ele as teorias que propugnam uma origem comum para a arquitetura urbana e rural. Afinal, a qual "arquitetura" nos referimos, se estamos diante de uma grande variedade de formas, tanto nos campos como nas cidades? Uma alternativa seria propor origens distintas para os diferentes edifícios que encontramos no mundo rural. Carrington, por exemplo, mesmo aceitando a validade paradigmática da casa axial para o meio urbano, supunha uma gênese diversa para os edifícios rurais, que teriam adquirido, a partir de ancestrais mais "grosseiros", uma forma regular, composta por um pátio quadrado cercado por cabanas em lados opostos, servindo umas para a habitação e outras para as atividades

77) A própria disposição axial ligava-se, de certo modo, a esse caráter público das grandes residências, unificando visualmente os espaços menos íntimos de seu interior, descortinando-os para quem passava pela rua ou se detinha diante da entrada, cuja porta, em geral, permanecia aberta durante o dia (Wallace-Hadrill, 1988:46). Como afirma Wallace-Hadrill (1988:46) um homem público entrava em sua *domus*, não para se proteger das vistas do público (como fariam os gregos), mas para se apresentar sob sua melhor luz.

78) É o que afirma Cícero: "*sic in domo clarí hominis, in quam et hospites multi recipiendi et admittenda hominum culusque modi multitudo, adhibendo est cura laxitatis*" (De Off., I,39). Vitrúvio menciona uma série de possíveis dimensões do átrio, concebendo seu comprimento (*longitudo*) numa escala que varia de 30 a 100 pés romanos (de cerca de dez até mais de trinta metros) (VI,3,3-4).

produtivas (1937:117). Outros autores vão mais longe, defendendo uma origem extra-italica para boa parte da arquitetura rural. Como Rossiter que, mesmo aceitando, em certos casos, a validade do esquema de Mau, acredita numa influência difundida da arquitetura doméstica grega na forma dos edifícios rurais do século II a.C.. Sambuco seria, assim, associável às casas gregas do tipo "pastas" (fig. 24), enquanto Blera teria sua origem nas residências helênicas com peristílio central, como a "Casa da Boa Fortuna", de Olinto (1978:10-12). A despeito de certas semelhanças formais, no entanto, tais casas eram residências eminentemente urbanas. Além disso, organizavam-se, como todas as grandes habitações gregas, de acordo com atividades e padrões de vivência totalmente distintos dos das casas romanas, tanto urbanas como rurais (79). Uma outra possibilidade, talvez mais apropriada, seria a de buscarmos paralelos no interior da própria arquitetura rural grega: o plano de Sambuco, por exemplo, apresenta certas analogias com edifícios rurais da Ática, como a "Casa da Caverna de Pan", em Vari (fig. 25), enquanto Blera poderia ser comparado com o edifício de Tolve, na Itália meridional. Mesmo aqui, no entanto, encontramos apenas semelhanças superficiais (80).

O estudo das origens e das influências recebidas pela arquitetura rural da Itália central até o final do século II a.C. parece desembocar, desta forma, num beco sem saída. Voltemos à questão da variabilidade das formas e tentemos explorá-la sob um outro ângulo, mais geral e abstrato. Que arquitetura urbana e rural seguiram desenvolvimentos paralelos pode ser observado pelo modo como ambas adotaram, ainda que com tempos diferentes, determinadas inovações na técnica edificativa e na

---

79) Basta lembrar que, ao contrário das casas da Itália central, as habitações helênicas articulavam-se segundo uma nítida distinção entre áreas femininas (localizadas nos aposentos em redor do "pastas") e masculinas (veja-se Vitruvius, VI, 6, 1-5).

80) Há, em primeiro lugar, sérias dificuldades cronológicas: a "Casa da Caverna de Pan" data do século V a.C. e aquela de Tolve deve datar do final do século seguinte. Algumas analogias formais, além disso, são apenas aparentes: o edifício de Sambuco não possuía, como em Vari, um verdadeiro "pastas", e sim um corredor central, não colunado, que distribuía o movimento por aposentos localizados em dois blocos contrapostos. Entre Tolve e Blera, no entanto, os pontos de contato parecem, efetivamente, mais fortes.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

planimetria das construções: plantas ortogonais (81), uso da pedra nas fundações e, eventualmente, nos muros em elevação (82), coberturas impermeáveis, formadas por telhas planas ou côncavas, de barro cozido (83). No entanto, se cidade e campo permaneceram em contato, desenvolveram sistemas de organização do espaço interno bastante diferentes. Lembremo-nos de como os primeiros edifícios ortogonais, conhecidos em meio urbano, tinham a forma de um retângulo alongado, aberto para um dos lados maiores, por vezes precedido por um pequeno vestíbulo ou pórtico. Em seu desenvolvimento subsequente, no entanto, as residências citadinas estenderam-se em profundidade, adotando a forma de um retângulo alongado e aberto, por um dos lados menores, para a rua (84). Essa disposição longitudinal, que se tornará típica dos

81) A evolução da arquitetura doméstica da Itália central, no período republicano, pode ser vista sob o prisma de uma progressiva complexificação da relação entre espaço e função, tanto pelo surgimento de novas necessidades habitativas, como pela criação de novas formas e lugares. As antigas cabanas ovais representavam, com efeito, um espaço multi-funcional, indiferenciado internamente, centrado sobre um ponto focal, talvez a fogueira. A introdução de formas retangulares têm várias implicações. Por um lado, como vimos, liga-se à reordenação dos espaços urbanos, com a regularização da malha viária, a modularização do espaço intrapomœrium e a eliminação progressiva do espaço entre as residências. Mas a adoção da ortogonalidade teve também outras implicações, que talvez ajudem a entender sua posterior difusão pelo meio rural: o retângulo permitia, com efeito, uma melhor subdivisão dos espaços internos (Hunter-Anderson, 1977:302-303), possibilitando a criação de lugares específicos, que podiam ser diferenciados pelo modo e facilidade de seu acesso, por suas dimensões, pela forma de cobertura, pela exposição aos agentes atmosféricos etc. Propiciou, assim, que o espaço se especializasse funcionalmente, que se ordenasse numa malha de oposições: aberto x fechado, público x privado, trabalho x não trabalho, masculino x feminino, grandioso x humilde e assim por diante. Algumas dessas oposições serão, como veremos, fundamentais à arquitetura romana posterior e devem ter se formado pouco a pouco, mais rapidamente nos meios mais ricos. A difusão da ortogonalidade nos campos deve ter correspondido, igualmente, a uma paralela diversificação e especialização das atividades produtivas e dos espaços correlacionados: armazenagem, laboratório, dormitório, residência senhorial e da mão de obra, cozinha - dos quais apenas alguns podem ser confrontados aos das residências urbanas.

82) Uma característica fundamental dos primeiros edifícios em pedra da Itália central era o emprego de blocos esquadriados, de dimensões relativamente grandes, dispostos a secco, nas fundações. É um importante traço regional: em outras regiões, como no sul da Itália, ou mesmo mais ao norte, em época posterior, predominavam sistemas diversos, empregando pequenos blocos, sobretudo seixos fluviais, nas fundações e nos muros em elevação, como em Tolve.

83) Os dados à nossa disposição sugerem que tais novidades estabeleceram-se primeiramente nas cidades, difundindo-se mais lentamente pelas zonas rurais. A adoção da pedra, por exemplo, parece ter ocorrido no meio urbano uns trezentos anos antes das primeiras construções rurais atestadas nesse material; já não é o caso do uso do cimento, cuja difusão, a partir de Roma, parece bem mais rápida. Como veremos no capítulo seguinte, o fosso cronológico entre campo e cidade, no que se refere às técnicas construtivas, tendeu a desaparecer no século I a.C., ao menos no tocante aos edifícios mais ricos.

84) Ambas as formas devem ter, certamente, convivido por algum tempo, como demonstram as escavações de Velos, San Giovenale e Vetulonia (Boethius, 1978:76-77). Boethius está provavelmente

## Um Novo Contexto

edifícios citadinos, deve estar relacionada, ao menos em parte, com a organização e regularização dos espaços urbanos em blocos separados por ruas. O exemplo de Marzabotto (fig. 6), uma fundação colonial etrusca do final do século VI a.C., cujo traçado é claramente planejado, sugere uma rápida difusão das residências longitudinais pelas cidades da Itália central (85) - uma disposição que predominará em contextos urbanos nos séculos seguintes (86).

Vimos como as residências conhecidas apresentavam uma grande variedade de soluções para a organização do espaço interno, das quais a casa axial, com átrio impluviado e tablino, era apenas uma das possibilidades. Por trás dessa diversidade, no entanto, a ordenação em profundidade do retângulo perimetral era um traço comum que permite diferenciar, em bloco, a arquitetura doméstica urbana daquela que se desenvolvia no meio rural (87). Os edifícios rurais, com efeito, imunes às restrições espaciais das cidades, mantiveram-se mais próximos da antiga disposição - um retângulo aberto para um dos lados maiores -, desenvolvendo-a de modos diferentes, à medida em que se necessitava, ou se desejava, ampliar a área construída

---

certo em associar a disposição longitudinal aos grupos mais ricos dessas cidades - ao menos em um primeiro momento.

85) Lembremo-nos, além disso, de que Marzabotto era uma cidade "hipodameia", planejada segundo um traçado ortogonal: planejamento urbano, centuração, parcelização, casas longitudinais parecem realidades correlacionadas, índices das mudanças profundas por que passavam as sociedades da Itália central: eram elementos que permitiam medir, avaliar, comparar, dividir, redistribuir riquezas como quantidades numéricas precisas - constituíam manifestações, com um caráter próprio, de inovações sociais e mentais introduzidas a partir do Mediterrâneo Oriental. A relação entre tais elementos é particularmente visível nas fundações coloniais (*et pour cause!*), como Cosa, onde a canturiação no campo e a trama ortogonal na cidade correspondiam à distribuição de lotes de terra no meio rural e urbano, seguindo um padrão igualitário (ao menos, de uma igualdade proporcional), como mostram as duas casas, idênticas e contíguas, escavadas no centro mesmo de Cosa (fig. 22) (Celuzza, 1984:158; Torelli 1985:198).

86) Tornando-se quase exclusiva, sobretudo nas construções com três ou mais aposentos, embora também se conheçam exemplares aproximadamente quadrados, como a chamada "Suny House" de Cosa, do início do século I a.C. (fig. 26) (Mckay, 1975:62-63), cujo eixo diretor permaneceu sendo, em todo caso, aquele longitudinal.

87) O edifício escavado por Dyson em Buccino (figs. 18-19) poderia constituir uma exceção, dada a disposição aparentemente axial entre o pátio calçado e o suposto implúvio. Devemos nos lembrar, no entanto, que o primeiro edifício de Buccino é conhecido apenas de modo muito fragmentário e que não há certeza, nem mesmo, de que estes dois elementos sejam contemporâneos.



(88). Esse esquema perimetral, em sua forma mais reduzida, pode talvez ser reconhecido no edifício de Giardini di Corcolle (fig. 10), do século III a.C. (apesar da fragmentariedade dos vestígios) e, na verdade, permanecerá presente nos campos da Itália central por muito tempo (89).

É possível reconhecer esse mesmo retângulo em edifícios como Sambuco e via Gabínia (nas fases 1b e 1c). Ambos parecem representar uma ampliação do retângulo básico do período arcaico, através da absorção do espaço frontal à construção, mas as soluções encontradas foram bastante distintas. Em Sambuco (fig. 15), o retângulo perimetral era dividido, internamente, em três retângulos paralelos, sendo que o maior e mais interno, ao fundo (ambos 1,2,3 e 4), parece ter composto o núcleo da construção. Embora não disponhamos de elementos para definir sua destinação funcional, é possível que aqui se situasse a habitação principal. O retângulo da fachada parece ser, por sua vez, um desdobramento daquele de fundo, do qual era separado pelo corredor central. Uma repartição semelhante do espaço interno por três retângulos paralelos pode ser vista no edifício de Giardino Vecchio (figs. 13-14), embora os muros posteriores atrapalhem a leitura da planta original e o retângulo central, onde se localizava um pequeno pátio quadrado, fosse também ocupado por ambientes de serviço. Em via Gabínia (figs. 62-63), por outro lado, o retângulo de fundo, repartido em três aposentos e precedido por uma área retangular livre, é facilmente reconhecível, mas a ocupação do espaço frontal se deu por meio de dois braços laterais, dispostos perpendicularmente em relação ao bloco de fundo, de modo a delimitar um pátio aberto ao centro. Veremos mais tarde como muitos edifícios, construídos no século I a.C., apresentavam ainda como um de seus componentes

---

88) A impressão que se obtém, da documentação disponível, é que a arquitetura rural da Itália impunha certos limites ao número de aposentos, abertos para um só lado, que um mesmo retângulo podia conter. Acima de quatro ou cinco aposentos, com efeito, a tendência parece ter sido a de desdobrar o retângulo em blocos contíguos. Um limite semelhante pode ser observado nas residências gregas com "pastas", onde predomina uma disposição do retângulo de fundo em quatro ou, mais raramente, cinco aposentos (Jones et alii, 1973: 431).

89) Vejam-se, por exemplo, o caso dos sítios de Posto e Monte Forco, descritos no capítulo seguinte.

básicos o antigo módulo retangular. Nem todas as construções rurais conhecidas, no entanto, se adequam a este esquema geral e devemos nos precaver contra excessivas generalizações. De fato, o edifício de Blera (fig. 16), além da peculiaridade de sua produção laterícia, apresentava uma disposição *sui-generis*, com uma planta quadrangular, centrada em um pátio colunado, que distribuía circularmente o movimento no interior da construção. Em torno do pátio, no entanto, os aposentos se organizavam como blocos retangulares, distribuídos de um modo não uniforme: os longos retângulos laterais parecem estruturalmente mais importantes, agrupando, e opondo, funções diversas: atividades habitativas, no bloco sudoeste, e produtivas naquele nordeste, enquanto os retângulos frontal e de fundo, de menores dimensões, parecem imbricar-se nos anteriores e como que complementá-los (90).

Arquitetura urbana e rural, desta forma, se diferenciavam pela forma de seu espaço perimetral e pela posição de suas aberturas que, por sua vez, determinavam em boa medida a organização dos aposentos e da vida doméstica no interior dos edifícios. É uma distinção fundamental, mas ela ainda não nos diz tudo. As habitações do campo e da cidade eram fruto de um mesmo meio arquitetônico e preservaram, na concepção de seus espaços internos, certas características estruturais em comum, que ainda podemos tentar ler, a despeito da imensa variedade de soluções específicas. Em primeiro lugar, as linhas e os ângulos retos parecem predominar de modo absoluto: não há curvas, seja no perímetro externo ou no interior da construção, mesmo quando o movimento interno se distribui circularmente, como no caso de pátios quadrangulares (91). Havia uma forte tendência, além disso, a reunir todos os aposentos e, portanto,

90) É possível, portanto, que Blera exprima, ao contrário das aparências (sobretudo pela posição diversa da entrada), uma concepção estrutural análoga à das construções anteriores: o edifício pode, com efeito, ser repartido em três retângulos distintos (na proporção 2x3x2), com os dois mais importantes, aos lados da entrada, devidamente contrapostos e separados por um retângulo interno, ainda reconhecível apesar dos ambientes colocados à frente e ao fundo. Vista sob este ângulo, a disposição interna do edifício lembra aquela de Sambuco e, sobretudo, de Giardino Vecchio, onde a proporção entre a profundidade dos retângulos é semelhante (2x3x2 em Giardino Vecchio; 3x2x3 em Sambuco).

91) Paredes e tetos curvos (abobadados) introduzir-se-ão pouco a pouco, como veremos, na arquitetura urbana e rural no curso do século I a.C., sobretudo em relação aos ambientes de alguma

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

todas as funções habitativas, no interior de único bloco, de uma única linha perimetral (Mansuelli,1958:23). A força dessa tendência se manifestava, por exemplo, no modo com os espaços externos e ao ar livre eram englobados nas residências, fornecendo áreas de atividade ou de circulação. Embora sua forma variasse, estes espaços livres (*atria* nas cidades, *cohortes* no meio rural), cobertos ou não por um telhado, estavam presentes em todas as construções de algum porte. Eram uma característica essencial da arquitetura doméstica da Itália central, associando-a ao que parece ser uma longa tradição mediterrânica e médio-oriental.

As construções rurais e urbanas parecem, portanto, derivar de um substrato comum, reconhecível ainda, apesar das inúmeras variações formais. Mas não era apenas numa imemorial origem que elas se tocavam: permaneceram, como vimos, em contato, mesmo que o ritmo com que adotaram inovações na técnica construtiva, nos elementos arquitetônicos ou na planimetria, tenha sido diverso. No curso do século II a.C., no entanto, os contatos parecem ter se intensificado e as influências espalharam-se mais rapidamente: foi o caso da adoção do cimento, de certas técnicas decorativas, como a pintura parietal, e de diversos elementos arquitetônicos, como as colunas ou os assoalhos impermeáveis. No que toca à arquitetura rural, a abertura às influências urbanas parece ser uma função da importância do edifício, não apenas em relação à escala das atividades produtivas, mas sobretudo da riqueza da parte senhorial. É na parte destinada à habitação do proprietário, como seria de se esperar, que podemos identificar uma crescente gama de elementos arquitetônicos difundidos a partir das cidades, transferindo para os campos padrões de diferenciação material e modos de vida próprios do meio urbano (92). Um caso limite desses modos

---

distinção: nas termas, nos espaços a céu aberto, nos nichos e absides que abrigavam estátuas ou fontes etc. Apenas em época (para nós) tardia, a partir do século III d.C., é que as linhas curvas se tornaram um elemento habitual das habitações domésticas.

92) Essa transferência que não era uma mera transposição, na medida em que os elementos da arquitetura urbana, ao se deslocarem para o meio rural, adquiriam outras significações, dadas pelo novo contexto. Podemos identificar dois fatores distintos envolvidos na seleção e adoção desses elementos urbanos nos campos da Itália central. Em primeiro lugar, a um nível local, a prosperidade da agricultura italiana no século II a.C. não foi sentida ou aproveitada de igual forma pelos

## Um Novo Contexto

de transferência foi a adoção, não de elementos isolados, mas da própria estrutura das casas urbanas mais ricas, com sua conformação axial e seus aposentos típicos, dispostos em torno do átrio.<sup>1</sup> A tendência à construção de edifícios do gênero tornar-se-á mais forte e diferenciada no século seguinte, mas conhecemos algumas dessas construções já no século II a.C.

A mais famosa, sem dúvida, é a célebre "Villa dei Misteri" (Maiuri, 1931), a menos de 400 m da Porta de Herculano, em Pompéia. O edifício, muito bem conservado, retrata, obviamente, a situação à época da erupção de 79 d.C. (fig. 145), mas o estudo da técnica construtiva permitiu a Maiuri reconhecer um núcleo original, em torno do átrio, que apresenta uma série de inovações interessantes: na escala da construção, na disposição planimétrica e no emprego de elementos arquitetônicos que reinterpretavam o modelo urbano de residência senhorial para fora das muralhas. Podemos reconhecer o núcleo inicial da residência (fig. 144, linhas mais escuras) pelos muros em obra incerta de pedra calcárea e tufo, associada ao uso de blocos esquadriados de calcáreo nos quadros de portas e janelas. Tal associação permite datar o primeiro edifício da chamada "fase de transição" entre os períodos do calcáreo e do

---

proprietários rurais de uma mesma região. Os mais bem sucedidos na competição por terras, e os que podiam, com mais facilidade, converter seus patrimônios em equipamentos e mão-de-obra, aumentavam sua capacidade de consumir produtos artesanais (produzidos pelas cidades) e de integrar-se aos sistemas e padrões de consumo do meio urbano, ao mesmo tempo em que tais produtos (entre os quais elementos arquitetônicos) expressavam seu enriquecimento relativo perante a vizinhança de sua região. A presença de características urbanas nas habitações rurais deste grupo manifestaria, assim, uma relação aumentada e frutífera com os centros urbanos (ou seja, com o mercado). Mas há uma outra dimensão a considerar: entre os proprietários rurais habitando nas cidades (a referência, aqui, vale sobretudo para a aristocracia de Roma) o século segundo observou uma profunda alteração na relação com o mundo rural, que passou a representar um refúgio das atividades citadinas, tornando-se um local privilegiado para as atividades literárias, para a reflexão filosófica, para receber amigos e parentes, para construir em grande estilo sem as limitações de espaço dos centros urbanos (Mansuelli, 1958:13-16). Para este segmento, portanto, a transposição da arquitetura urbana para o campo expressaria, ao contrário do primeiro grupo, uma nova relação com o meio rural. O contraponto perfeito dessa "urbanização" dos edifícios mais ricos no campo é a "ruralização" de certas construções urbanas, que se manifestava na construção de peristilos e jardins internos (veja-se Grimal, 1969; Jashemsky, 1979). Os primeiros jardins "de *plaisance*" atestados pela tradição literária são os de Cipião Emiliano, na segunda metade do século II a.C., Grimal, 1969:425. Bus in urbe e urbs in rure. portanto, se correspondiam e eram as duas faces de um mesmo fenômeno.

tufo (93). Localizada num terreno em declive, entre duas vias públicas, a construção se erguia sobre uma plataforma parcialmente artificial, que definia uma área de cerca de 1800 m<sup>2</sup>. Sob a plataforma, estendia-se um criptopórtico de três braços, na parte inferior do declive, iluminado por pequenas janelas e emoldurado, na face externa, por uma fileira de arcos formando um pórtico aberto. A disposição dos aposentos na residência acima, sobre a plataforma, assemelhava-se à de algumas casas bastante antigas de Pompéia (como a Casa de Salústio, fig. 129): a habitação centrava-se em um imponente átrio toscânico, para o qual se abriam nada menos que treze grandes portas (3,28 metros de luz), pelas quais se tinha acesso a todos os demais aposentos (cerca de onze são ainda reconhecíveis, entre alae, cubicula e o tablinum, ao fundo). Diante da residência, na face oriental, um muro perimetral definia um amplo espaço retangular, cuja utilização precisa não pôde ser reconstruída: é provável que abrigasse um pátio interno, de frente ao átrio e, talvez, alguns ambientes de serviço. Ao contrário do que ocorria nas habitações intra-muros, a extremidade ocidental da residência era ladeada por um pórtico de três braços, com colunas de calcáreo, que ocupava o lugar do jardim ou do peristílio. Trata-se da primeira manifestação conhecida de uma tendência que encontrará, no século seguinte, uma ampla difusão nos edifícios rurais de maior porte. Pouco a pouco, com efeito, adquiriam importância todos os recortes das superfícies perimetrais: janelas, amplas aberturas protegidas por portas ou cortinados, terraços e varandas (Scagliarini-Corlaità,1978:8-9). Utilizando-se de um recurso emprestado,

---

93) Que Maiuri (1931:38-39) datava da segunda metade do século III a.C., mas que hoje, comumente, se coloca em meados do século seguinte (por exemplo, D'Arms,1984:68).

provavelmente, à arquitetura pública grega, o edifício apresentava, assim, uma fachada colunada, que se abria para a paisagem circundante, para os campos e o mar (94).

Ainda no período samnítico (ou seja, antes de 89 a.C.), talvez no final do século, o edifício passou por algumas transformações importantes, que ampliaram a área construída e redesenharam sua planimetria (95). Em direção à via pública, a leste, construiu-se então um peristílio com colunas mistas dórico/jônicas, em tufo de Nocera, seguindo a moda helenizante. Em torno deste se dispuseram novos ambientes de habitação (grandes salas de formato retangular 26, 31-2, 33-5 e um suposto triclinio ao norte), comunicando-se com o exterior através de um imponente vestíbulo em arco, com bancos murados dispostos ao lado da entrada. Os ambientes de serviço concentraram-se na parte meridional do edifício, em torno de um pequeno átrio quadrangular, originalmente toscânico (as quatro colunas da planta são um acréscimo posterior)/ Aí se localizavam a cozinha, um modesto ambiente termal, provavelmente aquecido por um braseiro portátil, e alguns ambientes de serviço (amb. 36-7, 38-40, 47). Desta forma, a área construída do edifício foi mais que duplicada e os aposentos passaram a se articular em torno de três áreas descobertas (peristílio, átrio e atríolo), com funções diferenciadas, correspondendo à diversificação das funções habitativas que

---

94) Devemos nos lembrar, no entanto, de que pórticos sustentados por estacas ou colunas possuíam uma longa história na arquitetura doméstica da Península, remontando às cabanas ovais da Idade do Ferro. Mas é igualmente verdade que a utilização de colunas revestiu-se, a partir do século II a.C., de um conteúdo simbólico, que pode ser pressentido pelo fato de estas nunca exercerem uma função portante, estrutural. Sustentavam, em geral, beiras de telhados, criando um espaço de mediação entre coberto e descoberto, entre externo e interno, que era também um intermediário do olhar: desenhavam as fachadas externas e as aberturas internas, dando-lhes a imponência dos edifícios públicos, dos templos e das stoa's helenísticas (Wallace-Hadrill, 1988:66-68). As casas das cidades, apertadas no tecido urbano e em contato direto com a circulação das ruas, reservavam seu uso aos espaços internos. Mas o edifício rural era senhor de seu espaço e da paisagem, para a qual se abria e sobre a qual recortava um perfil, por vezes, suntuoso.

95) Este segundo período é identificável pela diferente técnica murária (em obra quase reticulada, bastante grosseira, empregando blocos de tufo e muito cimento), pelas colunas em tufo de Nocera e pela altura diferente das portas, que de 3,28m, no período anterior, desceram para uma média de 2,15m, com um mínimo de 1,90. Os ambientes, portanto, parecem ter possuído um pé direito menor e o próprio peristílio era singularmente baixo (colunas com 2,10m), o que, segundo Maiuri, poderia implicar na existência de um piso superior ou, ao menos, de um "loggato" sobre o peristílio.

observamos surgir nas grandes mansões urbanas do período (96). Também nesta reformulação, o modelo adotado era de clara origem urbana. Basta observar algumas grandes casas de Pompéia, construídas nesse período ou pouco anteriores, como a casa de M. Obélio Firmo (fig. 130), a Casa do Fauno (fig. 131) ou a Casa dos Vettii (fig. 132), todas elas com uma estrutura tríplice, muito semelhante à de villa dei Misteri (97).

Villa dei Misteri constitui-se, assim, num dos primeiros exemplos conhecidos de um edifício extra-urbano que adotou, em sua disposição planimétrica, um modelo originalmente concebido para o meio urbano. Que não se tratava de um caso isolado, indica-o a construção, por essa mesma época, de outros edifícios semelhantes, às portas mesmas de Pompéia, como a villa de Diomede, a poucas centenas de metros, que possuía uma estrutura bastante semelhante (fig. 146). Tais edifícios nos propõem o problema do significado dessa transposição de modelos urbanos para o campo. Como poderíamos interpretá-la? Mesmo sem esperar uma resposta conclusiva, podemos tentar circunscrever melhor os elementos envolvidos.

A casa com átrio mantinha, como vimos, uma íntima relação com o modo de vida das aristocracias municipais da Itália central no período republicano. Um vínculo que reaparece, com ainda maior força, no modelo tríplice, com dois átrios e

96) Na ausência de vestígios da execução de atividades produtivas no interior do edifício, ao menos para este período, podemos supor que as funções exercidas por Villa dei Misteri, a exemplo de seus congêneres urbanos, dessem prioridade à habitação senhorial e ao serviço doméstico. Eram atividades, de resto, intimamente relacionadas. Já por esta época parece fixar-se um certo padrão de vivência senhorial, articulada em três funções básicas: dormir (cubicula), comer (triclinia) e receber, com subdivisões segundo seu caráter mais público ou mais privado. Uma tal divisão dos espaços de vivência senhorial se tornará, como veremos, progressivamente mais complexa no século seguinte.

97) A tendência geral das grandes casas urbanas com átrio parece ter sido a de expandir-se em dois sentidos: para os fundos, onde um peristilo ocupou o lugar do antigo hortus, passando a congregar os aposentos mais íntimos (Wallace-Hadrill, 1988:86-88); e para um dos lados (em geral, à direita da entrada), para onde se deslocaram os ambientes de serviço, organizando-se em torno de um átrio. Em Villa dei Misteri, encontramos uma disposição quase idêntica, mas parcialmente invertida, na medida em que o ingresso ao edifício se dava pelo peristilo, e não pelo átrio. Parece, com efeito, uma ilustração do conhecido preceito vitruviano (VI,5,3: in urbe atria proxima lanulis solent esse, ruri ab pseudourbanis statim peristylia, deinde tunc atria habentia circum porticus pavimentatas spectantes ad palaestras et ambulationes.), mas devemos considerar a possibilidade de que as estruturas anteriores tenham determinado, em Misteri, a disposição adotada.

peristílio. Para observarmos esta relação com maior detalhe, reflitamos um pouco sobre os possíveis laços entre essa arquitetura rural e a sociedade de seu tempo. Começemos pelo topo. A partir do início do século segundo, membros da aristocracia de Roma começaram a construir residências fora dos centros urbanos, sobretudo em áreas próximas ao litoral, que serviam como refúgio das atribulações urbanas, como casas de veraneio, como abrigos para o exercício do otium, da leitura, da reflexão filosófica (Mansuelli,1958:14-15; D'Arms,1970:14)). Para essa camada, a villa não era apenas uma construção rural, mas parte de ser "modo de vida" (98). As fontes textuais nos dão a conhecer alguns desses proprietários, ainda no século II a.C., o mais famoso dos quais é Cipião Africano. Sua propriedade em Literno, no litoral, erguida no início do século, nos é descrita brevemente por Sêneca como uma construção simples e despojada, com paredes em obra quadrada, duas torres laterais, um pequeno banho e uma grande cisterna (Epist.,86,4). O fato, no entanto, é que não conhecemos, materialmente, a forma desses edifícios, nem podemos identificar o modelo arquitetônico que seguiam. E, se este é o segmento social que conhecemos melhor, terá sido, efetivamente, o mais significativo, ou antes, o melhor representado no registro arqueológico?

A utilização de casas no campo como uma segunda residência para proprietários habitando nas cidades deve ter implicado um aumento de importância do setor residencial dos edifícios correspondentes, talvez mesmo na sua hipertrofia. Aceitemos esta simples relação como um contexto mínimo para entendermos a difusão do modelo com átrio, com seu caráter eminentemente residencial e urbano, para os campos. Nada indica, contudo, que possamos associar esses edifícios, como as villas dei Místeri ou de Diomede, à aristocracia romana. Sobretudo se considerarmos que Pompéia era então uma cidade aliada, com sua própria administração municipal (99). É

98) Mielsch,1987: "Der schwer übersetzbare Begriff des otium...gehört also...von Anfang an zum Wesen der römischen Villa, die nicht nur eine Form der landwirtschaftlichen Organisation oder ein Bautypus ist, sondern eine Lebensform". Veja-se também Zanker,1979:461-462.

99) Os exemplos conhecidos de propriedades da aristocracia romana fora do ager romanus, neste século II a.C., localizam-se todos em colônias latinas ou romanas, e não no território de cidades aliadas: é o caso de Literno, Puteoli, Terracina e Velleia (Mckay,1975:101).



mais provável que seus proprietários fossem membros da aristocracia local, de origem samnita, cuja relativa independência com relação à Roma se faria sentir à época do levante itálico do início do século seguinte. A questão permanece: por que utilizar-se de um modelo que, nas cidades, servia para mediar as relações entre público e privado, criando um espaço adequado para o exercício da vida pública de seu proprietário? A forma da casa com átrio teria sido transportada juntamente com suas funções tradicionais, ou adotada por si mesma, esvaziada de seu conteúdo político e social? Há vários fatores a considerar. No caso específico de villa dei Misteri, ou daquela de Diomede, a proximidade com Pompéia retira grande parte da força da oposição campo ou cidade. Seus moradores, a apenas 400 metros da muralha, podiam perfeitamente inserir-se na malha das relações sociais urbanas (100). A opção de construir extra-muros pode, assim, ter sido ditada por razões variadas: fuga de um espaço urbano super-povoado e super-construído, possibilidade de aproveitar a maior disponibilidade de espaço fora das muralhas, maior proximidade com as propriedades rurais, etc. Em termos mais gerais, no entanto, algumas fontes textuais deixam transparecer que mesmo no meio rural a recepção de hóspedes era, para as grandes casas, de grande importância: visitas frequentes de amigos, que viajavam com seu séquito de familiares, escravos e libertos; atendimento a camponeses e negociantes; recepção aos moradores da vizinhança, etc (D'Arms,1970:48). Isto não implica, obviamente, que todos os edifícios com átrio que encontremos no meio rural exercessem essas funções de recepção "pública", mas é uma possibilidade que devemos ter em mente.

Não há, na verdade, para os primeiros períodos de vida da "Villa dei Misteri", vestígios que comprovem uma ligação mais estreita com a produção agrária e a própria proximidade com Pompéia ressalta seu caráter de residência extra-urbana

---

100) Observem-se, por exemplo, os bancos construídos aos lados da entrada: um traço que aparece, igualmente, em edifícios urbanos, como a Casa del Menandro (fig. 133) ou a chamada Casa degli Amorini Dorati (fig. 134) e que é, normalmente, interpretado como servindo aos clientes e dependentes que aguardavam a vez de serem recebidos (Vos,1982:90; voltaremos a este tema mais adiante).

### Um Novo Contexto

(que Vitruvius definiria como "pseudourbana"). Através deste edifício, no entanto, podemos acompanhar as alterações que marcaram o relacionamento das aristocracias urbanas com o espaço rural e identificar um modelo de habitação senhorial, com seus dois átrios e peristílio, que conhecerá uma grande difusão nos séculos seguintes, desta vez em construções claramente relacionadas com a produção agrícola. Veremos como a estrutura com dois átrios se tornará um dos esquemas fundamentais para a construção das partes habitacionais dos grandes edifícios do campo, conhecendo uma larga aceitação entre os edifícios de maior porte, primeiramente na área campano-lacial, e depois mais além.

## APOGEU

## O Século Final da República

Os documentos que possuímos para acompanhar o desenvolvimento da arquitetura rural romana até o final do século II a.C. são, como vimos, escassos e de difícil interpretação e é inegável que muitas das considerações esboçadas acima repousam sobre o que conhecemos do período imediatamente posterior. Com efeito, os cerca de duzentos anos que se abrem com o final do século segundo representam, para nosso corpus documental, um período áureo: as fontes escritas, mesmo encarando o mundo rural da Península por uma ótica restritiva e particular, são mais ricas e variadas, e os sítios arqueológicos são mais numerosos e melhor conhecidos, por vezes através de escavações muito bem conduzidas, como em Settefinestre, Posto ou S. Rocco. Este "clímax" documental, por sua vez, é uma manifestação, mesmo que indireta, de um processo de transformações amplas, que afetou de modo decisivo o mundo rural da Itália romana. E esse processo pode ser visto, do canto oposto, como um desenvolvimento e uma explicitação das tendências que identificamos no período anterior. Correspondeu, sem dúvida, a um momento de apogeu na exploração agrícola da Península, durante o período clássico.

Não é nosso intuito, nem convém ao escopo deste trabalho, apresentar um quadro, mesmo que genérico, dessas transformações - nem há consenso a seu respeito. Deixaremos de lado, por exemplo, o problema (que é, contudo, muito

importante) dos sucessivos confiscos e redistribuições de terra que marcaram o final da República: estes representaram uma interferência propriamente política na vida rural, seguindo ritmos próprios, espasmódicos (1), e cujas consequências para a estrutura agrária são ainda difíceis de determinar (Gabba, 1979:53; Brunt, 1971:343) (2). Algumas indicações contextuais, no entanto, são necessárias para compreendermos a evolução da arquitetura rural no período. Começemos de um ponto de vista bastante amplo: uma das consequências mais notáveis da expansão romana no Mediterrâneo, após as primeiras guerras contra Cartago no Ocidente, foi uma aceleração no processo de integração da Península às correntes culturais e comerciais do mundo helenístico. Algo visível em elementos prosaicos e cotidianos, como a introdução do pão fermentado na culinária (3) ou do hábito de barbear-se, mas que se manifestou em quase todos os aspectos da vida social: no desenvolvimento da riqueza monetária, da ânsia de lucrum, do luxo ostensivo como diferenciador entre os grupos sociais; na introdução de padrões helenísticos na arquitetura religiosa, nos edifícios públicos e nas construções privadas; na adoção e reinterpretação de uma infinita gama de produtos culturais vindos do leste: teatro, filosofia, poesia épica, oratória. Novas formas de pensamento, novas práticas sociais, acompanhadas do surgimento de uma cultura escrita, que passou a se fixar e

1) Não convém esquecer, no entanto, que a própria crise política do Estado romano teve, na estrutura agrária, uma de suas causas determinantes e que as devastações, proscricções e morticínios do final da República podem estar relacionados a certos momentos de crise na agricultura italiana. Veja-se o comentário de Martin, 1971:232, às lamentações de Varrão no prefácio ao livro II de seu *De re rustica* (mas, às pags. 275-278 o autor expressa uma opinião diversa).

2) É possível, como se supõe comumente, que as redistribuições de terra a veteranos tenham representado, tão somente, uma mudança de titular nos lotes de terra, sem alterar a estrutura agrária ou produtiva das terras ocupadas; ou, ainda, que a repartição da terra tenha sido rapidamente neutralizada pela tendência, mais forte, à concentração (o ponto de apoio tradicional desta visão é a referência de Cícero ao destino das distribuições sulanas em Preneste, *de lege agraria*, II, 28, 78). As recentes pesquisas francesas sobre os cadastros rurais da Campânia, no entanto, que revelaram um número surpreendente de centurições na área, entre os Gracos e Augusto, deveriam conduzir a uma reavaliação do sucesso dos programas de distribuição de terras do final da República (Chouquer & Favory, 1987:61-232 - dos oitenta sistemas centuriados descobertos por aerofotogrametria, cerca de 46 podem datar entre os Gracos e Tibério). Em Pompéia, onde dispomos de informações mais detalhadas, muitos dos veteranos da colônia sulana prosperaram, integrando-se plenamente, já à época de Augusto, na sociedade local (Castrén, 1984:94)

3) Veja-se Plínio, *HN*, XVIII, 28, 107: Pistores Romae non fuere ad Persicum usque bellum annis ab urbe condita super DLXXX.

transmitir por textos, estes mesmos que constituem nosso meio de acesso a esse processo. Alguns aspectos desse grande movimento de "modernização" cultural e de expansão econômica na Península são particularmente importantes para se compreender o desenvolvimento da arquitetura rural no último século da República e no início do Principado e é preciso que nos detenhamos sobre eles, ainda que de modo sucinto e esquemático:

1) Os cento e poucos anos que separam o manual catoniano do de re rustica de Varrão (publicado em cerca de 36 a.C., cf. Martin,1971:233) parecem assistir a um grande desenvolvimento da produção mercantil nos campos da Itália central. Para Varrão, a Itália era a mais cultivada das terras conhecidas (1,2,3), incomparável na qualidade de seu trigo, de seu vinho e de seu azeite: non arboribus consita Italia, ut tota pomarium uideatur? (1,2,6). A produção para venda, que já dominava as preocupações de Catão, assume em Varrão uma dimensão mais completa e acabada, perceptível no modo diverso como este concebe o relacionamento com os proprietários vizinhos (uicini): em lugar das prestações pessoais e comunitárias, predominam as transações comerciais e Varrão não se furta à necessidade de adquirir, dos proprietários vizinhos, insumos que Catão produziria no próprio fundus (4). Agricultura intensiva, pecuária em grande escala, Varrão nos descreve uma economia rural dinâmica e produtiva, sobretudo no que se refere à pastio uillatica, ou seja, à criação de animais de pequeno porte como

---

4) Varrão, RR.I.16,3: Item si ea oppida aut uici in uicinia aut etiam diuitum copiosi agri ac uillae. unde non care emere possis quae opus sunt in fundum, quibus quae supersint uenire possunt, ut quibusdam pedamenta aut perticae aut harundo, fructuosior fit fundus...non numquam etiam quam colendo in tuo ea parare possis.

pombos, pavões, patos, abelhas ou caracóis em propriedades reduzidas, com um olho no inesgotável mercado urbano de Roma e rendendo grandes lucros (5).

O mundo rural ao qual Varrão se reportava, na verdade, era relativamente específico e restrito: os personagens que animavam os diálogos de seus três livros eram senadores ou membros dos estratos superiores da ordem equestre (6). Outros indicadores, no entanto, atestam a intensidade com que, no curso do século I a.C., a agricultura de certas regiões da Itália voltou-se para a produção mercantil. É o caso, em particular, das ânforas de vinho, as famosas Dressel 1 (7), produzidas em vários pontos da costa tirrênic (8) e responsáveis pela exportação, em imensas quantidades, do vinho itálico para os mercados ultramarinos, como o Norte da África, a Espanha romana, a Inglaterra e, sobretudo, a Gália. Sob muitos aspectos, a evolução da produção vinícola na Itália romana refletiu os desenvolvimentos, avanços e retrocessos de sua agricultura como um todo, da qual consistia o setor mais dinâmico, o mais arriscado e o mais lucrativo (cf. Sealey, 1985:127-128). Não é o caso, aqui, de discutir em detalhe a história e as vicissitudes dos vinhedos italianos entre o final da República e o Principado (a bibliografia é extensa, vejam-se, entre outros, Purcell, 1985, Carandini, 1989 e o trabalho fundamental de Tchernia, 1986), mas é interessante notar

5) No livro terceiro do de *re rustica*, dedicado à *pastio uillatica*, Varrão descreve os rendimentos fabulosos obtidos com a criação desses pequenos animais, cf., por exemplo, III,2,15: *...atque in hac uilla qui est ornithon, ex eo uno quinque milia scio uenisse turdorum denariis ternis, ut sexaginta milia ea pars reddiderit eo anno uillae, bis tantum quam tuus fundus ducentum iugerum Reate reddit...* Varrão é explícito sobre a destinação urbana dessas produções: III,2,16. *Sed ad hunc bolum (sc. nummorum) ut peruenias, opus erit tibi aut epulum aut triumphus alicuius...aut collegiorum cenae...Sed propter luxuriam, inquit, quodam modo epulum cotidianum est intra ianuas Romae.*

6) Para Varrão são também válidas, *mutatis mutandis*, as observações que fizemos sobre a representatividade de Catão.

7) As ânforas de tipo Dressel 1 tornaram-se, a partir da época dos Gracos, o recipiente por excelência para o transporte do vinho produzido em amplas regiões da Itália central tirrênica, predominando até, aproximadamente, a época de César. Foram, então, progressivamente substituídas por outros recipientes (englobados nas formas 2 a 4 de Dressel), cujo uso perdurou até o final do século I d.C. (vide adiante).

8) A descoberta de fornos produtores destas ânforas e o estudo petrográfico das pastas empregadas em sua confecção permitem identificar alguns dos centros mais importantes de produção vinícola no período, como a região de Pompéia, as encostas ao redor do Monte Massico (onde se produzia o famoso *talernum*), a região de Formia e, mais ao norte, o ager Cosanus e a desembocadura do rio Albegna (cf. Hesnard et alii, 1989:21-30).

que, no curso do século I a.C., muitos edifícios rurais equiparam-se com custosos equipamentos para o beneficiamento da uva. Os primeiros traços arqueológicos seguramente atribuíveis a torculares, com efeito, datam desse século (9). Nos arredores de Roma, por exemplo, são conhecidos mais de trinta edifícios rurais com prensas para vinho, em sua maior parte datáveis do final da República (fig. 198), cuja produção deveria destinar-se, sobretudo, ao crescente mercado romano (Bellini & Rea, 1985:119-121). A expansão dos vinhedos, em suas diferentes formas (vinhos de qualidade, vinhos comuns, para os mercados locais ou ultramarinos) e a expansão dos mercados eram fenômenos interrelacionados e constituem uma das chaves para entendermos o dinamismo da agricultura itálica no período (10).

2) Um segundo elemento, intimamente relacionado ao primeiro, diz respeito às modificações no habitat rural e à sua expansão. Podemos acompanhar, através dos levantamentos de superfície, o aumento da densidade de ocupação dos territórios agrícolas em diferentes regiões da Península. Já mencionamos as dificuldades encontradas pelas prospecções arqueológicas ao tentar distinguir, cronologicamente, os sítios rurais republicanos a partir da cerâmica de verniz negro. Para o século I a.C., no entanto, dispomos de alguns indicadores temporais bastante seguros, como as ânforas de vinho italianas (as formas Dressel 1 e 2/4), o uso da chamada obra reticulada nas edificações urbanas e rurais (11) e, sobretudo, o aparecimento de uma nova categoria

9) Embora Catão já os mencionasse, cf. De Agricultura, 12 e 13.

10) O quadro que apresentamos, sobre o desenvolvimento da produção mercantil na Península é, por necessidade, extremamente sumário. Caberia mencionar as outras produções anfóricas conhecidas no final da República e, sem dúvida, a intensa produção artesanal urbana, na qual se incluíam os recipientes cerâmicos produzidos em série e também exportados em grande escala.

11) É necessária, sempre, uma certa cautela ao se datar um edifício por sua técnica construtiva, tendo em vista que, sobretudo nas áreas rurais, a difusão de uma inovação pode ser lenta e irregular (vejam-se as considerações de Blake, 1947:19 e 241). A obra reticulada, no entanto, fornece um útil *terminus post quem*: no último quartel do século II a.C. (a cronologia é válida para a região urbana de Roma), o revestimento em elevação dos muros em obra cimentícia começou a assumir um caráter mais regular, com o núcleo das paredes sendo recoberto por pedras previamente talhadas, em formato côncavo e com a face externa quadrada; no primeiro quartel do século seguinte, essa forma de revestimento se difunde, assumindo um aspecto absolutamente uniforme, dando à face externa da parede a aparência de uma trama regular, de uma rede (daí a denominação, reticulatum). Tal tipo de revestimento

cerâmica (a *terra sigillata*) (12) que, à época de Augusto, substituiu rapidamente os recipientes em verniz negro como cerâmica de mesa e cuja cronologia é relativamente bem conhecida (13). Tais balizas, mais finas, conferem maior precisão aos dados dos levantamentos, permitindo acompanhar certas alterações nos padrões de assentamento com uma certa segurança. Em diversas regiões da Itália central tirrênica, ao menos para aquelas onde dispomos de pesquisas de campo mais sistemáticas, estes dois séculos (I a.C. - I d.C.) representaram, em termos gerais, um significativo adensamento da ocupação rural dispersa: os sítios tornaram-se mais numerosos e mais próximos uns dos outros, ocupando zonas antes marginais, como os fundos de vale e as encostas das montanhas. Na Campânia setentrional, por exemplo, ao redor do Monte Massico, o início do século I a.C. assistiu a uma progressiva densificação do habitat rural, correspondendo à difusão das construções em pedra com aposentos múltiplos, com uma média de dois sítios por quilômetro quadrado (fig. 207a e b) (Vallat, 1987:350 e segs.) (14). O mesmo panorama descortina-se na Etrúria meridional, ao norte de Roma, onde as pesquisas inglesas apontam um apogeu na ocupação rural entre os séculos I a.C. e II

---

perdurou até a época júlio-cláudia, quando se difundiu o uso de tijolos cozidos e de técnicas mistas em reticulado e tijolos (veja-se, a respeito, Coarelli, 1985:368 e, sobretudo, Torelli, 1980:141 e segs.). A difusão desta técnica, cujo epicentro foi Roma, atingiu, com tempos diferentes, uma vasta porção da Itália central tirrênica, compreendida, aproximadamente, entre Volsini e Rusellae ao norte (mas apenas em obras públicas), o vale do Tibre a leste e Pompéia a sul (onde seu emprego é tardio e raro).

12) Sob essa denominação, na verdade, agrupam-se diferentes e sucessivas produções cerâmicas, caracterizadas pela cor avermelhada de seus produtos (*sigillata arretina*, itálica, gaulesa e as *sigillate chiare* produzidas no norte da África a partir do século II d.C.).

13) Os exemplos poderiam ser estendidos a outras categorias documentais, como os mosaicos, a pintura parietal, a cerâmica de paredes finas, os recipientes em vidro soprado ou o uso, que se iniciou em meados do século I a.C., de se apor um selo de fabricação em certos produtos de olaria como telhas ou *dolia*. O fundamental, no entanto, é ressaltar que nossas balizas cronológicas, para o período considerado, tornam-se muito mais precisas, aumentando o poder descritivo dos dados dos levantamentos de superfície.

14) Uma densidade equivalente é encontrada, igualmente, no *ager veientanus*, ao norte de Roma, ao menos no século I d.C., cf. Potter, 1985:145.



d.C. (fig. 193), como se pode observar na tabela abaixo (a base da datação é o material cerâmico):

região	sítios republicanos (III-I a.C.)	sítios imperiais (30 a.C.-100 d.C.)	sítios novos
Veios	242	327	32
Eretum	53	57	17,5
ag.faliscus	142	207	33
ag.Capenas	90	100	36
Sutri	32	50	44
(segundo Potter, 1985:145, tab. 5)			

Um padrão semelhante transparece em diferentes regiões da Itália central, mesmo onde não possuímos levantamentos sistemáticos: no Lácio, por exemplo, em algumas áreas selecionadas, cobertas pelas pesquisas da Forma Italia (mas aqui o elemento datante é, sobretudo, a técnica construtiva), como Cora (fig. 201), Preneste (fig. 202) (onde a obra reticulada é muito difundida), Tibur (fig. 202) e mesmo ao redor de centros menores, como Tellenae e Apiolae (fig. 203) (Andreussi, 1981:349-370, com os comentários de Torelli, 1981:421-422). No subúrbio de Roma, o número de edifícios rurais cresceu a partir da segunda metade do século I a.C., e os edifícios construídos no final da República e no início do Império dominam

largamente, em termos quantitativos, o registro arqueológico (Musco & Zaccagni,1985:83-109). Foi também entre 120 e 50 a.C. que a costa do Lácio conheceu o primeiro grande desenvolvimento das *villae maritimae*, que se tornariam um apanágio das camadas superiores da aristocracia romana (fig. 196) (Egidi,1985:112). Apesar das dificuldades de datação de seus edifícios rurais, o mesmo padrão parece reproduzir-se no *ager pompeianus*, onde grande parte das construções pode datar da segunda metade do século I a.C., como veremos mais tarde. Esta expansão da ocupação rural, cuja expressão arqueológica mais visível é a difusão de edifícios construídos em materiais duradouros, afetou igualmente, sobretudo com o Principado, áreas antes marginais que passaram a apresentar um padrão análogo ao da Itália tirrênica: regiões montanhosas, como a Úmbria (Moreland,1987; Muzzioli,1985) e o Molise (Barker:1986:24), ou voltadas para o Adriático, como as Marcas (Mercando,1980:88-96) e o Tavoliere (Jones,1980:91 e segs.).

3) Encarar a expansão do habitat rural em termos meramente quantitativos é, no entanto, pouco revelador. Em algumas regiões, como em Cosa, o desenvolvimento de uma agricultura mercantil, parece ter resultado numa diminuição efetiva do número total de sítios, ao mesmo tempo em que surgiam edifícios de maiores proporções, alguns bastante luxuosos (fig. 182) (15). Não é possível, portanto, relacionar de modo mecânico uma produção agrícola mais extensa e intensiva, com a densificação da ocupação, sem levar em conta os problemas relativos à estrutura social e de propriedade nos campos. O século I a.C., na verdade, parece ter assistido a uma grande

---

15) Segundo o levantamento efetuado pela equipe de Settifnestra no vale d'Oro, no curso do século I a.C. desapareceram cerca de 90% dos sítios pequenos, ao mesmo tempo (ou quase) em que 35 edifícios de grandes dimensões foram construídos, ocupando a antiga área centuriada, com superfícies entre 2.500 e 25.000 m<sup>2</sup>, medidas pelos restos aflorantes (vejam-se Celuzza & Regoli,1982:37-43 e 1985,1,1:51-53, com as críticas de Vallat,1987:195-199). Uma diminuição da densidade de ocupação no início do Império (identificável, vale lembrar, pela menor presença de cerâmica sigillata) foi observada, igualmente, em regiões mais internas, como Sárúrnica, onde o levantamento preliminar efetuado por Dyson (1979) registrou uma queda de 50% no número de sítios com cerâmica sigillata frente àqueles com cerâmica de verniz negro.

diversificação social do mundo rural, correspondendo, de modo mais ou menos próximo, a uma variada gama de novas construções rurais. O tráfego mais intenso entre os centros urbanos, por um lado, propiciou o surgimento de toda uma série de novos edifícios, ou grupos de edifícios, que supriam certas funções "urbanas" ao longo das estradas: estalagens, termas, *stationes* - como Carciae, ao longo da via Clodia, cujo *floruit* se deu entre 100 a.C. e 250 d.C. (Potter, 1985:131). Mas o processo foi mais profundo e teve fortes implicações para a arquitetura rural: as construções no campo - aquelas mais diretamente voltadas à produção agrícola - passaram por um processo de diversificação, que alterou e ampliou as hierarquias tradicionais.

Esse impulso transformador parece ter se manifestado, de modo semelhante, em toda a ampla escala dos edifícios rurais - desde construções pequenas e despojadas que então, pela primeira vez, foram construídas em materiais como o cimento e a pedra, antes eram exclusivos dos edifícios de maior porte, até grandes edifícios senhoriais, verdadeiros palácios que congregavam múltiplas unidades e onde o luxo urbano se expunha sem limites ou constrangimentos em palestras, piscinas, hipódromos e pórticos abertos para a paisagem. A crítica ao luxo desmesurado no campo (em virtude do qual a *utilitas* cedia lugar à *uoluptas*) (16), quase sempre associado à penetração de elementos arquitetônicos de origem helenística, foi um dos motes mais frequentes na literatura agrária do período, de Varrão a Plínio, o antigo. Essa "hipertrofia" dos grandes edifícios rurais, que suplantavam as casas urbanas em luxo e extensão, conta-nos muito da história e das lutas internas da aristocracia romana no período e da mudança de seus hábitos culturais: valorização do *otium in rure* (Plínio, Ep.,I,2), peregrinação sazonal pelas propriedades, tão manifesta nas cartas de Cícero (17), o hábito de receber no campo, a própria competição por *status* e por

16) Os termos são de Varrão: *...agricolae ad duas metas dirigi debent, ad utilitatem et uoluptatem* (I,4,1). A questão, para Varrão como para os demais autores, não era a de abolir qualquer luxo dos edifícios rurais, mas a de saber usá-lo com moderação, com *modus* (cf. I,9,1 e, em particular, I,13,6).

17) Como ressalta Wallace-Hadrill, se é verdade que a cidade permaneceu o foco das atividades políticas, a vida social urbana foi, de várias maneiras, transposta ao campo (1988:46-47). A *uilla* era, também ela, um foco de hospitalidade, veja-se Cícero, *Ad Att.*,V,2,2.

visibilidade (18), reflexo e expressão da competição pelo poder. Como veremos adiante, elementos de conforto urbano penetraram com grande força nos campos, afetando mesmo edifícios menores e de pretensões mais modestas.

### Entre os Gracos e Sulla

Observando-se a documentação publicada, o século I a.C. parece ter assistido a uma verdadeira febre construtiva, afetando diversas regiões da Itália central. A maior parte dos edifícios rurais escavados, com efeito, foi construída, originalmente, neste período. É possível, como vimos no capítulo anterior, que essa intensa atividade de construção tenha apagado os vestígios de edifícios anteriores, ou tornado difícil sua identificação. No século seguinte, por outro lado, as construções novas far-se-ão mais raras, indicando que a expansão edificativa atingiu um ápice e está próxima do esgotamento. Um século, contudo, é um período longo e o estado atual de nossa documentação não facilita, pela escassez de materiais datantes, a tarefa de estabelecer períodos mais precisos neste amplo arco de tempo. Uma parte ponderável da bibliografia coloca o início desse movimento, aproximadamente, à época da ditadura de Sula, no período que se seguiu à guerra social (d'Arms,1984:69; Small,1985:xxvii; Vallat,1987:202; Carandini,1985:146-147), quando se assistiu à unificação final da Itália, às distribuições de terras a veteranos e, também, a uma brutal concentração de riquezas por meios políticos, pela expropriação das províncias ou através das proscricções e do confisco de propriedades, que beneficiaram grandes personagens, como Crasso e

18) Essa visibilidade possuía também um escopo político, como notou Cícero no *de officiis*, I,39: C. Octavio, qui primus ex illa familia consul factus est, honori fuisse accepimus, quod praeclara aedificasset in Palatio et plena dignitatis domum: quae cum uulgo uiseretur, suffragata domino, nouo homini, ad consulatum putabatur. A necessidade de estar em evidência, e o caráter visual desta, aparecem com clareza numa outra referência de Cícero, no *Pro Plancio*, XXVI, sobre os inícios de sua própria carreira.

Chrisogono, mas também figuras menores, como o Fábio do Pro Tullio de Cícero. Salústio, escrevendo à época dos triunviros, via na ditadura sulana o momento de uma intensificação no gosto e na competição por riquezas e por luxo (BC,XI,4-6).

Nosso corpus documental, na verdade, que se restringe ao material escavado e publicado, fornece uma pálida imagem da atividade construtiva no período. Nenhuma das grandes villae marítimas, que sabemos terem sido construídas por esta época, foi regularmente investigada através de escavações; tampouco conhecemos, em detalhe, as grandes construções dos arredores de Roma, sobretudo em Tibur e nas regiões montanhosas a SE da Urbs onde se descobriram, desde o Renascimento, numerosas plataformas artificiais sobre criptopórticos, algumas das quais, certamente, deste período (19). Dispomos de plantas mais ou menos detalhadas apenas para alguns edifícios, certamente não tão grandes, que podem datar do final do II a.C. ou dos decênios imediatamente seguintes. Passemos-las em revista. No subúrbio oriental de Roma, em Tor Vergata, sobre uma pequena colina, escavou-se um edifício rural em obra incerta, articulado em dois átrios, que talvez possamos atribuir ainda ao final do século II a.C. (fig. 27) (Morelli et alii,1984:92) (20). Na construção, escavada por cerca de 750 m<sup>2</sup>, os ambientes de serviço organizavam-se ao redor de um pequeno átrio tetrastilo (1), na parte meridional, enquanto os aposentos de habitação, entre os quais um triclinio pavimentado em signino, dispunham-se ao norte e a leste de um átrio tuscânico (2). O edifício não foi escavado completamente, nem se reconheceram

19) A documentação arqueológica, na verdade, recupera um segmento restrito, mediano, de uma escala hierárquica dos edifícios rurais que podemos imaginar mais ampla. Vimos no capítulo II como os edifícios menores, sobretudo os em materiais perecíveis, encontram-se subrepresentados no registro. O mesmo é válido, contudo, para os edifícios maiores, situados no topo da hierarquia rural, mas por razões diversas: embora tais edifícios, como as villae marítimas ou as grandes mansões suburbanas, tenham sido identificados e descritos desde o Renascimento, nunca foram objeto de escavações sistemáticas - as poucas plantas que possuímos referem-se, sempre, às estruturas visíveis em superfície. Desta forma, as grandes habitações que a aristocracia romana começou a construir no campo, no curso do século I a.C. (ao menos as maiores dentre elas), são tão pouco conhecidas, ou quase, quanto as mais modestas habitações camponesas.

20) A base da datação são os pavimentos em signino dos ambientes de habitação, decorados com ladrilhos de pedra calcárea e de palombino, que formavam diferentes motivos (reticulados romboidais, rosetas com quatro pétalas brancas e botão central negro). Não há ainda uma publicação definitiva do sítio, veja-se Morelli,1984:92, nota 2).

elementos de um possível peristílio, mas na ala ocidental identificou-se uma base de prensa associada a tanques revestidos em cocciopesto e, no ângulo noroeste, cavidades circulares inseridas no solo, que poderiam indicar um depósito de dolia enterrados (Morelli et alii,1984:103). É possível, como supõem os escavadores, que estas últimas estruturas datem da construção original do edifício, representando uma interessante associação entre habitação de luxo, com vastos e sofisticados espaços de representação, e uma produção agrícola voltada para o mercado - isto às portas de Roma - mas não possuímos elementos suficientes para avaliar, com segurança, sua datação (21).

Ao norte de Roma, sobre uma altura denominada Monte delle Grotte, que dominava a via Flamínia, escavou-se durante a Guerra um extenso edifício quadrangular, com cerca de 1.500 m<sup>2</sup>, em obra quadrada erguida a secco, do qual pouco restava além das fundações (fig. 29) (Stefani,1944-5). A construção formava um retângulo perfeitamente ordenado segundo o eixo E-W, sendo circundada, nas faces sul e leste, por um longo pórtico, do qual se identificaram alguns cilindros de coluna. Embora sua estrutura básica tenha permanecido inalterada durante a vida do edifício, este apresentava indícios evidentes de adaptações posteriores, nos muros em reticulado ou em cimento que subdividiram alguns dos aposentos originais, bem como na elevação de alguns pavimentos. Os numerosos aposentos, quase 40 na fase final, articulavam-se por meio de dois átrios, um deles toscânico (3), cujo implúvio central em tufo se

---

21) O fato de a base de prensa de Tor Vergata apresentar um revestimento em cocciopesto (um tipo de pavimento impermeável, elaborado com fragmentos cerâmicos comprimidos no solo) poderia, ao contrário, indicar uma datação mais tardia. Entre as mais antigas bases de prensa, conhecidas no subúrbio oriental de Roma, predominam aquelas construídas em espinha de peixe (o chamado opus spiccatum, com tijolos inseridos longitudinalmente no solo, formando fileiras "à chevrons"), como nos sítios de Grotte di Cervara e de Carcaricola, ambos do século II a.C. (Bellini & Rea,1984:119-121). Exemplos em cocciopesto, mais frequentes em outros setores do subúrbio, aparecem também, mas sempre em sítios posteriores, como em Cinecittà (associado ao uso de tijolos cozidos) ou em Torre Spaccata, da segunda metade do século I a.C. (idem,ibidem). A anterioridade do uso de opus spiccatum é visível nas prensas de alguns edifícios, nas quais um pavimento original em spiccatum foi substituído, ou recoberto, por outro em cocciopesto. Como em via Tiberina (fig. 28, amb. F), cuja construção original data do final da República, e no qual se sobrepujam claramente duas bases de prensa, a primeira em espinha de peixe, contemporânea à construção do edifício, e a segunda, de época imperial, em cocciopesto (Felletti Maj,1955:208; Bellini & Rea,1985:125) ou em Monte delle Grotte (fig. 29), com uma seqüência semelhante (Stefani,1944-5:52-72).

comunicava com uma cisterna (23) (22); o segundo átrio, este tetrastilo, garantia a circulação entre os aposentos do lado ocidental. Não é fácil, pelas indicações de Stefani e com a planta disponível, reconstruir a história do edifício, ou definir as funções dos diversos aposentos. O setor NE, centrado no átrio tetrastilo, deve ter constituído, originalmente, a parte mais nobre da habitação: o pavimento do átrio 3, com efeito, era decorado com grandes lastras de pedra calcárea multicolorida, e muitos dos aposentos desta área apresentavam assoalhos em signino, decorados com ladrilhos brancos, como a entrada (2), a ala (4), o tablino (5) e os aposentos 7, 8, 9, 10 e 13 (sobre o qual, talvez, se erguesse uma torre). Em alguns destes ambientes encontraram-se, além disso, restos de decoração parietal (23). Em torno do segundo átrio, que na verdade exercia as funções de um peristílio, parece ter se disposto a ala "residencial" do proprietário, iluminada e aquecida pelo sol poente, com seus grandes cubículos retangulares (26-32), alguns decorados com mosaicos pavimentais (como 32) e com pinturas nas paredes (na entrada 25) (24).

Os setores de serviço podem ser identificados na face norte do edifício (35-36), onde uma série de tanques de decantação, revestidos originalmente em spiccatum e, num momento posterior, recobertos com cocciopesto, indica a existência de uma produção em grande escala, talvez de azeite (25). A ala SE, por sua vez, compunha um setor compacto, de forma retangular, cuja função original é obscurecida pelo precário estado de preservação dos muros e pavimentos e por uma série de muros

22) Um sistema análogo aparece em Tor Vergata ( fig. 27), que se assemelha a Monte delle Grotte, igualmente, pelos pavimentos e pela decoração parietal.

23) São tais vestígios de decoração parietal, do I estilo pompeiano que, associados aos pavimentos em signino, sugerem uma datação entre o final do II e o início do I a.C.

24) Boa parte dos pavimentos deste setor foi destruída ou não foi escavada. É impossível, além disso, localizar com precisão, na história do sítio, os pavimentos e pinturas sobreviventes. O mosaico de 32, por exemplo, é provavelmente um acréscimo posterior, talvez da época de Augusto, enquanto os restos de pintura em 25 são anteriores ao pavimento preservado.

25) Não foram encontrados restos de prensa, mas a localização na face norte, a mais fria, e a presença de inúmeros tanques de decantação, com orifícios de deposição ao centro, sugerem fortemente que o produto final fosse o azeite (Bellini & Rea, 1985:124-125 supõe uma produção mista, de azeite e vinho, mas, em vista da proximidade temporal entre as duas colheitas e, sobretudo, do caráter impregnante do azeite, a hipótese parece pouco plausível).

posteriores que alteraram sua disposição. Aqui parecem ter se concentrado, desde o início, certas funções ligadas ao uso da água, estocada numa cisterna cuja boca se abria em 23 (26). É o que indica a presença de alguns pavimentos impermeáveis, em cocciopesto (15-16), spiccatum ou em lajes cerâmicas (21 e 22) (27). Em todos os pontos do edifício, como já indicamos, há vestígios de modificações posteriores que devem datar, como veremos mais tarde, do final da República.

Menos conhecido, mas parecendo obedecer ao mesmo padrão, era o edifício de La Cecchignola, na via Ardeatina (Km 14), construído em reticulado sobre fundações em obra quadrada. O edifício, cingido por um pórtico nos lados E e W, articulava-se em torno de um amplo átrio toscânico (com 250 m<sup>2</sup>!), com aposentos decorados com pinturas parietais e pavimentos em mosaico (que Arias data do período sullano), entre os quais um belo mosaico com emblema central, representando um gato atirando-se sobre uma ave, análogo ao famoso mosaico da Casa do Fauno, em Pompéia. Segundo Arias, o edifício teria sido ocupado até a época antoniniana (Arias, 1939:351-360).

Ainda no subúrbio de Roma, e datando desta época (28), conhecemos parte de um edifício, na localidade de S. Basílio, entre os quilômetros 7 e 8 da via Nomentana (fig. 30). Este também se conformava, na área escavada (cerca de 700 m<sup>2</sup>), a um esquema de clara origem urbana, embora de menores proporções que os anteriores. Podemos reconhecer, com clareza, um grande átrio toscânico (A, com 93 m<sup>2</sup>), com implúvio e boca de cisterna, seguido imediatamente (sem a interposição de

26) Trata-se de um sistema complexo de armazenamento, formado por três túneis (cunicoli) escavados na rocha (que não aparecem na planta), com uma extensão total de mais de 40,00 metros sob o edifício.

27) Alguns destes pavimentos, na verdade, foram erguidos e refeitos em época posterior, mas preservando seu caráter de impermeabilidade, pelo que podemos supor que as funções tenham permanecido análogas.

28) O edifício se erguia sobre fundações em obra quadrada de tufo do Aniene, com as paredes em elevação construídas em quase-reticulado. A datação proposta pelo escavador baseia-se nos mosaicos pavimentais. A decoração parietal preservada, no segundo estio pompeiano, poderia ser posterior, mas a documentação não permite uma avaliação segura. A parte rústica, não escavada, deveria estender-se a oeste, onde foram descobertos (a 22 metros de distância) uma pequena termá em reticulado e um pavimento em spiccatum (Lugli, 1930).



um tablino) por um peristilio (D), que articulava uma série de aposentos finamente pavimentados (E-I). Sobre este últimos erguia-se um segundo andar, com a escada em H, cujos ambientes talvez reproduzissem a disposição do térreo. O fragmento escavado, no entanto, não possibilita uma visão mais geral, nem nos permite compará-lo aos demais, o que é certamente uma pena, tendo em vista o excelente estado de preservação das estruturas à época da escavação.

Sítios como os de Monte delle Grotte e Tor Vergata permitem-nos, assim, acompanhar a difusão, nos arredores de Roma, de um determinado padrão de residência "urbana", readaptado e relido para as circunstâncias do campo, seguindo um esquema semelhante ao que já havíamos observado em Pompéia, no caso da villa dei Misteri, mas com a inclusão de custosos e sofisticados equipamentos fixos ligados à produção agrícola (29). Em vista destes elementos comuns, talvez seja possível associar a este período o edifício rural, com quase 2.000 m<sup>2</sup>, descoberto em Portaccia, nas proximidades de Tarquínia, na Etrúria meridional (fig. 31). A crua nudez da sumária planta disponível, realizada no início dos anos 30, não nos permite fixar uma datação para o edifício e, nem mesmo, determinar as técnicas construtivas empregadas ou identificar eventuais remanejamentos (30). Mas é possível visualizar a presença de dois átrios - um de representação, voltado a oeste, e o outro um pequeno atríolo, na face sul - e de um peristílio no setor leste. Mesmo que não saibamos a função dos

29) O estado fragmentário da documentação torna impossível estabelecer, com precisão, quais regiões adotaram, em primeiro lugar, tal esquema. A opção, em todo caso, parece dever situar-se entre a capital, Roma, e a região campana. As primeiras referências a grandes edifícios extra-urbanos, de membros da aristocracia romana, mencionam sempre (até o século I a.C.) regiões distantes de Roma, sobretudo as zonas próximas à costa campana. Nesta mesma direção parece apontar o fato de que, na arquitetura pública, certos equipamentos de origem helenística, como termas ou, sobretudo, teatros públicos, tenham se desenvolvido em cidades campanas muito antes de sua construção na própria capital que, em termos arquitetônicos, permaneceu mais conservadora, ao menos até meados do século I a.C. Coarelli, por outro lado, estabelece uma interessante associação entre a recepção de elementos da cultura helenística e o desenvolvimento das *villae de otium*, que situa no início do século I a.C. e que relaciona, por sua vez, com a tentativa das aristocracias locais de adequar-se a uma moda gerada em Roma (1971:476-478). Mas não é necessário, nem provável, que os elementos orientais entrassem na Itália central exclusivamente pela *Urbs* e o problema do ponto de difusão permanece sem solução.

30) O relevo planimétrico constitui, precisamente, a única documentação resultante da escavação deste edifício, efetuada por ocasião da construção de um aeroporto (Fallotino, 1943:255).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

diferentes aposentos e que Pallottino mencione apenas a descoberta de muitos fragmentos de *dolia*, a estrutura geral do edifício é muito semelhante à dos sítios de que vimos tratando (31). Seria interessante se pudessemos associar tais edifícios a um segmento social específico, mas é difícil ir além da mera constatação de que seus proprietários dispunham de recursos razoavelmente vultuosos e que, pela escolha de determinados padrões arquitetônicos, buscavam talvez diferenciar-se da *rústicitas* camponesa, conferindo a suas *villae* um verniz e uma forma "urbanas". Sem apartar-se, por isso, das atividades ligadas à agricultura (32). Estas, como vimos, permaneceram singularmente congregadas sob um mesmo teto, ainda que em setores específicos. É significativo, por outro lado, que agora, pela primeira vez, possamos observar um mesmo padrão, uma mesma estrutura geral na distribuição planimétrica dos aposentos reproduzir-se em diferentes regiões da Itália central, como que obedecendo a um impulso uniforme (33).

Do início do século I a.C. datam, igualmente, alguns edifícios de menores dimensões, que atestam a progressiva difusão das técnicas associadas à pedra e ao cimento (incluindo-se os muros em elevação) mesmo nas construções de pequena

31) Outro exemplo de um esquema planimétrico análogo pode ser reconhecido na primeira fase da *villa* dos Volusii Saturnini (figs. 32 e 33), em Lucus Feroniae, ao norte de Roma (que é, contudo, posterior, entre 60-50 a.C.) na qual, sobre uma base apoiada num criptopórtico, erguia-se uma habitação senhorial, com átrio (depois abolido), peristílio (A) e *hortus* - seguindo, portanto, o clássico esquema urbano.

32) A oposição entre *rústicitas* e *urbanitas* parece acentuar-se no século I a.C. À parte os numerosos chistes e comentários maldosos contra os *homines rústici*, que encontramos nas fontes do período (veja-se, por exemplo, a fina ironia de Cícero, em *Ad.Fam.*,XVI,21.7), valeria a pena lembrar uma historieta relatada por Valério Máximo (VII,5.2) e que indica como tal oposição podia ter um marcado caráter de classe: *P. Scipio Nasica, togatae potentiae clarissimum lumen, qui consul lugurthae bellum indixit...cum aeditatem curulem adulescens peteret, manumque cuiusdam rustico opere duratam more candidatorum tenacius adprehendisset. loci oratia interrogavit eum, num manibus solitus esset ambulare, quod dictum...ad populum manavit, causamque repulsae Scipioni attulit. Omnes nam rusticae tribus, paupertatem sibi ab eo exprobatam ludicantes, iram suam aduersus contumeliosam eius urbanitatem destrinxerunt.*

33) Como já dissemos acima, é impossível estabelecer um centro único, ou original, de difusão deste padrão. Esta uniformização dos esquemas arquitetônicos, por outro lado, que parece ocorrer neste ponto da escala hierárquica dos edifícios rurais, corresponde à padronização, por uma ampla região da Itália central, das técnicas construtivas (do incerto, em primeiro lugar, e do reticulado, em seguida - é significativo que quase todos os edifícios que estamos analisando combinem a obra quadrada, nas fundações, com elevações em incerto ou reticulado). Mas entre forma arquitetônica e técnica construtiva os ritmos não são, vale lembrar, necessariamente coincidentes.

escala. Nestes edifícios, como veremos, o modelo urbano não parece ter penetrado, a não ser na forma de elementos isolados. Começemos, mais uma vez, pelo subúrbio de Roma. Na via Tiburtina, próximo à Torre de Rebibbia, descobriram-se as fundações, em obra quadrada de tufo de um edifício aparentemente pequeno, fortemente danificado por construções recentes (fig. 34) (Staffa & Messineo, 1984). Os muros em elevação, totalmente destruídos, deveriam ser em obra incerta ou em quase reticulado. É possível identificar duas construções distintas, talvez imediatamente sucessivas (porque na mesma técnica construtiva) e com uma leve diferença de orientação. Apenas do segundo edifício, representado pelos muros 1-2, 4-6 e 9, podemos reconhecer alguns pequenos aposentos, mas não determinar sua destinação. Características mais notáveis do edifício, que permaneceu ocupado até a metade do século III d.C., são uma longa cisterna em abóbada, escavada na rocha e revestida de cocciopesto (com poços em 1 e 2) e dois tanques de decantação com escada de acesso ao fundo (visíveis em fotografias efetuadas antes da destruição do sítio, cf. Staffa & Messineo, 1984:110 e figs. 51-52). Outro sítio de pequenas dimensões, desta mesma época, foi localizado na Etrúria meridional, próximo a Civitavecchia, na localidade de Monna Felice (fig. 35) (Toti, 1966). Aqui, a despeito de sucessivas alterações e ampliações (o edifício foi ocupado até meados do I d.C.) (34), é possível ainda reconhecer um núcleo original, com muros em obra quadrada e quase-reticulada em pedra arenária local, formado pela cozinha (F), com fogareiro quadrangular ao centro, pelo aposento H e por parte, ao menos, do ambiente D, posteriormente transformado em um banho (35). Como vemos, o estado fragmentário desses edifícios impede-nos,

34) A ausência de sigillata gaulesa sugere um terminus ante quem para o abandono nos anos 70 da nossa era.

35) A datação, no início do século I a.C., é indicada pela técnica construtiva e pela presença de cerâmica de verniz negro (campanas B e C).

até mesmo, de conhecer sua disposição planimétrica e devemos nos voltar para alguns sítios melhor preservados e, afortunadamente, bem escavados.

### Posto e San Rocco

Dentre os edifícios de menor porte cuja fundação data deste período, destacam-se duas construções, muito próximas entre si (distam cerca de 800 metros uma da outra), escavadas por uma equipe britânica em Francolise, no centro do célebre ager falernus, na Campânia setentrional (figs. 68 e 69) (36). No sítio de Posto (fig. 70), situado numa área plana, hoje destinada ao cultivo de oliveiras, descobriram-se os restos de um pequeno edifício em L (fig. 71), erguido sobre uma plataforma artificial com muros de terraçamento em obra quadrada de tufa, formando um espaço disponível, entre área construída e a céu aberto, de cerca de 840 m<sup>2</sup> (37). Do edifício principal (A-H), destruído à época de Augusto para dar lugar a uma nova construção, restaram apenas parte das fundações, numa obra quadrada de tufo análoga à dos muros da plataforma. Certos traços identificados na fileira superior das fundações, onde esta se preservou, indicam que os muros em elevação devem ter sido construídos em opus craticium, isto é, com painéis retangulares de pedra e cimento encaixados entre quadrados de madeira (38). A despeito do estado fragmentário dos vestígios, foi

36) Trata-se de uma região de colinas baixas, intensamente ocupada, no final da República, por edifícios rurais, a pouca distância uns dos outros. Apenas Posto e S.Rocco foram sistematicamente escavados, mas na colina de S.Rocco descobriram-se restos de diversos edifícios, alguns aparentemente suntuosos, a julgar pelos restos de mosaicos e pelas imensas cisternas, cf. Cotton & Métraux, 1985:8-10 - são ao todo seis sítios contemporâneos num raio de cerca de 600m.

37) Os muros, com 0,60m de largura e com uma altura máxima preservada de 1,40m, foram construídos com blocos de grandes dimensões, dispostos alternadamente "a testa e taqilo", segundo uma técnica corrente na época (cf. o edifício de Torre de Rebibbia, fig. 34).

38) O uso do chamado opus craticium é raro nas construções rurais conhecidas, mas isto pode ser atribuído à dificuldade de sua identificação. No caso do edifício de Posto, seu emprego é sugerido pela presença de orifícios em forma de D na face superior das pedras de fundação e por restos de "mortared limestone rubble", encontrados sobre os muros (Cotton, 1979:11). O opus craticium, desta

possível identificar seis aposentos do edifício original, situados na face N-NW da plataforma, quatro dos quais reconhecíveis por "robber trenches" e uns poucos blocos de fundação in situ (C-H) (39). A e B possuíam os únicos pavimentos preservados, em cocciopesto. B era ocupado por um pequeno tanque impermeabilizado, que se ligava com o pátio em frente por uma abertura na parede. A, B e C talvez se destinassem, assim, a atividades produtivas, em relação com aquelas efetuadas à céu aberto, no pátio.

Já a existência de um setor habitacional em D e H pode ser comprovada de maneira indireta, pela descoberta de fragmentos de decoração parietal e de estuco moldado, embora a posição original destes no edifício não possa ser determinada com precisão (40). Uma das características mais notáveis do edifício, à parte a singularidade de sua planta em L, é a pequena extensão da área construída (cerca de 100 m<sup>2</sup>) frente ao espaço disponível no terraço artificial. Tal fato sugere que uma parte ponderável das atividades produtivas fosse realizada a céu aberto, no pátio delimitado pelos muros de contenção. No interior deste, com efeito, descobriram-se algumas estruturas pertencentes a este período: um pórtico apoiado ao muro de terraçamento ocidental, identificável pelos blocos de tufa, dispostos a intervalos regulares de 3,00 a 4,00m ao longo da parede interna do pátio, que deveriam servir como base para a sustentação de um pequeno telhado, talvez um abrigo para carroças ou um estábulo; um muro transversal, dividindo o pátio em duas partes distintas - ocidental, mais elevada, com pavimento de terra batida, e oriental, num nível inferior (análogo ao de C), recoberta, ao menos em alguns pontos, por um assoalho de cocciopesto; um poço, por fim, situado

---

forma, parece ser uma readaptação das antigas técnicas de construção em "pau a pique" (que associava paredes de adobe a estacas verticais) ao uso do cimento. Para uma descrição da técnica e de seus possíveis inconvenientes veja-se Vitrúvio, II, 8, 20.

39) É possível, além disso, que o primeiro edifício de Posto se estendesse mais a leste, numa área muito perturbada pela construção do edifício subsequente.

40) Os restos de pintura, no primeiro estilo pompeiano, e de estuco decorado são, precisamente, os principais elementos datantes encontrados no sítio, em vista da ausência quase generalizada de objetos datáveis com precisão nos (poucos) depósitos estratificados associados a este período. O material cerâmico, por outro lado, e a técnica construtiva são plenamente condizentes com a datação proposta pelos escavadores (cf. Cotton, 1979:16).

de frente ao aposento C e aberto no banco tufáceo a uma profundidade de c. 4,20m, que se estendia por três galerias subterrâneas (não exploradas).

Por volta da metade do século (Cotton,1979:20), o edifício conheceu ligeiras modificações (que constituem o Período 1A dos escavadores, cf. fig. 71), sem alterar sua disposição original. No ângulo sudoriental do pátio construíram-se dois pequenos aposentos em obra quadrada, com paredes laterícias revestidas de reboco (41). Embora sua destinação funcional seja incerta, a construção destas áreas cobertas reforça a importância do espaço do pátio frente ao edifício principal e deve estar relacionada com as atividades aí desenvolvidas (42). A utilização extensiva de espaços a céu aberto é sugerida, além disso, pela presença de algumas estruturas externas ao terraço, como o *dolium* semi-enterrado, encontrado ao lado do muro de terraçamento ocidental, ou os restos de muros, em obra quadrada, localizados fora da plataforma, no ângulo sudoriental. Não é possível, com os dados de escavação, identificar os produtos elaborados na fazenda de Posto. A utilização atual da área, contudo, parece sugerir a produção de azeite, talvez associado ao cultivo de cereais e de leguminosas (43).

Algumas centenas de metros ao norte de Posto, na encosta ocidental do Monte Telefono (fig. 69), estende-se o sítio de S. Rocco, ocupado no início do I a.C. por um edifício rural cuja construção original foi, aproximadamente, contemporânea à de Posto (44). Os dois sítios apresentam, como veremos, diversos pontos de contato em

41) Cotton (1979:18) descreve a presença de "remains of a mortared brick upper structure", sem maiores indicações. Deve tratar-se, com toda probabilidade, de tijolos secos ao sol.

42) Cotton (1979:18) associa a construção desses ambientes com uma intensificação das atividades da fazenda, seja como "extra living space" ou como "better covered and protected storage space". A notável espessura de alguns muros (em F atinge 0,80m) poderia indicar, como sugere Cotton, a presença de uma torre, que se apoiaria nos muros de contenção (notem-se os contrafortes na face externa deste último, construídos nesta fase).

43) Cotton,1979:62 : "Grain,hay and bean crops are still seen; grazing and viticulture are not. Olive trees grow on the slopes down to the northern edge of the villa and to its south there are magnificent peach and cherry orchards".

44) Como é frequente neste tipo de sítio, os depósitos de fundação apresentam pouquíssimo material datante e os estratos de ocupação foram, em sua totalidade, destruídos ou alterados pelas construções posteriores. A datação do primeiro edifício depende, portanto, de elementos estruturais: fragmentos de decoração parietal no primeiro estilo pompeiano, o uso de *opus incertum* (mas sua qualidade como material datante é duvidosa) e, sobretudo, o mosaico encontrado no aposento A, do

seu desenvolvimento, mas as construções sobre S.Rocco foram, desde o início, maiores e mais ambiciosas em seu projeto arquitetônico. O primeiro edifício em S.Rocco (figs. 75-77), bastante danificado pelas construções posteriores, articulava-se em dois níveis, ou terraços, distintos. O superior, onde se localizavam os aposentos residenciais, erguia-se sobre uma pequena plataforma artificial, que nivelava o terreno da encosta e era formada por espessos muros de terraçamento em obra incerta de pedra calcárea (extraída do próprio subsolo da colina). Tais muros atuavam, simultaneamente, como fundações para os muros perimetrais do edifício (45). O desmantelamento proposital deste último para a construção de uma nova casa de fazenda, à época de Augusto, e a consequente destruição dos muros em elevação, das soleiras e de grande parte dos pavimentos originais, torna difícil a interpretação de sua planta, que deve ser lida com certa cautela. Algumas características gerais, no entanto, são claramente observáveis: o bloco residencial, composto pelo edifício do terraço superior, formava um retângulo de pequenas dimensões (c. 450 m<sup>2</sup>), com a fachada voltada para SE. O espaço interno era repartido em uma série de pequenos aposentos, dispostos ao redor de uma área quadrada (B), aparentemente descoberta e deslocada com relação ao centro do edifício (46). Não é possível determinar, com alguma precisão, a destinação funcional dos ambientes C, E e F, muito destruídos, embora seja evidente que as atividades exercidas

---

tipo *scutulatum*, que possui paralelos precisos em Roma e deve datar deste período (Cotton & Métraux, 1985:253-254).

45) Ao contrário de Posto, portanto, a plataforma não criava uma área livre, defronte ao edifício, mas servia, fundamentalmente, para compensar o declive da encosta e nivelar o terreno sobre o qual se erguia o edifício residencial.

46) A interpretação de B como um pátio descoberto (cf. Cotton & Métraux, 1985:16-17) depende, sobretudo, da presença de um dreno (marcado gama na planta), que parece partir do centro do ambiente, unindo-se a dois outros canais, provenientes de C, e encaminhando-se para fora do edifício. O pavimento de B, em *opus signinum*, possibilitava uma cobertura impermeável às águas pluviais, embora seja mais comum, neste período, em ambientes de uma certa distinção (convém ressaltar, no entanto, que os drenos se dispunham à altura do pavimento sendo, aparentemente, visíveis). Isto excluiria sua utilização para fins rústicos, como bem notam os escavadores (1985:17). A presença de duas portas, por outro lado, sugere que se tratava de uma área fechada, atuando como uma espécie de vestibulo para a habitação principal (é possível que outras portas se abrissem, igualmente, para D e E, mas os muros, aqui, foram bastante danificados).

em C envolvessem o uso e a descarga de substâncias líquidas (47) e que E/F, talvez cubicula (48), fizessem parte de um apartamento de habitação. A e D compunham, sem dúvida, os aposentos de maior prestígio no interior do edifício, entre os quais situava-se um amplo reservatório de água, provavelmente a céu aberto (49). O ambiente A, ao qual se adentrava por B através de duas portas laterais simetricamente dispostas, devia constituir um aposento particularmente destacado no setor habitacional, como indica o fino mosaico de seu pavimento, em *opus scutulatum* (talvez elaborado por artífices provenientes de Roma). Mais notável, no entanto, é o fato de tal aposento (juntamente com seu pavimento) ter sido preservado e englobado nas construções posteriores, sobrevivendo quase intacto por mais de duzentos anos, como se carregado de algum significado especial. Igualmente notável é o grande aposento D, com seus 60 m<sup>2</sup>. Embora o pavimento não se tenha preservado, os pequenos contrafortes dispostos regularmente ao longo das paredes (que poderiam servir como bases de grandes estacas) sugeriram, aos escavadores, a presença de um telhado elevado, acima do telhamento geral do edifício (veja-se a reconstrução proposta de Sheila Gibson, fig. 76) (50). É possível, no entanto, que sobre D se erguesse um segundo andar, abrangendo

---

47) Poderia ser uma área descoberta, ou um laboratório (mas para a produção de quê?) ou ainda, com maior probabilidade, uma cozinha (sobre esta área se erguerá, precisamente, a cozinha do edifício subsequente).

48) O aposento E, com 12 m<sup>2</sup>, parece ter sido pavimentado em signino; F, com 17,60 m<sup>2</sup> formando um quadrado perfeito, poderia ser um vestíbulo, ligando o terraço inferior ao grande ambiente D (1985:18). Mas tudo é aqui muito hipotético.

49) A não identificação de um sistema de canalização abastecendo o reservatório (com uma capacidade estimada em 9.260 litros) faz pensar, com efeito, que recebesse diretamente as águas pluviais e aquelas dos telhados sobre A e D. Como notam os escavadores, o subsolo calcáreo da região exigia a construção de grandes reservatórios impermeáveis, o que explica a existência de grandes cisternas em quase todos os sítios da área. A posição deste reservatório, no entanto, no centro do edifício e entre dois ambientes de representação, é estranha e não conhecemos paralelos na arquitetura rural ou urbana (se excetuarmos, obviamente, os tanques dos *impluvia* que, contudo, eram centrais e retangulares, e de menor capacidade).

50) Essa elevação do telhamento de um aposento aparece, nas grandes casas urbanas, sobretudo nos ambientes de representação, como no tablino da Casa dell'atrio a mosaico, em Herculano (mas aqui a estrutura assumia a forma de uma basílica, com as conotações de um espaço público, de recepção, cf. Wallace-Hadrill, 1988:63-64), no grande triclinio da Casa del Menandro (fig. 133, amb. 18), ou ainda na Casa do Centenario (fig. 135a e b), ambas em Pompéia. Trata-se de um recurso arquitetônico para se conferir dignidade e distinção a um aposento, tanto externamente, destacando-o visualmente na fachada, quanto no interior do aposento, pela elevação de seu pé direito.



toda a ala meridional do edifício (sobre D, E, F e o "south room") (51). O terraço superior, por fim, estendia-se diante da habitação, por uma extensão indeterminada, abrigando uma longa cisterna abobadada, com dois poços de acesso, cuja capacidade mínima estimada gira em torno dos 38.000 litros.

O edifício de habitação abria-se para o terraço inferior em sua face SW, provavelmente por meio de um pórtico, localizado no chamado "south room". O acesso ao edifício rústico era efetuado por meio de uma ou duas rampas, em comunicação direta com os aposentos F e D (52). Na plataforma inferior, apenas parcialmente escavada (não se conhece, por exemplo, seu limite meridional), localizavam-se três ambientes com funções produtivas. G, pela posição, poderia ser externo e a céu aberto e onde se descobriu um grande dolium, inserido no pavimento de terra batida (53). Já o ambiente mediano (H) era uma área de trabalho, pavimentada num opus signinum grosseiro, em meio ao qual se erguiam duas superfícies circulares e convexas (H 1 e 2, com 1,95 m e 2,10 m de diâmetro, respectivamente), com bordas formadas por telhas partidas, também em signinum (54). O ambiente I, por fim, dava acesso ao edifício superior e congregava uma série de depósitos de água - uma cisterna, não explorada, sobre a qual se abria um reservatório circular análogo àquele do terraço superior, e um

---

51) Os contrafortes serviriam, assim, como reforço, compensando o grande vão (quase oito metros) entre as paredes de D. Como sempre, em se tratando de pisos superiores, é impossível qualquer comprovação.

52) A rampa ocidental, se existiu, foi destruída quando da construção de um novo terraço, no início do Império, mas foi possível identificar traços de uma parede lateral (que sustentaria a rampa) aderentes ao muro de contenção.

53) Os escavadores, no entanto, o imaginam coberto (1985:21). Não é possível determinar a extensão do aposento a oeste, que deveria ultrapassar a linha do muro de contenção ocidental. Como todos os aposentos deste setor, G possuía um comprimento mínimo de 6,00 metros.

54) A utilização deste aposento para o beneficiamento de algum produto agrícola é quase certa, mas qual? Pavimentos em signinum, por sua característica impermeabilizante, eram adequados ao trabalho com líquidos e as duas áreas circulares elevadas poderiam servir como calcetoria (para a pisagem de uvas) ou como a base de prensas (para vinho ou azeite), mas não se identificaram canais de escoamento ou orifícios para os postes de sustentação de um torcular e o pavimento não parece apresentar qualquer declive (veja-se o corte estratigráfico, fig. 77). A interpretação proposta pelos escavadores, como duas áreas para a debulha de trigo, tampouco parece satisfatória, sobretudo em virtude do pequeno espaço disponível (que obrigaria a uma debulha manual e em escala reduzida), cf. 1985:24-25, com uma breve discussão das alternativas possíveis). O problema permanece, portanto, em aberto.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

poço escavado na rocha. I era revestido de reboco colorido, do qual se preservaram apenas traços, e atuava, ao que parece, como ponte de ligação entre a parte habitacional e a produtiva. Eventuais aposentos a leste, como dissemos, não puderam ser escavados.

A documentação referente aos edifícios de Posto e S.Rocco, ambos do início do século I a.C. é, no conjunto do *corpus* até aqui analisado, a primeira resultante de escavações sistemáticas e rigorosas e de uma publicação detalhada dos achados. A qualidade da documentação possibilita-nos, portanto, uma análise mais acurada de sua estrutura espacial, sobretudo do primeiro edifício de S. Rocco, maior e melhor preservado que o de Posto. A organização espacial do edifício, apesar de conhecida parcialmente, apresenta algumas características interessantes. Em primeiro lugar, a separação entre as alas senhorial e rústica era marcada por uma abrupta ruptura, que correspondia à diferença de nível entre os dois terraços. A parte habitacional se isolava, portanto, e se destacava no conjunto da construção, colocando-se num plano superior que refletia e expressava sua relação de poder com o setor produtivo. Estando acima, dominava a planície circunstante, adquiria maior visibilidade e imponência, ao mesmo tempo em que controlava, com mais eficácia, as atividades executadas no terraço inferior (55). Muito pouco foi escavado da parte rústica para que possamos apreender sua forma global, mas a habitação superior era, sob diversos aspectos, singular: não havia um pátio central que coordenasse as comunicações entre os aposentos, que não obedeciam a qualquer plano simétrico ou axial, como o das habitações citadinas. Influências urbanas, no entanto, são perceptíveis na decoração estrutural, como o mosaico de A, muito próximo a exemplares romanos, ou como a decoração parietal

---

55) Apesar de situado a apenas 50 metros acima da planície, o sítio de S.Rocco comanda um vasto panorama, pelo que Cotton o descreve como "a fine site with superb views" (Cotton, 1965:55-65).

(encontrada fora de contexto). A variedade, distribuição e especialização dos aposentos residenciais talvez reflita, igualmente, uma inspiração urbana.

Eram ao todo quatro aposentos com características distintas: em seu projeto arquitetônico, em seu tamanho, exposição e decoração, mostrando uma cadência que devia corresponder ao fluxo da vida diária de quem aí habitava. É difícil, no entanto, atribuir-lhes funções específicas. Se aí morasse uma família, por exemplo, como se distribuiria, como se apropriaria do espaço para o exercício de suas atividades cotidianas? Podemos, tão somente, fazer algumas conjecturas. O ambiente A, aberto para o pátio, mas destacado dos demais ambientes, devia ocupar uma posição singular, que seu mosaico pavimental tornava mais evidente. Por seu relativo isolamento poderia tratar-se de um ambiente de recepção. Sua posição em frente ao pátio sugere, ao menos, que possuía um caráter mais público que os demais. D, E e F, por sua vez, apresentavam um aspecto mais interno e mais íntimo, parecendo formar um "apartamento" unitário, unido à parte rústica pelas rampas e pelo pórtico. Estes três aposentos, no entanto, se uniam e se opunham num mesmo movimento: era D, com sua amplitude e sua imponência, que articulava as relações entre os ambientes menores, atuando como seu espaço de ligação e sua área comum. Sua exposição a sudoeste, recebendo as luzes do entardecer, combina bem com a idéia de "séjour", com a execução de tarefas domésticas, como tomar as refeições, ler e escrever ou apenas "estar", que os romanos concentravam no "post-meridiem". Quanto a E e F, expostos ao sol matutino, poderiam ser cubícula ou aposentos ocupados durante a manhã (56). É apenas uma possibilidade: o que se pode ressaltar é que os aposentos de habitação, embora divididos funcionalmente, mostravam uma forte coesão interna, conferindo-lhes um caráter unitário e coerente.

Tais características aparecem com maior clareza nas alterações efetuadas na estrutura original ao longo do século primeiro, sobre as quais nos deteremos agora.

56) É a exposição recomendada por Vitrúvio para os dormitórios: usus enim matutinum postulat lumen (VI,4,11).

À época de César, enquanto o setor rústico permaneceu basicamente inalterado, o edifício de habitação passou por certas modificações em sua planta que parecem ter acentuado a divisão funcional entre os aposentos (fig. 78) (57). Todos foram afetados, mas de modo diverso. O antigo ambiente D, que constituía, talvez, o centro do núcleo habitativo, foi subdividido numa série de aposentos menores, que alteraram a disposição interna do edifício: o ponto-chave da reforma parece ter consistido na criação de um corredor (D2), que segmentou a construção em duas metades, conferindo-lhe, pela primeira vez, um certo sentido axial (58). Ao norte, A se ampliou, avançando sobre o reservatório de água. Sua área foi quase duplicada e seu mosaico pavimental foi cuidadosamente reproduzido no espaço assim agregado (59). O isolamento de A, já visível na construção original, foi acentuado pelo fechamento de uma das portas em direção ao pátio (restou apenas aquela na extremidade norte) e pela própria segmentação que o corredor impôs ao edifício. D e E/F, por sua vez, passaram por uma reformulação completa, que criou dois "apartamentos" distintos e paralelos, ambos com uma área central (D1 e E1) e dois cubicula (D3/D4 e E2/F1), reproduzindo e reduplicando o esquema original, embora com ambientes de menores dimensões. Mais do que criar novos espaços de diferenciação funcional, portanto, a reforma de S. Rocco à época de César parece ter reempregado os mesmos conceitos

57) Tais modificações, que parecem depender de um projeto unitário (sendo, assim, provavelmente contemporâneas), constituem o Período IA dos escavadores. A técnica construtiva permaneceu idêntica à do período anterior, a não ser pela presença de alguns muros em quase-reticulado na ampliação de A1 (com paralelos em Roma e Caes que podem datar da segunda metade do século). Dada a ausência de materiais datantes estratificados, a cronologia deste período depende, quase exclusivamente, dos mosaicos pavimentais de D1 e D4, que devem datar da segunda metade do século I a.C. (Cotton & Métraux, 1985: 26, 90-91 e 254-256). Esta datação coincide com a ausência de terra sigillata (cuja produção se iniciou por volta de 30 a.C.) sob os pavimentos do período subsequente (Período II).

58) Que não corresponde, é claro, à axialidade própria das habitações urbanas com átrio (organizadas segundo a sequência átrio-tablino-peristílio). Os escavadores citam como um paralelo possível a já conhecida villa Sambuco (fig. 15) - mas ali a posição estrutural do corredor era totalmente distinta: não apenas este era mais amplo, mas se estendia longitudinalmente pelo edifício, ou seja, paralelamente à fachada. Em Sambuco, além disso, não havia a clara distinção entre setor senhorial e rústico que organizava os espaços em S. Rocco.

59) É possível identificar as duas fases do mosaico em scutulatum de A pelo tamanho e forma dos ladrilhos empregados, que passaram de retangulares, dispostos num padrão trançado a quadrangulares, dispostos em fileiras. Veja-se a foto em Cotton & Métraux, 1985: Plates XXIV a e b.

que já regiam anteriormente a relação entre espaços e atividades, multiplicando lugares de funções já definidas (60).

### Entre a República e o Principado

As alterações por que passou S. Rocco no curso do século I a.C. foram, como vimos, de pequena monta e não devemos atribuir-lhes uma significação mais profunda. São, no entanto, como bem notam os escavadores, índices da permanência e da prosperidade de uma certa forma de exploração rural, que parece ter atravessado incólume as agitações que afetaram a região, e a Itália como um todo, entre Sulla e Augusto (61). Nas décadas que assistiram ao início do Principado, no entanto, S. Rocco passaria por uma reformulação completa e radical, que alterou sua estrutura e ampliou enormemente a escala da construção. Veremos tal reforma em detalhe, mais adiante, mas aqui nos interessa seu caráter emblemático. Não se tratou de um acontecimento isolado. As últimas décadas do século primeiro foram, com efeito, uma época de reformas e de novas construções. A frequência dessas intervenções nos sugere, por si mesma, que estamos diante de um momento especial, nesta segunda metade do século. Um momento marcado por grandes mudanças políticas e sociais, sem dúvida, mas que encontrou uma expressão paralela na notável reformulação da cultura material e dos padrões culturais da Itália e do mundo mediterrânico: vidro soprado, cerâmica de mesa

60) É impossível, obviamente, determinar os motivos que levaram a tal reforma. Não é necessário, como supõem os escavadores, postular uma transferência de propriedade, nem a sua transformação em residência de veraneio (Cotton & Métraux, 1985:26). Tampouco parece verdade que as alterações tenham "radically changed its residential character". Um aumento no tamanho da família do proprietário (idem, pág. 33) poderia, por exemplo, justificar a ampliação, que não modificou em nada a estrutura funcional do edifício original. A ausência de informações sobre um segundo piso, por outro lado, dificulta qualquer conclusão mais precisa.

61) Sabemos que a região tinha claras simpatias por Mário e que pode ter sofrido represálias após a vitória de Sulla. Várias propostas de redistribuição de terras, além disso, envolviam esta área (Small, 1985:xxvi).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

envernizada em tons vermelhos, alterações nos alimentos plantados e servidos à mesa, nas denominações dos vinhos mais nobres, nos instrumentos de produção, na decoração do interior das casas, na arquitetura pública, etc. Os gostos, num sentido amplo, e as preferências por determinados objetos se alteraram profunda e rapidamente. Nos campos da Itália central, a febre construtiva parece ter atingido um ápice: surgiram novos edifícios, remodelaram-se os antigos, quando não foram postos abaixo para dar lugar a construções inteiramente novas, e o uso das técnicas de pedra e cimento expandiu-se para outros segmentos sociais e para outras regiões (62). Este ímpeto de construir, que acompanhou a euforia da pacificação da Itália e, por que não, da ascensão dos homines municipales a certas fatias do poder, parece ter se estendido por alguns anos, adentrando o século seguinte.

É certo que nem todos os sítios progrediram. Alguns, na verdade, parecem ter decaído e foram mesmo abandonados por essa época, como uma grande uilla identificada do vale d'Oro, no território de Cosa, que dominava com seus 7.000 m<sup>2</sup> o centro do vale e que deixou de ser ocupada com o final da República - um destino que parecem ter seguido os sítios menores da mesma região (Celuzza & Regoli, 1982:41-42). Outros sobreviveram quase sem alterações visíveis, à parte algumas subdivisões internas, como Giardino Vecchio, Sambuco, Blera ou Monte delle Grotte, adentrando o século seguinte aparentemente imunes - ao menos na forma arquitetônica - à passagem do tempo. No âmbito de nosso corpus, no entanto, grande parte dos edifícios antigos passou por intervenções importantes e novos edifícios ergueram-se sobre um número significativo de sítios. Passemos-os em revista, para observarmos como esses "novos tempos" encontraram sua expressão na arquitetura rural.

Em Monte delle Grotte (fig. 29), já nosso conhecido, a maior parte das modificações operadas no núcleo original deve, com efeito, datar do final da República

62) Febril era também, neste período, o modo como os proprietários rurais e urbanos adquiriram e vendiam casas e lotes de terreno. A velocidade com que a terra mudava de mãos, à época de Cícero (suas cartas são nosso melhor testemunho), é notável (veja-se o estudo fundamental de Rawson, 1980, sobretudo págs. 98-105). Sob o Principado a situação parece ter se estabilizado.

ou do início do Príncipeado. Tais reformas sintetizam, de certo modo, as tendências do período. Um segundo andar parece ter sido erguido sobre a ala sudeste, como sugerem três grandes pilares enterrados em 20-22. Diversos aposentos subdividiram-se, como 31-32, e o fechamento de determinadas passagens tornou as distintas alas mais isoladas. Isto parece ter correspondido a uma perda de prestígio do setor do átrio toscânico, cujos pavimentos foram degradados. Essa resignificação e reorientação do átrio revelar-se-á, como veremos, uma importante característica do período.

Em via Gabínia, agora já uma construção pluri-secular, o início do Império foi assinalado por uma profunda alteração em sua estrutura interna (figs. 64 e 65) (63). A maioria dos muros portantes do edifício anterior foi reaproveitada, mas acrescentaram-se outros, desta vez em obra reticulada (64). A construção se expandiu cerca de 1,50 metros em todos os sentidos (exceto a fachada meridional), formando a oeste dois pórticos laterais (fig. 65), ao mesmo tempo em que se reconstruíram os muros perimetrais do jardim. As principais modificações, no entanto, ocorreram no interior da residência, onde a antiga estrutura aberta, em U, foi transformada pela criação de um átrio com implúvio (6), no centro do antigo pátio. Em torno deste se articularam, então, novos aposentos de habitação (7-12), conferindo a este setor um caráter fechado, marcadamente "urbano" (65). Interessante é a preservação, com poucas alterações, do antigo setor norte do edifício, que foi valorizado pela inserção de um mosaico em opus sectile em um ambiente interpretado como triclinio (2) (66), pela

63) Cotton (1979) datava este período (período II) à época de Cláudio, mas a última publicação situa a reforma durante o principado de Augusto em vista da presença, rara ainda, de terra sigillata arretina, associada a abundante cerâmica de verniz negro, nos estratos de construção (Widrig, 1983:170).

64) Mesmo em algumas paredes reaproveitadas, curiosamente, o revestimento foi substituído por um esquema em reticulado, possivelmente porque a obra reticulada oferecia uma superfície mais uniforme para a colocação de reboco ou de estuque (Widrig, 1983:145).

65) Como se pode observar com clareza na planta publicada, o resultado final parece ser um compromisso entre as estruturas já existentes e o desejo de conferir ao novo edifício uma orientação axial, norte-sul, que foi obtida sem a simetria própria das casas urbanas. O vetor norte-sul foi reforçado, além disso, pela construção de uma entrada monumental, guarnecida por duas meias colunas de tijolos.

66) Definição bastante plausível, na medida em que se adequa perfeitamente às recomendações de Vitruvius: tricliniorum quanta latitudo fuert, bis tanta longitudo debebit (VI,3,8) e reforçada pela posição do mosaico.

adoção de pinturas em III estilo, cuja localização se ignora, e de um pavimento marmóreo no longo ambiente leste-oeste (1) (67).

Outra característica deste período, cujas consequências são mais difíceis de captar, é a importância que adquiriram os aposentos do segundo piso, aos quais se ascendia por três escadas colocadas em pontos distintos da construção (fig. 64, "a") duas dando para o jardim e uma outra, interna, para o átrio, enquadrada por duas meias colunas (68). O resultado dessas transformações foi a aparente eliminação das áreas que, no edifício anterior, destinavam-se às atividades produtivas, razão pela qual Widrig atribui, a este período, um caráter eminentemente residencial ("a suburban residence of some distinction", 1983:149; cf. 1980:129). É possível, embora se deva ressaltar que se conhece muito pouco das funções de cada aposento e que a reforma posterior, no século seguinte, convulsionou diversas áreas do sítio, sobretudo nos ângulos NE (ambiente 4) e SW do edifício principal (ambientes 8-9). É admissível, portanto, que certas zonas, particularmente na face oriental do edifício, tenham continuado ligadas a funções produtivas, como o ambiente 12, relativamente isolado do átrio, ou o distante aposento 4, onde depois se construirá uma sala de prensagem e que à época de Augusto, talvez tenha abrigado uma cozinha.

Mudanças ocorreram, igualmente, em Buccino, na Lucânia setentrional (figs. 18 e 19), após uma possível interrupção da ocupação entre o início do século I a.C. e Augusto (69). Novos aposentos foram construídos, aproveitando-se algumas das

67) É com Augusto, precisamente, que o mármore começou a ser introduzido nas habitações rurais, sobretudo nos pavimentos e no revestimento de certas peças, como as termas. O chamado III estilo, na decoração parietal, que abandonou as tendências ilusionísticas da pintura anterior em prol de um estilo mais severo e contido, iniciou-se, igualmente, neste período, como veremos adiante.

68) É possível, portanto, que um segundo piso se estendesse por boa parte da construção, mas não podemos atribuir-lhe funções específicas. Aquelas propostas por Widrig (dormitório para escravos na ala ocidental e aposentos senhoriais nas alas oriental e setentrional) são meramente hipotéticas (1980:124-125). A reconstrução axonométrica (fig. 65) também apresenta problemas, sobretudo no que diz respeito ao telhado central em torno do átrio, que se supõe articulado em uma única água, e ao fato *sui-generis* do tablino aparecer a céu aberto (há, com efeito, um dreno em sua parede ocidental). Sem a publicação definitiva, contudo, é impossível ir além destas observações mais ou menos casuais.

69) Esta hipótese é sugerida pela ausência de materiais datáveis neste período. Dyson associa a interrupção às andanças de Espártaco no sul da Itália, mas o edifício não apresenta traços de



## Apogeu

estruturas anteriores, sobretudo o pátio calçado e o peristílio, em torno do qual se ergueu, agora, uma série de aposentos de habitação, muito danificados pela erosão, mas que ainda preservavam traços da pavimentação em cocciopesto, decorada com ladrilhos multicoloridos, e fragmentos de reboco decorado (70). Este setor comunicava-se com a ala rústica através de um amplo corredor 15, depois subdividido, do qual se preservaram as elegantes soleiras de pedra. O antigo pátio 25 foi repartido em vários aposentos, formando um bloco que devia incluir o depósito de dolia, se este for mesmo deste período, e diversos ambientes pavimentados em cocciopesto (como 11), que parecem associados à esfera produtiva. A área a sudoeste do edifício, por outro lado, parece ter sido ocupada por outra série de aposentos de habitação, como indica o fino pavimento em signino de 31, semelhante ao do aposento defronte ao pátio calçado 1 (71). O setor em redor do pátio 25 parece ter se constituído, durante toda a história do sítio, num foco de atividades produtivas: certos artefatos, como pesos de tear, moedas e cerâmica utilitária aparecem aí, nas trincheiras de escavação, numa densidade bastante superior ao restante do sítio (72) (fig. 20). Este período, portanto, que poderíamos colocar no início do Principado, parece assistir a uma grande diversificação no número e na função dos aposentos, tanto da parte habitacional como produtiva. Estas parecem organizar-se em dois blocos no interior da fazenda, embora a clivagem não seja

---

destruição (Dyson, 1983:16). A datação desta fase (II) não pode ser confirmada por materiais provenientes de depósitos estratificados (o sítio é extremamente raso) e depende da datação geral dos artefatos encontrados, sobretudo do material numismático: uma moeda datada de 49 a.C., outra de 7 a.C. e duas emissões de Tibério (Dyson, 1983:16-17)

70) A fase II de Dyson é representada por muros em "rubble construction" e por pavimentos em cocciopesto.

71) O aposento 31 poderia ter sido uma êxedra, aberta para o pátio 25 e alinhada com este. No pátio, além disso, defronte a 31, mas no muro oposto (a NE), um arranjo de pedras sugeriu a Dyson a existência de uma base de estátua (1983:21). Toda a ala sudoeste, no entanto, foi convulsionada e alterada pela construção de alguns ambientes termais no século III d.C. (33-37).

72) Um dos méritos da escavação dirigida por Dyson é, precisamente, o de coletar dados sobre a densidade diferencial dos artefatos encontrados no sítio - caso único no âmbito das pesquisas sobre edifícios rurais romanos.

profunda. O precário estado de preservação das estruturas torna difícil ir muito além dessa constatação.

Alguns sítios conheceram, assim, no início do Principado, pequenas alterações em seus edifícios, sobretudo, ao que parece, pela multiplicação e diversificação dos aposentos de habitação, mas sem uma ampliação significativa da área construída. Alterações mais radicais, contudo, com a substituição total de um edifício por outro, foram também frequentes em diferentes regiões da Itália central. Vejamos alguns exemplos, começando pelo Lácio: ao longo da via Nomentana (Km 9,8), em plena Campagna romana, num sítio denominado "Podere Anna", um edifício em quase-reticulado (fig. 36) assentou-se sobre os restos desmantelados do que, pelos blocos de cappellaccio encontrados, parece ter sido uma construção arcaica. O traço mais notável do novo edifício, pelo que é possível apreender do fragmento de planta que possuímos, era um lagar revestido em cocciopesto (1), com uma base circular para a prensagem (73). Ainda no subúrbio de Roma, num estreito vale denominado "fosso di Montegiardino", entre as vias Collatina e Prenestina, ergueu-se, também à época de Augusto, um elegante edifício em obra reticulada, com cerca de 750 m<sup>2</sup> na área escavada (fig. 17), que soterrou, sob suas fundações, uma construção mais antiga, em obra quadrada, talvez do século anterior (74). O edifício erguia-se, ao que parece, sobre um terraço artificial, sustentado por um longo muro em reticulado, na face nordeste, que corria paralelo ao vale e no qual são visíveis três contrafortes (1). A nova construção, concebida numa escala muito maior que a de sua antecessora, organizava-se, aparentemente, em torno de um amplo salão retangular (2), decorado com um fino pavimento em mosaico, em cujo eixo dispunha-se um grande tanque murado (3), a leste, e o que parece ser um pequeno implúvio quadrado (4), a oeste. Em meio a uma

73) Não possuímos a publicação definitiva - a planta apresentada é parte do catálogo de uma exibição sobre o subúrbio de Roma (Bellini & Rea, 1985:122), publicada sem escala ou orientação geográfica. O lagar parece ser um acréscimo posterior à re-construção do edifício.

74) O sítio foi escavado por Pietrogrande, em 1934, mas nunca mereceu uma publicação sistemática (veja-se Musco & Zaccagni, 1984:101-102).

multiplicidade de pequenos aposentos retangulares, centrados no salão, destacava-se, no extremo ocidental da área escavada - e com um alinhamento ligeiramente divergente - um grande tanque, com escada de acesso ao fundo, associado a um aposento retangular, revestido em spiccatum, talvez uma área de trabalho ou um lagar (5).

Mais ao norte do subúrbio, na encosta meridional de uma colina sobre a via Salaria (Castel Giubileo, com conspícuos restos de construções romanas), escavou-se um grande edifício rural (com quase 1.400 m<sup>2</sup>). Apesar de muito destruído, este possuía uma estrutura complexa e curiosa (figs. 37 e 38) (75). A ausência de depósitos estratificados impede uma datação precisa, mas os materiais recolhidos permitem colocar a construção na última metade do século I a.C., talvez entre os anos 50 e 30 (Quilici, 1976:319) (76). Pequenos trechos de muros em obra quadrada (em S1 e S2) indicam que aqui se erguera, talvez no século anterior, um outro edifício, cujos materiais de construção foram reaproveitados na fundação de alguns muros (por exemplo em C4, em W e em P) e, provavelmente, na elaboração dos cubilia de reticulado empregados na construção do final da República. O edifício articulava-se em duas alas, com uma sensível diferença de orientação (77). Tais alas foram construídas com técnicas diversas, embora provavelmente contemporâneas: reticulado na ocidental e quase-reticulado na oriental (78). A diferença estrutural entre os dois blocos

75) Processos erosivos, pouca espessura do humus sobre a colina e um incêndio que destruiu o edifício no século III d.C. parecem ser os principais responsáveis por seu péssimo estado de conservação (Quilici, 1976). Preservaram-se, apenas, as fundações e pequenos trechos dos pavimentos antigos e dos muros em elevação. O esquema de trincheiras empregado por Quilici, além disso, dificulta a interpretação das estruturas.

76) Como ânforas Dressel 1 e cerâmica de verniz negro, além, é claro, da própria técnica construtiva empregada.

77) O bloco ocidental orientava-se, de modo quase perfeito, segundo um eixo norte sul, enquanto o bloco oriental apresentava uma divergência de quase 10 graus em direção a NE, criando um curioso vão triangular entre as duas alas. Quilici associa essa divergência à necessidade de oferecer uma menor resistência aos ventos de NW, predominantes na região, recurso que é comum na Campagna Romana, sobretudo nos edifícios com múltiplos andares - e que se repetirá nas torres medievais (Quilici, 1976:279 e nota 19).

78) Que não deva tratar-se de uma diferença cronológica, é indicado pelo tamanho quase idêntico dos cubilia empregados em uma e outra técnica (entre 8 e 10 cm). A diversidade no modo de colocação

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

corresponde, com clareza, a uma divisão de ordem funcional. Embora o esquema de trincheiras adotado impeça uma visão mais geral da planimetria do edifício, podemos localizar o setor habitacional no grande bloco ocidental, formado por dois grupos paralelos e contrapostos de aposentos (C e M). Na face norte, situava-se uma série de ambientes (C3-C5) que poderiam constituir um pequeno apartamento. Traços de uma escada indicam a presença de um segundo piso entre C3 e C4. Um portal, enquadrado por duas colunas em mármore lunense, abria-se em C5 e conferia a este ambiente uma certa distinção (79). Já C2, onde se descobriu um maxilar equino, talvez tenha abrigado, em algum momento, um estábulo ou cocheira. Do lado oposto abria-se outra série de aposentos (M1-M3), pavimentados em *spiccatum* e, aparentemente, destinados a funções domésticas: uma cozinha em M2, com um balcão no ângulo SE, um canal para pátio e um dolium, um *pistrinum* em M3, onde se encontraram restos de mó, e um forno em R. Estes dois blocos eram separados por uma ampla área H que, a julgar pelas fundações dos muros que o cortavam, subdividia-se em três alas distintas. Como o edifício permaneceu ocupado por, ao menos, três séculos, é possível que nem todos os muros que se entrecruzam neste setor sejam contemporâneos- a história do sítio é, na verdade, muito mal conhecida. Parece difícil, por exemplo, considerar a ampla área H1-H3 como um espaço totalmente coberto (como supõe Quilici, veja-se sua reconstrução, fig. 38) e podemos imaginar a existência de um poço de luz, talvez em H1 e H3, com H2 coberto (mas, no caso, qualquer hipótese é, efetivamente, "imaginária").

O bloco oriental não foi, ao que parece, totalmente escavado, mas é possível reconhecer algumas estruturas destinadas à produção agrícola: um série de tanques murados (U1-U2, V1-V2 e W), nos quais se encontraram muitos fragmentos de

---

dos *cubilia* deve resultar, provavelmente, do maior esmero ou habilidade artesanal empregado na construção do bloco ocidental.

79) Da área de C3-C5, além disso, provém abundante material arqueológico, como fragmentos de decoração arquitetônica em terracotta, cornijas em estuque, lastras de vidro transparente (de vidraça), além de fragmentos de recipientes em vidro, de lamparinas e ânforas de vinho e de *garum* (Dressel 2-4 e 7-11). Tais elementos indicam um uso relativamente refinado destes aposentos.

dolia (80); um lagar em U3; um dolium semi-enterrado no espaço de I, que devia ser a céu aberto, além de alguns "depósitos subterrâneos" (T1-T2), com cobertura em abóboda e cujo pavimento era o próprio banco rochoso da colina (81). É possível, além disso, que outras estruturas se estendessem mais a leste, entre os muros de contenção assinalados na planta. Esta apresenta, em seu conjunto, alguns problemas de difícil solução: onde era a fachada principal do edifício? Os dois blocos tinham uma entrada comum, ou voltavam-se para pólos opostos (leste e oeste)? Faltam-nos, sobretudo, elementos para definir a circulação interna dentro do edifício, fundamental para estabelecermos a relação entre as partes. Pode-se notar, no entanto, que os blocos se distinguem claramente quanto às suas funções: todas as atividades produtivas se concentravam a leste, enquanto o bloco ocidental, mais extenso e melhor construído, congregava as funções habitacionais (cubicula, aposentos de recepção e talvez termas) e aquelas ligadas à reprodução da fazenda (como a cozinha) em duas alas distintas e, aparentemente (porque não conhecemos os segundos pisos!), contrapostas. Bellini, analisando este edifício, considera-o como a parte rústica de uma propriedade maior, que englobaria os diversos sítios contemporâneos descobertos por Quilici na mesma colina (1984:123). É possível mas, como sempre, não pode ser demonstrado. Vale notar, tão somente, que o edifício não era totalmente desprovido de elementos de conforto, como mosaicos e outros equipamentos refinados, não sendo, portanto, necessário pensá-lo como parte de uma unidade maior. Permanece o fato de que o

---

80) A sequência de tanques, aparentemente interligados, sugere fortemente a produção de azeite na fazenda (veja-se Rossiter, 1981:353-360 que, no entanto, não menciona este sítio).

81) Nesta zona do edifício, sobretudo na face meridional, encontrou-se uma grande quantidade de materiais, como ladrilhos brancos e negros de mosaico, lastras de mármore (de uma latrina?), partes de um assoalho em cocciopesto, fragmentos de vidro e de recipientes cerâmicos, elementos de decoração arquitetônica, além de uma foice e um dente de porco. É provável que parte deste material (não estratificado) proviesse do segundo piso, sobre M3. A impossibilidade de se estudar os segundos pavimentos, como se observa, limita ao extremo nossa capacidade de interpretar o edifício em seu conjunto.

esquerma planimétrica de Castel Giubileo é, até o presente, único no conjunto da documentação disponível (82).

Se deslocarmos, por um momento, nossa atenção mais para o sul, na Campânia, encontraremos outro sítio com uma história semelhante, embora ainda menos conhecida. Trata-se do sítio de Qualiano di Napoli (fig. 12), escavado no início da década de 70, onde jaziam os restos de um edifício rural muito danificado, que parece ter se assentado sobre as fundações destruídas de uma construção mais antiga (83). A construção preservou-se apenas ao nível das fundações, e nenhum pavimento antigo foi descoberto. Traços de revestimento em reticulado, no entanto, aparecem em alguns pontos do sítio, sugerindo uma datação no âmbito do século I a.C. (84). A planta sumária não é compensada pela descrição (ainda mais sumária) dos achados, mas podemos reconhecer, talvez, uma área descoberta em 3, de onde partia um canal em direção a uma boca de cisterna ao norte e, agora com certeza, dois tanques retangulares, com cerca de 1,00 metro de profundidade, escada de acesso ao fundo e revestimento impermeável - talvez destinados à produção de azeite. A documentação não permite grandes inferências, mas é curioso que Vallat (1987:202) veja em Qualiano um exemplar de "fazenda catoniana", do século II a.C., com aposentos para escravos e para um intendente. Trata-se, pelos poucos dados de escavação, de um edifício sem

---

82) O bloco ocidental, no entanto, guarda certas semelhanças estruturais com a ala rústica construída no período II de S. Rocco: também ali se opunham dois conjuntos de aposentos, separados por um longo pátio longitudinal que, por sua vez, era repartido por alguns muros perpendiculares. A comparação, que é sugerida por Cotton & Métraux (1985:58), esbarra, contudo, na destinação funcional dos aposentos: enquanto o edifício oriental de S.Rocco era eminentemente, rústico, o bloco principal de Castel Giubileo congregava, como vimos, funções habitacionais e domésticas.

83) A existência de um edifício anterior é sugerida pela presença de alguns grandes blocos de tufo apoiados no banco rochoso, sem relação aparente com o edifício escavado (mas poderiam servir de apoio aos muros superiores). D'Ambrosio supõe que o edifício anterior tenha sido desmantelado e seus blocos reutilizados nos cubilias de reticulado do edifício mais recente (D'Ambrosio, 1972:320-321).

84) Os artefatos encontrados, aparentemente não estratificados, cobrem um arco de tempo bastante longo, do século III a.C. (cerâmica de verniz negro dos tipos Campana A e B) até os séculos II-III d.C. (moeda de Trajano, lamparinas datáveis entre os séculos III-V d.C.), com uma concentração de materiais entre o final da República e o início do Principado (*terra sicillata* arretina, fragmentos de vidro, lamparinas).

maiores pretensões decorativas ou arquitetônicas, mas não conhecemos a extensão total do sítio e é impossível ir além deste ponto.

Outros sítios que já conhecemos passaram também, no início do Principado, por profundas transformações. Na região de Francolise, os edifícios de Posto e S.Rocco, apesar de recentemente reformados, foram demolidos para dar espaço a construções maiores e mais ambiciosas, num movimento que parece ter afetado vários sítios da região (85). Em Posto (86), a plataforma artificial foi ampliada com a construção de novos muros de contenção, em obra incerta (fig. 72) (87), definindo uma área que atingiu, então, cerca de 1.440 m<sup>2</sup>. Sobre a face nordeste do terraço, construiu-se um edifício totalmente novo, do qual se preservaram, novamente, apenas as fundações, erguidas com blocos de tufa da construção anterior, e uns poucos pavimentos. Sua estrutura geral assemelha-se a um U com a base alargada, aberto para um pátio setentrional sob o qual se estendiam três cisternas interligadas, com capacidade mínima para 346.000 litros e alimentadas por um aqueduto (88). O estado bastante precário das ruínas não auxilia na identificação funcional dos cerca de dez aposentos da nova construção, embora possamos perceber, por suas acentuadas diferenças de forma e tamanho, que a relação espaço/função tendia, também aqui, a se especializar. Algumas suposições são, na verdade, possíveis, mas num nível muito

---

85) Vários indícios apontam para tal fato: em primeiro lugar, o novo edifício em S. Rocco estava intimamente associado à reestruturação da malha viária na região, graças à construção de uma via pavimentada, que atravessava e seccionava o sítio (sendo parte integrante de sua organização interna), unindo-o com o vale abaixo e com os outros edifícios da colina (Cotton & Métraux, 1985:81). Além disso, as grandes cisternas observadas em outros pontos da colina são provavelmente contemporâneas às que então se construíram em Posto e S.Rocco (embora muito maiores), indicando que o movimento de expansão afetou as demais construções da área.

86) A construção do novo edifício, em Posto, não pode ser datada com precisão, mas a ausência de cerâmica arretina nos depósitos associados ao início desse período sugere que a coloquemos antes de 30 a.C. (provavelmente pouco antes, cf. Cotton, 1979:37-38).

87) A planta compósita (agregando muros de diferentes períodos) apresenta certos problemas de interpretação. Os muros reaproveitados dos períodos anteriores aparecem com as linhas preenchidas (em negro - período I - e em linhas cruzadas - IA), o que induz a crer que os antigos muros de contenção a oeste e leste afloravam no pavimento do novo terraço. Mas isto parece inverossímil e devemos admitir que tais muros foram soterrados na construção do novo terraço.

88) O ponto de captação do aqueduto não foi identificado, mas é provável que recebesse água das colinas ao norte, onde se encontraram alguns canais (sem datação, cf. Cotton, 1979:27).

hipotético: 2, com seu formato em L, pode ter sido uma cozinha, com a base de um forno (ou de um balcão) em 9; 3 e 4, com estrutura e dimensões análogas, poderiam ser cubícula, com uma antesala em 1; em 5 ou 6, reconheceríamos, talvez, algum ambiente de representação ou, alternativamente, um laboratório, mas é provável que este último se localizasse entre 7 e 8 onde, no período seguinte, existirá, com certeza, um lagar. Sobre estes últimos ambientes, dada a estrutura particularmente resistente e bem cuidada das fundações, Cotton (1979:30) coloca uma torre, guardando a entrada a oriente. São, obviamente, meras suposições: a ausência de pavimentos e de soleiras impede, até mesmo, que identifiquemos as linhas de circulação entre os ambientes. No pátio em frente, delimitado pelos muros do novo terraço, construíram-se algumas estruturas que atestam a utilização da área para fins produtivos, sobretudo na face oriental, defronte à entrada, onde foi construído um amplo tanque de decantação, com revestimento impermeável, provavelmente para a produção de azeite - o fundo côncavo serviria para a deposição da água de vegetação, resultante da prensagem. Alguns trechos de muros, por fim, identificados no interior do pátio, parecem ter servido para criar segmentos de espaço a céu aberto, organizados em níveis pavimentais diferentes e destinados, talvez, a atividades diversas. Este é um traço peculiar a Posto: ao contrário da maioria dos sítios que viemos analisando, os espaços a céu aberto não são, aqui, apropriados no interior do próprio edifício, mas permanecem externos, ainda que delimitados pelo terraço.

O sítio de S.Rocco, quase à mesma época, passou por transformações ainda mais profundas (figs. 80-83) (89). O antigo edifício foi, em grande parte, demolido e o terraço notavelmente ampliado (90), com muros de contenção numa obra

89) A nova construção deve datar de cerca de 30 a.C., sobretudo em virtude da ausência de cerâmica arretina nos níveis associados à fundação do edifício, no aterro do terraço e nos estratos sob os pavimentos; os numerosos mosaicos pavimentais deste período são compatíveis com essa datação, embora paralelos possam ser traçados com pavimentos mais antigos, da primeira metade do século (veja-se a discussão da datação em Cotton & Métraux, 1985:256-258 e a análise dos mosaicos, págs. 92-127).

90) Cobrindo assim, inteiramente, a parte rústica do edifício anterior e nivelando o terreno até a altura do "South Portico", cerca de 15 metros a SW sobre o terraço inferior do período I (fig. 79).



incerta muito semelhante à da construção anterior (figs. 80-83) (91). Um complexo sistema de captação e reserva de água foi criado a nordeste do novo terraço, formado por dois grupos de cisternas, cada uma repartida em múltiplas naves, alimentadas por um aqüeduto que corria paralelamente um pouco mais ao norte. A capacidade conjunta dos reservatórios era superior a 1.100.000 litros, indicando que a disponibilidade de água era um requisito fundamental tanto do setor habitacional (ligado à cisterna ocidental) quanto daquele rústico (servido pela cisterna oriental). A distinção entre as partes senhorial e rústica, que nos períodos anteriores era articulada pela diferença de nível entre os terraços, estruturou-se agora por meio de uma via calçada, que subia a colina e atravessava o sítio, separando a grande casa senhorial (com 1335 m<sup>2</sup>), a ocidente, do edifício rústico a leste (com 900 m<sup>2</sup>) (92). A própria diferença de tamanho entre as alas ressalta a importância assumida pelo setor habitacional neste período. O plano da nova construção passou a associar uma rígida axialidade (na sequência vestíbulo, peristílio e tablino, ao fundo) com um esquema circular centrado no amplo (c.270 m<sup>2</sup>) e elegante peristílio, com suas doze colunas jônicas, um bacia de mármore ao centro e antefixas em forma de cabeça de leão na cornija (93). Os aposentos de habitação, ao redor do peristílio, organizaram-se agora em setores determinados. No pórtico mais interno, oposto à entrada, dispunham-se três ambientes que poderíamos

91) Embora a técnica empregada - a obra incerta - seja a mesma, há diferenças no tamanho dos blocos de paramento e na composição do cimento, que agora apresenta uma maior proporção de areia. A qualidade e solidez da construção, contudo, parecem inferiores: no muro de terraçamento setentrional, por exemplo, a parte erguida neste período soçobrou em grande parte, com exceção do trecho reaproveitado que fora do edifício anterior! (Cotton & Métraux, 1985:41).

92) Longe de atenuar-se, portanto, tal distinção parece mais acentuada, adquirindo um novo caráter. Visto da planície, o bloco residencial se sobressaía e, de certo modo, escondia aquele rústico, cuja fachada meridional foi, propositalmente, recuada (vejam-se as observações de Cotton & Métraux, 1985:57).

93) Como observam Cotton & Métraux (1985:44), a sensação de axialidade era ressaltada pela diferente largura dos pórticos ao redor do peristílio, que se tornavam mais profundos à medida em que se adentrava o edifício: aquele próximo à entrada, o mais estreito, media 3,60 metros de largura, os pórticos laterais mediam cerca de 4,40 e aquele diante do tablino 4,60. O espaçamento entre as colunas, mais amplo no eixo leste-oeste, devia também influenciar na percepção do espaço. A partir dos restos de uma das colunas do peristílio - e valendo-se das proporções tradicionais da coluna jônica - Cotton & Métraux (1985:44) atribuem a este uma altura de 6,19 metros no topo da arquitrave, altura que deve corresponder à do teto dos aposentos circundantes (com o telhado a cerca de 7,12 metros de altura).

definir como de recepção e representação: um amplo tablinum (4), totalmente aberto para o pórtico e decorado com finos pavimentos e soleiras em mosaico; uma pequena êxedra (6), com um assoalho mais simples, e um grande triclinio (5), identificável pela posição centralizada do emblema em mosaico, com capacidade para abrigar até doze convivas (Cotton & Métraux,1985:45). Na ala meridional, apesar de bastante danificada (94), podemos reconhecer uma série de três ou quatro apartamentos que seguiam, grosso modo, um mesmo esquema de uma antecâmara para cada dois cubícula. É o caso dos ambientes 35 e 36/37, 25 e 23/24, 21 e 20a/20b, 17 e 18/19, todos com variações na forma, tamanho e exposição (95). Estes aposentos, que deveriam se abrir tanto para o peristílio como para os pórticos meridional e ocidental, mostram vestígios de mosaicos pavimentais e de decoração parietal (96). Do lado oposto do peristílio, junto a uma pequena entrada (provavelmente de, serviço) abriam-se outros três grandes aposentos retangulares, de planta semelhante, mas decorados diferentemente: 12, ao centro do pórtico ocidental, tinha pavimento em mosaico, enquanto 13 e 14 possuíam assoalhos mais simples, em signino. Uma base quadrada de pedra calcárea, ao centro de 14, poderia ter servido como suporte para uma estátua ou, talvez, para um altar doméstico (97). Ao lado destes ambientes, seguindo-se pelo pórtico nordeste, uma porta dava acesso a um estreito corredor (7), que escondia, atrás de si, a cozinha, composta por três aposentos e num nível pavimental inferior, em cerca de 0,40 m, ao do restante do edifício: 9, que parece ter sido um depósito, e 10/11, pavimentados em spiccatum, com balcões murados sobre os quais se poderiam preparar os alimentos

94) Este setor foi muito danificado pela ação do arado e, sobretudo, pelas fundações de um hospital que, na década de 30, começou a ser construído sobre o sítio, antes de os trabalhos serem interrompidos pela Superintendência Arqueológica da Campânia (1985:36). Na maior parte dos casos, os muros foram destruídos até abaixo do nível pavimental e perderam-se as soleiras (que permitiriam identificar as linhas de circulação entre os aposentos).

95) Predomina, contudo, uma orientação SW, voltada para o poente.

96) Segundo os escavadores, o pórtico meridional, com 44 metros de extensão, dominava "a majestic view of the plain and, on most days, the sea..."(1985:49).

97) A localização de 14, diante da entrada que unia o setor rústico ao senhorial sugere esta última interpretação. Se nas casas urbanas os altares tendiam a localizar-se no átrio, nas construções do campo parece haver uma tendência para situá-los no ponto de confluência entre os dois setores como, por exemplo, nas cozinhas.

(98). Ao fundo do pequeno corredor, no ângulo setentrional da casa, estendia-se outro apartamento com antecâmara (8, com um "magnífico" mosaico) e dois cubícula (ambientes 27/28) (99). Daqui, uma estreita passagem conduzia ao antigo aposento A, do edifício anterior (agora 29), preservado quase integralmente no interior da nova construção, numa posição recôndita e isolada (100). Na face ocidental do edifício, por fim, abria-se um pequeno pórtico (39), acessível do exterior pela entrada dos fundos (31b) e que abrigava um provável lavabo em seu ângulo norte (com dreno para o exterior). Como sempre, a existência de um segundo piso sobre o edifício não pôde ser determinada. Se aceitarmos, no entanto, que o pequeno e estreito aposento 30, com piso de terra batida (e um console murado na parede norte) fosse um poço de escada, um andar superior poderia, eventualmente, localizar-se sobre o ângulo setentrional, onde não prejudicaria a iluminação do peristílio (101).

O setor rústico, do outro lado da via pavimentada, fazia parte, segundo supõem os escavadores, do mesmo projeto arquitetônico que reformulou a habitação senhorial, devendo datar do mesmo período. Erguia-se sobre dois terraços, articulados em níveis distintos: no inferior localizava-se, provavelmente, um pequeno pomar ou jardim, sobranceado pela construção acima (102). Esta última estruturava-se em torno

98) A cozinha, que representa uma intrusão, por assim dizer, necessária do setor de serviços no interior da habitação senhorial era, assim, convenientemente ocultada do peristílio: a disposição das portas, a intermediação do corredor e o nível pavimental mais baixo garantiam sua invisibilidade. Cotton & Métraux imaginam 9-11 como, ao menos parcialmente, descobertos, sobretudo em virtude do pavimento impermeável e de alguns buracos de estaca em 11 (não aparecem na planta) que fariam supor um pequeno telhado à parte (1985:46-47). É possível, mas não necessário: pavimentos cerâmicos são comuns em cozinhas do período e as estacas poderiam, eventualmente, sustentar alguma estrutura sobre o forno de 11.

99) Os pavimentos e a decoração parietal destes aposentos foram destruídos quando esta ala se transformou, no período 2A, num complexo termal.

100) Como se carregado de algum significado especial. É interessante notar que na parede norte deste ambiente, que foi refeita neste período, abriu-se um pequeno nicho (0,20 de profundidade e 1,40 m de largura) abrigando, quem sabe, um altar doméstico.

101) Cotton & Métraux (1985:51) aventam a possibilidade de o ambiente 30 ser um poço de escada, mas esta serviria apenas para dar acesso ao telhamento do tablinum e do triclinio: "It is unlikely", afirmam, "that there was a full second storey anywhere in the villa, since a more adequate staircase would probably have been provided, but the obvious advantage of being able to reach the eaves for repairs, cleaning and firefighting would have been achieved by a ladder room of the kind suggested".

102) A diferença de nível era de apenas 0,60 m. Se no terraço inferior houvesse, realmente, um pomar, o edifício rústico se tornaria praticamente "invisível" da base da colina.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

de dois pátios, aparentemente descobertos e separados por dois muros transversais, com os aposentos dispostos ao longo das faces nordeste e sudoeste. Processos erosivos que afetaram, sobretudo, a face meridional, e as profundas modificações sofridas por alguns aposentos no período seguinte, dificultam a interpretação da estrutura funcional dos ambientes à época de sua construção. Parece clara, no entanto, a preocupação dos construtores em definir lugares específicos, organizados em módulos mais ou menos apartados. Os aposentos ao norte do primeiro pátio, por exemplo, pavimentados com grandes lajotas cerâmicas (*bipedales*), parecem ter constituído um apartamento de habitação que talvez, como supõem os escavadores, abrigasse o supervisor da fazenda e sua família: do ambiente 40, com efeito, com suas três portas (para o exterior, para a via interna e para o pátio) podia-se controlar o movimento de entrada e saída do edifício (103). Sua exposição a sudoeste, além disso, era adequada "for year-round living" (Cotton & Métraux, 1985:54). Ao sul do mesmo pátio, abria-se o pequeno pórtico 44, abrigando um moinho manual fixo; seguia-se um longo ambiente retangular, com uma boca de poço construída no canto setentrional e, no limite do terraço superior, um curioso aposento (47, muito danificado), dividido em duas naves por uma fileira de pilares centrais, que poderia ser um estábulo ou celeiro (104). Os dois pátios eram separados por um longo ambiente transversal (48), situado no centro do edifício e, provavelmente, coberto. Esse vasto salão, revestido de lajotas (*bipedales*) e sem

103) Os ambientes destinados à habitação da mão de obra não puderam, como veremos, ser claramente identificados. A posição e o caráter destes aposentos de entrada sugere, no entanto, que uma certa hierarquização devia existir na distribuição do espaço entre os habitantes mais humildes - uma tendência que teremos oportunidade de observar com maior detalhe nos capítulos seguintes.

104) Originalmente, interpretou-se o ambiente 47 como uma cisterna, mas o chão de terra batida, no mesmo nível pavimental do pátio, e a ausência de quaisquer vestígios de revestimento impermeável, tornam essa hipótese insustentável (Cotton & Métraux, 1985:55 e nota 7). Ambientes repartidos por pilares, como este, são comuns em edifícios rurais, embora nem sempre possamos definir sua função. No sítio de Tenuta Casalotto, por exemplo, próximo à Ardea, no Lácio, escavou-se um compartimento semelhante (de época Imperial), com quatro pilares centrais e que abrigava uma série de doia semi-enterrados (fig. 39) (Romanelli, 1933). Pilares centrais como os de S. Rocco sustentavam, provavelmente, um plano superior, talvez servindo como celeiro (como em Settefinestre, vide abaixo). A proximidade de um moinho é, ademais, sugestiva. Já a interpretação de 47 como um estábulo é mais problemática, em virtude do pequeno espaço entre os muros perimetrais e os pilares centrais (1,60 m de largura).

estruturas internas visíveis (105), dava acesso a uma série de pequenos aposentos na face norte (ambientes 49-52), muito modificados em seguida, mas que os escavadores imaginam como tendo constituído, neste período, uma espécie de apartamento, com pequenos cubículos pavimentados em *spiccatum* e uma latrina em 52 (106). O ângulo meridional do edifício rústico foi, como dissemos, muito danificado pela erosão, preservando-se abaixo do antigo nível pavimental, mas é possível que o acesso a estes ambientes (55-60) se desse somente pela pequena porta localizada aos fundos de 48 (107). O segundo pátio formava a ala mais interna do edifício, onde concentravam-se as atividades de beneficiamento da produção, sobre as quais, aliás, temos poucos indícios: o pavimento do pátio era, ao menos em parte, revestido por pequenas lajotas losangulares em cerâmica; no ângulo SW, desenhava-se uma superfície circular, ligeiramente elevada, semelhante àquelas do edifício anterior (108); outro indício, desta vez indireto, vem do fato de os ambientes ao norte (53/54) terem abrigado, no período seguinte, um lagar.

Por volta do início do Principado, desta forma, o sítio de S.Rocco foi ocupado por um edifício rural luxuoso e complexo, articulado em vários terraços e com uma nítida cisão entre a parte rústica, por si só um extenso edifício, com mais de vinte aposentos diferenciados, e a grande mansão senhorial, sobre a qual parece ter recaído a ênfase maior do projeto construtivo e que representou um notável investimento em edificação. Apropriando-se dos códigos do luxo residencial urbano, esta parece erguer-

---

105) Não podemos definir as atividades executadas no ambiente 48. Pode-se, no entanto, notar que, estruturalmente, servia para isolar as atividades executadas no segundo pátio, que parece ter concentrado as funções "industriais" da fazenda.

106) A menos que localizemos, aqui (onde depois se construirá um grande forno) a cozinha rústica deste período, de resto não identificada: a proximidade da latrina e a presença de pavimentos em *spiccatum* poderiam reforçar essa possibilidade.

107) Neste caso, o conjunto de aposentos 55-60 constituiria um espaço extremamente segregado, isolado e de fácil controle, características que sugeririam a presença de um *ergastulum*, isto é, um alojamento para escravos. No período seguinte, no entanto, tais ambientes se abriam, certamente, para o segundo pátio ao norte, e é possível que o fizessem também à época de sua construção.

108) Muito semelhante às duas áreas circulares da parte rústica do edifício anterior, com os mesmos problemas de interpretação. É certo que se tratava de uma base fixa para algum trabalho (prensagem, debulha?), mas qual?

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

se sob o signo da modernidade. Isto é evidente na opção pelo peristílio, como elemento organizador da circulação interna (109), na multiplicação dos aposentos de habitação, agrupados em "apartamentos" distintos, na abertura do edifício para o exterior, promovida através dos pórticos (110), na utilização extensiva de mosaicos pavimentais, em quase toda a superfície da mansão senhorial (111), modulando e ressaltando, com seus diferentes desenhos, padrões e colorido, os vários espaços em que se repartia seu interior (112). Em S.Rocco, como em outros sítios, assistimos nesta época a grandes transformações: no gosto decorativo, nos modelos arquitetônicos empregados, na escala e na estrutura das construções, nos recursos aplicados à edificação e, provavelmente, na própria base produtiva (113). Podemos sentir a intensidade dessas alterações no registro arqueológico, mas dar-lhes um sentido social é uma operação que requer cautela. Por detrás da reconstrução de S. Rocco, por exemplo, é patente a existência de um patrimônio bastante superior ao que pressupunha o edifício anterior. Mas qual sua origem? Teria sido gerado no próprio local, como fruto da prosperidade agrícola da região? Ou proviria de outras áreas, de outras esferas: lucros mercantis, patrimônios urbanos, presas de guerra, confiscações? Implicaria uma mudança de proprietário? Seria a moradia principal deste último, ou local de veraneio ou, ainda,

109) Como veremos adiante, pouco a pouco o átrio foi perdendo sua importância, como elemento central das residências urbanas, em favor dos peristílios.

110) Como afirmam, com muita propriedade, Cotton & Métraux (1985:57), "the house is inward-looking as well as outward-looking, centred on the peristyle but facing views framed by porticos". Essa abertura para a paisagem é uma característica que já observamos, por exemplo, em Villa dei Misteri e que S. Rocco compartilha com muitas grandes villae que se construíram no período. (Sobre a progressiva abertura dos edifícios para a paisagem, vejam-se Scagliairini, 1978:8-9 e Mansuelli, 1958:23-24).

111) À época de Augusto, ou pouco antes, o uso de mosaicos pavimentais, assim como o do mármore, difundiu-se nas habitações urbanas e rurais. Difusão que não significou, contudo, a "banalização" de seu emprego. Em Pompéia, por exemplo, na região I, onde possuímos estatísticas relativamente confiáveis, 75% dos mosaicos pavimentais concentravam-se em apenas duas residências, cobrindo tão somente 2% da superfície construída nesta parte da cidade (Vos, 1984:162).

112) Neste contexto geral de "modernidade", a manutenção do velho aposento de representação do edifício anterior, juntamente com seu mosaico de tom "antiquado", parece revestir-se de um sentido todo especial. Ainda que não possamos apreendê-lo plenamente, a preservação deste ambiente, agora absolutamente "interno", amenizava a ruptura com o passado, conferindo ao novo edifício alguma coisa de permanência e de continuidade.

113) Como ressaltam Cotton & Métraux (1985:35), o novo edifício manifestava "a new sense of space and a totally different conception of the domestic environment".

## Apogeu

destinado a visitas ocasionais (114)? O curto espaço de tempo que separa a reforma do edifício anterior, sob César, de sua demolição, bem como a escala, muito ampliada, da nova construção, sugerem fortemente a penetração de capitais externos; outros elementos, como as técnicas construtivas, a preservação do ambiente A e outros pequenos detalhes (115) falam em favor de uma certa continuidade. As particularidades arquitetônicas da construção são, neste caso, uma pista frágil: o modo como a construção segregava e ocultava o universo do trabalho (116), por exemplo, é quase uma expressão arquitetônica das cenas rurais pintadas em pequenos quadros, no centro das paredes de terceiro e quarto estilos, nas quais predominava uma visão idílica da vida no campo, com a absoluta exclusão do mundo do trabalho (Scagliarini Corlaità, 1981:15). Mas o novo edifício de S. Rocco, a despeito da presença de ambientes refinados e luxuosos, não se equipara às imensas *villae* da aristocracia senatorial, construídas nos arredores de Roma ou ao longo do litoral e que foram o escândalo de uma época (117). Pelo contrário, a construção guardava, ainda, um pouco do equilíbrio (*modus*) entre *uoluptas* e *utilitas* que Varrão preconizava como a situação ideal para um edifício rural (118). Mesmo que, em S. Rocco, a balança pareça pender para a

114) Cotton & Métraux delimitam com precisão as possibilidades envolvidas (1985:35-36): there may have been an increase in production and diversity in the use of the villa's lands or a diversification through new types of planting, or purchase or inheritance of new property, or perhaps increased productivity on the existing land. In all of these cases, money became available, justifying new residential and agricultural buildings, and the presence of new available 'capital' implies that the financial returns on agriculture in the district were good enough, c. 30 B.C., to encourage investment in either purchase or mortgage form. Para os escavadores, a hipótese mais provável é a de que o proprietário fosse não residente, ocupando-se de modo apenas secundário com suas propriedades rurais e engajado, fundamentalmente, em atividades políticas ou militares (1985:82).

115) Como, por exemplo, as bases circulares em *occiopesto*, com bordas de telhas pintadas, presentes nas partes rústicas dos edifícios de ambos os períodos.

116) O eixo de segregação não parece tanto afetado pelas condições de status (livre, liberto, escravo), quanto pela oposição trabalho produtivo x não trabalho, *otium*. Deve-se notar, no entanto, que o trabalho doméstico, entendido como o serviço ao senhor, encontrava-se agregado ao setor habitacional, num arranjo que encontraremos com frequência mais adiante.

117) No *De re rustica* de Varrão encontramos claros reflexos da crítica que se fazia, na segunda metade do I a.C., às construções excessivamente luxuosas da aristocracia romana (veja-se, por exemplo, I,13,6; II, Praef. 2; III,17,3). Em Plínio encontraremos ainda ecos desse mesmo clima (HN, XVII,1,6; XVIII,7,32), mas não já em Columella ou mesmo Plínio, o jovem.

118) RR, I,4,1: Hinc profecti agricolae ad duas metas dirigere debent, ad utilitatem et uoluptatem. Villitas quaerit fructum, uoluptas delectationem; priores partes aut quod utile est quam quod delectat.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

primeira: sinal de um elevado rendimento agrícola, ou indício de que a produção do sítio era complementada por outros ingressos, não sendo, assim, a principal fonte de rendimentos de seu proprietário?. Como se vê, possuímos algumas das respostas possíveis, mas não sabemos quais se aplicam ao edifício em questão - dúvida que, de certo modo, sintetiza a relação entre fontes escritas e arqueológicas. No fim das contas, não sabemos a que segmento social pertencia o responsável pela reconstrução do edifício, nem podemos conhecer a efetiva extensão do patrimônio de que esta villa era, talvez, apenas uma parcela.

Este período, no entanto, não viveu apenas de reformas mais ou menos extensas e de reconstruções. Como indicam os mapas dos levantamentos de superfície, muitos sítios foram, então, ocupados pela primeira vez. Uma das características mais interessantes desta época é o aparecimento, no registro arqueológico, de edifícios muito pequenos, cuja construção em materiais duradouros atesta uma notável difusão das técnicas associadas à pedra e ao cimento, adotadas agora mesmo em sítios bastante modestos. Apesar de, via de regra, não terem despertado as atenções dos arqueólogos, duas dessas construções foram investigadas no âmbito do levantamento britânico da Etrúria meridional. Em Monte Cuculo, no território da antiga cidade falisca de Capena, sobre um estreito esporão a 400 metros de altitude, descobriram-se os restos de um pequeno edifício quadrangular, cobrindo uma área não superior a 50 m<sup>2</sup> (fig. 40) (Jones, 1962). A construção, que aflorava à superfície e que não foi escavada, possuía muros em obra incerta com um pequeno trecho de parede, na face noroeste, revestido com um paramento em reticulado (119). Sua construção, segundo os escavadores, deve datar do início do Principado. Nada sabemos sobre a efetiva utilização do edifício, mas sua posição isolada e de acesso difícil sugere tratar-se do núcleo de uma pequena

---

Mas Varrão acrescenta este sugestivo comentário (1,4,2): *nemo enim eadem utilitati non formosius quod est emere maius pluris, quam si est fructuosus turpis.*

119) O trecho em reticulado apenas se apoia, sem se entrelaçar, com o muro meridional em incerto, o que parece indicar a existência de diferentes fases de construção. É possível, por exemplo, que os muros "in rough courses" sejam mesmo posteriores à parede em reticulado. O edifício mostra, além disso, sinais de reparos que parecem recentes (Jones, 1962: 179).



propriedade, que exploraria os poucos recursos de uma zona marginal. Sobre a estrutura do edifício temos poucas informações: é possível que a entrada se situasse no ângulo noroeste, onde se sobressaía um curto apêndice; um trecho fragmentário de muro, por outro lado, indica que o espaço interno da construção era, de certa forma, subdividido em áreas distintas. Jones (1962:179-180), com base em representações de pequenos edifícios em pinturas pompeianas e em mosaicos norte-africanos (120) supõe-no articulado em dois andares, como uma torre quadrada, com o térreo abrigando o estábulo e o piso superior os ambientes de habitação, segundo um esquema presente em certas áreas da Itália contemporânea: interessante possibilidade, sem dúvida, mas que esbarra na pouca espessura dos muros perimetrais (c. 0,40 m). É de se lamentar que o edifício não tenha sido objeto de uma escavação sistemática.

Melhor conhecido é outro pequeno edifício da mesma região, situado em Monte Forco (sítio 154, figs. 41-42), sobre um estreito esporão, a 230 m de altitude, que abrigava outros cinco sítios romanos, o mais próximo dos quais a apenas 127 metros. A localização topográfica, como em Monte Cuculo, sugere tratar-se de uma pequena fazenda que compartilhava a reduzida área disponível com os outros edifícios sobre a elevação (121). A construção, escavada em 1961 (122) (Jones, 1963:147-158), formava um retângulo perfeito (na proporção 2:1), disposto segundo um eixo NW-SE e cobrindo uma superfície de cerca de 60 m<sup>2</sup> (123). Os muros perimetrais, parcialmente

120) As representações de edifícios com torres, citadas por Jones, referem-se, contudo, a realidades bem diversas. Como reconhecera o próprio escavador, em outro trabalho, a casa pintada numa das paredes da "casa della fontana piccola", em Pompeia, parece bem maior e mais próspera. Os mosaicos norte-africanos de Zliten, por outro lado, refletem um contexto agrário e cronológico específico e não retratam, certamente, pequenas propriedades (Jones, Capena II:158).

121) O edifício, como dissemos, fazia parte de um grupo de outros cinco sítios, dispostos a intervalos de 120 a 250 metros, nenhum dos quais de grandes dimensões. Se todos, como parece, fossem contemporâneos, a área disponível para cada um deveria oscilar entre 5 e 10 iugera (segundo Potter, 1985:137). Que se trata de um núcleo autônomo, e não de um mero apêndice, é sugerido, além disso, pela presença de cerâmica comum e de um *mortarium* (indicando o preparo de alimentos no local).

122) O sítio foi arado, pela primeira vez, em 1956, sendo então parcialmente destruído. Preservaram-se, no entanto, três níveis pavimentais estratificados no Interior do edifício.

123) O edifício dispunha-se, assim, de modo transversal ao esporão. A entrada principal (das duas que a construção possuía) deveria localizar-se na face ocidental, voltada para o início do esporão.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

preservados em sua elevação, foram executados numa obra reticulada de excelente confecção, sugerindo para o edifício uma datação no final da República (124). A longevidade da ocupação do sítio (que se prolongou até o século III d.C.) pode ser responsável pela ausência de estruturas internas associadas à vida inicial da construção, à parte restos de um pavimento em terra batida e de fragmentos de um *dolium* semi-enterrado em seu interior (125). Algumas estruturas externas, no entanto, revestem-se de particular interesse: diante da entrada oriental, provavelmente dando para os fundos, estendia-se uma superfície de terra comprimida, formando uma espécie de terreiro que se pôde acompanhar até a trincheira T4 (126). Em meio a este pátio aberto - e a 2,80 metros do ingresso do edifício - jazia um grande *dolium*, parcialmente enterrado, e vestígios de outro grande recipiente puderam ser identificados no ângulo ocidental do edifício. Do terreiro, além disso, provem certo número de achados, como pregos, cerâmica doméstica e parte de um instrumento agrícola. Embora não possamos determinar as atividades executadas no pequeno edifício de Monte Forco, parece clara uma certa complementaridade entre lugares cobertos e espaços abertos ao ar livre, utilizados como áreas para depósito (de grãos?), para despejo de detritos e para o exercício de determinadas tarefas que a pequena construção não podia abrigar (127). Este esquema, que já encontramos no edifício de Posto, expressa-se aqui do modo mais puro: enquanto as construções de maior porte tendiam a internalizar as áreas a céu

---

124) Os cubos de reticulado mediam entre 9,50 e 10,50 cm, dimensões típicas da época de Augusto, embora a evidência não seja, em si, conclusiva. Outro indicio que aponta para essa datação é a presença concomitante de cerâmica de verniz negro e de terra sigillata (mas são fragmentos não estratificados).

125) A banqueta apolada no muro oriental e os buracos de estaca que aparecem na planta são posteriores. Vejam-se os cortes estratigráficos, fig. 42b.

126) Um poço de descarga de materiais ("rubbish pit"), visível na parede de T4, marcava, provavelmente, o limite desse terreiro, a oito metros da entrada.

127) Trinta e cinco metros a oeste do edifício, além disso, descobriu-se uma pequena tumba escavada na rocha, provavelmente associada ao edifício, cuja planta trifobada seguia um padrão tradicional etrusco. A presença de uma sepultura individualizada, comum na região (Jones, 1962:155), reforça a interpretação do sítio como uma unidade familiar e produtiva autônoma.

aberto, nos edifícios menores a relação entre coberto/descoberto permaneceu, per force, paralela e paratática.

Monte Forco e Monte Cuculo, que deveram sua preservação e registro ao fato de possuírem fundações e elevados em pedra, representam, sem sombra de dúvida, o elo mais humilde na cadeia dos edifícios rurais de nosso corpus. Estas pequenas construções, por sua forma retangular, pelo uso promíscuo, não especializado, dos espaços internos e externos, lembram de perto (em especial Monte Forco) as antigas casas retangulares em madeira e adobe que conhecemos do período arcaico. Seria possível pensar-se, aqui, em uma certa continuidade: estes edifícios do início do Principado poderiam representar a ponta visível de uma longuíssima tradição edificativa que, por empregar materiais perecíveis, desapareceu sem deixar traços ou não foi identificada. A ausência de documentos, no entanto, não é uma 'conselheira confiável na elaboração de qualquer hipótese: a própria simplicidade das funções exercidas no interior, e em torno destes edifícios, poderia ser responsável pelas aparentes semelhanças de estrutura, sem que precisemos supor uma relação genética ou o fio condutor de uma tradição a uni-los. A semelhança entre o edifício de Monte Forco e as casas etruscas em madeira ressalta, por outro lado, as dificuldades de se estabelecer uma tipologia dos edifícios rurais e de conferir um sentido cronológico aos tipos. (128). Mais segura e modesta é a sugestão de Jones (1963: 157) de associar a pequena estrutura de Monte Forco ao programa de assentamento de veteranos

---

128) As observações de Rivet, a respeito dos edifícios rurais da Britannia romana, aplicam-se também ao caso peninsular: "When a series of plans is available, and these of varying kind, size and aspect, it is tempting to arrange them according to type, and tempting further, to apply time to type and so to construct a chronology. This is specious. On the whole too little is known about dating of types. But it is at least clear that one of the simplest and most primitive of types was in fact the most lasting, and that, although it is characteristic of the earliest first century stage in the development of many villas, it can also be found newly built in its simplest form as late as the fourth century (A.D.)." (Rivet, 1970:9-50).

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

empreendido por César na região, em 46 a.C., que Cícero menciona em uma de suas cartas (ad Fam. IX,17,2).

Outro pequeno edifício, também associado a um programa de distribuição de terras, foi escavado pelo próprio Jones (1980:94-97) em Lucéria, na Apúlia. Trata-se de uma construção modesta (com c. 150 m<sup>2</sup>), embora maior do que os exemplos anteriores, com planta retangular (fig. 43) e apresentando sinais de uma utilização mais ou menos intensa dos espaços externos. O edifício localizava-se no interior de uma vasta área centuriada, com traços visíveis de fossas escavadas no solo para o estabelecimento de vinhedos e olivais. Uma das características mais curiosas do edifício de Lucéria é a presença, em seu interior, de uma bomba ctsebiana. Jones coloca a construção do edifício no final do século II a.C., mas a cerâmica de verniz negro em que se baseia não é um indicador seguro e a datação poderia ser rebaixada para meados do século seguinte (?). Todos estes pequenos edifícios, que aparecem em pedra e cimento pela primeira vez, parecem sugerir que os programas de redistribuição de terras do final da República não foram tão ineficazes quanto se supõe geralmente. Indicam, em todo caso, e este é o ponto fundamental, que a prosperidade nos campos da Itália romana estendeu-se por círculos sociais bastante amplos.

## VI

### SETTEFINESTRE

#### Cosa e o Sítio de Settefinestre

A prosperidade dos edifícios pequenos, visível em determinadas regiões, não pode, no entanto, ser generalizada para o conjunto da Itália central tirrênica. Em Cosa, como vimos, a segunda metade do século I a.C. parece ter assistido a uma notável diminuição no número de sítios de modesta extensão, em proveito de ocupações em maior escala, que se assentaram sobre o antigo sistema centuriado e o utilizaram em seu proveito (figs. 179 e 182) (Celuzza & Regoli, 1982:41 e segs.; 1985, I, 1:51-52). O desaparecimento de cerca de 90% dos sítios de pequeno porte (1), e a simultânea construção de grandes edifícios no vale do rio Oro, às portas da cidade de Cosa, corresponderam aparentemente a um momento de profunda crise do próprio núcleo urbano, talvez vitimado por um ataque de piratas (2). Por volta da década de 30 do século I a.C., quando a República agonizava definitivamente, construiu-se numa colina em meio ao vale (a colina de Settefinestre, a 3,5 km de Cosa, fig. 88), um complexo edifício rural,

---

1) Embora a interpretação dos dados do levantamento de Cosa tenha sido, sob vários aspectos, contestada (Rathbone, 1981; Vallat, 1987:195-198), o declínio dos sítios pequenos, no final da República, aparece com igual clareza no levantamento anterior, da mesma região, efetuado por Dyson (1978:262). Este identificou apenas 13 pequenos sítios datáveis no início do Império (classe D), contra 37 republicanos.

2) Por volta de 70 a.C., Cosa foi saqueada, permanecendo abandonada por cerca de 50 anos, até a época de Augusto (Celuzza & Regoli, 1985:52)

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

relativamente bem conservado (3). Sua escavação resultou na mais exaustiva e detalhada descrição de uma villa romana até o presente (figs. 88-115) (4). Em Settefinestre, reproduzem-se algumas formas de organização do espaço que já encontramos em outros sítios: o edifício erguia-se sobre uma sela intermediária da colina, exposta a noroeste, articulando-se numa série de terraços artificiais entre as curvas de nível de 18,84 e 28,84 metros (figs. 88-89). Como em Villa dei Misteri, a fachada principal, voltada para o vale a NW, não correspondia ao ingresso; este se abria para o lado oposto, em comunicação com uma estrada pavimentada que serpenteava pela encosta meridional da colina. Também aqui, como em muitos edifícios dos séculos II e I a.C., o terraço superior abrigava uma série de aposentos subterrâneos e um amplo pórtico (fig. 89,3), cujas quinze aberturas em arco emolduravam a base do edifício principal, pondo-o em contato com o terraço inferior (5). O edifício central (fig. 89,4), que se estendia sobre a plataforma

3) A despeito da riqueza do sítio e do cuidado manifesto em sua escavação, sobretudo em relação aos níveis estratigráficos, a datação do edifício original de Settefinestre sofre do mesmo problema que encontramos em outros sítios: a escassez de depósitos selados associados a sua construção (Carandini, 1985, 1, 2:17). Técnicas construtivas e material cerâmico são, como vimos inúmeras vezes, guias imprecisos e a cronologia da fundação depende, mesmo em Settefinestre, essencialmente da datação dos fragmentos de decoração parietal e dos mosaicos encontrados nos ambientes de habitação senhorial. Estes, por analogia com outros exemplares de pinturas e pavimentos do II estilo tardio podem ser colocados, com alguma segurança, entre as décadas de 40 e 30 do último século da era pré-cristã (os elementos datantes são, sobretudo, os fragmentos de pintura do triclinio 23 e do cubículo 25, que podem ser colocados entre as fases IC e IIA do segundo estilo (1985, 1, 1:81).

4) A escavação foi parte de um amplo projeto anglo-italiano de estudo do ager cosanus, do qual participaram alguns dos mais destacados arqueólogos italianos da atualidade, como Andrea Carandini, Daniele Manacorda e Clementina Panella.

5) Vimos como, nos edifícios rurais construídos sobre terraços a partir do século II a.C., sobretudo na área campano-lacial, era frequente a presença de aposentos subterrâneos (além, obviamente, das cisternas), inseridos no atero da plataforma principal: pórticos inferiores, criptopórticos, cellae de diferentes dimensões e características, que se aproveitavam das especiais condições micro-climáticas (frescor, umidade, temperaturas amenas) para criar ambientes de repouso patronal (veja-se Plínio, o Jovem, *Epistulae*, V.6.27) ou depósitos para produtos agrícolas. Os grandes edifícios sobre terraços do Lácio e da Campânia nunca foram escavados sistematicamente, mas é por vezes possível, a partir dos restos de superfície, reconhecer estruturas análogas às de Settefinestre. Exemplo bastante conhecido é o da "villa di Galba" (figs. 44 e 45), em Terracina (Lugli, 1926:196), em obra incerta de pedra calcárea, provavelmente do final do século II a.C. (Quilici, 1978:61). Embora de menores dimensões, a disposição do edifício em terraços distintos e a estrutura interna das substruções, com um longo criptopórtico de quatro braços, três sistemas e uma rampa para o terraço superior, lembram de perto o esquema arquitetônico de Settefinestre. O mesmo modelo aparece, igualmente, em construções de maior

superior, recorda também a articulação espacial de construções mais antigas: o bloco habitacional, onde se localizava a residência do senhor, apresentava uma organização axial, na clássica sequência átrio-tablino-peristílio, com uma ala lateral, de caráter rústico, centrada em um pequeno atríolo. O edifício, no entanto, apresenta algumas particularidades interessantes, tanto na disposição geral dos blocos de construção quanto na organização dos diferentes aposentos e funções.

Do vale ao edifício, ascendia-se por meio de uma pequena via pavimentada que percorria um trajeto sinuoso colina acima, contornando uma grande área murada em declive (fig. 89, PO), onde os escavadores imaginaram um pomar (6). A estrada desembocava numa área nivelada, formando um amplo pátio externo, de forma quadrangular, situado defronte à edificação. O edifício principal compunha-se, nesta primeira fase, de dois blocos distintos e sucessivos, embora interligados, que correspondiam claramente a esferas diferentes da vida na fazenda: um pátio quadrangular (fig. 89, 4A), ao redor do qual se sucediam aposentos de serviço, e um corpo central (fig. 89, 4B), que abrigava a habitação senhorial e alguns ambientes produtivos. O ingresso principal consistia em um amplo vestíbulo (188/189), através do qual se adentrava em um pátio interno (42), circundado por dois corpos de fábrica em L (figs. 90-92) (7). A escavação apenas parcial do pátio,

---

parte, originando intrincados padrões de ambientação subterrânea, como no edifício, não escavado, de S. Giovanni a Pollo (fig. 46), próximo a Sutri, ligado à cidade por uma estrada particular e pavimentada (Duncan, 1958:105-106) ou a chamada "villa Giardino", no ager Capenas (Jones, 1962:183-185), um edifício do início do século I d.C., erguido sobre diversos terraços e com imensas cisternas subterrâneas. Maiores e mais complexas, no entanto, eram as subestruturas da uilla de Fontana del Pisaro, situada sobre uma colina, em Tusculum, de onde se desortinava toda a paisagem urbana da antiga Roma. O edifício, que parece ter passado por duas fases construtivas principais, conheceu uma notável expansão à época do reticulado, quando a plataforma foi estendida até cobrir cerca de 25.000 m<sup>2</sup> de superfície, abrigando um complexo sistema de ambientes subterrâneos, alguns dos quais decorados com estuques e afrescos (Egidi, 1981:173).

6) Na publicação preliminar (Carandini & Settis, 1979:53-55), tal recinto era interpretado como um leporarium, ou seja, como uma pequena reserva de caça. As sondagens efetuadas em seu interior, no entanto, que indicam uma suspensão dos processos erosivos da encosta durante a vida do edifício, sugerem a existência, em época romana, de uma cobertura arbórea (dado o declive) sobre o terreno (Carandini et alii, 1985, 1, 2:167-168).

7) O fato de o ingresso ao edifício dar-se pelos fundos - e não pela fachada principal exposta ao vale - obrigava quem se dirigisse à habitação senhorial a atravessar o setor rústico da construção.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

bem como a ausência de estratos de ocupação associados a este período, tornam difícil atribuir um significado funcional aos vários aposentos deste primeiro bloco (8). No ambiente 76, no ângulo noroeste, foi possível reconhecer uma cozinha (fig. 91), pela presença de dois balcões murados e de um pequeno tanque revestido em *spiccatum* (9). Muito pouco se pode dizer sobre os demais ambientes, explorados, via de regra, somente até os níveis de destruição dos muros. À direita do ingresso, estendiam-se aposentos de dimensões e formatos diferenciados, utilizados, talvez, como depósitos, como laboratórios ou, mesmo, como moradia (10). Já 67, à esquerda, formava neste período um único e longo ambiente, que poderia ter abrigado um estábulo: é o que sugerem as soleiras, ligeiramente maiores que no

---

Não há, como veremos, paralelos precisos para uma tal disposição planimétrica, mas ela recorda, estruturalmente, a última fase de "villa del Misteri" onde, na mesma época da edificação de Settefinestre, construiu-se todo um setor rústico, dividido em dois braços, entre a fachada do edifício e a via pública (fig. 145 - mas em "villa del Misteri", obviamente, a disponibilidade de espaço era bem menor).

8) O próprio pátio 42 foi escavado apenas em determinados trechos periféricos, que revelaram a presença de diferentes tipos de pavimentação: cimentado diante do ingresso, *cocciopesto* ao longo do edifício principal e uma grosseira cobertura de cimento e fragmentos laterícios defronte ao núcleo sudoeste; os ambientes a NE, por sua vez, não puderam ser explorados integralmente em virtude da presença de construções modernas e de árvores frutíferas no local (veja-se o esquema de trincheiras, fig. 90).

9) A identificação de 76 como uma cozinha é, além disso, reforçada pela presença de um estrato de ocupação posterior (período III), rico em cerâmica doméstica, cinzas, ossos de animais e restos de amido (1985,1,2:163).

10) Qualquer definição funcional destes ambientes seria arbitrária e hipotética. É provável, no entanto, que alguns dentre eles servissem como repositórios de produtos agrícolas (para o mercado ou para consumo interno, na cozinha), de ferramentas, utensílios domésticos, instrumentos de pesca (cuja presença é atestada na uilla, cf. 1985,II:65-68), roupas (em 176, uma base murada poderia ter sustentado um armário), etc. Não se deve excluir, por outro lado, que certos aposentos funcionassem como laboratórios para atividades artesanais variadas, como confecção de cestos, moagem de grãos ou, ainda, tecelagem (pesos de tear e fusos são atestados em todos os períodos, sem que tenha sido possível determinar a localização do tear, cf. 1985,II:69-71). As interpretações propostas pela publicação, aqui como no restante do edifício, merecem um comentário à parte. Na atribuição de funções aos vários aposentos do edifício de Settefinestre, os escavadores parecem guiados por um certo *horror vacui*: todos os ambientes escavados recebem, invariavelmente, determinado rótulo funcional (*cella uinaria*, refeitório, dispensa, depósito, cf. fig. 92), mesmo quando os dados de escavação não fornecem elementos suficientes para tanto. Ilustrativa é a interpretação dos ambientes 182, 184 e 189, identificados como depósitos de ânforas com base, exclusivamente, em afirmações vagas de Varrão (I,13,1 e I,13,7). Chega-se mesmo ao ponto de calcular a quantidade de ânforas depositadas em cada um, a partir da área supostamente disponível (1985,1,2:157-158; note-se que as trincheiras de escavação mal penetram no interior destes aposentos, explorados apenas superficialmente, sem que se alcançassem os níveis pavimentais!).



restante do edifício, as *amplus fossas* de fundação (31) e a presença de numerosos ossos bovinos (cuja posição estratigráfica, no entanto, não é especificada). Os aposentos do braço oriental merecem uma menção à parte. Trata-se de um conjunto de doze pequenos ambientes (figs. 91 e 92), com cerca de 9 m<sup>2</sup> cada, abertos para nordeste e aparentemente agrupados em apartamentos distintos, compostos por aposentos unitários (39, 114 e 112), duplos (37 e 38, 115 e 200, 108 e 201) e por um apartamento triplo (41, 47 e 48) (12). A despeito da ausência de vestígios significativos no interior dos aposentos desta ala e do modo parcial como foram escavados, a solidez dos muros, a "extrema pobreza" dos revestimentos pavimentais e parietais e, sobretudo, sua disposição planimétrica modular, levaram os escavadores a interpretar estes doze ambientes como alojamentos para a mão de obra servil da fazenda.

O corpo central (figs. 94-100), por sua vez, comunicava-se com o pátio por meio de duas entradas diferenciadas (fig. 95), que correspondiam a duas partes funcionalmente distintas em seu interior (13). A mansão senhorial (figs. 95, 98 e 99), que ocupava cerca de dois terços desse corpo, articulava-se ao redor de um grande átrio toscânico (fig. 98, amb.19), recoberto por um fino pavimento musivo (o chamado *scutulatum*, com fundo negro e incrustações de mármore colorido) que cadenciava o espaço interno, marcando as soleiras para cada ambiente circundante e destacando a área central, ao redor do implúvio (fig. 101). À direita e à esquerda da entrada, dispunham-se dois ambientes simétricos (figs. 95 e 98, amb.50 e 32), cujo pavimento de terra batida e o tosco revestimento das paredes contrastavam com a riqueza decorativa do restante da ala senhorial. É possível, como supõem os

11) Ao contrário do que ocorre no restante do edifício, os muros deste ambiente apolam-se em fundações que sobejam às paredes em elevação em, pelo menos, 30 cm, "circostanza che puo far pensare che dovessero servire anche per altri scopi (forse per l'alloggiamento di mangiatoie o elementi per il deflusso delle acque)" (1985,1,2:158).

12) O esquema da trincheiras adotado, na verdade, que encobriu a relação entre alguns destes aposentos (como entre 39 e 48), confere a esta reconstrução um caráter hipotético.

13) Um esquema semelhante, com duas entradas conduzindo, respectivamente, ao átrio central e ao atrilho rústico, aparece, por exemplo, na Casa del Fauno, em Pompéia (fig. 131).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

escavadores, que 50 atuasse como uma cella ostiaria, guardando o ingresso ao átrio (14). Já a interpretação de 32 como uma latrina, pela presença de um fosso quadrado no centro do ambiente, é bem mais duvidosa, pois não há paralelos precisos para uma estrutura desse tipo (15). Todos os demais aposentos parecem ter se organizado segundo um padrão uniforme, que associava pequenos cubicula a salões de maiores dimensões (16), formando um total de cinco ou seis apartamentos que se diferenciavam pelo desenho de seus mosaicos e pinturas, por suas dimensões, por sua localização e por algumas particularidades arquitetônicas. Dois desses apartamentos abriam-se para o centro mesmo do átrio. À esquerda, um pequeno cubiculo com duas alcovas (figs. 100 e 105, amb. 55) é reconhecível pela base murada no ângulo setentrional, que definia o espaço para dois leitos (17). Este ligava-se ao ambiente 51, apenas parcialmente escavado, onde encontraram-se traços, muito destruídos, do pavimento em mosaico e de elementos de decoração parietal. As proporções gerais do ambiente 51, que media 6,50 x 13,00 m, sugerem um triclinio, colocado nas proximidades do setor rústico e, portanto, da cozinha. Do lado oposto (figs. 95 e 98), estendia-se um apartamento mais amplo, com quatro cubicula dispostos dois a dois (45/46, dando para o átrio e 34/35, para o pórtico),

14) Não se pode excluir, por outro lado, que 50 (que foi apenas parcialmente escavado) abrigasse uma escada para um eventual segundo piso: em edifícios com estrutura análoga, é frequente a presença de um poço de escada ao lado do ingresso principal, como na casa del Menandro, em Pompéia (fig. 133).

15) Tampouco é satisfatória a interpretação original de 32 como uma pequena cozinha (que, de fato, se instalará aí no último período de vida do edifício, cf. 1985,1,2:20), com a estrutura ao centro servindo como base para um fogareiro. A identificação como latrina, por sua vez, depende exclusivamente de uma passagem de Pólux (Ov.9,44) que, no entanto, apenas menciona a existência de urnóis móveis e fixos ("hoti ou monon epi tou akinetou apopatou ta lasana onomasteno alla kai epi tou tithemenou kai anairoumenou", apud 1985,1,2:20). Talvez fosse preferível ver aí a base de uma estátua, ou de um pedestal abrigando os lares (como se supôs em S. Rocco).

16) Trata-se dos aposentos 51, 33, 2 e 23.

17) O ambiente 55 possuía um fino mosaico pavimental, que demarcava, com soleiras desenhadas no solo, a posição dos leitos (fig. 105). É possível que o aposento fosse coberto por uma abóbada. Tal suposição deriva da presença de restos de um friso em estuque, que devia emoldurar a parte superior das paredes e que aparece, com frequência, associado com este tipo de cobertura, como em exemplares semelhantes na região de Pompéia (cf. Carandini et alii, 1985,1,2:38).

## Settefinestre

em comunicação com o grande salão 33: embora os pavimentos e a decoração parietal destes aposentos não tenham sobrevivido, é provável que fossem decorados por mosaicos e pinturas compatíveis com os demais ambientes senhoriais (18).

O corpo central era atravessado por um eixo que, partindo do vestibulo e do átrio, prosseguia pelo peristílio, a êxedra ao fundo (26) e a paisagem do valle d'Oro (figs.101 e 102). Aos lados de um tablinum sem portas (27), postavam-se dois pequenos cubiculos (11 e 28), cujo interior não foi escavado (figs. 95 e 99), mas aos quais puderam-se atribuir alguns fragmentos de decoração parietal, aflorantes nos níveis superficiais. O cubículo 11, que se abria para o peristílio e para o tablino por uma porta lateral, associava-se ao salão 10 que, no projeto originário, devia incluir o contíguo ambiente 20, transformado em poço d'água e aberto para a ala rústica (19). O cubículo 28, por sua vez, ligava-se a um vasto salão quadrangular (figs. 95 e 98, amb.30), com portas para o átrio e para o pórtico, cuja sintaxe decorativa lhe conferia um lugar especial no conjunto da ala senhorial: ao longo dos muros perimetrais, com efeito, dispunha-se uma série de 10 colunas sobre bases de pedra enquanto, no centro do aposento, estendia-se um

---

18) Em função da ligação de 51 com o setor rústico e com a suposta cella cœstaria, os escavadores interpretam este apartamento como a habitação do capataz (vilicus) que, desta forma, se associaria arquitetonicamente ao setor senhorial. Os apartamentos centrados no átrio (51/55 e 33/45-46/34-35), tomados em conjunto, parecem ter possuído um caráter menos íntimo e recolhido do que aqueles que davam para o pórtico da fachada (sobre o uso "privado" dos ambientes em torno dos peristílios, em contraposição ao caráter "público" dos aposentos do átrio, cf. Wallace-Hadrill, 1988:84 e segs.). A identificação de 51/55 como habitatio vilici, no entanto, deve ser entendida como uma simples hipótese: nos raros casos em que podemos reconhecer, com alguma segurança, a habitação de um supervisor, como na casa del Menandro, em Pompéia (fig. 133, amb.41-45), esta tinha pretensões mais modestas e se localizava no setor propriamente rústico do edifício. Já nos ambientes do lado oposto, os escavadores reconhecem um "apartamento para hóspedes" (1985,1.2:39), em comunicação com o átrio e com o pórtico externo. A atribuição parece plausível, mas não pelos motivos apresentados pelos escavadores, que se baseiam em uma passagem de Vitrúvio (VI,7,4), na qual o arquiteto romano descreve os hospitalia como possuindo cubicula e triclinia e localizando-se fora do peristílio - non in perystilia; mas Vitrúvio está, aqui, descrevendo a estrutura das casas gregas, que não possuíam átrio e que se organizavam de modo inteiramente diverso de suas congêneres romanas!

19) Os pavimentos e a decoração de 10 não foram preservados. A publicação, por outro lado, não fornece elementos para definirmos se a subdivisão deste ambiente deu-se ainda durante a construção do edifício ou se lhe é posterior (mas de quando?).

mosaico em *opus sectile* (fig. 106), formando um motivo de "cubos prospéticos" (20). Trata-se, provavelmente, do tipo de ambiente de representação ao qual Vitruvius (VI,3,8-9) se referiu como *oecus corinthius*, e que conhecemos por alguns raros exemplares pompeianos, sempre numa posição de destaque no interior do edifício, como na Casa de Meleagro e na Casa do Centenário (fig. 135a e b, amb. 43) (21). Ao salão 30 ligavam-se, igualmente, dois pequenos aposentos (21 e 29) abertos para o pórtico externo, um dos quais (29) ricamente pavimentado e com molduras em estuque nas paredes. Esse grupo de ambientes (28,30,29 e 21), por sua posição entre o átrio, o peristílio e o pórtico, por sua diversidade e riqueza ornamental e, sobretudo, pela presença do notável *oecus corinthius*, foi interpretado, pelos escavadores, como um apartamento unitário, destinado ao proprietário (22).

Para o pórtico externo, por fim, em sua face voltada para o vale, situavam-se dois apartamentos simétricos (figs. 95 e 99), dispostos nas laterais de uma êxedra colunada: compunham-se, ambos, de um cubículo de duas alcovas (3 e 25) associados a dois grandes salões retangulares (2 e 23, interpretados como *triclinia*), decorados com pinturas parietais, mosaicos e frisos de estuque. O pórtico colunado 1, desta forma, unia a maioria dos ambientes padronais através de uma linha externa ao próprio edifício, retirando dos espaços internos a céu aberto, sobretudo do peristílio (14), a função de organizar a circulação entre os aposentos. A axialidade da planta atuava, assim, sobretudo como um elemento visual, que

20) Como afirmam os escavadores (1985,1,2:42): "l'opus sectile è considerato il più sontuoso rivestimento musivo pavimentale e si sviluppa in relazione alle pitture della prima fase del secondo stile".

21) Como ressalta Wallace-Hadrill (1988:67-68, o emprego de colunas, na arquitetura doméstica romana, evocava o universo das construções públicas, conferindo um tom prestigioso aos espaços onde se erguiam. Colunas, no entanto, eram normalmente uma característica dos espaços a céu aberto, como os átrios e peristílios, e seu uso no interior de ambientes fechados era raro - o que ressaltava o caráter distintivo do *oecus corinthius*.

22) As razões apresentadas parecem tornar essa atribuição bastante provável. Já a interpretação do apartamento correspondente, do outro lado do tablino, como um gineceu, pressupõe uma equilibrada simetria na distribuição dos espaços e é mais incerta. Seria, com efeito, a primeira atestação de um princípio sexual na organização espacial de um edifício romano. Como observa Wallace-Hadrill (1988:51) não havia, na arquitetura romana, a obsessão grega de separar os espaços masculinos e femininos no interior da habitação.

atravessava a habitação de ponta a ponta, unindo sensorialmente o vestibulo ao vale abaixo (figs. 101 e 102), mas não como um princípio ordenador efetivo dos espaços internos. Na área do peristílio (fig. 99), com efeito, situava-se apenas a pequena sala 12, sem portas, decorada com um emblema musivo e com pinturas ilusionísticas típicas do segundo estilo, talvez abrigando um larário (1985,1,2:215 e segs). Essa continuidade visual era marcada por diversos sinais arquitetônicos, como a própria disposição axial das áreas abertas, as três passagens entre peristílio e pórtico, a interposição ótica das colunas do peristílio com aquelas da êxedra e do colonado externo, a semelhança entre os pavimentos externos e internos e a presença de pedras de anta nos batentes do tablino, do oecus 12, do nicho no lado oposto do peristílio e da êxedra, sobre as quais deviam apoiar-se pilares que conferiam uma unidade ao conjunto (figs. 101 e 102).

O corpo central, como dissemos, não se resumia aos espaços de habitação senhorial, mas congregava, igualmente, atividades rústicas, concentradas na ala noroeste do edifício e relativamente isoladas do setor habitacional (figs. 95 e 100) (23). O principal ingresso à ala rústica dava-se por meio de um amplo vestibulo (52), revestido em cocciopesto e com duas banquetas dispostas ao longo dos muros laterais. A circulação entre os ambientes desta parte do edifício era centralizada em um amplo atrólio rústico (54), revestido em signinum e com um implúvio retangular ao centro, cuja moldura era formada por blocos esquadriados de pedra calcárea, dispostos longitudinalmente (fig. 103). Alguns indícios fazem supor que, no centro do implúvio, girasse um pequeno moinho, talvez destinado à descorticação das azeitonas: o tanque do implúvio, que atuaria como suporte para a parte inferior do moinho, possuía um revestimento em cocciopesto e não se descobriram restos de canalização em seu interior; ao seu redor, por outro lado, encontraram-se traços

23) A comunicação entre a ala senhorial e a rústica, no interior do corpo central, dava-se por meio de dois estreitos corredores (18 e 196) e por uma porta colocada nos fundos do ambiente 51. Note-se como a forma em L dos corredores impedia que a parte rústica fosse diretamente visível do átrio ou do peristílio, reforçando o isolamento das duas alas.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

circulares de usura no pavimento de 54, que poderiam ser atribuídos ao movimento dos animais encarregados de mover a mó; no interior do atríolo, por fim, jaziam alguns fragmentos de uma pedra de moinho (fig. 104), aparentemente não estratificados (24). No ângulo oriental do atríolo 54, dispunha-se uma série de aposentos muito destruídos pelas reformas posteriores e cuja destinação é desconhecida (25). Uma passagem calçada com tijolos (191) bordeava o lado noroeste do atríolo, delimitando uma espécie de corredor aberto que conduzia a um lagar 8, à cozinha 73 (fig. 93) e ao que parece ter sido um pequeno ambiente termal (57/49).

A sala de prensagem 8 (fig. 100), que se abria igualmente em direção à área 7 (26), era revestida em spiccatum com um rodapé de cocciopesto, em quarto de círculo, vedando a junção entre as paredes e o assoalho. As estruturas da prensa são facilmente reconhecíveis: uma base de pedra com dois orifícios retangulares, inserida no pavimento, onde se alojavam os postes de sustentação da trave horizontal (prelum): uma área circular, também em spiccatum, que atuava como base para a prensagem, comunicando-se por um canal com dois tanques retangulares, também aprofundados no pavimento (27). No ângulo setentrional do atríolo, e num nível pavimental inferior, abria-se uma pequena cozinha (73), com apenas 12 m<sup>2</sup>, revestida com um pavimento cerâmico formado por pequenas lajotas quadrangulares e inclinado em direção a noroeste, para facilitar o escoamento das águas. A utilização de 73 como cozinha é demonstrada, não apenas pelo pavimento cerâmico mas, sobretudo, pela presença de dois balcões murados, com tijolos e

24) A hipótese da utilização do atríolo - e do implúvio - para a implantação de uma mola olearia é reforçada, além disso, pela vizinhança de um lagar para azeite em 8, de que trataremos adiante.

25) Os escavadores, no entanto, não se furtam à proposição de hipóteses: 72, com acesso direto do exterior, seria um estábulo para asnos e mulas e 192 abrigaria uma escada para um segundo piso sobre esta ala do edifício.

26) A prensa era operada a partir de 7, onde se localizavam os contrapesos que permitiam o abaixamento da trave horizontal.

27) A presença destes tanques e a descoberta de caroços de azeitona num estrato de ocupação anterior ao desmantelamento do lagar no período II são elementos que comprovam a utilização do ambiente 8 para a produção de azeite.

## Settefinestre

cimento, que deviam servir como suporte para o preparo e a cocção de alimentos, e pela identificação, no ângulo norte do aposento, da boca de um forno, de formato quadrado, que avançava no espaço do contíguo ambiente 49. Uma pequena passagem, no corredor aberto do atríolo (191), dava acesso a dois ambientes intercomunicantes, caracterizados por pavimentos relativamente modestos (57 em signinum, decorado com lastras de pedras coloridas; 49 com um assoalho em tijolos, recobertos por um verniz vermelho) e por rodapés arredondados em cocciopesto. Não se encontraram restos de canalização ou quaisquer equipamentos para banho (como bacias ou banheiras), mas a presença do forno, que adentrava pela parede meridional de 49, sugeriu aos escavadores que aqui se localizasse um pequeno conjunto termal, com apodyterium/tepidarium em 57 e calidarium em 49 (28).

Partindo do atríolo, um estreito corredor (9) separava a parte habitacional do setor rústico e conduzia a uma ampla área descoberta (7), para onde confluíam, igualmente, o corredor 193, que partia do peristílio, e uma escada que vinha do terraço inferior. Este ambiente 7, era um pátio à céu aberto, revestido em cocciopesto e com piso rebaixado, de onde se operavam as prensas da fazenda (29). Além do torcular oleário em 8, abriam-se para esta área três outras prensas, desta feita para vinho, enfileiradas na face noroeste, pavimentadas em spiccatum e com uma estrutura semelhante à do lagar para azeite (notem-se as áreas circulares e as bases em pedra para a inserção dos postes verticais da prensa). Das áreas de prensagem partiam canais que conduziam o mosto, através de orifícios na parede NW, a um grande tanque revestido em spiccatum (5), com almofadas de cocciopesto na junção entre parede e assoalho. Um orifício no centro deste pavimento permitia

28) Tal interpretação é, de certo modo, reforçada pela construção, no período seguinte, de um hipocausto no ambiente 57. Trata-se, em todo caso, de ambientes termais bastante modestos, sem um sistema de aquecimento independente.

29) O rebaixamento do nível pavimental em 7 explica-se pela necessidade de operar a travessa das prensas para vinho e azeite que se abriam para a área. O desnível era relativamente acentuado (cerca de 1,20 metros inferior ao do corredor 9, 1,10 metros ao do lagar 8 e 0,70 metros ao dos torculares em 6).

que o líquido fluísse para um tanque semelhante, com o mesmo revestimento, localizado na base do edifício (fig. 107, amb. 162) (30).

Sob o edifício do corpo central, e em contato com o terraço torreado, localizavam-se alguns ambientes (figs. 107 e 108) que podemos considerar como parte integrante do corpo central e que complementavam as atividades produtivas executadas no andar superior. Um grande pórtico em arcos (206) emoldurava a fachada inferior do edifício e sustentava o colonado acima. Aqui se localizava uma espécie de cella uinaria, como fazem supor os restos de três dolia semi-enterrados, descobertos pelos escavadores nas sondagens efetuadas no pavimento do pórtico (31). Para o pórtico abriam-se, ainda, alguns ambientes subterrâneos, escavados na rocha da colina, entre os quais um criptopórtico de quatro braços (214), iluminado por pequenas aberturas no teto que correspondiam aos intercolumnios do peristílio acima. Os escavadores incluem este quadripórtico subterrâneo entre os ambientes padronais, a despeito da ausência de revestimento parietal, mas é possível que exercesse funções de depósito, como sabemos de outros criptopórticos (Maiuri, 1933:24).

O corpo central, desta forma, parece articular-se por meio de cinco áreas descobertas, com funções diversas: três no setor senhorial (átrio, peristílio e colonado externo) e duas na parte rústica (atriolo e pátio 7). É possível que ao redor de algumas destas áreas se erguessem, como em outros edifícios semelhantes, um segundo piso. Os escavadores, com efeito, supõem a existência de um segundo andar ao redor do atríolo, servindo como depósito de alimentos e produtos agrícolas

30) O tanque 5 funcionava também, provavelmente, como calcatatorium para a pisagem das uvas. Esta possibilidade é ressaltada pela existência de duas aberturas, não praticáveis, inseridas no muro entre o tanque e as prensas, por onde se poderia passar o bagaço da uva pisada em direção ao torcular.

31) Na reconstrução proposta, o pórtico inferior aparece totalmente ocupado por estes dolia. Trata-se de uma mera hipótese. É verdade que na sondagem efetuada no ângulo ocidental do pórtico descobriram-se dois dolia contíguos: já naquela efetuada diante do corredor que conduzia ao terraço superior (163), contudo, encontrou-se apenas uma base de dolium, aparentemente isolada e que não parece alinhar-se com os outros dois exemplares escavados.



## Settefinestre

e, talvez, para habitação, com acesso através de uma escada colocada no corredor 196. Um pavimento superior poderia ser suposto igualmente, como vimos, para a fachada meridional do edifício, sobre a entrada, como ocorre em alguns edifícios pompeianos. Mais incerta, sem dúvida, é a suposta existência de duas torres simétricas, servindo como pombais, sobre os aposentos 30 e 10 (figs. 96 e 97). Qualquer que fosse a forma de um eventual segundo piso, no entanto, deve-se notar que o edifício principal possuía um extenso e complexo sistema de telhados (fig. 89,1), que encaminhava as águas pluviais para diferentes pontos no interior e no exterior da construção e cujas bordas complementavam a decoração interna dos ambientes a céu aberto, como demonstra a grande quantidade de antefixas e lastras de revestimento encontradas na área do peristílio e do átrio.

Resta descrever as estruturas externas ao edifício principal, uma possibilidade que poucos sítios nos oferecem com a riqueza de dados de Settefinestre (32). Defronte ao pórtico em arcos, na base do edifício, estendia-se um amplo jardim (figs. 89,5 e 109), ocupando uma plataforma retangular que se voltava para o vale abaixo. Nos muros perimetrais se destacavam, a espaços regulares, pequenas torres cilíndricas (quatro no muro frontal e duas no único muro lateral preservado, a sudeste), encimadas por falsas janelas, que davam ao perímetro a aparência de uma pequena muralha urbana, enquadrando a fachada principal, e a mais visível, do edifício (33). Numa sondagem efetuada no interior dessa

32) Uma característica quase generalizada nos sítios analisados até aqui é a ausência de estruturas externas aos edifícios principais: à primeira vista, ao menos, transparece uma concentração de funções num único bloco, o que refletiria uma tendência dominante dentro da arquitetura rural romana (veja-se White, 1970:422). É possível, no entanto, que esta impressão se deva, em parte, ao modo de constituição de nossos documentos: durante séculos, com efeito, e mesmo no presente, os arqueólogos tenderam a concentrar seus esforços e interesses nas partes mais ricas e nobres dos edifícios que escavavam e a exploração da grande maioria dos sítios permaneceu limitada a uma extensão restrita. É preciso ter em mente estas limitações de nossa documentação ao analisarmos o sítio de Settefinestre.

33) Terraços frontais delimitados por muros com torres parecem ser uma característica peculiar a diversos sítios do território de Cosa ou, ainda mais precisamente, do vale do rio Oro: além de Settefinestre, conhecem-se os exemplares de Le Colonne e La Provincia (Dyson, 1975; Quilici, 1978), ainda visíveis, e um edifício, observado por D. Levi na década de 20, nas encostas do Monte Aizato, no centro do vale (cf. Manacorda, 1981:41-44). Pelas semelhanças estruturais (todas se

plataforma, descobriram-se alguns traços regulares de cultivo, na forma de sulcos paralelos e equidistantes que cortavam a superfície antiga do solo e onde se dispunham, provavelmente, plantas ornamentais de jardim. O lado ocidental do edifício era também ocupado por um jardim recintado (figs. 89,6 e 110), articulado em dois níveis distintos: o superior (211) em contato com o pórtico externo (34) e o inferior (215) com a base do edifício, sendo acessível pelo criptopórtico. Um amplo corredor colunado cingia a área, acompanhando o perímetro dos terraços (exceto na face voltada para o vale) e vencendo o desnível de cerca de 2,00 metros que os separava (35). Na plataforma superior, um ângulo do muro perimetral formava uma espécie de recesso, talvez abrigando uma estátua. Traços de cultivo são, aqui, mais exíguos, mas a existência de um jardim pôde ser comprovada, pelos pequenos sulcos identificados numa sondagem do terraço inferior e pela terra de aporte que nivelava o terreno da plataforma superior. Seria interessante se pudessemos determinar o tipo de plantas cultivadas nesses espaços. Não se pode excluir, a priori, que exercessem um papel produtivo, abrigando, por exemplo, uma horta. Sua íntima associação com a parte padronal, no entanto, sua disposição à vista do vale, como que emoldurando o edifício, além do cuidado com que foram concebidas e executadas as estruturas ao seu redor, carregadas de simbolismo, são fortes indícios

---

organizavam em terraços), pela presença das pequenas torres nos muros externos e pela própria proximidade física dos sítios, é possível que tenham sido executadas por um mesmo arquiteto (Dyson, 1978:261; Quilici, 1978:64) e, talvez mesmo, que pertencessem a um único proprietário (Manacorda, 1981:42; Carandini et alii, 1985, I, 1:146). Uma estrutura semelhante, em outra região, talvez possa ser reconhecida num sítio da localidade de Torre Spaccata, no Lácio, onde um terraço retangular foi cercado por um muro aparentemente torreado (Rossella, 1985:104).

34) Seja diretamente, através de um pequeno degrau postado entre duas colunas do pórtico, seja por meio de um corredor que, partindo do pátio interno (42), unia-se a uma das extremidades do colunado que circundava o jardim.

35) Não se encontraram restos de colunas, mas pôde-se identificar a base do estilobate que as sustentava.

## Settefinestre

da presença de um "jardin de plaisance", um pedaço do campo domesticado e organizado que se transportava das cidades para o próprio campo.

Na parte mais elevada da sela da colina, sobre a qual se instalou a uilla de Settefinestre, estendia-se uma construção independente, disposta obliquamente (36) ao restante das estruturas do sítio (figs. 89,7 e 111-113) e, aparentemente, contemporânea à implantação original do corpo central da uilla (37). A edificação parece ter sido erguida em dois momentos distintos, embora cronologicamente próximos. Originalmente, o edifício apresentava a forma de um retângulo perfeito (proporção 2x1), aberto a sul através do pórtico colonado (fig. 111,amb.132), que unia dois pequenos ambientes laterais (133 e 152) postos à frente da fachada. A construção, propriamente dita, estruturava-se em torno de um grande aposento central (136), ladeado por três ambientes longitudinais dispostos a leste (135) e oeste (137 e 154/147). No centro exato da edificação, dispunham-se grandes pilares e semi-pilares quadrados, cujas bases podem ser vistas atravessando os ambientes 136 e 137. Pouco após a construção destes ambientes, parece ter ocorrido uma alteração do projeto original, embora mantendo suas características básicas: o longo ambiente longitudinal a oeste foi subdividido em dois aposentos menores (154 e 147); na fachada setentrional do edifício, construiu-se uma fileira de quatro aposentos intercomunicantes (148, 149, 150 e 145), sem ligação direta com o corpo principal; no ângulo mais ocidental do pórtico, por fim, ergueram-se dois muros paralelos sobre os quais se apoiou uma rampa de terra conduzindo ao segundo piso da edificação (38). Todos os aposentos apresentavam um revestimento afálogo,

36) A diferença de orientação (em cerca de 15 graus) deve-se, aparentemente, à necessidade de adequar a construção ao ríspido desnível do terreno nesta parte da colina (1985,1,2:190).

37) A contemporaneidade é sugerida pela técnica murária e pela ausência de terra sigillata nos estratos de fundação (onde aparece, ao contrário, cerâmica de verniz negro).

38) Alguns elementos parecem comprovar a posterioridade destes acréscimos: enquanto os muros da construção original eram interligados, aqueles dos novos ambientes a norte e da divisória entre 147 e 154 apenas se apoiavam no longo muro leste-oeste que limitava os ambientes 135, 136, 137 e 147. Por outro lado, embora a técnica construtiva seja semelhante, com o emprego de obra incerta, não aparece nos muros posteriores o acabamento "em lesma" que caracterizava os interstícios entre as pedras de revestimento dos muros originais. Na construção

extremamente simples, consistindo num estrato de terra batida misturado a pedaços de cal ou pequenos seixos; não há, tampouco, restos de reboco parietal e devemos presumir que as paredes se erguiam descobertas ou eram revestidas por uma camada de cal ou mesmo de argila (39).

A ausência de paralelos para uma construção deste gênero pode, ao menos em parte, ser atribuída à raridade com que se escavam anexos de edifícios rurais e, embora difícil, não impede que tentemos interpretar sua destinação funcional (40). O edifício ocupava uma área relativamente extensa (cerca de 500 m<sup>2</sup>), organizada em quatro grandes ambientes principais, dispostos longitudinalmente em relação à fachada e que parecem, por sua disposição e pela pobreza dos revestimentos internos, ter congregado funções ligadas ao armazenamento de produtos e instrumentos agrícolas. O amplo salão 136, acessível através de uma grande soleira (com 2,20 m de largura), poderia servir como depósito genérico para animais e carros, enquanto cereais e legumes poderiam ser depositados nos ambientes laterais e, sobretudo, no segundo piso, sustentado pelos pilares centrais e com acesso direto do exterior através da rampa (41). Não é

---

da rampa; sobretudo, fica evidente o caráter posterior de sua construção, na medida em que o erguimento do muro oriental implicou na destruição de uma das colunas do pórtico. O material recolhido nos depósitos de fundação destes acréscimos, no entanto, sugere, pela ausência de terra sigillata, uma cronologia relativamente alta para tais alterações. Parece plausível a sugestão de Manacorda, responsável pela escavação deste setor, que viu aqui um "arrepentimento" do projeto original, corrigido em suas deficiências logo após a construção do edifício (1985, I, 2-192).

39) Em contraste com a pobreza de seus revestimentos pavimentais e murários, o telhado do edifício parece ter sido decorado com antefixas e lastras de terracotta, encontradas nos seus estratos de destruição (de onde provem cerca de 19% de todas as antefixas escavadas no sítio e quase 70% das lastras de tipo 5.2.2 a 5.4.2. Segundo os escavadores, este edifício devia possuir uma decoração laterícia completa nas bordas do telhado (1985, I, 1-96). Deve-se ressaltar, no entanto, que não é possível datar com precisão esses elementos decorativos, que poderiam ter sido instalados por ocasião das reformas que inauguraram o período II.

40) Segundo os escavadores (1985, I, 2:) o paralelo mais próximo para a disposição planimétrica deste edifício são as "aisle villas" imperiais da Europa central e da Inglaterra (veja-se Johnston, 1983:37-38), onde aparece um esquema semelhante, com um pórtico frontal ladeado por dois ambientes laterais, servindo com fachada para um edifício retangular. As "aisle villas", no entanto, desenvolveram-se em época posterior, num ambiente cultural totalmente diverso, com tradições próprias e abrigando funções distintas daquelas que podemos supor para o edifício de Settefinestre.

41) Estruturas análogas, caracterizadas pela presença de pilares centrais, não são incomuns na arquitetura rural romana do final da República, sendo normalmente interpretadas como estúbulos

## Settefinestre

possível, sem dúvida, definir com precisão a forma de utilização de cada ambiente em particular, mas a presença de sementes de trigo, cevada, aveia e ervilha, recolhidas em amostras de terra, e a descoberta de instrumentos para pesagem em alguns ambientes, fortalecem a interpretação que os escavadores dão deste edifício, como um grande celeiro (42). Ao processamento de grãos poderíamos, talvez, relacionar duas amplas áreas a céu aberto, nas proximidades do "celeiro" (fig. 89,7), sobre cujo pavimento, nivelado por uma camada de argila e contido por pequenos muros de terraçamento, poderia ter lugar a execução de determinadas tarefas como a debulha dos grãos, a seleção das sementes, a limpeza e secagem dos legumes etc (43). Os ambientes da fachada setentrional, por outro lado, que não se comunicavam com o interior do edifício, deveriam exercer funções próprias, talvez mesmo, como supõem os escavadores, servindo como abrigo para animais de porte médio, como ovelhas ou cabras, ou congregando parte do pessoal doméstico da uilla.

Alguns metros acima, ao sul do celeiro, na encosta sudoriental da colina, erguia-se um pequeno edifício, isolado do restante da uilla, mas obedecendo à mesma orientação cardinal (figs. 89,8 e 114). Assim como no suposto celeiro, também aqui a construção parece ter-se dado em dois momentos distintos, porém

---

ou celeiros, como no exemplo, já mencionado, do ambiente 47 na uilla de San Rocco. Um caso extremo de subdivisão dos espaços internos por pilares encontramos no sítio de Prato la Corte, em Vicovaro, na Úmbria (Lugli, 1930) (fig. 47). Neste edifício, datável entre o final da República e o início do Principado, estendia-se um grande ambiente (A), dividido longitudinalmente em quatro naves por meio de três fileiras de pilares quadrados que sustentavam, provavelmente, um segundo pavimento. Por não possuir comunicação com o restante do edifício, ao sul, e pela presença de tanques de água de grande capacidade, podemos, à guisa de hipótese, interpretar este espaço como um grande estábulo, talvez com um celeiro sobreposto. Vale lembrar que esta disposição (estábulo no térreo e celeiro no primeiro piso) é frequente na arquitetura rural da Itália contemporânea (cf. La Regina, 1980:39 e segs.), sobretudo nas regiões setentrionais.

42) Não podemos excluir, no entanto, uma destinação funcional mais variada para os ambientes do edifício. A utilização de certos espaços para funções produtivas é sugerida pela presença de fragmentos de mó no ambiente 137 (encontrados nos estratos de destruição). Não podemos excluir, tampouco, que alguns aposentos fossem destinados à habitação, como pode ser o caso dos dois ambientes laterais, da fachada do edifício, que poderiam abrigar os encarregados do celeiro, e talvez mesmo dos ambientes intercomunicantes presentes na face norte.

43) Deve-se ressaltar, no entanto, que a cronologia destas áreas a céu aberto não pôde ser definida com precisão.

próximos. O edifício se erguia sobre uma sequência de pequenos terraços artificiais que desciam progressivamente a encosta em direção a sul. No centro do terraço superior situava-se um pequeno aposento (171), de forma quase quadrada, pavimentado em cocciopesto e com restos de reboco branco nas paredes. O ambiente apresentava-se totalmente aberto para a face meridional, propiciando uma ampla visão do vale abaixo, enquadrada por duas pequenas colunas alinhadas com a fachada. A disposição lembra de perto a êxedra do corpo central da uilla (ambiente 26) e é possível, como supõem os escavadores, que atuasse como um pequeno belvedere de uso senhorial, voltado para o outro lado da colina (44). Aos lados da êxedra, mas num momento aparentemente posterior, construíram-se dois pequenos aposentos laterais, com pavimentos simples de terra batida e sem traços de reboco parietal (172 e 173). A hipótese de que a estrutura, como um todo, funcionasse como um aviário, ao molde daqueles descritos por Varrão (RR,III,4,3) é interessante, mas indemonstrável.

### **Relendo Settefinestre**

A riqueza da documentação produzida em torno de Settefinestre, a complexidade e diversidade de suas estruturas e o caráter extensivo da escavação despertam a vontade de se extrair, deste sítio, informações que o restante da documentação não fornece, sobretudo a respeito da vida econômica e social dos edifícios rurais romanos. Também aqui, no entanto (vale sempre lembrar), é preciso muita cautela. Não podemos, como vimos, determinar a função de grande parte dos aposentos escavados, sobretudo nas partes rústicas do edifício, para as quais não

44) Uma definição mais precisa de sua destinação funcional é dificultada pelo precário estado de conservação das estruturas, sobretudo pela ausência de quaisquer estratos de ocupação.

dispomos das pistas que a estrutura formal do setor habitacional, calcada na forma das casas urbanas, nos oferece. Este limite, imposto pela documentação, é uma das causas da fragilidade de algumas tentativas de reconstrução quantitativa da "fazenda" de Settefinestre. Não é possível, por exemplo, determinar a extensão das terras cuja produção centralizava-se no edifício e a hipótese, levantada pelos escavadores, de um fundus de 500 iugera (cerca de 125 hectares) carece de uma base mais sólida (45). O mesmo pode ser dito dos raciocínios complexos e detalhados que pretendem reconstruir o suposto conjunto da produção agro/pastoril do sítio: o esquema de culturas e de sua rotação, a relação entre plantas cultivadas e animais domésticos, entre espaço e bens armazenados, entre espaço e força de trabalho, entre esta e terra arável, etc. Certos elementos estruturais, como as prensas do corpo central e a presença de um provável celeiro de grandes dimensões permitem, sem dúvida, determinar que a fazenda se dedicava a uma produção variada, de grãos, vinho e azeite, mas não é possível estabelecer,

45) Este número (500 iugera) foi obtido dividindo-se a superfície supostamente arável do Valle d'Oro (4.500 ha) pelo número de sítios identificados como uillae (35) e apoia-se na pressuposição, indemonstrável, de que as uillae teriam aproveitado as linhas da centuriação como limites entre as propriedades (veja-se fig. 182). Como ressalta Vallat (1987:186-187), trata-se de um resultado particularmente arbitrário: como atribuir a mesma extensão de terras (um mesmo fundus) a sítios cujas dimensões, pelos restos de superfície, variavam de 2.800 a 25.000 m<sup>2</sup>?

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

com precisão, o volume da produção (46), nem tampouco fixar uma hierarquia segura dos produtos na ordem de sua importância para a economia da *villa* (47).

Um comentário à parte merecem os chamados "alojamentos servis". A interpretação proposta pelos escavadores é bastante plausível. Aposentos modulares, dispostos ao redor de um pátio - uma disposição frequente na arquitetura pública e privada romana - eram utilizados, sobretudo, como depósitos ou como alojamentos. Esta última função pode, em alguns casos, ser convenientemente comprovada. Como na chamada "Caserma dos Gladiadores", em Pompéia (regio VIII,7, fig.138), originalmente um quadripórtico que, à época do terremoto que abalou a região em 62 d.C., foi transformado em um grande alojamento para os combatentes da arena, com a construção de mais de quarenta

---

46) A interpretação quantitativa do sítio em termos produtivos, empreendida por A. Carandini (1985, I, 1:107-185), baseia-se em determinados pressupostos que não podem ser comprovados, o que confere a sua argumentação um caráter circular e fortemente hipotético. Não é o caso, aqui, de expormos e criticarmos em detalhe a complexa reconstrução que Carandini propõe (veja-se as objeções levantadas por Rathbone, 1981:11, Vallat, 1987:195-198 e Purcell, 1990:195-198), mas é importante ressaltar que esta parte de um pressuposto básico e indemonstrável: o de que a "fazenda" de Settefinestre funcionasse como uma unidade absolutamente autônoma, empregando uma mão de obra, no seu essencial, de origem servil, habitando no próprio edifício. Como os próprios escavadores ressaltam, no entanto, existe a possibilidade, não desprezível, de que Settefinestre fizesse parte de uma propriedade maior, englobando os outros edifícios da região com muros torreados, com os quais poderia atuar de modo complementar. A interpretação proposta não dá conta, igualmente, da presença de alguns sítios menores identificados na base da colina de Settefinestre, e que poderiam abrigar (quem sabe?) famílias de arrendatários, responsáveis por parte do cultivo das terras (estes sítios são conscientemente ignorados pelos escavadores, cf. I, 1:157: "per commodità decidiamo pertanto di seguire la strada più semplice...presumendo che la manodopera fissa fosse tutta schiavistica e tutta risiedesse negli alloggi servili della villa..."). O problema da interpretação do sítio de Settefinestre como uma unidade em si se tornará ainda mais grave, como veremos, durante a fase antoniniana do edifício.

47) Parece provável, por exemplo, que a produção de vinho, com suas três prensas, fosse maior e mais importante do que a de azeite, que dispunha de apenas um torcular. A presença de fornos no litoral do ager Cosanus, onde se produziam ânforas Dressel 1 e 2/4 (exportadas para uma ampla região do Mediterrâneo ocidental, cf. Manacorda, 1980:174), confirma a importância da produção vinícola da região, embora se deva ressaltar que as evidências a respeito são mais significativas para um período anterior à construção de Settefinestre. Nada indica, no entanto, que apenas o vinho se destinasse aos mercados externos e que o azeite e o trigo produzidos na fazenda fossem voltados, como pressupõem os escavadores, somente para o consumo interno da fazenda. As próprias dimensões do provável celeiro parecem indicar que a produção de cereais se revestia de grande importância no conjunto das atividades produtivas da *villa* e não se pode excluir, a priori, que uma parte ao menos dos cereais produzidos se destinasse à venda no mercado (como já observava Purcell, 1990:196-197; sobre a comercialização de trigo e sua importância para os mercados urbanos, veja-se Spurr, 1986:143-144 e passim).



pequenas cellae, muito estreitas e semelhantes, uma das quais portando um cepo de ferro cravado nas paredes (Vos,1982:67-69). Outro exemplo, ainda no âmbito dos edifícios públicos, são os três grandes pátios das chamadas horrea Galbana, em plena região portuária de Roma, que aparecem na planta marmórea severiana e que foram escavados, no século passado, por Lanciani (fig. 49). Rodriguez-Almeida demonstrou, recentemente, que os aposentos modulares, dispostos em dois andares ao redor de tais pátios (cada qual com uma única entrada), serviam para a habitação dos escravos empregados nas horrea Galbanae - as III cohortes galbanorum (Rodriguez-Almeida,1981:102-3). Uma disposição semelhante aparece na arquitetura privada e, o que mais nos interessa, em ambiente rural. Na uilla dos Volusii Saturnini, escavada em Lucus Feroniae ao norte de Roma (Moretti,1968; 1977, figs. 32 e 33), um grande pátio (G), com um pórtico de dois braços, abrigava quase uma vintena de aposentos modulares. As recentes tentativas de se interpretar tais ambientes como horrea não se justificam (48): o grande larário H, colocado ao centro do pátio e repleto de símbolos da família dos Volusii, a presença de um grande lavabo e de uma vasta latrina, postos no ângulo setentrional, são elementos que sugerem, com muita força, que tais aposentos se destinassem à habitação. Na região vesúviana, que veremos em detalhe mais à frente, a eventual preservação do mobiliário das cellae permite, às vezes, confirmar esta atribuição. No grande edifício de Agrippa Postumus (fig.147) (Della Corte,1922:459-478), em particular, encontramos um grande pátio (A), ao lado da habitação senhorial, para o qual se abriam uma estrebaria (3) e dezoito pequenas cellae (4 a 12), dispostas em dois andares sobrepostos, com chão de terra batida e estreitas janelas. No interior destes aposentos, descobriu-se um extenso mobiliário: lamparinas e candelabros, ânforas, apetrechos de cozinha, recipientes de mesa e instrumentos agrícolas. No ambiente

48) Carandini et alii,1985,1,1:177; 1,2:174. O argumento de Carandini para interpretar tais espaços como depósitos é o de que os Volusii, conhecidos amplamente pela epigrafia, não se utilizavam de escravos, mas de colonos!

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

colocado junto à entrada (1), por outro lado, um grande cepo de ferro abrigava, com certeza, escravos acorrentados.

Se a interpretação de aposentos modulares como alojamentos encontra apoio na documentação, sua destinação específica como residência para escravos é menos segura. É o que nos sugere a chamada "villa del Pastore", posta sobre a colina de Varano em Stabiae, ao sul de Pompéia e escavada por La Vega em 1776 (fig. 148) (Ruggiero, 1881:300-314). Mais de trinta aposentos (35-57), todos de dimensões semelhantes e distribuídos em dois andares sobrepostos, abriam-se aí para um pátio interno retangular, servido por uma grande cozinha (27), um apartamento de banhos aquecidos (22-23), uma ampla latrina (46), um provável panificium em 41 e, mais significativo, uma caupona (20). Tais elementos de conforto, que parecem pressupor um público não-residente, somam-se à riqueza do mobiliário descoberto em alguns desses cubículos (49) para sugerir que se tratava, não de um alojamento servil, mas provavelmente de uma hospedaria ou valetudinarium (Vos, 1982:322) (50). Desta forma, a definição do status social e jurídico dos ocupantes de aposentos como os de Settefinestre, embora plausível, não pode ser dada como certa.

As fontes escritas não são, tão pouco, de grande auxílio. Se é verdade que em Catão, Varrão e Columella a mão de obra escrava parece largamente predominante, ao menos para certo tipo de exploração agrícola (Martín, 1972; Corbier, 1981), as indicações sobre o alojamento dos escravos são mais escassas e de interpretação difícil. Catão menciona, de modo genérico, cellae destinadas aos escravos (RR, 14, 2), que podemos imaginar como aposentos separados, "utj suo quisque loco cubet" (RR, 5, 5). Não é possível, no entanto, determinar se tais cellae eram individuais ou se abrigavam o conjunto da escravaria. Na descrição do

49) Sobretudo no aposento 40, veja-se Ruggiero, 1881:306-309.

50) Como veremos mais adiante, ao tratarmos de Pompéia, a possibilidade de interpretarmos tais alojamentos como hospedarias confere, em muitos casos, uma grande dose de ambiguidade à compreensão dos edifícios em que aparecem aposentos modulados.

equipamento de um qletum, com efeito, para o qual são previstos treze homens, Catão menciona apenas oito leitos (51) parecendo, assim, estabelecer uma distinção no modo de alojamento de seus escravos: é possível, como supõe Étienne (1972:256), que esta reflita a diferença entre os escravos acorrentados (compediti), que dormiriam no chão, e aqueles mais especializados, aos quais se destinariam as cellae. As informações que obtemos de Varrão são ainda mais escassas: este prevê uma cela exclusivamente para o uilius (RR,I,13,2), referindo-se ao restante da escravaria em termos vagos (RR,I,13,1: familia ubi uersetur prouidendum si fessi opere aut frigore aut calore, ubi commodissime possint se quiete recipere), que poderiam fazer pensar em um alojamento único, coletivo (Étienne,1972:258). Columella, por fim, nos fornece um quadro mais complexo e detalhado. Seus escravos aparecem hierarquizados em diferentes categorias (uilius, magistri operis, monitores, soluti e uincti) e especialidades (uinitores, aratores, mediastini etc). O uilius e o procurator ocupavam aposentos individuais, situados de modo a facilitar o controle da fazenda (RR,I,6,7), enquanto os demais escravos eram repartidos entre soltos (soluti) e acorrentados (uincti). Para os primeiros, Columella previa cellae, talvez individuais, voltadas para o sul (I,6,3), enquanto os escravos sob ferros eram alojados num aposento, o ergastulum, provavelmente coletivo (52), que Columella nos descreve como um ambiente subterrâneo, iluminado por janelas estreitas e tão altas "que não possam ser tocadas com a mão" (RR,I,6,3). Um traço comum a esses autores parece ser, por fim, a colocação dos dormitórios de escravos no interior da sede da fazenda (com exceção dos pastores) e não em alojamentos externos, como as nossas senzalas ou as slave-cabins das fazendas escravistas do sul dos Estados Unidos.

51) RR,10,5: lectum in cubiculo I, lectos loris subientos IIII et lectos III.

52) Étienne (1972:163), ao contrário, supõe que o ergastulum fosse repartido em células individuais, mas sua argumentação, que ressalta o perigo dos ajuntamentos de escravos, parece esquecer que estes dormiam acorrentados.

A despeito de sua vagueza, as fontes escritas nos deixam entrever uma possível variedade na forma e disposição dos alojamentos servis, acompanhando a própria hierarquia que os senhores estabeleciam entre seus escravos. Não há, no entanto, um paralelo preciso entre as informações da tradição textual e os testemunhos arqueológicos. Em nenhum dos edifícios rurais escavados até o presente, por exemplo, encontrou-se um aposento com as características do *ergastulum* descrito por Columella. De modo geral, além disso, eventuais ambientes coletivos, abrigando um número significativo de escravos, seriam dificilmente identificáveis no registro arqueológico. É possível, assim, que os alojamentos da camada inferior da escravaria nos escapem por completo. Do mesmo modo, não devemos adotar as hierarquias previstas pelos escritores agrários romanos em termos absolutos: podemos imaginá-las mais restritas, nas propriedades menores, mas podemos igualmente supor que os edifícios maiores, como o de Settefinestre, abrigassem sequências hierárquicas mais complexas, incluindo os escravos domésticos (dedicados ao serviço pessoal do senhor e da casa) e, até mesmo, escravos urbanos e libertos (53).

No caso específico de Settefinestre é de se notar que a disposição planimétrica dos ambientes é *sui-generis*. Não vemos aqui a série de aposentos de mesmas dimensões que mencionamos acima, mas uma sequência complexa de ambientes agrupados em apartamentos, cujos paralelos mais próximos (mesmo assim não muito) só podem ser encontrados na arquitetura dos acampamentos militares romanos (1985,1,2:155). Este fato, que em si não infirma a interpretação do conjunto como um alojamento, requer alguns comentários. Os escavadores supõem um uso uniforme de todos os ambientes, que poderiam abrigar, segundo seus cálculos, cerca de quarenta escravos com seus supervisores (estes ocupariam os

53) Veja-se Plínio, o Jovem, *Epist.*, II,28,9: reliqua pars lateris huius seruorum libertorumque usibus detinetur, plerisque tam mundis, ut accipere hospites possint. Note-se que estes serui libertique são abrigados na própria habitação senhorial.

aposentos duplos nas extremidades). Uma tal reconstrução não dá conta, no entanto, de alguns elementos: em primeiro lugar, é possível que em Settefinestre, como em outras estruturas semelhantes, um segundo andar se erguesse sobre o alojamento, talvez com escadas colocadas nos dois corredores internos - uma sugestão que a robustez dos muros perimetrais e a presença de um longo muro de espinha no centro da construção tornam, no mínimo, plausível (54). Não se pode descartar, desta forma, uma situação mais complexa do que a admitida na publicação do sítio. A própria disposição dos aposentos em apartamentos, além disso, parece indicar a existência de uma intrincada hierarquia de seus ocupantes (admitindo-se que todos os aposentos fossem residenciais). Essa hipótese é reforçada pela presença, em alguns ambientes (como 47 e 39) de pavimentos mais refinados, em cocciopesto. Por fim, o fato de as portas dos cubículos abrirem-se para dentro, e não para fora, parece indicar que os habitantes destes espaços dispunham de um certo controle sobre suas próprias entradas e saídas. Seriam escravos? É bastante possível, como vimos. Mas, de que nível? Que proporção representariam da mão de obra alojada na casa de fazenda de Settefinestre? Onde se abrigariam outros eventuais moradores? São questões às quais, é forçoso admitir, não podemos fornecer uma resposta satisfatória.

Outro nível de considerações diz respeito aos possíveis proprietários da "fazenda" de Settefinestre. Embora os elementos envolvidos na argumentação sejam, também eles, inseguros, o problema da propriedade da villa fornece um excelente ponto de partida para analisarmos mais de perto os significados sociais da arquitetura do edifício. O raciocínio através do qual se procura identificar o eventual dominus de Settefinestre desenvolve-se por uma série de aproximações sucessivas: em primeiro lugar, como já notamos, os levantamentos de superfície realizados na região indicam que sítios de grandes dimensões, e com rico material

---

54) A hipótese de um segundo andar não é considerada pelos escavadores.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

arqueológico, começaram a aparecer no território de Cosa no curso do século I a.C., precisamente numa época em que o núcleo urbano atravessava uma crise profunda. Ao contrário de outras regiões da Península, portanto, nas quais o desenvolvimento dos campos parece estar associado ao florescimento dos centros urbanos - que abrigavam parte da população rural e atuavam como centros políticos, como fonte de serviços e como mercados para suas zonas rurais - as transformações observáveis no vale d'Oro parecem singularmente desvinculadas dos destinos do antigo núcleo colonial. Essa impressão é reforçada pela presença de fornos produtores de ânforas vinárias (Dressel I e 2/4 e, talvez, greco-ítálicas), ao longo do litoral (na desembocadura do Albegna, ao norte e, provavelmente, no porto de Cosa), sugerindo que uma parte ponderável da produção agrícola, se não em volume, ao menos em seu valor agregado, se destinasse a mercados externos e não ao consumo local (55). Tais fatores parecem indicar que a prosperidade das fazendas do território - algumas de porte notável, a julgar pelos vestígios de superfície - estivesse ligada a investimentos provenientes de outras regiões, que se teriam aproveitado da própria decadência da colônia para ocupar e explorar suas terras, com o objetivo de produzir determinados bens agrícolas para os lucrativos mercados marítimos. As fontes do final da República, com efeito, associam duas famílias da aristocracia política de Roma ao território de Cosa: os Domitii Ahenobarbi, cujas terras se situavam, talvez, ao norte de Cosa, na encosta setentrional do Monte Argentário e no vale baixo do rio Albegna (Manacorda, 1980:174) (56), e os Sesti, conhecidos

55) A importância dos mercados do Mediterrâneo ocidental para a produção da região pode ser avaliada pela distribuição dos selos SES/SEST, provavelmente oriundos de Cosa e que, sendo raros na Itália, aparecem em numerosos sítios da Gália meridional e central (vide abaixo).

56) A presença dos Ahenobarbi em Cosa é atestada por diversas referências tardo-republicanas e, sobretudo, por uma célebre passagem do *de bello ciuile* de César (I,34), que descreve como Domício, um dos líderes da facção pompeiana, equipou sete navios de guerra na região com seus próprios escravos, libertos e arrendatários (passagem que deveria fazer pensar aos que supõem a existência exclusiva de mão de obra escrava na área!). A presença de libertos dos Ahenobarbi na região é confirmada por uma inscrição, encontrada no século XVII ao norte de Cosa (CIL XI, 2638: L. Domitius Ahenob. l. / Papius / Domitia Papei l. / Arche; sobre estas questões veja-se Manacorda, 1980:179-181 e, sobretudo, 1981:44-47). Manacorda atribui à família dos Ahenobarbi a grande *villa* marítima de S. Liberata, no Monte Argentario (1981:46).

## Settefinestre

através do corpus ciceroniano (57) e nos quais os escavadores procuram reconhecer os proprietários da uilla de Settefinestre. Os Sesti parecem ter se dedicado, no final da República, à produção de laterícios, identificáveis pelos selos L. SESTI e FIGL. SESTI (figlinae Sestianae ou figlina L. Sesti) e com uma área de distribuição circunscrita a Roma e a seu subúrbio (58). É grande a possibilidade de associarmos esta família com uma importante série de ânforas Dressel 1, portando o selo SES ou SEST, presentes em diversos sítios do Mediterrâneo ocidental na primeira metade do século I a.C. e, particularmente, em Cosa (59). Tais ânforas contribuem para reforçar a idéia de que os Sesti estavam presentes na região e permitem relacioná-los, mesmo que indiretamente, com a produção de vinho para exportação (60). Como reconhece Manacorda, no entanto, sua difusão foi anterior à construção da uilla de Settefinestre, em cujo sítio estavam singularmente ausentes. A identificação dos Sesti com os proprietários do edificio repousa, na verdade, sobre uma única evidência, a das telhas de Settefinestre: entre os restos de telhado encontrados no

---

57) São inúmeras as referências a membros desta família no corpus ciceroniano (vejam-se referências completas em Manacorda, 1981:29-36. O próprio Cícero defendeu Publio Sestius em uma causa famosa, de 56 a.C..

58) Cf. CIL, XV, 539-540; 1444; 1445.

59) Vários lotes, com efeito, analisados por Manacorda, parecem indicar Cosa como um centro de produção dessas ânforas. Em primeiro lugar, o selo era relativamente comum na área, onde se descobriu um grande depósito dessas ânforas, próximo ao antigo porto da cidade, que poderia indicar a existência de uma olaria. Cosa, além disso, é o ponto mais meridional, na Península Itálica, onde encontramos ânforas com este selo. Por fim, os selos SES/SEST eram caracterizados pela presença de pequenos símbolos, colocados no cartucho após as letras, dos quais se conhecem inúmeras variantes: palma, anzol, tridente, âncora, caduceu, machado bipene, coroa, sigma etc. Não se sabe, ao certo, qual o significado de tais símbolos (seriam marcas do oleiro, indicariam o dono do vinho?), mas Cosa é o único sítio onde todos estão presentes (com a exceção do anzol, atestado apenas em Nyons, cf. a respeito de toda a questão Manacorda, 1978:127-128).

60) Se as ânforas SES forem mesmo de Cosa e se SES corresponder, efetivamente, a um membro da família dos Sesti que conhecemos, ainda assim ficaremos em dúvida sobre o significado do selo nas ânforas: os Sesti seriam os donos do vinho, produzido em suas fazendas da região, ou os responsáveis pela fabricação das ânforas, ou ainda, pelo embarque e transporte do produto? É preciso reconhecer que a segunda hipótese, dos Sesti como produtores de ânforas, parece ligeiramente mais provável, seja pela mencionada ligação dos Sesti com a indústria laterícia de Roma, seja pela presença, em ânforas do naufrágio do Grand Conglue (nas costas da Gália meridional), de exemplares com selo SEST portando tampões com a inscrição L. Titius C. l., membro de uma família conhecida em Cosa, e que indicava, com maior probabilidade, o mercador (Manacorda, 1981:48-49).

sítio, com efeito, uma certa apreciável de telhas apresentava um selo de duas letras (L.S.) que Manacorda associou, à guisa de hipótese, a Lúcio Séstio Albiniano Quirinal, cônsul em 23 a.C.. Este as teria produzido, ou mandado fabricar, especificamente para a construção do edifício de Settefinestre, de sua propriedade. O estado atual da documentação não permite asseverar esta identificação, como afirma o próprio Manacorda, mas da "questão dos Sesti" permanece o fato de que, no curso do século I a.C., o território de Cosa foi alvo de investimentos externos, provenientes de Roma, que atuavam na região com um olho nos mercados marítimos. Faria Settefinestre parte desse movimento?

Há uma questão, no debate sobre os proprietários de Settefinestre, que nos diz respeito de perto: se a uilla fosse mesmo da família dos Sesti, seria possível identificar, em sua arquitetura, elementos que denunciasses essa relação? Ou, em outras palavras, poderíamos distinguir nos edifícios rurais, e por seus modelos arquitetônicos, os investimentos locais daqueles supostamente romanos? Não é fácil, como já dissemos, responder a perguntas deste tipo - talvez seja mesmo impossível. Podemos, entretanto, seguir algumas pistas, sem a responsabilidade de chegar a algum lugar preciso. A construção de Settefinestre, como foi dito acima, parece ter feito parte de um projeto mais amplo, que envolveu outros grandes edifícios da região, caracterizados por alguns traços peculiares: todos se situavam no mesmo vale, a pouca distância uns dos outros; parecem ter sido erguidos em momentos próximos no tempo e utilizaram técnicas construtivas análogas; quase todos (excetuando-se la Provincia), dispunham-se sobre colinas, que dominavam por meio de terraços artificiais; por fim, todos esses sítios eram marcados pela presença, bastante singular, de imponentes muros externos encimados por pequenas torres, que reproduziam a imagem de uma muralha urbana. A idéia de que estes sítios fizessem parte de uma mesma atividade construtiva, efetuada simultaneamente e sob a direção de um mesmo proprietário, parece plausível, reforçando a impressão



## Settefinestre

de que por trás de sua construção encontrava-se um patrimônio vultoso, oriundo de fora do território da colônia decadente. Essa impressão de grandiosidade permanece mesmo quando nos atemos ao edifício de Settefinestre, sobretudo se considerarmos a extensão da área construída, a complexidade da planta (que pressupõe os serviços de um arquiteto), o luxo do setor habitacional, com seus mosaicos, estuques e pinturas elaborados por artífices provenientes de fora, ou o notável investimento representado pelos equipamentos de beneficiamento agrícola, como as quatro prensas do corpo central (61).

O simples critério das dimensões do edifício ou de sua riqueza arquitetônica e decorativa, no entanto, é pouco significativo e devemos procurar inquirir mais de perto a estrutura planimétrica do edifício. É possível notar, desde logo, a presença de certos traços aos quais já estamos habituados e que parecem originários da área campano-lacial: a construção sobre uma plataforma artificial, a utilização de substituições, a axialidade do setor senhorial, articulado por determinados espaços abertos (átrio senhorial, atríolo rústico, peristílio e pórtico externo), eram características das grandes residências rurais e urbanas ao sul de Roma desde meados do século anterior. Outros elementos da arquitetura de Settefinestre parecem mais particulares: é difícil, por exemplo, encontrar paralelos para o grande celeiro, construído como um edifício à parte, ou mesmo para a linha de construções ao redor do pátio 42 (fig. 89,4A), que antecedia e como que cercava a fachada de ingresso ao setor habitacional.

Este corpo frontal, de caráter rústico, parece ter formado com o edifício senhorial (fig. 89,4B) uma única grande construção, com percursos articulados e interdependentes (62). Pode ser interessante, desta forma, analisarmos

61) É importante notar que o conjunto de prensas de Settefinestre é um dos maiores lagares romanos conhecidos.

62) A articulação se torna evidente no tocante às comunicações com o exterior: para se entrar ou sair da parte senhorial era necessário atravessar o pátio, cercado pelas construções rústicas: do ponto de vista de quem ingressava no pátio tratava-se, efetivamente de um único edifício.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

o corpo central e o pátio rústico como se fossem uma unidade. Sob esse ponto de vista a disposição parece curiosa e *sui-generis*: o edifício senhorial, que dominava a visão quando observado de longe, situava-se, do ponto de vista interno, aos fundos de um edifício quadrangular, disposto em torno de um grande pátio vazado, e do qual era apenas um dos braços, ao mesmo tempo o mais central e o mais interno. Para se ter acesso à luxuosa ala senhorial, desta forma, era necessário atravessar um pátio rústico, cercado por construções simples e utilitárias que, de certo modo, destoavam da fachada senhorial e a escondiam. O edifício, portanto, se apresentava de modo distinto para o que poderíamos chamar de "seus públicos": para o externo, enfatizava-se uma imagem de riqueza, luxo e autonomia, expondo do alto da colina seus muros torreados e sua fachada mais imponente e grandiosa; para o interno, ou seja, para quem adentrava o edifício, predominavam as funções rústicas, que antecediam a parte senhorial e, de certo modo, a englobavam.

Vale a pena investigar mais de perto a relação entre parte senhorial e parte rústica no edifício de Settefinestre. Já alertamos para a dificuldade de reconhecer, na documentação disponível, exemplos comparáveis: à primeira vista, parece existir entre os dois setores (rústico e de habitação senhorial) uma distinção bastante profunda, semelhante talvez àquela que observamos em S. Rocco (fig. 80). Neste último edifício, contudo, a distinção era ainda mais radical, pois as funções "urbanas" e "rústicas" se concentravam em dois edifícios totalmente diferentes, com ingressos separados (por uma via pública!) e independentes. Uma solução mais próxima à empregada em Settefinestre, já mencionada, parece reconhecível no edifício de Villa dei Misteri que, talvez por essa mesma época, viu sua fachada principal, que circunscrevia o acesso ao peristílio, ser precedida por um bloco de pequenos aposentos (fig. 145, ambientes 52-60), de caráter predominantemente rústico (habitação da mão-de-obra, depósitos). Também aqui o ingresso à parte senhorial era precedido por construções mais simples que, por assim dizer,

## Settefinestre

"guardavam" a entrada da construção. Outro edifício pompeiano, aproximadamente contemporâneo, a *villa* de P. Fannius Synistor (fig. 149), embora conhecido apenas parcialmente, apresentava uma estrutura semelhante: o ingresso à parte senhorial dava-se através de um pátio, precedido por ambientes rústicos, entre os quais um lagar. Não se pode, assim, afastar por completo a possibilidade de que este esquema reflita uma característica da época de Augusto, que se manifestaria de modo análogo mesmo em edifícios tão distantes no espaço. A comparação, no entanto, é imperfeita pois em Villa dei Misteri estamos diante de uma pequena reforma, que obedeceu per force às construções do espaço disponível e, sobretudo, da forma do edifício pré-existente, enquanto em Settefinestre atuou um projeto unitário, concebido in toto sem qualquer tipo de restrição espacial.

Uma outra linha de raciocínio pode apegar-se menos à moda (e, portanto, à imitação) e mais à tradição (à derivação genética). Há algo no edifício de Settefinestre, com efeito, quando considerado em sua estrutura de conjunto, que lembra certas soluções arquitetônicas, bastante antigas, e que poderíamos imaginar como próprias à região toscana. A disposição geral do edifício, por exemplo, quando consideramos sua estrutura quadrangular, com os quatro braços dispostos circularmente em torno de um amplo pátio aberto e vazio, faz pensar, mesmo que longinquamente, no célebre edifício de Murlo (fig. 48), na Etrúria setentrional interna. A despeito do colonado interno, a construção de Murlo apresenta uma estrutura muito semelhante à de Settefinestre, até mesmo em suas dimensões globais (cerca de 3.600 m<sup>2</sup>) (63); ou mesmo, se descermos para uma época mais recente, no edifício de Blera (fig. 16), que reproduzia um esquema análogo, com seu

63) É preciso ressaltar, no entanto, que a construção do edifício de Murlo, na fase correspondente ao relevo planimétrico apresentado, data do século VI a.C. - trata-se, portanto, de um contexto cronológico, histórico e cultural totalmente distinto. A função do edifício de Murlo (Poggio Civitate) tem sido muito discutida desde sua descoberta: há os que o interpretam como um grande santuário, sobretudo em virtude de sua imponente decoração acroterial, enquanto outros preferem ver aí uma residência senhorial, talvez de um dinasta local (para os argumentos em prol de uma e outra visão cf. Cristofani, 1978:131-138).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

pátio colunado em torno do qual se dispunham quatro braços estendidos longitudinalmente (64). Para aceitarmos tais analogias seria necessário, contudo, reconhecer que, em Settefinestre, o braço mais interno (correspondente à habitação senhorial) apareceria hipertrofiado, rompendo com a estrutura longitudinal e circular dos blocos do pátio e estendendo-se, axialmente, para trás. Vista sob esse ângulo, a habitação senhorial pareceria representar uma forma estrangeira (a domus com dois átrios e peristílio sobre substrações, de origem campano-lacial), inserida num modelo quadrangular, de origem local, que acabaria por deformar e tornar, ao menos em parte, irreconhecível (65). É possível, sem dúvida, encarar o edifício de Settefinestre desta forma, mas a derivação genética proposta permanece muito hipotética: o edifício de Murlo é muito anterior no tempo, sua função específica é desconhecida e não sabemos quase nada sobre o funcionamento de sua estrutura espacial; tampouco a existência do edifício de Blera, a despeito de algumas analogias no modo de organização do espaço, basta para definir ou comprovar uma tradição local de edifícios concebidos como quadrados vazados.

A tentativa de encontrar ou definir modelos não nos levará mais longe e os resultados a que podemos chegar, como vimos, são inconclusivos. Talvez seja mais útil tentar entender, não a origem da forma de Settefinestre, mas o modo de seu funcionamento. A relação entre parte rústica e senhorial, em particular, parece aqui tensa, complexa e ambígua, como entre estruturas que se contrapõem mas se complementam. Longe de propor uma separação radical entre atividades produtivas e habitativas, o projeto de Settefinestre impunha uma curiosa

64) Duas linhas de força dominam uma estrutura do gênero: uma circular, na medida em que os espaços cobertos giram em torno do pátio, comunicando-se entre si através deste último; outra longitudinal, por que o movimento, no interior de cada braço, desenvolve-se no sentido do comprimento, ou seja, é paralelo à linha perimetral.

65) Tal deformação, entretanto, não seria visível para quem entrasse no edifício subindo a estrada da colina. A suntuosidade e singularidade da parte senhorial só se manifestava para os que aí penetravam diretamente. Para estes últimos, ultrapassar o umbral do vestibulo que conduzia ao átrio equivalia a deixar o mundo rural, o universo das formas tradicionais e utilitárias, e penetrar no universo urbano, das formas ricas e "diferentes", que reproduziam um esquema clássico, "sulista", o da domus com dois átrios e peristílio.

interpenetração, marcada pela contiguidade (por que o edifício senhorial era um dentre os blocos que cercavam o pátio) e pela continuidade (pois as funções rústicas penetravam no bloco senhorial, ocupando todo o seu terço oriental, onde se localizavam a cozinha, os banhos e os lagares). Essa aparente aliança, contudo, era contrabalançada por sinais de uma forte contraposição: o edifício senhorial se destacava, com clareza, dos outros braços do pátio 42, tanto por sua posição e por suas dimensões, quanto pelo seu "tom" urbano, pelo seu luxo habitativo, por seu desenvolvimento axial e em profundidade, por sua abertura para a paisagem, etc. Que não se tratava de uma distinção meramente formal pode ser percebido através do estudo, crucial aqui, dos acessos. Não havia, como se pode observar, qualquer comunicação direta entre o corpo central e as demais construções do pátio, a não ser através das duas entradas distintas que davam, respectivamente, para a ala de serviços e para o setor habitativo do bloco senhorial. É significativo que o modelo de tais entradas, com vestíbulo, porta bivalve e fauces seja idêntico ao empregado para a entrada principal do edifício, aquela que o punha em comunicação com o exterior (187/188). Ora, o controle do acesso à parte senhorial é, de certo modo, esperável e presumível, mas é de grande interesse o fato de tal controle manifestar-se, igualmente, com relação à ala oriental: o acesso ao atríolo rústico, com efeito, era também mediado pelo obstáculo de um vestíbulo e de uma grande porta. A presença de bancos ao longo da entrada, além disso, reforça a idéia de controle, sugerindo que o ingresso, ali, não era imediato, que alguma espera podia ser necessária (66). A existência de duas cozinhas diferentes, uma menor no atríolo,

66) Tais bancos aparecem no vestíbulo de grandes residências urbanas e suburbanas, como em Villa dei Misteri ou na Casa del Menandro (figs. 144 e 133), sendo normalmente interpretados como os assentos onde os clientes aguardavam a esportula diária (assim, por exemplo, Vos, 1982:90). Os próprios escavadores, na verdade, efetuam essa comparação: os bancos, dizem, "servivano come sedili per i clienti che attendevano di entrare nella pars rustica della villa" (1985, I, 2:25), mas não se perguntam o que seriam esses "clientes" no campo (que não aparecem em nenhum outro lugar), nem por que deveriam esperar para entrar nessa pars rustica (afinal, já estavam dentro do edifício!) Podemos reter, em todo caso, a idéia de que os bancos se destinavam àqueles cujo ingresso no interior da parte rústica do edifício senhorial não era imediato.

pátio colunado em torno do qual se dispunham quatro braços estendidos longitudinalmente (64). Para aceitarmos tais analogias seria necessário, contudo, reconhecer que, em Settefinestre, o braço mais interno (correspondente à habitação senhorial) apareceria hipertrofiado, rompendo com a estrutura longitudinal e circular dos blocos do pátio e estendendo-se, axialmente, para trás. Vista sob esse ângulo, a habitação senhorial pareceria representar uma forma estrangeira (a domus com dois átrios e peristílio sobre substruções, de origem campano-lacial), inserida num modelo quadrangular, de origem local, que acabaria por deformar e tornar, ao menos em parte, irreconhecível (65). É possível, sem dúvida, encarar o edifício de Settefinestre desta forma, mas a derivação genética proposta permanece muito hipotética: o edifício de Murlo é muito anterior no tempo, sua função específica é desconhecida e não sabemos quase nada sobre o funcionamento de sua estrutura espacial; tampouco a existência do edifício de Blera, a despeito de algumas analogias no modo de organização do espaço, basta para definir ou comprovar uma tradição local de edifícios concebidos como quadrados vazados.

A tentativa de encontrar ou definir modelos não nos levará mais longe e os resultados a que podemos chegar, como vimos, são inconclusivos. Talvez seja mais útil tentar entender, não a origem da forma de Settefinestre, mas o modo de seu funcionamento. A relação entre parte rústica e senhorial, em particular, parece aqui tensa, complexa e ambígua, como entre estruturas que se contrapõem mas se complementam. Longe de propor uma separação radical entre atividades produtivas e habitativas, o projeto de Settefinestre impunha uma curiosa

64) Duas linhas de força dominam uma estrutura do gênero: uma circular, na medida em que os espaços cobertos giram em torno do pátio, comunicando-se entre si através deste último; outra longitudinal, por que o movimento, no interior de cada braço, desenvolve-se no sentido do comprimento, ou seja, é paralelo à linha perimetral.

65) Tal deformação, entretanto, não seria visível para quem entrasse no edifício subindo a estrada da colina. A suntuosidade e singularidade da parte senhorial só se manifestava para os que aí penetravam diretamente. Para estes últimos, ultrapassar o umbral do vestibulo que conduzia ao átrio equivalia a deixar o mundo rural, o universo das formas tradicionais e utilitárias, e penetrar no universo urbano, das formas ricas e "diferentes", que reproduziam um esquema clássico, "sulista", o da domus com dois átrios e peristílio.

## Settefinestre

provavelmente, vedado aos habitantes corriqueiros da fazenda. O edifício aparece cindido, portanto, em duas áreas, uma aberta ao pessoal da fazenda, a outra sob direto controle do senhor. Não deixa de ser instigante, a esse respeito, o fato de o grande celeiro colocar-se à parte da construção principal, associando-se à imagem das partes senhoriais por sua rica decoração arquitetônica, idêntica à do corpo central e que parece marcá-lo, igualmente, como espaço do senhor. Uma estrutura dessa ordem pode corresponder a diferentes situações sociais, sem dúvida, mas não deixa de ser atraente a idéia de que a ênfase no controle representasse uma espécie de compensação espacial por uma gestão efetuada à distância (um sinal, portanto, de absenteísmo).(68).

---

68) No estudo da estrutura agrária da Itália romana, entre o final da República e o início do Principado, os proprietários "absenteístas" constituem uma categoria, ao mesmo tempo, fundamental e extremamente fugaz. Todos os escritores agrários, cujos textos tenham chegado até nós, descrevem a propriedade rural do ponto de vista de senhores que habitavam nas cidades e visitavam os campos periodicamente. É o mesmo tipo de gestão, por exemplo, que aparece nas propriedades de Cícero ou de seu irmão, como será, igualmente, a forma de gestão das propriedades de Plínio, o jovem. Trata-se, portanto, de uma categoria importante para o mundo rural, embora seja difícil determinar sua representatividade (dado o estreito viés social de nossas fontes) no conjunto da população ou das formas de propriedade rural. E, se predomina nas fontes escritas, a identificação desta categoria no registro arqueológico é particularmente elusiva. É de Rostovtzeff (1933: nota 21) a tentativa mais importante de combinar estas duas ordens de fontes e construir uma tipologia dos edifícios rurais socialmente significativa. Analisando o material pompeiano, Rostovtzeff distinguia três tipos de edifícios, segundo seu equipamento habitacional: fazendas com alas muito luxuosas, que deveriam pertencer a donos abastados e, portanto, residentes na cidade ("si deve ritenere che i proprietari di queste ville risiedevano non in esse ma nelle città e solo di tratto in tratto si recavano a soggiornare nella villa"); edifícios simples mas confortáveis, indicando proprietários de nível médio que, portanto, deveriam morar no local (supostamente porque não deveriam possuir outras propriedades); edifícios totalmente despidos de decoração e, portanto, possuídos por donos distantes e geridos por escravos. O esquema proposto por Rostovtzeff, por sua clareza e economia, tornou-se clássico na bibliografia, embora já se tenha ressaltado seu artificialismo (Percival, 1976: 57; D'Arms, 1984: 66-67; Rossiter, 1978: 2). Cabem aqui duas considerações distintas: em primeiro lugar, não é possível, efetivamente, definir se o proprietário residia ou não no edifício apenas a partir da importância do setor habitacional - devemos estar preparados para situações complexas e diversificadas, como demonstra a leitura da célebre carta de Plínio a Calvidius Rufus (III, 19), que já mencionamos; por outro lado, a presença ou ausência do proprietário não é, no fundo, tão relevante e esclarecedora: um proprietário rural podia habitar na cidade, mas manter um contato cotidiano e muito próximo com suas terras (como parece ser o caso da casa dei Menandro), assim como podia residir num território distante, em Roma por exemplo, e visitar ou inspecionar suas fazendas apenas esporadicamente. Por trás da categoria de "absenteísta" portanto, podem esconder-se tipos de proprietários e propriedades radicalmente distintos.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

O edifício senhorial de Settefinestre representa, de modo mais claro que outros edifícios que já estudamos, uma curiosa adaptação de um modelo de residência de origem campano-lacial (69) às necessidades de uma casa de fazenda, pela transformação dos espaços de serviço em espaços de produção e armazenamento. A própria adoção desse modelo não deixa de ser interessante, pois sua época de maior popularidade já passara algumas décadas antes da construção de Settefinestre. Essa opção por um modelo "antigo" encontra sua correspondência em outros elementos de evidente conservadorismo, sobretudo no emprego de determinadas técnicas construtivas, como a obra quadrada do pórtico em arcos, os muros em obra cimentícia aparente, ou as fundações e bases de parede em obra incerta (70) com os elevados em argila (71): os paralelos mais frequentes para o emprego de tais técnicas situam-se, ao menos, cinquenta anos antes da construção de Settefinestre. Esse mesmo tom tradicional refletia-se, além disso, nos revestimentos

69) Juntamente com o modelo planimétrico (com seus dois átrios e peristílio) parecem ter sido importados dessa área os esquemas de decoração parietal e pavimental. É provável, por exemplo, que os próprios pintores e mosaicistas fossem originários de Roma (1985, I, 1:81): todos os paralelos identificáveis para os pavimentos situam-se na zona campano-lacial, sendo Settefinestre, sintomaticamente, sua atestação mais setentrional.

70) Os muros de terraçamento da face ocidental do edifício (substruções, muro torreado, pórtico com arcos) foram construídos com uma técnica muito particular (fig. 115, b), que Lugli situava nos inícios da chamada obra incerta ("opera incerta di prima maniera"), pela não diferenciação entre núcleo e revestimento e pelo uso de pedras não preparadas previamente (Lugli, 1957:449-457). É possível, no entanto, reconhecer nessa técnica murária uma origem distinta, sem relação com a obra incerta e ainda ligada, pelo uso de grandes blocos e pela ausência de distinção entre núcleo e revestimento, com a mais antiga obra poligonal (Quilici, 1978:60-64; Carandini, 1985, I, 1:61-64). Esta técnica parece ter sido comum no Lácio (Quilici, 1978:60), onde se conhecem vários exemplos (como a villa de Galva, fig. 44) datáveis na segunda metade do século II ou no início do I a.C.. Um aspecto vetusto tinham, igualmente, os muros perimetrais e internos do edifício e do celeiro (fig. 115, a), construídos numa obra incerta que empregava blocos de grandes dimensões dispostos irregularmente (que Lugli classificaria, da mesma forma, como obra incerta inicial). Como ressaltam Quilici e os escavadores (1985, I, 1:63), o emprego de técnicas construtivas já antigas pode ser atribuído a diferentes fatores: à utilização de mão de obra local, apegada a modos de construir tradicionais e dependente de uma matéria-prima, a pedra calcária, que não se prestava a um trabalho mais acurado; ou à vontade, no caso dos muros de terraçamento, de imitar uma muralha urbana com uma técnica que reproduzisse, em pequena escala, a obra poligonal que caracterizava os muros das cidades itálicas.

71) A maioria dos muros internos do edifício apresentava apenas uma base em obra incerta, sobre a qual se erguiam elevados em argila e terra prensada (identificáveis nos estratos argilosos que recobriam certos níveis de destruição). Também aqui vemos a adoção de uma técnica bastante antiga, largamente difundida na região toscana, como indicam os exemplos já vistos de Sambuco, Giardino Vecchio e, possivelmente, Blera (todos do século II a.C.).



## Settefinestre

cerâmicos que decoravam o telhado, como as antefixas em forma de palmeta, as lastras retangulares com gorgoneion ou cabeça leonina, etc.(72). Esse aparente apego ao passado não era, contudo, unívoco: basta lembrar que a decoração interna dos aposentos senhoriais, como as molduras em estuque, as pinturas parietais no segundo estilo maduro e certos pavimentos em mosaico, possuía um caráter mais "moderno", compatível com a decoração de outras grandes residências da segunda metade do século I a.C., tais como a da casa de Augusto no Palatino, em Roma (1985, I, 1:81). Essa aparente tensão entre inovação e tradicionalismo expressava-se, com igual força, na estrutura do setor residencial, em particular no modo como o antigo modelo campano-lucial foi adaptado às novas exigências da época. A abertura dos aposentos senhoriais para o exterior, por exemplo, é particularmente notável: os principais ambientes de habitação, com efeito, dispunham-se ao longo do pórtico colunado (1), beneficiando-se, como em S. Rocco, do sol poente e da visão de Cosa e do mar, ao longe. A consequência imediata da importância conferida ao pórtico externo e, conseqüentemente, à exposição dos ambientes aos agentes atmosféricos e à paisagem, foi a quase anulação do peristílio como elemento organizador dos espaços internos, em benefício do corredor externo e do átrio.

A posição deste último constitui um dos elementos mais interessantes da arquitetura habitacional de Settefinestre. Construído, como sabemos, à época do triunvirato, o átrio de Settefinestre preservava a imponência e o peso estrutural que possuía nas grandes casas campano-luciais do século anterior. Para o átrio, com efeito, abria-se mais de uma dezena de portas e aí efetuavam-se as comunicações entre o pátio externo e o interior da casa, entre os diversos apartamentos senhoriais,

---

72) Como afirma M. Grazia Celuzza: "Il carattere tradizionale della decorazione fittile di Settefinestre sembra comunque in accordo con l'architettura generale dell'edificio, caratterizzato dall'uso di tecniche molto antiche...ed evidenzia come nell'architettura romana, accanto a tendenze innovative...continuassero a sopravvivere, almeno fino alla prima età imperiale, elementi conservativi che traevano le loro origini fin dall'età arcaica" (1985, I, 1:99).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

entre a parte rústica e a urbana. A importância do átrio era, além disso, reforçada por alguns elementos de sua decoração, como o implúvio central em tufo, a rebuscada simetria visual do ambiente ou as falsas portas pintadas aos lados do tablinum, que conferiam ilusionisticamente, à maneira do segundo estilo, uma sensação de dilatação do espacial (fig. 101); a pavimentação musiva, por sua parte, reproduzia esquemas tradicionais e prestigiosos, como o pavimento em scutulatum que bordeava o implúvio ou os tapetes em mosaico, que marcavam as soleiras das portas (presumíveis e verdadeiras).

### Cidade e Campo - Outras Reflexões

A presença de uma estrutura articulada em torno de dois átrios e de um peristílio e, mais ainda, a manutenção do átrio como elemento centralizador dos espaços de habitação, constitui, em certa medida, um outro traço conservador de Settefinestre. Na arquitetura doméstica romana, com efeito, o antigo esquema axial centrado no átrio, bem como sua ampliação por intermédio de um atríolo, conhecera seu floruit no final do século anterior e nas primeiras décadas do I a.C., mas seu apogeu, no que se refere às construções mais luxuosas, já passara quando se ergueu o edifício de Settefinestre.

Naquelas mais modestas, é verdade, o modelo demonstrará ainda uma certa vitalidade e parecerá mesmo difundir-se neste segmento, pela primeira vez, influenciando a organização dos espaços de habitação (73). Já nos referimos, no

---

73) Os exemplos a seguir referem-se, obviamente, ao mundo rural, mas o fenômeno é igualmente visível em meio urbano: em Herculano, por exemplo, alguns edifícios pequenos, construídos no I d.C., preservaram conscienciosamente a estrutura mais tradicional das residências com átrio e tablino, como se pode observar na Casa do Centenário (fig. 135), de época Júlio-Claúdia, ou na chamada Casa Anônima (Insula V, casa 11; fig. 136), de dimensões ainda mais modestas.

capítulo anterior, à reforma por que passou o edifício de via Gabínia que, por essa época, assumiu uma conformação claramente urbana, com o fechamento do antigo pátio aberto e a construção de um implúvio central. Outros exemplos, por vezes bastante problemáticos, nos são conhecidos nos arredores de Roma. Numa colina da via Tiberina, entre o terceiro e quarto quilómetros (e, portanto, muito próximo à cidade), escavou-se um edifício rural (fig.28), preservado apenas nas suas fundações e em alguns pavimentos (Felleli May,1955). A escavação foi parcial e o relato que possuímos, muito incompleto, não permite datar o edifício com precisão. Alguns elementos estruturais, como as fundações em blocos esquadriados dos muros perimetrais (74), o quase-reticulado dos muros internos e a presença de um implúvio em peperino sugerem uma datação na primeira metade do século. Os elementos decorativos, no entanto, como mosaicos e restos de decoração parietal do segundo estilo (encontrados num poço) apontam para a época de Augusto (75). É possível reconhecer, na planta, um pequeno átrio tetrastilo (A), com implúvio central, em torno do qual se alinhava uma série de aposentos de habitação, recobertos por pavimentos em mosaico (B, C, D, H, L e I). Ao norte, sem comunicação aparente com o setor senhorial, localizava-se um pequeno lagar (P), com área de prensagem circular e revestimento em espinha de peixe (depois refeito em cocciopesto), associado a três tanques retangulares (a, b, c) (76). Em N, por fim, situava-se um ambiente termal, muito destruído por uma reconstrução no século seguinte, e que poderia datar da construção original. Embora distintas, portanto, as atividades habitativas e produtivas encontravam-se bastante próximas entre si e os

74) Preservados, tão somente, num muro da face norte.

75) Os fragmentos de pintura não podem ser inseridos, com precisão, na história do sítio, mas os pavimentos, segundo Felleli May (1955:208), são seguramente contemporâneos à construção do edifício.

76) É possível que o tanque mais meridional (c), situado num nível superior aos demais, fosse, na verdade, um calculatorium (para pisar uvas). Mas é igualmente possível que este lagar fosse empregado para a produção de azeite, como sugerem os tanques enfileirados ao norte (Rossiter,1981:355, para quem o tanque c era um depósito para as azeitonas, antes da prensagem).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

restos, em seu conjunto, não parecem ter pertencido a um edifício de grandes proporções.

Igualmente pequenos são três outros edifícios rurais, com elementos de planimetria urbana, ainda nas cercanias de Roma. Um deles, na localidade de Fosso di Montegiardino, num fundo de vale do subúrbio oriental, foi erguido em reticulado, à época de Augusto, sobre os restos de uma construção mais antiga (fig. 17) (Musco & Zaccagni, 1985). O sítio, como vimos no capítulo anterior, permanece essencialmente inédito e a única planta disponível não é de grande auxílio. É possível, no entanto, reconhecer uma certa organização axial dos aposentos escavados, com uma sala pavimentada em mosaico, no centro da área escavada, ladeada por dois tanques, um deles retangular, a noroeste, com borda emoldurada e que poderia ser um implúvio (Musco & Zaccagni, 1985:98). Uma disposição axial aparece também no edifício de Casale Ghella (fig. 50), de fins do século I a.C. (Messineo et alii, 1985), localizado no quilômetro 11 da via Cássia, ao norte de Roma. O edifício, muito danificado, possuía muros em quase-reticulado e articulava-se em torno de um pátio quadrangular (1), com um tanque a céu aberto, calçado com pedras irregulares, ao centro (77). Alguns aposentos senhoriais, reconhecíveis pela pavimentação em mosaico ou pelos restos de decoração parietal, abriam-se para o pátio (3-4), ou eram acessíveis através dos ambientes de passagem, dispostos no mesmo eixo do pátio (5-6). O setor produtivo, por sua vez, parece ter se concentrado no ângulo noroeste da construção, onde se encontraram restos de um grande forno (7) e de um lagar revestido de *cocciopesto* (8). A ausência de uma publicação definitiva e a prolongada duração do edifício (até IV-V d.C.) dificultam, no entanto, uma visão mais clara da construção original. Outro edifício com características semelhantes foi escavado ao norte de Roma (fig. 51) (Muzzioli, 1985),

77) O calçamento do quadrado central pode ter-se implantado posteriormente, sobre o implúvio de um antigo átrio quadrado. Esta é, ao menos, a suposição dos escavadores (Messineo et alii, 1985).

## Settefinestre

na campina que separa a região elevada de Capena do curso direito do Tibre e onde, em época romana, se erguia a colônia de *Lucus Feroniae* (78). O edifício, escavado para permitir a construção dos depósitos da Companhia Standa, não foi publicado de modo sistemático e o relevo planimétrico que possuímos é pouco informativo. Em sua primeira fase, identificável por muros em obra incerta, o edifício centrava-se em uma área retangular, com um implúvio ao centro (1). Este, por sua vez, dispunha-se num mesmo eixo com relação à entrada e aos aposentos de habitação ao fundo, pavimentados em signino (2-3). No ângulo noroeste concentravam-se os ambientes produtivos, com um lagar em espinha de peixe e um moinho (não visíveis em planta). Todos estes edifícios, portanto, associavam de modo muito íntimo as atividades produtivas a um setor senhorial que absorvia, claramente, certos delineamentos emprestados à arquitetura urbana, mesmo que de modo abreviado. É curioso, além disso, que os testemunhos se concentrem nas cercanias de Roma, como que expressando a expansão dos limites urbanos da cidade (mas poderia ser uma mera casualidade documental) e a prosperidade de um certo segmento intermediário, que se apropriava, ou antes, se deixava influenciar por uma forma arquitetônica antes exclusiva de camadas mais ricas (79).

Nos edifícios maiores, no entanto, o modelo da casa com átrio parece perder gradativamente sua importância. Esse processo é visível em ambientes urbanos. Em Pompéia, os novos edifícios e as reformas efetuadas no século I a.C. indicam que o centro das residências se deslocava, progressivamente, em direção aos peristilos. Na grande Casa del Menandro (fig. 133), em pleno centro de Pompéia, à época de Augusto, quando Settefinestre estava sendo construída, o átrio

78) A colônia, erguida à sombra de um antigo santuário (da ninfa Ferônia), deve ter sido fundada entre César e Augusto (Torelli, 1985:31), a quem se poderiam atribuir os restos de centurição descobertos na planície (Muzzioli, 1985:53-55), com cujo traçado o edifício Standa parece alinhar-se.

79) Vejam-se as interessantes observações de Wallace-Hadrill (1988:45). Este imagina, com efeito, uma espécie de reação em cadeia: à medida que certos hábitos arquitetônicos se tornavam acessíveis às camadas inferiores da sociedade, aquelas superiores buscavam outros meios de se diferenciar.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

sofreu grandes alterações, com o fechamento de uma das alas ao lado do tablino (10) e o rebaixamento das portas no lado ocidental, em virtude da construção de um segundo pavimento sobre os ambientes 5, 6 e 7, com acesso independente (Maiuri,1933:25 e 52). Embora redecorado em quarto estilo, pouco antes da erupção, o átrio tornou-se uma área de serviço (80) e o peristílio passou a congregar os principais ambientes de habitação e de representação, como o notável triclinio em forma de basílica (18) e os *oeci* finalmente decorados que se abriam para o pórtico (81). Foi através de peristílios, igualmente, que as grandes casas senhoriais se ampliaram, alastrando-se pelo espaço das *insulae* urbanas, como na casa del Fauno (fig. 131), cujo segundo peristílio data ainda do final do II a.C., ou na casa del Citarista, com seus dois átrios e três peristílios, resultado da fusão de diversas residências no I a.C. (). Nas construções novas, no entanto, essa tendência podia se manifestar com maior clareza e, para tanto, devemos procurar fora de Pompéia, onde predominaram as reformas. Os exemplos melhor conhecidos provêm de Óstia, cuja ocupação se intensificou, sobretudo, em época imperial. Aqui as residências com átrio eram uma clara exceção: os poucos edifícios que seguiam esse padrão eram, com efeito, todos remanescentes do período republicano, como a domus de Jupiter Fulminator (IV,4,3) ou aquela "della nicchia a mosaico" (IV,4,2)

80) Essa "rusticização" do átrio manifesta-se, igualmente, em outras residências de Pompéia, às vezes por indícios bem mais sutis: no átrio da chamada Casa de N. Popídio Prisco (VII,2,20), por exemplo, descobriram-se os restos de uma carreta de transporte (Maiuri,1933:237, nota 123 - mas a carreta poderia ter sido colocada ali no momento da erupção!).

81) Um deslocamento semelhante dos ambientes de representação e de vivência (incluindo o tablino) em direção à área do peristílio aparece já em S. Basilio (fig. 30), que Lugli, com base na técnica murária, datava do início do século I a.C., mas que os escavadores de Settelinestré, pelo estilo de sua decoração musiva, colocariam trinta ou quarenta anos mais tarde (1985,I,1:80). Note-se que em S. Rocco, construído sem átrio, há uma disposição muito semelhante à da Casa del Menandro, com três ambientes de representação enfileirados ao fundo.

82) Esta residência exprime, com clareza, as transformações sofridas pela arquitetura doméstica no curso do século I a.C., como bem observou Mau: "Die herrschaftlichen Wohnungen sind durchaus um die Peristyllen gruppiert; die Zimmer an den Atrium dienen als Sklavenzimmer oder Wirtschaftsraume: ein anschauliches Beispiel, wie sich das Leben mehr und mehr in die inneren Teile des Hauss zurückzog, und wie das Atrium zu einem allentails auch entbehrlichen Vorzimmer wurde"(1900:348). Indícios da perda de importância do átrio aparecem, igualmente, em Roma, como na chamada casa de Livia, sobre o Palatino, onde, à época de Augusto, o setor do átrio foi transformado numa ala de serviço (Coarelli,1985:130).

(Pavolini, 1987:261). As grandes casas erguidas a partir do século I d.C., e sobretudo no curso do século segundo, seguirão um modelo totalmente distinto, centrando-se em amplos pátios colonados ou sustentados por pilares, como nas chamadas *domus della Fortuna annonaria* ou naquela "delle colone" (fig. 58).

No curso do século I a.C., desta forma, sobretudo em sua segunda metade, assistimos a uma notável transformação nos modelos de habitação senhorial nas cidades da Itália central, com o abandono do princípio da axialidade e a reformulação, ou extinção, dos antigos e tradicionais ambientes de representação. Vale notar que não se trata de um fato isolado: o período entre o final da República e o início do Império foi marcado por alterações profundas na cultura material e parece ter sido singularmente aberto à experimentação, às novidades e à mudança. Seria interessante, contudo, se pudéssemos relacionar essas transformações na arquitetura com movimentos concretos da sociedade romana. É possível, por exemplo, que a progressiva perda de prestígio do esquema átrio-tablino, e a consequente refofização da vida doméstica na área do peristílio, estivessem ligadas a uma reorientação das aristocracias municipais frente à esfera do "público", como uma consequência do fim do regime republicano e da retração das atividades políticas (83). Os novos modelos arquitetônicos, eliminando ou diminuindo os espaços públicos no interior das residências, e valorizando aqueles mais íntimos e privados (84), poderiam ser a expressão de um auto-recolhimento das camadas

83) Já Cícero, à época da guerra entre César e Pompeu, reclamava do desinteresse das aristocracias municipais pela vida política do Estado romano (ad Att., VIII, 13,2: "nihil prorsus aliud curant (sc. homines municipales), nisi agros, nisi uilulas, nisi nummulos suos").

84) Aproximando-se, desse modo, da forma da casa grega, centrada num pátio colonado e mais intimista e reclusa. É de se ressaltar que os peristílios romanos também mudaram de função, de jardim porticado aos fundos da casa, como ainda aparece, por exemplo, na casa VII,2,18 de Pompéia, passaram a principal fonte de luz e meio de circulação para os aposentos de habitação, que se abriam, quase todos, para essa área central. É curioso que, quanto maior a área total de um edifício, maior a proporção ocupada, em seu interior, pelas áreas descobertas. A impressão resultante é a de residências fechadas para seu mundo interno, que se distribuía, por núcleos, em torno do pátio central. A compartimentação interna, por sua vez, era reforçada por uma tendência ao fechamento progressivo dos intercolúnios, que se nota, por exemplo, nos plutei construídos à época de Augusto em inúmeros edifícios pompeianos (villa dei Misteri, villa de Pisanelia, Casa del Menandro) (cf. Maiuri, 1933:231, nota 51; Maiuri data a transformação do II estilo tardio).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

superiores das cidades da Itália central (Wallace-Hadrill, 1988:89-90) (85). Não devemos, no entanto, pensar numa relação tão imediata e simples entre forma arquitetônica e realidades sociais. Na verdade, a tendência ao abandono do esquema átrio-tablino parece ter-se manifestado já na primeira metade do I a.C. - num momento, portanto, em que as atividades políticas eram ainda de grande importância (86). A instauração do Principado, além disso, não representou, de modo algum, o fim da vida pública das aristocracias municipais, que continuaram recebendo visitas e amigos, atendendo clientes e dependentes (87) e, como sabemos, disputando acirradamente eleições. Não podemos excluir, deste modo, que outros fatores tenham influenciado na transformação das residências romanas.

Os dados à nossa disposição não permitem estabelecer, com segurança, quando e onde tais tendências começaram a se manifestar em primeiro lugar. Uma possibilidade, que devemos investigar, é a de que tal movimento tenha se iniciado, não em ambiente urbano, mas nas grandes casas marítimas ou suburbanas, construídas pelas camadas dominantes da Itália, entre o final do século II a.C. e o Principado, sobretudo nos arredores de Roma, na região dos montes Albanos, e na costa tirrênic, no litoral do Lácio e da Campânia (88). Nessas

85) Uma tendência semelhante pode ser observada nos padrões de decoração dos interiores, na passagem do segundo para o terceiro estilo pompeiano de pintura parietal (mais intimista, menos ligado à arquitetura pública), que teve lugar, precisamente, à época de Augusto (Wallace-Hadrill, 1988:72-73).

86) Além das fontes arqueológicas, possuímos, a respeito, algumas indicações na tradição textual: o edifício que Quinto Cícero controla na zona rural de Arpino, em 54 a.C., quando seu irmão Marco Túlio o visitou ainda em obras (Cícero, ad. Quintum, III, 1), não possuía átrio, e a dignidade da residência provinha mais, ao que parece, do pórtico externo. Cic., id., ibid., I, 1: "Villa mihi ualde placuit propterea quod summam dignitatem pauimentata porticus habebat. quod mihi nunc denique apparuit postea quam et ipsa tota patet et columnae politae sunt...2. Quo loco te scribere ajuunt ut atriolum fiat, mihi uel est magis placebat. Neque enim satis loci uidebatur esse atricoli neque fere solet nisi in iis aedificiis fieri in quibus est atrium malus". É verdade que Vitruvius, escrevendo à época de Augusto, centra-se, ainda, no modelo com átrio e tablino (VI, 3, 1-11); trata-se, no entanto, de um autor marcadamente tradicionalista (como mostra sua rejeição ao *opus reticulatum*, cf. II, 8, 1).

87) Como bem observa Wallace-Hadrill (1988:88-89).

88) Devemos nos lembrar de que a vida social nas casas de veraneio destas regiões era, em alguns momentos do ano, tão ou mais intensa que a romana (cf. D'Arms, 1970:48-50, que menciona a conhecida passagem de Cícero, numa de suas cartas a Ático: "habuimus in Cumano quasi pusillam Romam, tanta erat in iis locis multitudo". ad Att., VI, 2, 2).



residências de veraneio, que não devemos imaginar totalmente improdutivas (Egidi,1985:110; D'Arms,1981:79), os senhores romanos podiam exercer, com maior liberdade, sua inventividade construtiva, explorando a abertura dos edifícios para o meio circundante, adaptando-se aos acidentes geográficos e introduzindo novos padrões arquitetônicos (Scagliarini Corlaità,1978:8-9). Essas *uillae* nos são muito mal conhecidas, mas podemos identificar, em algumas delas, a adoção de determinadas novidades: a) disposição do edifício em blocos distintos, como na grande *uilla* marítima de Sperlonga, no litoral do Lácio, que deve datar do início do século e que se estendia por vários terraços interligados projetando-se, por uma rampa, em direção ao mar (fig. 52) (Mielsch,1987:50-52); b) ênfase nas fachadas, por vezes construídas com ousadas linhas curvas, como no célebre edifício de Anguillara (fig. 53), datado do final da República (Mielsch,1987:54-55), ou como numa outra *uilla* marítima, do início do Império, descoberta nas proximidades de Anzio e nunca escavada (fig. 54) Mielsch,1987:55-7); c) construção de blocos maciços, divididos em núcleos distintos através de peristílios, sem qualquer eixo diretor, como na grande *uilla* de Voconius Pollio (fig. 55), em Marino, nos Montes Albanos, cuja datação pode ser colocada nos anos quarenta do século I a.C. (Mielsch,1987:63). Detenhamo-nos nestes exemplos, para não fugir, em demasia, ao nosso objeto principal (veremos mais alguns quando tratarmos de Pompéia). Eles sugerem, todavia, que o século I a.C. pode ter assistido a uma inversão no fluxo de influências arquitetônicas: é possível que elas agora proviessem, ao menos em parte, do campo para as cidades, introduzindo-se num primeiro momento nas grandes residências senhoriais, para daí se difundir pelas demais camadas da sociedade (89).

89) Entre o final da República e o início do Império, como se sabe, a aristocracia romana parece ter sofrido de uma espécie de nostalgia dos campos, que podemos apreender, sobretudo, através da obra de poetas como Horácio e Virgílio e, mais tarde, Tibulo e Propércio. Estes exprimiam em seus versos uma certa reação ao urbanismo, que poderíamos associar, ao menos nos inícios do Principado, com a ideologia "tradicionalista e itálica" de Augusto e seus imediatos sucessores (Mansuelli,1958:21). A *uilla* tendia, assim, a substituir a *domus* urbana como residência de representação das camadas mais elevadas (Mansuelli,1958:21; Scagliarini Corlaità,1978:8). O exemplo mais acabado, quase delirante, dessa "ruralização" da arquitetura urbana foi, sem dúvida,

a Domus Aurea de Nero, uma verdadeira casa de campo, de dimensões descomunais, construída no próprio centro de Roma (Scaglierini Corlaità,1978:8; Mielsch,1987:64-66). Estes suntuosos edifícios da aristocracia, que Estrabão comparava aos palácios persas (V,2,5), exerciam uma poderosa influência sobre o restante da sociedade, sendo objeto de censura, mas também de imitação (veja-se o trabalho fundamental de Zanker,1979). Cícero, em uma passagem célebre de seu estudo sobre as leis (De leg.,III,30,13) atribui aos senadores o papel de "espelho" para o restante da cidade, mencionando como exemplo, precisamente, a luxuosa uilla de Lúculo : "uir magnus et nobis omnibus amicus, L. Lucullus, ferebatur quasi commodissime respondisset, cum esset obiecta magnificentia uillae tusculanae, duo se habere uicinos, superiorem equitem romanum, inferiorem libertinum: quorum cum esset magnificentiae uillae, concedi sibi oportere, quod illis, qui inferioris ordinis essent, liceret. Non uidis, Luculle, a te id ipsum natum, uti illi cuperent? Quibus id, si tu non faceres, non liceret"...(14) "Nec enim tantum mali est peccare principes...quantum illud, quod permitti imitatores principum existunt. Nam licet uidere, si uelis replicare memoriam temporum, qualescumque summi ciuitatis uiri fuerint, talem ciuitatem fuisse, quaecumque mutatio morum in principibus exiterit, in populo secutam".

## VII

### POMPÉIA

#### Arquitetura Rural e Região

O intercâmbio de modelos arquitetônicos entre campo e cidade é um tema que afeta, sobretudo, os grandes edifícios senhoriais e foi pela possibilidade que oferecem de analisarmos uma mesma forma básica e suas transformações ao tempo e no espaço que nos detivemos, talvez em demasia, no estudo destas grandes residências. Alguns autores, com efeito, partem de um postulado bastante claro: apenas as casas mais ricas possuíam uma forma previsível e analisável, capaz de se reproduzir, com pequenas variações, por inúmeros exemplares, enquanto as residências mais pobres seriam meras imitações, incompletas e mal compreendidas, de elementos do repertório planimétrico e estrutural dos edifícios das camadas superiores (Zanker,1979:514) (1). Ou mesmo, num nível ainda inferior, totalmente amorfas, descritíveis apenas em termos negativos, pela ausência daqueles atributos que caracterizavam os edifícios mais suntuosos e "completos" (Wallace-Hadrill,1988:56) (2). Agregado a este postulado encontra-se, igualmente, a ideia de que as influências arquitetônicas movimentavam-se, sempre, de cima para baixo na escala social: se os edifícios parecem ter falado uma

---

1) Seriam estas as residências típicas das camadas médias, dos liberti e homines novi que expressariam, assim, a insegurança de sua posição social, buscando legitimidade e afirmação social ao tomarem emprestada a linguagem cultural das camadas dominantes (Wallace-Hadrill,1988:56). Mesmo neste nível intermediário, "una tipologia si rivela...impossibile e per giunta poco significativa. Le possibilità di variante nei singoli elementi appaiono illimitate, e lasciano il più ampio spazio ai desideri ed alle possibilità economiche individuali" (Hoffmann,1984:113).

2) Poucas vezes levantam-se contra essa suposição; veja-se, no entanto, Packer,1975:137 e segs.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

mesma língua (com exceção dos mais humildes, que eram "mudos"), esta teria sido produzida, exclusivamente, pela atividade construtiva das camadas superiores, as únicas a dominarem, por inteiro, o código dos espaços e das funções (Wallace-Hadrill, 1988:53; Zanker, 1979:522).

É sobremaneira difícil comprovar ou negar tais postulados, em vista da precariedade de nossa documentação e da quase inexistência de *corpora* regionais significativos. Parece verdade, por um lado, que os edifícios maiores, na medida em que adotavam um modelo de origem urbana, tendiam a apresentar uma forma mais geral, unificada por toda a Itália central. A expansão do modelo com dois átrios e peristílio, presente em territórios tão distintos como a Campânia meridional ou a Etrúria (3), demonstra a estreita ligação, no seio das aristocracias municipais, entre campo e cidade, e expressa também, com igual força, a unidade cultural das classes dominantes da Itália central, como ponto terminal de um processo que se iniciara cinco ou seis séculos atrás. Essa constatação, no entanto, não exclui que tais edifícios apresentassem características regionais, nem impede que procuremos nas construções de menor porte certas regularidades e constâncias, que poderiam derivar de modelos mais ou menos gerais. Se admitíssemos, apenas por um instante, esta possibilidade, seria de se supor que os pequenos edifícios apresentariam uma menor universalidade em sua forma, ao menos com relação à Itália central, como um todo. Como se comportariam, contudo, num nível mais restrito, regional? No território, por exemplo, de uma única cidade, ou de um grupo de cidades bastante próximas e semelhantes? A ausência de conjuntos regionais significativos pode, na verdade, mascarar realidades cuja eficácia se

---

3) O exemplo mais meridional de um edifício com átrio, ao menos em ambiente rural, talvez seja a *villa* de S. Vito, próxima ao lago de Salpi, na Apúlia (Martín, 1964), que os escavadores fazem remontar ao século III a.C., mas que deve ser, com toda probabilidade, bastante posterior.

## Pompéia

manifestava em âmbitos mais restritos do que aqueles dos edifícios das camadas ricas sem, por isso, deixarem de ser importantes e constituintes.

Possuímos, na verdade, um único conjunto relativamente extenso de habitações rurais contemporâneas, provenientes de uma região uniforme e que, desta forma, pode prestar-se a uma análise comparativa. Trata-se do material soterrado pela erupção do Vesúvio, em 79 d.C., compondo cerca de meia centena de edifícios rurais, distribuídos, de modo desigual, ao longo da costa sudoriental do Golfo de Nápoles, entre a antiga Herculano e as colinas de Gragnano e concentrando-se, de modo significativo, nas cercanias de Pompéia (figs. 127 e 128). Trata-se de uma região bastante peculiar, não apenas pelo modo como foi soterrada e preservada, mas por sua situação na Itália central romana. Devemos mencionar, ainda que rapidamente, algumas características importantes para avaliarmos o universo de seus edifícios rurais. De maneira geral, o solo da região ao redor do Vesúvio, de origem vulcânica, é bastante propício à agricultura e, em particular, ao cultivo da vinha. As fontes textuais do final da República e do Principado, com efeito, mencionam a presença, no território de Pompéia e às faldas do Vesúvio, de quatro espécies distintas de uvas viníferas: uma delas, a gemina minor (Plínio, HN, XIV, 22; Columella, III, 2.10), produzia vinhos de alta qualidade, mas de pequeno rendimento; as outras possibilitavam uma produção mais abundante, embora menos nobre - a pompeiana, originária da Sicília (Plínio, XIV, 38), a vennuncula (Plínio, XIV, 34) e, por fim, uma variedade local, a Holconia, cujo nome derivava de uma importante família pompeiana (veja-se Tchernia, 1984:88-89; 1984:479). Há indícios de que, já no século II a.C. o vinho da região fosse exportado para o Mediterrâneo ocidental (4) e André Tchernia, um dos maiores estudiosos dos problemas da viticultura romana, supõe mesmo que, entre o final da República e a erupção de 79 d.C., as terras ao redor do Vesúvio tenham abrigado "o maior vinhedo de

4) O testemunho mais antigo provém do naufrágio de Antheor, na costa meridional da França, onde se descobriu uma ânfora vinária portando o selo M.C Lass (provavelmente de dois irmãos, M et C. Lassii), escrito em osco e, portanto, anterior a 89 a.C. Trata-se de um gentílico bastante raro, atestado apenas em Pompéia e em Sorrento (Tchernia, 1979:93).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

produção da Itália tirrênica" (Tchernia,1984:479) (5) - um dos fatores, sem dúvida, da grande prosperidade da região no período.

Os documentos arqueológicos confirmam, como veremos, a importância da produção vinícola na área vesuviana. Mas fornecem-nos, igualmente, a imagem de uma agricultura variada e florescente: oliveiras, leguminosas, árvores frutíferas, gado miúdo (Étienne,1971:180; Jashemsky,1979:321-322) e, com toda certeza, trigo (ao menos para o consumo local). A própria Pompéia, provavelmente o maior centro urbano da região, era uma cidade portuária, com uma extensa rede de lojas e serviços e uma considerável produção artesanal, que atendia ao mercado local (do centro urbano e do território agrícola) e à exportação (6). Embora menos do que na costa setentrional do Golfo (cf. D'Arms,1970:43-52), esta também era uma região de veraneio, onde membros da aristocracia romana e de outras cidades da Itália possuíam, já durante a República, mansões para estadias sazonais (7) - uma característica que deve ter se acentuado após a construção das grandes *villae* imperiais mais ao sul, em Sorrento e na ilha de Capri (Maiuri,1938:113-142; De Caro & Greco,1981:102-117). Podemos

5) Nos estratos Júlio-Claudianos das sondagens das Terme del Nuotatore, em Óstia, que refletem em parte o consumo do mercado romano, os recipientes pompeianos correspondem a cerca de 30% do total de ânforas descobertas (Pannella,1984:76). Mesmo em regiões distantes do Império, como a recém-conquistada Bretanha, as ânforas pompeianas aparecem com percentuais bastante elevados (14,72% em Sheepen, no período Júlio-Claúdio, ou seja, quase metade do total de ânforas itálicas, cf. Sealey,1985:136).

6) A existência de um porto em Pompéia (Sogliano,1901:423-440) é um fato pouco ressaltado pela bibliografia. Trata-se, não obstante, de um dado fundamental: algumas características da cidade, como a grande quantidade de bares, hotéis e bordéis e a difusa presença de determinadas lojas e serviços (como grandes padarias) só podem ser plenamente compreendidas se imaginarmos a presença de uma considerável população flutuante. Devemos atentar, igualmente, para possíveis peculiaridades no investimento agrícola da região. Aqui, como em outras cidades portuárias (para Puteoli, veja-se D'Arms,1974), capitais mercantis e agrícolas deviam ser mais unidos e integrados do que alhures (D'Arms,1981:83), com possíveis reflexos nos padrões de residência e de gestão. Indício disto é a grande presença de libertos nos edifícios rurais (se como gestores ou proprietários, é impossível dizer) e nas inscrições antônicas (Day,1932:178-179; Day, como Carrington considera os libertos, quase sempre, como proprietários; para uma crítica à posição de ambos, cf. Lepore,1950:156-158 e nota 78).

7) O exemplo mais conhecido, embora não único, é Cícero, que possuía uma residência em Pompéia, frequentemente mencionada em sua correspondência (e.g. Ad Att.,II,1,11; ad Q.fr.,II,8) - Cícero recebia aí visitas de amigos, homines municipales, ou seja, das aristocracias não romanas. Em todo caso, parece ter-se tratado de uma propriedade, aos olhos de Cícero, relativamente remota, cf. Kuzischin,1984:91-2).

## Pompéia

imaginar, desta forma, como suporte para a estrutura agrária dessa ampla região, uma grande variedade de situações sociais entre os proprietários de edifícios e de terras: nobreza local e externa, *ingenui* e libertos, grandes e médios proprietários, inefáveis pequenos camponeses, por fim, que talvez possamos reconhecer em certas inscrições de Pompéia, como as que mencionam os *vindemiatores* (CIL,IV:6672), num limite que escapa ao alcance da documentação arqueológica (8). Diversidade de proprietários e de produção, de modos de residência e de gestão, são o pano de fundo contra o qual devemos investigar os edifícios rurais escavados na área vesuviana.

Este material constitui, portanto, um grande laboratório, onde podemos encontrar edifícios distintos convivendo num mesmo território e num mesmo tempo, observar como os edifícios maiores reagiam às modas supra-regionais e o que mantinham de local, perscrutar sua influência sobre os edifícios de melhor porte e investigar, enfim, se estes últimos seguiam modelos específicos. Nestes edifícios, além disso, mais do que em qualquer outro sítio rural romano, é possível estudar com algum detalhe a relação entre espaços e objetos e ter acesso a realidades muito fugidias, como os segundos andares. Esta documentação não deixa, no entanto, de apresentar peculiares dificuldades. Já nos referimos, anteriormente, às características da documentação que possuímos e ao modo de sua produção, que resultou em publicações bastante deficientes, plantas sumárias, descrições sucintas e incompletas das estruturas e dos achados, descaso pela história dos sítios escavados etc. Mas há outros problemas, bem mais sutis.

O ponto de contemporaneidade que une os edifícios é, obviamente, a erupção do Vesúvio. Esta, por assim dizer, congelou o "estado de coisas" tal como se apresentava em 79 d.C.. A despeito deste ponto comum, no entanto, os edifícios

8) Na medida em os edifícios rurais são nosso único índice da presença de uma propriedade rural, os terrenos cultivados diretamente das cidades, como eram, provavelmente, os mais próximos aos núcleos urbanos, não deixaram qualquer traço de si. Nossa possibilidade de encontrar eventuais *horti* de pequenos camponeses é, portanto, praticamente nula, ao menos com os métodos de escavação habitualmente empregados na região.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

possuíam diferentes espessuras temporais: alguns eram ainda recentes, outros muito antigos, carregando consigo as marcas de sua construção original e das sucessivas reformas, como um "peso morto". Como comparar um edifício erguido à época de Augusto com uma construção pré-sullana? A própria idéia de "congelamento" é, na verdade, apenas relativa, sobretudo no que diz respeito aos achados móveis. A erupção, na verdade, colheu uma região em fuga: em Herculano, como em Pompéia (embora menos), os habitantes tiveram tempo de recolher certos bens e de tentar escapar. Não podemos, assim, calcular o número de habitantes de um edifício pelos corpos aí encontrados, nem avaliar o quanto objetos e pessoas se deslocaram de e para os edifícios. Outro fator, no entanto, prejudica de modo ainda mais grave nosso entendimento do sentido e da função desses edifícios. A região, como em geral toda a costa do Golfo, sentira fortemente os efeitos do terremoto de 62 d.C., transformando centros urbanos, como Pompéia, em vastos canteiros de obras, alterando a composição da população, os usos dos edifícios, a estrutura da propriedade urbana e rural (Andreau, 1973). A reconstrução perdurava ainda à época da erupção, dezessete anos após, e inúmeros edifícios rurais dão mostras de que passavam por reformas, não havendo ainda voltado a seu funcionamento "normal" (9). A própria riqueza do material documental, por fim, torna mais prementes e angustiosas certas interrogações que são comuns a outros sítios: não podemos determinar, com certeza, o significado de cada edifício enquanto unidade habitacional e produtiva, não conhecemos os limites, e muito menos a forma física, das propriedades rurais, nem podemos excluir, a priori, que certos edifícios, muitas vezes contíguos, fossem complementares em suas funções.\*

A despeito do excelente estado de conservação da maioria dos sítios rurais da região, o tipo de soterramento provocado pela erupção de 79 d.C. e as

9) Como veremos adiante, grandes edifícios, como os de Villa del Misteri e Oplontis, passavam por reformas à época da erupção e, ao que parece, não estavam sendo habitados. O mesmo se observa em construções menores, como em R-13 (figs. 139-140), na qual o segundo andar estava sendo refeito e que, provavelmente, abrigava a mobília de outro edifício contíguo em reforma. É o que indica a grande quantidade de portas descobertas no galpão S ou a presença de grandes banheiras de bronze no pátio que não encontram lugar na estrutura do edifício.



## Pompéia

circunstâncias em que os sítios foram redescobertos e escavados dificultam a compreensão da distribuição dos edifícios em época romana. Estes se encontram, via de regra, a vários metros de profundidade, sob a camada de humus atual, e a consequente impossibilidade de identificar os vestígios pelos restos de superfície impede a realização de levantamentos sistemáticos. Os sítios conhecidos, desta forma, o são sobretudo em virtude do acaso e da atividade de exploradores particulares que, entre o final do século passado e o início deste, exploraram o subsolo da região, à procura de supostos "tesouros" ou escavando minas de lapilli, uma pedra porosa originária da erupção e empregada como material de construção. Os mapas de distribuição disponíveis (Carrington, 1931; Casale & Bianco, 1979; Poel, 1981), desta forma, não são plenamente confiáveis, mormente no que se refere aos seus espaços em branco - uma lacuna pode significar, de modo igualmente válido, tanto a ausência de vestígios, quanto, simplesmente, sua não identificação. As condições de soterramento, além disso, diferiram de área para área dentro desta região. Na costa ao norte, próximo à antiga Herculano, os sítios foram recobertos por uma espessa camada de lava, oferecendo uma notável dificuldade à escavação. No território pompeiano, diferentemente, a zona entre as atuais Boscoreca e Resina foi recoberta por nuvens de cinza e pedra pome (os lapilli) que não apenas tornaram a recuperação mais fácil, mas a estimularam mesmo, como vimos, em certos períodos. Isto poderia explicar a grande concentração de edifícios identificados ao norte da antiga cidade. Já os sítios de vale, que se estendiam ao longo do rio Sarno, ainda no território de Pompéia, nem sempre foram recobertos totalmente, permanecendo visíveis e expostos à espoliação e à ação dos agentes atmosféricos, enquanto a presença de infiltrações no subsolo dificultou e,

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

sobretudo, desencorajou as atividades exploratórias na área - o que pode ter-se refletido no pequeno número de edifícios identificados a oeste e sul da antiga cidade (10).

Reconhecidas essas dificuldades, o material disponível nos permite, ainda assim, discernir algumas características interessantes. A primeira delas diz respeito à grande densidade de sítios, ao menos em determinadas regiões, onde edifícios contíguos chegam a se tocar (como na *villa* de Arianna, em Stabia, fig. 151) ou se encontram, em todo caso, a pequena distância uns dos outros. Ao norte de Pompéia, por exemplo, numa região bastante explorada pelos escavadores, a média de distância entre os sítios mais próximos é de menos de 500 metros (fig. 127). Uma tal densidade de sítios não implica, necessariamente, num fracionamento correspondente da propriedade rural embora, é verdade, o sugira. É possível que lotes distintos de um mesmo proprietário tivessem suas próprias sedes de exploração separadas, assim como não se pode excluir que edifícios mais ou menos próximos fossem complementares, como partes de uma mesma exploração (sobretudo entre os edifícios mais especializados). Day (1932:184-186) também defendia a idéia de uma propriedade rural difusa e fragmentada, mas partindo de outra premissa, baseando-se no tamanho dos pátios, lagares e depósitos para vinho e azeite. Tomando como ponto de partida a *villa*

---

10) Num livro recente (1991:112-123), Jongman interpreta a raridade dos achados nesta área como prova da presença de pequenos camponeses nas terras mais baixas do vale, sem levar em conta as dificuldades muito particulares que o subsolo apresenta para sua escavação. Jongman parte de uma premissa, em si, basicamente verdadeira: a de que os sítios de menor porte tendem a ser subrepresentados em qualquer amostragem, com a correspondente super-representação dos sítios grandes (1991:121). Daí conclui que a raridade de sítios grandes (que identifica com os "edifícios" em geral), a sul e a oeste da cidade, é uma prova da predominância de sítios pequenos na área (já que os sítios maiores "deveriam" aparecer no registro arqueológico). Seu raciocínio, no entanto, pressupõe uma cobertura uniforme dos vestígios (o que não é o caso), e ignora os desvios provocados pela variação na intencionalidade e na capacidade técnica dos diferentes escavadores. Não se pode, como pretende Jongman (1991:120), comparar os mapas de distribuição que possuímos com os resultantes de um "levantamento extensivo". Jongman confunde, acima de tudo, edifício com propriedade rural: a ausência de construções poderia indicar também, como sabemos, o exato oposto: a existência de grandes propriedades!

## Pompéia

R-13 (11) (figs. 139-140), melhor documentada, com seus dois torculares e um depósito de dolia com capacidade para 750 hectolitros - Day estimava propriedades médias em torno de 90 a 100 iugera (cerca de 25 hectares), com as maiores atingindo entre 200 e 300 iugera (50 a 75 hectares) (12). Tal reconstrução pressupunha que os vinhedos fossem o cultivo principal de todas as propriedades rurais (pois era a base do cálculo) e não abrangia nem previa edifícios, mesmo grandes, em que dolia e torculares fossem menores ou estivessem ausentes. Não parece, no entanto, haver qualquer correspondência necessária entre o tamanho dos equipamentos produtivos e as dimensões dos edifícios que os continham: os maiores torculares identificados, e a maior cella uinaria, eram precisamente os da villa R-13 que, com seus 1.000 m<sup>2</sup>, não passava de uma construção de porte médio (Day, 1932:200, Table A). É possível, por exemplo, que a produção vinícola deste sítio fosse proporcionalmente maior que a de outros sítios de grandes dimensões, que também possuíam seus depósitos e prensas (13). Pode ser, do mesmo modo, que alguns edifícios efetuassem a prensagem para mais de uma propriedade rural, assim como uma cella uinaria poderia abrigar a produção de uma única colheita, ou de vindimas sucessivas (como previa, aliás, Catão, RR,3,2 (V): dolia multa uti iubeat caritatem expectare). A idéia de uma propriedade

11) Na referência aos sítios seguimos a numeração adotada por Rostovtzeff em suas relações das villae da região (1933:71, nota 26), por se tratar de uma prática consagrada e pela comodidade que isto representa.

12) A base do cálculo é a seguinte: assumindo-se uma produção de três cullei por iugerum, a villa de Boscoreale teria 58 iugera sob vinhedos, seguindo as estimativas de Columella (IV,30), aos quais se somariam 1/3 iugera para cultivos suplementares à vinha (como canas e salgueiros) e outros 34 iugera para as demais plantações, como olivais ou searas.

13) São menores que em R-13 as salas de prensagem de grandes edifícios como os de Villa dei Misteri (fig. 145, amb. 48-49), da chamada Villa de Fannius Synistor (R-16, fig. 149, amb. 24) ou de um edifício rural descoberto no vale do Sarno, em Gragnano (R-34, fig. 153, amb. 28). Daí não resulta, no entanto, que as propriedades capitaneadas por estes edifícios fossem comparativamente menores. O contrário é, aliás, bem mais provável.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

rural fragmentada, deste modo, possui um caráter mais impressionístico do que efetivamente documental e talvez não possamos mesmo ir além deste ponto.

### As Grandes Villae

Deixemos de lado estas questões irrespondíveis e concentremo-nos na distribuição dos achados, tal como os conhecemos atualmente. Vimos como, já no século II a.C., e ao lado de construções rurais com características mais simples, edifícios com forma urbana surgiram ao redor de Pompéia, à pouca distância das muralhas (Villas dei Misteri, fig. 144, de Diomede, fig. 146 e outras), como que representando uma expansão do núcleo urbano para os campos, que talvez possamos associar ao enriquecimento da aristocracia local (Lepore, 1979:489-490). No curso do século I a.C., tais edifícios passaram por modificações bastante profundas, cujo desenvolvimento podemos acompanhar através de Villa dei Misteri (fig. 145) (14). A cronologia das reformas por que passou o edifício é, na verdade, ainda incerta, e as indicações de Maiuri (1930) são, por vezes, confusas. Um momento crucial na vida do edifício parece ter ocorrido por volta dos anos 60 a.C. quando, à semelhança de outras grandes residências da região (15), a parte senhorial foi inteiramente redecorada com novas

14) A documentação sobre as Villas de Diomede e de Cícero, escavadas pelos Bourbons no século XVIII, é bastante escassa, sobretudo para a última. Sobre a Villa de Diomede, veja-se Mau, 1900:350-355 e Vos, 1982:243-245.

15) Como a Casa del Fauno (fig. 131) e a casa del Criptoportico (fig. 137), em Pompéia, cu, no meio rural, a Villa de Diomede (fig. 146), aquela de P. Fannius Synistor (R-16, fig. 149), a de Tiberius Claudius Eutichus (R-31, fig. 147) e o edifício de "Opiontis" em Torre Annunziata (fig. 150), todos com uma decoração parietal muito semelhante. A decoração parietal é, precisamente, o elemento datante que nos permite associar estes edifícios, todos decorados, ou re-decorados, no segundo estilo pompeiano, fase I, antes portanto de sua etapa mais madura, que se inicia por volta de 50 a.C. Há uma grande indefinição na cronologia interna a esta primeira fase, e o esquema tradicional de Beyen (1939), que a subdividia em subfases a, b e c foi recentemente contestado por Bartel (1985:37), com argumentos convincentes. A despeito desses problemas, há uma certa unanimidade em se associar as pinturas dos edifícios acima citados, que devem ter sido realizadas num arco de tempo próximo, talvez mesmo por volta dos anos 40 a.C., como propõem Mielsch (veja Bartel, 1985:37) e Andreae

## Pompeia

pinturas nas paredes, de excelente nível técnico e artístico. A esta fase correspondeu uma alteração radical dos ambientes internos e, sobretudo, da função do átrio, em consonância com as tendências que observamos no capítulo anterior. A planta que apresentamos representa a última fase do edifício e nem sempre é possível reconhecer, com a necessária clareza, o estado da construção à época do II estilo. Os ambientes 1, 9, 10, 25 e todo o setor oriental são, por exemplo, certamente posteriores. Mais do que a técnica construtiva, é a própria pintura nosso melhor guia para as reformas deste período (16). Antes de ser redecorado, o átrio viu serem fechadas oito de sua treze portas originais (os batentes permaneceram, pintados como falsas portas), tornando-se um amplo corredor de ligação entre o peristílio e o jardim aos fundos. Os ambientes de habitação voltaram-se plenamente para o peristílio, onde alguns aposentos foram decorados no II estilo (28-30, 31-32), e para os pórticos laterais (P1-P4). Simultaneamente, observou-se uma reordenação dos espaços internos, que se subdividiram em aposentos menores (3-4, 7-8, 11-15, 16-18, 19-21, 28-30) e se organizaram em apartamentos distintos, com o setor de recepção concentrado, de modo claro, na ala sudocidental (salas 5 e 6). É possível que date desta época a transformação do átrio em tetrastilo e a construção de um piso superior sobre esta área, mas o grande desenvolvimento dos segundos andares se dará, ao que parece, nos decênios seguintes. Um problema cronológico particular diz respeito à instalação, na área do peristílio, de uma sala de prensas (48-49) onde antes Maiuri supusera um triclinio, e de uma cella urinária, que não foi escavada (17). Maiuri data tal

---

(1975:83 e nota 49) - este último, para mencionar um caso que nos diz respeito, data a decoração do grande *caecus* H da villa de Synistor nos anos 50-40 a.C. ou mesmo 30 a.C. (1975:83 e nota 49), pois a associa às pinturas da "Sala das Máscaras" da Casa de Augusto, sobre o Palatino (que é, provavelmente, posterior a 30 a.C., cf. Coarelli, 1985:133; Vos, 1985.1:81). Parece-nos mais provável, no entanto, uma datação mais alta, em cerca de 60 a.C., como supõem De Franciscis (1975), Bartel (1985:37-40) e Vos (1985.1:80).

16) A pintura parietal nos fornece uma cronologia relativa e um *terminus ante quem* para as estruturas que recobre. No caso em questão, assumimos que certas alterações estruturais, como o fechamento das portas do átrio (recobertas por pinturas do II estilo), sejam contemporâneas à decoração parietal, embora, a rigor, pudessem derivar de uma reforma anterior.

17) A existência de uma cella urinária a norte do edifício é indicada pela presença de alguns *dolia* enterrados, ainda visíveis no sítio e cujo limite ocidental pode ser reconhecido num braço de muro,

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

transformação em época imperial, por analogia com o que considera uma "rusticização" das habitações senhoriais em Pompéia após o terremoto (1931:103), mas não agrega elementos estruturais à sua argumentação e não seria de todo impossível associá-la à reforma do II estilo. Mas a comparação com edifícios análogos, como veremos, sugere que a data mais provável de sua instalação deva situar-se à época de Augusto.

No mesmo período em que Villa dei Misteri estava sendo reformada, edifícios semelhantes parecem ter-se multiplicado na região, mas a uma distância maior dos centros urbanos, sobretudo ao longo da costa. Grandes edifícios como a Villa de Arianna (figs. 151 e 152) e a Villa de São Marcos (figs. 154 e 155), ambos em Stabia, o edifício de Oplontis, escavado recentemente em Torre Annunziata (fig. 150), ou a Villa dei Papii (fig. 156), nas proximidades de Herculano, tinham em comum o fato de fundarem sua planimetria no antigo esquema com átrio, tablino, peristílio e atríolo, associando-se a uma linhagem que se iniciara, no meio rural, com Villa dei Misteri. Mas não se adequaram servilmente ao modelo: todos dão mostras de terem sofrido influências do movimento mais geral que redefinia a função do átrio e refocalizava a estrutura das construções para o peristílio ou para o exterior. Tratando-se de edifícios construídos *ex-novo*, podemos observar o curso das novas tendências de modo ainda mais claro do que nas construções apenas reformadas. Destes sítios, apenas o de Torre Annunziata foi escavado neste século e é o único para o qual dispomos de informações mais detalhadas sobre as estruturas e sua cronologia. É possível, no entanto, que estes edifícios tenham evoluído de modo paralelo, dada sua base estrutural comum, e utilizaremos os dados de Torre Annunziata como nosso guia, para acompanharmos a origem e a evolução dessas construções.

O sítio de Torre Annunziata localiza-se próximo à costa, três milhas ao norte de Pompéia e a sete milhas de Herculano, numa região que se supõe corresponder à antiga localidade de Oplontis (fig. 150) (De Franciscis, 1982:907-909)

---

com pequenas aberturas laterais, no qual se apoiava a escada S<sup>2</sup>. É possível, portanto, que a parte rústica do edifício prosseguisse na face setentrional, ao menos por uma certa extensão.

## Pompéia

(18). A construção original do edifício, em obra incerta com raros trechos de pseudo-reticulado, pode ser colocada no final da primeira metade do I a.C., pois os ambientes principais, como o átrio e alguns aposentos da ala ocidental, foram decorados com pinturas parietais e mosaicos geométricos típicos de uma fase intermediária do segundo estilo (De Franciscis, 1982:922; Vos, 1985, I, 1:80) (19). A planta que apresentamos corresponde, naturalmente, à última fase de vida do edifício, incorporando as reformas do início do Principado, quando foi erguido o setor oriental do edifício (ambientes 53 a 92), ao mesmo tempo em que se construíram os pórticos externos, se ampliou a grande sala 21 e se reestruturou o complexo terminal na área do atríolo (8, 17-18) (De Franciscis, 1973:458). À parte estas alterações, no entanto, a construção preservou, até o fim, as características do núcleo original, sobre as quais nos deteremos agora (20).

O edifício de Torre Annunziata parece, à primeira vista, adotar os elementos básicos da arquitetura urbana tradicional: átrio (5) e tablino (4) no mesmo eixo, um atríolo tetrastilo (16) e um peristílio (32). O modo como tais ambientes se combinam, no entanto, é profundamente diverso e a própria concepção da casa como uma estrutura axial aparece irremediavelmente transmutada, de um modo mais radical que em Villa dei Misteri. A despeito de sua imponência e de sua rica decoração, o átrio não era, visivelmente, o centro organizador da construção. Esta não se desenvolvia em profundidade, mas lateralmente. O edifício parecia, com efeito, cindido em duas metades distintas, com o setor senhorial em torno do atríolo e a ala de serviços ao redor do peristílio (o contrário de Villa dei Misteri!), separados por um eixo central, orientado no sentido norte-sul. Este era formado pela sequência de cinco ambientes distintos: o vestíbulo (não escavado), o átrio, o tablino, um pequeno jardim interno,

18) O sítio ainda não foi completamente escavado e não há uma publicação definitiva dos achados. Para relatos parciais, que documentam o avanço progressivo das escavações, veja-se, De Franciscis, 1973:1975; 1982; Jasheinsky, 1979; Vos, 1984:250-254.

19) A decoração do átrio, como vimos, é muito semelhante à de Villa dei Misteri e, em particular à da villa de P. Fannius Synistor (De Franciscis, 1982:918 supõe tratar-se da mesma oficina de pintores).

20) A área escavada, correspondente a este núcleo inicial, mede cerca de 60 metros no sentido leste-oeste e 50 metros naquele norte-sul.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

cercado por uma baixa mureta (20), e uma êxedra aberta para o jardim externo. A sucessão desses aposentos altos e amplos compunha um eixo mais ótico do que propriamente estruturante, unindo, de modo imediato, o vestíbulo de entrada ao jardim aos fundos e à vista da costa (21). O caráter visual do eixo era reforçado pela alternância entre espaços descobertos (5 e 20) e cobertos (4 e 21) e por certos elementos arquitetônicos que conferiam unidade ao conjunto: colunas pintadas nas paredes do átrio, duas colunas entre 4 e 20, meias colunas inseridas nos muros do jardim 20 e, após a reforma augusteana, um propileu na fachada de 21, enquadrando a visão do golfo. Nenhum ambiente importante se abria para este setor, que atuava como um monumental acesso às alas laterais (por meio dos corredores 1 e 9) e ao jardim (através de dois longos corredores, 3 e 6) (22).

A principal consequência desta singular disposição do eixo central foi a separação e o isolamento do setor senhorial daquele destinado aos serviços, embora ambos tenham permanecido no interior de um mesmo bloco. Como em S. Rocco, a cozinha (7) encontrava-se no interior da ala habitacional, servindo ainda como fonte de calor para o complexo termal, aquecido por um complexo sistema de tubulações subterrâneas e paredes ocas (23). A escavação parcial deste setor dificulta-nos

21) Mielsch "Die Hauptachse des Gebäudes ist also viel konsequenter als in der Mysterienville als durchgängige Blickachse konstruiert und nach aussen hin gerichtet" (1987:53).

22) A escassez de portas é uma das características dos átrios construídos neste período, como veremos, e corresponde, nos novos edifícios, ao fechamento das portas dos átrios mais antigos, como o de Villa del Misteri. Em muitos desses edifícios, no entanto, se não em todos, a antiga centralidade e imponência do átrio era revivida pela presença de portas falsas pintadas, como as que vimos no átrio de Settelinestre, e que apareciam, igualmente, naqueles de Oplontis (Barbet, 1985:72-73), Villa del Misteri, Villa del Papiri (Vos, 1985, I, 1:85) e em R-16. Tais portas eram um dos traços mais característicos do segundo estilo.

23) Salas de banho, aquecidas por fogareiros portáteis, eram já uma característica das uillae mais ricas desde o século II a.C., como vimos em Villa del Misteri e como nos confirma Sêneca, em sua descrição da uilla de Cipião (Epist., LXXXVI.4). No curso do século seguinte, os banhos se tornaram mais sofisticados, com a invenção de um sistema de aquecimento central por meio de paredes e pavimentos ocas, modulando-se em ambientes especializados (vestuário, banho frio, banho quente, sauna) e se difundiram no meio urbano, sobretudo na região campana. A arquitetura privada das camadas superiores, tanto urbana como rural, parece ter acompanhado precocemente esta difusão, como mostram as termas decoradas em II estilo na Casa del Menandro ou naquela do Criptoportico, em Pompéia, (figs. 133 e 135, amps. 23-24), ou estas de Oplontis, que apareceram à época da reforma augusteana do edifício. Em Settefinestre, como vimos, não havia ainda aquecimento central.



## Pompéia

compreender sua organização interna, mas é possível observar como certos aposentos de habitação, como os cubicula 11 e 12, o triclinium 14 e o grande salão 15, abriam-se diretamente para o pórtico externo (13), que emoldurava a fachada e atraía para si os ambientes senhoriais - um fato claramente demonstrado pela extensão dos espaços senhoriais por toda a fachada (cubicula 23, 24, 26 e 27, todos voltados para o pórtico e decorados com pinturas parietais).

Não há vestígios seguros de que o edifício possuísse, já em sua primeira fase de vida, equipamentos produtivos, como prensas e depósitos, mas o setor ocidental deixa entrever uma mão-de-obra relativamente numerosa e uma certa complexidade de funções. Em torno do peristílio, com efeito, estendia-se uma série de aposentos de formas e disposições muito variadas, entre os quais se destacavam um grande larário, colocado aos fundos da sala 27, uma ampla latrina em U (48), um depósito (35), além de algumas duplas de cubicula que talvez possamos interpretar como apartamentos (29-30, 25-26, 38-41, talvez para segmentos da mão-de-obra). Uma escada (42) conduzia a um segundo andar, que não foi preservado, mas que, por sua posição, devia consistir em aposentos simples, enquanto outra levava a espaços subterrâneos que não foram explorados pelos escavadores.

Por volta do início do Principado, talvez pouco após a construção de Settefinestre, o núcleo original passou por reformas e uma nova ala foi construída no lado oriental, utilizando-se como técnica murária a obra reticulada, com quinas em tijolos cozidos (De Franciscis, 1975:10), e como decoração pinturas parietais do III estilo. O complexo termal foi reestruturado, assumindo sua forma definitiva, composta de quatro ambientes (31, 18, 17 e 8), um dos quais (8), construído com piso e paredes ocas, para a circulação do ar quente produzido pelo forno da cozinha. Construíram-se os pórticos externos da fachada norte, ou parte deles (De Franciscis, 1975:10, que não fornece uma indicação mais precisa), ampliou-se o grande salão 21, destacando-se na fachada setentrional por meio de um propileu, que passou a penetrar na área do

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

jardim. Um novo grupo de aposentos, destacados do bloco central, foi então construído a leste, correndo perpendicularmente em direção ao litoral. Apesar de apenas parcialmente escavada, é possível reconhecer, nesta longa ala que se estendia a nordeste, uma série de ambientes de "soggiorno" senhorial, finamente decorados e dispostos simetricamente em torno de um amplo oecus distilo (69). Essa ala era ladeada por dois pórticos colonados, um deles aberto para o jardim e o outro (60) para uma vasta piscina, rodeada por estátuas. Na extremidade meridional da piscina uma série de ambientes fazia a ligação com o pórtico da fachada. Alguns eram ambientes senhoriais, como o oecus absidado (78), aberto para um terraço e com uma fonte ao centro (92). Outros não, como o lugar de 82-84, na face sul deste braço, que não pôde ser escavado por inteiro. É a primeira atestação segura da execução de tarefas produtivas no interior do edifício (24). Unindo esta nova ala ao setor do peristílio, por fim, dois novos elementos foram construídos: um longo corredor porticado, com três braços e sem aberturas (40), que passou a compor a fachada frontal do edifício, e um corredor interno, fechado, em comunicação direta com o peristílio. As fachadas opostas, setentrional e meridional, adquiriram assim um caráter monumental e pleno de movimento, cujo perfil colonado, marcado pelo jogo de suas reentrâncias e saliências, De Franciscis associou às representações frontais de edifícios à beira mar que aparecem, por esta mesma época, nos quadros paisagísticos do III estilo (1982:914-915), onde era comum a representação da porticus triplex.

Edifícios com planimetria semelhante, e cuja história edificativa apresenta notáveis paralelismos com Oplontis, foram escavados, em época borbônica, nos arredores de Herculano, ao norte, e na região de Castellamare de Stabia, ao sul de Pompéia. Nesta última localidade, com efeito, erguera-se a antiga cidade de Stabiae,

24) À época da erupção, a parte senhorial da construção passava por reformas e encontrava-se, aparentemente, desabitada. Nos ambientes ao redor do peristílio, no entanto, encontraram-se numerosos instrumentos agrícolas, mostrando que as atividades produtivas eram parte ativa da vida do edifício e que atuavam, por assim dizer, de modo independente do setor senhorial. Deve-se notar, no entanto, que o torcular estava em desuso, em 79 d.C. A data de sua implantação, por outro lado, pode talvez ajudar na determinação da cronologia daquele de Villa dei Misteri.

## Pompéia

destruída por Sula em 89 a.C. e que jamais recuperaria seu estatuto urbano - *in villas abijt*, diz Plínio (HN,III,9,70) (25). Foi ao sul da antiga cidade, sobre uma pequena elevação à beira-mar - a colina de Varano -, que surgiram a partir de então alguns edifícios suntuosos e panorâmicos, como as Villas de S. Marcos e de Arianna, ambas recentemente re-exploradas. A densidade de ocupação desta área (e daquelas vizinhas) pode ser avaliada pelo modo como alguns edifícios distintos se tocavam, sem solução de continuidade (fig. 154). Dezenas de edifícios foram, com efeito, identificados ou escavados na região, alguns deles bastante suntuosos. Sobre estes últimos, no entanto, que concentram nossa atenção no momento, só possuímos alguma documentação e, mesmo essa, escassa, no tocante aos dois sítios supra-citados, sobre os quais nos deteremos agora.

O núcleo original da Villa de Arianna (fig. 152) remonta à época do segundo estilo e talvez seja contemporâneo a Oplontis (Vos,1982:315). Adotava um esquema semelhante para a distribuição dos espaços internos, a partir daqueles à céu aberto: possuía um grande átrio toscânico impluviado (24), um atríolo tetrastilo (28) e um peristílio (16/20), cuja disposição parece canônica e que datavam, como um todo, da construção original (26). Conhecemos mal a história do edifício, escavado em época borbônica (Ruggiero, 1881:66-128), e a planta disponível retrata obviamente seu estado final, o quê dificulta em muito nossa compreensão de sua evolução no tempo. Não sabemos, por exemplo, se a concepção do átrio como um aposento fechado, um grande saguão sem comunicação com os demais ambientes, remontava ao projeto original (como em Oplontis), ou se surgira de uma adaptação posterior (como em Misterí), que poderíamos relacionar com a re-decoração, em III estilo, de suas paredes nas primeiras décadas do Principado. Alguns elementos são mais seguros: aproximadamente à época

25) A grande concentração de edifícios que notamos nas plantas borbônicas, sobretudo nas proximidades da Villa de S. Marcos, bem como o caráter, aparentemente, não-residencial de muitas dessas construções, sugere que o sítio de Stabiae continuou abrigando certas funções "urbanas", mesmo com a perda completa da autonomia municipal.

26) Isso é comprovado pela presença de pinturas em II estilo no ambiente 28 (na área do atríolo) e nos cubicula 44 e 45, de frente ao peristílio.

## Rufnas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

de Augusto, como indica a pintura parietal de III estilo, o edifício conheceu uma notável ampliação em direção à leste, talvez correspondendo a uma reestruturação do atríolo e do setor de banhos (sala absidada 26, contígua à cozinha 4). A extensão possuía características semelhantes às do braço oriental de Oplontis, com seus aposentos dispostos em série, abertos para um dos lados (ambientes I a F), sem relação orgânica com o corpo central. Como em Oplontis, do mesmo modo, os novos aposentos tinham um caráter senhorial, com pequenos grupos de apartamentos (1-2, 7-10, 11-12, E-F) alternando-se com ambientes maiores, de uso coletivo (triclínio 3, oecus A), mas todos voltados para a paisagem circundante por meio de diferentes aberturas: grandes janelas, poços de luz (I3 e D) e amplos ingressos voltados para o mar (3 e A) (27). Este pequeno braço oriental, delimitado por uma balaustrada da qual partia uma escada para o litoral, unia o antigo núcleo a uma palestra de grandes proporções (104 metros de comprimento e 81 metros de largura), circundada por um pórtico colunado (H) (28).

O setor do peristílio (16-20) que, na origem ao menos, abrigava aposentos decorados em II estilo (43-44,25,26), parece ter sido reconvertido para usos mais rústicos, a julgar pelo cepo de ferro encontrado em 15. O edifício se prolongava a sudoeste do grande peristílio, onde podemos reconhecer um pátio retangular (X), circundado por pequenos aposentos modulados e, mais além, um outro pátio irregular (D), recentemente escavado (Miniero,1987). Neste último exploraram-se apenas a fachada dos aposentos (cerca de dez) e descobriram-se vestígios de dois carros campestres (29). Deste pátio, por fim, partia uma via vicinal, sustentada por dois longos muros de contenção (A e B), que descia a colina. Não podemos datar o pátio X, mas o

27) Uma carta de Cícero a seu amigo M. Mário descreve, precisamente, o aposento "panorâmico" de um edifício stabiano, ainda na primeira metade do século I a C. (Ad Fam.,VII,1,1: *neque tamen dubito, quin tu ex illo cubiculo tuo ex quo tibi Stabianum perforando patelecisti scenam, per eos dies matutina tempora lectiunculis consumpseris*).

28) É possível que tal palestra, cuja construção parece ser anterior à do braço oriental do edifício, fizesse originalmente parte de uma construção vizinha, posteriormente anexada (Vos,1982:319).

29) Miniero identifica os aposentos deste pátio como estábulos ou aposentos para o pessoal doméstico, e não para escravos agricultores (Miniero,1987:177), apoiando-se na ausência de equipamentos agrícolas na *uilla*.

## Pompéia

pátio D, com seus muros em reticulado, pode talvez ser colocado à época de Augusto (Miniero,1987:177). Não foram encontrados equipamentos agrícolas de porte, como lagares ou depósitos (como observa Miniero,1987:177), mas devemos lembrar que a área escavada, embora extensa (13.700 m<sup>2</sup>, incluindo a palestra), revelou apenas uma parte do edifício.

A vizinha Villa de S. Marcos pode ser um pouco posterior (Vos,1982:322 a coloca à época de Augusto), mas apresenta um desenvolvimento semelhante (fig. 155). O edifício, apenas parcialmente explorado, localizava-se em uma área densamente construída que, pelo traçado ortogonal de suas ruas (uma das quais definia a fachada da uilla) e pela presença de possíveis edifícios públicos e de oficinas artesanais, parece distante de um ambiente propriamente rural (fig. 154). A construção de S. Marcos, no entanto, não se orientava pelo quadriculado viário e sim pela linha do litoral, e algumas de suas características permitem incluí-la no grupo de edifícios que estamos investigando. Também aqui o átrio (A, tetrastilo), embora preservasse sua grandiosidade e imponência (30), atuava apenas como um grande saguão de ingresso ao peristílio (B), que congregava os aposentos de serviço e, por meio de um corredor em L, aos grandes banhos (C). Toda a ênfase da construção, ao menos a partir de certo momento, voltou-se para o sistema termal e, sobretudo, para os longos pórticos laterais (D), que enquadravam internamente um jardim, uma grande piscina (E) e passeios cobertos (ambulacra) com vistas para o mar e para o próprio jardim. S. Marcos, sem dúvida, pela escavação parcial e pela precariedade da documentação, coloca difíceis problemas à sua interpretação, que permanece, *per force*, impressionista. Não é possível deixar de observar, no entanto, que em S. Marcos a tendência de abertura do edifício para fora se acentuava a um ponto quase paroxístico: o exterior se via englobado na edificação através de jardins e corredores emoldurados por extensas fileiras de colunas, por ousados pórticos em curvatura que não abrigavam ou

30) E a tradicional sacralidade de seu espaço, conferida por um grande larário que se abria na parede sudeste, adentrando o espaço da cozinha posta atrás.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

conduziam a qualquer ambiente devidamente circunscrito, mas a passeios cobertos e a vistas diferenciadas.

Nosso último exemplo localiza-se mais ao norte da costa, nas proximidades da antiga cidade de Herculano, também soterrada pela erupção de 79 d.C.: a famosa "Villa dei Papiri" (fig. 156), explorada no século XVIII por meio de túneis subterrâneos (os *cuniculi*) e depois novamente soterrada (Vos,1982:261-263). Trata-se de um edifício excepcional, por suas dimensões e, sobretudo, pelo fausto de sua decoração interna e de suas estátuas (muitas delas originais gregos). O edifício, que se encontrava a poucos metros de Herculano e do mar, postava-se sobre uma pequena elevação, alinhando-se com a faixa litorânea e estendendo-se até um pequeno belveder a oeste. Nosso conhecimento de sua história edificativa é bastante restrito, limitando-se à planta fornecida por Weber e a algumas descrições de seu diário (Maiuri,1946:73-79). A escavação, além disso, foi incompleta, mal tendo tocado no setor oriental, onde deviam se encontrar os ambientes de serviço e, quiça, aqueles rústicos. Nossas observações se limitam, portanto, à parte senhorial. O edifício era circundado, em sua frente meridional, por um amplo pórtico externo, para o qual se voltavam alguns ambientes de habitação, segundo um esquema que já nos é familiar. O átrio fora decorado com pinturas do II estilo e, como alhures, tampouco aqui era o centro da habitação e sim um amplo vestibulo de ingresso, em contato com o peristílio de fundo, onde se encontravam os espaços de representação: um suntuoso tablino em forma de êxedra, a biblioteca e um pequeno ambiente absidado. Na ala oriental talvez se localizasse um pequeno atrólio, que a planta preservada mal deixa entrever. Aqui, em todo caso, se encontraram os restos de um banho modesto. O edifício se estendia a ocidente por meio de um grande peristílio em forma de palestra (100 x 37 metros), cujo jardim rodeava uma imensa piscina central (66 x 7 metros) - dimensões que se comparam às de edifícios públicos (Maiuri,1946:78). Na área dos peristílios se descobriu uma "verdadeira galeria de obras de arte": estátuas, bustos, ermas e pequenas

## Pompéia

esculturas em mármore e bronze (Maiuri,1946:78), refletindo um nível de riqueza e de informação cultural bastante elevados por parte de seu proprietário. Não é possível, no entanto, determinar qual a planta original do edifício, nem datar as possíveis alterações ocorridas. O grande peristílio, em particular, pode ser um acréscimo augusteano e não devemos imaginar que a magnífica estatuária encontrada estivesse presente desde o começo (a coleção deve ter se constituído aos poucos).

Para estes grandes edifícios da região vesuviana é possível assim definir, à guisa de hipótese, dois momentos decisivos: o de sua construção, nos últimos decênios da primeira metade do século, e o de um amplo movimento de reformas e ampliação, que pode ser colocado nas décadas iniciais do Império. As reformas, que ocorreram também no setor produtivo, mas que parecem ter enfatizado aquele senhorial, refletem a influência das *villae* marítimas e correspondem, sobretudo nos longos braços retilíneos, a novas funções habitativas, à criação de novos espaços que não correspondiam mais à antiga tríade funcional - repousar, alimentar-se e receber (31). Os edifícios mais suntuosos, na região vesuviana e em parte da Itália central, se enriqueceram com uma série de novos ambientes, apropriados da arquitetura pública urbana, onde eram de uso coletivo, e inseridos no âmbito da vida e da propriedade privadas: ginásios, palestras, piscinas, passeios protegidos por longos pórticos (*ambulacra*) e termas ganharam espaço na arquitetura privada, sobretudo no meio extra-urbano (32), ao lado de bibliotecas (como a de *Villa dei Papiri*, cf. também Cícero, *de finibus*, III.7), pinacotecas (Varrão, *RR*, I, 2, 10; Cícero, *Ad Fam.*, VII, 1, 23), "galerias de arte" e, no século seguinte, hipódromos e teatros (Mielsch, 1987:145). E

31) Tríade que, na verdade, podia se subdividir em diferentes especializações, segundo seu caráter mais ou menos público (espaços para a família, para amigos íntimos ou hóspedes, para estranhos) ou mesmo segundo sua exposição aos agentes atmosféricos e ao sol (quartos e triclinios de inverno e verão, etc). cf. Vitruvius, VI, 4 e Columella, I, 6, 1-2..

32) Mesmo entre os grandes edifícios rurais, há toda uma graduação a considerar aqui: essa tendência podia se manifestar por meio de construções relativamente modestas, por exemplo através de pequenos pátios porticados, como o jardim colonado de Settifinestre (fig. 89,6), que podia servir como um pequeno *gymnasium* (Carandini, 1985, I:155-156).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

isso, como mostram os exemplos que estudamos acima, sem necessariamente abandonar suas funções rústicas.

Edifícios como os de Oplontis, Arianna e Villa dei Papiri preservavam, assim, na primeira metade do I a.C., o modelo tradicional de residência senhorial, mas adaptando-o às influências da época, gerando soluções variadas, embora uniformes em sua tendência geral. Um outro grupo de grandes edifícios parece ter surgido neste mesmo período, mas apresentando, desde o início, um esquema planimétrico distinto, que não fazia referência ao antigo modelo "urbano". Eram construções centradas em amplos espaços à céu aberto, normalmente quadrados, ladeados por pórticos colunados sob os quais se dispunham os demais aposentos. É o mesmo movimento que observamos alhures, em edifícios como S. Rocco, e que se alastrará depois para a arquitetura senhorial urbana. Em Pompéia, a edificação de grandes casas de fazenda centradas em pátios abertos e colunados parece ter se manifestado precocemente: as primeiras grandes construções rurais organizadas por pórticos ou peristílios foram aí, com efeito, contemporâneas às últimas residências rurais com átrio, cuja história acabamos de seguir. Os exemplos melhor conhecidos e documentados, as chamadas Villas de P. Fânio Synistor (R-16), de T. Cláudio Eutyches (R-31) e de Asellius (R-27) localizam-se todos no território agrícola ao norte de Pompéia, numa região densamente povoada por edifícios rurais e a considerável distância do mar. Vejamos como se diferenciavam e, também, como se relacionavam, com os grandes edifícios rurais com átrio.

Nosso primeiro exemplo é a chamada "uilla de P. Fânio Synistor" (R-16; fig. 149), escavada por particulares no final do século passado e parcialmente publicada por F. Barnabei (1901), após ter sido despojada de parte de sua decoração parietal (33).

33) Que se espalhou por vários museus estrangeiros. A publicação em livro da uilla de Synistor, fato excepcional na documentação, deveu-se aos trabalhos de uma comissão encarregada de avaliar as pinturas que decoravam os aposentos senhoriais (das quais uma parte fôra comprada pelo Metropolitan Museum de Nova Iorque). Há pouco espaço, portanto, para a descrição arquitetônica do edifício e, sobretudo, para suas partes rústicas, largamente ignoradas, tanto pelos escavadores, como pela publicação final (Barnabei, 1901:12).



## Pompeia

Conhecemos muito pouco da história do edifício, mas a refinada decoração parietal dos ambientes de luxo (sobretudo da grande sala H), muito bem conservada e de excelente qualidade, pertence à primeira fase do segundo estilo, com características que permitem colocar a construção original nos anos 60 do século I a.C. É o mesmo momento, vale lembrar, em que se construiu a grande villa de Oplontis, e em que se reformou a residência de Villa dei Misteri. O estilo pictórico das paredes destes três edifícios possuía, com efeito, inúmeros pontos de contato: megalografias (em R-16 e Misteri), perspectivas arquitetônicas, esquemas decorativos. De Francisca supõe mesmo, como vimos, que possam ser obra de um mesmo grupo de artesãos (sobretudo em Oplontis e R-16, cf. 1973:463-464; veja-se Vos, 1985, I, 1:80 e Bartet, 1985:40).

A descrição de Barnabei e a única planta que possuímos são de difícil interpretação e apresentam algumas dificuldades insuperáveis. Na ausência de dados mais detalhados sobre as técnicas construtivas empregadas e sobre a história da construção, devemos partir da planimetria final e caminhar à procura de indícios. Em 79 d.C., o edifício ocupava uma extensa área (a parte escavada mede cerca de 2.000 m<sup>2</sup>), subdividindo-se em duas alas (norte e sul), ambas organizadas em torno de pátios abertos e colunados (A e R), mas separadas por uma diferença de nível (a ala norte era 1,50 metro mais elevada). A ala setentrional, que concentrava os ambientes senhoriais, postava-se sobre uma plataforma parcialmente artificial: um setor subterrâneo estendia-se ao longo do muro oriental, com acesso por um alçapão localizado no corredor 12. Nada sabemos sobre esse subterrâneo, a não ser que aí se localizavam uma estrebria, quase certamente um forno (para aquecer os ambientes termais acima), além de alguns ambientes de serviço, em contato com um terraço inferior (Barnabei, 1901:12).

A habitação senhorial, acima, apresentava uma planta curiosa, disposta ao redor de um amplo peristílio que enquadrava um jardim central e media cerca de 500 m<sup>2</sup> (incluindo-se os corredores cobertos). Os aposentos de habitação senhorial se

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

dispunham todos ao fundo, apoiados contra o muro perimetral norte (ambientes F e N), aos lados de uma êxedra central (L), diretamente aberta para o peristílio (34). A decoração parietal uniforme, de segundo estilo, demonstra que tais ambientes preservaram sua disposição original, articulada em três apartamentos distintos, compostos por cubicula (M, I e F) e triclinia (N, H e G), com amplas janelas para o exterior (N e G) e para o jardim interno (H) e grandes aberturas em direção ao peristílio (compare-se com as poucas e pequenas portas do lado oriental). As diferenças de posição, dimensão e decoração indicam uma certa hierarquia entre os apartamentos, com a ênfase claramente colocada naquele central (I e H). Ao longo do muro perimetral leste, por outro lado, e sobre os aposentos subterrâneos, estendia-se uma série de pequenos ambientes, cujo centro era ocupado por um pequeno peristílio interno (15), decorado com um mosaico figurando as muralhas de uma cidade.

Talvez possamos reconhecer um pequeno cubículo com antecâmara em 16 e 17, a despeito da ausência de janelas. Ao seu redor, em todo caso, dispunham-se os espaços para banho: o pequeno peristílio era aquecido por meio de um piso suspenso e de tijolos ocios (35) e o sistema de aquecimento se estendia, provavelmente, para 19 e 18, todos sem janelas. Os ambientes 20 e 21, este último ocupado por um grande tanque circular, serviam para o banho frio. Não é possível datar a instalação do sistema de banhos e, embora seja plausível que ambientes para banho existissem já na construção original, a disposição descontínua dos aposentos e a assimetria do pequeno peristílio, com suas colunas encostadas na parede sul, sugerem que se trata de uma reforma posterior. Ao sul do pequeno peristílio, por fim, um pequeno corredor conduzia a aposentos mais simples, sem contato direto com E. Em 11 situava-se uma latrina e

34) A unidade da êxedra com a área do peristílio era reforçada por uma decoração parietal semelhante (Bartel, 1985:74).

35) É o único exemplo de um pequeno peristílio aquecido por suspensurae. Seria interessante poder determinar se a data de construção do peristílio é anterior ou concomitante à instalação do sistema de aquecimento.

## Pompéia

alguns pequenos cubicula (36), dentre os quais se destacava um apartamento (6-7), com ambientes intercomunicantes e com janelas para o corredor 12 e para o exterior.

A face ocidental do grande peristílio, que não possuía aposentos, era delimitada por um longo muro cego, com uma pequena abertura a sudoeste, dando talvez para um jardim ou pomar. A verdadeira entrada localizava-se ao sul, em contato com o terraço meridional A, mais baixo, de onde uma escadaria em cinco degraus conduzia a um amplo pórtico colunado (B), que abrigava um grande larário e as portas que davam acesso ao peristílio E, aos aposentos domésticos e àqueles subterrâneos. A posição cronológica deste ingresso monumental, bem como dos aposentos do pátio A, é bastante problemática e a publicação de Barnabei fornece-nos poucos detalhes significativos. Crova (1942:193) supõe que o ingresso em B e os ambientes em torno de A fossem produto de um projeto de reforma que teria deslocado a cozinha para 13 e 14, criado o pátio A e isolado os aposentos senhoriais da parte rústica. Alguns elementos parecem, com efeito, reforçar a idéia de que este setor passou por alterações. Se D e C, que atuavam como saguões de ingresso ao peristílio, eram certamente contemporâneos à construção original (decorados como foram num segundo estilo muito próximo ao de E e L), a disposição dos ambientes ao sul do peristílio parece ter sofrido modificações, sobretudo no bloco 1-3 (Barnabei, 1901:16 - o aposento 2, originalmente, abria-se para E) e no lugar 24, colocado ao nível do pátio A, onde podemos observar, inseridos no pavimento, remanescentes de colunas e pilares que, por sua posição, parecem anteriores à instalação das prensas e tanques (mas a quê corresponderiam na origem?).

Outro índice cronológico, este menos seguro, diz respeito à posição excêntrica de B com relação ao peristílio, por oposição ao perfeito alinhamento de L, E e D, o quê poderia sugerir um deslocamento do eixo original da entrada. Por fim, um pedaço de muro descoberto em 12 apresentava um trecho com paramento em

---

36) Nestes aposentos foi encontrada abundante mobília, como vasos de vidro e de cerâmica, ânforas, objetos domésticos, facas e foices vinícolas. Em 9, encontrou-se um candelabro de bronze e um arel de ouro (Barnabei, 1901:16, que não descreve os objetos).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

reticulado, sobre o qual se apoiava um tabuleta com a inscrição MARIO/STRUCTOR. Nada sabemos sobre as técnicas construtivas empregadas no restante do edifício e Carrington estende a utilização de reticulado à construção original (1931:127). A introdução tardia do reticulado na região de Pompéia (Maiuri,1931:40; Torelli,1980:145-145), à época de Augusto, sugere, no entanto, a possibilidade de que tal muro date de uma reforma posterior, talvez a mesma que deu origem ao ingresso B, ao pátio rústico A e à instalação do torcular 24 (37). Este último, que Barnabei pouco descreve, possuía uma estrutura complexa: podemos entrever a presença de duas ou três prensas (talvez para vinho e azeite), um moinho para azeitonas (trapeum), um grande tanque acessível por dois degraus, e um menor, murado e dividido em quatro secções - características que sugerem um data augusteana ou mesmo posterior. Ao sul do torcular estendia-se um muro no sentido leste-oeste, com estreitas janelas verticais, abertas ao longo da parede, indicando a presença de uma cella vinaria ou olearia (38).

Numa reconstrução hipotética da história do edifício, poderíamos imaginar que o núcleo original, em torno do peristílio E, foi construído por volta de 60 a.C., sendo posteriormente ampliado, ainda à época do II estilo (39), com a construção de um novo ingresso e o deslocamento das atividades rústicas e produtivas para um pátio à parte, colocado num nível mais baixo. O extremo isolamento dos aposentos senhoriais, na verdade, todos dispostos na ala setentrional - a mais fria -, não deixa de causar certa surpresa e parecem faltar ambientes mais gerais de representação, além dos triclinia associados a cubicula. Tal fato poderia sugerir uma utilização apenas sazonal destes espaços, por exemplo na primavera ou verão. Mas é possível, igualmente, que tal disposição se tenha originado da reforma que supusemos, pois Barnabei menciona a existência de um piso superior, colocado sobre os ambientes de

37) Segundo Barnabei, as colunas de A e B foram construídas com uma técnica semelhante, empregando tijolos alternados com tambores em reticulado (1901:12) o que sugere a contemporaneidade de sua construção e as associa ao muro no corredor 12.

38) Trata-se de um traço característico deste tipo de ambiente, como veremos mais abaixo.

39) Ou seja, antes de Augusto, como indica a decoração de B (Barnabei,1901:14).

## Pompéia

serviço (talvez de 5 a 10, mas o autor não precisa) e sobre B, que, pela sua "suntuosíssima" decoração, (da qual se preservou um único fragmento, 1901:18) deveria pertencer aos espaços senhoriais e, voltando-se para a face meridional, mais quente, poderia complementá-los. A ausência de qualquer planta impede-nos de ir além deste ponto, mas não seria demais sugerir que este segundo piso date, como o ingresso B, dessa hipotética reforma. Se aceitássemos essa reconstrução (que repousa, reconhecemos, sobre bases frágeis) tal reforma teria implicado, ao mesmo tempo, numa expansão das atividades produtivas (com a construção de um pátio próprio) e num maior isolamento do setor habitacional (40).

Os dados a nossa disposição não permitem, deste modo, recuperar a história do sítio se não de forma bastante hipotética. No entanto, quer se tenha formado em um só momento, ou se constituído aos poucos, o desdobramento do edifício em dois pátios com funções distintas remete a uma tendência, que já observamos em edifícios de outras regiões, para a segmentação do espaço construído em blocos articulados. Uma disposição semelhante aparece em outra grande construção rural pompeiana (c. 1500 m<sup>2</sup> na área escavada) (41), a chamada *villa* de Agrippa Póstumo, ou de Tib. Cl. Eutichus (R-31, fig. 147) cuja construção deve datar - se as pinturas forem um bom guia! - do período final do II estilo (60-30 a.C.) (Della Corte, 1922:459-478) (42). Situado em Boscotrecase, sobre uma colina com vista direta para o golfo (Della Corte, 1922:460), o edifício distava menos de dois quilômetros da costa e pouco mais que isso de Pompéia. A escavação, efetuada por particulares entre 1903 e 1905, foi apenas parcial e não sabemos como prosseguia a construção a oeste e a norte. Não possuímos, além disso, quaisquer dados sobre as técnicas construtivas ou sobre a história interna da construção, o que nos obriga a tratá-la como um todo

40) A adoção de sucessivos peristílios permite, não apenas que um bloco senhorial se isole e se feche, mas também que os próprios ambientes luxuosos se isolem uns dos outros.

41) Della Corte (1954:344) estima em cerca de 2.700m<sup>2</sup> a área total do edifício

42) O principal elemento datante é a decoração em II estilo do peristílio B que, segundo Della Corte (1954:344-5), é muito semelhante à decoração do peristílio da *villa* de Synistor, "al segno da potersi ritenere che in enrambe abbia lavorato la stessa maestranza di artisti decoratori".

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

"contemporâneo". Como na uilla de Synistor, o edifício se articulava em terraços dispostos em níveis diferentes. Aquele superior, onde se localizava o peristílio B e os aposentos de luxo, elevava-se quatro metros acima do pátio rústico A e do que parece ter sido um jardim cercado (C). Como em R-16 (mas também como em Settefinestre e Misteri) o ingresso principal localizava-se, aparentemente, na parte rústica, onde desembocava uma via vicinal, calçada com blocos poligonais de lava, que subia a colina até uma ampla porta de dois batentes, cuja soleira era composta por cinco blocos de lava a espaços regulares, para deixar passar as águas da chuva e as rodas dos carros.

O pátio A, com pavimento em terra batida, tinha a forma de um retângulo alongado (com c. 480 m<sup>2</sup>), com uma pequena área a céu aberto, no centro, delimitada por colunas e pilares unidos por uma mureta e com um grande tanque em d, para as águas pluviais (43). Junto ao alto muro que o separava de B, e sob a cobertura do telhamento, encontrava-se um grande balcão de cozinha (f), com três bocas retangulares e um forno circular para um caldeirão murado. Em g, um amplo armário continha grande quantidade de objetos de uso doméstico ou agrícola, além dos sinetes em bronze do último proprietário ou de seu agente (Tibério Cláudio Eutichus, liberto de César). Ao longo do muro oriental dispunha-se uma série de pequenos aposentos, em dois pisos sobrepostos, para os quais voltamos agora nossa atenção. Logo à entrada, os ambientes 1 e 2 formavam um apartamento à parte que, entre outras funções, exercia aquela de prisão, como se deduz do notável cepo de ferro encontrado em 1. Em 3 havia uma estrebaria com manjedoura, onde se encontraram adereços equinos. A partir daí, e ao longo do muro norte, seguia-se uma fileira de nove aposentos modulares, duplicados por um segundo andar (com escada em c), formando um conjunto de dezoito pequenos cubicula, com chão de terra batida e sem decoração. Não

43) Não é possível reconstruir o sistema de telhamento da área com as informações disponíveis, mas é pouco provável que o restante do terraço fosse totalmente coberto. A disposição dos pilares centrais deixa entrever um telhado à parte cobrindo a cozinha e o armário g; já o longo espaço entre os ambientes da fachada e os pilares centrais faz supor que este trecho permanecesse à céu aberto. Maiuri interpreta os buracos circulares em c como vestígios de estacas para a atrelagem de cavalos (1922:462), mas poderiam ter servido, também, para sustentar uma pequena cobertura.

## Pompéia

apenas suas dimensões eram as mesmas (cerca de 5,30 m<sup>2</sup>), mas todos possuíam uma janela ingrediente ao fundo, um nicho para lamparina e, no térreo, um pequeno fogareiro na entrada - eram, portanto, aposentos de habitação modulares, cuja associação com alojamentos para escravos já discutimos ao tratar de Settefinestre. Talvez servissem, portanto, para a mão-de-obra empregada na manutenção do edifício ou na agricultura. A despeito de não se terem encontrado aparelhos de beneficiamento ou depósitos de produtos, foi descoberto um grande número de instrumentos agrícolas. Uma parte dos habitantes da uilla, desta forma, ocupava-se certamente com o trato da terra. O mobiliário dos aposentos modulares, por outro lado, parece indicar um nível de vida razoavelmente confortável, talvez indicando, no caso de seus moradores serem escravos, um nível intermediário da escravaria, cujo ponto mais baixo seria representado pelos ocupantes do cepo em I e o mais elevado por aqueles aposentos mais simples do próprio bloco senhorial.

O terraço superior nos é apenas parcialmente conhecido, e não sabemos como se desenvolvia a oeste, onde talvez se postasse um outro ingresso. O contato com A se fazia por intermédio de um duplo lance de escadas (h), que partia do corredor D em direção a uma latrina pênsil (14) e a um aposento decorado em IV estilo, aberto para o pátio inferior. Este, por sua posição intermediária entre os dois blocos, e por sua decoração parietal simplificada, foi interpretado por Della Corte como a habitação do capataz - uma atribuição bastante plausível, pois corresponde à situação, também intermediária, deste último entre os ocupantes da uilla. D, que parece ter sido uma área descoberta, e que era delimitado a sul por um baixo parapeito, apoiava-se sobre ambientes inferiores, apenas parcialmente escavados (44). O centro do terraço superior era ocupado por um amplo peristílio nobre (B), com cerca de 380 m<sup>2</sup>, elegantemente

44) Dois desses ambientes (os únicos explorados) tinham acesso por meio de 13 e os objetos aí encontrados (ornamentos equinos, vasos de bronze e cerâmica, mesa de mármore com pedestal em travertino) fazem supor que fossem de uso senhorial. Os ambientes que se sucediam a oeste, apenas entrevistos, não se comunicavam com 13 e deveriam conjugar-se, como supõe Della Corte, com a escada (n) que desce de 23 no lado ocidental do terraço.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

decorado com pinturas ilusionistas de II estilo (no ângulo sudoeste), e animado por um jardim na área descoberta, onde se destacavam uma fonte (p) e um pequeno altar (o). Ao contrário da villa de Synistor, jardim e passeio coberto parecem ter sido as duas funções principais desse amplo espaço. Os ambientes senhoriais, com efeito, reconhecíveis por seu assoalho em mosaico branco e preto e por sua decoração parietal de III estilo (ambientes 15 a 20), davam decididamente as costas para o peristílio, abrindo-se, por meio de largas janelas, para o corredor D e para a vista do golfo. O isolamento do peristílio era ressaltado pela existência, entre este e a êxedra 17, de uma porta dupla, que permitia cortar sua comunicação direta com os aposentos senhoriais. Nem mesmo uma janela se abria destes para o peristílio! Devemos notar, contudo, que o caráter uniforme e quase modular dos ambientes 15 a 20 faz supor a existência de outros ambientes senhoriais, talvez situados no ângulo noroeste. Por fim, 21, 22 e 23 eram três pequenos aposentos rústicos, sem decoração. O mais notável era 23, do qual partia uma escada para o piso inferior, e que possuía assoalho de madeira e um leito na parede oriental. É possível que aqui se recolhesse o pessoal encarregado do serviço doméstico, mas os indícios não são decisivos.

Os grandes edifícios do interior, desta forma, ao contrário de seus congêneres à beira mar, parecem ignorar a estrutura axial e sua disposição canônica e não desenvolveram os longos braços apartados, os longos pórticos e palestras que encontramos em Herculano, Torre Annunziata ou Stabia. Por quê? Uma parte da resposta se encontra, certamente, na própria posição dos edifícios, com relação ao litoral. Curiosamente, foram os grandes edifícios à beira mar que preservaram, na segunda metade do século, o antigo esquema axial. Seria possível ver, neste apego a um modelo tradicional, nesta distinção arquitetônica entre os grandes edifícios da região, a expressão de diferenças de posição social entre seus proprietários? Supôs-se, por exemplo, com uma certa verossimilhança, que os edifícios com forma urbana que surgiram, durante o século II a.C., às portas de Pompéia, representassem a expansão



## Pompéia

das mansões da aristocracia pompeiana para o meio rural (Lepore,1979:489-490), antes portanto da fundação da colônia silana. No século seguinte, no entanto, a situação social se tornou bem mais complexa, com a inclusão dos colonos de Sulla, a imigração de habitantes de cidades do interior e a ascensão de libertos e de algumas famílias pompeianas. Os dados que possuímos sobre os proprietários são quase sempre inseguros e se referem, via de regra, aos últimos ocupantes - e não a seus construtores originais. Vejamos, sucintamente, os poucos elementos de que dispomos.

Sobre os edifícios com átrio as atribuições de propriedade são todas muito hipotéticas: a ujlla de Oplontis foi associada à gens Poppaea, rica e tradicional família pompeiana; a partir de alguns pequenos indícios (De Franciscis,1975); a Villa de S. Marcos possuía telhas seladas com o nome de Narciso, o secretário ab epistulis de Cláudio, mas este era provavelmente, e apenas, o dono da olaria (Vos,1982:326 atribui o edifício, hipoteticamente, à gens dos Virtii, presente na região de Stabiae e em Nucéria) (45); quanto à Villa dei Papiri, sua coleção de objetos de arte e, sobretudo, sua biblioteca, na qual predominavam obras do epicúreo Filodemo de Gandara, sempre se imaginou que pertencesse a um membro da aristocracia romana, como L. Calpurnius Piso Caesonianus, cônsul em 58 a.C., que Cícero associa ao filósofo ou Appius Claudius Pulcher, cônsul em 38 a.C., a quem os habitantes de Herculano dedicaram uma estátua no teatro da cidade (Vos,1982:262-263). Em Villa dei Misteri, por fim, descobriu-se um sinete com a inscrição L. Istacidius Zosimus, liberto de uma influente gens pompeiana (Della Corte,1954:349-351), talvez pertencente ao último administrador da propriedade (46).

Sobre os edifícios do interior, estamos um pouco melhor informados: de R-16 provêm dois nomes de possíveis proprietários (ou de administradores): L. Herius

45) O mesmo selo sobre telhas aparece em Herculano, vários quilômetros ao norte (Vos,1982:326). A atribuição aos Virii baseia-se, tão somente, na presença de um sepulcro da família nas proximidades do edifício de S. Marcos (Vos,1982:315, mas a localização precisa do sepulcro, escavado pelos Bourbons, é ignorada)

46) Della Corte (1954:349,343) supõe que o edifício fosse possuído, à época de Augusto, pelo próprio imperador, mas os argumentos que apresenta não são convincentes.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Florus, cujo nome aparece em um sinete de bronze (47) e P. Fannius Synistor, inscrito na borda de um vaso de medida (Barnabei,1901:18) - um gentilício romano, portanto, no segundo caso, talvez de um liberto de uma família conhecida na Capital (Della Corte,1954:358-359; Carrington,1931:114) e, no primeiro, um membro de uma família difundida na Campânia, mas não em Pompéia (Della Corte,1954:358, nota 2). R-31 é um caso mais interessante: no grande armário g descobriram-se, com efeito, dois sinetes de bronze com o nome de Tiberius Claudius Eutichus, um liberto e, provavelmente, administrador de uma propriedade imperial em 79 d.C., ou mesmo seu proprietário. A construção original, no entanto, talvez possa ser atribuída a Agrippa Postumus cujo nome aparece em algumas ânforas, encontradas no interior do edifício, ou antes a seu pai, como sugere uma telha, encontrada no sítio, que menciona um liberto de Agrippa, com o selo PVPIL AGRIP TUB FABIO COS, ou seja, Pupilli Agrippae, Tuberone et Fabio consulibus, de 11 a.C., ano do nascimento de Agrippa Postumus (Della Corte,1954:345-349; Rostovtzeff,1933:71, nota 26; Carrington, 1931:112; Bastet & Vos,1979:8).

Se excluirmos a Villa dei Papiri, cuja atribuição a um membro da aristocracia romana é mera conjectura, os demais edifícios rurais com átrio da região parecem manter, ainda em 79 d.C., uma certa relação com a velha aristocracia pompeiana. Os dados disponíveis, no entanto, são muito hipotéticos, e não podemos afirmar a existência de um padrão significativo que permitisse associar uma maior (ou menor) adesão ao modelo com átrio a algum grupo social específico. Nem convém acentuar em demasia as diferenças entre os dois modelos que identificamos nos

47) Este sinete não foi notado por Barnabei, que atribuiu a propriedade do edifício a Synistor (veja-se Della Corte,1954:358) Carrington (1931:128), por sua parte, considerava Synistor como o último proprietário, em vista de uma inscrição, encontrada no edifício, que parece mencioná-lo (CIL,IV,5437: Publi rogo te frustra noli tibi...caru(m)/ illa...te carum semp(er)). A questão gira em torno de decidirmos se um sinete é, ou não, melhor indicador do proprietário que a borda de um vaso. Na verdade, ambos podem ter sido sucessivos proprietários, ou administradores, ou mesmo co-administradores, ou co-proprietários (como os irmãos M. e Q. Fadius, que possuem um fundus comum (indiviso) em Herculano (Cicero, Ad Fam.,IX,25,3). Trata-se, em todo caso, de testemunhos sobre os últimos anos de vida do edifício.

grandes edifícios. Em menor escala, é verdade, mas ainda de modo reconhecível, R-16, e sobretudo, R-31 faziam eco às novas funções habitativas assumidas pelos espaços senhoriais, que ao mesmo tempo se abriam visualmente para a paisagem e se fechavam para os jardins e os passeios interiores. A despeito das marcantes diferenças entre seus setores senhoriais (mostrando a plasticidade da estrutura em peristílios), os edifícios de Synistor e Eutyclus exprimem uma tendência uniforme para a separação, em blocos distintos, dos setores senhorial e rústico, que parece acentuar-se progressivamente a partir, digamos, dos anos 60/40 a.C., e que observamos de modos diferentes e em edifícios tão distintos como os recém-construídos S. Rocco e Settefinestre (que apesar de tudo possuía um átrio *more ueterum*), ou reformados como Villa de Arianna e Villa dei Misteri. E se a variedade formal, a liberdade imaginativa de cada arquiteto e de cada cliente são importantes para entendermos o espírito que animava seus construtores (Scagliarini Corlaità, 1978:8-9), neste momento nos interessam menos as diferenças do que alguns princípios mais gerais, que nos permitam reencontrar algumas tendências construtivas que já identificamos fora da região vesúviana.

Em relação aos antigos edifícios monolíticos do século anterior, a progressiva separação em blocos parece refletir uma alteração nos padrões de vivência e na relação entre os habitantes do edifício. Mas em que sentido? Não devemos, em primeiro lugar, exagerar as implicações ideológicas, ou mentais, desse processo de fragmentação dos grandes edifícios: este se explica, em grande parte, pela própria expansão da área construída, pela necessidade de organizar espaços e funções cada vez mais complexos (48). Nem tampouco podemos considerar a segmentação das construções em blocos distintos como uma ruptura, que pudesse ser expressa na forma de oposições extremas entre espaços para o ócio e o trabalho, para livres e escravos, para pessoas de alto ou baixo status, etc.. O que parece ocorrer é um reagrupamento complexo desses elementos, concebido a partir da posição do senhor. Em todos esses

48) Essa tendência aparece, claramente, nos edifícios com cerca de 2000 m<sup>2</sup> ou mais.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

grandes edifícios, a separação em blocos não parece implicar numa segregação radical entre a habitação senhorial e os espaços domésticos e produtivos, mas numa certa ordenação destes últimos, a partir de critérios variáveis. Há uma tendência, por exemplo, para que a cozinha permaneça junto à parte senhorial, como observamos já em diferentes edifícios; pode ocorrer, como em Settefinestre e R-16 (e, talvez, em R-31), que a cozinha se desdobre, aparecendo simultaneamente nos dois blocos. Os ambientes termais, do mesmo modo, cuja posição é sempre ligada à das cozinhas, permanecem na ala senhorial. Esta última, além disso, não aloja apenas o senhor e sua família (ou seus hóspedes), mas possui, via de regra, aposentos para abrigar o pessoal doméstico, identificáveis como cubicula por sua posição, situação e, por vezes, pela presença de um leito. Atividades produtivas ou de armazenagem também podem ser englobadas, como os lagares de Settefinestre ou, no menos, podem ser mantidas bem próximas e à vista, como em R-16, e é frequente que se alojem em um piso inferior, que bordea parte da fachada (49).

O território de Pompéia nos oferece, na verdade, alguns exemplos que sugerem como a tendência à divisão em blocos, perceptível nos grandes edifícios, podia assumir uma forma mais radical e conduzir à construção de edifícios separados, descontínuos. Conhecemos, com efeito, dois casos diametralmente opostos e que, por sua singularidade aparente, merecem uma menção à parte. "Vera dimora signorile" é como Della Corte (1921:426) descreve um edifício (c. 1080m<sup>2</sup>) escavado por particulares, entre 1903 e 1904, na localidade de Pisanella, a menos de um quilômetro

49) Os modos de utilização podem variar grandemente: em Settefinestre como depósito de dolia, em R-16 como estrebria e cozinha, em R-31, talvez como "cantina" (Della Corte, 1922:467). Neste último edifício, como vimos, não foram encontrados restos de lagares ou depósitos para grãos, vinho e azeite, embora a grande quantidade de instrumentos agrícolas (foices para cereal, foices podadoras, enxadas), encontrados "sparsi un po' dappertutto" (Della Corte, 1922:477) confirmem a ligação do edifício com a produção rural. O mesmo é sugerido por duas inscrições, encontradas no interior do edifício: in aceruo maquo pali supi MXXIII (CIL IV, 6887) e pajis acutos DCCCXL guj non acuti CDLX, summa MCCC (CIL IV, 6886) que, provavelmente, se referem a estacas para a implantação de um vinhedo. Crova sugere que as atividades produtivas se concentrassem no terraço C (1942:67), não escavado, mas o mesmo pode ser suposto para o ângulo noroeste do edifício ou, com função de depósito, para os ambientes sob D, como imagina Della Corte. Vale lembrar que tampouco foram encontrados ambientes para banho.

## Pompéia

de Pompéia (R-27; fig. 157) (50). Temos poucos elementos para datá-lo: a construção era em obra incerta e deve ter sofrido os efeitos do terremoto de 62 d.C., pois alguns muros foram refeitos em tijolos (que Della Corte não localiza); dos selos encontrados em telhas, um, L.Eumach(i) Erot(is), data do final da República (Steinby,1984:209), enquanto outro, NICEELTN em letras oscas retroversas, aponta para uma época mais remota (mas pode ser uma telha reempregada!). O indicador mais seguro (e, mesmo assim, um tanto vago) é, novamente, a decoração parietal: alguns aposentos (9 e 13) apresentavam, com efeito, restos de decoração parietal em II estuio, que permitem situar a construção original em meados do I a.C. . Em seu estado final, a construção tinha a forma de um quadrado quase perfeito e os aposentos agregavam-se em três grupos, dispostos ao redor de um pórtico colunado, aberto na face sul. Este último, que sustentava os telhados dos corredores laterais, era composto por dezoito colunas de tijolos, encimadas por capitéis dóricos, que deviam delimitar o espaço de um grande jardim interno (Crova,1942:191). O espaço intercolunar era fechado por um parapeito (altura 0,70 metros) e o vão resultante com a arquitrave podiam ser posteriormente fechado por painéis móveis de madeira (Della Corte,1921:426). O pórtico, deste modo, podia alternativamente reforçar a união dos três corpos de fábrica ou aumentar seu isolamento.

O edifício sofreu, como veremos, diversas alterações na disposição e na importância relativa de seus aposentos, mas não podemos acompanhar sua história em detalhe. Segundo Carrington, a simples visão da planta indicaria que o edifício foi contruído como um todo, de uma única vez (1931:128). É possível. Mas não podemos excluir, por exemplo, que o bloco setentrional, que é o maior e que forma um longo retângulo aberto para o lado sul, seja anterior aos demais: apenas os aposentos deste setor, com efeito, apresentavam uma cobertura em arco (ambientes 5-7, 10-12, 14-16) e só aqui, nos grandes ambientes 9 e 13, descobriram-se restos de decoração parietal em

50) A pequena quantidade de objetos móveis recuperada em todos os aposentos (exceto 17), fez Della Corte supor que o sítio tivesse sido explorado já na antiguidade (1921:428).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

II estilo. Os aposentos senhoriais deste setor, além disso, sofreram, com o passar do tempo, um processo de aviltamento (a pintura de 13 foi coberta com um reboco simples), que pode ter correspondido à criação dos dois braços restantes do edifício, onde se concentraram, no período final do edifício, os aposentos mais luxuosos. O bloco setentrional subdividia-se numa série de grupos menores de aposentos, dispostos de modo aproximadamente simétrico ao redor de uma êxedra central (8), decorada com pinturas em IV estilo (com uma Vênus pompeiana representada na parede de fundo). No extremo ocidental deste braço abria-se uma ampla cozinha (B), ao menos em parte a céu aberto, que dava acesso a três pequenos cubículos (1-3), com estreitas janelas e sem decoração, e a uma latrina (4). A cozinha dispunha de um balcão murado em arco (b) e de um fogareiro central (g), sobre o qual se descobriu um grande caldeirão de chumbo sobre uma trípode de ferro. Aos fundos, ao lado de um pequeno altar, uma torneira descarregava no tanque (f) a água proveniente do exterior (por um aqueduto?), que uma tubulação subterrânea conduzia até a extremidade sul do pórtico (em o). Das três bocas de cisterna do edifício (c, p e n), uma se abria na cozinha, mas não sabemos se as cisternas eram intercomunicantes. Os ambientes 5-7 haviam composto um sistema termal, aquecido por um praefurnium com acesso em h, mas à época da erupção apenas 5 parece ter estado em uso, enquanto 6 e 7 haviam se aberto para a cozinha e estavam sendo reformados (6 e 7 mostravam ainda os restos das *suspensurae*).

Do outro lado da êxedra, localizava-se um curioso apartamento com oito aposentos que, como dissemos, parece ter mudado de função com o decorrer do tempo. 9 postava-se como uma espécie de saguão, talvez parcialmente a céu aberto, decorado em II estilo e com um nicho na parede sudoeste, no qual jazia uma antiga republicana, um *as uncial* com representação de Jano e proa e portando a inscrição ROMA. Uma porta dava acesso ao grande salão 13, que fôra belissimamente decorado à época do II esjilo, quando as colunas pintadas, ao redor da sala, imitavam a disposição de um *oecus*

## Pompéia

corinthius. Esta decoração, como dissemos, fôra, em algum momento, coberta por um simples rebôco laterício. O apartamento, no entanto, permaneceu como parte da habitação mais sofisticada e os cubícula 11 e 12 foram redecorados em IV estilo, após 40/50 d.C.. Sobre estes aposentos de fundo (10 era um depósito com prateleiras de madeira) erguia-se um pequeno piso superior, com acesso por k, que devia reproduzir a planta de 10-12. No ângulo nordeste, por fim, havia três aposentos interligados, dos quais 14 era um depósito sem decoração, enquanto 15 e 16 tinham paredes pintadas no IV estilo pompeiano. A forma absidada de 16 (em cujo fundo se viam dois medalhões decorados com figuras de mulheres portando cupidos às costas) não deixa de ser curiosa, pois é incomum nos aposentos habitacionais dessa época, exceto nos banhos. Talvez isso tenha induzido Crova a ver, aí, a biblioteca do proprietário (1942:192).

O bloco setentrional era separado do pórtico e dos demais ambientes por um amplo corredor, que seccionava o edifício e unia suas duas entradas (A e A'), uma das quais devia abrir-se para uma via pública e a outra para os campos (51). Para os vestibulos de ingresso, que eram cobertos por telhados, abriam-se dois aposentos, nos blocos ocidental e oriental (17 e 21), ambos simples e sem decoração, que deviam atuar como cellae ostiariae: ao longo dos corredores de ingresso, por fim, estendiam-se três longos bancos murados (a/a e u), pintados de vermelho, cujo comprimento somado alcançava 12 metros. Os dois setores contrapostos, ocidental e oriental, distinguiam-se por sua diferente profundidade, pela disposição interna dos aposentos e pela qualidade e apuro de sua decoração. Todos os aposentos do setor ocidental possuíam pavimentos em mosaico, mas apenas 18 e 19 tinham paredes finamente decoradas, com pinturas de IV estilo, além de um tapete figurado ao centro do mosaico, que indica seu uso como triclinia (52). No ângulo sudocidental abria-se um grande salão (20), com paredes despojadas, cuja função é incerta. A divisão do bloco oriental corresponde de perto à

51) A proximidade de uma via pública é sugerida, além disso, pela presença de grades de ferro em todas as janelas perimetrais do edifício.

52) Della Corte (1921:432-433) identifica 18 como um triclinium; já 19, pela grande quantidade de cenas eróticas que cobrem suas paredes, é para Della Corte uma câmara de amor, um "uenerium".

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

do braço oposto, embora sua planta seja mais complexa. Parece ter sido menos luxuoso, pois os aposentos eram pavimentados em cocciopesto, exceto 24, que era de terra batida. Em correspondência com 20 abria-se um outro grande salão (28), este sem janelas, resultado da fusão de três aposentos menores e de incerta destinação. Um pequeno apartamento se dipunha diante de 18-19, com dois pequenos depósitos (23 e 27) enquadrando um vestíbulo (24), que possuía uma representação de serpentes em torno de um altar e que dava acesso a dois cubicula decorados em IV estilo (53). O aposento 22, por fim, apresentava um último altar, em forma de nicho retangular, a dois metros do solo, com uma representação de Baco.

A interpretação do edifício como um todo nos coloca diante de diversos problemas, sobretudo em função da, aparentemente, excessiva especialização do edifício como habitação senhorial. Algumas indações podem, com efeito, ser colocadas com respeito aos supostos espaços do proprietário. Um sinete encontrado no sítio mostra a presença de um procurador (procurator) (54), sugerindo que o proprietário não habitava regularmente no edifício. Pode ser. Mas, no fundo, a permanência mais ou menos duradoura do proprietário pode revelar-se irrelevante em termos arquitetônicos ou, com as mesmas consequências, impossível de se identificar. Mais importante seria podermos determinar que espaços ocupava o procurador, se este habitava um apartamento do bloco norte, ou uma das cellae ostiariae, ou ainda, quais ambientes estavam reservados ao proprietário e aos seus: talvez os aposentos dos braços oeste e leste? Talvez, também, alguns ambientes do bloco norte? Haveria realmente espaços

53) 23 e 25, muito danificados, não puderam ser reconstruídos, mas sua destinação devia ser simétrica à de 27-26, melhor preservados. Em 27 encontraram-se traços das prateleiras de madeira afixadas às paredes.

54) Della Corte, 1921:428: THALLI/ASEL-PRO. É o primeiro exemplo conhecido de um Asellius em Pompéia, mas o nome é comum na Campânia (Della Corte, 1954:374, nota 1).



## Pompéia

permanentemente exclusivos do senhor? As informações são claramente insuficientes para irmos além de hipóteses sem muito fundamento.

O edifício possuía, além disso, outras peculiaridades, nem sempre fáceis de explicar, como o predomínio de temas amorosos e sexuais na decoração de IV estilo, ou a conspícua presença de altares e pinturas sagradas, ou mesmo os longos bancos, postados no interior do edifício, onde podiam encontrar assento mais de uma vintena de pessoas. A construção, no entanto, era ainda mais singular precisamente pelo que não tinha: em nenhum ponto da área perimetral, que parece completa, encontramos equipamentos produtivos, como lagares, ou mesmo depósitos de produtos ou estrebarias. A única presença da agricultura em seu interior são duas enxadas de ferro encontradas no aposento 3. Os aposentos que podemos atribuir à domesticidade interna (os *cubicula* 1-3) parecem demasiadamente pequenos para as dimensões da construção e a ausência de um *pistrinum* e de um forno para a cocção do pão fizeram Della Corte e Crova sugerirem que o setor rústico se localizasse nas proximidades, em outro edifício (Crova, 1942:190; Della Corte, 1921:427). Tratar-se-ia, portanto, de um caso extremo de separação, em blocos distintos, das construções de um mesmo *fundus* (55).

Outro caso singular é o de um edifício escavado em pleno vale do Sarno, na localidade de Gragnano, a meio caminho entre Stabiae e Pompéia (R-34, fig. 153). Tratava-se de uma grande construção (c. 2.000 m<sup>2</sup>), organizada em torno de um vasto pátio quadrangular e orientada segundo os pontos cardeais. Não possuímos elementos suficientes para datar a construção original ou para acompanhar seu desenvolvimento. Os muros parecem ter sido erguidos, uniformemente, em obra incerta, mas não possuíam decoração ou mesmo qualquer reboco. O pátio central (B) era cercado por

---

55) Mas a que distância ficaria este hipotético bloco rústico? Na verdade, a singularidade deste edifício pode refletir mais as limitações de nossas fontes que uma realidade efetiva. Basta imaginarmos como interpretaríamos S. Rocco se o bloco oriental não tivesse sido descoberto e escavado, para vermos as dificuldades de interpretação inerentes ao tipo de documentos que possuímos.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

colunas e meias colunas unidas por pilares de tijolos e em tijolos eram também os batentes de quase todas as portas. Tais elementos são, a princípio, compatíveis com uma datação em época imperial e um dos selos encontrados em telhas do edifício (L.EVMACH(I)>EROT(IS)) pode ser datado nas últimas décadas do século I a.C. (Steinby,1984:209) (56). O edifício, como outros desta área, permaneceu exposto após a erupção e as infiltrações de água exigiram o emprego de bombas, o que explica a escassez dos achados e a sucinta descrição de Della Corte (1923:275-280). Nossas informações são portanto, limitadas, tornando a definição funcional dos aposentos bastante difícil. Não possuímos, nem mesmo, a indicação das janelas ou dos tipos de pavimentos e Della Corte se restringe a mencionar, sem especificação, a existência de "dormitori, magazzini e laboratori". Podemos, em todo caso, reconhecer alguns grupos distintos de ambientes, dispostos ao redor do pátio. Ao norte do pórtico abriam-se cinco aposentos em série (31-35) que, por suas dimensões, por sua posição próxima à entrada e por sua exposição voltada a sul, parecem se distinguir dos demais ambientes do edifício. Veríamos aqui o apartamento do administrador, ou do proprietário, como quer White (1970:437) (57)? À esquerda da entrada, um grande ambiente (1) atuava, talvez, como cella nstiaria, diante da qual situavam-se dois grandes recipientes para água (c e b), provavelmente destinada aos ocupantes do longo ambiente 2, onde se

---

56) Esses poucos elementos parecem indicar, desta forma, uma datação por volta dos anos 40-30 a.C., embora seja preciso um certo cuidado: pilares e batentes em tijolos aparecem, por exemplo, em edifícios públicos da primeira metade do século, como no comitium de Pompéia, em muros que devem datar dos primeiros anos da colônia (Vos,1982:39), no Odeion (idem, *ibid.*,pág.70)) ou nas termas do Forum (id.,*ibid.*,pág.49).

57) A ausência de qualquer decoração parietal coloca-nos, obviamente, um problema, na medida em que torna difícil estabelecer uma hierarquia mais precisa entre os ambientes. Cabe perguntar (e é uma mera conjectura) se a exposição às águas infiltrantes e o fato de ter permanecido parcialmente descoberto não poderiam ter contribuído para o desaparecimento do reboco parietal. Na vizinha R-33, no entanto, sob as mesmas condições de soterramento, algumas pinturas parietais se preservaram (Della Corte,1923:272). Quanto aos aposentos da face norte de R-34, a única indicação de um uso mais refinado de seus espaços é uma mesa de mármore descoberta em 34.

## Pompéia

encontraram numerosos ossos equinos e bovinos, e que era, certamente, um grande estábulo (com 230 m<sup>2</sup>, quase o dobro do suposto estábulo de Settefinestre!).

A parte meridional do edifício, aos fundos do pórtico, era ocupada por dois grupos de ambientes organizados em torno dos pátios C e D, ambos aparentemente a céu aberto. Entre estes situava-se um grande panifício (14-15), com dois moinhos (e) (um muito grande, com 1,85 m de altura), uma área para a limpeza de grãos (f) e um amplo forno, com quase 2,5 metros de diâmetro (58). De frente ao corredor que conduzia à entrada (A), uma única porta dava acesso ao pátio C, em torno do qual se agrupavam onze pequenos ambientes, todos sem decoração e de dimensões semelhantes. Apenas em 6, 9, 10 e 13 encontraram-se objetos: ânforas de vinho e de liquamen, pratos, potes para o jogo de dados, lamparinas, uma bacia "arretina" e, no aposento 6, um as republicano com figura de Jano e proa. Apesar de escasso, o material parece indicar que ao menos alguns desses ambientes eram cubicula (59). Em d situava-se uma grande caldeirão de bronze (diâmetro de 1,06 m), murado sobre um pequeno forno. O pátio seguinte (D), mais interno, devia encontrar-se muito danificado à época da escavação e a planta que possuímos é pouco inteligível. Uma escada (e) conduzia a um segundo piso, onde Della Corte imaginava poder colocar os aposentos padronais (1923:275). Um grande dolium apoiava-se a uma das paredes e um cepo de ferro, com capacidade para quatorze pessoas, estava fixado ao solo. Uma série de pequenos ambientes modulares se abria, por fim, no lado ocidental do grande pórtico, separada de D pelo pequeno corredor 20, que dava acesso ao exterior por uma porta e que devia conter um armário: aqui, com efeito, se encontraram diversos objetos, entre os quais brincos de ouro, um bracelete de prata e diversos objetos de bronze, ferro e cerâmica. Os cinco ambientes ocidentais obedeciam a um mesmo módulo (6

58) Cujas dimensões Carrington (1931:125) compara às dos grandes panifícios de Pompéia. Tratava-se, portanto, de uma produção bastante considerável de pães.

59) A ausência de peças em bronze ou outros materiais preciosos não significa muita coisa: lembremo-nos de que o sítio permaneceu visível após a erupção e foi explorado já na antiguidade. Apenas o estreito aposento 20 parece não ter sido tocado até a escavação moderna do edifício (Della Corte, 1923:278).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

m<sup>2</sup>) e se reproduziam num segundo piso, com acesso por uma escada em 24. Crova os interpreta como depósitos para frutas, palha ou grãos (Crova,1942:72-73), mas os objetos encontrados em seu interior (ânforas de vinho e liquamen, cerâmica comum, lamparinas) sugerem que fossem cubicula, reproduzindo, em pequena escala, uma disposição muito semelhante à dos aposentos modulares da uilla de Eutychus. Alguns dolia se dispunham ao longo do corredor do pórtico. Outros ambientes, aparentemente externos ao edifício, localizavam-se em sua face oeste e eram destinados a funções produtivas: um grande torcular (28) (60), em contato com um ambiente coberto (27), onde se encontraram grandes traves de madeira, e uma cella vinaria com cerca de onze dolia enterrados (F).

Trata-se, portanto, de um grande edifício, aparentemente completo, com amplas instalações produtivas e sem vestígios de espaços habitacionais mais luxuosos. A construção parece, portanto, um exemplo perfeito do tipo III de Rostovtzeff: uma fábrica rural, gerida por escravos e visitada, apenas ocasionalmente, por seu proprietário (Rostovtzeff,1933:71,nota 26) (61). Essa visão do edifício acabou por predominar na bibliografia (Carrington,1931:122; White,1970:437; Rossiter,1978:43), embora o próprio Della Corte admitisse que a ausência de aposentos mais luxuosos poderia dever-se, mais simplesmente, a problemas de preservação (1923:275). Não podemos excluir, tampouco, que uma parte habitacional mais refinada se localizasse nas proximidades do edifício - talvez a ocidente, onde a presença de um torcular, aparentemente externo à construção, é bastante singular. A escassez de informações, na

60) Devemos confiar na identificação de Della Corte, já que o desenho em planta é praticamente irreconhecível.

61) O edifício se tornou um exemplo, na bibliografia, da indústria rural romana, mas a interpretação de seus espaços produtivos não é tão segura como parece: uma simples sugestão de Della Corte (1923:277), segundo o qual o grande caldeirão d, encontrado no pátio C, poderia ter servido ao fabrico de queijo, tornou-se uma verdade aceita por todos os comentadores (Carrington,1931:125 e White,1970:438, que falam em "industrial enterprise", "cheese factory": Crova,1942:120). Caldeirões de bronze murados aparecem, no entanto, em outros edifícios da região (como em R-31), sem que se suponha a produção de queijo. A proximidade com os Montes Laticii, ao sul, cuja produção de leite era famosa na antiguidade (Carrington,1931:125, nota 1) é, sem dúvida, sugestiva. Por outro lado, ao lado dos ossos equinos e bovinos encontrados no sítio, não se acharam ossos de cabra.

## Pompéia

verdade, torna muito hipotética qualquer interpretação sobre o funcionamento da construção, cuja singularidade não se restringe à ausência de aposentos decorados. Como explicar a posição externa do *torcular*? Ou as proporções incomuns do *estábulo* e do *pistrinum* (62)? Ou, em vista deste último, a aparente ausência de um *celeiro*? Se examinarmos a distribuição dos espaços habitacionais, além disso, veremos que estes, apesar de sua simplicidade comum, distribuíam-se em blocos com características totalmente distintas: os aposentos da ala norte ocupavam uma posição privilegiada, apresentando maiores dimensões e maior variedade formal; os ambientes da ala oeste (21-26), embora menores, tinham em comum com aqueles o fato de se abrirem individualmente, e de modo independente, para o pátio. Mas os onze aposentos de C podiam ser isolados através de uma única porta - e, desta forma, a circulação de seus moradores podia ser rigorosamente controlada. Em D, por fim, deviam alojar-se os habitantes mais humildes, em vista da presença de um cepo de ferro (63). Estamos, claramente, diante de uma hierarquia, mas qual seu sentido? Qual o status respectivo de seus diferentes moradores? São questões irrespondíveis - o próprio sentido do edifício, na verdade, talvez nos escape: as dimensões do *panificio* e do *estábulo* e o caráter fechado do pátio C (64) poderiam sugerir, por exemplo, que a construção funcionasse, ao menos em parte, e em certos períodos, como uma hospedaria rural (65).

62) Carrington procura explicar a importância do *pistrinum* pela posição do edifício, em pleno vale do Sarno, numa região hoje cerealífera (1931:125). A posição da uilla é, sem dúvida, uma questão importante - é interessante, com efeito, observar como a produção vinícola havia se estendido, ao menos no século I d.C., para as áreas de planície. Mas, se a produção de cereais era mais que provável, como explicar a grande produção de pães? Seriam apenas para os habitantes da fazenda? E quem eram esses habitantes? Em que proporção eram fixos ou sazonais, ou mesmo ocasionais?

63) Segundo Della Corte (1923:277-278) o cepo devia estar em uso à época da erupção, pois foi encontrado parcialmente aberto, mas com a chave ainda na fechadura.

64) A disposição de C recorda a estalagem descrita por Apuleio (*Metamorf.*, 7 e seqs.), que fornecia comida e bebida, além de acomodações compostas por quartos separados, com lentos para duas pessoas, e cujo acesso era controlado por um ianitor (porteiro), que impedia as saídas noturnas.

65) Após o terremoto de 62 d.C. as hospedarias proliferaram no centro urbano de Pompéia (como nos *praedia* de Iulia Felix) e conhecemos ao menos dois claros exemplos de *cauponae* (aparentemente sem dormitório para hóspedes): um no território rural de Pompéia (R-28, fig. 158), outro um edifício estabiano publicado por Ruggiero (fig. 159). R-34, em todo caso, se fosse mesmo uma hospedaria, seria de modo extremamente humilde.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Mera conjectura, sem dúvida, mas que permite relativizar determinadas certezas adquiridas.

Não sabemos em que medida nossa amostragem dos grandes edifícios da região vesuviana é representativa. Os dados disponíveis, no entanto, são compatíveis com a seguinte reconstrução: no curso do século I a.C., sobretudo a partir dos anos sessenta, grandes edifícios, com luxuosas partes habitacionais, surgiram ao longo do litoral e no próprio território agrícola de Pompéia. Todos continuaram em existência durante o século seguinte, até a erupção, e muitos conheceram reformas e ampliações substanciais, que parecem ter se concentrado à época de Augusto ou nas primeiras décadas do século I d.C.. É desse período, igualmente, que parecem datar as construções mais recentes e o século seguinte não verá nenhum novo grande edifício ser erguido (66). A despeito dessa cronologia comum, no entanto, os grandes edifícios da região vesuviana parecem ter adotado modelos arquitetônicos distintos. Enquanto aqueles do litoral se utilizaram do antigo esquema residencial urbano, com múltiplas variações, os do interior se organizaram ao redor de amplos pátios colonados expressando, com maior vigor, uma tendência para a segmentação da construção em blocos, contíguos ou não. Vimos não ser possível, com as informações que possuímos, atribuir tal diferença a grupos sociais distintos. Mas há uma outra questão: se os edifícios do litoral retiraram sua inspiração de um modelo urbano, em que se inspiraram as grandes construções do interior? Havíamos suposto uma influência das *uillae* marítimas mas, ao menos nesta região, as grandes construções próximas ao mar parecem mais tradicionais que as do interior. Nem há, por outro lado, exemplos de casas urbanas organizadas apenas com peristílios antes do século I d.C. Pode tratar-se de um acaso documental, ou de um desenvolvimento próprio destes edifícios, ou de uma influência externa... Antes de fazermos uma aposta, suspendamos por um instante

---

66) Tal cronologia é bastante próxima daquela que Carandini supõe para o território de Cosa, onde a grande maioria das *uillae* teria sido construída entre 70 e 30 a.C. (Carandini, 1985:147) e daquela proposta por Vallar para a Campânia como um todo (80-30 a.C., cf.1987:202).

## Pompéia

a questão, até termos observado todos os elementos em jogo. Faltam-nos, ainda, os edifícios de menor porte, aos quais voltamos, agora, nossa atenção.

### Os pequenos edifícios

Até o momento nos referimos impunemente a grandes e pequenos edifícios sem nos preocuparmos muito com o significado dessa distinção. Não podemos esconder, no entanto, que esta terminologia apresenta alguns problemas sérios. Um deles diz respeito aos extremos eventualmente não abrangidos por nossa documentação: em que medida, por exemplo, os grandes edifícios que descrevemos representavam, efetivamente, as maiores construções rurais da região? Sabemos que, em outras áreas, sobretudo naquelas mais em voga entre a aristocracia romana no período (costa do Lácio, Tibur, Baiae), havia edifícios de maior porte, arquitetonicamente mais ousados e com um luxo mais ostensivo. Sua ausência na região vesuviana deve-se a um acaso documental ou corresponde a uma realidade antiga? Quanto às pequenas, por outro lado, quão pequenas realmente seriam? O menor e mais simples destes edifícios, cuja planta nos seja conhecida integralmente, ocupava, como veremos, cerca de 550 m<sup>2</sup> de área construída e possuíam não menos que 13 aposentos (R-26; fig. 160). Inexistiriam edifícios menores como, por exemplo, as construções monocelulares que conhecemos na Etrúria e na Apúlia (figs. 40-43), ou apenas não foram escavados ou registrados? Qual o limite inferior na hierarquia das construções rurais? Tais questões, em si irrespondíveis, são, nós já o sabemos, um dos limites que devemos ter em mente ao analisar nossa documentação.

Por outro lado, a distinção entre pequenos e grandes edifícios não passa, na verdade, por nenhuma linha claramente demarcada e fixa e uma certa dose de

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

subjetividade é inevitável. De Rostovtzeff (1933:71, nota 26) aos modernos levantamentos de superfície, dois critérios têm servido de base para classificar os edifícios rurais romanos: as dimensões do edifício ou do sítio e a riqueza de sua parte habitacional (em objetos e, sobretudo, em sua decoração arquitetônica). Os mesmos critérios, no entanto, podem dar origem a ordenações diversas e nem todos os edifícios se deixam classificar de modo claro. R-34, por exemplo, não possuía, aparentemente, nenhum aposento habitacional mais luxuoso - embora se tratasse, certamente, de um grande edifício (fig. 153). Já Carrington (1931:119-122) reunia num mesmo grupo edifícios tão distintos como R-31 (fig. 147) e R-29 (fig. 161), tomando como base a presença de mosaicos e pinturas parietais em ambos, não obstante o fato de o primeiro ocupar uma área três vezes maior que o segundo. Como comparar, por outro lado, edifícios como R-13 (fig. 139) e R-27 (fig. 157), ambos com cerca de 1.000 m<sup>2</sup>, se no primeiro os aposentos senhoriais ocupavam não mais que 20% da área construída, enquanto no segundo abrangiam o edifício inteiro? Não há, portanto, um padrão preciso que nos permita uma classificação segura e indiscutível do material disponível, pelo que adotamos um critério "flutuante", cuja validade pode ser medida apenas pelos resultados a que nos permita chegar. Grandes edifícios são assim, neste trabalho, aqueles com uma área superior a 1.000 m<sup>2</sup> e com uma parte senhorial considerável - comparável à das grandes residências urbanas do mesmo período.

Trata-se de uma base precária, sem dúvida: vimos como, talvez, R-34 faça exceção a ela e deva ser colocado numa categoria à parte (67). Um outro edifício se encontra, por assim dizer, no limiar de nossa classificação (R-33, fig. 162). Escavado no vale do Sarno, como R-34 (do qual distava meros 400 metros), a cerca de dois quilômetros de Pompéia, o edifício apresentava os mesmos problemas de conservação:

67) Como queriam Rostovtzeff e Carrington. Mas a exceção, assim como a categoria III de ambos (a "fábrica rural"), pode ser ilusória.



## Pompéia

o sítio não foi totalmente coberto pela erupção (68) e a presença de infiltrações de água subterrânea dificultou sua exploração (aqui não se empregaram bombas, Della Corte, 1921:271). Nossas informações são, portanto, bastante limitadas. A construção ocupava, na área escavada, cerca de 850 m<sup>2</sup> e, a despeito de suas dimensões relativamente reduzidas (o edifício completo atingiria, talvez, 1.000 m<sup>2</sup>), apresentava uma clara divisão em blocos. Duas entradas distintas (a e a') davam acesso, respectivamente, à parte rústica e àquela senhorial. Esta última distribuía-se ao redor de um átrio com implúvio central (A), sem articular-se por qualquer eixo visível. Restos de decoração parietal no IV estilo foram encontrados em 8, 9, 11, 15 e no próprio átrio, e alguns ambientes deste setor tinham pavimentos em cocciopesto ou signinum. Um pequeno banho pode ser reconhecido em 14-15, com apodyterium (14) e calidarium (15) - fazendo pensar que 13 fosse uma cozinha. Um corredor estreito (b) punha esta parte do edifício em comunicação com um pátio mais amplo (B), com peristílio em colunas de tijolos. No vestíbulo de ingresso se dispunham dois aposentos interligados (2 e 3), segundo um esquema que encontramos com frequência e que, via de regra, são atribuídos ao encarregado de administrar a fazenda (villicus ou procurator). Na face oposta do peristílio (a leste), se abria uma série de pequenos aposentos muito semelhantes entre si (4-7), com um moinho e um forno em 4 e uma escada para o segundo andar que se estendia sobre este lado - uma disposição modular que, novamente, recorda a da uilla de Eutychus, ainda que em pequena escala. Ao norte do pátio, situava-se um grande depósito com 34 dolia (C, escavado em parte) e um torcular (D), apenas esboçado na planta. Della Corte descreve-o como sendo dividido em três partes, separadas por muretas revestidas de cocciopesto e colocadas em níveis distintos (1921:273). Não possuímos elementos para datar a construção original do edifício, embora algumas telhas apresentassem o selo (L).SAGINI, datável entre o final da

68) Como indica a sepultura tardia em 9, alinhada com os muros antigos (Della Corte, 1923:271-272). As ruínas aflorantes, como em outras partes da Itália no Baixo Império, podem ter sido ocupadas por "squatters".

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

República e o início do Império (Steinby,1984:209). O edifício parece, desta forma, apropriar-se de certas características das construções maiores, adaptando-as a uma escala reduzida e invertendo a relação entre as alas senhoriais e rústicas. Esta última, com efeito, parece predominar em termos da extensão do espaço ocupado e da importância das instalações.

A construção parece ser, deste modo, uma clara ilustração do princípio normalmente aceito de que os pequenos edifícios não possuem forma ou, quando a tinham, tomavam-na de empréstimo das construções mais ambiciosas, arquitetonicamente planejadas, das camadas dominantes. Havíamos sugerido, por outro lado, que os pequenos edifícios, mesmo não seguindo um modelo claro e aparente, supra-regional, como faziam aqueles maiores, talvez obedecessem a esquemas mais restritos, de caráter regional. A região vesúviana nos oferece uma oportunidade única de explorarmos mais a fundo esta questão. Possuímos, com efeito, plantas e dados de escavação sobre mais de vinte edifícios rurais de pequeno e médio porte, concentrados nas proximidades de Pompéia (sobretudo no território ao norte e nordeste da cidade) e nas cercanias da antiga Stabiae, mais ao sul. Alguns desses sítios foram explorados ainda no período borbônico e a maior parte foi escavada por particulares, no final do século passado e no início deste, e sumariamente publicada. As informações são, portanto, escassas no tocante às técnicas murárias, aos objetos móveis e aos elevados. E muitos edifícios são conhecidos apenas parcialmente. É possível, não obstante, observar algumas características gerais. Uma primeira impressão que pode resultar da visão desses edifícios é a de uma grande variedade em suas dimensões (entre 1.000 e 500 m<sup>2</sup>), na maior ou menor riqueza dos elementos arquitetônicos e decorativos, na presença ou ausência de determinados ambientes, nas soluções específicas para problemas comuns e, sobretudo, na sua disposição planimétrica. Veremos, com efeito, edifícios abertos (fig. 163, com forma em L) ou fechados em grandes massas quadrangulares (figs. 161, 164), ou ainda com linhas perimetrais irregulares e

## Pompéia

movimentadas (figs. 158, 165 e 166); construções atravessadas por estreitos corredores (figs. 167, 168 e outras) ou iluminadas por amplos porticados centrais (como à fig. 164).

Certos elementos eram, na verdade, comuns a um grande número destes edifícios. Em primeiro lugar, ao contrário dos grandes edifícios rurais do I a.C, todos mostravam uma forte tendência a se constituírem como um único bloco perimetral fechado: os ambientes externos à fachada eram raros e os aposentos jamais se abriam, como nos porticados das grandes *villae*, para o exterior. Aposentos senhoriais e rústicos, desta forma, conviviam sob um mesmo teto, dispondo-se, de modos variados, em torno de um pátio colunado a céu aberto, ou ao longo de um corredor. Por outro lado, e em contraste com cidades como Pompéia e Herculano, nas quais algumas pequenas construções seguiam o esquema "clássico", com átrio impluviado e tablino, nenhum dos exemplares da amostragem que possuímos revelava qualquer intenção de axialidade, ou qualquer influência mais direta do modelo arquitetônico urbano. Esse distanciamento se expressava, igualmente, na estrutura diversa de certos aposentos fundamentais, como a cozinha: enquanto em Pompéia predominavam balcões de cozinha murados e apoiados a uma das paredes (Prina Ricotti, 1978-80:237-256), nos edifícios rurais era mais frequente a presença de um fogo central, normalmente apoiado a uma base de lastras de tufo (69). A despeito de sua impermeabilidade ao modelo urbano, muitos destes edifícios introduziram, com o tempo, certos equipamentos de conforto em suas partes senhoriais, num ritmo que parece comum a vários dentre eles: pinturas parietais, mosaicos, aposentos termais mais ou menos

---

69) A ausência da base em pedra torna, por vezes, incerta a atribuição. Possuíam, certamente, cozinhas com fogão central os edifícios às figs. 139, 141, 142, 158, 164, 169, 170, enquanto nos grandes edifícios, como *villa dei Misteri*, *villa Arianna*, *S. Marcos* ou *Oplontis*, predominavam as cozinhas com balcões laterais. É provável que a posição central do fogão seja mais antiga que aquela com balcão.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

sofisticados, cuja instalação parece, como veremos, concentrar-se à época do III estilo (entre c. 15 a.C.- 40/45 d.C.).

Semelhanças isoladas e uma certa concepção comum do espaço interno não implicam, no entanto, na existência de um mesmo modelo genericamente compartilhado, ao menos com o sentido e a força que o modelo axial demonstrava em ambiente urbano, com a previsibilidade que conferia a um número significativo dessas residências. Os edifícios rurais de menor porte não parecem seguir um único e mesmo esquema, facilmente reconhecível. Ao contrário, a partir de certos princípios comuns, a disposição interna dos aposentos parece obedecer ao capricho ou, antes, às necessidades específicas de cada construtor (70). Há, certamente, algo de verdade nesta afirmação. Devemos levar em conta, no entanto, alguns fatores de não pouca importância. Em primeiro lugar, muitos destes edifícios rurais dão a impressão de terem se constituído pouco a pouco, através dos anos - e não por saltos, como parece ser o caso dos edifícios maiores. Nossas indicações cronológicas são escassas, como sabemos, mas alguns edifícios melhor documentados (como R-13, R-29 e Villa Regina, figs. 139, 161 e 166) deixam entrever a existência de distintas fases construtivas, como veremos em detalhe mais abaixo. Devemos admitir, como uma possibilidade, que a grande variação formal entre os edifícios menores fosse o resultado final de um longo processo construtivo, seu ponto de chegada e não, necessariamente, o de partida. Procurar reconhecer modelos em artefatos constituídos, independentemente, ao longo do tempo, é uma tarefa de certo modo insana. Mesmo que tais edifícios apresentassem, eventualmente, uma grande similitude à época de sua construção original, esta tenderia a dissipar-se à medida em que evoluíssem de modo separado. No entanto, e este é o ponto crucial da argumentação, se fizermos uma abstração momentânea da forma global desses edifícios e nos concentrarmos em certos ambientes fundamentais,

70) Tais são, precisamente, as características fundamentais da chamada "arquitetura vernacular", termo cunhado para classificar as habitações do campesinato europeu a partir da baixa Idade Média (cf. La Regina, 1980:1), tipificando uma arquitetura sem influxos urbanos, uma "arquitetura espontânea, sem arquiteto".

## Pompéia

observando se compunham "módulos" frequentemente representados (como a cozinha, os aposentos do senhor, a estrebaria), descobriremos que a maioria dessas construções pode ser reconduzida a dois padrões básicos (enquanto algumas parecem, efetivamente, não seguir nenhum).

### O Módulo Retangular

O mais frequente desses padrões é representado por um módulo de formato retangular, ainda é reconhecível em cerca de dez edifícios, mesmo quando sofreu alterações com o tempo. Apresentava-se como um retângulo aberto para um dos lados maiores, normalmente para a face sul (5 casos), oeste (5 casos) e sudoeste (1 caso) (71). Em todos os exemplos citados este retângulo era precedido por um pórtico colunado, que se abria para um pátio descoberto. Embora a composição efetiva dos ambientes deste "núcleo" pudesse variar, estavam sempre presentes uma cozinha e alguns aposentos de habitação mais refinados. Esse módulo nos aparece em sua forma mais simples num edifício rural (R-38; fig. 172), aparentemente de pequenas dimensões (72), escavado no centro de Boscoreale, ao norte de Pompéia, em 1928 (Della Corte, 1929:178-188) (73). Construído em obra incerta de boa qualidade, com pilares e batentes em fileiras alternadas de tijolos e paralelepípedos de tufo (obra mista), o edifício talvez seja contemporâneo às telhas encontradas no sítio com selo EVMACHEROT e N.SILLIVS, datáveis entre Augusto e Tibério (Steinby, 1984:209),

71) A proporção mais frequente é a de 3:1 (em 5 casos). As exceções tendem a ser mais compridas (4:1, 5:1) do que largas e, ao menos em alguns casos, podemos associá-las a reformas que alongaram o módulo original.

72) O edifício foi escavado de modo parcial e a planta está incompleta. Della Corte (1929:178) imagina que pudesse fazer parte de uma construção maior, mas é provável que o edifício não se estendesse muito mais ao sul.

73) Este sítio não aparece nos mapas de distribuição disponíveis. Não é, certamente, o sítio indicado como (38) em White (1970:441) e Bianco & Casale in Poel, 1981).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

embora um outro selo, M.AERIMIN, possa remontar ao início do I a.C. (idem,ibid.).

Atrás do pequeno pórtico, onde jaziam três dolia, abriam-se quatro aposentos distintos. O mais oriental (4), com solo de terra batida e abrigando uma pequena latrina no ângulo nordeste, era o maior ambiente do edifício e podemos identificá-lo com a cozinha (74). O ambiente à esquerda era o único pavimentado em coccionesto (o restante era de terra batida) e possuía um reboco simples nas paredes. Della Corte deve estar certo ao reconhecê-lo como um cubiculum, pois aí foi encontrada uma grande quantidade de objetos, provenientes de um ou dois armários, e os restos de um leito de ferro (1929:179). Entre os objetos havia vasos e espelhos de bronze, adornos de cavalos, moedas, recipientes em vidro e terracota, armas (uma cuspide), além de elementos do mundo feminino: colares, um pendente em forma de falo (de prata) e alguns fusos. À entrada do aposento, um outro armário continha instrumentos agrícolas, mas também camafeus, dados, contas de colar e um sinete com a inscrição M.LIVIVS MARCELLUS. São elementos que indicam a presença de um casal, mas não necessariamente de um uilius e uma uiliça, como supõe Della Corte (1929:179) - o nome no sinete sugere, ao contrário, que se tratasse de ingenui. O ambiente seguinte (3), com dolia sobre o solo, era talvez um depósito. A respeito do último aposento, no canto ocidental, nada se pode dizer. Já sob o pórtico, no ângulo sudeste, localizava-se uma base de prensa quadrada, aberta a sul, revestida de signinum e pendendo para sudoeste, em direção a um dolium murado. A presença desse torcular, num sítio aparentemente tão pequeno, possuído ou arrendado por um pequeno agricultor, é interessante e é lamentável que não possamos datar sua instalação nem conheçamos, com certeza, as dimensões globais do edifício.

Ligeiramente maior e mais complexo era um edifício, escavado em 1923 no vale de Pompéia (R-40, fig. 169), mas já explorado anteriormente (75). O edifício

74) Apesar da aparente ausência de fogo central ou de balcões murados. A identificação é reforçada pelos achados no interior desse ambiente: ossos de coelho e de galinha, grandes painéis e um caldeirão de bronze com 0,30 cm de diâmetro (Della Corte, 1929:187).

75) Apenas 1 e 4 foram encontrados intactos, Della Corte, 1929:190.

## Pompéia

passara por reformas recentes, com a construção de um rico segundo andar sobre 3 e 4 e a unificação de dois pequenos aposentos atrás de 6 (Della Corte, 1929:195, 197). Os muros do edifício são descritos por Della Corte (1929:191), genericamente, como sendo em obra incerta, com alguns batentes em laterício. Não possuímos outros elementos datantes. Escapam-nos, deste modo, os detalhes de sua história construtiva e não podemos determinar a extensão ou a forma de seu núcleo original. É provável, no entanto, que esta se tenha preservado no retângulo alongado, aberto para a face sul, que definia o edifício em sua fase final. Duas entradas localizavam-se nas extremidades do pórtico colunado (B e g), uma delas dando para uma via carroçável (C) e a outra para os campos. Um tanque descoberto sobre B, dois grandes recipientes em b e c, sob o pórtico, e uma cisterna atestam a grande importância atribuída à conservação de água. O pequeno ambiente 1, com uma janela dando para a estrada, ocupava a posição de cella ostiária. Nele se encontraram sete esqueletos humanos e inúmeros objetos, entre os quais moedas, artigos de uso feminino, como um brinco de ouro e um fuso de osso, instrumentos agrícolas (foices podatórias, enxada, foice, picareta) e apetrechos para pesca (pesos de chumbo, anzóis e uma faca).

Aos lados de um longo ambiente, pavimentado em cocciopesto e servindo de subscalar e de depósito (5), localizava-se uma grande cozinha (6), com fogão central e depósito de lenha aos fundos (e/f) e, do lado oposto, um cubículo (4) com ante-sala (3). Estes últimos possuíam os melhores pavimentos do piso inferior do edifício (cocciopesto com lastras de mármore policromo); uma janela do cubículo 4 abria-se para um pequeno jardim interno (2), plantado com flores, como indicam os pequenos sulcos descobertos em seu interior. Em 4 descobriram-se, ainda, diversos vasos de mesa em bronze, reforçando a ideia de que este apartamento constituía o núcleo de habitação senhorial, antes da construção dos aposentos acima. Estes últimos, que também deviam dar para o jardim interno, possuíam uma luxuosa pavimentação em opus sectile, descoberta em fragmentos junto a restos de decoração parietal. Ainda no

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

piso superior, um outro grupo de aposentos erguia-se sobre o amplo ambiente 7, este bastante rústico, mas nada sabemos a seu respeito. Acréscimo posterior pode ser, igualmente, o pequeno cubículo 8, com pavimento em signinum e traços de decoração parietal, que merece nossa atenção por sua posição ao sul do pórtico. Não sabemos, na verdade, o quanto se estendia o edifício nesta direção, mas um muro encontrado em A (sentido NNE-SSW) talvez marcasse seu limite meridional. Não foram encontrados restos de prensas para vinho ou azeite, mas as duas estreitas janelas integrantes do ambiente 9, parcialmente explorado no lado externo do edifício, poderiam sugerir uma cella uinaria. Também no exterior da face oriental encontrava-se um pequeno panificium (10), com moinho manual e forno.

Tratava-se, portanto, de uma construção aparentemente pequena, com cerca de 500 m<sup>2</sup>, que concentrava, no bloco retangular, funções de cozinha, depósito e habitação. Uma estrutura análoga, mas com diferente disposição interna, aparece num outro pequeno edifício (R-30; fig. 168), também com cerca 500 m<sup>2</sup>, parcialmente escavado no território ao norte de Pompéia, a apenas 90 metros de R-29 (Della Corte, 1921:461). A excessiva pobreza dos achados, indício de que fôra explorado já na antiguidade, determinou o pronto abandono das escavações, que revelaram apenas o lado oriental do sítio. Duas entradas se abriam num mesmo eixo norte-sul, diante do pórtico (como em R-40), A dando para uma via pública e A' para os campos (Della Corte, 1921:461) O pequeno pórtico B era sustentado por duas colunas e duas semi-colunas em laterício, unidas por um parapeito baixo (0,60m), e podia, como na villa de Asellius, ser completamente fechado até a arquitrave, por tábuas móveis. No ângulo setentrional do retângulo dispunha-se um apartamento senhorial composto por quatro ambientes (8 a 11) pavimentados, como B, num signinum de boa qualidade, e decorados com pinturas de III estilo. Podemos reconhecer um vestibulo (8), dando acesso ao cubículo 9 e ao triclinio 10, identificável pelo tapete em signinum no centro da sala. Ao centro do retângulo, abria-se uma grande sala de prensagem (7), com uma



## Pompéia

ampla janela na face leste (por onde devia ingressar a matéria-prima), uma base elevada com orifícios para a sustentação das traves verticais (i e h) e um dolium, enterrado no solo, para a recepção do líquido prensado (g) (76).

No ângulo meridional localizavam-se a cozinha (3) e os banhos (5-6). A cozinha, de forma quadrada, tinha solo de terra batida e um balcão (c) para o preparo de alimentos. Em d situava-se uma pequena latrina e f era o forno que aquecia os ambientes termais ao fundo. O acesso a estes era mediado por um amplo ambiente (4), pavimentado em opus sectile e do qual partia uma escada, em dois lances, para um piso superior não preservado. Os aposentos termais compostos por um apodyterium (5) e um calidarium (6) aquecido por tubulações na parede, manifestavam um certo refinamento nas portas em arco, nos frisos com estuques em relevo, na decoração parietal de III estilo e no tanque em mármore de 6. Em 2, por fim, situava-se um pequeno depósito, com prateleiras de madeira, diante do qual se postava um grande armário (h). Dos poucos objetos encontrados, destacam-se um fuso em osso e alguns instrumentos agrícolas (duas foices, duas enxadas, duas foices podatórias). Não possuímos meios de datar a construção original, nem de distinguir um núcleo original de eventuais modificações posteriores. Os elementos datantes são muito escassos, mas a decoração parietal e os selos encontrados em telhas (SAGINI PRODAM, SAGINI, HOLCONIA.M) indicam o início do período imperial como uma data possível, senão da fundação, ao menos de uma reforma do edifício. Não é possível, tampouco, reconstruir a forma completa da edificação, mas podemos imaginar, no pátio defronte a B, a existência de uma cella uinaria e de aposentos para a mão de obra, que faltavam

76) Trata-se, muito provavelmente, da produção de vinho - não apenas pela posição do edifício, numa região eminentemente vinícola, mas pela presença de um desenho báquico nas paredes do torcular (Della Corte, 1921:468, fig. 22). O torcular deste edifício, como todos os que descreveremos a seguir, são muito semelhantes entre si e ao de Villa dei Misteri. Apresentavam uma base retangular elevada, revestida em cocciopesto, e possuíam quatro postes de sustentação colocados sobre esta plataforma e sobre a área inferior, de onde se manipulava a trave horizontal. A semelhança entre tais prensas pode dever-se à proximidade cronológica de sua instalação, mas é possível, igualmente, que se trate de uma forma regional, bastante distinta dos lagares, com base circular, que encontramos da Campânia setentrional (em S.Rocco) ao Lácio (nos arredores de Roma) e à Etrúria (Settelfinestre).

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

no retângulo principal. Neste, novamente, a ênfase recaía sobre os aposentos de habitação e sobre a cozinha, à qual as termas aparecem intimamente ligadas. É digna de nota, no entanto, a presença de um torcular no centro mesmo deste bloco, associando-se aos espaços senhoriais que podiam, como vimos, ser completamente isolados do restante da construção. O bloco retangular era aqui claramente um espaço do senhor, englobando, como em outros sítios, a cozinha e a sala de prensagem.

Muito semelhante é, igualmente, um outro edifício, escavado em 1779 por La Vega, na localidade de Petrellune, em Gragnano, na encosta de uma colina (fig. 167). Dele possuímos, tão somente, a sucinta descrição feita por Fiorelli e reproduzida por Ruggiero (1881:325-326), sem qualquer indicação sobre o tipo de estrutura murária ou sobre os objetos aí encontrados. A interpretação que Fiorelli apresenta da função de cada aposento é, muitas vezes, duvidosa, o que não nos impede, todavia, de reconhecer uma disposição semelhante à dos exemplos anteriores. Vemos novamente um bloco retangular, aberto para a face meridional e precedido por um longo pórtico sustentado por pilares. Diante deste estendia-se uma área a céu aberto (16), com traços de cultivo, indicando que o edifício não se prolongava mais ao sul. No interior do bloco retangular suscendiam-se ambientes produtivos e aposentos de habitação. Uma sala de prensagem (1), com o formato habitual, dois pequenos depósitos (2-3, a julgar pela presença de dolia), três aposentos que parecem compor um apartamento de habitação (4-6), um grande laboratório, com moinho (b), trapetum (a) e tanque murado (c), dois ambientes termais interligados (8-9), aquecidos por um prae-furnium colocado na cozinha 10 (com acesso pela escada h), onde também se situava um grande forno (l). 11 e 12 eram, talvez, depósitos e 13 podia alojar um armário, como em R-30 (77). Por fim, o ambiente 14, situado num nível superior ao do pórtico, ocupava a posição de cella ostiaria e ligava-se a uma grande área pavimentada em cocciopesto (15), separada de 16 por uma baixa mureta. Se pusermos de lado o fato de a entrada localizar-se

77) Fiorelli interpreta 11 e 12 como possíveis ergastula e 13 como latrina (Ruggiero, 1881:326).

## Pompéia

diretamente sob uma das extremidades do pórtico, este edifício espelha uma concepção muito próxima à de R-30, com a mesma sucessão, quase modular, de largos ambientes unitários (1, 4, 7, 10) e de pequenos ambientes duplos (2/3, 5/6, 8/9, 11) e a mesma associação de funções produtivas e habitacionais com a cozinha. Fundamental, além disso, é o fato de podermos estar certos, aqui, de analisar um edifício quase completo.

Ainda mais completa parece ser uma outra construção, escavada igualmente no século XVIII na localidade de Casa di Miri, também em Gragnano (fig. 163) e publicada por Ruggiero (1881:XVIII,317-324,tav.IX,B) (78). A despeito das interpretações inaceitáveis de Ruggiero sobre a destinação dos ambientes, o diário do escavador (La Vega in Ruggiero,1881:317-324) e a comparação com outros edifícios permitem que proponhamos algumas identificações. Novamente possuímos poucos elementos datantes ou informações sobre a história do edifício. Em seu estágio final, de qualquer modo, a construção se assentava sobre um acentuado declive, apresentando um formato em L. O bloco oriental, colocado na posição mais elevada, abria-se na face oeste para um pórtico colunado, pavimentado em coccipesto, e para um terraço a céu aberto, delimitado por um muro de contenção na margem ocidental, onde se localizava um altar (20). No interior desse bloco de formato retangular podemos reconhecer uma cozinha (3), provavelmente com estrebaria anexa (79), alojando um prae-furnium que aquecia o vizinho sistema termal (4 a 6). Este último culminava num amplo e luxuoso calidarium (40), com banheira revestida de mármore, abside, nichos laterais, frisos de estuque em relevo, mosaico pavimental com figura de golfinho e decoração parietal de III estilo. O ambiente era aquecido através de suspensurae e de paredes ocas e parece, por sua posição excêntrica, resultado de um acréscimo. Não temos meios de determinar a função dos ambientes seguintes, mas 8 e 9 deviam conter grandes armários, a julgar pela profusão de objetos encontrados: vasos de mesa em bronze, agulhas e fusos em

78) La Vega, o escavador, afirma em seu diário que, após o término das escavações "si sono fatti plu scavi all'intorno dell'edilicio descritto e per tutto si e trovato del terreno coltivato, senza minimo vestigio di altra fabbrica" (Ruggiero, 1881:324)

79) Aqui, com efeito, La Vega descobriu um esqueleto de cavalo (1881:317).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

osso, espelhos, dados, vasos e um amuleto de vidro, além de instrumentos agrícolas (80) e anzóis.

No ângulo meridional deste bloco, situavam-se quatro aposentos interligados, cuja linha perimetral também era excêntrica. Talvez possamos reconhecer aqui um apartamento à parte, a despeito da aparente simplicidade dos pavimentos ("calcinaccio") e dos rebocos. Em 14 é possível ver uma espécie de vestibulo, comunicando-se com um cubículo (11) e com um grande aposento retangular (12), com ampla janela para o exterior. A grande quantidade de objetos encontrada em 12, entre os quais agulhas de osso, um grande candelabro, uma balança e inúmeros vasos de bronze, parece indicar que se tratava de um espaço senhorial. Ao sul do ambiente 14 estendia-se um outro bloco de aposentos, pequenos e quase modulares, que acompanhavam o declive da encosta e que se abriam para uma rampa coberta (19), com amplas janelas em arco para o terraço em frente. Ao contrário dos ambientes do bloco superior, todos aqui tinham chãos de terra batida e paredes nuas, sendo iluminados por estreitas janelas ingredientes (15-18). Tais aposentos parecem ter sido construídos numa técnica especial: La Vega observa, em seu diário, que eram visíveis no cimento as impressões deixadas pelas tábuas de carpintaria (Ruggiero, 1881:323) - claramente a obra cimentícia. Como interpretar esta série de ambientes? Seriam aposentos de habitação? Depósitos? Não é possível responder de maneira cabal. Talvez pudéssemos pensar numa combinação dessas duas funções. A disposição em série é frequentemente interpretada, como vimos, como alojamento da mão-de-obra e a largura do pórtico permitia a passagem de carros rústicos. Note-se que os aposentos marcados com 15 diferenciavam-se dos demais por sua maior regularidade e uniformidade. Dão a impressão, além disso, de se encontrarem no mesmo plano que o bloco oriental. Em 16 e 17, por outro lado, em plena ladeira, se recuperaram objetos de valor, como um entalhe em calcedônia, moedas, vasos e objetos de bronze. Isto poderia

80) De 8: uma foice podatória, um machado e uma enxada; de 9: uma picareta-martelo, uma picareta de duas pontas e uma foice podatória.

## Pompéia

representar a existência de uma hierarquia habitacional (por exemplo, com o uilius mais próximo à entrada) ou, ao menos, de uma diferença funcional entre esses aposentos, mas seu sentido preciso nos escapa.

Muito semelhante a este, e igualmente completo, é outro edifício escavado no século XVIII, na localidade de Sassola, em Gragnano, nas proximidades de Stabiae (fig. 171). Não dispomos, infelizmente, das anotações dos escavadores, mas apenas da descrição e das interpretações de Fiorelli (Ruggiero, 1881:343-346 e XXIII). Não temos dados seguros sobre a história do edifício, mas dois elementos, as colunas do pórtico em tufo e a presença de uma telha com selo em osco (NIMAD, retroverso) sugerem uma datação possivelmente elevada, talvez mesmo no início do I a.C.. A construção mostrava, de qualquer modo, ter passado por diversas modificações. Fiorelli supunha que os quatro aposentos próximos à entrada (3-6), com pequenas janelas ingredientes para a via pública e servidos por um pórtico à parte, fossem um acréscimo posterior, erguido para alojar o "pater familias". A cozinha (9), sob a qual estendia-se uma cisterna, situava-se em um nível mais elevado que os aposentos circunvizinhos. Os ambientes 10-12 haviam<sup>2</sup> composto um aparelho termal, com mosaicos, decoração parietal, banheiras de mármore e suspensurae. Encontrava-se, no entanto, desmantelado e em desuso. O ambiente 13 era um poço de escada, semelhante aos dos edifícios anteriores, conduzindo a um cubículo sobre 15. Os aposentos 14, 15 e 16 são mais difíceis de interpretar. Possuíam o mesmo tipo de pavimento que os demais (coeciopesto) e um reboco simples na parede. Fiorelli os interpretava como horrea, depósitos (Ruggiero, 1881:344), mas sua disposição, com um ambiente grande para cada dois pequenos, sugere como sabemos um apartamento habitacional. Ao lado, abria-se um grande lagar para vinho (81), do tipo habitual, composto de uma plataforma elevada (g), da qual o mosto fluía em direção a (b). Dois dolia (f) foram encontrados sob o pórtico. Um pilar, colocado entre duas colunas à altura da trave da prensa, deve

81) Há uma pintura representando Baco em l.

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

ter sido erguido para reforçar o telhamento neste ponto. Sua posição assimétrica parece sugerir que o lagar foi um acréscimo posterior, talvez correspondendo ao deslocamento dos espaços habitacionais para o pórtico menor e à construção dos banhos. Não temos meios, no entanto, para determinar a cronologia de eventuais reformas, sobre as quais estamos pouco informados. A extensão da área construída, em todo caso, e se as colunas forem um bom indício, não parece ter se alterado.

Este edifício, como tantos outros, postava-se sobre uma via pública, cujo traçado era acompanhado por um longo muro oblíquo, que definia um terraço interno e em cuja fachada externa abria-se uma êxedra, com um pequeno altar. Uma entrada campestre postava-se diante do bloco principal, no muro perimetral. Este pequeno edifício, cuja área quadrangular era dominada pelos espaços abertos, deve ter sido possuído, em algum momento do século I d.C., pelo C. Pomponius Trofimus que dedicou uma estela funerária a sua esposa Plautia Tertulia, no lado externo da construção (em 19). Pequeno agricultor? Presença ou ausência do proprietário? Seja como for, o edifício mostra sinais de ter conhecido uma fase de prosperidade, que se estendeu dos aparelhos produtivos aos espaços de habitação.

O módulo retangular é reconhecível, igualmente, em edifícios maiores, dos quais era, entretanto, apenas uma parcela de um espaço inter-perimetral mais amplo - e onde se manifestava de modo mais variado. Tal parece ser o caso de um edifício escavado a cerca de 1.500 metros a leste de Pompeia, na localidade de Spinelli, em Scafati (R-35; fig. 164) (Della Corte, 1923:280-284). Coberto por um baixo estrato vulcânico (4,00 m), o sítio já fôra explorado, o quê explica a escassez de achados. Trata-se de uma construção complexa, com quase 1.000 m<sup>2</sup> de área escavada, devendo ter conhecido distintas fases, que entrevemos com grande dificuldade: o pórtico A, com suas colunas em laterício e seus capitéis dóricos, fôra um dia maior, como indicam as colunas inseridas no ambiente 11; também a cella urinaria B, escavada parcialmente,

## Pompéia

parece ter avançado sobre o centro do pátio, numa área antes livre (82). Os ambientes principais localizavam-se no lado norte, num bloco retangular com portas abertas para o sul. C era uma grande cozinha em L, com fogão central e praefurnium para o banheiro nos fundos. A cozinha, por sua vez, comunicava-se com um panifício, com forno (g) e moinho (e). Os demais ambientes deste bloco eram espaços de habitação, decorados com pinturas do IV estilo pompeiano (em 1-6 e 9), compondo grupos distintos. No ângulo noroeste localizava-se um curioso conclave com três ambientes, dos quais o central (9), de menores dimensões, possuía uma decoração parietal em fundo negro (só fragmentos), mas abrigava também instrumentos agrícolas. No lado norte, um segundo andar estendia-se sobre 1-4, com escada de acesso em h, mas não temos informações a seu respeito (apostos senhoriais, para a mão-de-obra, ou depósitos?). Os ambientes termais localizavam-se, como dissemos, nos fundos do edifício, sendo acessíveis por um estreito corredor. Sua posição desajeitada e quase escondida faz-nos vê-los como espaços readaptados ou anexados à construção original. Deste conclave fazia parte 3, diante do qual um pequeno pátio continha um armário com fragmentos de vasos de bronze. Apenas 1, 2 e 4, desta forma, abriam-se diretamente para o pórtico e talvez servissem a funções de recepção. Não se descobriu a localização do lagar, mas é quase certo que se situasse no ângulo meridional. Nada sabemos sobre os aposentos 11 e 12, a sudeste, e tampouco se encontrou a estrebaria, a despeito dos numerosos adornos equinos descobertos no pórtico, onde se postava um grande tanque d'água (c) e duas bocas de cisterna (a e d). No corredor do pórtico setentrional, por fim, um nicho semicircular (i) sustentava pequenas estatuetas.

O modelo retangular, deste modo, demonstra sua capacidade de se fazer reconhecer, mesmo em exemplares bastante distintos em suas dimensões, em sua história e em suas ênfases construtivas. Talvez seja ainda possível identificá-lo em outros edifícios de que conhecemos apenas fragmentos, como R-36 (fig. 170) (Della

82) De modo muito semelhante ao que observaremos, logo a seguir, no caso de R-29, cuja cella ulnaria é certamente posterior ao pátio (fig. 161, amb. D).

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Corte, 1923:284-287), que englobava, no bloco leste, uma cozinha (3) com fogão central (c) e banho aos fundos (5), uma estreburia (2) e um conclave com três aposentos no ângulo setentrional (1, 10 e 11). Ou R-15 (Sogliano, 1898:419-422; fig. 173), onde é possível reconhecer um bloco setentrional, aberto para a face sul, com uma cozinha em D ligada a dois pequenos aposentos (F e G), e um pórtico com pilares e colunas em laterfício, sob o qual se instalou um lugar (H) com plataforma retangular (83). Ou, ainda, em um sítio recentemente escavado em S. Maria La Carità, em Stabiae (fig. 174) (Miniero, 1989:262-263), no qual um bloco retangular, escavado parcialmente, postava-se no lado setentrional, abrindo-se para um pórtico ao sul. Também aqui são reconhecíveis uma cozinha (C), um cubículo com restos de leito (A), precedido por uma pequena latrina (B), e um torcular sob o pórtico (D).

Em muitos edifícios, como vemos, um bloco de aposentos, de formato retangular, aparece na face norte ou leste, sempre precedido por um pórtico e sempre abrigando uma cozinha, as termas e alguns aposentos de habitação. Cabe perguntarmonos, no entanto, que significado tem uma tal tipologia, estabelecida a partir de uma parte desses edifícios, quando diferem tão amplamente em sua forma global? Ou, dito em outros termos, que relação tem essa parte com o restante do edifício? Por que os edifícios, considerados como um todo, são tão diferentes? Por que apenas em uma de suas partes - no bloco retangular - há constância, enquanto no resto impera a variação? Apelar para os caprichos dos construtores ou para suas necessidades específicas pode explicar a variabilidade dos edifícios, mas não o fato de todos se utilizarem de uma mesma forma para organizar certo tipo de ambientes. Uma perspectiva genética nos faria, talvez, considerar o bloco retangular como um núcleo originário, produto de uma certa época, ao qual se teriam somado, em cada edifício, as reformas e as ampliações posteriores. A unidade seria, assim, uma herança de origem e a diferenciação um atributo imposto pelo tempo. Mas, que tempo? Não podemos datar, com precisão, o

83) A julgar pelos selos encontrados no sítio, em telhas da cobertura (N.SILLIVS.N e L.SAGINI) o edifício pode datar do final da República ou das primeiras décadas do século I d.C..



## Pompéia

momento de fundação da maioria desses edifícios - não sabemos o quanto são contemporâneos, nem conhecemos sua história construtiva.

Há pouquíssimas exceções a esta regra, uma delas é um edifício (R-29; fig. 161) (Della Corte, 1921:442-460), erguido em opus incertum com blocos de três tipos de pedra: tufo local, tufo de Nocera e seixos do Sarno. Della Corte (1921:442) não esclarece se a técnica era uniforme por todo o edifício, mas isto é improvável - alguns muros eram certamente, posteriores. O núcleo mais antigo era representado pelo pórtico colunado B que possuía, na origem, um braço setentrional (vejam-se as colunas inseridas nos muros de 2 e 5). Tal pórtico data, provavelmente, da primeira metade do século I a.C. (84). Ainda à época do II estilo, construíram-se os aposentos 5 e 2, avançando sobre a área do pátio central (D). O caráter senhorial destes aposentos transparece na decoração parietal preservada em 5 (85). Este bloco manteve tal caráter à época do III estilo (com a decoração de 4) e, após 45 d.C., viu serem decoradas as paredes de 2, então um provável triclinio, com pinturas de IV estilo. Entre 45 e 79 d.C., da mesma forma, os banhos (7-10) adquiriram sua forma final (86) e foram decoradas as paredes de dois blocos distintos de aposentos, ambos no ângulo sudeste do edifício: 18-21 e 11-16 (destes apenas 12,13 e 15 com pinturas). Sobre este mesmo ângulo erguia-se um segundo andar (sobre 18-20 era, provavelmente, apenas um terraço). Não possuímos meios de datar a construção original desta parte do edifício, e tampouco sabemos quando se instalou o torcular sob o pórtico ou se delimitou uma cella uinaria no que antes fôra um pátio aberto (87). Não são de grande auxílio, igualmente, as inscrições colocadas por um dos proprietários em dois pequenos altares (h e i) inseridos

84) O único selo sobre telhas encontrado no sítio (C.VAHIES) pode ser datado do início do I a.C. (Steinby, 1984:209).

85) Esta última, executada no II estilo pompeiano, é a chave para a compreensão da história do edifício.

86) O ambiente 10 possuía pinturas e mosaicos em IV estilo (Della Corte, 1921:453; para o mosaico, Vos, 1984:161). A inscrição em mosaico na soleira de 7, HALVE SALVE, deve datar do período republicano (Vos, 1984:162), demonstrando que já existia, então, um sistema de banhos.

87) E um pequeno jardim interno (D) mantinha, ainda em 79 d.C., esse caráter de uiridarium, como mostram os canteiros de flores que Della Corte descreve em sua metade ocidental (1921:444)

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

na baixa mureta de (D) (88). Sabemos, no entanto, que em plena época do IV estilo o ambiente 2 sofreu uma radical alteração, transformando-se em uma cozinha com moinho, mortarium e fogareiro. Todo este bloco, portanto, deve ter assumido um caráter mais rústico pouco antes da erupção.

Simple supressão ou deslocamento dos ambientes senhoriais para outro lugar do edifício? Tentemos responder a esta questão observando mais de perto a distribuição dos aposentos de habitação. Os demais aposentos senhoriais, como vimos, repartiam-se entre dois grupos distintos: 18-21, precedido por um pórtico de pilares (C) e 11-16, com dois acessos para o exterior, em 15 e em d. Este último bloco podia ser separado do restante do edifício por uma pesada porta bivalve, colocada no pequeno pátio 11. Alguns indícios sugerem que os aposentos 18-21 fossem o setor propriamente senhorial: possuíam um caráter mais interno e estavam mais integrados aos demais espaços do edifício. O grupo 19-21, além disso, formava um apartamento bem definido e 21 era um aposento particularmente "nobre", com pinturas parietais bem cuidadas e um tapete em mosaico no centro do ambiente, indicando um triclinium (Della Corte, 1921:459). Para uma relação mais próxima com o proprietário apontaria, igualmente, a presença do altar em h, alinhado com a entrada de 19-20. Essa relação entre h e 18-21 é sugestiva: a construção deste grupo de aposentos parece, com efeito, ter sido contemporânea ao erguimento da mureta de D e, conseqüentemente, à instalação da cella vinaria e do torcularium (89). Não há meios de se confirmar essa possível correspondência entre, por um lado, a transformação do triclinio 2 em cozinha e a construção de um novo setor senhorial em 18-21 e, por outro, a ampliação dos espaços produtivos. Mas não deixa de ser sugestiva a presença de dolia sob a janela meridional de 2 - uma disposição que pareceria inconveniente para um triclinium e que

88) a) N.POPIDIVS/FLORVS/I.D.M e b) N.POPIDIVS/ FLORVS/ VEN. LIB.HERC. Trata-se, como observou Carrington, do membro de uma gens local, muito influente em Pompéia (1931:112).

89) Note-se como a profundidade da base de prensagem em (17) e a profundidade do pórtico (C) se determinam reciprocamente.

## Pompéia

deve datar de sua conversão em cozinha. Seria uma importante baliza cronológica para a instalação da cella uiniaria. após 45 d.C., se pudéssemos confirmá-la.

Mais problemática é a interpretação do bloco oriental. Ao contrário dos edifícios que descrevemos precedentemente, o reconhecimento de um núcleo retangular não é imediato. Mas, a despeito das inúmeras reformas que deve ter sofrido, é ainda possível identificá-lo nos ambientes atrás do pórtico oriental, correspondendo, talvez, ao retângulo definido por 6, 17, 10 e 15. Já o grupo de aposentos 12-16 é bastante intrigante. Como explicar a alternância de espaços decorados (12,13 e 15) e ambientes rústicos (11, 14 e 16)? E, sobretudo, como interpretar seu isolamento, o fato mesmo de se abrirem mais facilmente para o exterior do que para o próprio edifício? É compreensível que nos perguntemos que tipo de habitantes aí se abrigava e qual sua relação com as atividades do edifício. Poucos objetos, na verdade, foram encontrados nesta ala. Apenas em 11, onde devia localizar-se um armário, encontraram-se vasos de mesa em bronze, espelhos, estrigilos e umas poucas moedas, ao lado de instrumentos agrícolas (machado, duas grandes enxadas, serra, enxada pequena) e uma mesa de ardósia e mármore (Della Corte, 1921:455). Não há resposta segura, mas nada impede que coloquemos dois elementos em consideração. Em primeiro lugar, o sítio devia localizar-se próximo a uma via pública, como indica uma inscrição eleitoral encontrada no muro perimetral a leste, na altura de 10 (CIL.IV,6902: Duos Fabios Merca(n)tes rogamus). Outro indício de uma frequentação do edifício por não habitantes (ou habitantes temporários) é a cella ustiaria (1), posta antes da entrada e muito baixa para ser um cubículo (1,70m de altura). Digno de interesse são os dois longos bancos dispostos nas paredes norte e sul do aposento - um traço que nos habituamos a considerar como indicando visitas. A união desses elementos, mesmo não representando uma prova cabal, sugere, ao menos, a possibilidade de vermos no bloco

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

11-16 uma hospedaria, o que explicaria, igualmente, a necessidade de duas cozinhas (em 2 e 6).

### O Edifício de Pisanella

Indicações cronológicas provém, igualmente de um edifício rural (R-13, bastante próximo ao anterior) escavado no final do século passado, na localidade de Pisanella (figs. 139 e 140), ao norte de Pompéia, que se tornou famoso pela descoberta de um riquíssimo tesouro de vasos de prata no porão de sua prensa (fig. 139,h). Explorado por um particular, o sítio teve a felicidade de ter sido visitado e estudado por A. Pasqui (1897), que produziu aquela que é, ainda hoje, a melhor publicação de um edifício rural da zona vesuviana. O edifício tinha a forma de um grande retângulo (39,90m x 25,50m ou 1012 m<sup>2</sup>), a meio caminho entre as grandes e as pequenas construções (90). Seu ingresso postava-se na face sudoeste, em comunicação com uma estrada campestre. A construção se encontrava a meia encosta de uma colina, sobre uma plataforma em parte natural, em parte artificialmente nivelada. Pasqui reconheceu, nos sulcos do terreno e nos traços deixados por árvores grandes e pequenas, um vinhedo que se estendia a leste, quase contíguo ao edifício. No interior, os ambientes se distribuíam em torno de um pátio a céu aberto (A), cercado por um pórtico de três braços, cujas colunas e pilares eram unidos por uma baixa mureta. O pátio concentrava a recepção das águas pluviais, encaminhando-as, por meio de uma canaleta, a um tanque semi-circular, em contato com uma cisterna (com 7,50m de profundidade). O bloco retangular é visível no canto noroeste, sob um dos braços do pórtico, tendo sido explorado de modo parcial, pela presença de uma estrada moderna,

90) Carrington (1931:119, seguido por White,1970:442-443) coloca este edifício em sua Classe I (a mais luxuosa, propriedade de senhores ausentes), juntamente com o edifício de Synistor (R-16). No entanto, e a despeito de suas dimensões e da presença de aposentos decorados, R-13 aproxima-se mais, em sua concepção, dos edifícios menores, com os quais compartilhava o caráter monobloco, a relativa promiscuidade entre aposentos luxuosos e de serviço além, obviamente, de sua adesão ao modelo do bloco retangular.

## Pompéia

que impediu a escavação completa de C e E. O retângulo ocupava, exatamente, um quarto da área total, concentrando as mesmas funções que encontramos reunidas em edifícios anteriores. Alguns aposentos de habitação são reconhecíveis, como C, com decoração parietal simples mas com grandes janelas e que, a despeito da pequena área escavada, pode talvez ser identificado como um triclinium, precedido por um pequeno vestíbulo (B), em cujo canto se encontrou um leito. D, F e G eram provavelmente cubicula, tendo sofrido diversas transformações em sua história construtiva (como veremos). Entre F e G abria-se um estreito corredor (E), dando acesso a um panificium (91). Seguia-se uma cozinha de planta quadrada (H), com fogão central em lajes de tufo e um larário na parede de fundo. Da cozinha partia uma escada para um depósito acima (onde se encontrou uma quantidade muito grande de ânforas) e, por meio de um alçapão (h), tinha-se acesso ao porão de sustentação da trave da prensa (em d). Da cozinha, igualmente, tinha-se acesso aos ambientes termais, recentemente reformados, compostos por um apodyterium (M), um tepidarium (N) e um calidarium (O) aquecido pelo praefurnium colocado em L - todos apresentavam mosaicos pavimentais. Em I localizava-se um depósito de lenha e uma cocheira, com acesso direto do exterior, onde se encontraram esqueletos de cavalos, galinhas e porcos.

Este bloco se confrontava com o restante do edifício, que se estendia em direção a sudeste, organizando-se aos lados de um corredor coberto (S), que prolongava o movimento do pórtico. No interior do edifício, entre o pórtico e o corredor, dispunha-se um grande lagar vinário (P), composto por duas bases de prensa elevadas (a e b), revestidas de cocciopesto e com bordas de tufo, de onde o mosto espremido era conduzido para três grandes dolia enterrados no solo e para uma ampla cisterna (I). Um canal subterrâneo permitia, além disso, conduzir o mosto de (a) para (b) e daí para o depósito em Q. A sala de prensagem podia ser fechada de dentro para

---

91) Deste ambiente escavou-se apenas o corredor, mas a presença de um forno para pães é sugerida pela proximidade com os banhos (calidarium em O) e, sobretudo, pela descoberta de um fragmento de moinho.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

fora e, no último período de vida do edifício, estava sendo ocupada por alguns habitantes, cuja mobília pessoal, incluindo diversos objetos em bronze e um fogareiro, se dispunha ao redor de um leito decorado (92). Do outro lado do corredor S, estendia-se um grande depósito a céu aberto, cujo muro sudoeste era repartido por uma série de estreitas aberturas ingredientes, facilitando sua ventilação. Oitenta e quatro dolia dispunham-se em fileiras relativamente regulares, enterrados até os ombros sob um pavimento sobrelevado com relação a corredor (93). Sob este pavimento, abaixo da base dos dolia, estendia-se uma grande cisterna em cruz, com boca de acesso na parede sudeste.

De frente à cella uinaria, numa parte do corredor escurecida pela presença de um piso superior, dispunham-se quatro pequenos aposentos sem decoração, dois dos quais abertos para S e outros dois para uma área livre (R), onde se encontrava um pequeno moinho murado. Aos fundos de R, um novo aposento fôra criado com a instalação de divisórias de madeira. Todos possuíam leitos e um mobiliário pessoal semelhante, de cunho doméstico. Eram, portanto, cubicula. No ângulo do edifício abria-se um lagar para azeite (T), com uma pequena prensa (r, n e p) e tanques para a decantação do óleo (s) e (t). O azeite era armazenado, provavelmente, nos cinco dolia dispostos ao longo de S. Uma sala aos fundos abrigava um moinho para azeitonas (U). Atrás da cella uinaria, em (V), situava-se um grande galpão, com quatro pequenas janelas e um forte porta, que se abria para uma area pavimentada (Z), provavelmente para a debulha de grãos, cercada por uma mureta baixa (em vias de demolição em 79 d.C.) e inclinada em direção a dois tanques externos. Em V

92) O caráter improvisado desta singular ocupação é ressaltado, ainda mais, pelo fato de o leito, encontrado no meio de P, ser, originalmente, um móvel de canto. Alguns dos objetos encontrados sugerem que ao menos um dos ocupantes fosse uma mulher, talvez aquela cujo cadáver foi ali descoberto (com mais dois homens), portando anéis de ouro e ornamentos em prata.

93) Os dolia dispunham-se, dois a dois, em fileiras regulares e recebiam o mosto diretamente do lagar P, através de um sistema de canalização colocado ao longo da parede noroeste. Segundo Pasqui (1897:484), apenas 72 dos 84 vasos destinavam-se ao vinho (com capacidade para 750 hectolitros, na sua estimativa): alguns (aqueles próximos ao muro sudoeste), com efeito, não podiam ser alcançados pela canalização do mosto, pois não estavam enterrados, e continham restos de azeite ou de grãos

## Pompéia

encontraram-se restos de carros agrícolas e uma grande quantidade de portas e fechaduras, além de outros objetos. O galpão deve ter servido, assim, como depósito genérico, talvez mesmo como abrigo temporário para os grãos (nubilarium), embora sua posição com relação ao pistrinum fosse bastante incômoda.

Um segundo andar estendia-se por boa parte do edifício: sobre o bloco noroeste (sobre D-O), na forma de um baixo sótão, servindo como depósito de ânforas (descobertas às centenas) e, talvez, como prisão (Pasqui, 1897:434) (94). Sobre o lado curto do pórtico, situava-se um pequeno apartamento com dois aposentos de tamanhos diferentes, dos quais restaram poucos vestígios: no maior, situado sobre o pórtico, encontrou-se uma grande quantidade de ânforas; no menor, sobre a entrada, havia traços de um leito e objetos de uso pessoal. Um outro setor de habitacional, por fim, estendia-se sobre o ângulo nordeste (sobre R-V; fig. 140), com uma escada de acesso partindo do corredor. Este apartamento organizava-se em torno de um pequeno pátio (a), com paredes decoradas, pavimento em signinum e uma grande janela, com batentes de mármore, aberta sobre Q. Para (a) abriam-se cinco ambientes: (b) e (c) de caráter rústico; (d), (e) e (g) com pinturas decoradas e soleiras ou batentes de mármore. Em (h) estendia-se um longo ambiente, simétrico a V, talvez ligado a (g) por uma varanda, ou acessível por uma escada móvel partindo de Q. Pasqui atribuiu-lhe uma função de depósito (1897:520), que parece plausível.

O bloco retangular aparecia neste edifício, como vimos, com bastante clareza, concentrando os aposentos senhoriais do térreo, a cozinha, os banhos, a estrebaria e um moinho. A ele se contrapunham, em bloco, os ambientes dos restantes 3/4 do edifício, onde o térreo era dominado por espaços produtivos, depósitos e pequenos cubículos sem decoração. Cabe perguntarmo-nos, no entanto, se por detrás desta relação espacial não se esconderia uma relação cronológica. Pasqui (1897:401)

94) O sótão, sobre E, media 1,00 de largura (o mesmo que o corredor), por 1,45 de altura. A idéia de ter sido uma prisão foi sugerida a Pasqui pela robusta grade de ferro que protegia sua janela para o pátio.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

distingue, com efeito, duas técnicas absolutamente diversas, empregadas em sua construção: o bloco retangular a noroeste fôra construído com fileiras alternadas de tijolos e paralelepípedos de lava, separadas por espessas camadas de cimento (com inclusões de fragmentos laterícios); nos ambientes de P a Z, por seu lado, as paredes seriam em *opus caementicium*, englobando seixos e blocos de tufo do Sarno, pedaços de tijolos e materiais de reemprego, entre os quais fragmentos de mármore e travertino decorados. É possível, desta forma, que estas duas partes tenham sido construídas em momentos distintos. Constatar isto, no entanto, é insuficiente. Devemos tentar compreender sua relação cronológica em termos mais precisos. Não é uma tarefa simples: o edifício dá mostras de ter passado por várias reformas, a última das quais estava em curso em 79 d.C.: o ambiente G, por exemplo, havia sido despojado de sua decoração e servia, à época da erupção, como depósito de ferramentas; a mureta que circundava a área descoberta Z fôra parcialmente destruída e o setor habitacional sobre R-V estava sendo redecorado.

Sobre a fundação do edifício os dados são mais escassos. O elemento mais antigo parece ser a decoração em segundo estilo do aposento D (95). Pasqui, por outro lado, descreveu a parede divisória entre a cozinha e os banhos, na qual havia um larário e uma antiga e extinta porta para N, como "di struttura molto antica" (1897:441) e, desde Carrington este edifício é geralmente datado do início do I a.C. (1931:126-127) (96). A decoração parietal, no entanto, e a técnica construtiva predominante (*opus mixtum*), apontam para os últimos anos da República, como a data mais provável da construção desse bloco (97). No curso do século I d.C., verificaram-se algumas

95) Em F, além disso, a pintura de IV estilo recobria uma decoração anterior.

96) A afirmação de Pasqui é, reconhecidamente, vaga. Carrington apolava-se, igualmente, na presença de lajes de tufo formando o fogão central da cozinha (1931:126). Mas lajes do mesmo material apareciam também no torcular (nas bordas de a e b) e na soleira entre V e Z.

97) A maior parte das telhas com selos pode ser datada dos reinados de Augusto e Tibério (Q.LEPIDI, N.SILLI, N. LEVMACHI, EROT e L. SAGINI. PRODAM), enquanto outras são, provavelmente, posteriores (L.CEI.FAUST. STAB APPI). A existência de telhas com inscrições em osco nada significa: elas foram encontradas em pilhas no pátio e na estrutura da parede que dividia A de Q, como material de reemprego (podem, assim, provir de outro edifício).



reformas, como indicam trechos de muro em reticulado, na parede entre F e G. À época do IV estilo e, portanto, após Cláudio, os ambientes senhoriais foram reddecorados e o banho ampliado, com a construção do apodyterium M, o fechamento da porta que conduzia a N e a pavimentação com mosaicos dos ambientes termais (M-O) (para a data do mosaico, veja-se Vos,1984:162).

O restante do edifício, que parece ter sido concebido num único momento, é quase certamente posterior à construção do bloco retangular. Há disso alguns indícios indiretos. A profundidade do bloco noroeste, por exemplo, representava um módulo, de cerca de 30 pés, que permitia dividir o edifício em quatro partes iguais e que, portanto, parece ter sido geratriz. A cella uinaria, por sua vez, continha, ao lado de uma maioria de dolia novos, alguns exemplares mais antigos, com sinais de restaurações, concentrados nas fileiras à esquerda da entrada da cella. É possível, portanto, que esta tivesse substituído um depósito anterior, de menores dimensões, de que seriam remanescentes os dolia reaproveitados. O Único dado cronológico mais seguro é a composição das paredes que, nesta parte da construção, apresentavam fragmentos de mármore reutilizados, e que devem datar do século I d.C. (o uso do mármore só se difunde após Augusto, como sabemos). Não podemos, infelizmente, definir o momento exato em que esta parte do edifício foi construída em sua forma final, mas talvez possamos associá-la à reforma do módulo retangular após 45 d.C. Com efeito, o pátio defronte ao módulo era o centro de um complexo sistema de armazenamento e canalização de águas pluviais, em íntima relação com os banhos então reformados, e é possível pensar que a instalação de ambos tenha sido contemporânea. Este sistema centrava-se, por sua vez, em uma profunda cisterna, escavada defronte a H, que substituiu uma cisterna mais antiga, com boca defronte a E, posta então fora de uso. Por último, não custa ressaltar que o sistema de distribuição de água derivava de uma concepção análoga ao de distribuição do mosto: dos dolia e do tanque de P, através de tubos de chumbo e canaletas, até as fileiras de ânforas em Q: a

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

nova cisterna, a reforma dos banhos, os torculares, a cella vinaria e o próprio pátio A poderiam ser o resultado de uma única atividade construtiva, posterior portanto ao módulo retangular.

No edifício de Pisanella, o bloco retangular parece constituir, assim, uma espécie de núcleo original, a partir do qual se expandiu a edificação. Sua forma final, aquela cristalizada pela erupção de 79 d.C., nos indica, igualmente, as diretrizes que regeram sua progressiva transformação. Em termos de sua estrutura espacial, e fazendo por um momento abstração dos usos provisórios que vimos serem conferidos ao torcular e a alguns ambientes pouco antes da erupção, o edifício dedicava uma grande importância à produção agrícola, visível no notável investimento patrimonial representado pelo complexo de prensas e moinhos, pelo sistema de armazenamento e canalização de líquidos (água e vinho) e pelo estabelecimento da cella vinaria, com seu pavimento elevado e suas dezenas de dolia. É visível, igualmente, no que poderíamos chamar de "investimento espacial": os espaços produtivos não apenas ocupavam uma porcentagem elevada da área construída, mas apresentavam um grau elevado de integração e de organicidade, manifesto na interligação entre prensas e depósitos, através de um sistema de canalização que evitava desperdícios e, sobretudo, poupava tempo e trabalho.

O setor habitacional, entre aposentos mais luxuosos e modestos cubicula, ocupava igualmente uma área extensa, predominando no bloco noroeste e dominando os segundos andares. Em comparação com os espaços produtivos, no entanto, este setor apresentava-se desconectado, agrupando-se em apartamentos dispostos em vários pontos do edifício. Uma certa promiscuidade de espaços, portanto, e bastante diferente da setorialização mais rígida dos edifícios maiores. Nem por isso o setor habitacional deixava de se organizar em determinados blocos, segundo uma hierarquia complexa,

que podemos apenas entrever, mas que aparece aqui, em todo caso, com maior clareza que em outros edifícios.

Começemos pelos aposentos mais simples. Se prescindirmos da hipotética prisão sobre E, a respeito da qual temos poucos elementos, o grupo mais modesto de aposentos do edifício era representado pelos cinco cubicula de R, praticamente inseridos entre os espaços produtivos e dispostos num ponto escuro e pouco arejado do edifício. Nada podemos afirmar, com certeza, sobre o status jurídico de seus ocupantes, normalmente considerados escravos, mas provavelmente estavam entre os mais humildes moradores desta casa de fazenda, cuja presença pode ser detectada arquitetônica e arqueologicamente (98). A julgar pelo número de leitos, seis pessoas recolhiam-se ao todo nesta ala. O primeiro cubículo, aberto para o corredor defronte à cella vinaria, era o único com reboco simples em todas as paredes, o que talvez lhe conferisse certa distinção. Seu mobiliário, se excetuarmos um grande candelabro de ferro, não se distinguia daquele dos demais aposentos: um leito de madeira, prateleiras nas paredes, vasos e recipientes de cozinha em bronze e cerâmica (alguns com traços de fogo e restos de comida), objetos de uso pessoal e instrumentos cirúrgicos. Séries semelhantes de objetos se repetiam nos demais aposentos, todos muito parecidos, com exceção do quarto improvisado ao fundo, sem janelas e com dois leitos, um dos quais para uma criança. Fossem ou não escravos os seus ocupantes, devemos reconhecer que possuíam um pecúlio razoavelmente rico e que gozavam de um certo grau de intimidade: habitavam individualmente, mantinham talvez laços familiares, preparando e consumindo seus alimentos, ao menos em parte, de modo independente da cozinha central.

Outro habitante, algo menos modesto, devia ocupar o cubículo B, que Pasqui identifica como o quarto do porteiro (atrienses), pela presença de um esqueleto

98) Ao menos entre os que possuíam leitos. É possível pensar, com efeito, que uma parte dos habitantes do edifício dormisse em outros espaços, como a cozinha ou o pórtico, deitando-se sobre palha, tecidos ou sobre o chão (como o janitor de Apuleio, Metam..1.15: janitor pone stabuli ostium humi cubitans).

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

de cão e por sua posição defronte à entrada, guardando o acesso ao suposto triclínio (C). O cubículo possuía paredes decoradas com pinturas simples (rodapé vermelho, paredes brancas com faixas verdes) e um pequeno leito de madeira no ângulo setentrional. Mais importante era, na sequência, o apartamento de dois quartos sobre o pórtico: a despeito de não se terem preservado restos de decoração parietal, estes dois ambientes ocupavam uma área considerável e desfrutavam de uma posição-chave sobre a entrada do edifício. Além da grande quantidade de ânforas descobertas no ambiente maior, o cubículo possuía um leito de madeira e um rico mobiliário; uma caixa com 15 aurei, candelabros e lamparinas de bronze, além de um fogareiro individual, constituído por um fundo de ânfora, que se encontrou cheio de cinzas.

Os demais aposentos de habitação, com decoração parietal e pavimentos mais refinados, situavam-se num nível superior, e podemos agrupá-los em dois apartamentos distintos: um localizado no antigo bloco retangular, composto por três cubícula (D, F e G) e um grande ambiente (C); o outro no segundo andar, sobre o ângulo noroeste, compondo o grupo aparentemente mais luxuoso dentro do edifício, com saguão, ambientes de serviço, cubícula e salão. Estes dois apartamentos, como vimos, passavam por reformas à época da erupção e, ao que parece, não estavam sendo ocupados regularmente.

O edifício de Pisanella, desta forma, nos permite identificar a hierarquia dos espaços de habitação com um certo detalhe. Não é fácil, no entanto, interpretar essa hierarquização em termos sociais. Os problemas são muitos. Na escala inferior, os espaços supostos para a mão-de-obra (em R) parecem muito pequenos (vimos que eram ocupados por seis pessoas) e podemos supor que outros eventuais habitantes, que não dispunham de mobiliário pessoal, de um leito nem, sobretudo, de um quarto individual, encontrassem um abrigo promíscuo em outras partes da fazenda, ou se abrigassem, por exemplo, numa construção externa. No que diz respeito aos aposentos mais luxuosos, tampouco é tranquila sua interpretação. A duplicação em duas alas

## Pompéia

contrapostas pode ser vista como uma ilustração de certos preceitos que encontramos em Columella (I,VI,1-2), que aconselhava a construção de aposentos de inverno e de verão na parte senhorial dos edifícios rurais. Poderia tratar-se, portanto, de um único proprietário, talvez mesmo não residente, se considerarmos que os apartamentos de luxo estavam aparentemente desocupados. Esta é, ao menos, a visão corrente. A realidade, no entanto, pode ser bem mais complexa e a documentação sobre o edifício de Pisanella está longe de ter sido decifrada por completo. Este sítio em particular, graças ao notável estado de preservação dos objetos móveis e à descrição mais ou menos minuciosa de Pasqui, nos revela uma faceta dos edifícios rurais que o registro arqueológico, com sua ênfase nas estruturas e nos longos períodos de tempo, normalmente oblitera - a de ser um artefato "vivo", um objeto que, embora projetado para determinados usos, se amolda continuamente a novas funções, convive com o inesperado e o provisório. A erupção de 79 d.C. congelou, por assim dizer, o edifício num momento preciso, em que reformas estavam em curso, a sala de prensagem fôra transformada temporariamente em quarto, e certos ambientes se encontravam desativados. Alguns objetos aparentemente deslocados, como duas grandes banheiras de bronze encontradas em A (e que não caberiam nos banhos), as portas armazenadas em V (que não se adequavam às aberturas do edifício) e diversos elementos arquitetônicos de outras construções dão a impressão de terem sido depositados de modo precário, aguardando emprego alhures. Deslocado parece, igualmente, o grande tesouro de mais de 1.000 azei e de dezenas de vasos de prata e bronze descobertos em (h), cujo valor não parece corresponder à simplicidade da uilla.

Não podemos afirmar, pela estrutura espacial do edifício, se seu proprietário o habitava regularmente ou não. Mas alguns sinetes descobertos em pontos específicos da construção nos revelam que ao menos três homens, de condição livre, tinham um interesse direto na fazenda, mesmo que não morassem todos, necessariamente, em seu interior. Alguns indícios parecem, no entanto, sugeri-lo. Um

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

dos sinetes (TI.CLAUDI.AMPHIONIS) foi encontrado junto aos restos de um grande armário, colocado sob o pórtico mais curto de A. Este continha, igualmente, numerosos vasos de bronze, vidro e cerâmica, caldeirões e panelas de bronze, apetrechos de toilette e instrumentos cirúrgicos. Talvez possamos associar o conteúdo deste armário (e de outros dois, aos lados de B), com o ocupante de um dos apartamentos senhoriais, talvez com aquele sobre o pórtico, que possuía um rico mobiliário e onde uma ânfora portava a inscrição TI.CLAUDIEVI(...). Outro sinete, com o nome de L.BRITEROS, foi encontrado na soleira de G, que estava sendo reformado e que continha, sobretudo, instrumentos agrícolas. Seria o ocupante do quarto improvisado em P, que também possuía um mobiliário rico? É possível. Outro grupo de armários alojava-se no segundo piso, no apartamento senhorial dos fundos que, como vimos, estava desocupado e passava por reformas. Num deles, no cubículo D, os escavadores encontraram grande quantidade de objetos, incluindo um sinete (L.CAECILI.APRHODISI) e diversos artefatos (lamparinas, estatueta de Ísis em bronze, instrumentos cirúrgicos, cerâmica fina, vasos de vidro), alguns de uso feminino, como fusos, agulhas, espelhos, pinças e espátulas em bronze. Se Caecilius Aphrodisius tiver sido, efetivamente, o ocupante deste apartamento (em 79 d.C.), a ele (ou pessoas ligadas a ele) devem ter pertencido, igualmente, os objetos encontrados em vários grupos, neste pavimento: na divisória de madeira, posta no topo da escada, onde se encontrou uma grande quantidade de recipientes em bronze e utensílios de cozinha; no pátio (a), que abrigava ânforas dispersas e um outro armário contendo vasos de bronze, agulhas, fusos de marfim, apetrechos de toilette, etc; em (b), por fim, que parece ter servido como depósito, e onde jaziam vasos de bronze (alguns refinados) e uma rede de pesca. Os armários parecem, assim, ordenar-se por uma certa lógica, abrigando e separando os objetos pessoais dos donos dos sinetes e, ao que parece, de suas esposas ou familiares. Transparece, da mesma forma, uma correlação entre a hierarquia dos espaços de habitação e a importância (quantitativa e qualitativa) dos objetos que continham, e que

## Pompéia

pode ter correspondido ao status de seus respectivos ocupantes. Mas, como interpretar esta organização dos espaços em termos sociais mais precisos? Que dizer, por exemplo, dos aposentos mais humildes em R? Mesmo estes pequenos cubículos davam mostras de certa comodidade e da relativa independência de seus ocupantes. Seriam escravos? É possível, mas mesmo "escravos" é uma categoria algo vaga. O mobiliário de tais aposentos, seu caráter individual, o preparo de alimentos, a presença de mulheres e crianças são confortos aparentemente incompatíveis com escravos acorrentados (como os de Catão, Columella e Plínio, o antigo) ou com simples trabalhadores braçais. Haveria aposentos mais simples, espaços mais promíscuos e bem guardados, que não podemos identificar? É possível. Assim como é possível que uma parte da mão-de-obra, talvez a mais subalterna, se alojasse em dependências externas. Podemos supor, igualmente, que certos trabalhadores (como aradores, vinhateiros etc) fossem homens livres ou, ao menos, residentes em Pompéia. Como vemos, um edifício como R-13, que é representativo das casas de fazenda de menor porte na região, se adequa mal ao modelo de uma "uilla escravista", que congregasse em seu interior todas as funções habitacionais. São indicações vagas, é verdade, que apenas nos permitem constatar como as realidades concretamente vivenciadas, no interior dos edifícios rurais romanos, podem ter sido muito mais complexas do que as características de formação dos depósitos arqueológicos, nesse tipo de sítio, nos deixam habitualmente entrever.

### O Segundo Módulo

Edifícios como R-13 e R-29, que observamos com uma razoável profundidade cronológica, nos mostram uma grande capacidade de adaptação, manifesta na plasticidade com que ampliavam ou transformavam seus espaços internos, adequando-os a novas funções. Mas revelam também que o módulo retangular pode ter constituído, ao menos em algumas construções, um núcleo originário a partir do qual se

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

expandiu a área construída. Podemos reconhecê-lo, como vimos, em cerca de uma dezena de edifícios. Outras construções de pequeno e médio porte da região parecem também ter possuído um núcleo, abrigando o mesmo tipo de aposentos, mas seguindo uma concepção diversa, em que talvez possamos reconhecer um segundo modelo. As indicações são, é verdade, menos claras e possuímos poucos elementos de cronologia, dando à sua identificação um caráter necessariamente mais hipotético. Novamente, a forma global desses edifícios variava grandemente, mas podemos discernir em seu interior uma espécie de módulo que, como o precedente, possuía também um formato retangular e se abria, por vezes, para um pequeno pórtico. O retângulo era, no entanto, bem mais profundo e em seu meio abria-se, via de regra, uma área livre. Tal estrutura aparece, em sua forma mais clara e simples, num pequeno edifício escavado recentemente em Gragagno (fig. 175; Miniero, 1987, fig. 71), mas só até as cristas dos muros, e do qual sabemos apenas que possuía paredes em obra incerta. Podemos reconhecer um pátio a céu aberto (1) e um pórtico (2), atrás do qual se dispunham alguns aposentos (3-11), centrados em torno de uma área quadrangular (6). Também modesto é outro edifício, em Boscoreale (R-28), parcialmente explorado, no início deste século, por escavadores particulares (Della Corte, 1921:436-441) (fig. 158). Uma via pública deveria passar a leste da construção, como sugere a presença de uma caupona sob o telhado de A, com longo banco (b), bebedouro para animais (e), uma caldeira para aquecer alimentos (d) e um pilar em laterfício coberto por inscrições de passantes. Esta característica talvez possa explicar a existência de um grande estábulo (13), o maior ambiente do edifício, que se estendia ao longo da estrada. A construção propriamente dita abria-se ao sul para um pátio a céu aberto (C), onde se encontravam um pequeno torcular (2), um jardim (D) e um depósito com dolia (3). Os ambientes ao norte dispunham-se em torno de um amplo vestibulo (4), dando para uma espécie de apartamento com três aposentos (5-7, que passavam por reformas) e para uma ampla cozinha (8), com forno, fogão central e depósito (s). A cozinha, por sua vez, dava acesso



## Pompéia

a dois ambientes aparentemente produtivos que, por sua posição extrínseca à linha perimetral, poderiam ser acréscimos resultantes de alguma reforma (99). Della Corte (1921:436) e Carrington (1931:122), imaginam para este edifício um proprietário residente, de meios modestos porém confortáveis: uma visão compatível com o apartamento padronal (5-7) e com os objetos encontrados em 12. Devemos notar, contudo, que a escavação foi apenas parcial e que não conhecemos os demais aposentos de habitação do edifício. Onde residiria, por exemplo, a mão-de-obra? Nos ambientes não explorados ao norte? Em espaços não especializados, como a cozinha? Não sabemos.

Os edifícios precedentes não nos forneceram nenhuma indicação cronológica, que permitisse avaliar a correlação temporal entre o núcleo e o restante da construção. Um outro pequeno edifício (R-14), no entanto, escavado no século passado ao norte de Pompéia (em Contrada Giuliana), pode nos suprir com algumas informações (Sogliano, 1897:391-402) (fig. 176). Como em R-13, duas técnicas construtivas se contrapunham no interior desta uilla. O bloco oriental fôra construído em obra reticulada, com batentes em tijolos de tufo, e era precedido por um pórtico com três colunas também de tufo; o restante do edifício, a oeste do pátio E, ou seja, o pórtico meridional, o torcular (H), a cella uinaria (G), com seus quatro dolia in situ, e os ambientes ao norte (R-V), possuía muros em obra incerta. As colunas eram, aqui, em tijolos cozidos (100). É possível, portanto, se o paralelo com R-13 for válido, que o bloco oriental, onde se localizavam os aposentos mais importantes, fosse anterior à instalação do torcular e das demais dependências ao redor de E. A técnica construtiva

99) O ambiente 10, originalmente separado de 11 por um muro, possuía um grande moinho em pedra vulcânica; em 11 encontrou-se um esqueleto de cabra com sino. O ambiente 12, por fim, parece ter atuado como aposento de habitação ou como depósito de objetos valiosos: em seu interior foi descoberto um rico mobiliário, disposto em prateleiras ou armários (y e z). Incluindo uma balança, anéis, vasos de bronze, trinta e cinco moedas imperiais, sete estatuetas em bronze de divindades (uma delas, um "Gênio" familiar), dados, colheres e um falo em márfil, além de vasos, em vidro e cerâmica, e de dez instrumentos agrícolas.

100) Sogliano, na verdade, descreve apenas a fachada dos muros que dão para (E). Não podemos, assim, saber ao certo qual a estrutura das paredes mais internas da cozinha e de A-C.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

dos muros orientais e alguns selos sobre telhas (L.EVMACHEROT, L.EVMACH, L.SAGINI PRODAMI, cf. Steinby, 1984:209) parecem apontar para os primeiros anos do Império (entre Augusto e Tibério). A construção do edifício, ou ao menos de parte dele, poderia ser, assim, contemporânea à decoração de III estilo que recobria os ambientes padronais (A-C) e os muros do pórtico.

O bloco oriental era claramente repartido em dois setores. Em sua metade meridional estendia-se um apartamento padronal, consistindo em um grande ambiente (B), um cubiculum (C), com teto abobadado, e um curioso aposento (A), sem comunicação com o interior da residência, que Sogliano interpretou como um sacrário doméstico, pela presença de um altar cilíndrico (d), ainda com restos de oferendas (1897:393). No setor ao norte, dispunha-se uma grande cozinha (K), com forno aos fundos e uma pequena escada para um segundo andar, não preservado (sobre K ou O-N). A cozinha era, igualmente, uma área de circulação, dando acesso a uma latrina (M), a um banho modesto (P), sem aquecimento canalizado, e a dois aposentos sem decoração (cubicula?) (101). Não sabemos, ao certo, se os ambientes a oeste de E são efetivamente posteriores a este núcleo. Mas é possível traçar, novamente, certos paralelismos com R-13 (e, em menor grau, com R-29 e outros edifícios), senão na forma global, ao menos na escolha dos espaços e funções: 1) torcular sob um dos braços do pórtico (e perpendicular ao núcleo); 2) cella vinaria recortada no espaço do pátio, seguida de um horreum (S) (102) e de uma área descoberta (T); 3) um segundo piso sobre S, com acesso por escada em R, ocupado por outros apartamentos padronais, a julgar pelos restos de pavimentação, em mármore, que Sogliano lhe atribui (1897:402);

101) A cozinha exercia, desta forma, a função de área central, que consideramos típica dos exemplares deste segundo "modelo".

102) Identificado por Sogliano em função da inscrição HORDEVN CCDLXX VI/FABA MCDLXXXVII (1897:402), descoberta em uma de suas paredes.

## Pompéia

4) alguns cubicula mais simples, por fim, que poderiam localizar-se em I (sem janelas para fora) ou no segundo piso que se erguia aí.

Este mesmo módulo retangular mais profundo é reconhecível, ainda que de modo menos claro, num edifício vizinho (R-25), quase sob os muros de Pompéia (Della Corte, 1921:415-423) (fig. 165) (103). Parece, com efeito, ser a concepção que regulava os ambientes reunidos no bloco a leste (2-6). Este se abria para um pórtico (C), com colunas em tufo de Nocera encimadas por capitéis dóricos (b e b'), o que pode sugerir, para este núcleo, uma datação elevada, se não se tratar de uma simples reutilização (104). A maior parte do bloco era ocupada por aposentos de habitação, com modestos confortos: pavimentos de cocciopesto em 3 e 4, que eram provavelmente cubicula; decoração parietal, bastante simples, em 3, 4 e 7, este último um triclinio, com restos de leito com entalhes em márfil. Em 6 podemos reconhecer um depósito, com acesso direto para o exterior. Aqui se descobriu, com efeito, uma grande quantidade de objetos, alguns certamente destinados ao triclinio (vasos de bronze, vidro e cerâmica, grandes caldeirões, ânforas de garum, mesa de mármore etc). Não sabemos se era esta a disposição original do bloco - Della Corte, na verdade, nos diz que os muros da fazenda eram em obra incerta, com sinais de restaurações, mas não nos fornece indicações cronológicas mais precisas. O torcular que Della Corte coloca em 2, por exemplo, possuía uma disposição muito curiosa, na medida em que se estendia sobre uma cisterna (105), e pode ter ocupado o espaço, quem sabe, de uma antiga cozinha, deslocada depois para o ambiente 12. Crova (1942:178) supõe, com efeito, que os ambientes a oeste do bloco (7-13) fossem uma ampliação posterior, o que a mera disposição planimétrica torna verossímil, a despeito da falta de indicações de Della

103) O edifício encontrava-se numa área densamente edificada (Della Corte, 1921:415) e dava diretamente para a via pública que sala de Pompéia pela Porta do Vesúvio, como mostram o traçado curvilíneo do muro frontal, a oeste, e a vizinhança de um sepulcro (D).

104) Uma datação elevada, no século II a.C., é sugerida igualmente por um selo de telha (C VAHIES), descoberto no sítio, mas vale a mesma ressalva.

105) Assim afirma Della Corte (1921:417), embora o torcular não seja claramente reconhecível na planta publicada.

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Corte. Aí se encontrava um pequeno banho com um frigidarium, cuja banheira era revestida de mármore, e um calidarium, aquecido por um praefurnium colocado na cozinha, com um pavimento em mosaico. Ao sul, estendiam-se uma cella uinaria, reconhecível pelas estreitas aberturas na parede (g) e alguns ambientes modulares (7-9), servindo como depósito (vejam-se os dolia de 7) ou cubicula e reduplicados por um segundo andar; um anexo (13), por fim, abrigava alguns dolia em fragmentos e seis esqueletos, um dos quais de criança. Em l localizava-se uma cella ostiaria, abrigando um grande armário, com objetos de uso pessoal, como recipientes, um espelho em bronze, uma cabeça feminina em mármore, lamparinas, cerâmica comum, uma ânfora de garum - tratava-se, provavelmente, de um aposento de habitação, situado num nível intermediário entre os espaços mais luxuosos e os ambientes modulares.

Uma datação elevada pode ser suposta, igualmente, para dois outros edifícios, já mencionados anteriormente, que possuam pinturas parietais em l estilo e que podem ser associados a este modelo. Em Centopiedi al Tirone (R-22; fig. 141), com efeito, o retângulo é facilmente reconhecível, exposto a sul diante de um púrtico (C) e aberto no centro por meio de uma área livre, com telhado sustentado por duas colunas, diante do aposento decorado 2. Em Setari (R-23; fig. 142), embora o desenvolvimento em profundidade seja mais tímido, o corredor (A) parece ter cumprido as funções de uma área livre no interior do retângulo (e não, como poderíamos pensar, as de um púrtico, se tivermos em vista seu caráter fechado). É possível, portanto, se nossa atribuição estiver correta, que este modelo remonte a um período anterior à colonização romana. Devemos reconhecer, no entanto, que estes dois edifícios passaram por diversas transformações em sua história, como a instalação de torculares, a redecoração de certos aposentos e, talvez, uma mais nítida separação entre ambientes

## Pompéia

padronais e áreas de serviço. Não podemos, desta forma, estar seguros sobre sua forma original.

Ainda menos certa é a atribuição a este modelo de um outro pequeno edifício (R-26; fig. 160), escavado ao norte de Pompéia (Della Corte, 1921:423-426), nas proximidades de outras construções já nossas conhecidas, como a Villa Aselli (R-27; fig. 157). O edifício fôra erguido em obra incerta e mostrava sinais de restaurações. Já explorado na antiguidade, o sítio apresentou-se quase desprovido de mobiliário móvel, dificultando a interpretação funcional dos aposentos. O edifício, bastante simples, organizava-se em redor de uma área aberta (B), de formato retangular, em direto contato com o ingresso. Este corredor, penetrando no edifício, dividia-o em duas alas distintas: uma série de modestos aposentos modulares situava-se a leste (1-4), sendo todos cobertos por um telhado simples, com a água voltada para B (106); na ala oposta localizava-se o único ambiente com reboco parietal (6), embora bastante rústico, uma cozinha (9), um *trapezium* (g) e uma escada em dois lances (em 5) para um piso não preservado. Della Corte imagina, talvez com razão, que o fenil (12), com muita palha carbonizada, e o galpão externo (13), que alojava estacas de castanheiro, fossem um acréscimo ulterior. Esta ampliação, da qual fariam parte, igualmente, os ambientes 8 e 11, teria alterado o perímetro primitivo do edifício, ainda reconhecível na forma de um retângulo aprofundado (1921:425-426). É preciso admitir, no entanto, que as informações sobre este sítio são muito escassas para permitir uma compreensão mais precisa de sua história ou de seu sentido (107).

Este grupo de edifícios parece, assim, compartilhar de uma concepção uniforme na organização de seu núcleo habitacional, embora a forma desse núcleo presente, é preciso reconhecê-lo, uma maior variabilidade do que no modelo anterior.

106] Em 3 encontrou-se uma grande quantidade de objetos: vasos de bronze, instrumentos agrícolas, cerâmica comum e de mesa, ânforas etc. Poderia tratar-se do mobiliário de um cubículo ou de um depósito.

107] Alguns aspectos do edifício não encontram resposta satisfatória: a ausência de uma porta em A, que o isolasse do exterior, a inexistência de prensas, em face do *trapezium* e das estacas encontradas em 13, provavelmente para um vinhedo, etc.

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Todas estas construções apresentam dimensões semelhantes, abaixo de 600 m<sup>2</sup>, e estão ausentes edifícios de porte "médio", como R-13 (fig. 139). Enfatizam, de modo assemelhado, os espaços produtivos, geralmente colocados para além do pátio aberto, com exceção do torçular, que tende a instalar-se mais próximo do núcleo. Em todos é visível uma certa hierarquia dos espaços habitacionais, embora sua amplitude varie menos que em edifícios maiores, como R-13 ou R-29 (fig. 161). Em R-14 (fig. 176) e R-25 (fig. 165), por exemplo, o topo da escala era representado por aposentos relativamente luxuosos, embora suas ênfases fossem diferentes: no primeiro, o banho permaneceu modesto, enquanto os aposentos senhoriais foram decorados com certa sofisticação e reduplicados no pátio; já em R-25, os aposentos de habitação receberam uma decoração singela, em contraposição aos banhos, de custosa instalação (pelo sistema de aquecimento e pela decoração). Em ambos os edifícios uma certa classificação hierárquica parece manifestar-se, igualmente, nos aposentos mais simples: assim, em R-25, o ambiente 1 com relação a 8-9 ou, em R-14, os ambientes N-O, face a I. Nos edifícios mais simples, por sua vez, nos quais os aposentos mais confortáveis não tinham decoração, as hierarquias parecem ter sido ainda mais restritas.

Há alguns edifícios cuja estrutura planimétrica não parece incluir-se nos dois modelos que propusemos para as pequenas e médias construções. O melhor conhecido é um sítio escavado recentemente em Boscoreale (De Caro, 1981; 1983), na localidade de Villa Regina (fig. 166), que deve datar do final da República ou início do Império (108). O pequeno edifício, com menos de 500 m<sup>2</sup> possuía uma linha perimetral bastante irregular, composta por três blocos unidos por um pórtico e com aposentos excêntricos. Dois setores habitacionais são reconhecíveis: um a oeste, formado pelos aposentos XI, XVI e V (este com pinturas parietais em III estilo), que se reproduzia num segundo andar; outro a leste, composto por um grande ambiente (IV), com

108) Uma datação compatível com a decoração em III estilo (que pode não ser a original) e com o selo EVMACHII, encontrado em telhas.

## Pompéia

decoração em IV estilo (109), e por um aposento construído, numa reforma, sobre VIII. Os demais ambientes eram rústicos: aos lados da entrada abria-se uma cozinha XII, com pequeno fogareiro e mobiliário apropriado (cerâmica de mesa e comum, recipientes de bronze etc). Do outro lado, localizava-se uma espécie de cella ostiaria (X), com duas entradas. Um grande torcular estendia-se em IX, podendo ser abastecido do exterior por uma janela aberta a leste, a poucos metros de um vinhedo, identificado pelos traços de cultivo e pelos buracos deixados pelas plantas e pelas estacas. É possível que esta ala tenha sua origem em uma ampliação. É, ao menos, o que supõe De Caro com relação ao ambiente II, que fôra construído para alojar uma cozinha, mas que se encontrava, à época da erupção, aparentemente fora de uso. No pátio III, por fim, estendia-se uma cella uinaria (não visível na planta), delimitada por uma mureta baixa em reticulado, com dezoito dolia enfileirados, alguns de colocação recente. Villa Regina, com seu plano irregular e caótico, parece assim uma ilustração acabada da visão de Wallace-Hadrill sobre a arquitetura dos pequenos edifícios e talvez devamos deixá-la como saudável exceção.

### A Arquitetura Rural em Pompéia - Conclusão

A região vesuviana nos oferece, desta forma, uma oportunidade única de observar o desenvolvimento da arquitetura rural romana numa área circunscrita, de entrever as possíveis relações formais, a evolução diferenciada de grandes e pequenos edifícios - e isso num espaço de tempo relativamente curto. É forçoso reconhecer que se trata de uma visão necessariamente limitada, aplicável apenas ao material disponível. Não sabemos, por exemplo, que tipos de edifício podem se esconder nos

109) Trata-se, provavelmente, de um triclinio. Em 79 d.C., em todo caso, encontrava-se fora de uso, sendo utilizado como depósito de telhas.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

silêncios da documentação: lembremos que os menores edifícios rurais que descrevemos, nesta região, tinham cerca de treze aposentos e uma área superior a 400 m<sup>2</sup>. É possível que toda uma série de pequenas construções, talvez mono-celulares, talvez em madeira, talvez muito pequenas e pobres para atraírem a atenção dos escavadores, tenha feito parte do sistema de assentamento rural, mas não podemos definir sua importância relativa, sua distribuição ou mesmo sua forma. A despeito desta limitação, a documentação que possuímos pode nos ajudar a desenvolver certas questões e a propor algumas respostas. Em primeiro lugar, como vimos, a ocupação do espaço rural por casas de fazenda, já visível no século II a.C., intensificou-se no curso do século seguinte, atingindo seu clímax, ao que parece, nas décadas iniciais do Império - o ímpeto construtivo parece, com efeito, ter cessado após os reinados de Augusto e Tibério, embora as reformas prosseguissem. Como resultado do terremoto de 62 d.C., com efeito, o campo vesuviano deve ter parecido, à semelhança das cidades, um canteiro de obras.

Os maiores edifícios conhecidos, como vimos, estendiam-se ao longo do litoral, tendo como características marcantes a adoção do modelo axial, típico da habitação urbana, e a importância conferida aos espaços externos, para os quais se abriam as construções. Já no interior, em meio aos campos ao norte e a leste de Pompéia, no vale do Sarno ou nas colinas de Stabiae, o modelo citadino estava singularmente ausente, se excetuarmos edifícios quase urbanos e do século II a.C., como Villa dei Misteri. Aqui, mesmo as grandes construções, menores que suas congêneres do litoral (embora com cronologia paralela), seguiam um modelo próprio, organizando-se em grandes pátios porticados, funcionalmente distintos. Já os edifícios de pequeno porte, aqueles abaixo de 1.000 m<sup>2</sup>, adquiriram, com o tempo, alguns traços provenientes dos maiores: generalização da decoração parietal, à época do III estilo, introdução de aposentos termas sofisticados, sobretudo por volta de 50 d.C., divisão da ala senhorial em apartamentos distintos, como em R-13 e R-29, entre outros. Mas eles



## Pompéia

parecem antes responder com atraso às novidades de cada instante, do que imitar servilmente o modelo das grandes construções. O mesmo pode ser dito de sua forma planimétrica, que não se inspirava, nem no modelo urbano com átrio, nem naquele "rural", dos pátios porticados. Tampouco podemos afirmar que a disposição de seus espaços internos tenha sido plenamente aleatória, como suporia talvez Wallace-Hadrill. Vimos como os edifícios menores se deixaram integrar em dois grupos distintos, no modo relativamente previsível como organizavam determinados ambientes, que parecem ter constituído uma espécie de núcleo da habitação. As construções de menor porte se desenvolveram, desta maneira, de modo original e independente dos grandes edifícios, apresentando modelos próprios para a organização de certos espaços internos. Mais do que isso: podemos afinal reconhecer o modelo retangular alongado (nosso primeiro modelo) mesmo em grandes construções, puramente senhoriais, como na Villa Asellius (fig. 157, amb. 1-16). A escala é aqui maior, sem dúvida, mas o bloco setentrional, com sua sucessão de cozinha, banho e aposentos de habitação, é claramente inspirado em edifícios como R-13 e compõe, como vimos, o provável núcleo original da construção.

A presença destes dois modelos entre os pequenos e médios edifícios da região vesuviana coloca-nos algumas questões interessantes, em sua maioria irrespondíveis. Qual sua origem? Sua extensão geográfica? Como explicar sua coexistência numa mesma região? Trata-se, efetivamente, de dois modelos distintos, percebidos como tais por seus construtores? Os dados disponíveis permitem apenas algumas observações de caráter especulativo. Ambos os modelos parecem instalados no território em data recuada. Os exemplares mais antigos do primeiro modelo remontam, como vimos, pelo menos à época do II estilo (R-13 e R-29). Para o segundo modelo possuímos exemplares ainda mais antigos (R-22 e R-23), decorados no I estilo, embora isto não implique, necessariamente, em sua anterioridade. Apesar de semelhantes, além disso, os dois modelos parecem refletir concepções espaciais distintas havendo, no

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

segundo modelo, algo do senso de profundidade das casas urbanas. O primeiro, por outro lado, parece mais constante, uniforme e previsível que o segundo, cujo reconhecimento é sempre menos seguro, mais duvidoso. Isto pode ser um desvio da documentação, ou um viés que introduzimos com nosso modo particular de ver estes edifícios. Mas este padrão poderia expressar, efetivamente, uma realidade antiga, cujo sentido preciso nos escapa. A maior uniformidade com que se apresenta o módulo retangular alongado nos sugere, tão somente, que a instalação dos edifícios desse modelo pode ter ocorrido num espaço de tempo relativamente curto, enquanto a maior variedade dos edifícios do segundo modelo poderia implicar numa atividade construtiva estendida por um longo período e, portanto, mais sujeita a mudanças e variações (110). Os dados, no entanto, são escassos e insuficientes para extrairmos conclusões mais positivas.

Isto não importa. Interessa-nos mais o fato de que a região vesuviana, a única que podemos examinar enquanto tal, nos mostra uma arquitetura rural diversificada e em pleno movimento. Em contraste com as expectativas habituais, as grandes construções senhoriais não parecem ter monopolizado um código arquitetônico que fosse, por excelência, a fonte de inspiração dos edifícios menores que, por si mesmos, não teriam forma própria. Diferentes modelos parecem corresponder, com efeito, a categorias diversas de edifícios, que coexistiam num mesmo espaço e se influenciavam reciprocamente: de cima para baixo, sem dúvida, mas também em sentido contrário. Os edifícios mais ricos parecem ser, na região, a expressão de um modelo muito difundido, quase "nacional". As menores dependem, provavelmente, de modelos menos expandidos, mais regionais, cuja extensão e origem não podemos ainda

110) Num nível hipotético - e apenas como hipótese para futuros trabalhos - talvez pudéssemos associar a introdução do primeiro modelo aos colonos romanos assentados a partir de 89 a.C. E é interessante lembrar que o formato retangular do núcleo dessas construções recorda de perto os pequenos edifícios retangulares que conhecemos na Etrúria meridional e no Lácio, desde épocas muito antigas. No caso de esta hipótese fazer sentido, o segundo modelo representaria uma concepção mais local que, com sua área livre central, não deixa de ter paralelos com certos edifícios campanos, como S. Rocco (fig. 75) em sua primeira fase, ou mesmo latinos, como o de via Gabínia (figs. 61-62).

## Pompéia

determinar. Em todo caso esses modelos, e esses edifícios concretos, entraram em contato nesta região específica, se contaminaram e se transformaram conjuntamente. Isto é visível no ritmo comum das construções, das reformas, da difusão das pinturas, da introdução de banhos, da instalação de prensas, todas muito semelhantes, com sua base retangular elevada, revestida de cocciopesto (111). A despeito das diferentes origens e influências recebidas pelos edifícios rurais da região, ao longo de sua história construtiva, estes parecem formar, deste modo, o que poderíamos chamar de um sistema regional coerente. É possível, portanto, que sistemas análogos se organizassem igualmente em outras regiões da Itália central, envolvendo esquemas locais e influências recebidas de áreas mais ou menos distantes, cada qual com sua própria hierarquia das construções. O estado da documentação não nos permite, como vimos, demonstrá-lo cabalmente. Mas a região vesuviana nos revela, ao menos, os riscos que corremos ao ignorar as limitações de nossas fontes, sobretudo no que se refere às realidades regionais, exatamente aquelas onde as construções menores poderiam se manifestar sob uma outra luz. Nos revela, sobretudo, pela própria riqueza de dados, que as situações concretas podem ter sido muito mais complexas do que a arqueologia rural romana se habituou a considerar.

---

111) A predominância deste tipo de prensa nos edifícios vesuvianos é, como vimos, uma característica regional. Mais ao norte, em S. Rocco, nos arredores de Roma ou mesmo na Etrúria (como em Settefinestre), predominavam prensas de base circular, construídas em spiccatum (ao menos a partir de Augusto). O único exemplar conhecido deste tipo de prensa, na região vesuviana, foi encontrado no edifício de S. Sebastiano al Vesúvio (fig. 177, E), numa parte reconstruída após a erupção e, portanto, do final do século I d.C. ou do início do século seguinte. A forma de tais torculares é, portanto, mais um traço comum, regionalizado, de que grandes e pequenos edifícios compartilhavam na área vesuviana.

## VIII

### DECLÍNIO

#### A Crise Anforária

O estudo dos edifícios rurais vesuvianos nos transportou, do período de Augusto, para a segunda metade do século I d.C. Muitos autores identificam, neste século, o início de uma longa crise econômica da Península, preludindo ao seu lento declínio em direção ao Baixo Império. Mas, se a decadência da Itália parece, por todas as evidências disponíveis, uma realidade palpável, embora a longo prazo, o ponto cronológico de inflexão é objeto de intensos debates. Rostovtzeff (1933) colocava-o, precisamente, na segunda metade do século primeiro, atribuindo-o à concorrência provincial (sobretudo da Gália), que ocupava os mercados locais e vedava os acessos à produção italiana. Seu principal indício fundava-se no declínio da produção de cerâmica de mesa na Península, em proveito das produções de *sigillate* sul-gaulesas e norte-africanas. Para Rostovtzeff, portanto, a crise se iniciava nas manufaturas urbanas, atingia as classes médias das cidades da Itália central e da Campânia e afetava os campos apenas num segundo momento (1933:235). Sobre o mundo rural, com efeito, Rostovtzeff se baseava, sobretudo, em testemunhos escritos: os queixumes de Plínio, o antigo e de Columella sobre a situação da agricultura itálica (1933:111-112) e, particularmente, o famoso texto de Suetônio sobre o Edito de Domiciano, que proibira a instalação de novos vinhedos na Itália e estipulara a destruição de 3/4 dos vinhedos

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

provinciais - claro sinal, para Rostovtzeff, de uma crise crônica de superprodução de vinho (1933:236-238).

Uma possível crise da Itália central voltou a ser, recentemente, o centro de um debate e o tema da concorrência provincial, como seu agente causador, foi retomado por alguns estudiosos, em particular pelos marxistas italianos. O tom, no entanto, é agora diverso, a base documental foi consideravelmente alargada, em particular pelos dados anforológicos, e o foco das atenções deslocou-se para os produtos transportados por ânforas, sobretudo para o vinho, sentido como um produto essencial para a compreensão da economia romana neste período. Panella (1981) e Carandini (1989) acreditam haver encontrado sinais claros de crise em certas transformações da cultura material itálica, tal como refletidas nos vestígios arqueológicos. Estes revelariam duas tendências paralelas e complementares: em primeiro lugar, uma queda brutal na exportação de vinho itálico para a Gália e a Península Ibérica, visível na reduzida difusão das ânforas de tipo Dressel 2-4, frente a sua antecessora, a Dressel 1 (1). Já à época de Augusto, portanto, quando as ânforas Dressel 1 desapareceram, a produção itálica teria começado a sofrer com a concorrência, primeiramente da Península Ibérica (ânforas Haltern 70, Pascal 1 e outras) e, em seguida (com os Flávios), da Gália meridional (Panella,1981:64; Carandini,1989:512). O século I d.C., desta forma, teria conhecido um sensível declínio da produção vinária na Itália tirrênica, prenunciando seu desaparecimento. Este, por sua vez, coincidiria com o fim da produção das Dressel 2-4, na primeira metade do II d.C. Esta restrição do mercado externo teria ainda sido agravada por um fenômeno

1) Tchernia que, como veremos abaixo, apresenta uma interpretação totalmente diversa destes dados, confirma, no entanto, a queda na exportação de vinho para a Gália, que se seguiu à introdução das Dressel 2-4 (1986:140). Mesmo criticando os mapas de distribuição elaborados por Panella (1981: tav. XII e XIII), que não levam em conta a densidade dos achados por sítio, Tchernia avalia que a queda, no que respeita aos sítios gauleses, foi da ordem de 100:1 (1986:75-77 e 137). Em 1986, além disso, conheciam-se 44 naufrágios com carregamentos de Dressel 1 e apenas 10 com uma carga de ânforas tipo Dressel 2-4 (Tchernia,1986:137). Já a área de difusão parece ter sido, pelo contrário, bastante ampliada, abrangendo as ilhas britânicas, o norte da África, o Mediterrâneo oriental e até mesmo a Índia (1986:149-153).

## Declínio

paralelo, revelado por outra série documental (mas trata-se, ainda, de ânforas). Gráficos estabelecidos a partir de certos depósitos estratificados desses recipientes, como os de La Longarina e, sobretudo, das Terme del Nuotatore, em Óstia, mostrariam uma crescente penetração de vinhos ibéricos e gauleses, além de outros produtos, no mercado romano, em detrimento da produção da Itália central. Uma primeira flexão se poderia observar, também neste caso, à época de Augusto (La Longarina), com o aparecimento das ânforas de vinho da Bética; outra, mais acentuada, no início do século II d.C.: no estrato datado à época de Trajano/Adriano o vinho itálico não representaria mais de 10% dos achados para, no estrato imediatamente superior, datado como "antonino", desaparecer quase por completo (Panella, 1981:70 e 78-79) (2).

Esta versão "atualizada" da tese de Rostovtzeff sofreu, por sua parte, uma intensa contestação. Purcell observou que os dados de Óstia não podem ser generalizados para o restante da Itália pois traçam um perfil, tão somente, do mercado romano. Privilegiam, além disso, os produtos importados por via marítima, em prejuízo da produção do interior, escoada por via fluvial ou terrestre e que não passava por Óstia (1985:10). As fontes escritas, por outro lado, não mostrariam qualquer declínio da viticultura itálica. Esta teria, pelo contrário, conhecido um verdadeiro boom no século primeiro d.C. (1985:9-13), do qual o Edito de Domiciano seria, na verdade, um reflexo (1985:4). A expansão da produção vinícola seria, por sua vez, uma consequência do crescimento do consumo e, em particular, da difusão de vinhos populares e mais baratos, com a introdução de videiras de grande produtividade (1985:17). A queda nas exportações não seria, deste modo, o resultado de uma imaginária concorrência provincial, mas de uma reorientação da produção em direção ao gigantesco mercado romano e de um deslocamento dos vinhedos para o interior. Isto explicaria a ascensão

2) Em La Longarina, dominavam ainda os vinhos itálicos, sobretudo os da região vesuviana. Ao mesmo tempo, no entanto, apareciam ânforas da Península Ibérica, tanto da Bética (Halter 70), como da província tarraconense (ânforas Pascual e outras), da Itália setentrional (ânforas Dressel 6) e do Egeu (em ordem decrescente de importância, cf. Hesnard, 1980:149, com comentários de Tchernia, 1986:154 e Carandini, 1989:513).

de vinhos produzidos no interior, como o Albano (Purcell, 1985:16-17), e a diminuição quantitativa, no registro arqueológico, dos achados de ânforas (dispensáveis no transporte terrestre e fluvial) (3).

É a André Tchernia, no entanto, que devemos o melhor estudo sobre a evolução da produção vinícola na Itália romana (1986) - ao mesmo tempo um exaustivo estudo da documentação anforológica e uma criteriosa revisão interpretativa das fontes textuais (4). Segundo Tchernia, a queda nas exportações de vinho para a Gália não seria devida à concorrência local, nem a uma crise interna da produção itálica (5), mas a um acentuado decréscimo do consumo gaulês após as conquistas de César, provocado por uma alteração na estrutura clientelística das aristocracias gaulesas e pelo fim do valor de prestígio antes conferido ao vinho (6). Já o aumento das importações para a Itália, atestado pelas fontes escritas e pelos depósitos ostienses, teria sua origem num extraordinário incremento do consumo de vinho na própria Itália, estimulado pelas distribuições de trigo e pelo crescimento geral da riqueza entre a população. A crise afetaria, tão somente, os vinhedos de alta qualidade e baixa produção, baseados no cultivo de variedades de "Aminea" e incapazes de atender à demanda crescente. A partir de Augusto estes cederiam lugar, pouco a pouco, a vinhedos "de abundância", como o que se instalaria aos pés do Vesúvio, produzindo,

3) Os mercados do Danúbio e do Mediterrâneo oriental, que animavam, segundo Purcell, a produção vinícola da Itália setentrional, não nos interessam aqui, na medida em que nosso objeto de estudo continua sendo a Itália central itálica. É preciso enfatizar, no entanto, que a visão de Purcell, de uma viticultura florescente no século I d.C., pressupõem, precisamente, essa expansão dos vinhedos para o norte da Península (movimento que atribui a empreendimentos da classe senatorial, cf. 1985:11)

4) As conclusões essenciais sobre o século I d.C. aparecem já em Tchernia, 1984. Não é possível fazer justiça, no resumo que se segue, à fineza das deduções de Tchernia, que manifesta uma permanente consciência do caráter limitado de suas próprias hipóteses e da documentação disponível.

5) Crise que, para os marxistas italianos, se originaria, em primeiro lugar, da própria inelasticidade das unidades produtivas e da incapacidade de expansão do sistema escravista (Carandini, 1978:252-254 e, contra, Giardina, 1986:1). Em um trabalho mais recente (1989), Carandini parece ter abandonado a idéia de uma crise interna ao "modo de produção escravista", em favor de uma visão "braudeliana": a crise seria o reflexo da perda, por parte da Itália, do monopólio comercial que a dominação imperial lhe propiciara no século I a.C., e que a instituição do Império por Augusto colocara em cheque (1989:512 e segs.). Neste trabalho, Carandini redimensiona sua própria visão da viticultura italiana à luz, precisamente, do livro de Tchernia.

6) Segundo Tchernia, é provável que, a partir de Augusto, as exportações se restringissem aos vinhos italianos de alta qualidade, como o Falerno (1986:148).

## Declínio

sobretudo, vinhos baratos e populares. O fim das exportações teria, assim, sido compensado pela ampliação do mercado urbano da Itália, em particular pelo romano. O próprio texto de Columella revelaria uma melhoria nos vinhedos da Itália durante a época Júlio-Cláudia, que se refletiria, por sua vez, numa queda nas importações de vinho ibérico, antes mesmo da introdução do produto gaulês sob os Flávios (1986:250 e segs.). Já o Edito de Domiciano seria apenas um reflexo conjuntural da erupção de 79 d.C. e da consequente destruição dos vinhedos vesuvianos, o que teria provocado um forte aumento de preços e incentivado a expansão da produção. Nada teria a ver, portanto, com uma suposta crise estrutural da viticultura itálica (1984:483-4; veja-se também Paterson, 1987). Tampouco o fim das Dressel 2-4 anunciaria, como pretendia Panella, o fim da produção de vinho na Itália: sabemos muito pouco sobre os recipientes de transporte a partir do século II d.C. e o uso crescente de barris de madeira no transporte marítimo faria com que as ânforas deixassem, a partir de então, de ser um índice confiável do comércio de produtos agrícolas (Tchernia, 1986:285-292).

## O Assentamento Rural na Itália Tirrênica

Até o momento nos centramos na documentação anforológica, pois esta tem sido o foco principal do debate. Como observou o próprio Tchernia, no entanto, outros materiais arqueológicos podem oferecer periodizações distintas e, aparentemente, incompatíveis com aquela sugerida pelas ânforas (1986:269-27). É hora, portanto, de voltarmos nossa atenção para os edifícios rurais. Vejamos, em primeiro lugar, os dados dos levantamentos de superfície que, a despeito das dificuldades de interpretação que já conhecemos, e do caráter restrito das zonas estudadas, ainda são nosso melhor índice das transformações a longo prazo no



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

assentamento rural. De norte a sul da Itália tirrênica, tais levantamentos nos fornecem um quadro cronológico distinto daquele proposto para outras categorias documentais. No litoral da Etrúria central, no território do vale do rio Oro, alguns edifícios parecem ter desaparecido com o final do século I d.C., outros (2 ou 3) foram abandonados no período antonino, mas a densidade do assentamento se manteve, sem grandes alterações, até o século III d.C. (figs. 182 e 183) (Celuzza & Regoli, 1982:41-47), quando ocorreu uma rápida retração (7). Mais para o interior, no vale do rio Albegna, algumas áreas pesquisadas próximo à Heba mostram que a ocupação do território rural por edifícios esparsos se manteve até, pelo menos, o século II d.C. (fig. 84) (Attolini et alii, 1983:458). Ao final deste período, com efeito, a quase totalidade dos grandes e pequenos sítios deixou de apresentar elementos cerâmicos datáveis, o que sugere seu abandono no século III d.C. (8). Na vizinha Saturnia, um levantamento preliminar conduzido por Dyson descobriu cerca de trinta sítios rurais de época romana, dos quais dezesseis republicanos contra apenas oito do período alto-imperial (fig. 185 e 186) (1975:6). Dyson observa, no entanto, que este aparente declínio aplica-se, tão somente, aos sítios menores, todos republicanos. Os sítios maiores, quatro ao todo, datam do período imperial e três deles permaneceram ativos até o século III d.C. (1975:6).

Mais ao sul, na região da antiga Tuscania, um outro levantamento preliminar, do qual conhecemos apenas as conclusões, não encontrou evidências de uma redução dramática na densidade do assentamento rural durante o Império, mesmo em período tardio, mas as informações são, ainda, muito escassas (Barker & Rasmussen, 1988:39). Já na região do vale do rio Mignone, na Etrúria meridional, o

7) O material datante fundamental, neste como em outros casos, é ainda a cerâmica de mesa, em particular as produções tardias de *sigillate* - as *sigillate chiare* A, C e D. Apenas 7 sítios apresentaram fragmentos destas duas últimas produções, datáveis, genericamente, entre os séculos III e VI d.C. (Celuzza & Regoli, 1982:46). Outros 6 sítios, cuja ocupação poderia estender-se a este período, não puderam ser datados com precisão.

8) É possível, no entanto, como já observamos, que este fenômeno reflita, mais simplesmente, uma queda no consumo de cerâmicas de grande difusão, em proveito de produções locais, cuja cronologia, via de regra, se desconhece. Deve-se notar, por outro lado, que quatro sítios, todos de grandes dimensões, apresentaram cerâmica dos séculos V-VI d.C. e que nove sítios não puderam ser datados.

## Declínio

ápice do assentamento parece ter-se dado, precisamente, em época Júlio-Cláudia (35 sítios alto-imperiais, contra 30 tarso-republicanos) (figs. 188b e c). O século II d.C. assistiu, no entanto, a uma forte contração, com a desaparecimento de inúmeros sítios. O assentamento só parece ter-se recuperado, segundo os dados cerâmicos, no século V d.C., com seis sítios atestados (Gazzetti et alii, 1985:525) (9). Nossas melhores informações sobre a Etrúria meridional provêm, no entanto, como sabemos, da área prospectada por equipes inglesas, desde os anos 1950, ao norte de Roma. Os dados dessas prospecções, sintetizados por Potter, revelam uma grande densidade de edifícios rurais neste período, acompanhada do florescimento dos centros urbanos, como Lucus Feroniae, e dos vilarejos colocados ao longo das estradas - uma prosperidade que se estendeu, segundo Potter, até meados do século III d.C. (fig. 193) (1985:130). A tabela

---

9) A ausência de dados sobre as dimensões dos sítios, na publicação preliminar que possuímos, impede-nos de avaliar com maior precisão as mudanças no padrão de assentamento refletidas no número de sítios.

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

abaixo mostra, com efeito, uma notável expansão, no alto-império, em todas as áreas prospectadas.

região	período rep.	período (I d.C.)	% sítios novos	período (II d.C.)	% sítios novos
Veios	242	327	32	307	15
Eretum	53	57	37	56	12,5
Falerii	142	207	39	199	37
Capenas	90	100	55	124	49
Sutri	32	50	76	67	60

(Potter,1985:145, Tab. V)

Os dados da tabela mostram mesmo que, em áreas marginais, como Sutri e Capenas, o século II d.C. foi um período de expansão, embora a impressão predominante seja a de uma notável instabilidade do assentamento rural. Em Sutri, com efeito, nada menos que 67% dos sítios republicanos desapareceram com o início do Império (Potter,1985:146) e 76% dos edifícios alto-imperiais eram de construção recente (do século I d.C.). Uma nova ruptura parece ter ocorrido no período seguinte, quando 44% dos sítios desapareceram (ou seja, deixaram de apresentar as *sigillate chiare*) e 66% das construções identificadas eram recentes (isto é, essas *sigillate* eram a mais antiga produção encontrada). Mesmo em Veios, cujo assentamento parece ter sido o mais estável da área, 11% dos sítios republicanos desapareceram com Augusto e

## Declínio

20% com o final do século I d.C. - uma perda compensada, em ambos os casos, pela construção de novos edifícios. É possível que alterações tão radicais na constituição do assentamento representem, em alguns casos, intervenções específicas do poder estatal, como a fundação de colônias de veteranos; ou que reflitam crises localizadas, cujo significado nos escapa. As próprias características da documentação resultante dessas prospecções nos impedem de ir além: os períodos representam unidades de tempo distintas (300 anos no período V; 130 no período VI e 400 no período VII), por vezes muito amplas para que a noção de contemporaneidade dos sítios faça algum sentido (nem todos os sítios que usaram cerâmica de verniz negro ou *sigillate chiare* foram, necessariamente, contemporâneos!). Deve-se notar, no entanto, que a reduzida espessura temporal do período alto-imperial (VI), frente à grande quantidade de sítios com cerâmica dessa época, reforça a idéia de que estamos diante de um ápice. A recente ampliação de nosso conhecimento sobre as cerâmicas tardias, além disso, permitiu a Potter definir com maior precisão o desenvolvimento ulterior do assentamento na região. Ao menos no território de Veios, o século III d.C. assistiu a uma acentuada redução na densidade dos estabelecimentos rurais (fig. 194), sobretudo dos sítios menores, cujo número caiu de 230 para apenas 43; já os 86 sítios de maiores dimensões ocupados no II d.C. reduziram-se, então, a 49 (Potter, 1985:155).

Um padrão semelhante parece prevalecer nos arredores de Roma, sobretudo no subúrbio nordeste, melhor conhecido (10). O início do Império coincidiu, aqui, com o erguimento de novos edifícios em reticulado e com a reforma das construções anteriores, que ganharam por vezes aparelhos termais ou braços porticados (Di Manzano et alii, 1985:83), embora o impulso construtivo pareça diminuir e, após cerca de 50 d.C., deter-se quase por completo (11). O assentamento parece ter-se

10) Devemos nos lembrar que não se trata, neste caso, de um levantamento sistemático como os que descrevemos acima, mas de um rol, relativamente extenso, de sítios escavados ou com estruturas *allorantes*.

11) Conhecem-se, com efeito, oito edifícios construídos na segunda metade do I a.C. e outros seis que podem datar do cinquentênio seguinte (Di Manzano et alii, 1985:83).

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

mantido durante o século II d.C., quando numerosos edifícios foram restaurados com tijolos cozidos e, mesmo, ampliados com novos ambientes termais (4 casos, cf. 1985:84). Ainda no século III d.C., Manzano identificou algumas reformas, em opus vittatum, mas que seriam "inorgânicas", como a indicar uma mudança nas funções dos edifícios. Este clímax alto-imperial parece reproduzir-se, com ainda maior clareza, na região tiburtina, que pode ser considerada parte do subúrbio de Roma e que, em particular na zona colinar que se estendia em direção à Campagna romana, era um dos refúgios residenciais da aristocracia urbana (Tomei,1985:107, veja-se, também, Mari,1983:34-36). As duas tabelas abaixo mostram uma densificação do assentamento rural no início do Império e uma intensa atividade edificativa à época do reticulado, sobretudo de edifícios menos suntuosos (1985:108), prolongando-se até o século II d.C. (obra

### Declínio

laterícia), mas com uma nítida regressão após a primeira metade do século seguinte (1985:109).

datação	no. de sítios
Republicanos	27
Augusto/I d.C.	38
II d.C.	30
III d.C.	11
IV/V d.C.	12
sem datação	22
(Tomei, 1985:108) (12)	

técnica	no. de sítios
ob. quadrada	14
ob. incerta	11
ob. reticulada	21
ob. laterícia	15
(id., ibid.)	

12) Os dados de Tomei não permitem definir quantos edifícios foram abandonados ou construídos em cada período.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

A prosperidade do território vizinho a Roma no período alto-imperial poderia, eventualmente, corresponder à hipótese de Tchernia e Purcell sobre o enorme crescimento do mercado consumidor romano durante e após o governo de Augusto e a consequente re-estruturação das regiões vinícolas da Itália, do litoral para o interior. No subúrbio da cidade, com efeito, são numerosos os sítios com vestígios de produção vinícola ou de azeite, sobretudo prensas: 32 exemplares no setor oriental e 54 nos demais (fig. 198) (Bellini & Rea, 1985:119 e 130). Alguns destes, dentre os poucos que podem ser datados, foram construídos certamente entre o final da República e os inícios do Império (13). Os dados dos levantamentos efetuados mais no interior, no território subino ao longo do Tibre, parecem igualmente coerentes com essa imagem. Como em Cures Sabini, onde o início do Império foi assinalado pela construção de novos edifícios (fig. 189,b) e por uma intensa ocupação do território rural às margens do rio, com claros indícios de prosperidade (Muzzioli, 1980:42-42) (14). Essa expansão do assentamento rural, visível em outras áreas da Sabinia tiberina (Moreland, 1986; 1987; Scagliarini Corlaità, 1983), pode estar relacionada, precisamente, com a produção de vinho para o mercado romano (Tchernia, 1986:254-255) (15). Em pleno Lácio, nas zonas estudadas por Andreussi (1981) a partir dos mapas da *Forma Italiae* (fig. 199), como Anagnia no vale do Sacco, Preneste, nas terras altas ao longo do Aniene, Tellenae, Apiola e Cora, nas bordas dos Montes Albanos, ou Astura, na costa

13) O fato de a maioria dos equipamentos de prensagem ser constituída por tanques móveis (Bellini & Rea, 1985:130) sugere, além disso, que muitos edifícios se adaptaram à produção de vinho algum tempo após sua construção original. Poderia ser um outro sinal de expansão dos vinhedos.

14) 45 sítios produziram materiais datáveis no século I d.C. (sigillata itálicas, cerâmica de paredes finas etc). Destes, 21 com restos de mosaicos em branco e preto, 16 com traços de decoração parietal e 20 com elementos em mármore. O assentamento parece ter-se mantido no II d.C., quando se construíram novos edifícios, embora a densidade de ocupação aparente ter diminuído (24 sítios com sigillata A). O século III d.C. assistiu a uma notável contração, com apenas 4 sítios apresentando sigillata C.

15) A produção de vinho tiberino é atestada, no século I d.C., por Juvenal (VII,121), Plínio o antigo (HN, XIV,37) e pelas cartas de Plínio, o jovem, sobre sua propriedade em Tifernum tiberinum, em particular pela epístola VIII,2. Este vinho seria exportado para Roma e Etrúria meridional, segundo Tchernia, por um tipo de ânfora presente em Óstia, em estratos da segunda metade do I d.C. e do século seguinte, cujo ateliê de produção situar-se-ia em Spello, na Úmbria (1986:253-255).

## Declínio

meridional, o início do Império concentra a maioria dos sítios datáveis identificados, tanto grandes como pequenos, com um gradual abandono a partir de II d.C. (figs. 200-204) (Andreussi, 1981:349,353). Por fim, o estudo de Vallat sobre o assentamento rural no ager Falernus, ao sul do Monte Massico, indica que o território, após a súbita expansão no cinquentênio que se seguiu a Sulla, atingiu seu apogeu com o Império, com a construção de novos edifícios, que se estenderam então em direção à planície (fig. 207,b) (Vallat, 1983:354). Para Vallat não haveria, nesta região, sinais de crise na produção agrícola, que se teria tornado, ao contrário, mais especializada, intensiva e produtiva; o assentamento ter-se-ia mantido, com poucas alterações, até o baixo-império (1983:360).

## Os Edifícios Rurais e suas Vicissitudes

Entre os edifícios rurais efetivamente escavados e os dados das prospecções podemos identificar algumas coincidências sugestivas, às quais não escapa, no entanto, uma nota dissonante. Com efeito, apesar de os levantamentos de superfície sugerirem que, em muitas regiões da Itália central, novas construções foram então erguidas, são raríssimos os edifícios, construídos no século I d.C., que tenham sido regularmente escavados e publicados. Nossos testemunhos mais importantes dizem respeito, sobretudo, a reformas de edifícios já existentes. É sobre estas que nos deteremos a seguir.

Vimos como, na região vesuviana, o século I d.C. parece ter sido um período florescente. Os edifícios, construídos sobretudo a partir de Sulla, foram então, de modo geral, ampliados e redecorados e a maioria dos torculares descobertos deve datar dessa época. Mas, enquanto muitos edifícios menores, como R-13, R-29 e outros,



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

tornaram-se mais refinados, ampliando a escala de suas hierarquias habitacionais, adotando mosaicos, pinturas e banhos, os edifícios de maior porte, como Oplontis e villa Arianna, na costa, ou as Villas dei Misteri e de Synistor no interior, parecem ter sofrido um processo de "rusticização", visível na importância acrescida da produção agrícola na distribuição do espaço interior e no aparente abandono dos aposentos senhoriais, como em Oplontis e Misteri. É possível que essa tendência reafirmasse, ainda em 79 d.C., as consequências do terremoto de 62 d.C., que não se resumiram, ao que se acredita, à destruição física das construções, mas alteraram profundamente o tecido social de Pompéia, com a emigração dos habitantes mais ricos e com a imigração da mão de obra empregada no reerguimento da cidade (Andreau, 1973). Este quadro, construído a partir de evidências urbanas, poderia ser estendido ao território rural, onde muitos edifícios sofreram os estragos do tremor e foram, ou estavam sendo, parcialmente reconstruídos. A questão é, na verdade, complexa e não conhecemos as reformas dos edifícios rurais, nesse período, com a necessária precisão. Que nos seja permitido, no entanto, examinar apenas um exemplo, o melhor conhecido, das transformações imperiais dos edifícios vesuvianos - o de Villa dei Misteri, cujo estudo reservamos para este momento, pois levanta alguns problemas importantes, que nos interessarão a seguir.

Entre o reinado de Augusto e a erupção de 79 d.C., o edifício de villa dei Misteri, já multi-secular, conheceu um certo número de reformas e ampliações, cuja cronologia é, no entanto, bastante confusa (fig. 145). Maiuri parece distinguir três fases construtivas principais sob o Império, embora as bases dessa distinção não sejam muito claras. O setor senhorial, centrado no velho átrio e decorado em II estilo, parece ter preservado sua posição de destaque: os antigos ambientes foram mantidos e o *tablinum* (2) foi reformado, ao mesmo tempo em que se construiu uma *êxedra* (1), avançando sobre a área do terraço pênfil. O antigo colunado calcáreo foi reformado e transformado em pórticos distintos, fechados por janelas (P1-P4) e separados por novos

## Declínio

cubicula dispostos nos ângulos (9-10) (Maiuri, 1931:40) (16). O setor do peristílio parece ter sofrido maiores transformações. Maiuri supõe, com efeito, que os ambientes do térreo, antes senhoriais, tenham sido reconvertidos a funções rústicas, enquanto aposentos mais nobres eram construídos no segundo andar, sobre 31-34, e decorados com pinturas de IV estilo (após 45 d.C.). Outro sintoma dessa rusticização do peristílio seria a transformação de um antigo triclinium estivo (48-9) em torcular, em contato com uma cella uinaria exterior. Para Maiuri, estas transformações seriam, aparentemente, posteriores ao terremoto de 62 d.C., assinalando um período de "decadência" do edifício que, sob um novo proprietário, um libertos, teria perdido seu caráter senhorial e ampliado seus espaços produtivos (1931:99-100). Desta época datariam, igualmente, os ambientes a leste do antigo ingresso, construídos no espaço resultante entre este e a via pública. Os aposentos a nordeste (52-56), erguidos em obra reticulada grosseira (1931:53), formavam uma espécie de apartamento em dois andares, com uma cozinha (56) e alguns ambientes decorados num IV estilo "decadente" (54, 55) (1931:89). Este bloco, a princípio em contato com o terraço ao norte, seria depois isolado com a construção de uma mureta no corredor p, o que talvez tenha correspondido à abertura do aposento 31 para esta ala. Do outro lado do ingresso, surgiu um novo grupo de aposentos, em obra mista de tijolos de tufo e laterícios, cuja construção Maiuri colocava, igualmente, após o terremoto e que interpretava, com bastante verossimilhança, como horrea.

O principal argumento de Maiuri para propor uma data tão recente para essas reformas e ampliações parece ser sua idéia de que o período que se seguiu ao terremoto viu acentuar-se a decadência da antiga cepa "patrícia", em proveito de uma classe mercantil, composta por novos ricos e libertos, que teria adquirido as propriedades urbanas e rurais da antiga aristocracia, transformando-as para fins mais

---

16) A contemporaneidade das reformas deste setor, cuja validade aceitamos, é sugerida pelo emprego de uma mesma técnica construtiva, o reticulado, mas sobretudo por parecerem obedecer a uma mesma concepção, uniforme e coordenada.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

produtivos (17). Daí o estado de abandono em que encontrava o setor do átrio (1931:23-24), a rusticização do peristílio, a construção do *torcular* etc. Essa hipótese mais geral, sobre a qual se funda a cronologia das reformas imperiais de Villa dei Misteri, tem sido, no entanto, amplamente contestada. Lepore (1950:202-208) e, sobretudo, Andreau (1973) mostraram que muitas das transformações observáveis na arquitetura privada de Pompéia, em seus últimos anos de vida, podem ser devidas aos efeitos do terremoto de 62 d.C. e admitem uma interpretação distinta daquela proposta por Maiuri (1942). Trata-se de um debate importante, que diz respeito à conhecida tese de Rostovtzeff sobre o enriquecimento das "burguesias" urbanas da Itália no período, mas do qual não podemos nos ocupar aqui. No caso específico de Villa dei Misteri, no entanto, a reconstrução de Maiuri se presta, efetivamente, a algumas objeções. O setor senhorial, em primeiro lugar, estava certamente desabitado e passava por reformas, mas não parece mostrar qualquer indício de "rusticização": os aposentos do átrio, com sua decoração prestigiosa e antiga, permaneciam intactos, ao mesmo tempo em que se construía uma grande sala absidada (25) no setor do peristílio. Este, por sua vez, isolara-se dos ambientes produtivos, através do fechamento do corredor (47), que dava acesso ao *torcular* (18), enquanto o uso rústico de vários de seus ambientes poderia ter um caráter apenas transitório, ligado às reformas em curso e à presença de trabalhadores externos no interior do edifício: é o que sugere a presença de inúmeras pequenas cozinhas (em 28, 29, 32 e 33), funcionando paralelamente à grande cozinha meridional (19). Outro dos pilares da argumentação de Maiuri é a atribuição da

17) Os elementos arquitetônicos que aduz para justificar sua cronologia, como o "grosseiro" reticulado" ou a decoração "decadente" dos ambientes do bloco oriental (52-56) são insuficientes: a simplicidade das técnicas construtivas e decorativas pode muito bem derivar do próprio uso a que eram destinados tais ambientes, relativamente despojados, sendo, portanto, um indicador cronológico de frágil sustentação.

18) A reconstrução cronológica de Maiuri obrigar-nos-ia a colocar tanto a instalação do *torcular* na área do peristílio, quanto seu sucessivo isolamento (com o fechamento dos acessos de 27), nos dezessete anos entre o terremoto e a erupção. Tratar-se-ia, neste caso, de um "arrependimento" quase simultâneo à instalação da prensa.

19) Os objetos encontrados na cozinha meridional demonstram que, à época da erupção, esta era ainda utilizada para o preparo de alimentos (Della Corte, 1929:481).

## Declínio

propriedade do edifício a um liberto, Lucius Istacidius Zozimus, que teria adquirido a construção e a estaria adequando "às exigências mais modestas de sua condição social" (1931:23). O sinete de Zozimus, no entanto, foi encontrado no ambiente 55 que, como vimos, era parte de um apartamento isolado, dotado de um relativo conforto, mas de modo algum comparável aos aposentos senhoriais. Aqui se descobriram numerosos objetos (demonstrando que era habitado), além dos cadáveres de três mulheres (uma quarta foi encontrada no vestíbulo), uma das quais bastante pequena, todas portando jóias e anéis de ouro (20). É possível, portanto, que aqui residisse uma família de razoáveis recursos e que, pela posição do apartamento e sua relativa simplicidade, parece mais adequada a um procurator que ao proprietário do edifício (21). A suposição de que o edifício tenha se "aviltado" não é, portanto, necessária e, sem essa base, uma cronologia mais precisa de suas transformações imperiais não é factível, ao menos sem um novo exame detalhado da construção. Devemos nos contentar em observar os resultados dessas reformas, em bloco, nos instantes finais de sua vida. Em primeiro lugar não transparece, em Villa dei Misteri, qualquer sinal de crise, seja econômica (da produção agrícola) ou social (de uma determinada camada ou grupo). Os aposentos senhoriais, mesmo passando por reformas, preservaram seu caráter distintivo, o espaço construído se reorganizou em novos blocos, que se isolaram progressivamente, e a própria produção agrícola se fez presente no interior do edifício. A instalação do togular não pode, infelizmente, ser datada com precisão, mas é possível associá-la à difusão das prensas para vinho e azeite, todas muito semelhantes, que observamos nos edifícios rurais da região; sobretudo, segundo supomos, após Augusto.

Se a idéia de uma decadência da velha aristocracia agrária em proveito das classes mercantis, que se refletiria no abandono e rusticização dos setores nobres

20) Apenas os braceletes encontrados em duas dessas mulheres pesavam, conjuntamente, 215 gramas de ouro.

21) O próprio Maiuri (1931:28, nota 20) reconhece essa possibilidade, embora a descarte em sua interpretação.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

dos edifícios rurais parece, desta forma, sustentar-se sobre premissas muito frágeis, permanece a imagem de uma intensificação da produção agrícola, manifesta na instalação de novos equipamentos produtivos, como prensas e *cellae uinariae*, tanto em edifícios grandes como nos menores (22), sem que isso tenha implicado - antes pelo contrário - numa diminuição da importância dos setores habitacionais. Em que medida podemos, a partir dos edifícios rurais vesuvianos, generalizar esta imagem para o restante da Itália central? É possível, como sempre, imaginar a existência de grandes diferenças regionais e devemos recordar que os sítios escavados, quase sempre conhecidos isoladamente, nos dão uma informação muito particularizada da evolução do assentamento rural. Eles podem, com efeito, ter representado exceções em suas próprias regiões. Vejamos, com essas limitações em mente, alguns exemplos melhor conhecidos, em três áreas distintas: os arredores de Roma, a Campânia setentrional (no *ager Falernus*) e, na Etrúria, o vale do rio Oro. Vimos como, no subúrbio de Roma, podemos observar uma difusão das prensas vinárias semelhante àquela vesuviana, embora com as mesmas indeterminações cronológicas. Alguns sítios nos permitem, acompanhar mais de perto as reformas deste período.

Nos arredores da cidade, a maioria dos edifícios de nosso *corpus* parece ter prosseguido em funcionamento ao longo do séculos I e II d.C., alguns mesmo prolongando sua vida pelo Baixo Império, até os séculos IV/V d.C. e além (23). Muitas dessas construções, como vimos acima, adquiriram, ainda no curso do século I d.C., ou na primeira metade do século seguinte, novos ambientes especializados, sobretudo aposentos termais e prensas - uma combinação que parece implicar num crescimento

22) A difusão de prensas de vinho no território vesuviano reforça a hipótese de Tchernia, que via uma expansão da produção vinícola da região após Augusto, sobretudo de vinhos populares (1984:479). A própria presença de prensas mecânicas, que permitiam extrair mais mosto que a calcagem tradicional das uvas, sugere que a produção visava antes a quantidade que a qualidade do vinho.

23) Grandes edifícios, como o de Passo Lombardo (Morelli et alii, 1984:89-101), ou aquele do Cemitério Flaminio (Calci et alii, 1985:143-144) permaneceram ocupados até o século IV d.C., sendo continuamente ampliados. Mas o mesmo se observa em construções menores, como nos sítios de Castel Giubileo (Quilici, 1976), ocupado até o IV/V d.C., Casale Ghella (Messineo et alii, 1985:177-184) ou, do outro lado do Tibre, em Monte Canino (Pallottino, 1937:7-28), ocupado até o VII d.C., todos com indícios de numerosas reformas e ampliações.

## Declínio

equilibrado e concomitante dos setores produtivo e senhorial. Essa dupla transformação é visível numa série de edifícios, de várias dimensões, escavados nas proximidades da Capital do Império (24). O exemplar melhor conhecido, no entanto, e sobre o qual centraremos nossas atenções, é o edifício de via Gabínia, cuja ampla reforma à época de Augusto, com a construção de um átrio com implúvio e de um jardim murado, já descrevemos anteriormente (figs. 64-65). Não precisamos, da mesma forma, nos referir ao estado precário dos achados (em muitos pontos preservaram-se apenas as fundações) e ao caráter provisório das publicações disponíveis (Widrig, 1980; 1983). Durante o período imperial (fase 2B/C dos escavadores), até o aparente abandono do edifício no início do século III d.C. (1983:153), a construção passou por diversas reformulações, que incidiram sobre os aposentos residenciais mas criaram, igualmente, novos espaços produtivos (figs. 66 e 67). Os primeiros parecem ter se concentrado, cada vez mais, na ala ocidental do edifício, voltada para o jardim. Aqui se construiu, com efeito, uma piscina central (A), se completaram e ampliaram os muros perimetrais, guarnecidos por pórticos internos, e se reformou a fachada oeste, com a construção de uma larga escadaria (B). No interior do edifício, em seu ângulo sudoccidental, instalou-se um aparelho termal de relativa sofisticação, com calidarium aquecido por tubulações subterrâneas (6), um tepidarium com uma banheira aquecida, revestida por um mosaico marmóreo (7). Uma escada lateral (a) revela que, sobre os banhos, erguia-se um segundo andar, talvez de uso senhorial (Widrig, 1980:126). Nos fundos do edifício, o antigo ambiente leste-oeste (1) foi finalmente subdividido pelo erguimento de um muro em opus craticium, e o espaço diante do suposto tricínio da fase 2A foi transformado em aposento e revestido por um pavimento em mosaico (4). Por fim, no lado oriental da construção, uma série de aposentos parece ter sido

24) É o caso, provavelmente, dos edifícios de via Tiberina (Felletti May, 1955), Tor Vergata (Morelli et alii, 1984), Cemitério Flaminio (Calci et alii, 1985), Monte delle Grotte (Stefani, 1944-45), Dragoncello (Pellegrino, 1983; 1984), S. Basílio (Ammanato et alii, 1985:133-138) e do sítio "Standa" (Muzzioli, 1985), em *Lucus Feroniae*, entre outros - todos mostram sinais de reformas no período imperial, com a construção de banhos e, em alguns casos, torculares, embora a cronologia precisa dessas transformações seja desconhecida.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

convertida para usos produtivos (25). No ângulo nordeste instalou-se um grande lagar (3), todo revestido em spiccatum, com uma base de prensa circular, formada por tijolos dispostos de lado, e um bloco de travertino para a sustentação das estacas verticais. Aos lados da área de prensagem, estendia-se uma longa fileira de tanques intercomunicantes, sugerindo que a produção principal fosse o azeite. Ao sul do lagar, mas sem comunicação direta com ele, sucediam-se outros espaços produtivos, talvez uma cella olearia e uma cozinha (8) (26). Sobre esta ala erguia-se, como em outros tempos, um segundo andar, com uma torre de ângulo na extremidade meridional.

Fundando-se numa certa concepção da história do edifício, Widrig supôs, num primeiro momento, que as alterações do setor residencial tivessem precedido à instalação da prensa no ângulo nordeste do edifício. Este teria, assim, se revestido primeiramente de um caráter puramente residencial, para depois "degradar-se" e converter-se em fazenda oleicultora (1980:125-128). Como admitiu posteriormente, no entanto, essa divisão das reformas em duas fases (IIB - parte residencial; IIC - parte produtiva) presta-se a várias objeções. Na verdade, conhece-se muito mal a cronologia interna das alterações por que passou o edifício. Os estratos associados a essas reformas, estudados por J. Freed (in Widrig, 1983:171-173) parecem homogêneos e devem datar do início do século II d.C., com Trajano como terminus post quem (27). Homogênea era, igualmente, a técnica construtiva, com a predominância de obra

25) Como não conhecemos os usos anteriores desses mesmos espaços, não podemos estar certos de que se trate, efetivamente, de uma conversão. É possível, por exemplo, que a instalação do torcular, que representou uma intervenção profunda no terreno, tenha apagado os traços de equipamentos anteriores.

26) O grande ambiente (8), ao sul do aposento leste-oeste, apresentava certas concavidades no pavimento de terra batida, que Widrig interpretou como vestígio provável de dolia. A presença de material carbonizado neste ambiente poderia sugerir, por outro lado, uma cozinha (de resto não identificada, cf. 1983:154).

27) A breve descrição dos estratos por Freed, no entanto, toma o conjunto das reformas como contemporâneo e não separa os estratos por ambientes. Sem a publicação definitiva é impossível afirmar, categoricamente, que a instalação dos banhos e das prensas tenha sido contemporânea. Tijolos com selos do reinado de Adriano indicam que as atividades construtivas prolongaram-se pelo século II d.C., mas não podemos determinar sua extensão. Um tijolo encontrado nas suspensurae do banho, por outro lado, pode ser datado de Domiciano, no final do século I d.C., mas poderia tratar-se de um reemprego (Freed in Widrig, 1983:172, nota 65). Uma datação genérica no início do século II d.C. parece, assim, a alternativa mais prudente.

## Declínio

reticulada, presente nos tanques da prensa, no novo muro meridional do jardim e em duas pequenas câmaras retangulares (h), erguidas na área da suposta cella olearia ou cozinha (28). Essa repartição da história imperial do edifício em duas reformas sucessivas, que teriam definido dois usos totalmente distintos da construção (como mera residência ou como "fábrica rural"), não é, desta forma, necessária, nem pode ser demonstrada pela documentação. Nada impede, com efeito, que se trate de uma transformação unitária e concomitante (é o que pensa agora Widrig,1983:151). A construção de um muro transversal ao longo ambiente leste-oeste, que se mantivera inalterado por vários séculos, parece mesmo indicar que, nesta última reforma, o edifício foi seccionado em dois setores distintos e quase isolados: uma ala residencial a ocidente, onde se concentraram os equipamentos de conforto habitacional e com um segundo andar repartido, a julgar pelo número de escadas, em três diferentes apartamentos; e uma ala produtiva a leste, ocupando uma área equivalente, senão maior que a residencial. Em todo caso, a casa de fazenda de via Gabínia nos mostra, na reutilização sucessiva dos mesmos muros durante séculos, na permanência quase imutável de certos ambientes, na capacidade, em suma, de absorver em cada reforma as estruturas herdadas de séculos anteriores e de, ao mesmo tempo, criar novos espaços, novas funções, ou redefinir antigos lugares, a extraordinária plasticidade e durabilidade da arquitetura rural romana.

Em dois outros sítios, já nossos conhecidos, Posto e S. Rocco, na Campânia setentrional, podemos observar um desenvolvimento semelhante ao que vimos em sítios do Lácio e na região do Vesúvio. Em ambos, o final do I a.C. havia representado um momento de reformas e reconstruções (figs. 72 e 80). No período

28) Via Gabínia seria, assim, um dos exemplos mais tardios do emprego desta técnica na Itália central. Seria necessário examinar em detalhe as relações entre depósitos estratificados e muros para decidir sobre sua efetiva contemporaneidade, o que a publicação disponível não permite (os tanques poderiam, talvez, ser anteriores à prensa). Mas a utilização de reticulado poderia estar, igualmente, relacionada com o renascimento temporário dessa técnica entre Domiciano e Adriano. Muros em reticulado aparecem, com efeito, associados ao uso de tijolos em Settefinestre, num contexto certamente datado a partir de Adriano (veja-se Carandini et alii, 1985, I, 1:66).



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

imperial, embora reduzida, a atividade construtiva prosseguiu, com a sofisticação de seus setores habitacionais, com a construção de banhos aquecidos, mas também com a ampliação dos espaços produtivos. Em Posto (fig. 73), o pátio meridional foi largamente estendido, com a extensão da plataforma mais para sul, enquanto o edifício principal parece ter se cindido em duas partes distintas, separadas por uma ampla canaleta, instalada entre os ambientes 6 e 7. Na ala ocidental, onde os escavadores situam os ambientes de habitação, foi então construído um banho, repartido em três aposentos: um frigidarium (F), com uma banheira revestida em mármore para os banhos frios, um tepidarium (T) e um calidarium (C), aquecidos por suspensurae e com uma banheira de água quente (29). Já na ala oriental, no antigo ambiente 7, foram instalados dois tanques dispostos simetricamente (fig. 74), revestidos em cocciopesto e com furos no pavimento (provavelmente associados à produção de azeite). Mais para o norte, do lado externo de 8, uma estrutura circular em reticulado foi encontrada contendo uma pedra de contrapeso, sinal da presença de uma prensa (Cotton,1979:48).

A cronologia dessas intervenções é, no entanto, problemática. Lembremo-nos que o sítio de Posto foi descoberto num estado bastante precário de preservação, frequentemente abaixo dos antigos níveis pavimentais. Desta forma, pela ausência de depósitos estratificados associados, nem os banhos, nem a instalação da prensa ou dos tanques podem ser datados com precisão no interior do período imperial (30). Os únicos materiais datantes para este período provêm dos aterros e pavimentos estabelecidos quando da ampliação da plataforma meridional: alguns fragmentos cerâmicos sugerem um terminus post quem na segunda metade do I d.C. (Cotton,1979:55). É possível, com efeito, que as reformas que descrevemos acima

29) A área dos banhos foi preservada abaixo dos antigos níveis pavimentais. Não possuímos, portanto, elementos sobre a eventual decoração parietal ou do próprio assoalho. Um fragmento de vidro de janela, no entanto, descoberto na área (embora não estratificado), atesta uma relativa sofisticação dos ambientes termiais.

30) Os eventuais estratos sob os tanques de 7 poderiam, na verdade, elucidar alguns enigmas da datação (pois seriam depósitos selados). Optou-se, no entanto, por não desmontar os tanques, para preservá-los (Cotton,1979:48).

## Declínio

tenham sido concomitantes à extensão da plataforma e que possamos reuní-las numa única fase (III), mas não podemos demonstrá-lo. Um elemento para elevar a datação da prensa, talvez para a primeira metade do I d.C., seria a utilização da obra reticulada como técnica murária no poço do contrapeso, mas vimos em via Gabinia, e veremos em Settefinestre que o emprego de reticulado pode ter se prolongado até o II d.C..

Problemas análogos se nos deparam em S. Rocco, no período imperial. Aqui, também, uma mesma fase (fase IIA) foi delimitada pelos escavadores para englobar as reformas do século I d.C., tanto no edifício senhorial como no rústico (figs. 80 e 84-87). O primeiro recebeu uma pequena *terma*, instalada em seu ângulo setentrional, ao lado da antiga cozinha (fig. 84). A disposição dos ambientes deste banho era ligeiramente diferente da de Posto: a área do antigo ambiente 8 foi repartida entre um *frigidarium*, com banheira de água fria, que manteve o antigo pavimento em mosaico, e um outro ambiente, com pavimento em mármore aquecido por *suspensurae* e por tubulações verticais nas paredes. Este aposento, por sua vez, ligava-se a um *calidarium* com banheira (9), também aquecido e com pavimento semelhante. Este extenso e luxuoso aparelho termal parece ter sido a única alteração de porte no edifício senhorial até seu abandono. Já na construção rústica, que se estendia do outro lado de uma via calçada, o período imperial correspondeu, sobretudo, à instalação de importantes aparelhos produtivos. O espaço central do edifício, com acesso pelo longo ambiente transversal (48), foi ocupado por uma série de fornos destinados à produção de telhas. Os restos de um pequeno forno (k3), muito danificado, foram encontrados no próprio aposento 48, enquanto em 49, que fora, talvez, uma cozinha, dois outros fornos foram erguidos com uma técnica mista, incluindo blocos de pedra calcárea, telhas quebradas e *bipedales* (Cotton & Métraux, 1985:68) (31). O maior deles (K1) ocupou

31) Diversos fatores sugeriram aos escavadores que os fornos, sobretudo o maior deles, se destinassem à produção de telhas: suas dimensões, a ausência de fragmentos cerâmicos nas proximidades e a presença de uma grande quantidade de telhas, de diferentes formatos e tamanhos. Não se encontrou, por outro lado, qualquer vestígio dos materiais de refugo provenientes da cocção, provavelmente depositados no exterior da construção (Cotton & Métraux, 1985:66). Fragmentos de um molde para uma antefixa figurada indicam, por outro lado, que a produção abrangia, igualmente,

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

todo o centro do ambiente, instalando-se sobre o pavimento da fase II, com seus oito pares de pilares internos, que sustentavam os arcos sobre os quais se apoiava a plataforma de cocção (fig. 85).

Os aposentos do pátio 2, por sua vez, cuja destinação original se ignora, receberam, no curso da primeira idade imperial, uma complexa série de equipamentos destinados à produção de azeite. Os ambientes 53 e 54, no ângulo nordeste, foram transformados em um pequeno oleifício (fig. 86). 53 recebeu um pavimento em *spicatum*, sobre o qual se instalou uma prensa, com base circular ressaltada e canaleta de escoamento em direção a um tanque de decantação, no aposento vizinho (fig. 87). A trave horizontal da prensa (*prelum*) apoiava-se em estacas, fixadas num bloco calcáreo, e devia ser abaixada por meio de uma manivela fixada, por sua vez, em dois blocos de pedras de anta, dispostos aos lados da soleira. Trata-se, portanto, de um tipo de prensa distinto daquele de Posto, que era movido por um contrapeso. Apesar de reduzido, o espaço do ambiente 53 era ocupado ainda por uma depressão circular, contruída no pavimento, que alojava ao centro um bloco de pedra com um furo quadrado ao centro: provavelmente a base de um moinho para descorticar azeitonas (Cotton & Métraux, 1985:71-72). Em 54, localizavam-se algumas bacias de decantação intercomunicantes, além de uma grande plataforma circular (1,58 m de diâmetro; c. 1,00 m de altura), cuja função precisa é desconhecida. Ao sul do pátio, por fim, nos antigos ambientes 57, 58 e 59, construíram-se dois ou três tanques de grande capacidade (32), provavelmente também utilizados para a decantação do azeite (fig. 87), embora sem comunicação direta com o oleifício (Cotton & Métraux, 1985:75-76).

Em S. Rocco, portanto, o período imperial parece ter sido marcado por uma notável ampliação das atividades produtivas, que ocuparam novos espaços e adquiriram custosos equipamentos para o beneficiamento de azeite e para a produção

---

elementos de decoração arquitetônica associados ao telhamento (os fragmentos foram encontrados no interior do forno 2, cf. 1985:158).

32) Os escavadores estimam sua capacidade conjunta em cerca de 32.000 litros (1985:69, nota 6) - sem incluir o chamado "vat 3", cuja interpretação como tanque é incerta.

## Declínio

de bens artesanais, destinados, obviamente, à venda no mercado circunvizinho (33). O setor habitacional tampouco parece ter sido abandonado, recebendo um novo e sofisticado sistema de banhos, cuja implantação representou igualmente um significativo investimento. Por outro lado, S. Rocco nos coloca diante das mesmas questões que outros sítios da época não puderam nos responder: de quando datam tais reformas? Foram elas concomitantes ou ocorreram sucessivamente, em tempos distintos? Aqui, como alhures, faltam-nos elementos para decidir: os banhos, os fornos e o oleificio como um todo foram preservados para fins de exibição, e não se escavaram os eventuais depósitos, selados sob seus pavimentos. O único elemento disponível é a própria técnica construtiva: nos muros dessa fase (IIA), predominava uma combinação de obra reticulada, presente nos banhos e nos tanques de decantação (57/59), com o uso extenso de tijolos, sobretudo de pequenas peças triangulares. Pela relativa uniformidade das técnicas murárias, Cotton & Métraux imaginam, com efeito, que as reformas sejam todas simultâneas e que possam ser datadas, pela associação de tijolos com reticulado, no final do período Júlio-Claúdio ou, mais provavelmente, no início da dinastia Flávia, no terceiro quartel do I d.C. (1985:61, nota 3; 77) (34).

Boa parte dos edifícios rurais escavados, desta maneira, seja na região do Vesúvio, na Campânia setentrional ou nas proximidades de Roma, mostra sinais de reformas e ampliações no período imperial que, sem alterar substancialmente a estrutura dos edifícios, acrescentaram mais luxo e conforto às suas partes habitacionais e novos equipamentos àquelas rústicas, como a indicar um aumento da produção de

33) A produção de telhas se encaminhava talvez, como supõem os escavadores, às cidades vizinhas de Cales e Teanum, bem como a seus territórios rurais (1985:66).

34) Trata-se, como sabemos, de uma base relativamente frágil para a datação das reformas. Alguns elementos, contudo, parecem reforçar a hipótese dos escavadores: o módulo dos tijolos retangulares, por um lado, é compatível com exemplares associados a contextos cláudio-neronianos (1985:61, nota 3), embora seu uso apenas se difunda no período Flávio; já os fornos laterícios, com suas câmaras retangulares sustentadas por arcos apoiados em pilares, pertencem a um tipo de forno cujos exemplares melhor datados se colocam na segunda metade do I d.C. (o tipo IIB de Cuomo di Caprio, cf. Cotton & Métraux, 1985:68, nota 5). Mas outro forno, não mencionado pelos escavadores, e muito semelhante a K1, embora de menores dimensões, foi descoberto em um edifício rural próximo à Roma, na localidade de Ospedaletto Annunziata, e parece datar do II d.C. ou, até mesmo, do século seguinte (Petracca & Vigna, 1985:136).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

bens "rurais" (vinho e azeite, mas também telhas) para o mercado. Os dados disponíveis são, como sabemos, fragmentários e dispersos, sendo arriscado generalizar a partir dos exemplares conhecidos. É possível que alguns fossem exceções em suas respectivas regiões. Pode ser, igualmente, que a cronologia e a forma de manifestação dessa tendência tenham variado de região para região. Os sítios de nosso corpus indicam, no entanto, que para uma parcela, ao menos, dos edifícios rurais, o primeiro século do Principado não foi um período de declínio, mas de franca prosperidade. Vimos como não é possível definir, pelo material disponível, se as reformas ocorreram antes no setor produtivo, ou naquele habitacional, nem possuímos indícios claros de uma suposta e progressiva "rusticização" dos edifícios rurais. Pelo contrário, na maioria dos casos analisados as transformações parecem ter se dado de modo mais ou menos simultâneo. Tampouco dispomos de informações precisas sobre a datação dessas reformas, mas elas parecem concentrar-se na segunda metade do século; algumas, como em via Gabúnia, podem datar mesmo dos inícios do II d.C.

Os sítios rurais escavados não nos permitem, desta forma, visualizar qualquer sintoma de "crise", ao menos até as primeiras décadas do século II d.C.. No entanto, se as reformas eram frequentes, novas construções se faziam mais raras e, praticamente, não aparecem em nosso corpus. É possível, como vimos, que o assentamento atingisse então seu clímax e que o esforço construtivo despendido no século anterior não fosse mais necessário ou possível. Por outro lado, enquanto alguns edifícios sobreviveram pelos séculos seguintes, passando por diversas reformas (todas mal conhecidas), para uma parcela ponderável as reformas deste entre-séculos foram a última intervenção significativa que podemos identificar. Construções como as de via Gabúnia, Posto ou S. Rocco atravessaram o século segundo praticamente inalteradas, sendo abandonadas logo a seguir (35). Não sabemos por quanto tempo os

35) Talvez mesmo nas décadas finais do II d.C.. Nos três sítios parece haver um lapso da ocupação ao longo do século III d.C., dada ausência de material posterior às últimas décadas do século anterior. Os edifícios, como muitos outros, foram reocupados por "squatters" no IV d.C., quando já se

## Declínio

equipamentos produtivos permaneceram em uso, nem podemos apontar o momento preciso em que, no curso do II d.C., esses edifícios entraram em declínio e começaram a ser desativados. Um dos raros sítios em que podemos acompanhar e discutir, com maior clareza, as transformações do século II d.C., é o de Settefinestre, cujo estudo reservamos, propositalmente, para este momento.

### Settefinestre e o Principado

O edifício de Settefinestre, com efeito, construído à época de Augusto, passou no período imperial por inúmeras alterações, algumas de pouca monta, outras mais importantes, que alteraram a disposição e o uso de muitos dos ambientes já existentes ou conduziram à criação de edifícios contíguos, absolutamente novos (figs. 116 e 117). Ao contrário dos sítios que analisamos anteriormente, essas atividades construtivas se estenderam pelo século II d.C. até, praticamente, o abandono do sítio, nas últimas décadas do século. A cronologia dessas reformas e ampliações nos é, infelizmente, mal conhecida. Os escavadores, baseando-se em uma idéia muito definida da evolução do edifício entre os séculos I e II d.C., procuraram dar coerência às inúmeras alterações ocorridas, agrupando-as em fases distintas, que descreveriam situações contemporâneas e homogêneas na utilização da construção. Poucas são as mudanças atribuídas ao século I d.C., todas relacionadas a indícios de uma expansão da produção mercantil. Tais alterações, que formam a fase IB dos escavadores, se teriam

---

encontravam, provavelmente, em ruínas (Cotton, 1979:56-62; Cotton & Métrax, 1985:263; Widrig, 1983:151-154).

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

concentrado, assim, na ala rústica do corpo central, enquanto os aposentos senhoriais teriam permanecido inalterados.

Vejamo-las mais de perto: o tanque que recolhia o mosto proveniente das prensas de vinho (ambiente 5), foi em certo momento ampliado com a inclusão da área do pequeno corredor 22, que teve suas portas abolidas e foi revestido com um pavimento em cocciopesto, cuidadosamente encaixado no antigo spiccatum de 5 (36). No pátio dos lagares (7), abriu-se uma porta diretamente para o exterior, talvez para facilitar o ingresso da matéria-prima. No oleificio (8), por fim, construíram-se dois pequenos tanques retangulares, inseridos no antigo pavimento e paralelos à prensa. Na verdade, nenhuma dessas pequenas alterações pôde ser datada com precisão, pela absoluta ausência de estratos associados com material datante. É certo que foram anteriores às modificações que se seguiram nos mesmos ambientes, mas a posição cronológica destas últimas tampouco é segura, como veremos. Para os escavadores (1985, I,2:58), essa ampliação dos equipamentos produtivos, embora pequena, representou uma racionalização ulterior da produção para o mercado, provavelmente associada à expansão do vinhedo (1985, II:166). Seria, assim, sinal de um período de prosperidade (fase IB), de incremento da produção mercantil, datável genericamente em época Júlio-Claudia, mas que pode ter se estendido até o instante, no século seguinte, quando novas reformas aboliriam definitivamente os lagares. Embora não possamos datá-las com maior precisão, essas pequenas mudanças são perfeitamente compatíveis com o que conhecemos sobre outros edifícios rurais no I d.C..

Outras alterações - estas mais radicais - observadas em todas as áreas do antigo edifício, e incluindo a construção de novos corpos de fábrica, foram interpretadas pelos escavadores como resultado de uma única e simultânea atividade construtiva (período II), que poderia ser colocada a partir do reinado de Trajano, nos inícios do II d.C. (fig. 116 e 117). Esta grande reforma seria o resultado de um projeto

36) Carandini estima que a capacidade do tanque foi ampliada de c. 17.000 para c. 21.000 litros (Carandini et alii, 1985:166).

## Declínio

unitário, que teria alterado profundamente o sentido do próprio edifício, talvez correspondendo a uma mudança de proprietário (1985,1,2:60). Apesar de sua aparente coerência, este período II, tal como proposto na publicação de Settefinestre, engloba alterações em partes distintas e não comunicantes do sítio, o que torna a posição cronológica de certas atividades bastante incerta. Em virtude de sua complexidade, examinaremos essas alterações por partes, seguindo a descrição, também fragmentada, dos próprios escavadores. No corpo central, em primeiro lugar, o setor residencial passou por uma grande reformulação (fig. 118), afetando particularmente os ambientes em redor do átrio, cuja importância parece ter declinado (1985,1,2:61-64). Com efeito, uma nova entrada foi aberta no aposento 33, dando diretamente para o pátio 42, ao mesmo tempo em que foi fechada a porta que o ligava ao átrio. Os ambientes à esquerda do ingresso tornaram-se, assim, mais isolados e independentes, sendo então reddecorados com novos pavimentos em mosaico (em 33, 34, 45 e 1) e novas pinturas parietais, em IV estilo, em 34, 35 e 45. A antiga entrada, o átrio e o tablino (27) foram também reddecorados nesse momento, assim como o peristílio, mas os aposentos à direita do ingresso parecem ter-se tornado mais rústicos, com a abolição de uma das alcovas do cubículo 55 e sua aparente transformação em ambiente de passagem (1985,1,2:61) (37). Essa renovação de certos ambientes padronais não parece ter representado uma perda de prestígio do setor residencial e podemos simplesmente relacioná-la com a tendência, já nossa conhecida, à perda progressiva da centralidade do átrio na arquitetura doméstica romana (38). A posição cronológica destas alterações é, no entanto, problemática e sua associação com a suposta "grande reforma" no início do século II d.C. é, para dizer o mínimo, incerta. Os mosaicos e a decoração parietal, os únicos elementos datantes disponíveis, são compatíveis com uma datação mais elevada,

37 Mas o cubículo 55 e o suposto tricínio (51) foram também reddecorados com pinturas de IV estilo (1985,1,2:61).

38 Para uma interpretação radicalmente distinta destas reformas veja-se 1985,1,1:171-173. Para Carandini, com efeito, as reformas no apartamento à esquerda do ingresso implicam na presença, não mais de supostos hóspedes, mas de um procurator, habilitando o edifício de modo permanente. Representariam, deste modo, um decalmento do uso desses aposentos, antes padronais.



## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

talvez mesmo no último quartel do século anterior (39). Como vimos em outros sítios do período, também aqui é impossível determinar se a ampliação das atividades produtivas precedeu, ou não, a redecoração dos aposentos senhoriais. Nada impede, com efeito, que as imaginemos como concomitantes, à exemplo do que vimos nos edifícios anteriores.

Na reforma que inaugura o período II, os escavadores inserem, igualmente, uma profunda e ulterior transformação da parte rústica e produtiva do corpo central, que parece ter correspondido a uma alteração no próprio caráter do edifício como um todo. Mudanças importantes aconteceram em praticamente todos os ambientes desta ala, talvez como parte de um projeto unitário. Os dados cronológicos, no entanto, são escassos e é possível que algumas dessas modificações tenham ocorrido em momentos sucessivos, e não simultaneamente, como supõem os escavadores. Podemos reconhecer, em todo caso, três distintas atividades de reforma, que parecem formar grupos coerentes. Destes, o melhor conhecido afetou a área do atríolo e os ambientes a sudeste. No longo ambiente retangular, onde se havia suposto a existência de uma cocheira (antigo ambiente 70), foi construída uma complexa canalização, revestida com tijolos e recoberta por um pavimento em *spiccatum*, que os escavadores interpretaram, com muita verossimilhança, como uma grande latrina, com capacidade estimada para vinte usuários (figs. 118 e 119) (1985,1,2:69-72). Embora latrinas não sejam incomuns entre edifícios rurais de um certo porte, uma estrutura como a de Setefinesire encontra paralelos apenas na arquitetura pública do período, sobretudo em termas e palestras de uso coletivo (1985,1,2:70 e 72). Sua construção em um edifício privado levanta, assim, alguns problemas e parece difícil conceber, como supõe Daniele Manacorda (que escavou este setor), que esta latrina servisse, tão somente, à mão-de-obra escrava "presente ainda na villa no curso do século II d.C." (1985,1,2:70). Não

---

39) A decoração parietal de 34, a melhor conservada, possui paralelos com pinturas em IV estilo de Pompéia, enquanto os mosaicos se colocam, genericamente, no final do I ou no início do II d.C. (1985,1,2:62-63).

## Declínio

obstante as incertezas sobre seu significado, a construção da latrina pode ser datada com razoável precisão: uma moeda de Trajano, encontrada na estrutura de uma das paredes da latrina, foi cunhada entre os anos 102 e 117 d.C. (1985,1,2:69), indicando que esta foi erguida, muito provavelmente, nas primeiras décadas do século segundo (40).

Outras reformas do setor do atríolo talvez sejam contemporâneas à construção dessa latrina, como a sub-divisão do antigo ambiente 72 em três pequenos aposentos, talvez modestos cubicula, por meio de pequenas muretas, numa das quais foi descoberta outra moeda de Trajano. Mais significativo parece ter sido o erguimento da base do implúvio central do atríolo (fig. 103): aqui, os escavadores haviam imaginado um moinho para azeitonas, que teria sido, então, desativado. A base do moinho teria sido retirada e a pedra de mó deposta sobre o pavimento do próprio atríolo, onde foi encontrada pelos escavadores (fig. 104). Fragmentos de sigillata tardo-italica nos estratos sob a nova pavimentação, em cimentado, do implúvio, fornecem um *terminus post quem* no final do I d.C., mas, como afirmam os escavadores, não permitem fixar a posição cronológica precisa desta atividade no século II d.C., nem determinar as causas do erguimento do implúvio (1985,1,2:67) (41). Não sabemos nem mesmo, vale lembrar, se o moinho ao qual pertencia a mó localizava-se, efetivamente, sobre o tanque no centro do atríolo.

Isto não importa: onde quer que este se situasse, sua desativação deve ter correspondido ao fim do lagar para azeite (ambiente 8). As alterações neste último, por sua vez, parecem estar intimamente ligadas à ampliação dos antigos banhos. No extinto lagar, com efeito, instalou-se em certo momento um forno para aquecer um novo pequeno ambiente (31), cujo pavimento ôco foi apoiado sobre colunas de tijolos

40) Alguns fragmentos de sigillata africana do tipo A, datáveis na primeira metade do II d.C., foram descobertos, igualmente, na estrutura da baixa mureta sobre a qual se apoiavam os supostos assentos da latrina.

41) Se aceitamos que tal se deu no início do século segundo, então devemos admitir que a pedra de mó permaneceu mais de meio século intocada sobre o pavimento do atríolo, até o abandono do edifício.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

(*suspensurae*). Os banhos passaram, então, a desenvolver-se em três ambientes distintos e uma banheira foi instalada em (49), onde antes se localizara o forno da cozinha. Infelizmente, nenhuma destas alterações pôde ser datada por material associado. Não sabemos, portanto, quando o lagar para azeite foi extinto. É possível, em todo caso, que sua abolição tenha correspondido à retirada das prensas para vinho do ambiente 6. O fim do *torcular* vinário, com efeito, pode ser deduzido da construção de muros de argila, apoiados diretamente no pavimento, que fecharam o lado aberto para o pátio 7. Na escavação de uma dessas paredes encontrou-se cerâmica tardo-italica, do final do I d.C., e um fragmento de telha com um selo datável entre 60 e 93 d.C. (1985,1,2:73). Este fechamento do *torcular* deve, por sua vez, estar ligado à destruição dos *dolia* sob o pórtico em arcos (ambiente 203), na base do edifício, que recebeu um novo pavimento e teve suas paredes pintadas (1985,1,2:107).

É possível, portanto, que estas reformas no setor rústico do corpo central sejam todas contemporâneas, como supõem os escavadores. Embora não possamos fixá-las, com precisão, no curso do século segundo, a hipótese de que tenham ocorrido em suas primeiras décadas é plausível e não é diretamente negada pelo material encontrado. Menos certa é a cronologia, absoluta e relativa, das alterações observáveis na área, pouco escavada, do pátio 42 (fig. 120). Nenhuma das mudanças observadas na disposição original destes ambientes pôde, com efeito, ser datada por material associado. A suposição de que sejam todas contemporâneas é, desta forma, bastante hipotética, embora não implausível. Contemporâneas ou sucessivas, as alterações do pátio conduziram a uma maior fragmentação dos espaços existentes, com a subdivisão de inúmeros ambientes em aposentos menores e mais especializados. A reforma mais importante parece ter incidido sobre o ângulo meridional do pátio. O longo ambiente 67, onde se havia imaginado um estábulo, foi repartido em quatro aposentos, três dos quais revestidos em *cocciopesto* (67, 62 e 186) e um em *spiccatum* (185). Os aposentos modulares a sudoeste, supostamente utilizados pela mão de obra da *uilla*, foram

## Declínio

também reformulados em um momento indefinido: os aposentos 108 e 201 parecem ter se tornado um amplo corredor, com acesso direto para fora, através de uma porta aberta no muro perimetral, nos fundos de 201. Os aposentos 112, 200 e 115 foram interligados e receberam pavimentos e rebocos parietais de certa distinção, tornando-se, assim, um apartamento destacado. Tal reformulação dos espaços mais simples pode ter correspondido a uma reordenação das hierarquias habitacionais, tornadas mais complexas. É possível que neste apartamento habitasse agora, como supõem os escavadores, o capataz da fazenda (*vilicus*), expulso então do corpo central, cujo isolamento teria aumentado (1985,1,2:160). O sentido exato destas alterações nos escapa, mas estas devem estar relacionadas ao surgimento de novas construções, ao lado do edifício original, cuja edificação representou, sem dúvida, uma considerável ampliação da área construída e uma alteração radical nos padrões de vivência de *Settefinestre*.

Um grande complexo termal, em primeiro lugar, foi construído ao longo do lado ocidental do antigo muro torreado, agora englobado na nova construção (figs. 116,3 e 121). Os banhos se compunham, num primeiro momento, de quatro ambientes sucessivos, todos cobertos com cúpulas: um amplo *frigidarium* com banheira retangular, um *tepidarium*, um *laconicum*, diretamente em contato com a boca de um forno, e um *calidarium* com duas banheiras, servido por um segundo *praefurnium* e com paredes e pavimento revestidos em mármore. Os fornos se localizavam em um ambiente retangular, com acesso pelo exterior, e seu calor se espalhava sob o hipocausto dos ambientes aquecidos e por suas paredes ôcas. A aparente ausência de estratos de fundação datáveis torna a técnica construtiva nosso único guia para a cronologia destes banhos (42). Todos os muros principais foram erguidos, com efeito, com uma técnica

42) Em 1985,1,2:129, os escavadores atribuem a datação que propõem para este banho, no período II de *Settefinestre*, tanto à técnica construtiva quanto aos "materiais cerâmicos contidos nos estratos de fundação". No restante da publicação, no entanto, e particularmente na descrição detalhada de cada atividade construtiva, tais depósitos não são jamais descritos, pelo que não podemos considerá-los "documentados".

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

peculiar, sem paralelos no restante do sítio, denominada obra listrada (*opus listatum*). Esta caracteriza-se pelo uso de blocos paralelepípedos de pedra, formando fileiras regulares, por vezes com faixas em tijolos, que atuam como paramento de um núcleo em cimento. Embora possa remontar ao século I d.C., trata-se de uma técnica particularmente difundida no século segundo (1985,1,1:66). É no século II, por outro lado, que vemos surgir em ambiente rural grandes complexos termiais, como as famosas Terme Taurine, na Etrúria meridional, que datam do reinado de Trajano (Torelli,1985:115). Trata-se, em todo caso, quase sempre de edifícios de caráter público. Mais que a datação dos banhos, portanto, é sua existência em uma residência privada que representa um problema para nós e para a interpretação do edifício. Nas palavras dos escavadores:

"observando-se a monumentalidade do edifício (dos banhos), fica-se aturdido pela grandiosidade da construção, cujas características são pouco atestadas em edifícios extra-urbanos deste período. Nestes últimos, os ambientes termiais são de pequenas dimensões e localizam-se, normalmente, no interior da própria habitação padronal. Os grandes banhos da villa de Settefinestre parecem relacionados, ao contrário, com a planta de banhos públicos" (1985,1,2:129).

O significado de sua construção e o uso a que se destinavam, certamente diverso daquele dos pequenos banhos internos, permanecem obscuros. Voltaremos a esta questão logo adiante, quando tivermos visto as outras construções no sítio que podemos atribuir ao século II.

Dois novos edifícios foram, com efeito, construídos no terraço ocidental que separava o pátio do edifício principal do suposto celeiro (fig. 116, 1 e 2). Tampouco aqui foram documentados depósitos de fundação que nos fornecessem um *terminus post quem*, mas a técnica murária difere daquela utilizada na construção original pela inclusão de fragmentos reempregados de material laterício na estrutura dos muros (1985,1,1:63-64). A construção destes blocos poderia, deste modo, remontar ao século I

## Declínio

d.C. e sua inserção no período II dos escavadores parece obedecer, antes de mais nada, a questões de coerência expositiva. Mas mesmo não podendo definir, com precisão, a data de seu erguimento, sua posterioridade com relação ao edifício do primeiro período parece certa. O maior destes novos edifícios (figs. 116,1 e 122-124), com mais de 1000 m<sup>2</sup>, foi erguido às costas do muro perimetral oeste do pátio (42), alinhando-se perfeitamente com as construções anteriores. Segundo os escavadores, a área foi explorada parcialmente (cerca de 45% do total) e de modo superficial, retirando-se apenas a camada de humus e explorando em profundidade alguns poucos ambientes (1985,1,2:171). A planta resultante é, em grande medida, uma reconstrução hipotética, o que certamente dificulta a interpretação da construção. Esta possuía um formato retangular, com um grande pátio a céu aberto ao centro (107). Ao longo dos muros perimetrais, nos braços sul, oeste e norte, os escavadores visualizam cerca de vinte pequenos ambientes, todos obedecendo a um mesmo módulo (3,00m x 3,50m), mas apenas uns poucos destes aposentos foram efetivamente explorados. A ausência de estratos de argila, nos níveis de destruição, faz supor que seus elevados fossem inteiramente em pedra e cimento, talvez mesmo abrigando, em certos pontos, um segundo andar. Os poucos ambientes escavados em profundidade apresentavam vestígios de um reboco parietal grosseiro e suas pequenas soleiras em pedra, com luz de cerca de 1,00 metro, indicam que as portas deveriam abrir-se para fora. Um destes, o aposento 75, possuía, além disso, um pavimento em cocciopesto, o quê talvez lhe conferisse certa distinção, de acordo com sua posição próxima à entrada. O lado oriental do pátio 107 era, por sua vez, ocupado por uma construção à partê, com telhamento próprio, possuindo dez aposentos, dispostos em duas fileiras abertas para o pátio e para um corredor (58), que separava o novo edifício do antigo. Duas grandes entradas (210 e 110), por fim, davam acesso ao edifício do exterior, enquanto uma terceira porta, como vimos, fora aberta no muro do pátio 42, pondo a nova construção em contato com o edifício principal. Os motivos que levaram à construção deste novo

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

edifício, e os modos de sua utilização, são pouco claros. Não podemos determinar, por exemplo, como eram empregados os ambientes do longo bloco transversal, embora os restos um balcão murado sugiram que 82 fosse uma grande cozinha. Quanto aos pequenos aposentos distribuídos em torno do pátio, seu caráter aparentemente modular (43), a pobreza de seus revestimentos, a presença de soleiras pequenas, com portas que se fechavam de fora para dentro, levaram os escavadores a interpretá-los como as *cellae* de um novo alojamento para a mão-de-obra escrava, que se teria ampliado de modo notável no século II d.C. (1985, I, 1:177-178 e I, 2:173). Carandini, com efeito, estima em cerca de uma centena os escravos habitando Settefinestre após as reformas do período II (1985, I, 1:178). Aqueles de posição mais elevada, como procuradores, escravos domésticos ou o porteiro, ocupariam aposentos do corpo central. O *villicus* e os supervisores (*monitores*) se alojariam nos *cubicula* do pátio 42 e o restante da mão-de-obra, composta sobretudo por trabalhadores braçais, seria, por fim, abrigada nos novos alojamentos *servis* (44). Não se trataria, no entanto, de um simples aumento na quantidade de escravos, mas de uma alteração radical em sua composição, que teria passado de uma forma de escravidão essencialmente masculina, para uma de cunho familiar, com casais ocupando as *cellae* juntamente com seus filhos. A criação de escravos para venda seria mesmo, segundo Carandini (1985, I, 1:178), uma das principais atividades produtivas do edifício no século II d.C. Essa interpretação se enquadra na visão que os escavadores têm de Settefinestre no século segundo: a construção de novos aposentos *servis* seria, assim, um curioso e inesperado complemento à extinção dos aparelhos produtivos e um sinal da passagem de uma

43) Os braços em torno do pátio foram escavados apenas até a crista dos muros perimetrais e sua reconstrução como aposentos modulares funda-se na idéia de uma perfeita simetria com os poucos trechos efetivamente explorados.

44) A existência de hierarquias complexas entre os habitantes das casas de fazenda, concretizadas espacialmente pela construção de aposentos diferenciados é, como já vimos, bastante plausível em edifícios deste porte. A subdivisão da mão-de-obra estabelecida por Carandini encontra, além disso, um sólido respaldo na documentação escrita, particularmente em Varrão, Columella e Plínio. Em termos da documentação arqueológica, no entanto, uma reconstrução tão detalhada como a proposta pelos escavadores é extremamente hipotética e não pode ser demonstrada.

## Declínio

agricultura escravista, racionalizada e mercantil (ao estilo de Varrão e Columella), para uma forma de exploração "plíniana", mais extensiva e menos direcionada ao mercado (1985, I, 1:181-183). Esta reconstrução requer alguns comentários: as *cellae*, em primeiro lugar, poderiam ter servido, ao menos em parte, a outros usos que não habitacionais, como depósitos de produtos e ferramentas ou cocheiras para pequenos animais. A grande quantidade de escravos suposta por Carandini se adequa mal, por outro lado, à imagem de uma "villa plíniana", que era explorada, segundo o próprio epistolário de Plínio, sobretudo por arrendatários. A idéia de uma "pecuária humana", como principal investimento produtivo de uma propriedade rural, tampouco aparece em Plínio e, a bem da verdade, não encontra respaldo suficiente na tradição textual (45). É possível que a escavação ulterior deste edifício nos apresente, algum dia, novos dados para reflexão, mas estes são, no presente momento, claramente insuficientes para interpretá-lo de modo mais seguro (46).

No espaço resultante entre este último edifício e o antigo celeiro (ainda em uso), surgiu por fim uma pequena construção, bastante singular (figs. 116,2 e 125). Sua técnica construtiva era, como dissemos, idêntica à dos supostos "novos alojamentos servis". O edifício, de formato quadrangular, abarcava cerca de 500m<sup>2</sup> e era formado por vinte e sete ambientes de pequenas dimensões (ca. 3m<sup>2</sup>), dispostos ao redor de um

45) Escravas aparecem, entre a mão-de-obra rural, já em Catão (RR,X; XI), mas sempre, e apenas, como companheiras dos escravos encarregados da administração (*villica*). Já Varrão (RR,II,10) e Columella (por exemplo, XII,3,6) mencionam, de modo genérico, a presença de mulheres entre a escravaria de suas *uillae*. Columella chega mesmo a incentivar a procriação, com a promessa de liberdade para as mães de mais de três filhos (RR,I,8,19). Daí à criação organizada de escravos para venda vai, no entanto, uma grande distância.

46) Deve-se notar, além disso, que os ocupantes deste "alojamento" não eram tão desprovidos de conforto como se poderia supor. A quase total ausência de pratos em cerâmica comum, por exemplo, sugere que mesmo os habitantes mais humildes do edifício serviam-se em pratos de *sigillata*, itálica ou africana (1985,II:316), um fato que parece confirmado pela descoberta de dois grafites incisos em um prato e um copo em *sigillata* itálica, (*Encolp(i)us*) e *Pr(i)mus*), dois nomes de possível origem servil (1985,II:317). Com relação ao consumo de alimentos, por outro lado, os dados osteológicos mostram que, se é verdade que no corpo central se consumia mais carne, e de melhor qualidade (sobretudo carne suína), esta não estava ausente na dieta dos habitantes do alojamento, embora aqui predominassem os ossos de bovinos (1985,II:282). Esse relativo conforto dos supostos escravos braçais é um problema com o qual já nos defrontamos ao estudarmos certos edifícios rurais de Pompéia e sobre o qual pretendemos retornar em outra oportunidade.



### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

amplio pátio aberto, e quatro aposentos maiores, colocados nos ângulos da construção. Os aposentos escavados, com exceção dos angulares, possuíam pavimentos em cocciopesto e apresentavam em seu interior um pequeno tanque de pedra, colocado ao lado de cada porta (fig. 126). Um detalhe interessante diz respeito às pequenas soleiras em pedra, fixadas diante de cada entrada, sobre as quais corria um sulco longitudinal, indicando que o fechamento das aberturas se dava por um sistema corrediço, provavelmente por tábuas inseridas nos batentes, ao modo de uma "gilhotina" (para empregar a expressão dos próprios escavadores, cf. 1985,1,2:182). O espaço reduzido de cada cela, a singularidade de suas soleiras, de seus pavimentos e a presença de tanques em seu interior parecem descartar o uso do edifício como habitação, exceto, talvez, nos ambientes quadrangulares. Os escavadores, baseando-se em paralelos muito próximos nas fontes escritas (Varrão,RR,II,4,14; Columella,RR,VII,9), interpretaram o edifício como um estábulo para a criação de pequenos animais, quase certamente de porcos (47). As dimensões do edifício, por outro lado, indicam uma produção em larga escala, destinada ao consumo interno, sem dúvida, mas igualmente voltada para a venda no mercado.

Os dados disponíveis não permitem definir, como vimos, se Settefinestre efetivamente passou por uma única e grande reforma no início do século segundo, ou se as alterações e acréscimos se escalonaram no tempo, seguindo uma cadência que nos escapa. Em meados do século II, em todo caso, o edifício aparecia notavelmente modificado e ampliado, indicando que as atividades efetuadas em seu interior, a estrutura produtiva da fazenda, o tipo e a composição de seus habitantes e a própria relação desta propriedade rural com o exterior (com a cidade, com outras *villae*, com o mercado) devem ter sofrido profundas transformações. A interpretação dos escavadores é, sem dúvida, a melhor disponível, mas se choca com diversas incertezas e

47) Os dados osteológicos, por outro lado, atestam um grande consumo de carne suína no sítio, sobretudo a partir do período II, quando os ossos destes animais chegam a representar mais de 70% do total, contra 13% de bovinos e 17% de ovinos (1985,II:283).

## Declínio

indagações. A construção de estruturas *sui-generis*, típicas da arquitetura pública, como os grandes banhos ou a latrina, parece inadequada a um simples edifício rural. A isso se soma, por outro lado, o maciço consumo de produtos importados das províncias, atestados a partir do período II em grandes quantidades: azeite bético e africano, vinho da Gália e do Egeu, garum espanhol, cerâmica africana etc (1985,II:311-315), ao mesmo tempo em que cessava a produção local de vinho e azeite (48). Eventos curiosos, para os quais não encontramos explicação suficiente. É possível que Settefinestre tenha se tornado, a partir de certo momento, parte de uma propriedade maior, dentro da qual assumiria funções específicas, complementadas por atividades realizadas em outros edifícios. Sua interpretação como uma unidade, neste caso, deixaria de fazer sentido, afetando as hipóteses que pudéssemos levantar sobre seu funcionamento. Não podemos excluir, nem mesmo, que o edifício tenha assumido, no século segundo, funções mais "públicas", até mesmo como uma espécie de hospedaria, que poderia ter se situado nos "novos alojamentos servis". Isto ajudaria a explicar, ao menos em parte, as dimensões da latrina e dos banhos, a reduplicação destes em internos e externos, e o consumo elevado de alimentos importados. Mas aqui entramos no campo das especulações.

A despeito da renoção das prensas e da provável redução da produção agrícola destinada ao mercado, Settefinestre não parece atravessar, no século segundo, um período de crise. Certos elementos atestam, em sentido contrário, que neste século o edifício conheceu mesmo uma relativa prosperidade. O edifício continuou a ser mantido, pavimentos foram restaurados, criou-se um novo apartamento, com três aposentos, nos "novos alojamentos servis" (com o fechamento da entrada 110) e, sobretudo, ampliaram-se os grandes banhos, com a instalação de uma imensa banheira no frigidarium (164) e a construção de um novo laconicum (166), de formato circular e

---

48) Mas, como já observamos, esta pode simplesmente ter se deslocado para outros edifícios da área.

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

aquecido por seu próprio forno (49). Como em outros edifícios, uma eventual crise se manifestaria, apenas, com o abandono do sítio, que os escavadores colocam nas décadas finais do século II, talvez já a partir de Marco Aurélio (50). Mesmo então, a desativação do sítio parece ter se dado de modo gradual, com a sistemática e cuidadosa retirada dos elementos arquitetônicos mais valiosos, provavelmente para serem reaproveitados alhures. A escassez de achados relativos ao século III d.C. parece confirmar que o sítio fôra já abandonado, para ser reocupado, desta vez por "squatters" que se abrigaram nas ruínas do edifício, no curso do século seguinte.

O século III parece, desta forma, constituir-se numa baliza fundamental, um limiar que grande parte dos edifícios rurais da Itália tirrênica, cuja história temos acompanhado, não conseguiu ultrapassar. É verdade, como vimos, que alguns sobreviveram, permanecendo ativos pelos séculos seguintes. Conheçemos, igualmente, novos edifícios, surgidos no século II d.C., às bordas do mar e, sobretudo, nos arredores de Roma: imensas construções, verdadeiros palácios como a villa dos Quintili ou aquela de Settebassi, nos subúrbios da capital. Estas nos são, no entanto, muito mal conhecidas e parecem indicar, por suas proporções inusitadas e por sua complexidade, o surgimento de uma nova era na arquitetura rural. É sempre difícil, como ressaltamos

49) A reforma e ampliação dos grandes banhos, na qual aparece empregada a obra reticulada, pode ser datada, com uma certa precisão, pela descoberta de um tijolo, nas suspensões do novo *lacunicum*, com o nome em latim de Antonino (1985,1,2:137-138).

50) O abandono do edifício não pode ser datado com precisão, pelo fato de, antes de mais nada, da escassez de materiais do século III d.C.. Nos estratos de ocupação, as últimas moedas datam de Antonino Pio, na década de 240 d.C. e o material das *libulas* externas ao edifício, particularmente representativo de sua vida, parece deter-se na segunda metade do II d.C. (cf., por exemplo, 1985,1,2:199-200). A colocação do abandono no reinado de Marco Aurélio foi sugerida aos escavadores por uma evidência indireta: num momento não precisável, a cela 47, no pátio do edifício, teve suas aberturas muradas e o ambiente parece ter sido totalmente isolado; o mesmo ocorreu, em maior escala, com os chamados "novos alojamentos servis", cujo ingresso (201) foi igualmente selado. Este fechamento de ambientes, por sua vez, poderia estar relacionado à epidemia que se alastrou pela Itália, em 166 d.C. trazida do Oriente pelos exércitos de Vero (1985,1,2:162). Uma hipótese engenhosa, mas que pode ser matizada com duas observações: a suposta clausura dos "alojamentos servis" pressupõe que a entrada que o ligava ao antigo pátio (42) também tenha sido fechada (1985,1,2:162 e 176), mas esta não foi totalmente escavada e pode ter permanecido aberta; em alguns raros pontos do edifício, além disso, todos externos, aparecem estratos de ocupação datados no início do século III d.C. (1985,1,2:109). É possível, portanto, que o abandono do sítio tenha sido gradual (como, aliás, supõem os escavadores).

## Declínio

inúmeras vezes, fazer generalizações a partir de artefatos tão singulares como os edifícios rurais - e nos absteremos de fazê-lo, em respeito aos limites mesmos de nossa documentação. Mas os indícios confluem de toda a parte e podemos nos servir, para encerrar este estudo, dos dados dos levantamentos de superfície. Estes indicam, na medida em que nossa amostragem seja significativa, que o século III d.C. representou uma espécie de anti-clímax do assentamento rural disperso na Itália central tirrênica: em todas as áreas prospectadas, o número de sítios parece cair radical e bruscamente, sobretudo entre os sítios de menor porte, indicando uma contração do assentamento e, provavelmente, uma concentração da propriedade rural em poucas mãos (51). No território de Veios (fig. 194), para mencionarmos o exemplo melhor conhecido, 49 dos 86 sítios de maior porte sobreviveram do II ao IV d.C., mas apenas 43 dos 230 sítios menores conseguiram imitá-los: crise econômica, crise demográfica, mas sobretudo crise do assentamento disperso que animara a construção de casas de fazenda isoladas, centradas nas propriedades rurais, durante séculos. A própria documentação sobre estes edifícios, rarefazendo-se, parece indicar que estamos diante de um mundo diferente, em processo de gestação. E aqui nos detemos.

51) Sobre o território de Cosa, cf. Celuzza & Regoll, 1983:45-46; sobre Cures Sabini, Muzzioli, 1980:47; Sobre Monti della Tolfa, Gazzetti, 1985; sobre a Etrúria meridional, Potter, 1985.

## IX

### EPÍLOGO

Um capítulo conclusivo seria talvez desnecessário e, por isso, seremos breves. Este trabalho não produziu uma grande, única e abrangente conclusão, nem foi este o objetivo que perseguimos. Não pretendemos descobrir um princípio imanente, uma essência, da arquitetura rural na Itália tirrênica romana, nem definir suas "leis" estruturais ou evolutivas. Nem tampouco confirmar ou negar, através das evidências disponíveis, este ou aquele modelo de interpretação da sociedade ou da economia romanas como um todo. Pelo contrário, foi antes no objeto estudado que no objeto de estudo, foi nos meios, foi na evidência que centramos nosso interesse e nossa reflexão. Foi esse seu caráter "evidencial" que nos propusemos, primeiramente, a discutir, ressaltando os limites, nem sempre bem compreendidos, da documentação disponível, procurando entender o modo de sua formação e de sua constituição como documentos.

Nossa despreocupação com interpretações mais gerais, nossa crítica aos modelos disponíveis, nosso aparente desinteresse pela explicitação de uma teoria, ou de um modelo próprio, não significa que neguemos todas as teorias e modelos, como a poetisa escrava de Pompéia, que negava todos os deuses. Modelos, "middle-range theories", teorias globais são imprescindíveis, como é também necessário navegar pelas abstrações para mergulhar no concreto. Mas são, igualmente, instâncias reflexivas que podemos colocar em suspensão, num dado instante, para explorarmos as possibilidades de uma visão radicalmente histórica e fluida. Foi com essa idéia que intentamos, ao longo deste trabalho, reconduzir os tempos da descrição, tão fundamentais em Arqueologia, para a qual ver e descrever são já interpretar, aos tempos da própria

### Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

documentação. Tempos que são, ao contrário do tempo real, fragmentários, descontínuos, não uniformes, e aos quais tentamos fazer seguir um desenvolvimento cronológico coerente.

Uma **descontinuidade** cronológica que se reproduz e se torna mais complexa no confronto com a documentação textual, que possui suas próprias cadências, seus meios de expressar a realidade, seus viéses, sua crítica. Que dizer das **relações entre arquitetura e estrutura social**, do vínculo entre os edifícios e a estrutura agrária, do **status jurídico** e da distribuição ocupacional dos habitantes das casas de fazenda? Renunciamos à tentação de responder a tais questões, para trabalhar nos limites da documentação arqueológica, por vezes nos detendo em detalhes excessivos e enfadonhos, na esperança de que o material arqueológico nos dissesse algo sobre o passado. Tarefa espinhosa. O documento arqueológico não é mudo por não dispor de uma língua mas, pelo contrário, por poder se expressar através de diferentes línguas, abrir-se a infinitas leituras. Essa balbúrdia significativa nos impediu de associar, de modo frio e preciso, determinados edifícios a grupos sociais específicos. As relações precisas, se havia, nos escapam totalmente. Mas podemos observar tais edifícios como num baile de máscaras, estudar seus movimentos, suas forças diretrizes, suas tendências, mesmo sem conhecer seus nomes ou seus rostos. Muitas questões, talvez a maioria, ficaram sem dúvida incompletas, mas não foi nossa intenção responder a todas. Foi antes, e apenas, propô-las.

Ao fim deste longo e cansativo percurso, no entanto, que nos sejam permitidas algumas observações hem gerais, que nos servirão à guisa, e na ausência de uma conclusão verdadeira. O estudo da arquitetura rural da Itália romana propiciou-nos examinar uma realidade histórica complexa no arco privilegiado de quase um milênio. O detalhe que nos escapou, desta forma, viu-se compensado pela globalidade visual de que usufruímos, pela possibilidade de detectar, ou antes supor, algumas grandes tendências. Uma delas manifesta-se no próprio cadenciamento da

## Epílogo

documentação, em sua concentração geográfica, em seu adensamento e diversificação progressivos, ao longo da história republicana e dos primeiros momentos do Principado. O período abrangido por este trabalho parece ter sido, para a Itália central, uma época de notável crescimento e prosperidade, que comportou, certamente, flutuações seculares, variações regionais, discrepâncias sociais, mas que ainda assim é perceptível a longo prazo. Podemos observar uma de suas manifestações, concretamente, no desenvolvimento da arquitetura rural, causa e consequência do progressivo domínio sobre os recursos naturais, do recuo das florestas, da extensão da área cultivada, da expansão do habitat disperso, da capacidade de agenciar e dar forma a objetos e estruturas cada vez mais sofisticados e complexos, de construir edifícios mais sólidos e perenes. De modo geral, tal tendência manifestou-se em todas as áreas, em toda a sorte de edifícios rurais que nossa documentação permite alcançar: das humildes construções monocelulares, que se ergueram em pedra pela primeira vez, aos imensos e suntuosos palacetes, que experimentaram novas possibilidades arquitetônicas, abertos às influências urbanas e helenísticas e que privatizaram, por assim dizer, elementos da vida pública.

E a documentação, ao fazer-se mais numerosa, mais abundante, tornou-se também mais complexa. Em contraste com a visão de um mundo rural relativamente homogêneo, que se procura extrair dos escritores agrários e de outros textos, a arquitetura rural nos apresenta um mundo diferenciado, complexo, que dificilmente pode ser reduzido a um padrão geral. É verdade que podemos reconhecer certos modelos arquitetônicos de larga difusão. E é correto, igualmente, que em certas regiões, como aquela ao redor do Vesúvio, é possível visualizar um mesmo código, ou ao menos uma concepção comum, regendo a estrutura espacial de inúmeros edifícios, seja na disposição dos aposentos, na decoração dos interiores ou na instalação de equipamentos agrícolas. Mas mesmo aqui a variedade é grande e a diferença parece predominar sobre a norma: nas dimensões das construções, por certo, que parecem

## Ruínas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

percorrer uma escala quase contínua, sem grandes linhas de ruptura, mas sobretudo nas estratégias de estruturação do espaço, nas prioridades conferidas aos setores habitacionais, ou aos produtivos. Estas dependiam, sem dúvida, dos meios (facultates) à disposição do construtor, da posição e dos objetivos da casa de fazenda, mas também de uma infinita gama de possíveis idiosincrasias, sociais ou mesmo individuais, cujos fundamentos mal podemos entrever. É possível, como crêem alguns, que um acirrado espírito de competição, oriundo das disputas políticas das cidades da Península, seja um dos motores desse processo de diferenciação entre os edifícios. Não será certamente o único. Tal processo não teria sido possível, por exemplo, sem o enriquecimento generalizado do qual os próprios edifícios, ou antes a agricultura mercantil, eram uma causa e um efeito.

Para além da competição entre proprietários (e entre edifícios), a diferenciação progressiva das casas de fazenda expressou-se também internamente, na crescente especialização e diversificação dos espaços "de dentro". Talvez possamos associá-las a mudanças nas relações entre os habitantes da fazenda. Por exemplo, na progressiva divisão e separação entre alas senhoriais e rústicas, derivadas de uma fina hierarquização dos espaços de habitação - um processo mais visível nas grandes casas de fazenda, mas que se manifestava, de modo proporcional, mesmo em edifícios de menor porte. Mas o sentido dessa crescente compartimentação do espaço não era apenas ideológico ou político. O estreitamento do vínculo entre atividades e lugares específicos manifestava a introdução de novas atividades produtivas, novas necessidades de beneficiamento, armazenamento e controle e, vale dizer, de uma determinada racionalidade produtiva, onde imperavam as noções de ordem e transparência (como nos alojamentos modulares para a mão de obra), mas também as de fechamento e reclusão.

Reconhecemos que esta é uma visão quase impressionista, fruto da convivência de mais de uma década com tais edifícios, mais do que uma conclusão



## Epílogo

afirmativa, de validade geral. Os edifícios rurais da Itália romana, como já dissemos, prestam-se pouco a definições precisas, a delimitações estritas, são difíceis de reduzir a padrões comuns. As casas de fazenda, com seu complexo jogo de estruturas fixas, com sua gama variável de objetos móveis, com sua história multi-secular, são artefatos, entre todos, de um tipo muito particular: são fabricados individualmente, estão sujeitos às idiossincrasias de seu construtor e submetem-se a uma perpétua transformação. Adquirem novos espaços, abolem antigas estruturas, vêm alterar-se os padrões de vivência, as funções habitacionais e produtivas, os usos e a importância relativa de seus lugares. É por isso, precisamente, que constituem uma categoria documental interessante. Porque nos obrigam a lidar com o particular, nos fazem duvidar das generalizações, nos permitem entrever, nas ruínas e no tempo da História, um mundo mais complexo e dinâmico do que aquele ao qual se habituara nossa visão.

F I M

## BIBLIOGRAFIA

Ammanato, F. & Pulimanti, A. (1985) Via tiburtina/Via Nomentana - villa in localita San Basilio. Seconda Campagna di scavo (circ. V), **Bollettino Comunale (BCACR)**, XC, 1, 133-138.

Ampolo, C. (1970-71) Su alcuni mutamenti sociali nel Lazio tra l'VIII e il V secoli, **Dialoghi di Archeologia**, IV, 1, 37-99.

Ampolo, C. (1980) Le condizioni materiali della produzione. Agricoltura e paesaggio agrario, La Formazione della Citta nel Lazio, **Dialoghi di Archeologia**, 2, 15-46.

Ampolo, C. (1980) Periodo IVB, La Formazione della Citta nel Lazio, **Dialoghi di Archeologia**, 2, 165-192.

Andrea (1975) Rekonstruktion des grossen Oecus der Villa des P. Fannius Synistor in Boscoreale, **Neue Forschungen in Pompeji**, Essen, Aurel Bongers, 71-83.

Andreau, J. (1973) Histoire des séismes et histoire économique. Le tremblement de terre de Pompéi (62 ap. J.C.), **Annales (E.S.C.)**, 28, 369-395.

Andreussi, M (1981) Stanziamenti agricoli e ville residenziali in alcune zone campione del Lazio (Sulla base degli studi pubblicati nella Forma Italiae), **Società Romana e Produzione Schiavistica**, vol. I, Bari, Laterza, 349-370.

Arias, P. (1939) Roma, via ardeatina. Villa repubblicana presso La Cecchignola, **Notizie degli Scavi**, 351-360.

Arthur, P. (1982) Roman Amphorae and the Ager Falernus under the Empire, **Papers of the British School at Rome**, L, 22-33

Ashby, T. (1982) **La Campagna romana nell'eta classica**. Milano, Longanesi.

Attolini, A. et alii (1983) Ricognizione Archeologica nell'ager cosanus e nella valle dell'Albegna. Rapporto preliminare, **Archeologia Medievale**, X, 439-465.

## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

- Barbet, A. (1985) *La Peinture Murale Romaine. Les Styles decoratifs pompeiens*. Paris, Picard.
- Barker, G. & Rasmussen, T. (1988) *The Archaeology of an etruscan Polis; a preliminary report on the Tuscania Project (1986 and 1987 seasons)*, *Papers of the British School at Rome*, LVI, 25-42.
- Barker, G. (1986) *L'Archeologia del paesaggio italiano*, *Archeologia Medievale*, 13, 7-30.
- Barker, G. et alii (1978) *A Classical Landscape in Molise*, *Papers of the British School at Rome*, XLVI, 35-51.
- Barnabei, F. (1901) *La villa pompeiana di P. Fannio Sinistore, scoperta presso Boscoreale*. Roma, Reale Accademia dei Lincei.
- Bastet, F. & Vos, A. (1979) *Proposta per una classificazione del terzo stile pompeiano*. Roma, Nederlands Institut te Rome.
- Bellini, G.R. & Rea, R. (1985) *Note sugli impianti di produzione vinicolo-olearia nel suburbio di Roma, Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano. Citta, agricoltura, commercio: materiali da Roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 119-131.
- Berggren, E. & Andren, A. (1969) *Blera (localita Selvasecca) - villa rustica etrusco-romana con manifattura di terrecotte architettoniche*, *Notizie degli Scavi*, 51-71.
- Bergonzi, G. & Bietti Setieri, A. (1980) *Periodi I e IIA, La Formazione della Citta nel Lazio*, *Dialoghi di Archeologia*, 2, 47-64
- Beyen, H.G. (1939) *Die Pompeianische Wanddekoration vom zweiten bis zum vierten Stil*, I. Haia.
- Blake, M.E. (1947) *Ancient Roman construction in Italy from the prehistoric period to Sulla*. Washington, Carnegie Institution.
- Bloch, R. (1971) *Origens de Roma*. Lisboa, Verbo.
- Blume, F. et alii (1848) *Die Schriften der roemischen Feldmesser. I - Texte und Zeichnungen*. Berlin, G. Reiner.

## Bibliografia

- Boethius, A. (1978) *Etruscan and Early Roman Architecture*. Harmondsworth, Penguin.
- Bracco, V. (1979) *L'archeologia classica nella cultura occidentale*. Roma, L'Erma di Bretschneider.
- Bradford, J. (1957) *Ancient Landscapes*. Londres.
- Bruni, P.A. (1971) *Italian Manpower 225 BC - AD 14*. Oxford, Clarendon Press.
- Bruni, P.A. (1975) Two great Roman landowners, *Latomus*, 34, 619-635.
- Brutti, M. (1978) Introduzione, *Analisi marxiste e società antiche*, Roma, Riuniti, 9-44.
- Calci, C. et alii (1985) Via Tiberina, km. 1.600. Villa romana nel cimitero Flaminio, *Bollettino Comunale (BCACR)*, XC, 1, 143-144.
- Capogrossi Colognesi, L. (1981) Alcuni aspetti dell'organizzazione fondiaria romana nella tarda Repubblica e nel Principato, *Klio*, 63, 2, 347-357.
- Capogrossi-Colognesi, L. (1981) Proprietà agraria e lavoro subordinato nei giuristi e negli agronomi latini tra repubblica e principato, *Società Romana e Produzione Schiavistica*, vol. I, Bari, Laterza, 445-454.
- Caprino, C. (1944-45) Guidonia - villa rustica con "torcularium", *Notizie degli Scavi*, 39-51.
- Carandini, A. & Settis, S. (1979) *Schiavi e Padroni nell'Etruria Romana. La villa di Settefinestre dallo scavo alla mostra*. Bari, De Donato.
- Carandini, A. (1978) Dibattito, *Analisi Marxista e Società Antiche*, Roma, Riuniti, 239-254.
- Carandini, A. (1979) *L'anatomia della scimmia. La formazione economica della società prima del capitale*. Torino, Boringhieri.
- Carandini, A. (1980) Il vigneto e la villa di fondo di Settefinestre nel Cosano: un caso di produzione agricola per il mercato transmarino, *The Seaborne Commerce of Ancient Rome: Studies in Archaeology and History*, Roma, American Academy, 1-10.

## Ruinas de una Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Carandini, A. (1980) Prefazione - "Quando la dimora dello strumento e l'uomo, Kolendo, J. *L'Agricoltura nell'Italia Romana*, Roma, Riuniti, pags.IX-LX.

Carandini, A. (1980) Roma imperialistica: un caso di sviluppo precapitalistico, *The Seaborne Commerce of Ancient Rome: Studies in Archaeology and History*, *Memoirs of the American Academy in Rome*, vol. XXXVI, 11-20.

Carandini, A. (1981) *Storie dalla terra. Manuale dello scavo archeologico*. Bari, De Donato.

Carandini, A. (1981) Sviluppo e Crisi delle Manifatture Rurali e Urbane, *Società Romana e Produzione Schiavistica II*, Bari, Laterza, 249-260.

Carandini, A. (1983) Columella's vineyard and the rationality of the Roman economy, *Opus*, 2, 1, 177-203.

Carandini, A. (1985) Le ville nell'antico territorio di Vulci, *La Romanizzazione dell'Etruria*, Firenze, 145-147.

Carandini, A. (1986) Domus et insulae sulla pendice settentrionale del Palatino, *Bollettino Comunale (BCACR)*, XCI,2, 262-278.

Carandini, A. (1989) L'economia italica fra tarda Repubblica e medio Impero considerata dal punto di vista di una merce: il vino. Ricordando i tempi dello scavo ostiense, che sembrano così lontani, *Amphores Romaines et Histoire Economique: Dix Ans de Recherche (Actes du Colloque de Sienne, 22-24 mai 1986)*, Roma, Ecole Française, 505-521.

Carandini, A. et alii (1985) *Settefinestre. Una villa schiavistica nell'Etruria Romana*. Modena, Panini.

Carrington, R.C. (1931) Studies in the Campanian villae rusticae, *Journal of Roman Studies*, 21, 110-129.

Carrington, R.C. (1937) *Pompei*. Paris, Payot.

Carter, J.C. (1979) Rural architecture and Ceramic indutry at Metaponto, Italy, 350-50 BC, *Roman Brick and Tile*, Oxford, B.A.R. International series, 68, 45-64.

Carter, J.C. (1986) Ricerca archeologica nella chora metapontina. la campagna del 1985, Neapolis, *Atti del 25o. Convegno di studi sulla Magna Grecia*, Tarento, 477-492.

## Bibliografia

- Casale, A. & Bianco, A. (1979) Primo contributo alla topografia del suburbio pompeiano, *Antiqua*, Suppl. 15, 27-57.
- Castren, P. (1983) Cambiamenti nel gruppo dei notabili municipali dell'Italia centro-meridionale nel corso del I secolo a.C., *Les Bourgeoisies municipales italiennes aux IIe e Ie siècles av. J.C.*, Paris/Napoles, Centre Jean Berard, 91-97.
- Celuzza, M.G. & Regoli, E. (1982) La valle d'Oro nel territorio di Cosa - Ager cosanus e ager veientanus a confronto, *Dialoghi di Archeologia*, 1, 4, 31-62.
- Celuzza, M.G. & Regoli, E. (1982) Lo scavo della fattoria repubblicana di Giardino Vecchio, *Archeologia Medievale*, IX, 383-386.
- Celuzza, M.G. & Regoli, E. (1983) La fattoria repubblicana di Giardino Vecchio. Seconda Campagna di Scavo, *Archeologia Medievale*, X, 462-465.
- Celuzza, M.G. & Regoli, E. (1985) Gli insediamenti nella valle d'Oro e il fondo di Settefinestre, *Settefinestre - una villa schiavistica nell'Etruria romana*, I, 1, 48-59
- Celuzza, M.G. (1984) La piccola proprietà, *Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano*, Modena, Panini, 158-160.
- Cerulli Irelli, G. (1965) Campania - S. Sebastiano al Vesuvio - villa rustica romana, *Notizie degli Scavi - suppl.*, 161-178
- Chouquer, G. & Favory, F. (1987) Reconnaissance morphologique des cadastres antiques de l'aire latio-campanienne, *Structures Agraires en Italie Centro-Meridionale*, Roma, EFR, 81-232.
- Close-Brooks, J. & Gibson, S. (1966) A round hut near Rome, *Proceedings of the Pre-Historic Society*, XXXII, 349-352
- Coarelli, F. (1971) Discussione, Contributo dell'archeologia alla storia sociale, *Dialoghi di Archeologia*, 2, 3, 476-478.
- Coarelli, F. (1985) *Roma. Guida Archeologica*. Bari, Laterza.
- Comba, R. (1980) Cultura materiale e storia sociale nello studio delle dimore rurali, *Archeologia medievale*, VII, 9-20.

**Ruins de umn Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda**

Compatangelo, R. (1986) Archeologia aerea in Campania settentrionale: primi risultati e prospettive, *MEFRA*, 98,2, 595-621.

Compatangelo, R. (1989) *Un cadastre de Pierre - Le Salento Romain*. Paris, Belles Lettres.

Conticello, B. (1986) L'Attività della soprintendenza archeologica di Pompei, *Neapolis, Atti del 25o. Convegno di studi sulla Magna Grecia*, Taranto, 507-516

Corbier, M. (1981) Proprieta e gestione della terra: grande proprieta ed economia contadina, *Societa Romana e Produzione Schiavistica*, I, Bari, Laterza, 427-444.

Cotton, M. & Metraux, G. (1985) *The San Rocco villa at Francolise*. Roma, British School Supplementary publications.

Cotton, M. (1979) *The late republican villa at Posto, Francolise*. Londres, British School at Rome.

Cotton, M. (1983) Some research work on roman villas in Italy, 1960-1980, *Rome and Her Northern Provinces* (Papers presented to S. Frere), Oxford, Clarendon, 56-66.

Cristofani, M. (1978) *L'Arte degli Etruschi. Produzione e Consumo*. Turim, Einaudi.

Crova, B. (1942) *Edilizia e Tecnica rurale di Roma antica*. Milano, Bocca.

D'Ambrosio, A. (1972) Una villa rustica a Quagliano di Napoli, *RAAN*, XLVII, 319-326.

D'Ambrosio, A. (1987) Oplontis, Attivita dell'ufficio scavi 1984-5, *Rivista di Studi Pompeiani*, 1, 172-176.

D'Amore, L. (1977) Recenti pubblicazioni: C. Cuomo, La villa rustica di S. Antonio Abate da me dissepolta, Pompei, 1976, *Cronache Pompeiane*, III, 223-232.

D'Arms, J. (1970) *Romans on the Bay of Naples. A Social and Cultural Study of the Villas and their owners, 150 BC to AD 400*. Cambridge, Harvard University Press.

D'Arms, J. (1974) Puteoli in the second century of the Roman Empire: a social and economic study, *Journal of Roman Studies*, 64, 104-124.

## Bibliografia

D'Arms, J. (1980) Republican Senators' involvement in commerce in the late Republic: some Ciceronian evidence, *The Seaborne Commerce of Ancient Rome: Studies in Archaeology and History*, Roma, American Academy, 77-90.

D'Arms J. (1981) *Commerce and Social Standing in Ancient Rome*. Cambridge, Harvard University Press.

D'Arms, J. (1984) Ville rustiche e ville d'otium, *Pompei 79'*. Naples, G. Macchiaroli, 65-86.

D'Enrico, F. & Panto, G. (1985) La pratica e l'evoluzione del fare archeologia in Italia nell'esame di "Notizie degli Scavi", anni 1926-1943, *Archeologia Medievale*, 12, 593-604.

D'Hauterive, R. (1948) *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Paris, Larousse.

Day, J. (1932) Agriculture in the life of Pompeii, *Yale Classical Studies*, III, 165-203.

De Boe, G. (1975) Villa Roamana in localita "Posta Crusta". Rapporto preliminare sulle campagne di scavo 1972 e 1973, *Notizie degli Scavi*, 516-530.

De Caro, S. & Greco, A. (1981) *Campania. Guide archeologiche Laterza*. Bari, Laterza.

De Caro, S. (1981) L'attivit  archeologica a Pompei, Siris e l'influenza ionica in Occidente (*Atti del 20o Convegno di Studi sulla Magna Grecia, 1980*). Tarento, Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia, 273-281.

De Caro, S. (1983) Boscoreale - Indagini, rinvenimenti e ricerche sul territorio, *Pompei, Herculaneum, Stabiae*, I, 328-331.

De Franciscis, A. (1973) La Villa romana di Oplontis, *Parola del Passato*, CLIII, 453-466.

De Franciscis, A. (1974) La villa romana di Oplontis, *Metaponto, Atti del 13o Convegno di studi sulla Magna Grecia*, tarento, 341-352.

De Franciscis, A. (1975) La villa romana di Oplontis, *Neue Forschungen im Pompeji*, Essen, Aurel Bongers, 9-17.



## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

De Franciscis, A. (1982) Oplontis, La regione sotterata dal vesuvio, Naples, G. Macchiaroli, 907-925.

De Juliis, E.M. (1981) L'attività archeologica in Puglia - 1980, Siris e l'influenza ionica in Occidente, Atti del 20o. Convegno di Studi sulla Magna Grecia, Tarento, 353-379.

De Petra, G. (1910) Villa romana presso Pompei, *Notizie degli Scavi*, 139-145.

De Spagnolis, M. (1982) Ville rustiche e trasformazioni agrarie nel Lazio meridionale, *Il Lazio nell'Antichità romana*, Roma, Palombi, 353-363.

Della Corte, M. (1921) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 1 - villa rustica, esplorata dal sig. cav. Carlo Rossi-Filangeri nel fondo di Antonio Prisco, in contrada Civita-Giuliana (comune di Boscoreale), nei mesi di febbraio a luglio dell'anno 1903, *Notizie degli Scavi*, 415-423.

Della Corte, M. (1921) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 2 - Altra villa rustica, scavata dal sign. cav. Carlo Rossi-Filangeri nel fondo di raffaele Brancaccio, nella stessa contrada Civita-Giuliana (comune di Boscoreale) nei mesi da gennaio a marzo 1904, *Notizie degli Scavi*, 423-426.

Della Corte, M. (1921) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 4 - Villa rustica esplorata dal sig. Ferruccio de Prisco nel fondo D'Acunzo, posto immediatamente a mezzogiorno del piazzale della stazione ferroviaria di Boscoreale (ferrovia dello Stato), l'anno 1903, *Notizie degli Scavi*, 436-441.

Della Corte, M. (1921) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 5 - La "villa rustica N. Popidi Fiori" esplorata dalla signora Giovanna Zurlo-Pulzella, enl fondo di sua proprietà in contrada Pisanella, comune di Boscoreale, l'anno 1906, *Notizie degli Scavi*, 442-460.

Della Corte, M. (1921) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 6 - Altra villa rustica, esplorata dal signor Giovanni di Palma, nel fondo "Agricoltura" di sua proprietà, in contrada Pisanella, comune di Boscoreale, l'anno 1906 (giorni 15) e l'anno 1906 (6 mesi), *Notizie degli Scavi*, 461-467.

Della Corte, M. (1921) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 3 - La "villa rustica Aselli", esplorata dall'on. sig. Vincenzo de Prisco nel fondo De Martino, in contrada Pisanella (comune di Boscoreale) negli anni 1903-1904, *Notizie degli Scavi*, 426-435.

## Bibliografia

Della Corte, M. (1922) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 11 - La villa rustica "Ti. Claudii Eutychi, Caesari l(i)berti", esplorata dal sig. cav. Ernesto Lanfani, nel fondo di sua proprietà alla contrada Rota (comune di Boscoreale), negli anni 1903-1905, *Notizie degli Scavi*, 459-478.

Della Corte, M. (1922) Villa rustica - ora proprietà dello Stato - scavata dal signore Aurelio Item nel fondo di Elisabetta Gargiulo, a m. 100 circa delle ultime tombe della "Via dei Sepolcri" di Pompei, in territorio di Torre Annunziata, tra il 29 aprile 1909 e il 15 gennaio 1910, *Notizie degli Scavi*, 480-485.

Della Corte, M. (1923) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 7 - Villa rustica esplorata dal sig. Giacomo Matrone in un fondo di sua proprietà, posto immediatamente ad Occidente della via vicinale che attraversa, in direzione Nord-Sud, la contrada Messigno, in Comune di Gragnano, *Notizie degli Scavi*, 271-274.

Della Corte, M. (1923) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 8 - Villa rustica esplorata dal sig. cav. Carlo Rossi Filangeri in un fondo del sign. comm. Agnello Marchetti, posto immediatamente ad Ovest della via Scafati-Gragnano, nella contrada Carita, in comune di Gragnano, *Notizie degli Scavi*, 275-280.

Della Corte, M. (1923) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 9 - Villa rustica scavata dal sig. ing. Gennaro Matrone in un fondo di sua proprietà situato nella contrada Spinelli (comune di Scafati), a sud del portellone n. 27 del R. Canale del Sarno, *Notizie degli Scavi*, 280-284.

Della Corte, M. (1923) Pompei - Scavi eseguiti da privati nel territorio pompeiano. 10 - Villa rustica parzialmente esplorata dall'on. sig. Vincenzo de Prisco in un fondo di sua proprietà alla Contrada Crapolla (comune di Scafati), *Notizie degli Scavi*, 284-287.

Della Corte, M. (1928) Scafati - contrada Acquavitrara - villa rustica, *Notizie degli Scavi*, 375-377.

Della Corte, M. (1929) Boscoreale. Parziale scavo della villa rustica "M. Livi Marcelli", *Notizie degli Scavi*, 178-188.

Della Corte, M. (1929) Valle di Pompei. Parziale esplorazione di una villa rustica, nella cava di lapillo di Angelantonio De Martino, *Notizie degli Scavi*, 190-199.

Della Corte, M. (1954) *Casa ed Abitanti di Pompei*. Roma, L'Erma.

Di Manzano, P. & Leggio, T. (s.d.) *Ville Romane in Opera poligonale nei dintorni di Cures Sabini*. Comune di Fara Sabina.

## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Di Manzano, P. et alii (1985) Le ville nel settore Nord-est del suburbio, **Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano. Citta, agricoltura, commercio: materiali da Roma e dal suburbio**, Modena, Panini, 83-90.

Di Pietro, G.F. (1980) Per la storia dell'architettura della dimora rurale: alcune premesse di metodo, **Archeologia Medievale**, VII, 343-361.

Duncan, G. (1958) Sutri (Sutrium). Notes on Southern Etruria, **Papers of the British School at Rome**, XXVI, 63-134.

Duncan-Jones, R. (1982) **The Roman Empire - Quantitative Studies** (2nd ed.) Cambridge, University Press.

Dyson, S.L. & Holloway, R. (1971) Excavations at Buccino:1970, **American Journal of Archaeology**, 75, 151-154.

Dyson, S.L. (1972) Excavations at Buccino:1971, **American Journal of Archaeology**, 76, 159-163.

Dyson, S.L. (1973) Excavations at Buccino, **American Journal of Archaeology**, 77, 405-409.

Dyson, S.L. (1975) **Report on the 1975 Wesleyan Archaeological expedition, Cosa, Italy** (inedito).

Dyson, S.L. (1978) Settlement Patterns in the ager Cosanus; The Wesleyan University survey, 1974-1976, **Journal of Field Archaeology**, 5, 3, 251-268.

Dyson, S.L. (1979) **Report on Saturnia survey - Fall 1979** (Inedito)

Dyson, S.L. (1983) **The Roman villas of Buccino. Wesleyan excavation in Buccino, Italy, 1969-1972**. Oxford, BAR International series, n. 187.

Dyson, S.L. (1985) The villas of Buccino and the consumer model of Roman rural development, **Papers in Italian Archaeology IV**, Oxford, BAR International Series, n. 246, 67-84.

Egidi, R. (1981) Villa romana alla Fontana del Piscaro (Frascati), **Archeologia Laziale**, IV, 171-175.

## Bibliografia

- Egidi, R. (1985) Il Lazio meridionale costiero. Le villae maritimae, *Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano. Citta, agricoltura, commercio: materiali da Roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 110-112.
- Ellis, S.P. (1988) The end of the Roman house, *American Journal of Archaeology*, 92, 4, 565-576.
- Ernout, A. & Meillet, A. (1951) *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. Paris, Klincksieck.
- Etienne, R. (1971) *La vida cotidiana en Pompeya*. Madrid, Aguilar.
- Etienne, R. (1974) Recherches sur l'ergastule, *Actes du Colloque sur l'esclavage de Besancon*, 1971, Paris, 249-266.
- Etienne, R. (1975) A propos du vin Pompeien, *Neue Forschungen in Pompeji*, Essen, A. Bongers, 309-316.
- Fabriccotti, E. (1976) I bagni nelle prime ville romane, *Cronache Pompeiane*, 2, 29-111.
- Faccenna, D. (1957) Tivoli (localita Granaraccio) Resti della parte rustica di una villa, *Notizie degli Scavi*, 148-153.
- Felletti Maj, B. (1955) Roma (via tiberina) - villa rustica, *Notizie degli Scavi*, 206-216.
- Finley, M. (1980) *A Economia Antiga*. Porto, Afrontamento.
- Finley, M. (1983) *Ancient Slavery and Modern Ideology*. Harmondsworth, Penguin Books.
- Finley, M. (1984) The study of ancient Economy: further thoughts, *Opus*, 3, 1, 5-11.
- Foxhall, L. (1990) The dependant tenant: land leasing and labour in Italy and Greece, *Journal of Roman Studies*, LXXX, 97-114.
- Frederiksen, M.W. (1971) The Contribution of Archaeology to the agrarian problem in the Roman period, *Dialoghi di Archeologia*, 2, 3, 330-367.

## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

- Frederiksen, M. (1981) I cambiamenti delle strutture agrarie nella tarda repubblica: La Campania, *Società romana e Produzione Schiavistica*, vol. I, Bari, Laterza, 265-287.
- Gabba, E. (1979) Sulle strutture agrarie dell'Italia romana fra III e I secolo a.C., *Strutture agrarie e allevamento transumante nell'Italia romana (III-I a.C.)*, Pisa, Giardini, 15-73.
- Gabba, E. (1982) Per la storia della società romana tardo-repubblicana, *Opus*, 1, 2, 373-387.
- Garnsey, P. & Saller, R. (1987) *The Roman Empire: economy, society and culture*. Londres, Duckworth.
- Gazzetti, G. et alii (1985) Il progetto Monti della Tolfa - valli del Mignone: una ricerca topografica nel Lazio settentrionale, *Archeologia Medievale*, XII, 501-534.
- Giardina, A. (1986) Le due Italie nella forma tarda dell'Impero, *Società Romana e Impero Tardo-Antico*, I, Bari, Laterza, 1-36.
- Gjerow, P.G. (1966) *The Iron Age Culture of Latium*, I, Lund, Gleerup.
- Giuliani, C.F. (1966) *Forma Italiae I,3*. Tibur. Roma, De Lucca.
- Goujard, R. (1975) Introduction a *Caton, De l'Agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par R. Goujard, Paris, Belles Lettres, VII-LIV.
- Graham, J.W. (1966) The Greek and Roman house, *Phoenix*, XX, 3-31.
- Grimal, P. (1969) *Les Jardins romains*. Paris, PUF.
- Hesnard, A. (1980) Un dépôt augustéen d'amphores a La Longarina, Ostie, *The Laboring Commerce of Ancient Rome: Studies in Archaeology and History*, Roma, American Academy, 141-156.
- Hesnard, A. et alii (1989) Aires de production des greco-italiques et des Dressel 1, *Amphores Romaines et Histoire Economique: Dix Ans de Recherche (Actes du colloque de Sienna, 22-24 mai 1986)*, Roma, Ecole Française, 21-65.
- Ioffmann, a. (1984) L'architettura, *Pompei 79'*, Naples, G. Macchiaroli, 97-118.

## Bibliografia

- Hopkins, K. (1984) **Conquistatori e Schiavi. Sociologia dell'Impero Romano.** Turim, Boringhieri.
- Hunter-Andreson, R. (1977) A theoretical approach to the study of house form, **For theory building in archaeology**, Nova Iorque, Academic Press, 287-315.
- Jashemsky, W. (1968) Excavations in the "Foro Boario" at Pompeii: a preliminary report, **American Journal of Archaeology**, 72, 69-73.
- Jashemsky, W. (1973) The discovery of a large vineyard at Pompeii: University of Maryland excavations, 1970, **American Journal of Archaeology**, 77, 27-41.
- Jashemsky, W. (1979) **The Gardens of Pompeii, Herculaneum and the villas destroyed by Vesuvius.** Nova Iorque, Caratzas Brothers.
- Johnston, D. (1983) **Roman Villas**, Haverfordwest, C.I.Thomas & Sons.
- Jones, G.D.B. (1962) Capena and the ager Capenas, **Papers of the British School at Rome**, XXX, 116-207.
- Jones, G.D.B. (1963) Capena and the ager Capenas, Part II, **Papers of the British School at Rome**, 31, 100-158.
- Jones, G.D.B. (1980) Il Tavoliere romano. L'agricoltura romana attraverso l'aerofotogrammetria e lo scavo, **Archeologia Classica**, XXXII, 85-107.
- Jones, J. et alii (1973) **An attic country house below the cave of Pan at Vari.** Atenas, British School.
- Jongman, (1991) **The economy and society of Pompeii.** Amsterdam, Gieben.
- Kolendo, J. (1980) **L'agricoltura dell'Italia romana.** Roma, Riuniti.
- Kuzischin, V.I. (1984) **La grande propriet  agraria nell'Italia romana.** Roma, Riuniti.
- La Regina, F. (1980) **Architettura rurale - problemi di storia e conservazione della civilt  edilizia contadina in Italia.** Bologna, Calderini.
- Le Roy Ladurie, E. (1983) **La sorciere de Jasmin.** Paris, Seuil.

## Ruinas de una Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Lepore, E. (1950) *Orientamenti per la storia sociale di Pompei, Pompeiana*. Raccolta di studi per il 2o. centenario degli scavi di Pompei. Napoles, G. Macchiaroli, 144-166.

Lepore, E. (1979) Pompei 1979: gli studi e il recente dibattito, *Parola del Passato*, 188-189. 482-508.

Lepore, E. (1984) Il quadro storico, *Pompei 79'*, Napoles, G. Macchiaroli, 13-23.

Liverani, P. (1984) L'ager veientanus in eta repubblicana, *Papers of the British School at Rome*, LII. 36-48.

Longo, P. (1985) Resti di divisioni agrarie nel territorio dell'odierno Lazio - Tarracina, *Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano. Citta, agricoltura, commercio: materiali da Roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 40-44.

Luchi, O. (1981) I territori di Volterra e di Chiusi, *Societa Romana e Produzione Schiavistica I*, Bari, Laterza, 413-420.

Lugli, G. (1926) *Forma Italia, reg. I Latium et Campania, vol. I. Ager Pomptinus, Pars Prima, Anxur/Terracina*. Roma, Danesi.

Lugli, G. (1926) La villa sabina di Orazio, *Monumenti Antichi*, XXXI, 456-598.

Lugli, G. (1930) Roma (via Nomentana) scavo di una villa di eta repubblicana in localita S. Basilio, *Notizie degli Scavi*, 529-535.

Lugli, G. (1957) *La tecnica edilizia romana*. Roma, Bardi.

Lyttleton, M. (1980) The Mura di Santo Stefano near Anguillara: a Roman Villa?, *Roman Villas in Italy. Recent excavations and research*. Londres, British Museum Occasional Paper, 24, 53-72.

Maiuri, A. (1931) *La villa dei Misteri*. Roma, Libreria dello stato.

Maiuri, A. (1933) *La Casa del Menandro e suo Tesoro di Argenteria*. Roma, Libreria dello Stato

Maiuri, A. (1938) La villa augustea di Palazzo a mare a Capri, *Campania Romana - Studi e Materiali*, vol. I, Napoles, Rispoli, 133-142.

## Bibliografia

- Maiuri, A. (1942) *L'ultima fase edilizia di Pompei*. Roma, Istituto di studi Romani.
- Maiuri, A. (1946) *Guida di Ercolano*. Roma, Libreria dello Stato.
- Manacorda, D. (1978) The *ager cosanus* and the production of the amphorae of Sestius: new evidence and a reassessment, *Journal of Roman Studies*, 68, 122-131.
- Manacorda, D. (1980) L'*ager cosanus* tra tarda repubblica e impero: forme di produzione e assetto della proprietà, *The Seaborne Commerce of Ancient Rome: Studies in Archaeology and History*, Roma, American Academy, 173-184.
- Manacorda, D. (1981) Produzione agricola, produzione ceramica e proprietari nell'*ager cosanus* nel I a.C., *Società Romana e Produzione Schiavistica II*, Bari, Laterza, 3-54.
- Manacorda, D. (1985) Per una storia dell'archeologia italiana: il convegno di Catania, *Archeologia Medievale*, 12, 605-610.
- Manacorda, D. (1989) Le anfore dell'Italia repubblicana: aspetti economici e sociali, *Amphores Romaines et Histoire Economique: Dix Ans de Recherche (Actes du Colloque de Sienne, 22-24 mai 1986)*, Roma, École Française, 443-467.
- Mansuelli, G.A. (1958) *Le ville nel mondo romano*. Milano, Pleio.
- Mari, Z. (1983) *Forma Italiae*, I, XVII, Tibur III. Firenze, Leo S. Olschki.
- Mari, Z. (1983-84) La villa tiburtina detta di Cassio: nuove acquisizioni, *RINASA*, III, 6-7, 97-131.
- Martin, M. (1964) Scavi archeologici nella contrada S. Vito, presso il lago di Salpi, *Archivio Storico Pugliese*, XVII, 167-224.
- Martin, R. (1971) *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*, Paris, Belles Lettres.
- Martin, R. (1974) "Familia Rustica": les esclaves chez les agronomes latins, *Actes du Colloque sur l'esclavage de Besançon*, Paris, 267-297.
- Mau, A. (1900) *Pompeji in Leben und Kunst*. Leipzig, W. Engelmann.



## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Mckay, A.G. (1975) *House, villas and Palaces in the Roman world*, Ithaca, Cornell university Press.

Mercando, L. (1980) Marche - Rinvenimenti di insediamenti rustici, *Notizie degli Scavi*, 88-296.

Mercando, L. et alii (1981) Forme d'insediamento nel territorio marchigiano in eta romana, *Societa Romana e Produzione Schlavistica*, vol. I, Bari, Laterza, 311-347.

Messineo, G. et alii (1985) Via Cassia km 11, localita Casale Ghela (circ. XX), *Bollettino Comunale (BCACR)*, XC, 1, 177-184.

Mickwitz, G. (1937) Economic Rationalism in Graeco-Roman Agriculture, *The English historical Review*, CCVIII, 577-589.

Miele, F. (1989) La casa a schiera I, 11, 16, un esempio di edilizia privata a Pompei, *Rivista di Studi Pompeiani*, 165-184.

Mielsch, H. (1987) *Die roemische Villa. Architektur und Lebensform*. Munique, C.H.Beck.

Miniero, O. (1987) Stabiae, attivita dell'Ufficio Scavi, *Rivista di Studi Pompeiani*, 1, 180-190.

Miniero, P. (1987) Studio di un carro romano della villa c.d. di Arianna a Stabiae, *Mélanges de l'École Française de Rome - Antiquité*, 99, 1, 171-209.

Miniero, P. (1989) Stabiae, attivita dell'Ufficio Scavi:1989, *Rivista di Studi Pompeiani*, 3, 258-263.

Misurare (1984) *Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano*. Modena, Panini, 1984.

Morel, J.P. (1980) La ceramique campanienne: acquis et problemes, *Ceramiques Hellenistiques et Romaines*, Paris, Belles Lettres, 85-122.

Morel, J.P. (1984) La ceramica e il vetro, *Pompei 79'*, Napoles, G. Macchiaroli, 241-264.

## Bibliografia

- Morel, J.P. (1989) *The transformation of Italy, 300-133 B.C. The evidence of archaeology*, Cambridge Ancient History, VIII, 2nd. ed. , Cambridge, University Press, 477-516.
- Moreland, J. (1986) Ricognizione nei dintorni di Farfa, 1985. resoconto preliminare, *Archeologia Medievale*, 13, 333-343.
- Moreland, J. (1987) The Farfa survey: a second interim report, *Archeologia Medievale*, 14, 409-418.
- Morelli, C. & Musco, S. (1985) Via Prenestina (km. 21,500). Insediamento romano in località Giardini di Corcolle, *Bollettino Comunale (BCACR)*, XC,1, 114-118.
- Morelli, C. et alii (1984) Via Labicana. Tor Vergata, *Bollettino Comunale (BCACR)*, LXXXIX, 89-101.
- Moretti, M. & A. (1977) *La villa dei Volusii a Lucus Feroniae*. Roma, Autostrade Spa.
- Moretti, M. (1968) La villa romana di "Lucus Feroniae", *Autostrade*, X, 8, 3-62.
- Moule, T. (1833) *An essay on the Roman villas of the augustan Age, their architectural disposition and enrichments; and on the remains of roman domestic edifices discovered in Great Britain*. Londres, Longman.
- Musco, S. & Zaccagni, P. (1985) Caratteri e forme di insediamenti rustici e residenziali nel suburbio orientale tra il IV ed il I secolo a.C., *Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano. Citta, agricoltura, commercio: materiali da Roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 90-106.
- Muzzioli, M. (1980) *Forma Italiae*, IV, 2. Cures Sabini. Floren[za], Leo Olschki.
- Muzzioli, M. (1985) Capena e Lucus Feroniae, *Misurare la terra: centuriazioni e coloni nel mondo romano. Citta, agricoltura, commercio; materiali da roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 53-58.
- Muzzioli, M.P. (1985) Cures Sabini, *Misurare la Terra: centuriazioni e coloni nel mondo romano. Citta, agricoltura, commercio: materiali da roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 48-52.
- Nicolet, C. (1980) *Les Gracques ou Crise agraire et revolution a Rome*. Paris, Gallimard/Juliard.

## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Orser, C.E., (1990) Archaeological Approaches to New World Plantation Slavery in: Schiffer, M.B. (ed.) *Archaeological Method and Theory, II*, Tucson, University of Arizona Press, 11-154.

Ostenberg, (1962) Luni and villa Sambuco, *Etruscan Culture, Land and People*, Nova Iorque, Columbia University Press, 313-320.

Packer, J. (1975) Middle and Lower class housing in Pompeii and Herculaneum: a preliminary survey, *Neue Forschungen in Pompeji*. Essen, A. Bongers, 133-142.

Pallottino, M. (1937) Capena - Resti di costruzioni romane e medioevali in localita "Montecanino", *Notizie degli Scavi*, 7-28.

Pallottino, M. (1943) Tarquinia - Rinvenimenti fotuiti nella Necropoli e nel territorio (1930-1938), *Notizie degli Scavi*, 213-264.

Panella, C. (1980) Retroterra, porti e mercati: l'esempio dell'ager Falernus, *The Seaborne Commerce of Ancient Rome: Studies in Archaeology and History*, Roma, American Academy, 251-259

Panella, C. (1981) La distribuzione e i mercati, *Societa Romana e Produzione schiavistica, II*, Bari, Laterza, 55-80.

Paribeni, R. (1903) Boscoreale - villa rustica rinvenuta nella contrada Centopiedi al Tirone, *Notizie degli Scavi*, 64-67.

Pasqui, A. (1897) La villa pompeiana della Pisanella presso Boscoreale, *Monumenti Antichi*, 397-554.

Pasquinucci, M. (1979) La transumanza nell'Italia romana, *Strutture agrarie e allevamento transumante nell'Italia romana (III-I sec. a.C.)*, Pisa, Giardini, 75-185.

> Patroni, G. (1902) Le origini della Domus ed un frammento varroniano male inteso, *RAL*, 467-507.

Patterson, J. (1987) Crisis: What crisis? Rural change and urban development in imperial appennine Italy, *Papers of the British School at Rome*, LV, 115-146.

Pavolini, C. (1986) L'edilizia commerciale e l'edilizia abitativa nel contesto di Ostia tarjo antica, *Societa Romana e Impero Tardo Antico*, vol. II, Bari, Laterza, 239-298.

## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Quilici, L. & S (1978) Ville dell'agro cosano con fronte a torrete, *RINASARTE*, 3, 1, 11-64.

Quilici, L. (1979) La villa nel suburbio romano: problemi di studio e di inquadramento storico-topografico, *Archeologia Classica*, XXXI, 309-317.

Rathbone, D.W. (1981) The development of agriculture in the 'ager cosanus' during the Roman Republic: problems of evidence and interpretation, *Journal of Roman Studies*, LXXI, 10-23.

Rawson, E. (1980) L'aristocrazia ciceroniana e le sue proprietà, *La Proprietà a Roma. Guida storica e critica*, Bari, Laterza, 97-119.

Rea, R. (1985) Via Prenestina, località Torre Spaccata: ville rustiche, *Bollettino Comunale (BCACR)*, XC,1, 102-111.

Rivet, A.L.F. (1970) *The Roman Villa in Britain*. Londres, Routledge & Kegan Paul.

Rodriguez-Almeida, E. (1981) *Forma Urbis Marmorea*. Aggiornamento Generale. Roma, Quasar.

Romanelli, P. (1933) Via Cornelia. Tenuta Casalotto, *Notizie degli Scavi*, 246-251.

Rossiter, J.J. (1978) *Roman farm buildings in Italy*. Oxford, B.A.R. International Series, 52. Oxford, University Press.

Rossiter, J. (1981) Wine and oil processing at roman farms in Italy, *Phoenix*, 35, 4, 345-361.

Rostovtzeff, M. (1933) *Storia Sociale ed Economica dell'Impero Romano*. Floren[za], Nuova Italia.

Ruggiero, M. (1881) *Degli scavi di Stabiae dal MDCCXLIX al MDCCCLXXXII*. Nápoles, Accademia Reale delle Scienze.

Salmon, E.T. (1985) Materiali per la storia della centuriazione in Italia - La fondazione delle colonie latine, *Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano. Città, agricoltura, commercio: materiali da roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 13-19.

## Bibliografia

- Santangeli Valenziani, R. & Volpe, R. (1980) Tentativo di ricostruzione di una sistemazione agricola di età repubblicana nei dintorni di Roma, *Archeologia Classica*, XXXII, 206-215.
- Scagliarini, D. (1968) Ravenna e le ville romane in Romagna, *Quaderni di antichità ravennati, cristiane e bizantine*, n. 10.
- Scagliarini Corlaita, D. (1978) La villa romana e le ville della regione VIII, *La villa romana di Cassana. Documenti archeologici per la storia del popolamento rustico*. Bolonha, Calderini.
- Scagliarini Corlaita, D. (1981) Iconografia del paesaggio rurale nel mondo romano, Fonti per lo studio del paesaggio agrario, *Atti del III Convegno di storia Urbanistica*, Lucca, 3-5 ottobre 1979, Lucca, CISCU, 13-36.
- Schiavone, A. (1976) Per una rilettura delle "Formen": teoria della storia, dominio del valore d'uso e funzione dell'ideologia, *Analisi marxiste e società antiche*, Roma, Riuniti, 75-106.
- Sealey, P. (1985) *Amphoras from the 1970 Excavations at Colchester, Sheepen*. Oxford, B.A.R. British series, 142.
- Skydsgaard, J.E. (1969) Nuove ricerche sulla villa rustica romana fino all'epoca di Traiano, *Analecta Romana Instituti Danici*, V, 25-40.
- Small, A. (1978) The area around Francolise in the Roman period, *The San Rocco villa at Francolise*, Londres, British School at Rome, XIX-XXXII.
- Small, A. (1978) The villa rustica of the hellenistic period in south Italy, *Papers in Italian Archaeology I: The Lancaster Seminar*. B.A.R. Supp. Series 41. Oxford, 197-201.
- Sogliano, A. (1889) Torre Annunziata - fabbriche antiche scoperte in contrada "Civita" presso le mura di Pompei, *Notizie degli Scavi*, 494-503.
- Sogliano, A. (1895) Boscoreale - scoperta di una villa rustica, *Notizie degli Scavi*, 207-214.
- Sogliano, A. (1897) Boscoreale - villa romana in contrada Giuliana, *Notizie degli Scavi*, 391-402.
- Sogliano, A. (1898) Boscoreale - Avanzi di una villa romana in piazza Mercato, *Notizie degli Scavi*, 419-422.

## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Sogliano, A. (1899) Avanzi di antica villa dell'agro pompeiano, *Notizie degli Scavi*, 392-398

Sogliano, A. (1899) Boscotrecuse. Fabbriche antiche scoperte in contrada "Setari", *Notizie degli Scavi*, 297-299.

Sogliano, A. (1901) Pompei - Il borgo marinaro presso il Sarno. *Notizie degli Scavi*, 423-440.

Spurr, M. (1986) *Arable cultivation in Roman Italy*. Londres, Society for the Promotion of Roman Studies.

Staccioli, R. (1967) Sulla struttura dei muri nelle case della città etrusca di Marzabotto, *Studi Etruschi*, XXXV, 113-126.

Staffa, A. & Messineo, G. (1984) Via tiburtina - villa romana presso la Torre di Rebibbia (circ. V), *Bollettino Comunale (BCACR)*, 89, 107-124.

Ste-Croix, G.E.M. (1981) *The class struggle in the ancient greek world from the archaic age to the arab conquests*. Londres, Duckworth.

Stefani, E. (1944-5) Roma - Grottarossa (vocabolo Monte delle Grotte). Ruleri di una villa di età repubblicana, *Notizie degli Scavi*, 52-72.

Steinby, M. (1984) La produzione laterizia, *Pompei 79'*, Naples, G. Macchiaroli, 265-271

Tchernia, A. (1984) I vigneti italiani da Augusto a Domiziano: continuità e cambiamenti, *Opus*, III, 2, 477-486.

Tchernia, A. (1984) Il vino: produzione e commercio, *Pompei 79'*, Naples, G. Macchiaroli, 87-96.

Tchernia, A. (1986) *Le vin de l'Italie romaine. essai d'histoire économique d'après les amphores*. Roma, EFR.

Tocco, G. (1974) L'attività archeologica nella Basilicata settentrionale, *Metaponto, Atti del 13o. Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, Tarento, 461-473.

## Bibliografia

Tomei, M. (1985) Il suburbio di Roma: Tibur e il territorio tiburtino. *Misurare la terra: centuriazione e coloni nel mondo romano. Città, agricoltura, commercio: materiali da Roma e dal suburbio*, Modena, Panini, 107-109.

Tomei, M. et alii (1983) *Ville e insediamenti rustici di età romana in Umbria*. Perugia.

Torelli, M. (1971) Contributo dell'archeologia alla storia sociale: I - L'Etruria e l'Apulia, *Dialoghi di Archeologia*, 2, 3, 431-442.

Torelli, M. (1980) Innovazione nelle tecniche edilizie romane tra il I secolo a.C. e il I d.C., *Tecnologia, Economia e Società nel Mondo Romano*, Atti del Convegno di Como, 1979, Como, 139-162.

Torelli, M. (1981) Osservazioni conclusive sulla situazione in Lazio, Umbria e Etruria, *Società Romana e Produzione Schiavistica*, vol. I, Bari, Laterza, 421-426.

Torelli, M. (1985) *Etruria. Guida archeologica*. Bari, Laterza.

Torelli, M. (1985) Intervento al testo di D. Manacorda, Per una storia dell'archeologia italiana: il Convegno di Catania, *Archeologia Medievale*, 12, 605-610.

Toti, O. (1966) Civita Vecchia, località Mona Felice -edificio rustico, *Notizie degli Scavi*, 79-90.

Toynbee, A.J. (1983) *L'eredità di Anibale. II - Roma e il Mediterraneo dopo Anibale*. Turin, Einaudi.

Vallat, J.P. (1981) Statut juridique et statut reel des terres en Campanie du Nord (III-I av. J.C.), *Quaderni di Storia*, 14, 79-117.

Vallat, J.P. (1983) Architecture rurale en Campanie septentrionale du IV siècle av. J.C. au Ier ap. J.C., *Architecture et Société dell'archaïsme grec à la fin de la République romaine*. Paris/Roma, CNRS/EFR, 247-261.

Vallat, J.P. (1983) L'attitude de la classe dominante romaine des guerres romano-campaniennes aux luttes agraires en Campanie (IVe siècle- Ier siècle avant J.C.), *Dialogues d'Histoire Ancienne*, 9, 217-236.

Vallat, J.P. (1987) Le paysage agraire du piedmont du Mésique, *Structures Agraires en Italie centro-meridionale. cadastres et paysage ruraux*. Roma, EFR, 315-378.

## Ruinas de uma Paisagem: Arqueologia das Casas de Fazenda

Vallat, J.P. (1987) Les structures agraires de l'Italie republicaine, *Annales (E.S.C.)*, 42, 1. 181-218.

Vita-Finzi, C. (1969) *The Mediterranean Valleys. Changes in Historical Times*. Cambridge, University Press.

Vos, A. & M. (1982). *Pompei, Ercolano, Stabie. Guida Archeologica*. Bari, Laterza.

Vos, M. (1984) Pavimenti e Mosaici, *Pompei 79'*, Napoles, G. Macchiaroli, 161-176.

Vos, M. (1985) Tecniche e tipologie dei rivestimenti pavimentali e parietali, *Settefinestre - una villa schiavistica nell'Etruria romana*, vol. 1,1, Modena, Panini, 74-90.

Wallace-Hadrill, A. (1988) The social structure of the roman house, *Papers of the British School at Rome*, LVI, 43-97.

White, K. (1967) *Agricultural Implements of the Roman World*. Cambridge, University Press.

White, K. (1970) *Roman Farming*. Ithaca, Cornell University Press.

White, K. (1975) *Farm Equipment of the Roman World*. Cambridge, University Press.

Widrig, W. (1980) Two sites on the ancient via Gabinia, *Roman villas in Italy*, British Museum Occasional Paper n. 24, Londres, 119-140.

Widrig, W. (1983) Roma, loc. tor Bella Monica - excavations on the ancient via Gabinia. Second preliminary report, *Notizie degli Scavi*, 141-182.

Zanker, P. (1979) Die Villa als Vorbild des spaten pompejanischen Wohngeschmacks, *JDAI(R)*, 94, 460-522.

Zevi, F. (s.d.) Gli scavi di ercolano e le antichita, *Le Antichita di Ercolano (separata)*, Guida Editori, 9-38.